

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

30



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 30 • 2022 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ÍNDICE GERAL/CONTENTS

ISALTINO MORAIS

Apresentação

Presentation 7

FABIEN CONVERTINI & JOÃO LUÍS CARDOSO

Les poteries campaniformes de la fortification chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal):
étude pétrographique, analyse des provenances et degreissants

*The bell beaker potteries of the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal):
petrographic study, analysis of origins and tempers* 11

JOÃO LUÍS CARDOSO

Os enigmáticos “báculos” de xisto pré-históricos: a propósito de um exemplar da Lapa da Galinha (Alcanena)

The enigmatic prehistoric schist “croziers”: about a piece from Lapa da Galinha (Alcanena) 35

GUILHERME CARDOSO & LUÍSA BATALHA

O Casal do Clérigo (Cascais) entre o século V e o século X

The Casal do Clérigo (Cascais) between the 5th and 10th centuries 57

JOÃO LUÍS CARDOSO, LUÍSA BATALHA, GUILHERME CARDOSO & MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ

Da Alta Idade Média à Época Contemporânea: resultados dos trabalhos arqueológicos realizados
no Centro Histórico de Oeiras (rua das Alcássimas) entre 2000 e 2007

*From the Early Middle Ages to the Contemporary Period: results of archaeological works carried
out in the Historic Center of Oeiras (Rua das Alcássimas) between 2000 and 2007* 89

JOÃO LUÍS CARDOSO

A conferência de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença Homem de 30 de Julho de 1733 na Academia
Real da História Portuguesa, ou o primeiro ensaio pré-científico sobre a antiguidade dos dólmenes

*The lecture given by Martinho de Mendonça de Pina e de Proença Homem on July 30, 1733 at the Royal
Academy of Portuguese History, or the first pre-scientific essay on the antiquity of dolmens* 189

AMÍLCAR GUERRA

A chamada “conferência da Citânia”: revisitando um evento pioneiro da Arqueologia Portuguesa

The so called “conferência Da Citânia”: a precursor event of the Portuguese Archaeology revisited 217

ELISABETE J. S. PEREIRA & JOÃO LUÍS CARDOSO	
Teixeira de Aragão (1823-1903), pioneiro do coleccionismo arqueológico em Portugal	
<i>Teixeira de Aragão (1823-1903), pioneer of archaeological collecting in Portugal</i>	251
ALFREDO MEDEROS MARTÍN & JOÃO LUÍS CARDOSO	
Arqueologia em Espanha e Portugal através da correspondência de Julio Martínez Santa-Olalla (1905-1972)	
de e para arqueólogos portugueses	
<i>Archaeology in Spain and Portugal through the correspondence of Julio Martínez Santa-Olalla (1905-1972)</i>	
<i>to and from Portuguese archaeologists</i>	281
CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS	
Relatório das actividades desenvolvidas em 2021	409
João Mendes Rosa. <i>In Memoriam</i>	429

APRESENTAÇÃO

Este é o trigésimo volume da revista “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, o que constitui um feito ímpar no panorama editorial português de uma revista a um tempo científica e cultural, e de natureza arqueológica. Esta singularidade encontra-se ainda mais evidenciada, dado tratar-se de uma revista cuja publicação é, desde o primeiro número, apoiada exclusivamente por uma autarquia. Recordo a tarde do dia 7 de Junho de 1991, quando o primeiro número foi apresentado, nos jardins do Palácio dos Marquês de Pombal, nas comemorações do Dia do Município, na presença do Prof. Doutor Fraústio da Silva, na qualidade de Presidente do Instituto Nacional de Administração então ali instalado.

Não por acaso, este primeiro número correspondeu à edição em *fac-simile* da memória apresentada em 1878 por Carlos Ribeiro à então Academia Real das Ciências de Lisboa sobre o povoado pré-histórico de Leceia, em resultado das pesquisas então por ele ali realizadas, com notas e comentários do Prof. Doutor João Luís Cardoso, devotado a prosseguir os trabalhos arqueológicos naquela estação arqueológica, os quais, iniciados em 1983, só viriam a ser concluídos vinte anos depois, colocando definitivamente no mapa este sítio arqueológico de primeira grandeza da Península Ibérica.

Era, também, a afirmação do caminho a seguir, com a valorização do conhecimento produzido no passado para a obtenção de novo conhecimento, com base na tecnologia e nos métodos científicos do presente. Esta evidência foi paulatinamente seguida nos volumes que sucessivamente se publicaram, a uma cadência certa, e cujos números falam por si:

- 29 números publicados – 1991-2021;
- 2 números especiais (1994 e 2018) – 1 autor, total de páginas: 372;
- 2 monografias (1989 e 2003) - 1 autor, total de páginas: 216;
- Número de autores, contabilizados pelo nome uma única vez no conjunto da colecção: 328;
- Número de artigos publicados: 359;
- Total de páginas impressas: 12 471.

- Número de artigos, por temáticas abordadas:
 - Paleolítico: 20;
 - Mesolítico: 7;
 - Neolítico: 55;
 - Calcolítico: 80;
 - Idade do Bronze: 51;
 - Idade do Ferro: 19;
 - Período Romano: 23;
 - Arqueologia Medieval, Moderna e Contemporânea: 15;
 - Arqueologia Industrial: 5;
 - Arqueologia Urbana: 8;
 - Cartografia arqueológica: 1;
 - Sínteses regionais: 4;
 - História da arqueologia: 69;
 - Recensões bibliográficas: 5;
 - Políticas/proteção do património: 7;
 - Teorização da arqueologia: 5;
 - História geral: 7;
 - Prefácios, por autores externos: 2;
 - Notícias: 9;
 - Monumentos evocativos do património arqueológico: 1.

Extra colecção, publicaram-se ainda dois catálogos de exposições organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (1997 e 2011), com um único autor, e um total de 306 páginas.

Estes números, que agora se apresentam aos leitores, dão bem a ideia do trabalho extraordinário realizado, com o envolvimento de mais de três centenas e meia de colaboradores, tornando esta série verdadeiramente uma obra colectiva em gestão permanente.

O número que agora se apresenta aos leitores segue a linha editorial de há muito definida, mas sempre reafirmada em cada número saído do prelo:

“Os Estudos Arqueológicos de Oeiras constituem revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional ou internacional, a publicação de estudos de Arqueologia da Estremadura em geral, e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além dos contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras..”

Por forma a garantir a qualidade científica dos artigos submetidos a publicação, foi criado em 2009, no volume 17, comemorativo do vigésimo aniversário da criação do Centro de Estudos Arqueológicos, um Conselho Assessor, que tem sido renovado ao longo dos anos, integrando presentemente cinco professores catedráticos de Arqueologia das Universidades de Coimbra, Minho, Algarve, Évora, Complutense de Madrid e Autónoma de Madrid, para além de um investigador do Museu Nacional de Arqueologia, de suporte ao Editor Científico da revista.

Assim se explica a natureza e relevância dos artigos que desde sempre têm vindo a ser publicados, a par dos que integram o presente número da revista: sobre a arqueologia oeirense, é de destacar o estudo da composição mineralógica das pastas das cerâmicas campaniformes recolhidas em Leceia, que permitiu a discussão da questão da circulação de produções de diversa natureza integradas em redes comerciais no decurso do 3.º milénio a.C. Outro estudo de evidente importância para o conhecimento da génese da actual vila de Oeiras, é o que publica, de forma exaustiva e sistemática, os espólios recolhidos nas escavações efectuadas na rua das Alcássimas, entre 2000 e 2007, no âmbito da requalificação de um imóvel de origem setecentista integrado no programa Habitação Jovem, em curso na Câmara Municipal de Oeiras. Por via da Arqueologia foi pela primeira vez possível demonstrar a continuidade da ocupação deste espaço urbano desde a queda do Imperio Romano até à actualidade, encontrando-se sucessivamente documentadas, com base nos materiais arqueológicos recolhidos, presenças da Antiguidade Tardia (séculos V/VIII), Medievais Islâmicas (IX/XII), Medievais cristãs (do século XIII ao século XV), da Idade Moderna (séculos XVI/XVII) e da Idade Contemporânea, até à actualidade. Trata-se de um excelente exemplo em como as necessidades do presente podem e devem compaginar-se com o conhecimento do passado, neste caso com o recurso à Arqueologia, podendo constituir mesmo – como se verifica nesta situação – um veículo decisivo para produzir esse mesmo conhecimento, até agora ignorado, da história de Oeiras.

Outros estudos originais devem ser destacados, especialmente os relacionados com a História da Arqueologia, dando seguimento a uma das vertentes mais estudadas nas páginas dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, sendo um dos seus aspectos identitários. Refiro-me ao extenso trabalho dedicado ao arqueólogo espanhol Júlio Martínez Santa-Olalla, personalidade até agora insuficientemente conhecida apesar do relevo e importância científica, académica e política que deteve no seu tempo. Através do estudo da documentação arquivada em diversas instituições portuguesas e espanholas, designadamente a correspondência trocada com os mais importantes arqueólogos portugueses das décadas de 1930 a 1950, foi possível caracterizar as redes de relações então estabelecidas, os seus pormenores e características, contribuindo assim para o conhecimento das relações científicas entre os dois países ibéricos no campo da Arqueologia, numa época conturbada politicamente para ambos.

Igualmente importante é o estudo acerca da realização da primeira reunião científica internacional de arqueologia em Portugal, promovida pelo vimaranense Francisco Martins Sarmento em 1877, na Citânia de Briteiros, a célebre “Conferência da Citânia”, devendo ainda destacar-se outro contributo, respeitante à primeira conferência sobre Arqueologia apresentada em Portugal, dedicada às antas, da autoria de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, apresentada na tarde do dia 30 de Junho de 1733 na Academia Real da História Portuguesa.

Enfim, importa mencionar o estudo sobre os espólios arqueológicas reunidas por A. C. Teixeira de Aragão, na segunda metade do século XIX, fornecendo pistas para compreender a história de muitos objectos que hoje se conservam em colecções oficiais, num exercício que, para além de dar a conhecer historiografia das peças arqueológicas, é essencial para o trabalho dos investigadores e conservadores de museu, e também para o conhecimento das condicionantes que, em cada época, determinaram a prática da Arqueologia em Portugal.

Deste modo, está-se perante um volume recheado de estudos do maior interesse e valia científica, fazendo jus ao prestígio internacional granjeado pela revista, cuja disponibilização integral, desde o primeiro volume, na plataforma Open Journal Systems – OJS, realizado em 2020, antecedeu a sua creditação no RCAAP (Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal), gerido pela Universidade do Minho. Assim se garantiu um dos requisitos essenciais a uma publicação desta natureza, a possibilidade de a mesma ser

acedida livremente, e de forma universal e instantânea, em qualquer lugar do mundo, sem prejuízo da manutenção da sua impressão em papel se continuar a justificar para suportar e manter as permutas estabelecidas com outras revistas científicas ou a própria aquisição, por parte de um público especializado ou especialmente interessado.

Pelo que ficou dito, conclui-se que os Estudos Arqueológicos de Oeiras são bem uma revista do nosso tempo, conjugando todos os requisitos para exponenciar a difusão do conhecimento, objectivo último para o qual foi criada e mantida, permanentemente reafirmado ao longo dos 30 anos da sua existência. Que se possa continuar na senda traçada, são os votos que aqui deixo, pessoais e também na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, felicitando e agradecendo ao Prof. Doutor João Luís Cardoso todos os seus esforços e dedicação que a têm tornado possível, ano após ano, desde o seu primeiro número, agradecendo também aos autores dos contributos do presente volume que, por esta via, uma vez mais, reafirmaram a sua valia e importância.

Encerra o volume evocação de João Mendes Rosa, poeta, arqueólogo, museólogo, escritor, ensaísta, historiador, a quem Oeiras ficou a dever relevantes serviços no domínio da Cultura.

Oeiras, 30 de Março de 2021

O PRESIDENTE

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Isaltino Afonso Morais', with a long horizontal stroke extending to the left.

(Isaltino Afonso Morais)

LES POTERIES CAMPANIFORMES DE LA FORTIFICATION CHALCOLITHIQUE DE LECEIA (OEIRAS, PORTUGAL): ÉTUDE PÉTROGRAPHIQUE, ANALYSE DES PROVENANCES ET DEGRAISSANTS

THE BELL BEAKER POTTERIES OF THE CHALCOLITHIC FORTIFICATION OF LECEIA (OEIRAS, PORTUGAL): PETROGRAPHIC STUDY, ANALYSIS OF ORIGINS AND TEMPERS

Fabien Convertini¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

Leceia is a large fortified chalcolithic site located west of Lisbon, in the municipality of Oeiras. It was excavated from 1983 to 2002 by J. L. Cardoso. The excavation revealed the existence of a Bell Beaker occupation with two huts located outside the fortification and with an occupation inside the walled area.

Twenty-five Bell Beaker vases were subjected to thin section analysis. Of these, half come from the oldest domestic FM unit, two from the newer EN hut and the others come from inside the fortification.

The results of the analyses indicate the exploitation of a large number of clays that can be grouped into two main families: clays of plutonic origin and clays of sedimentary origin. The distances from the places of exploitation range from a few kilometers to several tens of kilometers, which indicates the circulation of people over a vast geographical area. The series does not show any difference from a chronological point of view, nor from the typology of the ceramics. Finally, one third of the pastes contain grog, a classic temper for Bell Beaker ceramics in Western Europe.

Keywords: Bell beaker ceramic, Portugal, thin section, origins of clays, grog.

1 – INTRODUCTION

Leceia est un site chalcolithique fortifié de grande envergure, localisé à l'ouest de Lisbonne, sur la commune de Oeiras. Il a été fouillé de 1983 à 2002 (CARDOSO, 2000, 2003, 2008, 2010). La fouille a révélé l'existence d'une occupation campaniforme conséquente, matérialisée notamment par deux unités domestiques implantées à l'extérieur de la fortification et par une occupation à l'intérieur de l'aire emmurée (CARDOSO, 1997/1998) (Fig. 1).

¹ Inrap Midi-Méditerranée et UMR 5140 – ASM, 561 rue Etienne Lenoir, 30900 Nimes, France. fabien.convertini@inrap.fr

² Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

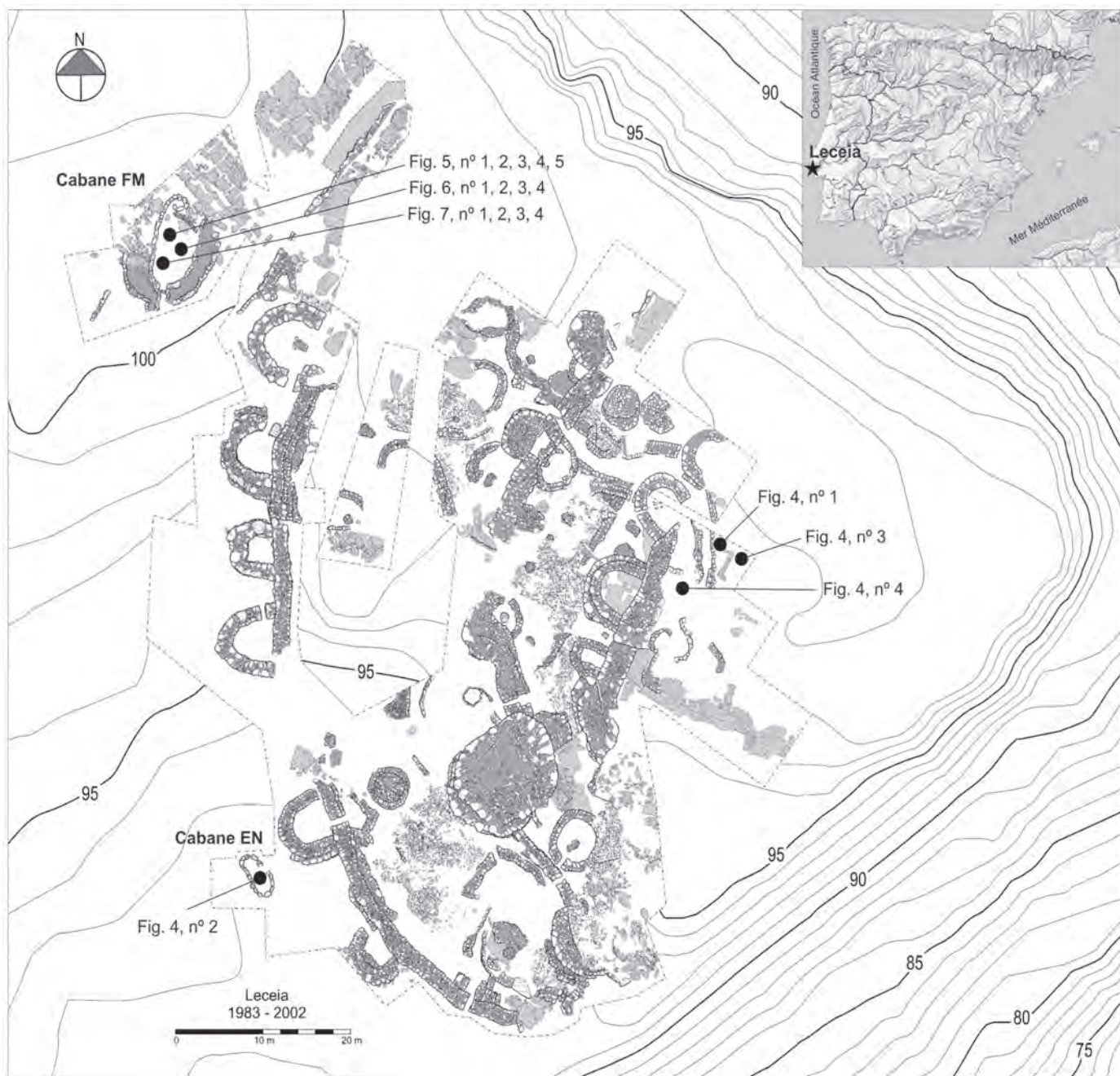


Fig. 1 – Plan du site chalcolithique fortifiée de Leceia et son emplacement dans la péninsule ibérique et lieu de provenance des fragments de céramique campaniforme étudiés dans le présent travail. Fouilles par J. L. Cardoso.

Les résultats des analyses au radiocarbone ont montré que la plus ancienne présence campaniforme – et une des plus anciennes connues jusqu'à présent pour des contextes campaniformes – correspond à une de ces unités domestiques, la Cabane FM (Fig. 2), dont l'occupation a été située vers 2700/2750 cal BC (CARDOSO, 2014, 2014/2015, 2017; OLALDE *et al.*, 2018), tandis qu'à l'intérieur du dispositif défensif, la présence campaniforme ne va pas au-delà de 2600 cal BC. Cela suggère qu'il y a eu une période plus ou moins longue pendant laquelle les populations campaniformes situées à l'extérieur, et les autochtones, vivant dans l'espace protégé par les trois lignes de murailles, ont cohabité (CARDOSO, 2014).

D'autre part, la typologie des céramiques campaniformes recueillies dans les deux cabanes considérées présente des différences très nettes, qui ont une incidence chronologique, déjà présentée ailleurs (CARDOSO, 2014, 2016). En fait, les datations obtenues pour la Cabane FM, sont beaucoup plus anciennes et statistiquement différentes que celles obtenues pour la Cabane EN (Fig. 3) située déjà dans le troisième quart du III^e millénaire a. C. (CARDOSO, 2017).

2 – MATÉRIAUX ET MÉTHODES

L'analyse des vases s'est déroulée en deux temps. En 2002, nous avons prélevé 10 échantillons sur des vases découverts à l'intérieur de la fortification et dans une des unités campaniformes située à l'extérieur (Cabane EN). Au sein de cet échantillon, trois groupes de pâtes ont été distingués, comparables aux argiles des vases de Vila Nova de São Pedro. Comme sur ce site, la composition granitique des pâtes est davantage compatible avec la région située plus au nord du site, dans le massif de Sintra (CARDOSO, QUERRE & SALANOVA, 2005). Encouragés par ces résultats, nous avons prélevé en 2021 13 nouveaux échantillons de vases issus en intégralité de la deuxième unité domestique campaniforme, la plus ancienne de l'ensemble (Cabane FM).



Fig. 2 – Leceia. Vue de la Cabane FM, partiellement fouillée en 1995, de plan ellipsoïdal, défini par l'alignement de blocs calcaires. Photo J. L. Cardoso.



Fig. 3 – Leceia. Vue de la Cabane EN, fouillée en 1994, avec un plan ellipsoïdal comme la Cabane FM, mais de plus petites dimensions. Photo J. L. Cardoso.

Au total, le site a livré près de 300 fragments de vases campaniformes. Parmi ceux-ci, le style Maritime le plus classique est représenté par 52 tessons, soit un cinquième du total (CARDOSO, 1997/1998; CARDOSO, 2017). Ces tessons sont concentrés dans trois zones: dans les déblais de la ligne externe de la fortification, à l'intérieur de la fortification et dans la Cabane FM dont les trois quarts des vases décorés correspondent aux vases standardisés ou pointillés-géométriques. La Cabane EN, au contraire, a livré 26 fragments de céramiques campaniformes qui renvoient toutes au style régional: grands gobelets ou coupes à bords épaissis, ornés de triangles tramés et de motifs en échelle imprimés ou incisés.

– Caractéristiques des vases

Tableau 1 – Localisation et caractéristiques des vases analysés de Leceia.

Éch.	Localisation sur site	Typologie	Type de décor	Figure
1	intérieur fortification	vase maritime	décor international	Fig. 4, n° 4
2	QIV A Nord XVIII	gobelet caréné	bande horizontale au pointillé	Fig. 4, n° 1
3	QIV 1, 2 67	?	décor au peigne	
4	TT02	?	décor international	
5	intérieur fortification	?	décor pointillé géométrique	
6	Moulin XVIII	gobelet	décor pointillé géométrique	Fig. 4, n° 3
7	intérieur fortification	coupe	décor international	

Éch.	Localisation sur site	Typologie	Type de décor	Figure
8	cabane EN	gobelet	décor incisé	Fig. 4, n° 2
9	cabane EN	coupe	décor incisé	
10	dernière ligne défensive Nord cabane	vase maritime	décor international	
13	cabane FM	vase maritime	décor international	Fig. 7, n° 2
14	cabane FM	gobelet	décor pointillé géométrique	Fig. 7, n° 3
15	cabane FM	vase maritime	décor international	Fig. 7, n° 1
16	cabane FM	tasse ?	décor pointillé géométrique	Fig. 5, n° 5
17	cabane FM	vase maritime	lignes parallèles pointillées	Fig. 6, n° 3
18	cabane FM	vase maritime	décor international	Fig. 5, n° 2
19	cabane FM	coupe	décor pointillé géométrique	Fig. 6, n° 2
20	cabane FM	gobelet	décor pointillé géométrique	Fig. 6, n° 4
21	cabane FM	coupe	décor pointillé géométrique	Fig. 6, n° 1
22	cabane FM	tasse Palmela	décor pointillé géométrique	Fig. 5, n° 4
23	cabane FM	vase maritime	décor pointillé géométrique	Fig. 5, n° 1
24	cabane FM	gobelet à épaulement	décor pointillé géométrique	Fig. 5, n° 3
25	cabane FM	gobelet	décor pointillé géométrique	Fig. 7, n° 4

Parmi ces 23 échantillons, 7 correspondent à des vases maritimes (2 sont des variantes, une avec décor partiellement géométrique et une autre linéaire); 7 correspondent à des gobelets, 3 à des coupes, 3 à des tasses; 3 tessons sont de trop petite taille pour que la forme initiale du récipient puisse être déterminée. Les surfaces des vases sont marron ou orangées.

Au sein de l'échantillon, on retrouve donc les trois groupes de vases caractéristiques du Campaniforme portugais: des vases de style Maritime ornés de bandes hachurées finement pointillées, recueillis surtout à l'intérieur de la fortification; des gobelets carénés, à épaulement ou avec contour en «S» de dimensions très variables; et aussi des coupes et des tasses (quelquefois avec la lèvre aplatie et très développée, dites «tasses Palmela») à décor géométrique imprimés à l'aide d'un peigne. Les mêmes types de récipients portent le même décor mais en version incisée.

Dix échantillons ont été étudiés par G. Querré et les résultats présentés au colloque EMAC de Lisbonne en 2003 publiés en 2005 (CARDOSO, QUERRÉ & SALANOVA, 2005). Une seconde série de 13 vases a été échantillonnée en 2021 pour la réalisation de ce travail, afin de compléter le corpus de vases campaniformes analysés de Leceia.

Les dix premiers vases déjà publiés ont été associés à la série inédite et c'est donc un ensemble de 23 céramiques qui fait l'objet de cette étude. Leur localisation sur le site, la typologie quand elle est connue et le type de décor sont indiqués dans le tableau 1. La seconde série (éch n.°s 13 à 25) provient en intégralité de la Cabane FM tandis que les échantillons n.°s 8 et 9 sont issus de la Cabane EN. Les échantillons n.°s 1, 5 et 7 ont été recueillis à l'intérieur de la fortification.

3 – ANALYSE PÉTROGRAPHIQUE

Les observations ont été faites en lame mince, au microscope polarisant.

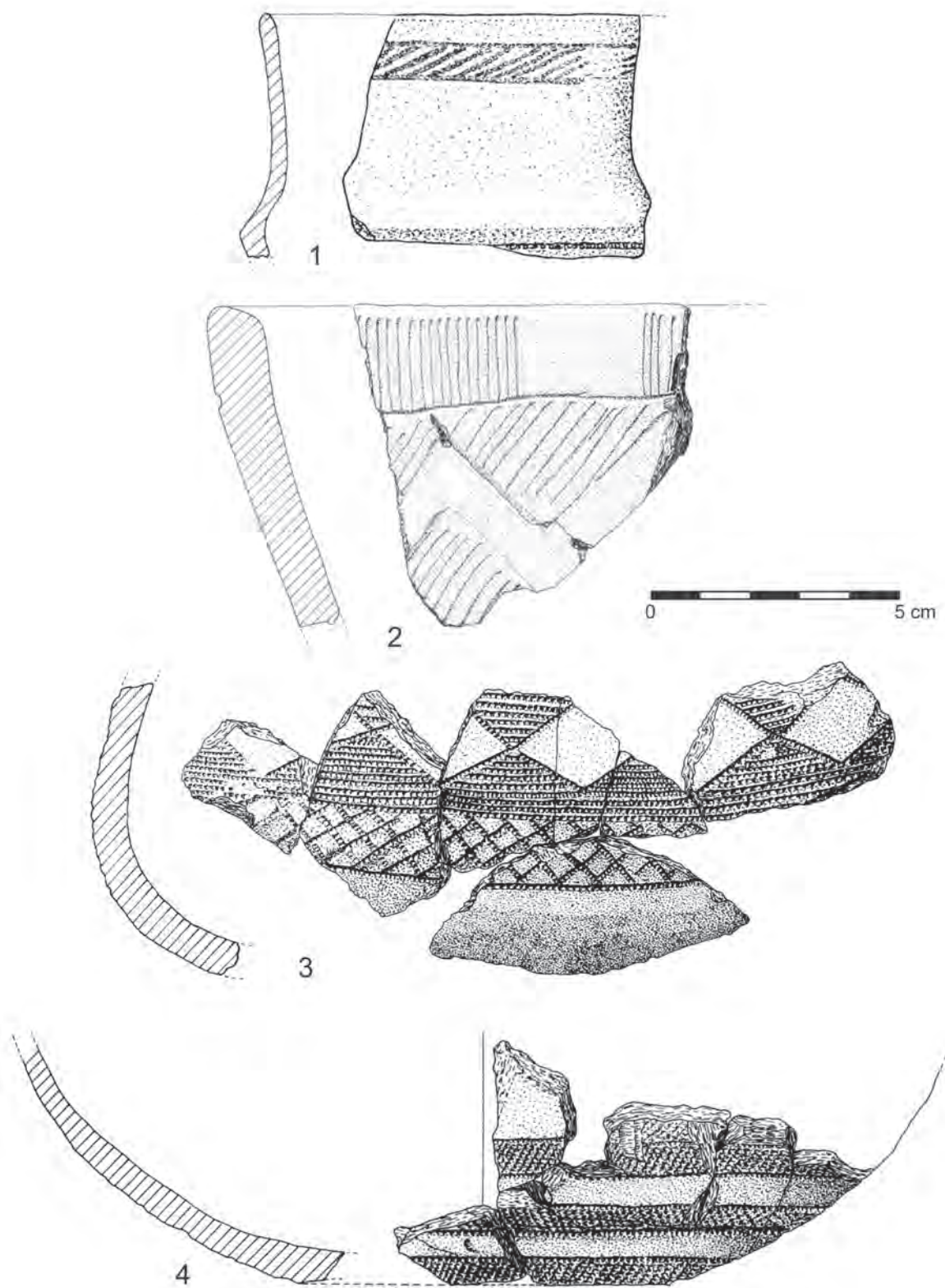


Fig. 4 - Leceia. Fragments en forme de cloche collectés à l'intérieur de l'enceinte défensive et dans la Cabane EN (voir Fig. 1).
 1 - échantillon n.° 2; 2 - échantillon n.° 8; 3 - échantillon n.° 6; 4 - échantillon n.° 1. Dessins de B. L. Ferreira.

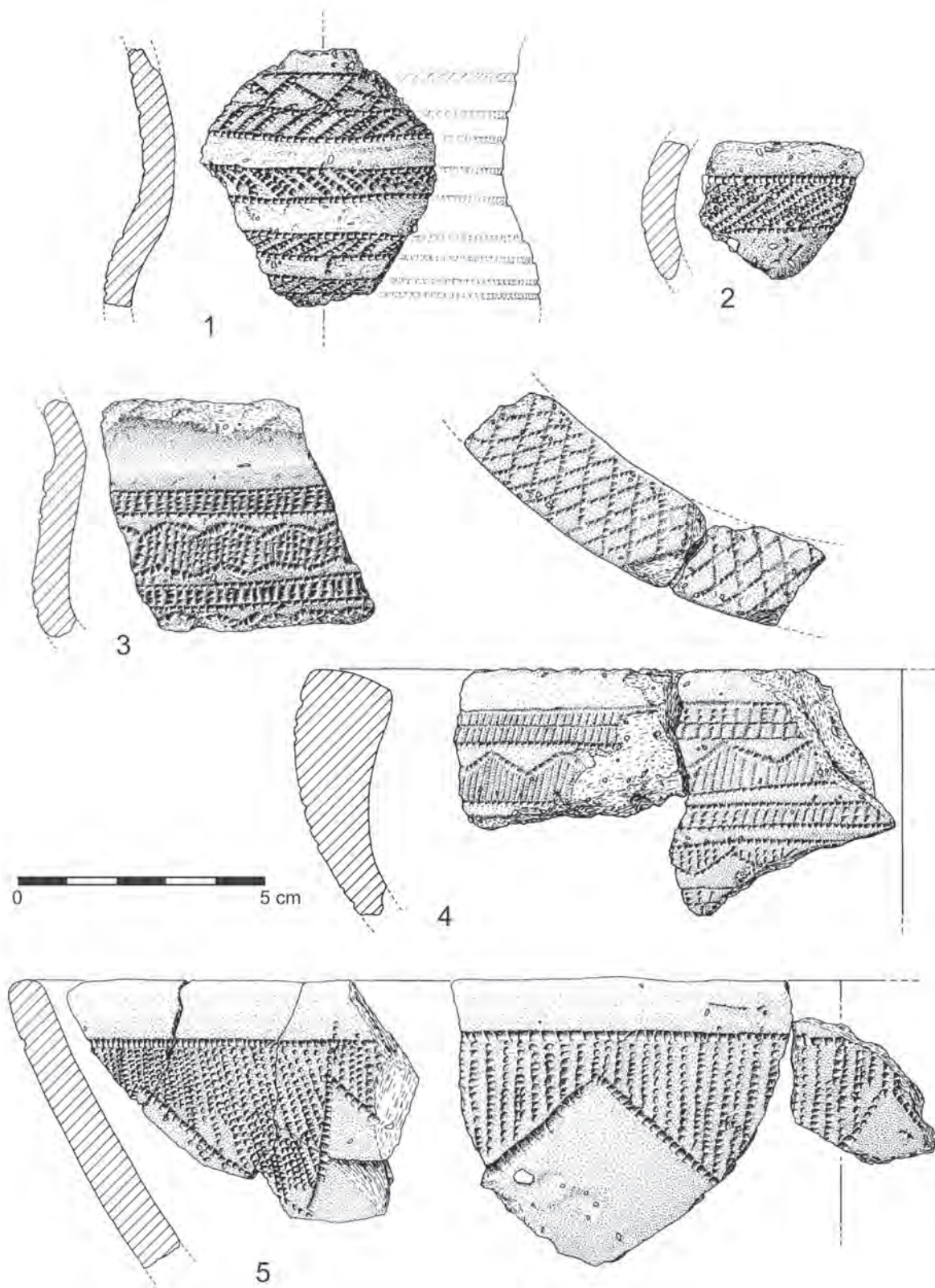


Fig. 5 – Leceia. Fragments campaniformes collectés à l'intérieur de la Cabane FM (voir Fig. 1). 1 - échantillon n.° 23; 2 - échantillon n.° 18; 3 - échantillon n.° 24; 4 - échantillon n.° 22; 5 - échantillon n.° 16. Dessins de B. L. Ferreira.

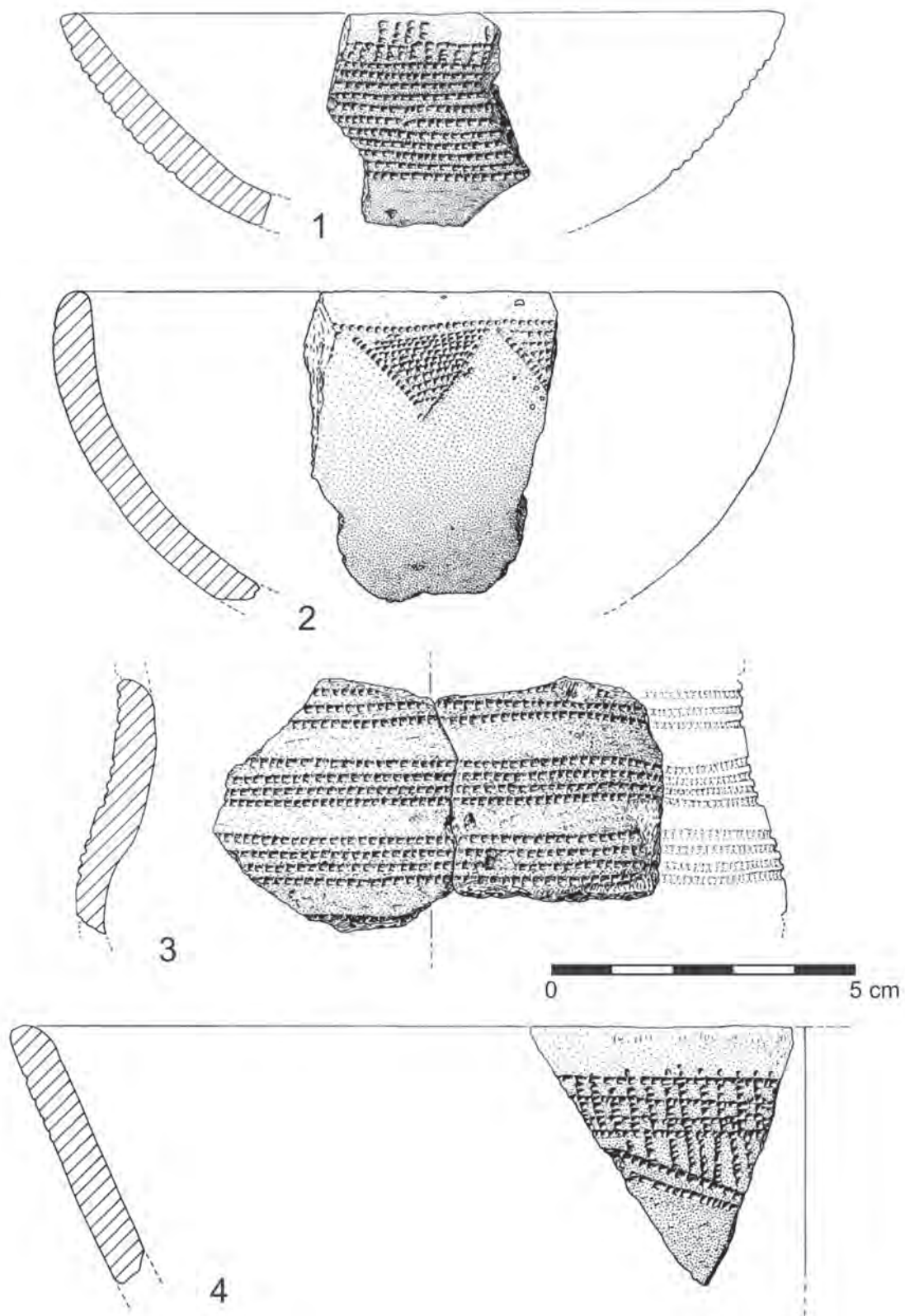


Fig. 6 - Leceia. Fragments campaniformes collectés à l'intérieur de la Cabane FM (voir Fig. 1). 1 - échantillon n.° 21; 2 - échantillon n.° 19; 3 - échantillon n.° 17; 4 - échantillon n.° 20. Dessins de B. L. Ferreira.

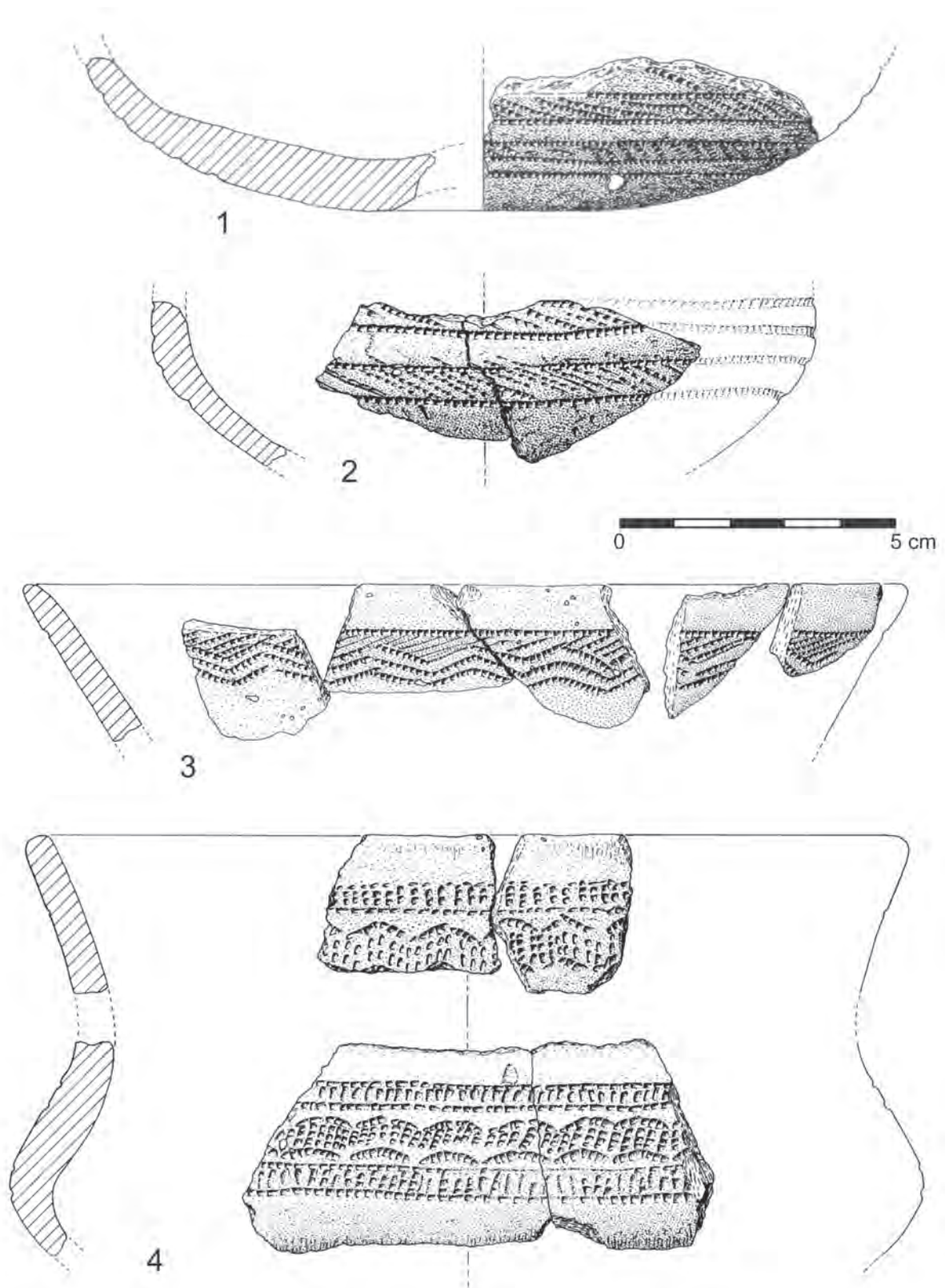


Fig. 7 - Leceia. Fragments en forme de cloche étudiés collectés à l'intérieur de la Cabane FM. 1 - échantillon n.° 15; 2 - échantillon n.° 13; 3 - échantillon n.° 14; 4 - échantillon n.° 25. Dessins de B. L. Ferreira.



Fig. 8 – Leceia. Fragments campaniformes collectés à l’intérieur de la Cabane FM. 1 - échantillon n.° 25 (voir Fig. 7, n.° 4); 2 - échantillon n.° 21 (voir Fig. 6, n.° 1); 3 - échantillon n.° 22 (voir Fig. 5, n.° 4); 4 - échantillon n.° 16 (voir Fig. 5, n.° 5); 5 - échantillon n.° 24 (voir Fig. 5, n.° 3); 6 - échantillon n.° 23 (voir Fig. 5, n.° 1); 7 - échantillon n.° 17 (voir Fig. 6, n.° 3); 8 - échantillon n.° 13 (voir Fig. 7, n.° 2); 9 - échantillon n.° 19 (voir Fig. 6, n.° 2). Clichés J. L. Cardoso.

4 – RÉSULTATS OBTENUS

Tableau 2 – Familles, groupes pétrographiques et dégraisants représentés à Leceia.

Éch	Typologie	Type de décor	Famille	Groupe pétrographique	Chamotte
1	vase maritime	décor international	1	FQPH	
2	gobelet caréné	bande horizontale au pointillé	2	QMMS	
3	?	décor au peigne	1	QFPM	tr
4	?	décor international	1	FQPH	
5	?	décor pointillé géométrique	1	QFM	
6	gobelet	décor pointillé géométrique	1	QFM	
7	coupe	décor international	1	QF	+
8	gobelet	décor incisé	2	QS	+
9	coupe	décor incisé	2	QC	+
10	vase maritime	décor international	1	QFM	
13	vase maritime	décor international	1	QP	
14	gobelet	décor pointillé géométrique	1	QFP	+
15	vase maritime	décor international	2	QCMS	
16	tasse ?	décor pointillé géométrique	1	PQF	
17	vase maritime	lignes parallèles pointillées	2	QFMS	
18	vase maritime	décor international	2	QFBCS	
19	coupe	décor pointillé géométrique	2	QFPCS	+
20	gobelet	décor pointillé géométrique	1	QFPM	
21	tasse	décor pointillé géométrique	1	QFP	
22	tasse Palmela	décor pointillé géométrique	1	PQF	
23	vase maritime	décor pointillé géométrique	1	QFP	tr
24	gobelet à épaulement	décor pointillé géométrique	2	FQCS	
25	gobelet	décor pointillé géométrique	2	FPQC	

Les observations micro-pétrographiques effectuées ont conduit à l'identification de deux familles de matériaux meubles qui ont été utilisées (Tableau 2).

Dans tous les cas, les matrices des terres sont phylliteuses, d'aspect cotonneux.

Famille 1: terres avec éléments plutoniques

Sept groupes de terres ont été distingués au sein de cette famille.

Groupe FQPH: terres avec feldspath potassique, quartz, plagioclase et hornblende verte (éch n.^{os} 1, 4)

Les inclusions sont soit abondantes (éch n.^o 4), soit moyennement abondantes (éch n.^o 1). Le feldspath potassique (orthose) domine le cortège des inclusions de la pâte de l'échantillon n.^o 1. Il est altéré. Le quartz

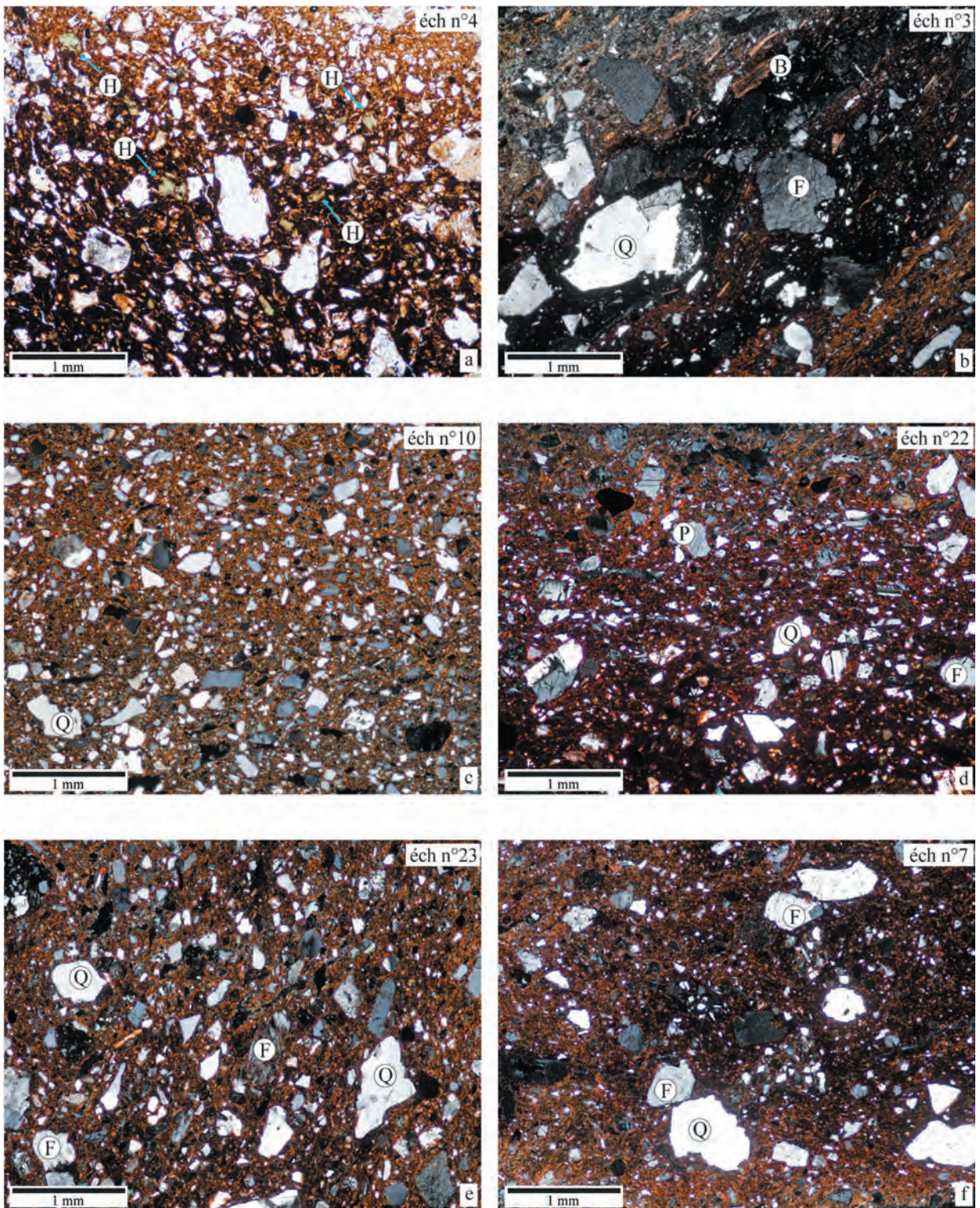


Fig. 9 – Leceia. exemples de terres exploitées de la famille 1 et d'inclusions présentes dans les pâtes des céramiques analysées: a: terre du groupe FQPH, b: terre du groupe QFPM, c: terre du groupe QFM, d: terre du groupe PQF, e: terre du groupe QFP, f: terre du groupe QF (clichés E. Convertini). Tous les clichés ont été pris en Lumière Polarisée sauf le cliché a pris en Lumière Naturelle. H: hornblende verte, Q: quartz, F: feldspath potassique, P: plagioclase.

est moins abondant, anguleux à émoussé. Le feldspath potassique (orthose) est codominant, avec le quartz, dans la pâte de l'échantillon n.° 4. Il est également altéré. Le quartz est anguleux à usé. Le plagioclase est rare et seule la pâte de l'échantillon n.° 4 renferme quelques micas noirs, du microcline et de l'épidote. La présence de l'hornblende verte est variable, abondante pour l'échantillon n.° 4 (Fig. 9 a) et peu abondante pour l'échantillon n.° 1. Les fragments de roches sont rares. Ils sont constitués de quartz, de feldspaths potassiques et de plagioclases auxquels s'ajoutent du mica noir dans la pâte de l'échantillon n.° 4.

Groupe QFPM: terres avec quartz dominant, feldspath potassique, plagioclase et mica noir (éch n.°s 3, 20)

Les inclusions sont abondantes et hétérométriques pour l'échantillon n.° 20 et moyennement abondantes pour l'échantillon n.° 3. Dans ce dernier cas, le quartz, anguleux à usé, domine tandis que pour l'échantillon n.° 20, c'est le feldspath potassique qui domine et le quartz est moyennement abondant et anguleux à usé. Le plagioclase est moyennement abondant pour l'échantillon n.° 20 et très rare pour le n.° 3. Dans les deux cas, le mica noir est bien représenté (Fig. 9 b). La pâte de l'échantillon n.° 20 renferme quelques grains d'épidote. Les fragments de roches sont abondants pour l'échantillon n.° 20 et très rares pour le n.° 3. Les associations minéralogiques concernent le quartz et le feldspath potassique avec plagioclase et mica noir, parfois de l'épidote.

Groupe QFM: terre avec quartz dominant, feldspath potassique et mica blanc (éch n.°s 5, 6, 10)

Les inclusions sont abondantes et présentent un classement pour les échantillons n.°s 5, 10 (Fig. 9 c). Elles sont dominées par le quartz anguleux à usé pour les échantillons n.°s 5, 10 et plus usé pour le n.° 6. Le feldspath potassique est moyennement abondant pour les n.°s 5 et 10, peu abondant pour le n.° 6. Le plagioclase est très rare dans les trois cas. Un microcline est visible dans les pâtes des échantillons n.°s 5 et 10. Le mica blanc est toujours peu abondant. La tourmaline jaune est présente dans les pâtes des échantillons n.°s 5 et 10. La pâte de l'échantillon n.° 5 contient une amphibole incolore tandis que celle du n.° 6 livre une épidote et une tourmaline bleue. Les fragments de roches d'origine plutonique sont très rares avec des associations entre le quartz et le feldspath potassique et entre le quartz et le mica blanc.

Les pâtes des échantillons n.°s 5 et 10 sont proches.

Groupe PQF: terres avec plagioclase dominant, quartz et feldspath potassique (éch n.°s 16, 22)

Les inclusions sont moyennement abondantes, dominées par le plagioclase parfois peu usé mais le plus souvent émoussé (Fig. 9 d). Le quartz est moyennement abondant. Il est anguleux à souvent usé. Le feldspath potassique est peu abondant. Les micas noirs sont très rares. Quelques hornblendes vertes sont visibles. Un disthène semble être présent dans la pâte de l'échantillon n.° 16. Seule la pâte de l'échantillon n.° 22 renferme de très rares fragments de roches d'origine plutonique. Il s'agit d'associations entre le feldspath potassique et le plagioclase ou le quartz. Un fragment présentant une structure granophyrique est présent dans la pâte de l'échantillon n.° 22.

Groupe QP: terre avec quartz et plagioclase dominants (éch n.° 13)

Les inclusions sont moyennement abondantes et hétérométriques. Le quartz codomine. Il est anguleux à émoussé. Le plagioclase codomine. Il n'est pas altéré et est très majoritairement anguleux. Le feldspath potassique est peu abondant. Les fragments de roches d'origine plutonique sont peu abondants. Il s'agit d'associations entre le quartz et le feldspath potassique et entre le feldspath potassique et le quartz. Il faut noter la présence d'un lithoclaste de grande dimension, frais, qui contient du plagioclase, de la biotite et d'un pyroxène

incolor. Plusieurs produits d'altération de minéraux qui ne sont plus reconnaissables sont également présents. La présence de fragments de roches de grande dimension peut indiquer un ajout de quelques inclusions.

Groupe QFP: terres avec quartz dominant, feldspath potassique et fragments de roches d'origine plutonique (éch n.^{os} 14, 21, 23)

Les inclusions sont abondantes pour l'échantillon n.^o 23 et moyennement abondantes pour les échantillons n.^{os} 14 et 21. Le quartz domine l'ensemble des inclusions. Il est anguleux à usé (Fig. 9 e). Le feldspath potassique est moyennement abondant et le plagioclase est rare. Les micas, blancs et noirs, sont seulement présents dans la pâte de l'échantillon n.^o 21. La tourmaline jaune est visible dans les pâtes des échantillons n.^{os} 21 et 23. Les fragments de roches d'origine plutonique sont rares et sont constitués d'associations entre le quartz et le feldspath potassique, avec parfois du plagioclase.

Groupe QF: terre avec quartz dominant et feldspath potassique (éch n.^o 7)

Les inclusions sont peu abondantes. Le quartz est dominant, émoussé à usé (Fig. 9 f). Le feldspath potassique est peu abondant. Un mica blanc est visible.

Famille 2: terres avec éléments plutoniques et éléments d'origine sédimentaire

Cette seconde famille est très diversifiée et rassemble neuf groupes différents de terre.

Groupe QFBCS: terre avec quartz dominant, feldspath potassique, mica noir, carbonates et éléments sédimentaires résistants (éch n.^o 18)

Les inclusions sont abondantes et hétérométriques, dominées par le quartz, anguleux à usé. Le feldspath potassique est moyennement abondant tandis que le plagioclase, à macle fine, est peu abondant. Le mica blanc est peu abondant. Le mica noir est moyennement abondant. Une amphibole incolore et de très rares zircons sont présents. L'épidote et la zoïsite sont rares. Les fragments de roches d'origine plutonique sont peu abondants: agrégats de quartz et feldspath potassique avec parfois du plagioclase, de l'épidote et de la zoïsite d'altération sur les feldspaths. Une association entre des plagioclases et des quartz est également visible. Un fragment de calcaire sparitique et des fragments de silex usés parfois calcédonieux (Fig. 10 a) complètent le cortège.

Groupe FQCS: terre avec feldspath potassique codominant, quartz codominant, carbonates et éléments sédimentaires résistants (éch n.^o 24)

Les inclusions sont moyennement abondantes et hétérométriques, codominées par le feldspath potassique (Fig. 10 b), parfois altéré en zoïsites, et par le quartz qui est anguleux à usé. Le plagioclase et le mica blanc sont très rares tout comme l'épidote et la zoïsite. Une amphibole verte est présente. Les fragments de roches d'origine plutonique sont très rares et constituées de quartz et de feldspath potassique dont un grain avec structure granophyrique. Une calcite est présente ainsi qu'un fragment de silex et une calcédoine fibreuse.

Groupe QFPCS: terre avec quartz dominant, feldspath potassique, plagioclase, carbonates et éléments sédimentaires résistants (éch n.^o 19)

Les inclusions sont moyennement abondantes. Le quartz domine. Il est émoussé à usé. Le feldspath potassique est moyennement abondant (Fig. 10 c). Certains grains sont altérés en zoïsites. Le plagioclase est moyennement abondant. Le mica noir est très rare. Les fragments de roches d'origine plutonique sont rares.

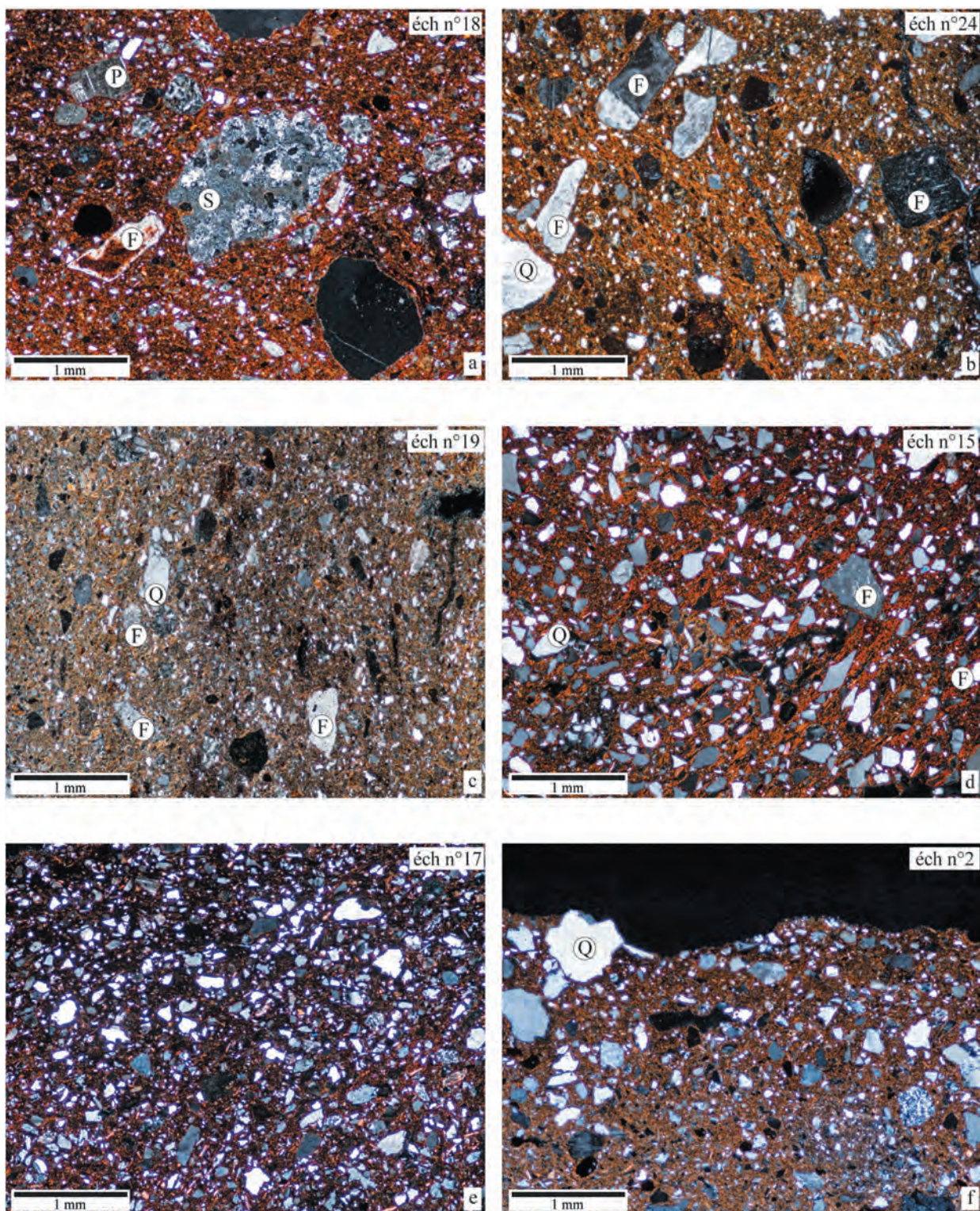


Fig. 10 – Exemples de terres exploitées de la famille 2 et d'inclusions présentes dans les pâtes des céramiques analysées:
a: terre du groupe QFBCS, b: terre du groupe FQCS, c: terre du groupe QFPCS, d: terre du groupe QCMS, e: terre du groupe QFMS,
f: terre du groupe QMMS (clichés F. Convertini). Tous les clichés ont été pris en Lumière Polarisée.
S; silex, P: plagioclase, F: feldspath potassique, Q: quartz.

Il s'agit d'associations entre le quartz et le feldspath potassique avec parfois du mica noir. Un fragment de silex et un de calcaire micritique sont présents.

Groupe FPQC: terre avec feldspath potassique dominant, plagioclase, quartz et carbonates (éch n.° 25)

Les inclusions sont abondantes, dominées par le feldspath potassique qui est usé et altéré. Le plagioclase est moyennement abondant et altéré hormis un cristal frais qui est à macle fine.

Le quartz est moyennement abondant. Il est anguleux à usé. Les micas sont très rares tout comme l'épidote. Les fragments de roches d'origine plutonique sont peu abondants. Ils correspondent à des associations entre feldspaths potassiques et plagioclases ou quartz. Un probable fragment de syénite constitué uniquement de feldspaths potassiques est présent. Un fragment de roche constituée de quartz recristallisé pourrait être étranger à l'altérite. Enfin, un fragment de calcaire micritique est visible.

Groupe QC: terre avec quartz dominant et carbonates (éch n.° 9)

Les inclusions sont moyennement abondantes. Le quartz est dominant, émoussé à usé. Le feldspath potassique est peu abondant. Le plagioclase est très rare. Les fragments de roches d'origine plutonique sont très rares et correspondent à des associations entre du quartz et du feldspath. Les carbonates sont très rares et correspondent à des fragments de calcaires micritiques.

Groupe QCMS: terre avec quartz dominant, carbonates, éléments métamorphiques et éléments sédimentaires résistants (éch n.° 15)

Les inclusions sont abondantes et calibrées entre 100 et 500 µm. Le quartz est dominant, anguleux à usé (Fig. 10 d). Le feldspath potassique est peu abondant. Le plagioclase et le mica blanc sont rares tandis qu'un microcline est présent. Les fragments de roches d'origine plutonique sont très rares et correspondent à des associations entre du quartz et du plagioclase. À noter la présence d'un lithoclaste constitué uniquement de feldspaths potassiques correspondant probablement à un fragment de syénite. Les carbonates sont très rares et correspondent à des fragments de calcaires micritiques, à des calcites et un fragment de bioclaste. Un grain de silex est présent ainsi qu'un fragment de quartzite.

Groupe QS: terre avec quartz dominant et éléments sédimentaires résistants (éch n.° 8)

Les inclusions sont moyennement abondantes. Le quartz est dominant, émoussé à usé. Le feldspath potassique est rare. Un seul exemplaire de mica noir et blanc est présent. Les fragments de roches d'origine plutonique sont très rares et correspondent à des associations entre du quartz et du feldspath potassique, ce dernier minéral pouvant être altéré en chlorite. Les fragments de silex sont très rares.

Groupe QFMS: terre avec quartz dominant, feldspath potassique, mica blanc et éléments sédimentaires résistants (éch n.° 17)

Les inclusions sont abondantes, dominées par le quartz anguleux à usé (Fig. 10 e). Le feldspath potassique est moyennement abondant. Quelques grains sont altérés en zoïsites. Le plagioclase est très rare. Le mica blanc est moyennement abondant. Le mica noir décoloré est rare. Les fragments de roches d'origine plutonique sont très rares. Il s'agit d'associations entre le quartz et le mica blanc ou noir et entre le feldspath potassique et le mica blanc. Un fragment de silex et un de calcédoine sont présents.

Groupe QMMS: terre avec quartz dominant, mica blanc, éléments métamorphiques et éléments sédimentaires résistants (éch n.° 2)

Les inclusions sont abondantes, dominées par le quartz émoussé à usé (Fig. 10 f). Le feldspath potassique est rare. Le mica blanc est peu abondant. Un mica noir chloritisé et une amphibole incolore sont présents. Les fragments de roches quartzo-feldspathiques d'origine plutonique sont très rares. Une staurotide ainsi que de très rares fragments de quartzite sont également présents. Enfin, un fragment de silex est visible.

5 – DISCUSSION

5.1 – Contexte géologique

Le site se trouve dans une zone de roches sédimentaires située à côté d'affleurements de roches volcaniques basaltiques. Plus précisément, il s'agit essentiellement de calcaires et de marnes datés du Cénomanién inférieur et moyen surmontés par des calcaires récifaux du Cénomanién supérieur (RAMALHO *et al.*, 2001). Le Cénomanién inférieur et moyen est constitué par des calcaires parfois gréseux, des argiles, et des marnes interstratifiés. Au-dessus, le Cénomanién supérieur comporte des calcaires récifaux durs avec rudistes. Les roches volcaniques voisines qui correspondent au complexe volcanique de Lisbonne-Mafra sont datées du Sénonien. Ces roches sont majoritairement des basaltes mais il existe également des roches plus différenciées (trachybasaltes, trachytes et rhyolites). Il existe aussi des roches grenues comme les gabbros. À proximité du site, les roches sont pyroclastiques résultant d'une activité essentiellement explosive, constituées principalement de cendres et de lapili, mais aussi avec des couches de roches basaltiques très importantes, en relation avec des appareils volcaniques dont les racines sont encore conservés 3 km au sud, correspondant à des injections dans les calcaires créacés. Plus au sud, jusqu'à la mer, affleurent des formations du Miocène. L'Aquitanién est constitué d'argiles plus ou moins calcaires, de calcaires marneux, de grès à ciment calcaire, de calcaires gréseux, de grès avec de rares paillettes de micas, l'ensemble étant peu fossilifère. L'Aquitanién supérieur est représenté par des marnes, des grès fins, des calcaires plus ou moins gréseux. Le Burdigalien inférieur est formé de calcaires.

Plus éloignés, au nord et au nord-ouest du site, existent des terrains plus anciens. Les terrains du Jurassique supérieur correspondent à des calcaires - les plus proches du massif sub-volcanique de Sintra ayant été métamorphosés par contact sont des cornéennes silico-calcaires - des calcschistes et des marnes. Le Crétacé inférieur est constitué de calcaires et de marnes, l'ensemble étant bioclastique, auxquels s'ajoutent des grès fins pour le Valanginien. Le Barrémien supérieur contient des argiles pouvant être micacées avec des intercalations de silts et de grès fins, des dolomies, des calcaires. L'Aptien inférieur livre des calcaires et des marnes plus ou moins argileuses intercalées avec des grès fins ou grossiers. Enfin, l'Aptien supérieur et l'Albien inférieur sont représentés par des grès fins ou grossiers, des silts et des argiles. Dans les grès riches sont signalés des feldspaths non altérés.

Le massif plutonique de Sintra s'est mis en place à la fin du Crétacé au sein des roches carbonatées du Jurassique supérieur. Il est composé d'un noyau de nature syénitique entouré d'un large anneau granitique et d'un anneau de gabbro-diorite discontinu; ce dernier est mieux représenté au sud, où il est situé entre les syénites et les granites et est beaucoup moins présent au nord, où il émerge en périphérie par rapport à l'anneau granitique (RAMALHO *et al.*, 1993).

Les syénites occupent donc le cœur du massif. Elles sont peu homogènes et établissent une transition vers les granites et les diorites. La roche est constituée d'orthose, d'andésine ou d'oligoclase avec accessoirement

du pyroxène, de la biotite et parfois de l'amphibole. Elles sont abondamment recoupées par des filons trachytiques quartzifères, microsénitiques et de roches plus basiques.

Le granite constitue la roche la plus abondante du massif. Sa composition minéralogique est, en général, quartz, orthose, oligoclase et parfois andésine, biotite, apatite. Au sein des roches granitiques, existent des enclaves et des filons, notamment de roches sédimentaires provenant de l'encaissant. Ce sont essentiellement des calcaires et des grès, jurassiques et/ou crétacés. Il existe cependant des enclaves microgrenues, d'origine différente.

Le passage de la syénite vers le granite est attesté en plusieurs endroits qui présentent des types intermédiaires, avec une augmentation du quartz dans la syénite.

Le complexe gabbro-dioritique est formé de roches plus ou moins basiques qui, d'une part, semblent constituer un passage latéral pour les syénites et, d'autre part, atteignent des compositions de gabbros péridotiques. Les roches contiennent des plagioclases zonés au sein de feldspaths sodo-potassiques.

Des brèches éruptives contiennent des fragments de granites et/ou de syénites, de microsénites pyroxéniques ou amphiboliques, de gabbros, de diorites, de trachytes et de calcaires.

Enfin, deux ensembles de filons traversent le massif. Il s'agit de divers types de roches aussi bien acides que basiques.

5.2 – Proposition d'origine des matériaux exploités

Les inclusions des terres du groupe FQPH sont riches en feldspaths potassiques et pourraient provenir de l'altération de syénites du massif de Sintra, situé à une dizaine de kilomètres au nord-ouest de Leceia, qui présentent la particularité de renfermer de la hornblende verte, mais qui serait absente des granites (ASSUNÇÃO & BRAK-LAMY, 1952). La présence relativement dense de quartz ne semble pas indiquer les syénites comme uniques roches-mères. Toutefois, des transitions entre les deux types de roches existent (RAMALHO *et al.*, 1993) avec, notamment, une augmentation du quartz dans les syénites. Les terres pourraient provenir des altérites de ces formations à moins qu'elles proviennent d'un autre massif plutonique plus éloigné.

Les deux terres du groupe QFPM contiennent des constituants identiques, mais dans des proportions parfois radicalement différentes traduisant des états d'altération distincts. Néanmoins, l'origine strictement plutonique des altérites est assurée, la présence de micas noirs désignant un granite à biotite comme roche-mère. Ce type de pluton est le plus abondant dans le massif de Sintra qui peut donc être proposé comme origine des altérites.

Les terres du groupe QFM renferment des constituants issus d'un pluton à micas blancs. Or cette catégorie de roche n'est pas signalée dans les descriptions du massif de Sintra. Il faut donc privilégier l'hypothèse d'une origine dans un autre pluton (d'origine hercynienne?).

L'importante proportion de plagioclase caractérise les terres du groupe PQF qui sont des altérites de pluton. Elles ne proviennent pas des formations classiques des granites et des syénites du massif de Sintra, mais pourraient correspondre à des terres issues du complexe gabbro-dioritique ou de filons plus basiques qui existent à la périphérie du massif (ASSUNÇÃO & BRAK-LAMY, 1952). La présence de structures granophyriques bien développés signalés dans le granite de Sintra pourrait correspondre à des fragments de roches acides.

La présence d'abondants plagioclases et des quartz dans la terre du groupe QP oriente son origine vers des granitoïdes sans mica dont il est difficile de déterminer s'il s'agit d'un pluton du massif de Sintra ou d'ailleurs.

Les terres des échantillons n.^{os} 14, 21 et 23 du groupe QFP sont assez banales et proviennent toutes d'un granitoïde de type granite, mais l'absence ou la quasi-absence de mica ne permet pas de le caractériser et ainsi de le localiser. De la même façon que pour le groupe précédent, il n'est donc pas assuré que ces terres proviennent du massif de Sintra.

Bien peu de choses caractérisent la terre du groupe QF. Les seuls éléments présents peuvent provenir d'un pluton, de type granite, mais rien n'empêche que la terre ne soit issue d'un domaine sédimentaire situé à faible distance du massif de Sintra ou d'un autre plus éloigné.

Les terres de la seconde famille renfermant des éléments d'origine plutonique et des éléments d'origine sédimentaire sont également difficiles à localiser.

La série du Jurassique supérieur qui affleure au sud du pluton de Sintra est majoritairement carbonatée (calcaires et marnes) et contient également des silicifications. Au sein des roches granitiques existent des enclaves, de dimension variable, de formations sédimentaires issues de cette série encaissante. Il s'agit de calcaires et de grès jurassiques et crétacés (RAMALHO *et al.*, 2001). La présence de calcaires et de silicifications, dans les terres exploitées, en association avec les éléments d'origine plutonique peut donc s'expliquer, en partie, par cette situation. C'est le cas de la terre du groupe QFBCS typique d'altérites de granite à mica noir dont l'origine dans le massif de Sintra est donc possible. Mais ces matériaux peuvent également provenir de la bordure du massif granitique, en domaine sédimentaire non localisé. La terre du groupe FQCS qui a une composition d'altérite granitique sans mica noir et très peu de plagioclase mais avec des lithoclastes à structure granophyrique typique du granite et la terre du groupe QFPCS, avec de très rares micas noirs, peuvent correspondre à un matériau de ce type.

Au nord, la syénite a cristallisé aux dépens des calcaires jurassiques, ce qui peut expliquer la présence de très rares carbonates dans la terre d'altération du groupe FPQC qui renferme quelques grains de cette roche.

Néanmoins, d'autres terres exploitées avec quartz, feldspaths et éléments d'origine carbonatée et/ou fragments de silex ne présentent pas les mêmes caractéristiques. En effet, les quartz ont des usures qui peuvent être importantes et des grains calibrés difficilement compatibles avec des cristaux issus de granites *in situ*. Il est vraisemblable qu'il s'agit plutôt de matériaux éloignés collectés dans des formations sédimentaires détritiques (Crétacé ou Miocène?).

Ce peut être le cas pour les terres des groupes QC, QCMS et QS.

En revanche, il est difficile de statuer sur le cas des terres des groupes QFMS et QMMS qui renferment une fraction non négligeable de micas blancs non signalés au sein des différents faciès pétrographiques du massif de Sintra. Soit le cortège plutonique appartient à un massif hercynien éloigné (plus de 120 km), soit la terre employée est d'origine détritique ou alluviale et comporte une fraction de micas blancs issus d'un autre type de roche, comme les grès jurassiques ou crétacés résultant de l'érosion des granites hercyniens.

5.3 – Croisement entre les ressources exploitées et les groupes de poteries campaniformes présents

Les multiples types de matières premières employées n'indiquent pas de lien évident avec les groupes de poteries campaniformes groupés selon les formes, les motifs et les techniques décoratives (TABLEAU 2).

Les vases maritimes ont été confectionnés avec des terres issues des deux familles et de divers groupes. Néanmoins, les terres riches en hornblendes vertes correspondent à deux vases portant des décors de type maritime.

Ensuite, les deux seuls vases à décor incisé analysés provenant de la Cabane EN ont été confectionnés à partir de terres de la famille 2, mais de groupes différents. Ceci implique donc que la famille de terres 1 n'a servi à fabriquer que des céramiques à décor pointillé géométrique ou de type maritime/international. Parmi cette famille, mais également au sein de la famille 2, différents types de terres ont servi à fabriquer des décors de même nature (maritime/international).

Inversement, les terres d'un même groupe ont servi à confectionner des vases à décors distincts. C'est particulièrement le cas des deux céramiques à pâte similaire (éch n.^{os} 5 et 10) qui correspondent à un récipient à décor pointillé géométrique (éch n.^o 5) et à un gobelet à décor international (éch n.^o 10). Il est difficile d'aller plus loin sur ce sujet pour lequel très peu de cas de rapprochements apparaissent.

Cette quasi absence de lien entre ressources et techniques, mais aussi l'importante diversité des terres, est d'autant plus surprenante que les terres exploitées affleurent, pour la grande majorité, à des distances importantes. La question de la nature de ces céramiques peut être légitimement posée. S'agit-il de productions locales fabriquées avec des ressources recueillies à plus de 10 kilomètres, pour la plupart, ou de déplacements de vases confectionnés ailleurs, probablement en divers lieux?

Les récipients analysés de la Cabane FM donnent une image de la panoplie de la céramique d'une maisonnée, même si elle n'est probablement pas strictement synchrone, et sont donc, à ce titre, particulièrement riches en informations sur la nature d'un assemblage en milieu domestique. Les treize vases analysés (éch n.^{os} 13 – 25) qui portent tous des décors de type pointillé, qu'il soit international ou géométrique, ont été confectionnés avec les deux familles de terres au sein desquelles ils se distribuent de façon sensiblement égale. Aucune des terres constitutives des récipients de la Cabane FM n'a été employée pour la fabrication des autres vases analysés du site. De la même façon que pour ces derniers récipients, une très importante diversité des terres caractérise les productions de la cabane puisque 11 argiles différentes sont à l'origine des 13 céramiques analysées. Les gobelets à décors de type international ont été fabriqués avec des terres des deux groupes. Parmi les récipients à décor pointillé géométrique, le groupe QFP rassemble trois productions morphologiquement distinctes. D'un point de vue pétrographique, la vaisselle de la Cabane FM n'est pas homogène et indique l'emploi de ressources diversifiées ou d'arrivées de vases depuis différents lieux.

5.4 – Les inclusions d'origine anthropique

Hormis, peut-être un ajout de quelques fragments de roches dans la pâte de l'échantillon n.^o 13, seule la chamotte a été mise en évidence (Fig. 11). Les grains sont présents dans les pâtes de sept vases (TABLEAU 2). Leur abondance varie selon les échantillons. Les matrices sont toujours phylliteuses et elles renferment du quartz, du feldspath potassique, parfois du microcline et du plagioclase. Un grain de l'échantillon n.^o 9 contient des fragments d'une roche plutonique à mica noir qui n'existent pas comme inclusion dans la pâte du vase fabriqué avec une terre collectée en milieu sédimentaire.

La chamotte a été introduite dans les pâtes de vases à décor pointillé géométrique (éch n.^{os} 3, 14, 19, 23), dans celles des deux vases à décor incisé (éch n.^{os} 8, 9) de la Cabane EN et, dans un seul cas, dans la pâte d'un gobelet international (éch n.^o 7) (TABLEAU 2). Dans la Cabane FM, elle est présente dans les pâtes de seulement trois céramiques à décor pointillé géométrique, sur un total de 13 vases.

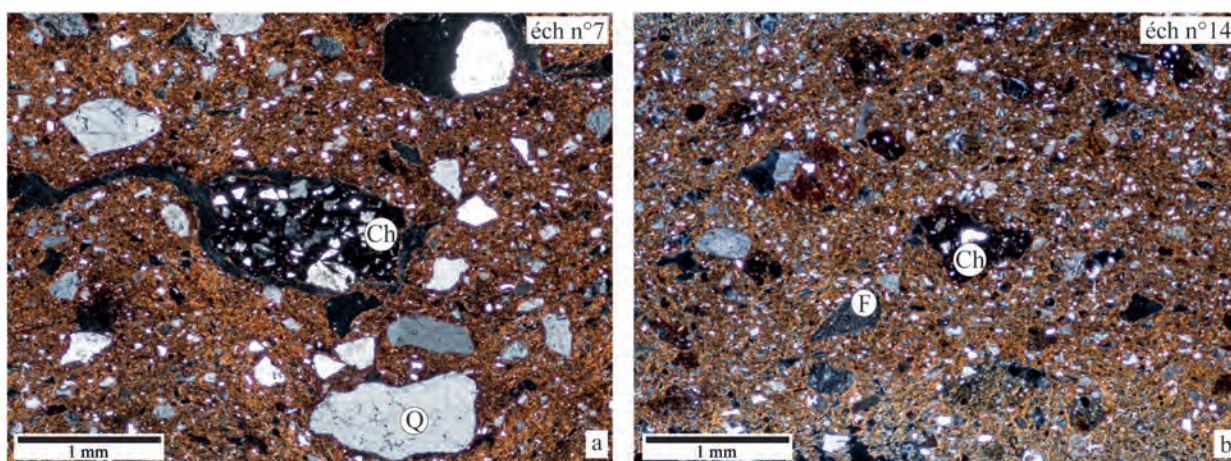


Fig. 11 – Exemples de grains de chamotte présents dans les pâtes des céramiques analysées (clichés F. Convertini). Tous les clichés ont été pris en Lumière Polarisée.

Ch: chamotte, Q: quartz, F: feldspath potassique

6 – CONCLUSIONS

Quel que soit le type de vases et de décors et leur chronologie, les terres à composante uniquement plutonique à l'origine des céramiques analysées sont éloignées de 10 km au minimum à vol d'oiseau, ce qui fait une distance importante pour une collecte directe depuis Leceia. Le massif éruptif le plus proche, potentiel émetteur des constituants présents dans les terres employées est celui de Sintra, au nord-ouest du site. Mais, hormis les terres du groupe QFPM, avec mica noir, et peut-être celles des groupes FQPH et PQF, rien n'indique avec certitude pour les autres, un emploi d'altérites du massif de Sintra. De plus, plusieurs compositions de terres correspondent à des altérites de granitoïdes à micas blancs (terres du groupe QFM) qui ne sont pas signalés dans ce massif. Par conséquent, il est possible qu'une partie des vases analysés fabriqués à partir de composantes uniquement plutoniques correspondent à des céramiques fabriquées aux alentours de massifs autres que celui de Sintra, les plus proches étant situés à plus de 120 km à vol d'oiseau. Les terres d'origine sédimentaire sont également difficiles à situer. En effet, hormis la terre du groupe QFBCS, avec mica noir, et peut-être celles des groupes FQCS, QFPCS et FPQC, dont une partie peut être constituée de composants issus du granitoïde de Sintra, les autres ressources sont soit banales, soit non attribuables au massif de Sintra car elles contiennent du mica blanc (groupes QFMS et QMMS). De plus, les compositions pétrographiques des roches sédimentaires jurassiques, crétacées et miocènes présentes essentiellement à l'ouest et au sud de Leceia sont mal connues. Ces affleurements pourraient ainsi livrer des cortèges en conformité avec les constituants des terres employées, en particulier le mica blanc, pour fabriquer la totalité ou une partie des vases analysés. Enfin, les alluvions récentes du Tage, présentes à moins d'1,5 km au moment de l'occupation de Leceia, renferment des micas blancs (CARDOSO *et al.*, 2017) et pourraient constituer une autre source d'approvisionnement.

Il ressort de toutes ces propositions que l'assemblage de céramiques analysées est hétérogène correspondant à des productions réalisées peut-être sur le site, bien que les distances pour aller recueillir les argiles soient importantes, mais plus probablement en plusieurs lieux éloignés. Leur présence sur le site, aussi bien

dans la fortification qu'extra-muros, résulterait de la circulation régionale d'une partie du groupe humain occupant Leceia ou de circulations depuis d'autres sites. Ces circulations de terres ou de céramiques ne sont pas limitées à la céramique campaniforme car B. Blance, dans son étude des céramiques «estriada» proposait le massif de Sintra comme source des argiles employées pour la fabrication de ces récipients contemporains des productions campaniformes (BLANCE, 1959).

La présence de vases à pâte chamottée de différents types morphologiques portant des décors de type maritime, pointillé géométrique et incisé indique un emploi de ce dégraissant indépendamment de tout statut ou chronologie de la céramique, mais aussi d'un point de vue spatial puisque les pâtes de récipients présents à la fois dans la fortification et à l'extérieur en contiennent. Ailleurs au Portugal, sept céramiques à décor incisé sur neuf analysées du site de Monte do Tosco à Mourão avaient des pâtes chamottées (QUERRÉ & SALANOVA, 2013) et trois sur six sur le site de Convento do Carmo à Torres Novas, dont un gobelet de type maritime (CONVERTINI, 2019).

L'emploi de chamotte dans des contextes campaniformes anciens attestés par des dates radiométriques est particulièrement important pour les modalités de la diffusion du Campaniforme. Néanmoins, la rareté des céramiques analysées non campaniformes antérieures (COELHO & CARDOSO, 1992; AMARO, 2010/2011) ou contemporaines (BLANCE, 1959; AMARO, 2010/2011) limite les conclusions. Pour les quelques études disponibles, la chamotte n'a pas été signalée mais cela ne signifie pas qu'elle était absente car elle est souvent difficile à mettre en évidence ou peut être confondue avec des oxydes de fer. Par conséquent, pour l'instant, il n'est pas possible de déterminer si cette tradition existait déjà au Chalcolithique ou s'il s'agit d'une innovation liée spécifiquement à l'apparition de la céramique campaniforme. Si cette dernière proposition s'avère être la bonne alors elle indiquerait la présence de relations entre l'embouchure du Tage et de secteurs géographiques où l'emploi de ce dégraissant est également employé. Malheureusement, les analyses en lames minces, seules capables de mettre en évidence la présence de chamotte, sont très rares dans le reste de la Péninsule Ibérique. Une série de lames minces réalisées sur la céramique campaniforme du site de Camino de las Yeseras à Madrid a montré qu'elle était présente dans de rares pâtes de vases (RÍOS MENDOZA *et al.*, 2011). En revanche, en Catalogne, la chamotte n'est pas employée (CLOP GARCIA, 2007). Ces données, pour l'instant trop ténues, ne permettent pas de connaître la répartition géographique de ce dégraissant par ailleurs employé dans de nombreuses zones de l'Europe de l'ouest.

RÉFÉRENCES

- AMARO, G. de C. (2010/2011) – Continuidade e evolução nas cerâmicas calcolíticas da Estremadura (um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 201-233.
- ASSUNÇÃO, C. F. DE TORRE & BRAK-LAMY, J. (1952) – Géologie et pétrographie du Massif de Sintra (Portugal), *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Vol. X, Fasc. I-II-III, p. 23-62.
- BLANCE, B. (1959) – Cerâmica estriada. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4), p. 459-464.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (2000) – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.

- CARDOSO, J. L. (2003) – *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*. Oeiras : Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2008) – The chalcolithic fortified site of Leceia (Oeiras, Portugal). *Verdolay*. Murcia. 11: 49-66.
- CARDOSO, J. L. (2010) – Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 43-63.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid.71 (1) (2014), p. 56-75 (doi: 10.3989/tp.2014.12124).
- CARDOSO, J. L. (2014/2015) – The Bell-beaker complex in Portugal: an overview. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série V, 4/5, p. 269-302.
- CARDOSO, J. L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 126-141 (Estudos & Memórias, 10).
- CARDOSO, J. L.; QUERRE, G. & SALANOVA, L. (2005) – Bell Beaker relationships along the Atlantic coast. In M. Isabel Prudêncio, M. Isabel Dias et J. C. Waerenborgh (eds.): *Understanding people through their pottery*. Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics (EMAC'03, Lisboa). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 37-31 (Trabalhos de Arqueologia 42).
- CARDOSO, J. L.; BARROS E CARVALHOSA, A. de; SOUSA, E. de; BUGALHÃO, J. & SEQUEIRA M. J. (2017) – Caracterização mineralógica de cerâmicas da Idade do Ferro de Lisboa (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros), *Revista Portuguesa de Arqueologia* – volume 20, p. 71-82.
- CLOP GARCIA, X. (2007) – *Materia prima, cerámica y sociedad. La gestión de los recursos minerales para manufacturar cerámicas del 31000 al 1500 ANE en el noreste de la Península Ibérica*, Oxford, Archaeopress (British Archaeological Reports, International Series 1660), p. 393.
- COELHO, A. V. Pinto & CARDOSO, J. L. (1992) – Materiais cerâmicos do povoado calcolítico do Monte da Tumba (Torrão). Análises macro e microscópicas. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 277-289.
- CONVERTINI, F. (2019) – Estudo em lâmina delgada de seis amostras cerâmicas, in A. F. Carvalho (coord.), *O hipogeu campaniforme do Convento do Carmo (Torres Novas)*, Torres Novas, Município de Torres Novas (Coleção Estudos e Documentos, 12), p. 131-135.
- OLALDE, I. et al. (2018) – The Beaker phenomenon and the genomic transformation of northwest Europe. *Nature*. doi:10.1038/nature25738.
- QUERRÉ, G. & SALANOVA, L. (2013) – Étude céramologique d'un ensemble de neuf vases campaniformes provenant du site de Monte do Tosco (Portugal), in A.C. Valera (dir.), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana (2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC)*, Memórias d'Odiana, 6, 2.ª Série, EDIA/DRCALLEN, p. 202-210.
- RAMALHO, M. M.; PAIS, J.; REY, J.; BERTHOU, P.-Y.; ALVES, C.A.; PALÁCIOS, T.; LEAL, N. & KULLBERG, M. C. (1993) — *Notícia explicativa da Carta Geológica 34-A, Sintra*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, p. 78

RAMALHO, M. M.; REY, J.; ZBYSZEWSKI, G.; MATOS ALVES, C. A.; PALÁCIOS, T.; MOITINHO DE ALMEIDA, F.; COSTA, C. & KULLBERG, M. C. (2001) – *Notícia explicativa da Carta Geológica 34-C, Cascais*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, p. 105.

RÍOS MENDOZA, P.; GARCÍA GIMÉNEZ, R.; ALIAGA ALMELA, R. & BLANCO GARCÍA, J. F. (2011) – Las cerámicas: caracterización y contenido. In C. BLASCO, C. LIESAU, P. RÍOS MENDOZA (eds.), *Yacimientos calcolíticos con Campaniforme de la región de Madrid: nuevos estudios*, Universidad autónoma de Madrid, Patrimonio arqueológico de Madrid, 6, p. 319-346.

OS ENIGMÁTICOS “BÁCULOS” DE XISTO PRÉ-HISTÓRICOS: A PROPÓSITO DE UM EXEMPLAR DA LAPA DA GALINHA (ALCANENA)

THE ENIGMATIC PREHISTORIC SCHIST “CROZIERS”: ABOUT A PIECE FROM LAPA DA GALINHA (ALCANENA)

João Luís Cardoso¹

Summary

Regarding the “crozier” collected at the beginning of the 20th century in Lapa da Galinha (Alcanena) which, due to its unique morphology, was valued by Manuel Heleno in the perspective of such similar pieces symbolically representing the polished stone axe, this and other alternatives are discussed, making comparisons with the known specimens, object of recent inventory work carried out by the author. It was concluded that the geographical distribution of these pieces is limited almost exclusively to the Portuguese territory and, especially, to Alto-Alentejo region, associated with the funerary megalithic monuments that exists there. Four distinct groups were identified and characterized, based on the typology of the decorative patterns and their organization. With the exception of the few specimens from the Atlantic domain, with particularities that are identified and described in this paper, the rest of the specimens are almost exclusively decorated on one side, which corresponds to the orientation of the “head” of the “crozier” to the left. This regularity was for the first time duly valued within the scope of the functional use of the prototypes, represented by these votive productions.

Keywords: “crozier”; morphology; typology; functionality; rituals; funerary megalithism; Portugal.

1 - INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

O Prof. Doutor António Augusto Mendes Corrêa, ilustre antropólogo e arqueólogo, Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e director por muitos anos do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, sediado naquela Faculdade, que tão grandes serviços prestou à Arqueologia portuguesa, possuía, com José Relvas, o proclamador da República nos Paços do Concelho, em Lisboa, na manhã do dia 5 de Outubro de 1910, e proprietário da Quinta dos Patudos, em Alpiarça, ligações de parentesco por afinidade. Daí as suas investigações dedicadas à arqueologia da região de Santarém, de que resultaram diversas publicações respeitantes a estações arqueológicas da região, entre as quais a que respeita aos espólios que serviram de ponto de partida e de justificação para o presente estudo.

¹ Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICAREHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

Em 1928, o Prof. Mendes Corrêa declarava o seguinte (CORRÊA, 1928, p. 172):

“Dans la Musée du district de Santarem, en janvier 1926, j’ai examiné quatre plaques-idoles en schiste, qui appartiennent aux types bien connus du Portugal et de l’Espagne du sud-ouest. Deux sont en trapèze (Fig. 8) et deux autres sont brisées (Fig. 9 et 10) mais elles se montrent apparentées au type recourbé en crosse.” (Fig. 1).

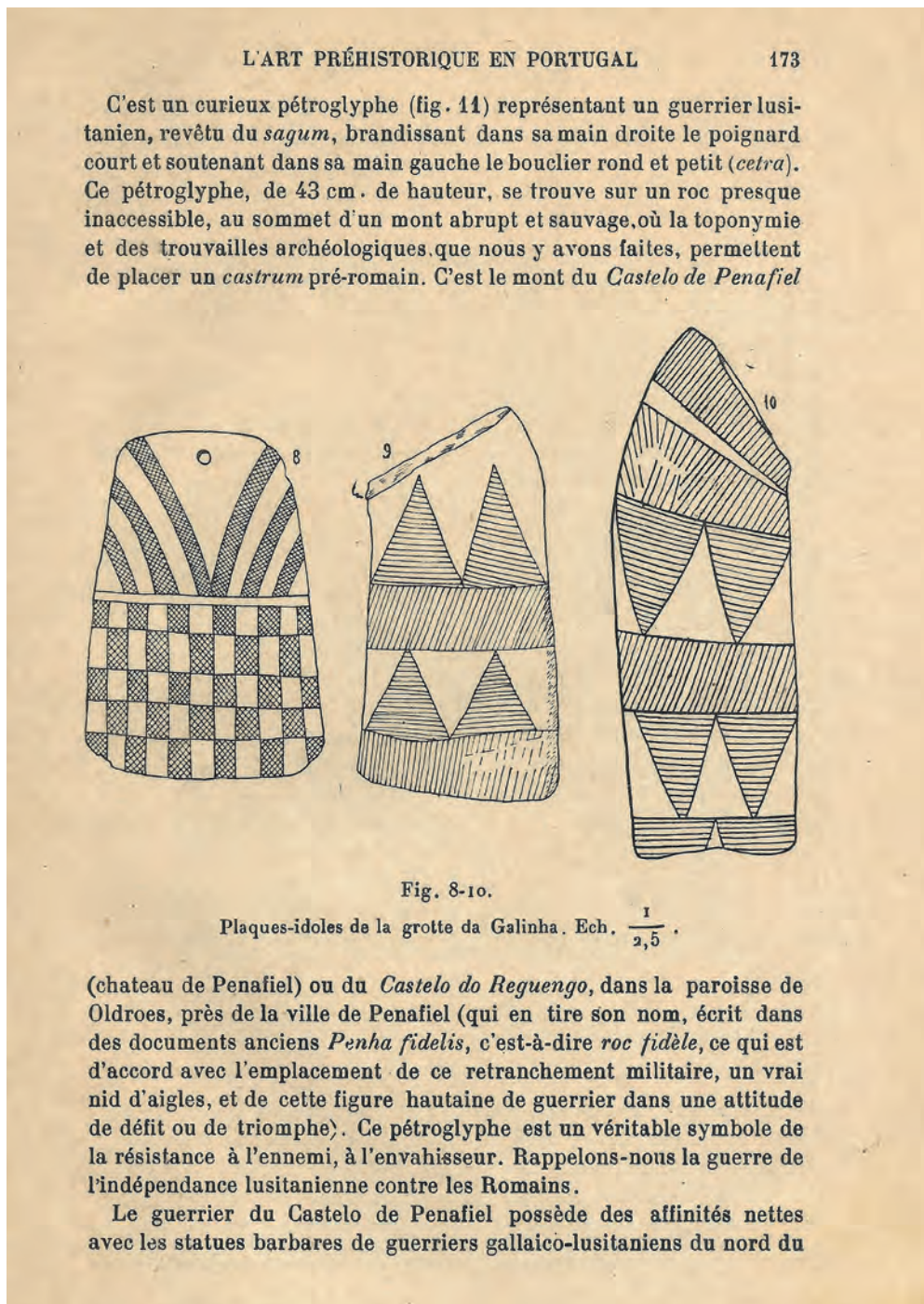


Fig. 1 - Reprodução de página do artigo de A. A. Mendes Corrêa publicado na “Rêvue Anthropologique”, Paris, 1928, p. 169-176.

São exactamente estes dois exemplares fracturados, não devidamente identificados por Mendes Corrêa, que o presente estudo tomará como ponto de partida.

Na verdade, os dois fragmentos observados por Mendes Corrêa no Museu de Santarém na década de 1920, provenientes da Lapa da Galinha (Alcanena), correspondem a um único exemplar de contorno recurvado, conforme foi notado anos depois por Manuel Heleno (HELENO, 1942, p. 462) (Fig. 2, à esquerda) em comunicação apresentada a 8 de Agosto de 1937 ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia na qual, referindo-se a este exemplar, declara: “A chave para a interpretação desses objectos, considerados um enigma, encontrava-se à vista de todos, desde 1923, no Museu de Santarém, e, o que é mais curioso, os fragmentos do protótipo que permitiu essa interpretação foram publicados em revistas estrangeiras (“Revue Anthropologique”, etc.) pelo sr. Professor Mendes Correia, do Pôrto, como peças independentes e sem notar a sua grande importância”.

Esta última observação, claramente depreciativa, relaciona-se com o conflito científico e de interesses existente entre os dois únicos catedráticos – um da Universidade do Porto, o outro da Universidade de Lisboa – que, à época, se dedicavam, em Portugal, à prática da Arqueologia pré-histórica (CARDOSO, 2011).

Prosseguindo, Manuel Heleno refere, naquele seu estudo de 1942, o seguinte (op. cit., p. 462, 463): “A solução encontrámo-la na primeira visita que fizemos ao Museu de Santarém”, pois ao reunir os dois fragmentos encontrou-se “em presença duma representação de um machado encabado (...). A sua comparação com os machados empunhados em pinturas rupestres (...) da Península, com gravuras dos megálitos da Bretanha, convencerá os mais exigentes”.



Fig. 2 – Registo dos “bâculos” seleccionados por Manuel Heleno para ilustrar a evolução dos mesmos, a partir da representação mais explícita e realista do machado encabado, corporizada pelo exemplar da Lapa da Galinha (à esquerda) até aos exemplares mais estilizados, ao centro, da Anta 4.º dos Gualões, Arraiolos e à direita da Anta Grande da Lobeira de Baixo, Montemor-o-Novo, encontrado sobre o esterno do inumado (HELENO, 1942, Figs. 4 a 7).

Desta forma, para Manuel Heleno, as placas de xisto encurvadas seriam sem qualquer margem de dúvida a representação simbólica de machados, devendo serem designadas por “machados-placas”. Terminou a sua comunicação, agradecendo à Câmara Municipal de Santarem a cedência dos dois fragmentos para o Museu Etnológico, actualmente Museu Nacional de Arqueologia, sob sua direcção, onde ainda hoje se encontram.

Este estudo discutirá esta hipótese e as alternativas possíveis, com base no recurso à análise comparada com outras evidências arqueológicas.

2 – CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A Lapa da Galinha é uma cavidade natural perto da povoação de Vila Moreira, do concelho de Alcanena, aberta nos calcários do Miocénico superior: “calcários de Santarém e Almoester”, segundo a CGP à escala de 1/50 000 – folha 27 C (MANUPELLA et al., 2006). A sua exploração arqueológica meticulosa em 1908, envolvendo recursos técnicos e logísticos à época pouco frequentes, como a utilização de um sistema de vagonetes deslocadas manualmente e registos de campo a cargo de um desenhador especializado desenrolou-se sob a égide do Museu Etnológico Português, com a orientação de Félix Alves Pereira, cabendo a execução dos trabalhos a José de Almeida Carvalhais (COITO, CARDOSO & MARTINS, 2008, p. 151). A escavação, iniciada em finais de Junho ou inícios de Julho de 1908, só foi terminada em Outubro, dela se publicando na altura apenas pequena nota em “O Arqueólogo Português”, da autoria do responsável pela intervenção (PEREIRA, 1908). Nela, o então Conservador do Museu declara que a mesma constituía uma verdadeira necrópole, tendo a sua exploração, pela exigência que requereu, exaurido José da Almeida Carvalhais, que adoeceu gravemente; nesta notícia, de apenas meia página, prometia-se a publicação de desenvolvido estudo, documentado com fotografias, que efectivamente foram realizadas, e plantas, o qual, porém, jamais foi publicado, tal como as respectivas plantas que, a terem existido, presentemente se desconhecem. Importa, contudo, sublinhar a importante notícia publicada logo no ano seguinte à da exploração na revista “A Ilustração Portuguesa” (TORRES, 1909, p. 789-794) na qual se publicaram importantes fotografias obtidas no decurso dos trabalhos então em curso de realização (Fig. 3).

Foi apenas em 1958 que os espólios da Lapa da Galinha mereceram uma primeira atenção, tendo sido então descritas as suas principais características, bem como as condições de jazida no depósito funerário, constituído por pelo menos 61 conjuntos, designados por sepulturas, identificados no decurso das escavações, realizadas por camadas. Assim se conseguiu assegurar a associação dos restos osteológicos às respectivas oferendas funerárias (SÁ, 1959, p. 118), situação que bem evidencia a qualidade com que os trabalhos foram realizados. Da análise do espólio então publicado pode concluir-se que a ocupação funerária da gruta remonta essencialmente ao Neolítico Final, conclusão que Manuel Heleno já tinha valorizado, ao sublinhar a abundância de pontas de seta de base triangular, pedunculada ou convexa, a par de abundantes geométricos, realidade que não foi substancialmente alterada pelo recente revisão efectuada dos referidos materiais (KALKER, 2020).

3 – DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Tendo presente a distribuição geográfica dos exemplares em contorno recortado que são usualmente, mas incorrectamente, designados por “báculos”, como adiante se verá, verifica-se que estes, ao contrário dos seus congéneres rupestres, possuem uma distribuição geográfica circunscrita ao território português

um desenho, nem o levou a um museu onde pudesse vêr aquelles objectos encontrados em escavações nos diferentes pontos do paiz.

E' principalmente na archeologia que se teem encontrado os maiores elementos para o estudo das idades prehistoricas. Ha bem pouco tempo um engenheiro americano, archeologo distinctissimo, Edgard Baulles, depois de innumeradas dificuldades, em escavações successivas, conseguiu descobrir a cidade de Bismya, que se crê ser a mais antiga do mundo e que, segundo muitos dos dados encontrados, é anterior ao anno 4750 antes de Christo.

No estrangeiro dedica-se á archeologia uma attenção especialissima, gastando

com ella os governos importantes verbas annuaes. As epochas antigas, os seus costumes, as suas construcções,

são-lhe um estudo caro. Qualquer estrangeiro que venha a Portugal procura sempre vêr os Jeronymos e a Batalha, tomando todos os apontamentos possiveis. No anno passado vimos n'uma grande illustração estrangeira uma perfeita photographia da capella mór da igreja de Alcobaça, que em Portugal quasi se desconhece.

Para a sua archeologia o governo portuguez dispende uma quantia insignificantisima, tendo só um museu, com o pomposo titulo de *Museu Ethnologico Portuguez*, que está installado n'uma das alas do mosteiro dos Jeronymos, e que é dirigido pelos srs. J. Leite de Vasconcellos e Felix Pereira. E' n'elle que estão os productos das explorações feitas pelo



1—A entrada da gruta no começo da exploração
2—Interior da gruta

Fig. 3 - Reprodução de página do artigo de J. A. Torres publicado na "Ilustração Portuguesa", Lisboa, 1909, p. 789-794.

e, neste, especialmente ao Alentejo, podendo identificar-se diversas áreas com maior concentração de exemplares (Fig. 4): a região centro e oeste-alentejana, correspondendo aos concelhos de Évora, Montemor-o-Novo e Arraiolos; um núcleo muito circunscrito, na região de Elvas; e um outro, correspondente à de Reguengos de Monsaraz, estendendo-se ao nordeste alentejano; finalmente, na região atlântica, recolheram-se os exemplares mais heterogêneos e dispersos. Apenas se compulsaram dois exemplares fora destes limites geográficos, um proveniente de um sepulcro de El Pozuelo, Huelva, e um outro de Los Millares 17, Almería (CARDOSO, 2021).

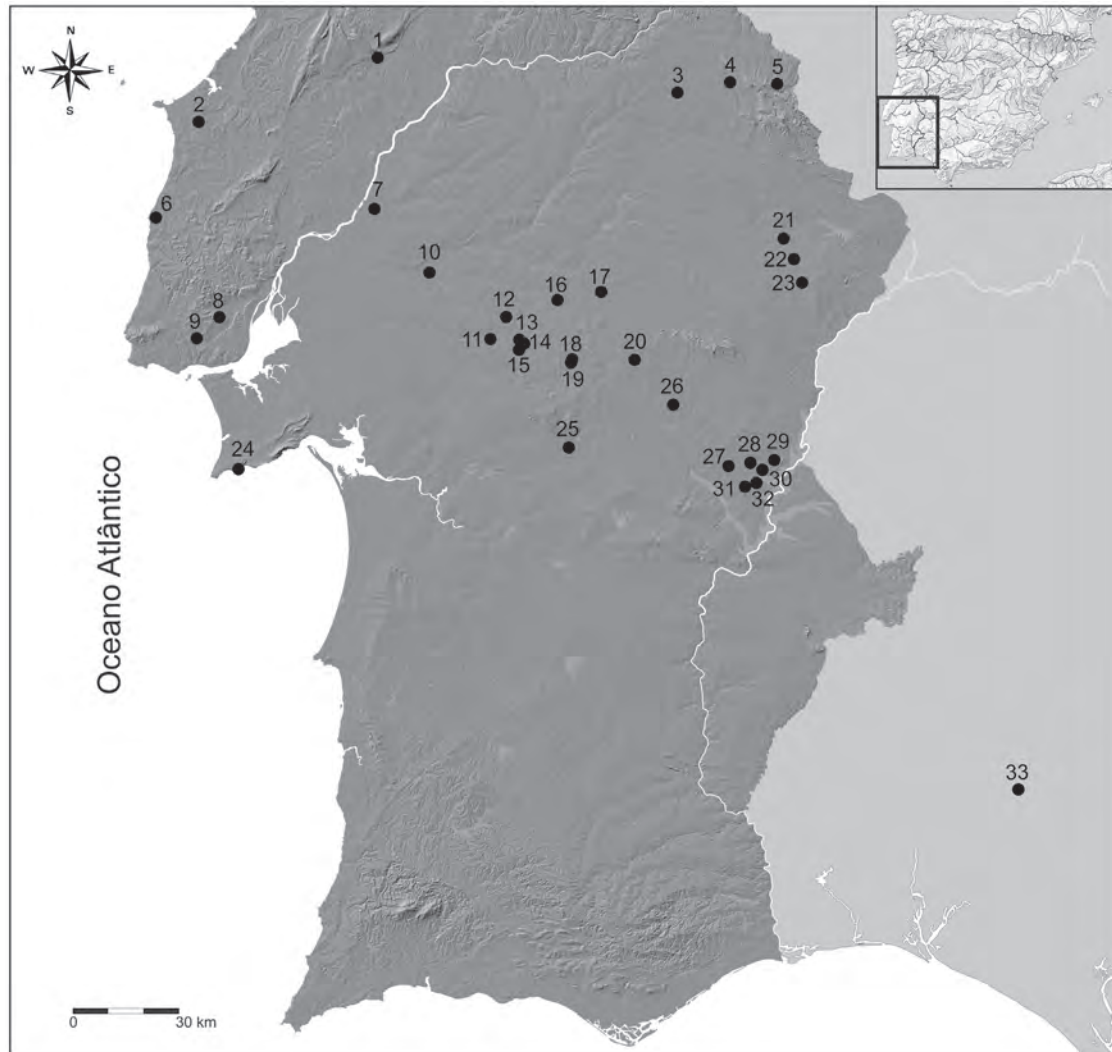


Fig. 4 – Distribuição geográfica dos principais “báculos” inventariados no território português. O n.º 1 corresponde aos dois exemplares da Lapa da Galinha (Alcanena) (CARDOSO, 2021, Fig. 5); 2 – Casa da Moura (Óbidos); 3 – Anta do Couto dos Enxares (Crato); 4 – Anta do Alcogulo 3 (Castelo de Vide) ; 5 – Anta da Marquesa (Marvão); 6 – Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras); 7 – Martim Afonso (Salvaterra de Magos); 8 – Gruta do Correio-Mor (Loures); 9 – Anta da Estria (Sintra); 10 – Monte da Barca (Coruche); 11 – Lobeira de Baixo 3 (Montemor-o-Novo, Évora); 12 – Anta Sul de Vale de Gato (Coruche); 13 – Anta a Oeste do Vale das Antas (Montemor-o-Novo); 14 – Anta Grande da Comenda da Igreja (Montemor-o-Novo); 15 – Anta da Velada (Montemor-o-Novo); 16 – Brissos 6 (Mora); 17 – Caeira 7 (Arraiolos); 18 – Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (Arraiolos); 19 – Anta 4 Gualões (Arraiolos, Évora); 20 – Anta 3 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo); 21 – Boudanha (Monforte); 22 – Horta Velha do Reguengo (Elvas, Portalegre); 23 – Jazigo de Alcarapinha; 24 – Lapa do Fumo (Sesimbra); 25 – Anta de Vale de Rodrigo (Évora); 26 – Anta 2 da Loba (Évora); 27 – Monumento 2 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz); 28 – Anta da Herdade do Duque (Corval, Reguengos de Monsaraz); 29 – Anta 1 do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz); 30 – Comenda 2 e tholos da Comenda (Reguengos de Monsaraz, Évora); 31 – Cebolinho 1 (Reguengos de Monsaraz, Évora); 32 – Anta 1 da Herdade do Passo (Reguengos de Monsaraz); 33 – El Pozuelo 3 (Huelva, Espanha), Fig. 7, n.º 4; 34 - Los Millares 17 (Almeria) (fora da figura). O báculo de marfim do Monumento 2 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) não se encontra assinalado.

4 - TIPOLOGIA

A tipologia para descrever estas peças pode considerar diversos atributos, relativos ao tamanho e às matérias-primas.

Verifica-se que é na Estremadura que se observam as maiores variações, com exemplares de xisto (oriundos do Alentejo), e de arenito e de osso, sendo estes fabricados localmente. A matéria-prima não pode ser desligada dos aspectos decorativos, já que dois dos quatro exemplares lisos provêm desta região: trata-se do “báculo” de arenito da gruta do Correio-Mor, Loures (CARDOSO, 2003, Fig. 32, n.º 9) e o de osso, da gruta da Casa da Moura, Torres Vedras, sendo este o menor exemplar conhecido (SPINDLER, 1981, Tf. 23, n.º 358). No Alentejo, todas as peças são de xisto e apenas uma se apresenta lisa, proveniente da Anta Grande do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 40, n.º 1). As diferenças de tamanho são em geral pouco relevantes, embora acentuadas nos casos dos exemplares miniaturais, como os dois exemplares da anta 1 da Herdade do Passo, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 39, 4), ambos decorados. A estes juntam-se dois exemplares lisos, um do depósito de Alcarapinha, Elvas (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 11, 1) e outro, já fora do território português, recolhido na sepultura megalítica de El Pozuelo 3, Huelva (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 48, 3). Enfim, também de pequenas dimensões e liso, possuindo bordos bujardados, é o exemplar recolhido no *tholos* Los Millares 17 (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 19, 1, 11), de cronologia seguramente calcolítica.

Os exemplares miniaturais correspondem a um grupo particularmente expressivo, porque, excepto o de osso da gruta da Casa da Moura, possuem um furo de suspensão na base, indicando a sua utilização como pendentes ou amuletos constituindo assim peças apotropaicas. Esta realidade deve ser valorizada, no quadro da discussão da finalidade destas peças (Fig. 5). Caso excepcional é o exemplar do monumento 2 dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz, igualmente de dimensões modestas, o único que é de marfim, exibindo decoração afim de certos padrões de recipientes calcolíticos (VALERA, 2020). Na verdade, é a única ocorrência seguramente calcolítica de todas as conhecidas em território português (Fig. 6).

Em suma, para além dos seis exemplares lisos, de dimensões e natureza muito distintas, os restantes constituem conjunto globalmente homogêneo no que respeita à natureza da matéria-prima, forma geral e dimensões embora, quando observados com mais pormenor, exibam assinaláveis diferenças, no respeitante à forma e dimensões.



Fig. 5 - Báculos miniaturais utilizados como pendentes, com significado apotropaico. Anta 1 do Passo, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1951, Fig. 62, n.ºs 1 e 2).

5 - DECORAÇÃO

Os “báculos” decorados são todos de xisto (exceptuando-se o exemplar de marfim do Monumento 2 dos Perdígões, acima referido) e possuem, dentro de uma aparente uniformidade, diferenças recorrentes no respeitante aos padrões decorativos e sua organização. Sublinha-se, em primeiro lugar, que todos os “báculos” alentejanos decorados exibem apenas decoração numa única face, exceptuando-se um exemplar incompleto decorado nas duas faces, proveniente da anta da Horta Velha do Reguengo, Elvas (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 9, 6). A face decorada corresponde sempre àquela que exhibe a “cabeça” do “báculo” voltada para a esquerda, constituindo assim uma constante cujo significado se relaciona com a própria forma como estas peças – e os seus protótipos funcionais – eram manipuladas, como adiante se verá.

No tocante aos padrões decorativos e sua organização, foram identificados, em estudo anterior, dois grupos principais (LILLIOS, 2008), que agora se retomam, com ligeiras modificações descritivas introduzidas em estudo mais recente (CARDOSO, 2021):

Grupo 1 – um primeiro grupo é constituído pelos exemplares em que parte ou a totalidade do corpo da peça é decorada predominantemente por triângulos isósceles, preenchidos interiormente por reticulados com os vértices apontados para cima ou para o lado direito, dispostos em faixas transversais ou longitudinais. Dois bons exemplos deste grupo correspondem, respectivamente, aos exemplares recolhidos na Anta da Marquesa (Marvão) (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 4, 5, n.º 12) e na anta 1 ou 4 dos Gualões (Arraiolos) (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 29, n.º 27; HELENO, 1942, Fig. 6) (Fig. 2, ao centro);

Grupo 2 – um segundo grupo integra os exemplares que ostentam bandas contínuas longitudinais preenchidas interiormente por reticulado, na maior parte ou na totalidade do seu comprimento, acompanhando o desenvolvimento da curvatura das peças, associadas a banda de triângulos que se desenvolve ao longo do bordo convexo, que eventualmente podem ser interpretadas como a representação de lâminas ou pontas de sílex encastoadas nos protótipos funcionais (ver capítulo seguinte). Um bom exemplar deste grupo provém da anta 6 de Brissos, Mora (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 22, 1, 34) e um outro da Anta Grande da Lobeira de Baixo, Montemor-o-Novo (HELENO, 1942, Fig. 7) (Fig. 2, à direita).



Fig. 6 – “Báculo” de marfim do Monumento 2 dos Perdígões. Foto Programa Global de Investigação Arqueológica dos Perdígões/Era Arqueologia. Por deferência de António Valera.

A estes dois grupos, que abarcam a larga maioria dos exemplares, soma-se um terceiro grupo (CARDOSO, 2021), com escassa representação:

Grupo 3 – “báculos” decorados com “chevrons” ou espinhados longitudinais ou transversais, representados pelos recolhidos, respectivamente, na Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, 1, 79) e no depósito do Monte da Barca, Coruche (VICENTE et al 1974, Est. 13, n.º 2) (Fig. 7).

Admitindo que os báculos miniaturais representam um conjunto especial, como acima se referiu, importa atender às particularidades evidenciadas pelos quatro exemplares do domínio atlântico, que justificam a constituição de um quarto grupo:

Grupo 4 – “báculos” que integram exemplares com decorações “mistas”, corporizados pelos quatro exemplares conhecidos, de sítios situados entre o Tejo e o Oceano Atlântico. O primeiro exemplar, muito incompleto, proveniente da Lapa da Galinha, foi já publicado (SÁ, 1959, Fig. 10, n.º 2). No entanto, a fotografia publicada pela autora, pela sua má qualidade, impediu perceber as características da decoração da peça, e mesmo a sua atribuição segura a um “báculo”, em sintonia com a incerteza também manifestada anteriormente em relação à classificação deste exemplar (GONÇALVES, 2014, p. 125). A dificuldade da sua observação directa, impediu



Fig. 7 – “Báculo” do Monte da Barca, Coruche, pertencente ao Grupo 3 da classificação do autor (VICENTE; ANDRADE & DIAS, 1974, Fig. 13, n.º 2). Desenho de B. L. Ferreira.

a confirmação da sua classificação segura, razão pela qual não foi considerada no estudo anteriormente publicado (CARDOSO, 2021). No âmbito da preparação deste trabalho, considerou-se importante proceder à observação directa deste exemplar, o que foi conseguido mediante a intervenção do Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues, Director do Centro de Investigação Joaquim Veríssimo Serrão e a disponibilidade encontrada junto do Dr. António Matias, arqueólogo da Câmara Municipal de Santarém e responsável pelo respectivo Museu, em cujas reservas a mesma se conserva.

A sua observação evidenciou tratar-se de um exemplar “misto”, integrando cânones decorativos dos grupos 1 e 2, justificando-se assim a sua integração neste 4.º e último grupo em que se repartiram as decorações patentes nestas peças: a partir de um eixo de simetria axial, correspondente a duas bandas, uma preenchida interiormente, outra não preenchida, que percorrem longitudinalmente toda parte central da peça, a única que se conserva, desenvolveram-se, para cada um dos lados, duas bandas longitudinais constituídas por triângulos cujos vértices se orientam para ambos os bordos laterais, alternadas por outras tantas faixas longitudinais, preenchidas ou não, a que se sucedem duas bandas longitudinais marginais preenchidas igualmente por triângulos semelhantes aos anteriores (Fig. 8, n.º 2; Fig. 9, n.º 1). Trata-se de exemplar sem paralelos alentejanos, embora o facto de a outra face se apresentar lisa, o associar àquelas produções, já que os restantes três “báculos” conhecidos no domínio atlântico, são caracterizados, precisamente, por possuírem decorações nas duas faces.

Esta situação obrigava à análise detalhada dos motivos decorativos exibidos por estes três exemplares, no sentido de se identificarem outras evidências na sua gramática decorativa que sugerisse a aplicação de cânones locais. Com efeito, tal exercício confirmou as particularidades aludidas.

O “báculo” da gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2000/2001, Fig. 58) é, a este respeito de interesse excepcional, pelas informações fornecidas (Fig. 8, n.º 4; Fig. 10). Trata-se de um exemplar em que a face principal, correspondente àquela em que a “cabeça” do “báculo” se encontra voltada à esquerda se apresenta decorada com padrões clássicos do Grupo 2, que em nada o distinguem dos seus congéneres alentejanos. Ao contrário, a face oposta exhibe uma decoração inacabada (sendo o único exemplar em que tal se observa), segundo modelo decorativo desconhecido no Alentejo. Com efeito, na parte central desta observa-se faixa longitudinal preenchida interiormente por uma associação exótica de zigue-zagues e triângulos em diversas posições, uns preenchidos, outros não; trata-se de reinterpretção local inacabada. A mesma situação evidencia-se na fixa marginal de triângulos que acompanha o bordo côncavo, os quais não se apresentam preenchidos, ao contrário do observado no bordo oposto, indicando que o trabalho não foi concluído, apesar de a peça ter sido utilizada como oferenda votiva. Este exemplar possui ainda a particularidade de possuir, na extremidade proximal, três perfurações concluídas e a tentativa de execução de mais duas, a partir de ambas as faces, também inacabadas, provavelmente destinadas à fixação de penachos decorativos feitos de materiais perecíveis.

O exemplar recolhido no dólmen de Estria, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 57, 3) possui igualmente características particulares (Fig. 8, n.º 3; Fig. 9, n.º 2). Assim, a face principal, correspondente à posição da “cabeça” voltada para a esquerda, é ocupada por dois padrões decorativos distintos, cada um deles ocupando sensivelmente metade desta face, separados por linha transversal incisa que se inscrevem nos exemplares do Grupo 3, com a particularidade de aqui ocorrerem associados. Trata-se do padrão em espinhado, que corresponde à metade distal e do padrão em “chevrons”, que ocupa a metade sua proximal. Porém, tal associação, embora única, não obstava a uma origem alentejana. Já a face oposta exhibe o que parece ser uma reinterpretção das decorações em espinhado, organizadas por barras transversais ao longo do corpo do exemplar, também com

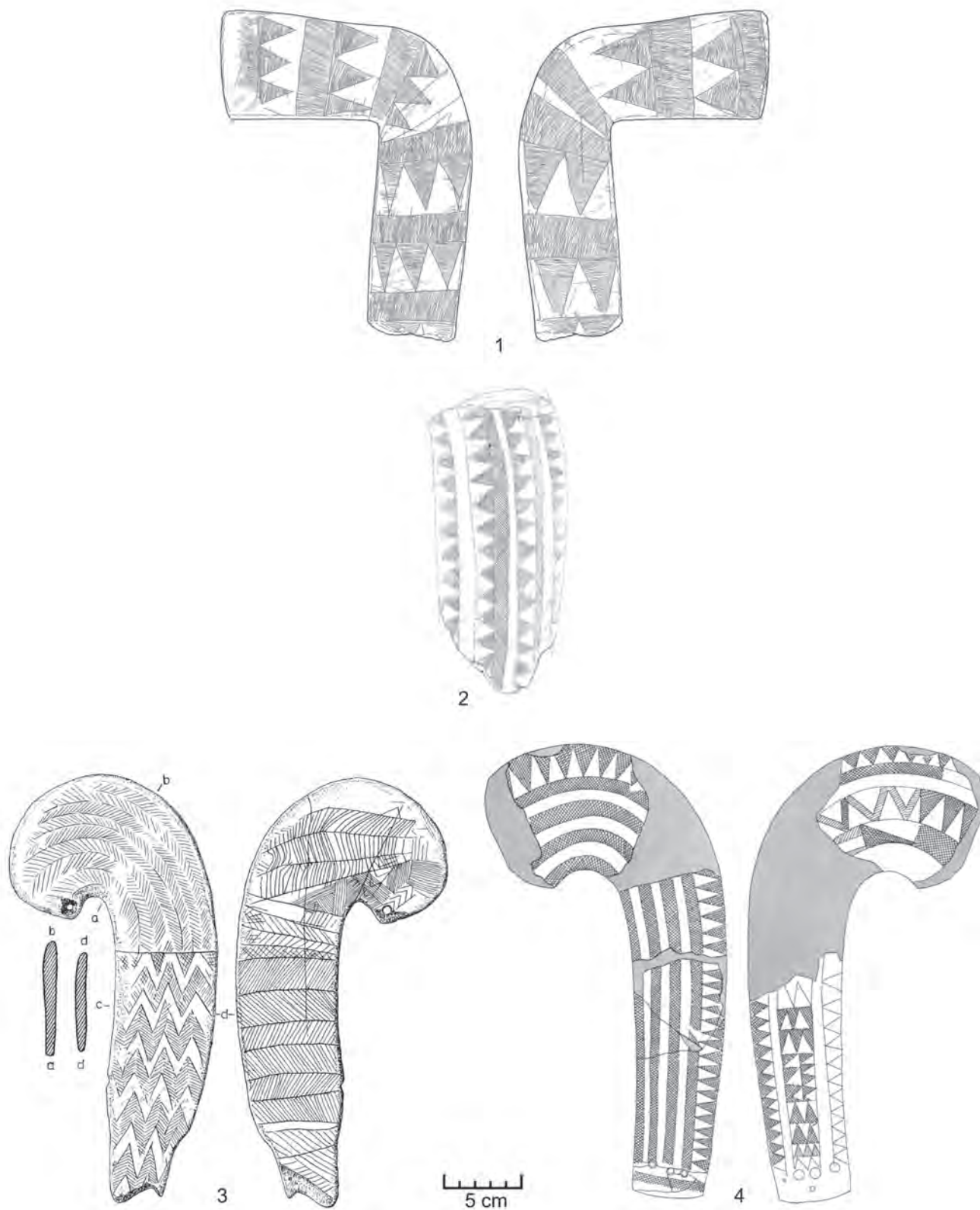


Fig. 8 – “Báculos” do domínio atlântico, Grupo 4 da classificação do autor. 1 e 2 – da Lapa da Galinha (Alcanena); 3 – do dólmen da Estria (Sintra); 4 – da Casa da Moura (Óbidos). 1, seg. HELENO, 1942, Fig. 4 e 5, mod.; 2, desenho inédito, de F. Martins; 3, seg. LEISNER, 1965, Tf. 57, n.º 3); 4, seg. CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 58).



Fig. 9 – “Báculos” do domínio atlântico, Grupo 4 da classificação do autor. 1 – da Lapa da Galinha (Alcanena);
2 – do dólmen da Estria (Sintra). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 10 - "Báculo" do domínio atlântico, Grupo 4 da classificação do autor, da gruta da Casa da Moura (Óbidos).
Fotos de J. L. Cardoso.

equivalente em raros exemplares alentejanos como um fragmento oriundo da Anta Grande da Comenda da Igreja (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, 1, 82). No entanto, na área correspondente à “cabeça” do “báculo”, tal padrão desenvolve-se de forma desorganizada, reflectindo a dificuldade do gravador em preencher com equilíbrio e regularidade o campo curvilíneo a decorar, sugerindo um produto local, em nada comparável às produções alentejanas, onde a regularidade dos padrões decorativos é evidente.

Enfim, o terceiro exemplar corresponde ao exemplar da Lapa da Galinha, que esteve na origem deste estudo (Fig. 2, à esquerda; Fig. 8, n.º 1). Neste caso, ambas as faces exibem padrões decorativos semelhantes, constituídos por triângulos invertidos apoiados em barras igualmente preenchidas interiormente, que se dispõem transversalmente ao corpo do exemplar, particularidade decorativa que não se enquadra em nenhum dos grupos alentejanos anteriormente considerados (HELENO, 1942, Fig. 4 e 5). Dada a homogeneidade decorativa observada, é o único exemplar que se afigura plausível que corresponda a decoração executada de uma única vez, de cunho regional, conclusão reforçada pelas características únicas do suporte, que não se confunde com nenhum dos exemplares alentejanos. Com efeito, ao contrário destes, a parte superior, correspondente à “cabeça”, que faz ângulo recto com o “cabo”, enquanto nas produções alentejanas, ao cabo sucede-se, em perfeita continuidade, uma “cabeça” acentuadamente curvilínea. Foi esta realidade que foi valorizada por Manuel Heleno na atribuição deste exemplar à representação do machado encabado, por ele considerado como o protótipo desta série de produções, com expressão quase exclusivamente limitada ao território português.

Em conclusão, o acentuado particularismo decorativo e morfológico evidenciado pelos quatro báculos do domínio atlântico ora estudados é condizente com realidade já identificada no respeitante a um conjunto peculiar de placas e xisto decoradas pertencentes a esta mesma região, indicando uma reinterpretação, por parte das populações ocidentais, das peças que lhes chegavam do interior alentejano, por via do comércio transregional (CARDOSO; MEDEIROS & MARTINS, 2018).

5 – DISCUSSÃO

Manuel Heleno tomou como critério determinante para a associação da peça da Lapa da Galinha por ele publicada à representação simbólica do machado o desenvolvimento ortogonal da “cabeça” relativamente ao “cabo”, que não se observa em mais nenhum exemplar, e também a secção do suposto gume, que seria semelhante à secção de um gume de machado de pedra polida, dos vários recolhidos na mesma necrópole, conforme procurou demonstrar no referido artigo (HELENO, 1942, Fig. 3).

Por outro lado, a antiguidade dos espólios associados a esta peça, fariam deste exemplar um modelo arcaico, de onde teriam evoluído os exemplares de contornos mais curvilíneos, considerados por Manuel Heleno mais modernos. Este raciocínio não deixa de ser sugestivo, recorrendo para o efeito o autor a dois exemplares, por ele exumados em dólmenes alentejanos e que corporizariam a referida evolução: um da Anta 4.^a dos Gualões (Arraiolos) e outro da Anta Grande da Lobeira de Baixo (Montemor-o-Novo) (Fig. 2). No entanto, este raciocínio tem fragilidades, desde logo sublinhadas por Georg e Vera Leisner, ainda que globalmente concordassem com a interpretação de Manuel Heleno relativamente às peças em causa corresponderem à representação simbólica do machado (LEISNER & LEISNER, 1951). Muito mais tarde, tal interpretação foi também seguida por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1985). As limitações a esta fundamentam-se no próprio exemplar em causa: por um lado, tratando-se de peça única, dificilmente se poderia considerar como protótipo

de uma qualquer evolução, susceptível de assumir natureza generalizada, com a agravante de ocorrer numa região geograficamente muito afastada do núcleo de dispersão destas peças (CARDOSO, 2021, Fig. 5), por conseguinte mais plausível de corresponder ao foco original das mesmas. Também o argumento cronológico não colhe porque, sendo os espólios associados a este exemplar predominantemente do Neolítico Final, nada sugere que o mesmo seja mais antigo que a generalidade dos seus homólogos, integráveis na mesma etapa cronológico-cultural.

Na procura do significado dos “báculos”, importa ter presente as informações fornecidas pela arte esquemática neolítica e calcolítica. Assim, em monumentos megalíticos foram identificadas representações insculptadas morfologicamente bem diferenciadas, tanto de machados como de “báculos”, tal qual se observa, com grande abundância, nos dólmenes da Bretanha (PÉQUART; PÉCQUART & Le ROUZIC, 1927), onde por vezes ocorrem, lado a lado, no mesmo painel insculptado, como é o caso de um dos esteios que integram o notável dólmen da Table des Marchands (op. cit. Table Pl. 41) (Fig. 11). Assim sendo, tudo indica que se tratam de duas representações de objectos distintos, sem esquecer, no entanto, que algumas insculpturas rupestres parecem associar simultaneamente a forma do machado encabado à de um cabo curvo, semelhante a báculo, cuja funcionalidade não é evidente, conforme se evidencia no dólmen de Soto e no de Alberite II (BARROSO-BERMEJO, 2021, Fig. 5.3) (Fig. 12).

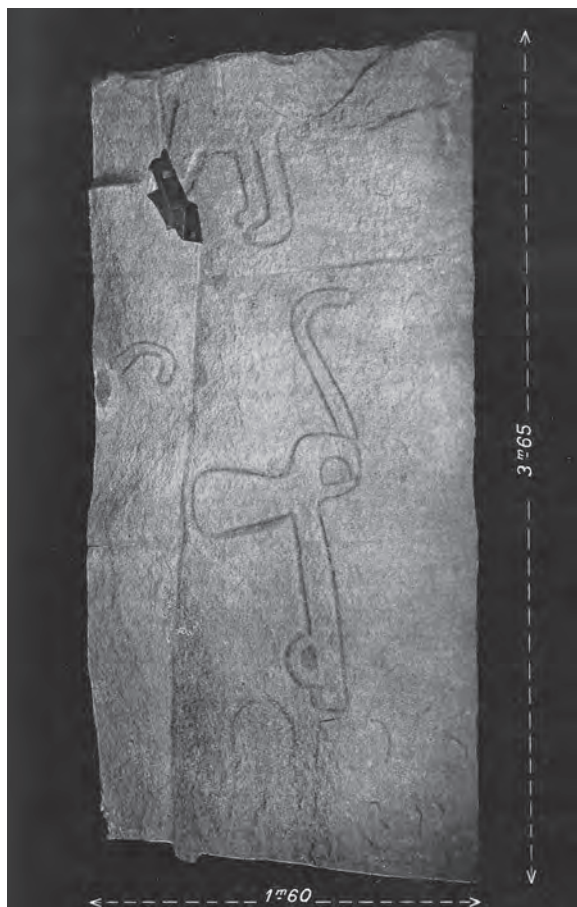


Fig. 11 – Representação de “báculos” e do machado encabado num dos ortóstatos do dólmen de Table des Marchands, Bretanha (PECQUART; PECQUART & Le ROUZIC, 1927, Pl. 41)



Fig. 12 – Representações de machados encabados em dólmenes peninsulares. Em cima: Dólmen de Soto. Em baixo: Dólmen de Alberite II (BARROSO-BERMEJO et al, 2021, Fig. 5.3, modificado).

Fica assim demonstrada a importância simbólica não só do machado, tão bem evidenciada na arte rupestre megalítica, para além de objectos de carácter simbólico, expressivamente corporizados pelas miniaturas em rochas raras, como a fibrolite, conhecidas no território português desde o Neolítico Antigo (LEITÃO; CARDOSO & MARTINS, 2021, Fig. 83, n.º 2) como também dos “báculos”. Os machados, ou as suas representações, simbolizariam a importância da economia agrária neolítica, visto estarem funcionalmente associados à desflorestação para a instalação de campos agrícolas, de cujo cultivo dependia cada vez mais a vida, sendo ao mesmo tempo símbolos de poder e domínio sobre a natureza e atributos relacionado com a fertilidade, princípio natural cada vez mais relacionado com a sobrevivência do grupo.

Já no respeitante ao significado dos “báculos”, as interpretações não são tão evidentes. Nalguns casos, as representações insculturadas ocorrem às dezenas, como as observadas no já mencionado dólmen bretão da Table des Marchands ((PÉQUART; PÉCQUART & Le ROUZIC, 1927, Pl. 39) (Fig. 13), em grupos organizados; noutros casos, surgem isoladas, como é o caso do pequeno “báculo” pintado a ocre vermelho no esteio de cabeceira do dólmen de Antelas, Oliveira de Frades (FERREIRA; VIANA & CASTRO, 1957, Fig. 4). Podem ainda assumir distribuição desorganizada, ocorrendo em recintos rituais, como é o caso do menir 57 do cromeleque dos Almendres, Évora (GOMES, 1994, Fig. 11) (Fig. 14). A conotação do “báculo” às forças da natureza



Fig. 13 – Esteio da cabeceira do dólmen de Table des Marchands, Bretanha, totalmente decorado com “báculos” (PECQUART; PECQUART & Le ROUZIC, 1927, Pl. 39).



Fig. 14 – Parte superior do menir 57 do cromeleque dos Almendres, Évora. (GOMES, 1994, Fig. 11). A largura na base mede 1,0 m.

encontra-se claramente expressa no menir da Bulhoa, Reguengos de Monsaraz (Fig. 15), onde se observa um báculo isolado, em baixo relevo, encimado pelo Sol, ao qual parece ligar-se por linhas onduladas, que podem representar a própria energia associada às duas representações. Esta associação encontra a sua expressão mais notável, no que respeita ao território português, na inscultura a picotado identificada na estação São Simão (Nisa), pertencente ao complexo de arte rupestre do Tejo, na qual os raios solares foram substituídos por um conjunto radiado destes corpos curvilíneos (GOMES, 2003, Fig. 184F) (Fig. 16), sem dúvida simbolizando a emanação da vida.

Deste modo, a associação do “báculo” à força regeneradora que gera a vida parece evidente, assim se explicando a sua ocorrência tanto em monumentos públicos, como s menires e cromeleques, relacionados com os cultos agrários, como em monumentos funerários, onde também estaria sempre presente o mesmo princípio vital e ao mesmo tempo regenerador.

Face ao exposto, os machados insculturados teriam uma simbologia próxima da dos “báculos”. No limite, ambas as representações poderiam reportar-se a um mesmo objecto – o machado – mas com graus de estilização distintos, não fossem as observações abaixo apresentadas, que inviabilizam esta hipótese.

As representações curvilíneas tanto as insculturadas, como as produzidas em placas de xisto de contorno recortado têm, de há muito, sido designadas por “báculos” palavra que evoca a sua forma encurvada, semelhante aos báculos episcopais, ou aos cajados dos pastores. Contudo, facilmente se conclui, pelos exemplares de xisto, que tal designação não lhes é adequada. Mesmo admitindo serem peças votivas que reproduziam artefactos simbólicos, utilizados em cerimónias da vida quotidiana, que, por serem eventualmente de madeira, não se conservaram, verifica-se que seriam manipuladas pela extremidade inferior, como tão bem evidencia o exemplar recolhido por Manuel Heleno na anta 4 da Herdade das Antas (Montemor-o-Novo) (Fig. 17, n.º 23). Com efeito, este exemplar, sem dúvida o mais notável de todos, possui um remate na extremidade inferior do chamado “cabo”, destinado a assegurar o seu empunhamento e manuseio, que não se confunde com o uso dado ao cajado ou ao báculo da actualidade, munido de um longo cabo que se apoia no chão. Estas seriam, ao contrário, peças tidas na mão. Considerando o facto de todos os exemplares alentejanos conhecidos, com excepção de um, possuírem apenas uma das faces decoradas, e tendo ainda em consideração a informação de Manuel Heleno de que na escavação da Anta Grande (ou Anta 2) da Lobeira de Baixo, Montemor-o-Novo se recolheu exemplar (Fig. 2, à direita; Fig. 17, n.º 22) apoiado no esterno do inumado e por ele empunhado (HELENO, 1942, p. 462), partindo do princípio que este era dextro, conclui-se, tendo também em consideração a orientação do remate patente no exemplar acima referido, que o gume útil, na hipótese



Fig. 15 – Menir da Belhòa, Reguengos de Monsaraz. (CARDOSO, 2002, Fig. 154).

destas peças reproduzirem artefactos funcionais, teria forçosamente de corresponder ao bordo longitudinal convexo, e não à extremidade distal, que seria a utilizada no caso de corresponderem à reprodução de machados, como admitiu Manuel Heleno. Esta evidência é condizente com a atribuição destas peças à reprodução de machetes (FERREIRA & LEITÃO, 1981) com base em exemplares de sílex conhecidos em contextos egípcios pré-dinásticos (Fig. 18), hipótese que foi ulteriormente admitida por outros (BRANDHERM, 1995). Estar-se-ia, pois, perante uma arma de grande eficácia, que poderia ser considerada como um símbolo de prestígio e de poder, só utilizada por alguns elementos da comunidade. Esta hipótese é corroborada pela escassez dos “báculos” em contextos funerários, mesmo nas regiões alentejanas de maior incidência, comparativamente à frequência das placas de xisto, suas congéneres, excepto na forma. A ser assim, os báculos seriam a reprodução de uma arma, só utilizada pelo segmento da sociedade de maior prestígio, e por isso reproduzida em oferenda funerária que acompanharia no túmulo apenas aqueles elementos, ao contrário das placas de xisto, que integravam os elementos da comunidade de menor prestígio social.

A referida interpretação funcional possui ainda outros argumentos a seu favor: é de reter a existência de um artefacto votivo de calcário proveniente de uma das grutas artificiais Carenque (HELENO, 1933, Fig. 19), que bem poderia corresponder à uma variante da representação do machete, munido no seu bordo cortante de lâminas de sílex, encastoadas no cabo de madeira (Fig. 19); com efeito, a representação destas lâminas ou pontas duras poderia corresponder ao friso de triângulos incisos, preenchidos interiormente, que acompanham o bordo convexo de muitos exemplares, explicitamente representados nos dois únicos exemplares conhecidos que possuem o bordo recortado: o já acima referido da Anta 4 da Herdade das Antas, a que se soma um outro exemplar, muito pouco conhecido, recolhido na anta a Oeste do Vale das Antas, Montemor-o-Novo (CARDOSO, 2021, Fig. 10, 1), visto ter sido até ao trabalho do autor de síntese sobre estes enigmáticos artefactos (CARDOSO, 2021, Fig. 10, n.º 1) ter sido apenas publicado por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1985).

6 – SÍNTESE CONCLUSIVA

Este estudo tomou como ponto de partida um “báculo” do Neolítico Final, de xisto, pertencente ao conjunto dos objectos ideotécnicos impropriamente assim designados. Recolhido antes, ou no decurso das escavações executadas em 1908 na Lapa da Galinha (Alcanena) por José de Almeida Carvalhais, funcionário do então Museu Etnológico Português, deu entrada no Museu de Santarém, tendo depois sido cedido, a título definitivo,



Fig. 16 – Inscultura a picotado da estação rupestre de São Simão, Nisa (GOMES, 2003, Fig. 184 F).



Fig. 17 - “Báculos” de xisto alentejanos (in LEISNER & LEISNER, 1959). 1 - Olival da Pega 1 (Tf. 40, 1); 2 - Olival da Pega 1 (Tf. 40, 1); 3 - Olival da Pega 1 (Tf. 40, 1); 4 - Anta 1 do Passo (Reguengos de Monsaraz, Évora), (Leisner & Leisner, 1959. Tafel 39, 4); 5 - Anta 1 do Passo (Tf. 39, 4); 6 - Anta 1 do Passo (Tf. 39, 4); 7 - Jazigo de Alcarapinha (Tf.11, 1, n.º 97); 8 - Cebolinho 1 (Tf. 39, 5); 9 - Anta da Velada (Tf. 28, 1, n.º 50); 10 - Anta da Cabeça (Tf. 3, 3, n.º 3); 11 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 80); 12 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 82); 13 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 81); 14 - Anta Grande da Comenda da Igreja (Tf. 27, 1, n.º 79); 15 - Martim Afonso (Tf. 44, 12, n.º 2); 16 - Vale de Rodrigo (Tf. 42, 1, n.º 31); 17 - Vale de Rodrigo (Tf. 42, 1, n.º 32); 18 - Boudanha (Tf. 8, 5, n.º 3); 19 - Horta Velha do Reguengo (Tf. 9, 6, n.º 18); 20 - Comenda 2 e *tholos* da Comenda (Tf. 39, 2); 21 - Caeira 7 (Tf. 30, 8, n.º 16); 22 - Anta Grande da Lobeira de Baixo (Tf. 29, n.º 25); 23 - Anta da Herdade das Antas (Tf. 29, n.º 26); 24 - Anta 1 ou Anta 4 dos Gualões (Tf. 29, n.º 27); 25 - Brissos 6 (Tf. 22, 1, n.º 34); 26 - Anta da Marquesa (Marvão, Portalegre), (Tf. 4, 5, n.º 12).

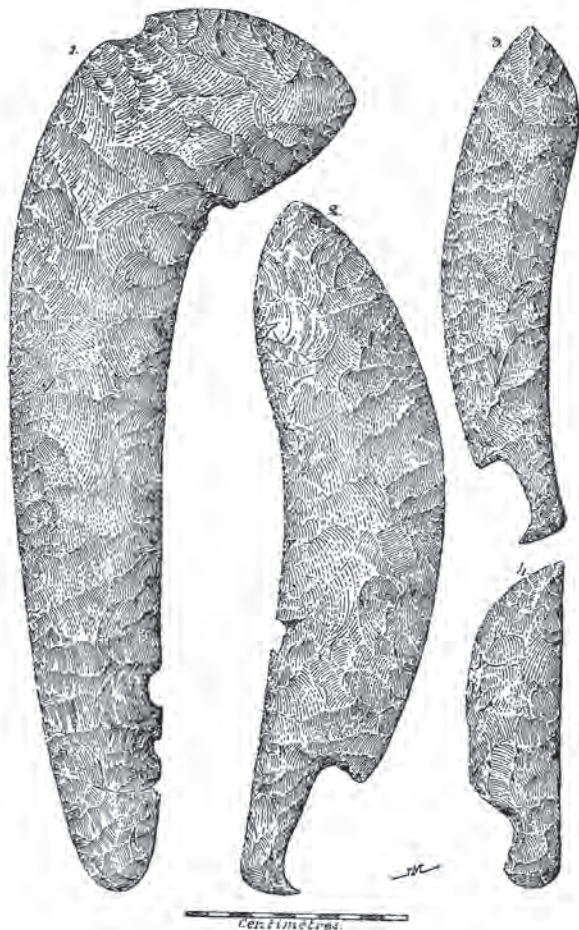


Fig. 18 – Machetes em pedra lascada bifaciais de Messawiyeh (MORGAN, 1926, Fig. 191).

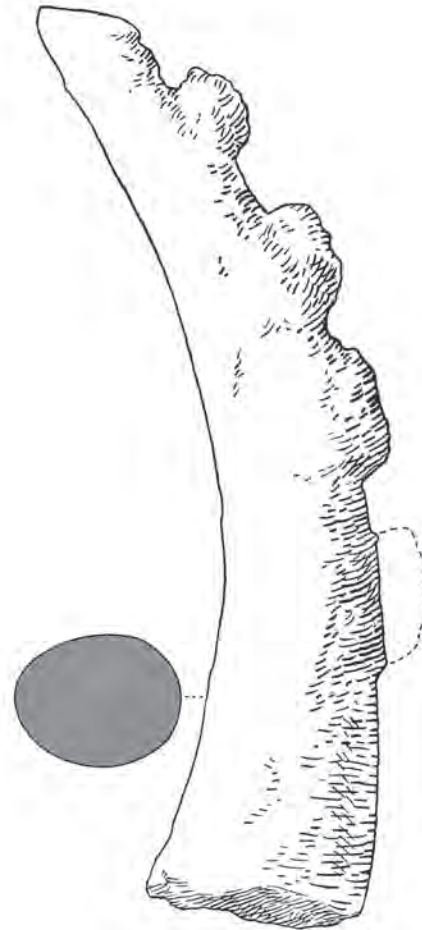


Fig. 19 – Peça votiva de calcário das grutas artificiais de Carenque, Amadora, representado possivelmente uma arma munida de lâminas de sílex engastadas no cabo de madeira. Comprimento – 26 cm (HELENO, 1933, Fig. 19).

ao Museu Nacional de Arqueologia, onde presentemente se encontra, a pedido do seu então Director, Manuel Heleno, autor do primeiro estudo que lhe foi dedicado.

À possibilidade de os “báculos” – que, por comodidade, e na ausência de uma alternativa consensual, poderão continuar a ser assim designados – representarem o machado encabado, conforme defendeu o referido autor, e uma vez apresentada esta a impossibilidade, por argumentos expostos neste estudo, avulta a hipótese de corresponderem à reprodução simbólica de uma arma ofensiva, representando o prestígio e o poder, cuja existência é provável no quadro de uma sociedade em fase acelerada de complexificação e de diferenciação social, na transição do 4.º para o 3.º milénio a.C.

Em qualquer caso, os “báculos”, tanto na forma de representações rupestres, sejam insculturadas, sejam pintadas, como em peças de contorno recortado, via de regra exemplares de xisto, podem corresponder a artefacto puramente simbólico, utilizado em cerimónias cultuais. Tais representações denunciam uma clara associação à vida e à força regeneradora a ela associada, como a fertilidade ou a fecundidade, estando presentes tanto em ambientes funerários, como rituais, onde aqueles princípios seriam cultuados. A presença de exemplares miniaturais, com furo de suspensão e desta forma utilizados como pendentis de significado apotropaico sublinham de forma expressiva a função associada a estas peças.

Os “báculos” de contorno recortado acantonam-se quase exclusivamente no território português sendo, por conseguinte, uma produção característica do megalitismo alentejano, de cronologia situável nas últimas centúrias do 4.º milénio a.C., com prolongamento pelos primórdios do milénio seguinte. Os exemplares compulsados em domínio atlântico, corroboram a sua origem alentejana, tendo sido objecto de reinterpretação iconográfica produzida localmente, exceptuando, precisamente, o exemplar da Lapa da Galinha que, tanto pela morfologia, como pela forma, sugere uma produção própria da região onde foi encontrado: daí o seu interesse, que esteve na origem deste contributo.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. António Matias, da Câmara Municipal de Santarém, por ter prontamente acedido ao pedido fotografar e desenhar o fragmento de báculo da Lapa da Galinha ali existente, devendo-se este último ao Mestre Filipe Martins.

Ao Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues pelo acolhimento amigo que me dispensou em Santarém, para proferir conferência, no dia 13 de Janeiro de 2022, na qual se inspirou o estudo ora publicado.

Ao Doutor António Valera por ter cedido a imagem do “báculo” de marfim dos Perdigões, agora reproduzida.

REFERÊNCIAS

- BARROSO-BERMEJO, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. & BALBÍN-BEHRMANN, R. (2021) – Megaliths and weapon representations: a view of the birth of Iberian warrior images. In Bettencourt, A. M. S.; Santos-Estévez, M. & Sampaio, H. A. (ed.), *Weapons and tools in rock art a word perspective*. Oxford & Philadelphia: Oxbowbooks, p. 87-102.
- BRANDHERM, D. (1995) – Os chamados “báculos” – para uma interpretação simbólico-funcional”. *1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993)*. Actas. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1, p. 89-94.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2021) – Os “báculos” das sociedades agropastoris do sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a.C.). In P. Bueno Ramírez & Jorge A. Soler Díaz (coord. cient.), *Ídolos Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional, p. 171-199.
- CARDOSO, J. L.; MEDEIROS, S. & MARTINS, F. (2018) – 150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 21, p. 57-69.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1928) – Nouveaux documents sur l’art préhistorique en Portugal”. *Révue Anthropologique*. Paris. 4/6, p. 169-176.
- FERREIRA, O. da VEIGA (1985) – Acerca dos enigmáticos “báculos” da cultura megalítica do Alto Alentejo”. *Arqueologia*. Porto. 12, p. 86-93.

- FERREIRA, O. da VEIGA & LEITÃO, M. (1981) – *Portugal pré-histórico seu enquadramento no Mediterrâneo*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- FERREIRA, O. da Veiga; CASTRO, L. A. & VIANA, A. (1957) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38 (2), p. 325-346.
- GOMES, M. Varela (1994) – Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português – trabalhos recentes estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. Varela (2003) – *Cromeleque dos Almendres – um monumento sócio-religioso neolítico. Relatório policopiado apresentado no âmbito das provas públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A. & PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 109-158.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chá (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1942) – O culto do machado no Calcolítico português. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 461-464.
- KALKER, D. S. (2020) – *Revisitar a Lapa da Galinha (Alcanena, Santarém): as práticas funerárias no Maciço Calcário Estremenho (4.º e 3.º milénios a.n.e.)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber dr Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. (Römisch-Germanische Forschungen Band 17).
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber dr Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. (MadriderForschungen Band 1/2).
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldry for the Dead*. Austin: University of Texas Press.
- MANUPELLA, G.; BARBOSA, B.; AZERÊDO, A. C.; CARVALHO, J.; CRISPIM, J.; MACHADO, S. & SAMPAIO, J. (2006) – Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. *Notícia explicativa da folha 27-C (Torres Novas)*. Lisboa: Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- MORGAN, J. de (1926) – *La Préhistoire orientale*. 2. Paris : Paul Geuthner.
- PÉQUART, M; PÉQUART, S.-J. & Le ROUZIC, Z. (1927) – *Corpus des signes graves des monuments mégalithiques du Morbihan*. Paris : Picard.
- PEREIRA, F. A. (1908) – Chronica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 13, p. 382-384.
- SÁ, M. C. M. (1959) – A Lapa da Galinha. *1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 117-128.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge Band 7).
- TORRES, J. A. (1909) – Archeologia portuguesa. *A Ilustração Portuguesa*. Lisboa. 174, p. 789-794.
- VALERA, A. C. (2020) – Interação e recursos exóticos na Pré-História Recente: a circulação e consumo de marfim em Portugal”. In Vilaça, R. & Aguiar, R. S. (coords.), *(I)mobilidades, recursos, objectos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 135-181.
- VICENTE, E. P.; ANDRADE, G. M. & DIAS, V. M. R. (1974) – Uma jazida pré-histórica no vale do Sorraia. *3.º Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973)*. Actas. Lisboa: Junta Nacional da Educação, 1, p. 191-204.

O CASAL DO CLÉRIGO (CASCAIS) ENTRE O SÉCULO V E O SÉCULO X

THE CASAL DO CLÉRIGO (CASCAIS) BETWEEN THE 5TH AND 10TH CENTURIES

Guilherme Cardoso¹ & Luísa Batalha²

Abstract

The reduction of the trading between Olisipo and the other cities of the Roman Empire forced a readjustment of the population of the *ager Olisiponensis* to an economy of subsistence.

Located in the countryside along the old Roman road from Oeiras to Sintra, the villa of Clérigo is one of the regional examples of the profound social changes operated between the V century and the X century, an alteration verifiable through the traces of the cultural material left by the residents of that period.

Keywords: Roman Villa; Late Antiquity; Pottery; Metals; Casal do Clérigo

1 – INTRODUÇÃO

O sítio do Casal do Clérigo revela importante diacronia de ocupação, documentada entre os séculos V-X, período correspondente à Antiguidade Tardia e Alta Idade Média.

Trata-se de um sítio arqueológico com evidências materiais que nos reportam para o século I d.C., comprovando a existência de uma *villa* romana, bem como a via que lhe dava acesso (Oeiras – Sintra).

As condições favoráveis que levaram à sua edificação, comprovadas pela vasta área de terrenos férteis existentes no seu entorno (320 hectares), a par de outras *villae* que têm lugar no *Ager Olisiponense* (CARDOSO, 2018 a, 54 e 55; Fig. 22) obrigam a repensar questões de ordem económica, no que ao abastecimento de bens de consumo diz respeito no período romano, e subsequentemente, as alterações produzidas no território aquando da desestruturação do Império.

O sítio arqueológico do Casal do Clérigo foi identificado em 1989, através de diversos vestígios: um fuste de coluna, um fragmento de peso de lagar, bem como fragmentos de telhas, tijolos e cerâmica comum que abundavam à superfície do terreno.

Em entrevista que efectuámos a António Clérigo, nascido no antigo Casal do Clérigo, foi-nos transmitido que, durante décadas, perto da estrada Manique – Trajouce, existiu uma inscrição romana que entretanto

¹ CAL (Centro de Arqueologia de Lisboa/CML); Associação Cultural de Cascais. gijpcardoso@gmail.com

² Associação Cultural de Cascais. batalhaluisa5@gmail.com

desaparecera. Informou-nos ainda, que, segundo os seus avós, o antigo caminho rural existente no centro do sítio arqueológico, correspondia à antiga “carreira” de Oeiras – Sintra, por onde o rei costumava passar no seu coche. Tratava-se certamente da antiga via romana, que aproveitou o afloramento calcário daquela área para a sua construção e que serviu até aos finais do século XIX (Fig. 1).

Posteriormente, a propriedade foi vendida à firma de construção civil, Américo Santos, Lda, que pretendia proceder à urbanização do local. Uma das condicionantes por parte da edilidade municipal foi a de se proceder a escavações arqueológicas prévias, nas áreas onde se localizavam grandes manchas de vestígios arqueológicos superficiais.

A escavação foi executada pela Associação Cultural de Cascais, sob a responsabilidade de José d’Encarnação e Guilherme Cardoso, inserida no Projecto “*A Ocupação Romana no Concelho de Cascais*”. Os trabalhos iniciaram-se em 1996, com a abertura de diversas valas de diagnóstico, na envolvente da citada via romana, a oriente da “vacaria do Canas”, onde foram detectadas estruturas romanas, bem como da Antiguidade Tardia e do período Islâmico.

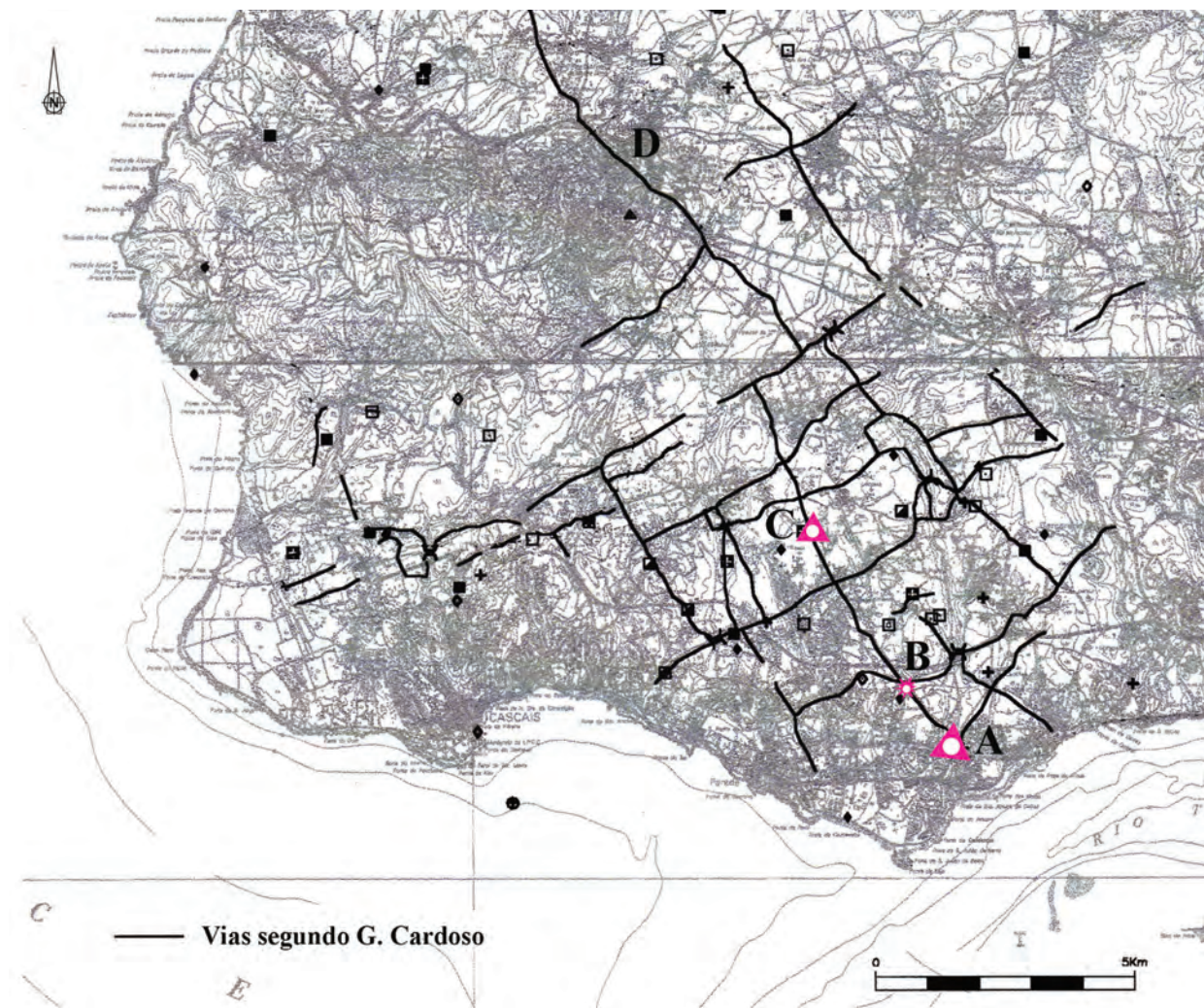


Fig. 1 – Vias dos concelhos de Cascais, Oeiras e Sintra. A, Oeiras; B, necrópole islâmica do Arneiro; C, Casal do Clérigo; D, Sintra.

A intervenção arqueológica, levada a cabo em 1997, após sondagens de prospecção naquela área, resultou na descoberta de um espaço correspondente à *pars urbana*, a Oeste da via, no qual surgiram tesselas, numismas e alguns fragmentos de cerâmica, enquadráveis no momento de fundação da *villa*, dado que se insere em cronologia do século I d.C., prolongando-se a sua ocupação até ao período Islâmico. A Este do traçado viário, encontraram-se vestígios de estruturas romanas, uma sepultura tardo romana e uma cabana de cronologia islâmica, na qual, junto ao solo, na sua periferia sul e poente, era possível observar alguns buracos de poste, acima de um fundo em fossa, completamente colmatado por uma grande potência estratigráfica, composta maioritariamente por cinzas, fragmentos cerâmicas e raras pedras (Fig. 5). Associada a este contexto foi exumada considerável quantidade de espólio cerâmico, o qual permitiu a sua datação.

Para além destas estruturas, foram também escavadas duas sepulturas com ausência de materiais, o que pressupõe tratar-se de deposições Tardo-antigas, uma vez não apresentarem espólio associado. Contudo, é possível que se tenha verificado um hiato de ocupação, uma ausência de memória quanto a esta funcionalidade, na medida em que, uma das sepulturas foi utilizada como lareira.

2 – ANTIGUIDADE TARDIA E A ALTA IDADE MÉDIA: O ESTADO DA QUESTÃO

Quando se coloca a questão do estudo do período que abrange a queda do Império Romano do Ocidente, em 476, até à centúria de setecentos – e conseqüentemente a ocupação do território por um novo invasor – falamos inevitavelmente de questões estruturais a nível social e económico que se reflectiram por todo o território, condicionando e alterando as vivências das populações (TEJERIZO GARCÍA, 2016). Em relação a estas, maioritariamente dispersas em meio rural, carecemos de informação por ausência de documentação escrita. Uma limitação só possível de ultrapassar através das evidências arqueológicas, assentando estas na cultura material e estruturas construtivas, muitas vezes condicionadas pela reutilização de materiais “desviados” das *villae*, parcial ou efectivamente desactivadas. São estes os únicos elementos a partir dos quais a arqueologia se debruça para tentar fazer a história daqueles a quem a mesma história não deu voz, problemática que nem sempre facilita o trabalho do investigador.

A perspectiva macroterritorial na qual se insere este trabalho, pretende fazer luz sobre o tipo de ocupação no território de Cascais. Os contextos rurais entre os séculos V-VIII têm oferecido dificuldades de datação aos investigadores em território espanhol, tal só foi possível mediante o estudo exaustivo das cerâmicas, em articulação com a análise estratigráfica bem documentada (TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 230).

Sobre a questão da metodologia utilizada na obtenção das datações dos materiais, elegemos para o efeito as referências de Afonso Vigil Escalera-Guirado (2013, p. 12), na qual se apresentam os principais factores que têm condicionado a obtenção de cronologias para os conjuntos cerâmicos:

- Datação dos materiais pelos próprios materiais em virtude de ausência estratigráfica sequencial.
- Os conjuntos cerâmicos resultam de contextos escavados, aos quais são atribuídas amplas cronologias, por norma, localizadas entre os séculos V-VII/VIII, avançando até ao período Emiral/Califal (séc. IX-X).

Para Escalera-Guirado (2012, p. 12), esta problemática contribui para que as cerâmicas deixem de ser úteis como instrumento de datação, dificultando a narrativa arqueológica do ponto de vista social para o período em análise, ao aglutinar as formas materiais em tão ampla cronologia. Por outro lado, há que ter em conta a fase tardia em que se deu início aos estudos destes conjuntos cerâmicos e a sua dependência em relação as

cerâmicas romanas, concretamente a utilização da *terra sigillata* como fósil director (LARRÉN *et al.*, 2003, p. 273-278, *apud* TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 231).

- O facto de ter sido atribuído maior relevância às cerâmicas de “luxo” ou “finas”, em relação às “cerâmicas comuns”.
- Os critérios morfotipológicos prevaleceram, procurando a partir dos mesmos estabelecer fósseis directores, ignorando outros factores, tais como os tecnológicos ou estratigráficos, excepção em relação aos trabalhos de Vigil Escalera Guirado e por nós igualmente consultados (2003, 2006, 2007).
- Factores históricos poderão igualmente contribuir para a análise tipológica, e sua relação com as cronologias de outros sítios arqueológicos.
- O estudo de pequenos conjuntos cerâmicos, normalmente inferior a 200 fragmentos, excepto os trabalhos de síntese que reúnem estudos de conjuntos diferentes de uma região (LARRÉN *et al.*, 2003, *apud* TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 231).
- Inexistência de crítica arqueológica sobre a origem dos materiais, técnicas e registo.
- Ausência de análises arqueométricas.
- Por último, verifica-se uma lacuna em relação à análise social inerente à cerâmica. Para além da classificação dos conjuntos, verifica-se uma ausência de “reflexão teórica” na área de estudo (MORELAND, 2010, *apud* TEJERIZO GARCÍA, 2016, p. 231).

Em território Português tem sido difícil realizar trabalhos nesta área, dado que não possuímos estudos aprofundados que privilegiem especificamente áreas de ocupação referentes a este período.

Mais uma vez são as cerâmicas finas que condicionam as datações, mas verificamos que o desconhecimento em relação à cerâmica comum de uso doméstico é gritante. Esta associação, pelo que temos observado em relação aos sítios por nós estudados, indica-nos que as análises estratigráficas que vemos muitas vezes divulgadas, não entram em linha de conta com as alterações antrópicas ocorridas nos locais intervencionados, o que manifestamente atribui, erradamente, falsas datações aos objectos em análise.

3 – O POVOAMENTO REGIONAL DA BAIXA PENÍNSULA DURANTE OS SÉCULOS V A XI

No início do século V verifica-se o declínio demográfico do *ager olisiponensis*. As *villae* entram rapidamente em decadência, deixando de ter obras de conservação, levando à derrocada dos telhados e paredes, transformando-se em ruínas, sendo estas reutilizadas de acordo com as parcas necessidades dos seus habitantes (Cardoso, 2018; Batalha *et al.*, 2009).

A antiga *villa* do Casal do Clérigo, localizada no planalto do Nordeste do município de Cascais, por onde passava a referida estrada que ligava Oeiras a Sintra tinha condições excepcionais para a lavoura e disso já demos notícia em vários artigos (ENCARNAÇÃO & CARDOSO, 2019, p. 96-97). As transformações verificadas nas áreas anteriormente existentes apontam para que o espaço tenha sido utilizado a partir do século V, a fim de dar apoio aos viajantes que percorriam aquela antiga via.

Por toda a área do concelho de Cascais e conselhos limítrofes se observa o abandono das estruturas que durante o alto e baixo-império, contribuíram para o desenvolvimento económico da região integrada no *ager*, sintomático em relação a outros espaços, com relevantes alterações no tecido social, conduzindo a uma nova orgânica administrativa e ideológica.

4 – TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO CASAL DO CLÉRIGO

Perante a necessidade de conservação do sítio arqueológico foram realizadas diversas valas de diagnóstico dos dois lados da antiga via.

Verificou-se então que existia uma significativa camada de terra negra no lado nascente e restos de muros e pisos de *opus caementicium* no seu lado poente.

Devido a anos de cultivo intenso do terreno e seu pendor, verificou-se, que no lado sul, as estruturas tinham desaparecido por completo, enquanto do lado norte laborou uma pedreira nos finais do século XIX, destruindo todos os vestígios mais antigos na área de extracção de pedra calcária, preservando, contudo, as estruturas que lhe estavam anexas em GO'-2 e HO'-1.

Durante a escavação do lado poente do sítio, foram identificadas as ruínas de um edifício romano com seis compartimentos, vários pisos atapetados por uma argamassa de cal, areia e pedra britada, bem como outros de terra batida, observáveis facilmente através do corte estratigráfico registado no lado oriental de HO'-1 (Fig. 4). Os pisos das salas foram nalguns casos reutilizados (Fig. 5 e 6), enquanto noutros pontos foi depositada uma camada de terra com materiais de várias épocas, sobre a qual foram erigidos os muros da última fase de ocupação (Fig. 7).

No canto SE do compartimento Sul, foi identificado um silo que tinha de boca 70/80cm e uma profundidade aproximada de 110cm. O seu interior estava colmatado com terra, pedra, muita telha, carvões e raros fragmentos de cerâmica comum islâmica. Ao nível do piso exterior, junto à boca, foram exumados dois bronzes romanos e um fragmento de anel em fita, de liga de cobre, decorado com motivos em linhas quebradas feitas a cinzel, datado do século V ou VI, com paralelo num exemplar recolhido em Castanheira do Ribatejo, na *villa* romana de Sub-Serra (MONTEIRO *et al.*, 2009: 146; CARDOSO & CARDOSO, 1995, 1995, p. 412, fig. 11), com datações atribuíveis entre os séculos IV e VII.

Verificou-se então que existia uma significativa camada de terra negra no lado nascente e restos de muros e pisos de *opus caementicium* no seu lado poente.

No ano seguinte foram realizadas escavações arqueológicas que revelaram, na quadrícula JO'-2 e JO'-4 (Fig. 2), vestígios de muros de uma habitação romana, parte de uma sepultura de época tardia, violada (Fig. 3), e uma cabana dos inícios do período Islâmico que teria servido de ferraria, onde foram recolhidos vários pedaços de escória de ferro, o que não é de estranhar, porque segundo a crónica da conquista de Lisboa, na cidade não faltavam ferreiros (ALVES, 1989, p. 34). No lado oposto da estrada, nas quadrículas GO'-2, GO'-4 e HO'-1, detectaram-se estruturas romanas apresentando má conservação, mas que revelaram tratar-se certamente de vestígios da construção da *pars urbana* de uma antiga *villa*. Sobre aquele espaço, após ser nivelado com recurso a terras com materiais arqueológicos de várias épocas, posteriormente foram construídos novos edifícios de paredes de pedra seca, de dupla fiada, já em época visigótica. Tal como se vem registando noutros locais, também no Casal do Clérigo se verificam alterações a nível de estratigrafia que nos impedem, em determinados sectores, fazer uma análise sequencial da mesma. A ocupação do sítio pelas comunidades, nos períodos Visigótico e Islâmico transformou certamente a estrutura edificada da *villa*, para tal contribuindo igualmente a construção da cabana de cronologia islâmica, em JO'-4 (Fig. 4-6), bem como o revolvimento dos solos com a utilização do arado nos trabalhos agrícolas. No sentido de obter uma cronologia fidedigna recorreremos a horizontes cronológicos, com base numa análise estratigráfica efectuada em sectores menos antropizados.

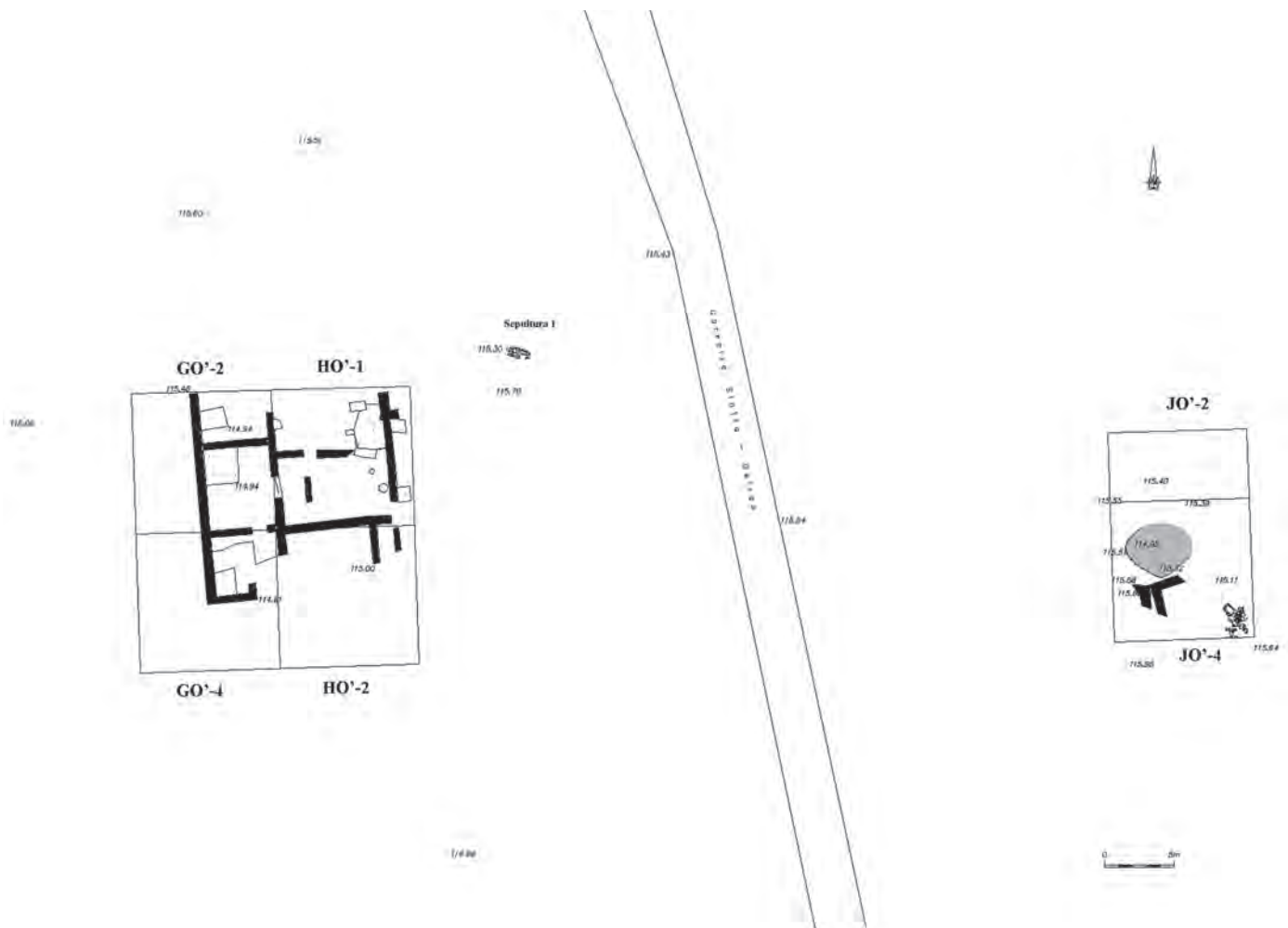


Fig. 2 - Planta das áreas escavadas com a antiga carreira Oeiras-Sintra ao meio.



Fig. 3 - Cerâmicas de produção manual e de cozedura redutora.

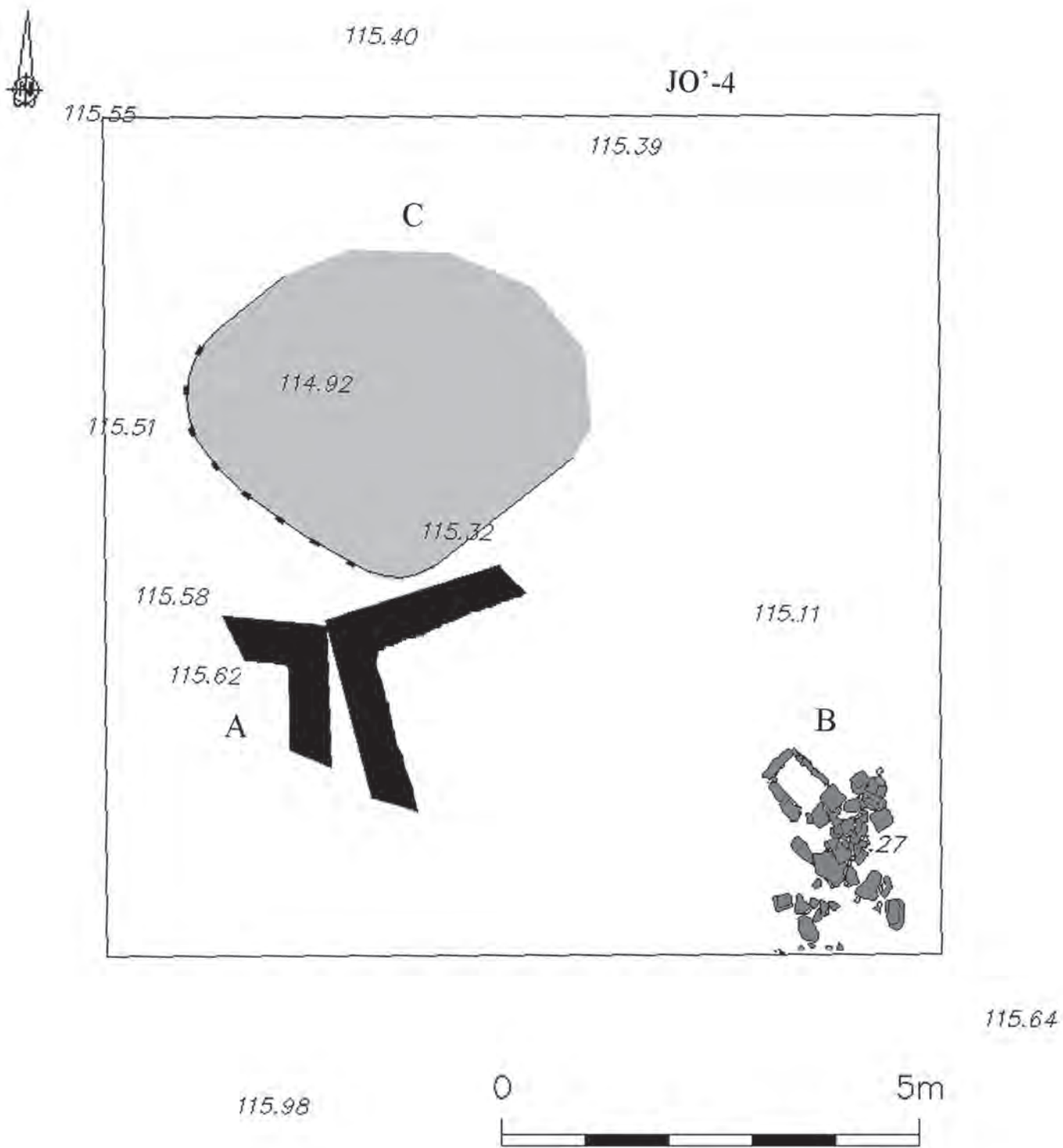


Fig. 4 - Planta de JO'4. A, muros romanos; B, sepultura 2; C, cabana.



Fig. 5 - Cabana.



Fig. 6 - Fundo de cabana. Do lado direito, em terceiro plano, observa-se vestígios dos muros romanos.

4.1 – Horizontes cronológicos

São seis os Horizontes Cronológicos identificados até ao momento no sítio arqueológico do Casal do Clérigo.

Horizonte 1 (dos meados do século I d.C. aos finais do século II d.C.): reconhecido através dos materiais arqueológicos, como sejam, *terra sigillata* e cerâmica comum, embora remobilizados.

Horizonte 2 (do século III d.C. aos finais do século V d.C.): são desta época as estruturas romanas observadas nos dois lados da via, correspondendo as do lado poente à área da *pars urbana*.

Horizonte 3 (dos inícios do século V d.C. a meados do século VI d.C.): desta época existem cerâmicas finas, cerâmica comum e ânforas exumadas da camada inferior, bem como remobilizadas nos estratos superiores.

Horizonte 4 (dos meados do século VI d.C. aos finais do século VII d.C.): são deste período as duas sepulturas escavadas e os materiais cerâmicos de produção local ou regional com técnicas de cozedura redutora.

Horizonte 5 (dos finais do século VII d.C. a meados do século IX d.C.): observou-se uma nova reestruturação das habitações, nivelamento dos antigos pisos através de enchimento com terra e construção de muros por cima. No lado nascente aprofundaram o terreno ao nível da sepultura ali existente, aproveitando parte das lajes para criarem uma fogueira e construída uma cabana para albergar uma ferraria. As cerâmicas, algumas de fabrico manual, na sua maioria encontram-se efectivamente nos estratos mais profundos, contudo, numa relação cronológica muito próxima das produzidas a roda lenta e rápida. Observa-se ainda, a presença de cerâmica importada, o que denota o fluxo de alguns bens de luxo circulando por esta via, nomeadamente no que concerne às cerâmicas finas.

Horizonte 6 (compreendendo os séculos IX e X): última fase de ocupação do sítio com o piso da ferraria. Este já se encontrava ao nível do solo exterior, aqui se podendo observar os buracos de poste para as vigas de suporte das suas paredes. As cerâmicas adquirem uma melhor qualidade, com algumas intromissões exógenas, mas são fundamentalmente de produção regional.

4.2 – A cerâmica

Os trabalhos de escavação realizados no Casal do Clérigo ofereceram um volume significativo de materiais cerâmicos, datados do período Romano, Visigótico e Islâmico.

Os artefactos apresentados são maioritariamente cerâmicos, pretendendo ser uma primeira abordagem ao estudo do vasto espólio resultante desta intervenção. Foi analisado um conjunto de 217 peças, das quais fazem parte cerâmicas finas, fragmentos de ânforas, abundante cerâmica comum e alguns metais.

Apesar da quase ausência de uma estratigrafia sequencial, o local ofereceu espólio cujas datações variam entre o Alto Império e a Idade Média.

A par da importante quantidade das cerâmicas de uso comum, registou-se igualmente a presença do considerável conjunto de cerâmicas finas, nomeadamente a Late Roman C Ware ou Cerâmica Focence Tardia (HAYES, 1972) (Fig. 7, n.ºs 5-21), evidenciando que a *villa* romana do Casal do Clérigo teria mantido ocupação durante o período da Tardo Antiguidade, neste caso o século VI, facto que, segundo refere Eurico Sepúlveda, se encontra relacionado com a dinâmica comercial, no escoamento de produtos entre o Império Romano do Oriente, através do Mediterrâneo e a faixa atlântica (SEPÚLVEDA, 2019, p. 105).

Abundam, do ponto de vista formal, as formas fechadas, constituídas fundamentalmente por potes, panelas e contentores de líquidos. Estes últimos surgem em grande quantidade, mas carecendo de elementos com perfil completo dificulta em alguns casos a sua classificação. Por outro lado, verificamos a ausência de púcaros

e pratos no serviço de mesa, facto que se poderá justificar pelo uso de objectos em madeira. Estes, por serem elaborados a partir de matérias perecíveis não chegaram até nós.

Neste conjunto apresentam-se também alguidares, almofarizes, taças, pratos covos, contentores de fogo e materiais de construção (telhas). Contamos ainda com fundos de panelas e de bilhas e elementos reaproveitados, de uso na actividade lúdica.

Os períodos do Alto e Baixo-império apresentam peças com cozeduras oxidantes, levantadas utilizando a técnica de roda rápida. A partir da segunda metade do século V, aumenta a percentagem de peças levantadas a roda lenta, facto que se mantém no Período Visigótico, mas em que se verifica simultaneamente um conjunto de exemplares levantados manualmente.

O facto de a partir da centúria de quatrocentos se observar na maioria dos casos uma diminuição da produção de cerâmica de cozedura oxidante estará, ao que tudo indica, relacionado com uma condicionante estética, facto não conclusivo para o estudo destes materiais, na medida em que se encontra por analisar um vasto conjunto de espólio. É possível que todos os tipos de cozeduras tenham coexistido, perdurando até à introdução de novas técnicas de fabrico, nomeadamente, grande percentagem de pastas claras, através das comunidades islâmicas. No entanto, pelo que nos é dado observar, o Casal do Clérigo apresenta, inclusive, produções locais, cujas características formais respeitam uma tradição sob influência do período visigótico em época Emiral. Temos vindo a verificar este fenómeno no decorrer do estudo de outros sítios arqueológicos na região de Cascais (CARDOSO & BATALHA, 2018), bem como em Oeiras, através de uma intervenção realizada na rua Marquês de Pombal, publicada recentemente (CARDOSO, CARDOSO & MARTINS, 2018; CARDOSO, *et al.*, 2021), realidade que se apresenta transversal ao território Peninsular, tendo, no entanto a considerar, especificidades de cariz regional resultantes de vários factores.

No que respeita à constituição das pastas cerâmicas, estas apresentam uma percentagem significativa se desengordurantes angulosos de calibre médio, maioritariamente micáceas e quartzosos, sendo as mesmas mal depuradas e friáveis, resultando em fabricos grosseiros, apresentando, acabamentos de superfície alisados, por vezes rugosos.

Foi ainda observado, que, à excepção das telhas, não se regista grande diversidade decorativa neste primeiro momento (BATALHA & CARDOSO, 2021, p. 167-170). As cerâmicas produzidas em período Emiral, bebendo muito de estética formal em modelos visigóticos, começa, timidamente, a apresentar pintura a barbotina e superfícies com nervuras.

Contudo, este estudo carece de carácter conclusivo. Somente a análise dos restantes materiais, a efectuar oportunamente, nos permitirá consolidar o conhecimento, com ilações sobre o tipo de comunidades, que, do ponto de vista social e económico ocuparam o espaço da antiga *villa* romana do Casal do Clérigo.

Descrição das peças

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
(Sup)	7	18	Ânfora / Almagro 51C	Roda rápida	Oxidante	IV-V		Cardoso, 2009a, p. 79
(Sup.)	10	15	Bico tubular	Manual	Oxidante	Período Islâmico	Barbotina	Cristóbal López, 2008, p. 437
GO'-2(2)	7	11	Hayes 3F/G	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
GO'-2(2)	8	8	Asa de jarrinho		Oxidante	IX-X	Pintura a manganês	Cristóbal López, 2008, p. 482
GO'-2(2)	8	58	Panela	Roda lenta	Oxidante	V-VII		Batalha <i>et al</i> (no prelo)
GO'-2(2)	9	21	Panela	Manual	Semi- redutora	V-VI		Riera <i>et al</i> , 1997, p. 49
GO'-2(2)	9	39	Prato	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
GO'-2(2)	9	48	Prato	Roda lenta	Semi- redutora	I-II		Vaz Pinto, 2003, p. 222
GO'-2(2)	9	53	Taça	Roda lenta	Oxidante	VII		Macias Solé, 1999, p. 87
GO'-2(2)	9	54	Taça	Roda lenta	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
GO'-2(2)	10	21	Ferradura de bovídeo		Metal	Indeter- minada		
GO'-4(1)	9	25	Indeter- minada	Roda rápida	Semi-redutora	VIII-X	Pintura a barbotina	
GO'-4(1)	9	26	Indeter- minada	Roda rápida	Oxidante	Período islâmico	Pintura a barbotina	
GO'-4(1)	10	17	Marca de jogo		Oxidante	Período islâmico		
HO'-1(Sul)	8	17	Asa		Semi-Redutora	Período visigótico		
HO'-1(Sul)	8	20	Base de taça	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 458

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(Sul)	8	21	Base de jarro	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 491
HO'-1(Sul)	8	22	Base de Jarrinho	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 463
HO'-1(Sul)	8	26	Jarro	Roda rápida	Oxidante	V		Tejerizo García, 2017, p. 509
HO'-1(Sul)	8	29	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	X		Azkarate <i>et al</i> , 2016, p. 205
HO'-1(Sul)	8	31	Panela	Roda rápida	Oxidante	X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182
HO'-1(Sul)	8	35	Taça	Roda rápida	Oxidante	VI-VII		Cardoso, 2018a, p. 349
HO'-1(Sul)	8	44	Base de bilha	Roda rápida	Oxidante	X		Cristóbal López, 2008, p. 482
HO'-1(Sul)	8	46	Jarrinho	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cristóbal López, 2008, p. 478
HO'-1(Sul)	8	54	Panela	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso, 2018a, p. 340
HO'-1(Sul)	9	6	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VII-IX		Batalha, 2009, p. 102
HO'-1(Sul)	9	7	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Alba Calçado, Santiago Feijoo, 2003, p. 495
HO'-1(Sul)	9	8	Panela	Roda rápida	Redutora	VII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'-1(Sul)	9	9	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-IX		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182
HO'-1(Sul)	9	34	Base de Panela	Roda rápida	Oxidante	VI		
HO'-1(Sul)	9	41	Prato	Roda rápida	Semi-redutora	V-VII		Batalha, 2009, p. 102

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(Sul)	9	42	Prato	Roda rápida	Semi-redutora	V-VI		Gaspar & Gomes, 2015, p. 854
HO'-1(Sul)	10	6	Alguidar	Roda rápida	Semi-redutora	IV-V		Vaz Pinto, 2003, p. 292
HO'-1(Sul)	10	7	Prato	Roda rápida	Semi-redutora	V-VI		Fernandez Fernandez, 2016, p. 94
HO'-1(Sul)	10	12	Pote?	Roda lenta	Redutora	V		Macias Solé, 1999, p. 106
HO'-1(Sul)	10	14	Bacia	Roda lenta	Semi-redutora	VI-VII		Macias Solé, 1999, p. 106
HO'-1(1)	8	39	Perfumador	Manual	Redutora	Período islâmico		S/ paralelo
HO'-1(1)	7	4	Hayes 3D	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
HO'-1(1)	7	12	Hayes 3H	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
HO'-1(1)	7	17	Foceense Indeterminada	Roda rápida	Oxidante			
HO'-1(1-2)	7	25	Jarro	Manual	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
HO'-1(1-2)	7	26	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
HO'-1(1-2)	7	27	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
HO'-1(1-2)	7	29	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VII-VIII		Mullor, A. L. <i>et al</i> , 2003, p. 50
HO'-1(1-2)	7	30	Asa jarro		Oxidante	Período visigótico	Decor. Puncionada	Tente & De Man, 2016, p. 63
HO'-1(1-2)	7	33	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 421 e 435

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'1(1-2)	7	35	Jarro	Roda lenta	Semi-oxidante	VIII-IX/X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
HO'1(1-2)	7	37	Jarro	Roda rápida	Redutora	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 421
HO'1(1-2)	7	38	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	IX-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
HO'1(1-2)	7	39	Jarro	Roda rápida	Redutora	X-XI		Cristobal Lopez, 2008, p. 490
HO'1(1-2)	7	40	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 436
HO'1(1-2)	7	41	Cântaro	Roda rápida	Oxidante	IX-X		Cristobal Lopez, 2008, p. 436
HO'1(1-2)	7	42	Panela	Roda lenta	Semi-oxidante	VII-VIII		Batalha <i>et al</i> (no prelo)
HO'1(1-2)	7	48	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX		Cristobal Lopez, 2008, p. 429
HO'1(1-2)	8	28	Jarro	Manual	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
HO'1(1-2)	8	30	Jarro	Manual	Semi-redutora	VII-VIII		Alba & Feijoo, 2003, p. 496
HO'1(1-2)	8	48	<i>Dolium</i>	Manual	Semi-redutora	VII-IX		Cardoso & Batalha, 2018, p. 174
HO'1(1-2)	8	41	Base indeterminada	Roda lenta	Redutora	Período visigótico		
HO'1(1-2)	8	45	Base de Bilha	Roda lenta	Redutora	Período visigótico		
HO'1(1-2)	8	57	Panela	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso, 2018a, p. 340
HO'1(1-2)	8	64	Jarro	Manual	Semi-redutora	VI-VII		Lívia Vaqueira, 2015, p. 175

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(1-2)	9	10	Panela	Roda lenta	Redutora	VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'-1(1-2)	9	11	Panela	Roda lenta	Redutora	V		Tejerizo García, 2017, p. 508
HO'-1(1-2)	9	12	Pote	Roda lenta	Semi-redutora	V		Merino & Simón, 2017, p. 127
HO'-1(1-2)	9	14	Panela	Manual	Semi-redutora	VIII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
HO'-1(1-2)	9	28	Base de Pote	Roda lenta	Semi-redutora	Período visigótico		
HO'-1(1-2)	9	29	Base Pote/ Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI		Tejerizo García, 2017, p. 403
HO'-1(1-2)	9	32	Base de pote	Manual	Oxidante	Período visigótico		
HO'-1(1-2)	9	40	Prato	Roda lenta	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
HO'-1(1-2)	9	43	Taça	Roda rápida	Oxidante	V-VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'-1(1-2)	9	44	Taça	Roda lenta	Semi-redutora	V- VI		Macias Solé, 1999, p. 61
HO'-1(1-2)	9	52	Prato	Manual	Redutora	Período visigótico		Cardoso, 2018a, p. 353
HO'-1(1-2)	9	55	Taça	Roda lenta	Semi-redutora	VII		Escalera-Guirado, 2003, p. 736
HO'-1(1-2)	10	4	Tampa	Roda lenta	Oxidante	IX		Retuerce Velasco, 1998, tomo II
HO'-1(1-2)	10	13	Almofariz	Roda lenta	Oxidante	IV-VI		Macias Solé, 2003, p. 31
HO'-1(1-2)	10	6	Telha		Oxidante	Período visigótico	Decoração incisa	Cardoso & Batalha, 2018, p. 183

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'1(2)	7	19	KEAY 16	Roda rápida	Oxidante	IV-VI		Keay,1984, p. 153
HO'1(2)	7	24	Jarro	Roda rápida	Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 436
HO'1(2)	7	28	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 404
HO'1(2)	7	46	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Almansa <i>et al</i> , 2003, 441
HO'1(2)	7	47	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Almansa <i>et al</i> , 2003, 441
HO'1(2)	8	23	Panela	Roda lenta	Oxidante	VII-VIII		Ruiz & Lloret, 2018, p. 521
HO'1(2)	8	32	Pote	Roda lenta	Semi-redutora	X		Cristóbal López, 2008, p. 443
HO'1(2)	8	36	Pote	Roda lenta	Semi-redutora	IX-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
HO'1(2)	8	61	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'1(2)	8	67	Panela	Roda Rápida	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'1(2)	8	68	Panela	Manual	Redutora	VI-VII		Batalha <i>et al</i> (no prelo)
HO'1(2)	8	69	Panela	Manual	Redutora	V-VI		Escalera Guirado, 2007, p. 712
HO'1(2)	8	73	Pote	Manual	Redutora	VIII-IX		Cristóbal López, 2008, p. 469
HO'1(2)	9	1	Panela	Manual	Redutora	VII-VIII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
HO'1(2)	9	2	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII		Zoreda, 1989, p. 90
HO'1(2)	9	47	Caçoila	Roda lenta	Semi-redutora	V-VI		Macias Solé, 1999, p. 143, p. 90

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'-1(2)	9	51	Caçoila	Roda lenta	Oxidante	VIII		Herrero, <i>et al</i> , 2016, p. 291
HO'-1(2)	10	2	Caçoila	Manual	Redutora	VIII-IX		Vigil-Escalera Guirado, 2003, p. 384
HO'-1(2-3)	7	10	Hayes 3F/G	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p. 232, Távola CXIII
HO'-1(2-3)	10	18	Anel (cobre)			Período visigótico		Monteiro <i>et al</i> , 2009, p. 146
HO'-1(3)	7	6	Hayes 3D	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
HO'-1(3)	7	8	Hayes 3D	Roda rápida	Oxidante	V-VI		idem
HO'-1(3)	7	9	Hayes 3F	Roda rápida	Oxidante	V-VI		idem
HO'-1(3)	7	22	Jarro	Roda rápida	Oxidante	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 480
HO'-1(3)	7	43	Cântaro	Roda lenta	Semi-redutora	IX		Alba & Feijoo, 2003, p. 498
HO'-1(3)	7	45	Garrafa	Roda rápida	Oxidante	X	Pintura a óxido de ferro	Retuerce Velasco, 1998, Forma B
HO'-1(3)	8	7	Ânfora	Roda rápida	Oxidante	IX		Roselló et al, 2016, p. 47
HO-1(3)	8	34	Panela	Roda rápida	Oxidante	IX		Caballero Zoreda & Sáez Lara, 1999, p. 259
HO'-1(3)	8	51	Base Indeterminada	Manual	Semi-redutora	Período visigótico		
HO'-1(3)	9	22	Jarro	Roda rápida	Semi-redutora	VIII		Sónia Gutiérrez, 2011, p. 198
HO'-1(3)	9	23	Panela	Manual	Redutora	IX		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
HO'1(3)	9	24	Panela	Roda rápida	Semi-redutora	IX-X	Pintura a barbotina	
HO'1(3)	9	45	Taça	Roda lenta	Redutora	X	Brunida	Cristóbal López, 2008, p. 478
HO'1(3)	10	1	Taça	Roda rápida	Semi redutora	V-VI	Brunida	Macias Solé, 1999, p. 146
HO'1(3)	10	3	Caçoila	Roda lenta	Redutora	V-VI/VII		Macias Solé, 1999, p. 89
HO'2(2)	8	56	Panela/Jarro	Roda rápida	Oxidante	VIII		Cardoso, 2009b, p. 119
JO'2(2)	7	44	Bilha/Garrafa	Roda rápida	Oxidante	IX		Caballero Zoreda, 1989, p. 119
JO'2(2)	7	50	Base (indefinida)	Manual	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'2(2)	8	6	Asa de Jarro		Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 472
JO'2(2)	8	37	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VII		Hortensia Lárrén, 2003, p. 296
JO'2(2)	8	27	Jarro	Roda rápida	Oxidante	V-VI		Casas <i>et al</i> , 2018, p. 553
JO'2(2)	9	49	Taça	Roda lenta	Oxidante	V		Macias Solé, 1999, p. 93
JO'2(2)	9	12	Alguidar	Roda rápida	Oxidante	?		
JO'4(1)	10	19	Furador (ferro)			IV		Cardoso, 2018a, p. 373
JO'4(1-2)	9	46	Taça	Roda lenta	Redutora	X	Brunida	Cristóbal López, 2008, p. 478
JO'4(2)	7	51	Bilha	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2)	7	52	Asa		Semi-oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2)	8	11	Bilha	Roda rápida	Semi-oxidante	Período Islâmico		
JO'4(2)	8	18	Asa		Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2)1	8	19	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2)	8	56	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI-VIII		Cristóbal López, 2008, p. 486
JO'4(2)	8	59	Panela	Manual	Semi-redutora	VIII		Cardoso, 2018a, p. 351
JO'4(2)	8	65	Panela	Manual	Semi-redutora	VIII		Tente & De Man, 2016, p. 61
JO'4(2)	8	66	Panela	Roda rápida	Redutora	VII-VIII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
JO'4(2)	8	71	Panela	Roda rápida	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
JO'4(2)	9	3	Panela	Roda rápida	Semi-redutora	IX		Cardoso & Batalha, p. 174
JO'4(2)	9	4	Panela	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2)	10	20	Asa de caldeiro (ferro)			?		
JO'4(2-3)	7	7	Hayes 3F	Roda rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p. 232, Távola CXIII
JO'4(2-3)	7	21	Panela	Roda lenta	Oxidante	V		Alarcão, 1974, Est. XLIII, nº 838
JO'4(2-3)	7	31	Jarro	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		
JO'4(2-3)	7	32	Jarro	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2-3)	7	34	Panela	Manual	Redutora	VIII-IX/X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 181
JO'4(2-3)	8	1	Jarro	Roda Rápida	Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 451
JO'4(2-3)	8	2	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VII-VIII		Escalera Guirado, 2007, p. 711
JO'4(2-3)	8	3	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VIII-IX		Rosseló <i>et al</i> , 2016, p. 53
JO'4(2-3)	8	4	Jarro	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		Alba Calçado & Feijoo, 2003, p. 496
JO'4(2-3)	8	5	Jarro	Roda lenta	Semi-redutora	VIII/IX-X		Tente & De Man, 2016, p. 54
JO'4(2-3)	8	9	Bilha	Roda lenta	Redutora	Período islâmico		
JO'4(2-3)	8	10	Panela	Manual	Redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	12	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	13	Asa		Redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	14	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	15	Asa		Redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	16	Asa		Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(2-3)	8	25	Panela	Roda lenta	Oxidante	VI-VIII		Vaqueira, 2015, p.178
JO'4(2-3)]	8	33	Panela	Roda Rápida	Oxidante	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
JO'4(2-3)	8	42	Base	Roda Rápida	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2-3)	8	43	Base	Roda Rápida	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'4(2-3)	8	47	Base	Roda lenta	Oxidante	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
JO'4(2-3)	8	48	Base	Manual	Redutora	Período visigótico		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'4(2-3)	8	52	Panela	Roda rápida	Oxidante	V		Cardoso & Batalha, 2018, p. 173
JO'4(2-3)	8	53	Tacho	Roda rápida	Oxidante	VIII		Escalera Guirado, 2006, p. 711
JO'4(2-3)	8	63	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175
JO'4(2-3)	8	70	Panela	Roda lenta	Redutora	VII-VIII		Vaqueira, 2015, p. 180
JO'4(2-3)	8	72	Panela	Roda lenta	Redutora	Período visigótico		Cardoso, 2009b, p. 118
JO'4(2-3)	9	13	Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 566
JO'4(2-3)	9	15	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 182
JO'4(2-3)	9	17	Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VII		Morín de Pablos <i>et al</i> , 2006, p. 74
JO'4(2-3)	9	18	Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177
JO'4(2-3)	9	19	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-X		Cardoso & Batalha, 2018, p. 174
JO'4(2-3)	9	20	Panela	Roda lenta	Semi-redutora	VI		Cardoso & Batalha, 2018, p. 175

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(2-3)	9	27	Base/ Panela	Roda lenta	Redutora	VI-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 443
JO'4(2-3)	9	30	Base/ Panela	Roda lenta	Redutora	VII-VIII		Tejerizo García, 2017, p. 391
JO'4(2-3)	9	35	Base/ Panela	Roda lenta	Redutora	Indeterm.		Cardoso & Batalha, 2018, p. 183
JO'4(2-3)	9	38	Coador/ Braseiro	Roda rápida	Semi-oxidante	Período islâmico		Rosseló <i>et al</i> , 2016, p. 56
JO'4(2-3)	10	8	Caçoila	Roda rápida	Oxidante	V		Macias Solé, 1999, p. 91
JO'4(2-3)	10	9	Alguidar	Roda lenta	Semi-redutora	VII-IX		Vaqueira, 2015
JO'4(2-3)	10	10	Alguidar	Roda rápida	Oxidante	IV-V		Smit Nolen, 1988, Est. VII
JO'4(2-3)	10	11	Alguidar	Roda rápida	Oxidante	IV-V		Cardoso, 2018a, p. 337
JO'4(2-5)	7	3	Hayes 91	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		Hayes, John, 1972, p. 142
JO'4(2-5)	7	5	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p. 232, Távola CXIII
JO'4(3)	7	1	Hayes 91 Imitação	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		Hayes, John, 1972, p. 142
JO'4(3)	7	2	Hayes 91	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		Hayes, John, 1972, p. 142
JO'4(3)	7	13	Hayes 3D	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		AA VV, 1981, p.232, Távola CXIII
JO'4(3)	7	14	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		idem
JO'4(3)	7	15	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		idem

Sondagem /Estrato	Figura	Nº	Forma	Fabrico	Cozedura	Cronologia	Decoração	Paralelos
JO'4(3)	7	16	Hayes 3F	Roda Rápida	Oxidante	V-VI		idem
JO'4(3)	7	20	Pé de ânfora (indet.)	Roda Rápida	Oxidante	IV-V		
JO'4(3)	8	24	Panela	Roda lenta	Redutora	VII-VIII		Macias Solé, 1999, p. 152
JO'4(3)	8	38	Panela	Manual	Redutora	VI-VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 174
JO'4(3)	8	55	Panela	Roda lenta	Redutora	VIII-IX		Batalha <i>et al</i> , (no prelo)
JO'4(3)	9	33	Base/Panela	Roda Rápida	Redutora	Emiral		
JO'4(3)	9	38	Base/Pote	Manual	Semi-redutora	Período visigótico		
JO'4(3)	10	5	Tampa	Roda Rápida	Oxidante			
JO'4(3-4)	7	23	Jarro	Roda lenta	Oxidante	IX-X		Cristóbal López, 2008, p. 421
JO'4(3-4)	7	36	Jarro	Roda lenta	Oxidante	VIII		Gutiérrez, 2003, p. 143
JO'4(3-4)	7	49	Base/Jarro	Roda lenta	Redutora	Período islâmico		Roselló <i>et al</i> , 2016, p. 57
JO'4(3-4)	9	5	Bilha	Manual	Redutora	Período Visigótico		Alba & Feijoo, 2003, p. 495
JO'4(3-4)	9	31	Base/panela	Manual	Semi-redutora	IX		Hernández & Bienes, 2003, p. 318
JO'4(4)	8	56	Panela	Roda lenta	Redutora	VII		Cardoso & Batalha, 2018, p. 177

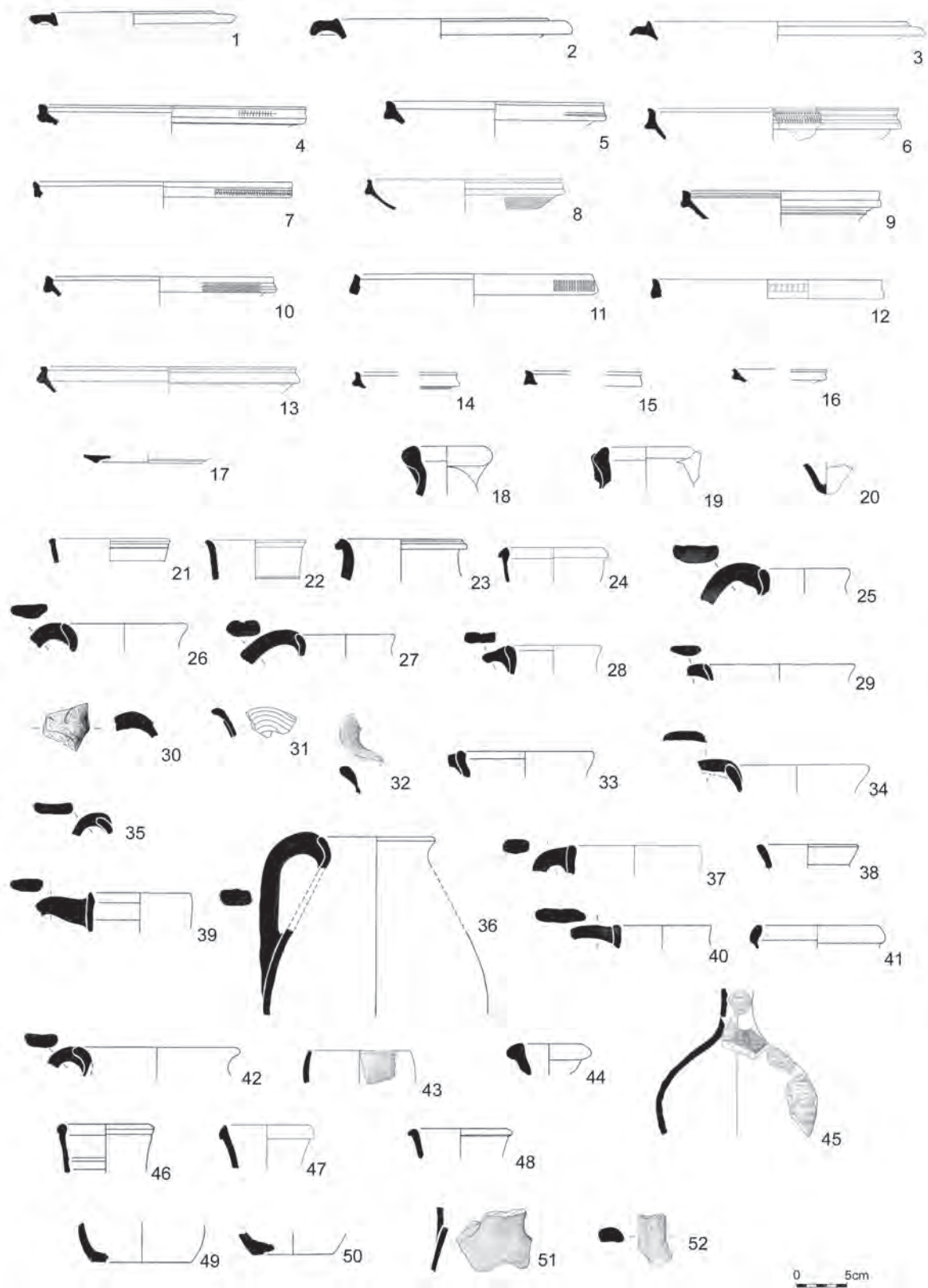


Fig. 7 – Cerâmicas.



Fig. 8 - Cerâmicas.



Fig. 9 - Cerâmicas.

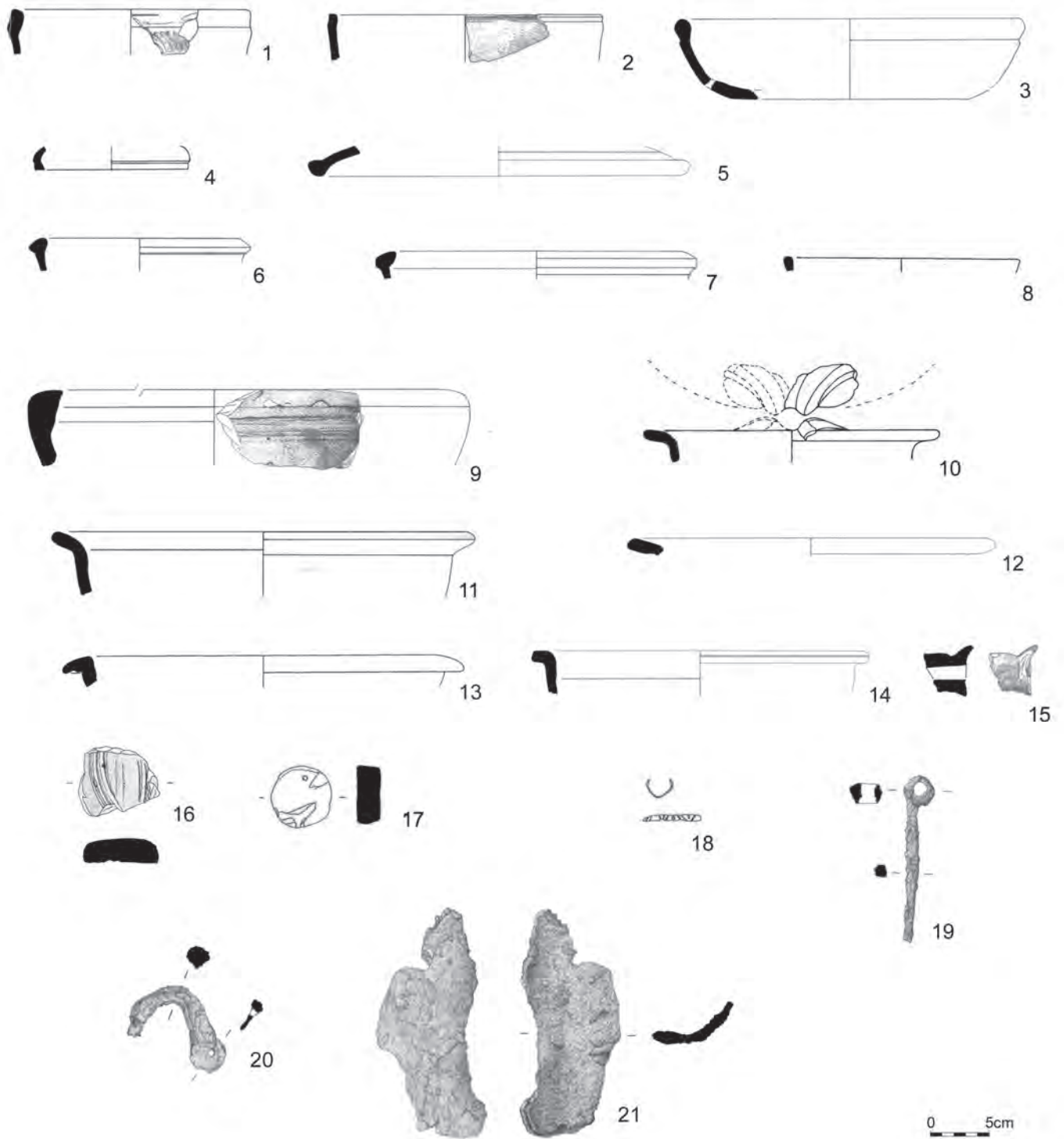


Fig. 10 - Cerâmicas e metais.

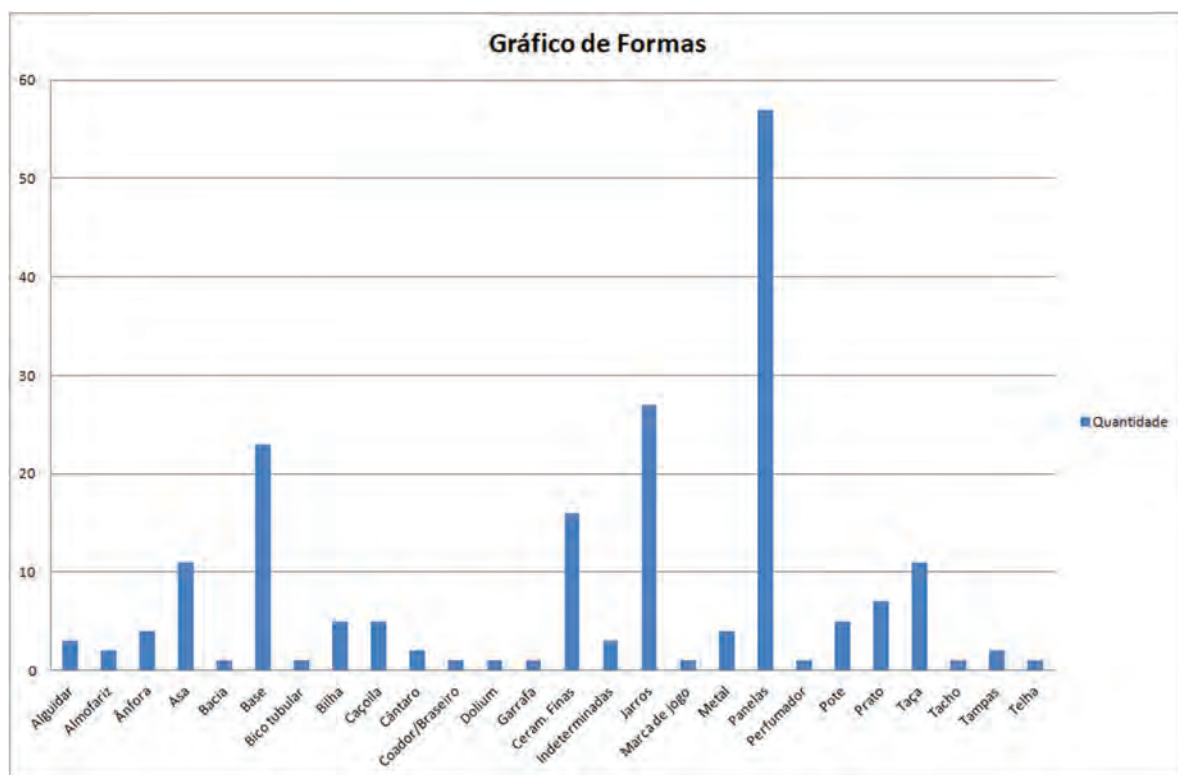


Fig. 11 – Gráfico dos tipos de formas.

5 – CONCLUSÕES

No seguimento do projecto iniciado em 2016, visando a análise cerâmica e o seu relacionamento com o povoamento no concelho de Cascais, especificamente para os períodos cronológicos entre os séculos V-VIII e VIII-X, decidimos apresentar um conjunto, cujos exemplares, numa primeira abordagem, ofereceram alguns resultados que contribuíram para o referido estudo.

Constatámos que as cerâmicas finas, datadas entre os séculos V-VI estavam presentes no local, possivelmente um indicador de que a *villa* teria mantido ocupação até uma fase tardia. Também se verificou, que maioritariamente, são mantidos os processos de cozedura oxidante, com fabricos nos quais predominam a técnica de roda rápida, bem como de roda lenta, sendo menor o conjunto de peças manuais (Figs. 1-3).

Nas produções que reportam até ao século VIII, verificámos que as cozeduras oxidantes se mantêm em maior percentagem, enquanto se observa um equilíbrio entre as produções mistas e as redutoras. Predominam ainda as cerâmicas levantadas segundo o processo de roda lenta e uma diminuição significativa de exemplares de fabrico manual.

No século VIII, verifica-se que nas produções cerâmicas permanecem as formas com raiz cultural no denominado período pré-islâmico, facto que se justifica, dado tratar-se de um momento de transição, ainda sem manifestações significativas de influências exógenas.

O período cronológico que corresponde aos séculos IX-X, oferece igualmente maior produção de cerâmica produzida em ambiente oxidante e a percentagem de exemplares de cozedura mista e redutora é sensivelmente idêntica.

O facto mais relevante corresponde à introdução dos fabricos utilizando pastas claras e de algum modo a aplicação de pintura a barbotina e óxido de ferro, bem como alguns fragmentos com nervuras na superfície.

Outros factores foram igualmente observados, tal como a análise das estruturas edificadas, nomeadamente os que se relacionam com o tipo dos processos construtivos no período Romano, por oposição aos métodos utilizados no decorrer da Antiguidade Tardia e posteriormente em época Islâmica.

A ocupação do local resultou da reutilização de materiais provenientes da *villa* romana e, com base na análise formal das peças exumadas, consideramos a possibilidade de, junto à via romana, ter existido uma estrutura de apoio aos viajantes, uma cabana com alguma dimensão, bem como uma ferraria, uma vez que a quantidade de escórias e a área de concentração de cinzas, com significativa potência estratigráfica, assim o indicarem.

Fica por explicar a localização das duas sepulturas isoladas na paisagem e o fenómeno de, no interior de uma delas, ter funcionado uma lareira. Tal facto poderá eventualmente relacionar-se com a mudança de paradigma de cariz fundamentalmente religioso.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao amigo Jorge Raposo pela revisão do texto.

REFERÊNCIAS

- AA VV (1981) – ATLANTE delle forme ceramiche – Ceramica fina Romana nelle Bacino Mediterraneo (médio e tardo Impero). *Enciclopedia dell'arte antica clássica e orientale*. I. Roma.
- ALARCÃO, J. (1974) – Cerâmica comum Local e Regional de Conímbriga. Coimbra. *Suplementos de Biblos*, 8.
- ALBA CALZADO & M.; FEIJOO, S. (2003) – Pautas evolutivas de la cerámica común de Mérida en épocas visigoda y emiral. *Anejos AEspA*. Madrid. XXVIII. p. 483-504.
- ALMANSA, M. A.; AGUILAR, J. M. C.; LUENGO, I. N.; ESCANO, J. B. S. & REINA, M. V. (2003) – Cerámicas Tardorromanas y Altomedievales en Málaga, Ronda y Morón. *AEspA*. Madrid. XXVIII, p. 411-454.
- ALVES, J. F. (1989) – *Conquista de Lisboa aos Muros em 1147 Carta de um cruzado Inglês* (Apresentação e notas). Lisboa. Livros Horizonte.
- AMORÓS RUIZ, V. & GUTIÉRREZ LLORET, S. (2018) – Los siglos VII y VIII a Través de los Contextos Cerámicos de el Tolmo de Minateda in *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 521-544.
- AZKARATE CARAI-OLAUN, A. & SOLAUN, J. L. (2016) – La cerámica altomedieval en el País Vasco (siglos V-X d.c.): producciones, modelos productivos y patrones de consumo. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo. Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 9, p. 193-228.
- BATALHA, L. & CARDOSO, G. (2021) – Telhas Alto Medievais do Casal do Clérigo (Cascais). *Al-madan*. Almada. II série, 24, p. 167-170.
- BATALHA, L.; PINHEIRO, H. & SANTOS, R. (s/d) – Vestígios de uma casa romana no nº 16 da Rua doa Bacalhoeiros – O Peristilo. No prelo.
- CABALLERO ZOREDÁ, L. (1989) – Cerámicas de “Época Visigoda y Postvisigoda” de las provincias de Cáceres, Madrid y Segóvia, in *Boletín de Arqueología Medieval*. Asociación Española de Arqueología Medieval, p. 75-107.

- CABALLERO ZOREDA, L.; SÁEZ LARA, F. (1999) – La iglesia Mozárabe de Santa Luzía del Trampal-Alcuéstar (Cáceres). *Memórias de Arqueología Extremeña 2*.
- CARDOSO, Guilherme (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G. (2004) – Acerca das Comunicações no Sudoeste do *Ager Olisiponensis*. In GORGES, Jean Gérard; CERRILLO, E. & NOGALES BASARRATE, T. (eds), *Actas da V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitânia Romana: Las Comunicaciones*. Cáceres, p. 135-147.
- CARDOSO, G. (2018a) – *Villa Romana de Freiria Estudo Arqueológico*. Cascais. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, G. (2018b) – As necrópoles romanas/visigóticas de Miroiço e Alcoitão (Cascais). *Conimbria*. Coimbra. LVII, p. 169-216.
- CARDOSO, G. (2009a) – Ânforas. In BATALHA, L et alii [coord.], *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*, edição de EPAL – Empresa Portuguesa das Águas Livres SA. Lisboa, p. 63-88.
- CARDOSO, G. (2009b) – Cerâmica Comum Tardo-Romana e Visigótica. In BATALHA, L.; CANINAS, J. C.; CARDOSO, G. & MONTEIRO, M. (Coord.) *A Villa Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira) Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa. EPAL, p. 113-119.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018) – As cerâmicas alto medievais das *villae* do *ager* ocidental de *Olisipo* – Lusitânia. In MARTÍN VISO, I. & FUENTES MELGAR, P.; *actas do Congreso Internacional de Cerámicas Altomedievales en Hispania y su Entorno (S. V-VIII d.C.)*. Zamora, p. 159-188.
- CARDOSO, G. & CARDOSO, J. L. (1995) – A Necrópole Tardo-Romana e Medieval de Talaíde (Cascais) Estudo Preliminar. *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, SHA Monografies, IV, Barcelona, p. 407-414.
- CARDOSO, J. L., CARDOSO, G. & MARTINS, F. (2018) – Oeiras na Antiguidade Tardia: alguns materiais recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas na Rua Marquês de Pombal, 3-7 (Centro Histórico de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 471-482.
- CARDOSO, J. L., CARDOSO, G., BATALHA, L. & MARTINS, F. (2021) – A presença romana, visigótica, islâmica e portuguesa no centro histórico de Oeiras: resultados da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 28, p. 277-336.
- CARVAJAL LÓPEZ, J. C. (2008) – *La cerámica de Madinat Iibira (Atarfe) y el plobamiento altomedieval de la Vega de Granada*. Universidad de Granada. Grupo de Investigación “Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada”.
- COLL RIERA, J. M.; ROIG BUXÓ, J. & MOLINA VALLMITJANA, J. A. (1997) – Contextos ceràmics de l'antigüitat tardana del Vallès in *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Arqueo Mediterrània, 2, p. 37-57.
- CASAS I GENOVER, J.; NOLLA BRUFAU, J. M.; PRAT, M.; TREMOLEDA, J. (2018) – El Material Cerámico del Nordeste Peninsular entre el Bajo Imperio y la Antigüedad. in *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 545-562.
- ENCARNAÇÃO, J.; CARDOSO, G. (2019) – A investigação sobre a época Romana em Cascais. In Encarnação, J. (Coord.) *20 anos Associação Cultural de Cascais: Dos Patrimónios de Cascais, Homenagem a João Cabral*. Associação cultural de Cascais. Cascais, p. 95-103.)
- FERNANDEZ-FERNANDEZ, A. (2016) – Cerámicas tardoantiguas en el Noroeste de la Península (Galicia y Norte de Portugal): entre la importación y el artesanato local/regional (ss. V-VI). In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIROS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo. Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País, 9, p. 69-113.

- GARCIA MERINO, C. & SÁNCHEZ SIMÓN, M. (2017) – *El final de la villa de Almenara de Adaja-Puras (Valladolid)*. Los contextos cerámicos. Figlina 1. Monografías de estudios materiales. Madrid. Ediciones de la Ergastula.
- GASPAR, A.; GOMES, A. (2015) – Cerâmicas comuns da antiguidade tardia provenientes do claustro da Sé de Lisboa, in *X Congresso Internacional, a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves. Câmara Municipal de Silves & Campo Arqueológico de Mértola, p. 851-860.
- GENOVER, J. C.; BRUFAU, J. M. N.; PRAT, M. & TREMOLEDA, J. (2018) – El Material Cerámico del Nordeste Peninsular entre el Bajo Imperio y la Antigüedad, in *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 545-562.
- HAYES, J. W. (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: The British School at Rome.
- HERNÁNDEZ, V. J. A. & BIENES CALVO, J. J. (2003) – Cerámicas hispano-visigodas y de transición en el Vale medio del Ebro. Anejos AEspA. Madrid. XXVIII, p. 307-319.
- HERRERO, S. E.; PÉREZ, T. M.; RAMOS, C. R. & ESCALERA GUIRADO, V. A. (2016) – La cerámica de los siglos VIII-IX en Madrid, Toledo y Guadalajara. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A.; QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. Documentos de Arqueología Medieval, Servicio Editorial de la Universidad del País, 9, p. 279-313.
- HERRERO, S. E.; PÉREZ, T. M.; RAMOS, C. R.; ESCALERA LARRÉN, H.; BLANCO, J. F.; VILLANUEVA, O.; CABALLERO, J.; DOMÍNGUEZ, A.; NUÑO, J.; SANZ, F. J.; MARCOS, G. J.; MARTÍN, M. Á. & MISIEGO, J. (2003) – Ensayo de Sitematización de la Cerámica Tardoantigua en la Cuenca del Duero. Anexos AEspA, XXVIII, Madrid, p. 273-306.
- KEAY, S. J. (1984) – *Late Roman amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study : the Catalan evidence*. B. A. R. International Series, 196, Oxford.
- LLORET, S. G. (2003) – Los contextos cerámicos Altomedievales del Tolmo de Minateda y la cerámica Altomedieval en el Sudeste de la Península Ibérica. Anexos AEspA. Madrid. XXVIII, p. 119-168.
- LLORET, S. G. (2011) – El reconocimiento arqueológico de la islamización. Una mirada desde al-Andalus. *711 Arqueología e História entre dos Mundos*. Zona Arqueológica. Alcalá de Henares, 15, vol. I, p. 191-210.
- LÓPEZ, J. C. C. (2008) – *La cerâmica de Madinat Ilibira (Atarfe) y el plobamiento altomedieval de la Vega de Granada*.
- MACIAS SOLÉ, J. M. (1999) – La ceràmica comuna tardoantiga a Tàrraco – Anàlisi tipològica i històrica (segles V-VII). TULCIS. Monografies Tarraconenses, 1, Museu Nacional Arqueològic de Tarragona, Tarragona.
- MERINO, C. G. & SIMÓN, M. S. (2017) – *El final de la villa de Almenara de Adaja-Puras (Valladolid)*. Los contextos cerámicos. Figlina 1. Monografías de estudios materiales.
- MONTEIRO, M.; BATALHA, L. & CASQUEIRA, Fernando (2009) – Metais. *A villa romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira)*. Trabalhos Arqueológicos Efectuados no Âmbito de uma obra da EPAL, p. 133-153.
- MULLER, A. L.; JORDI, J. F. M.; CARBONELL, J. S. & BERCERO, J. B. H. (2003) – Cerámica Tardorromana y Altomedieval en la provincia de Barcelona. Siglos VII-X, in *cerâmicas tardorromanas y altomedievais en la Península Ibérica*. Anejos de AEspA XXVIII, p. 41-65.
- MORÍN DE PABLOS, Jo.; BARROSO CABRERA, R.; LÓPEZ FRAILE; F. J.; LOPEZ RECIO, M. & SÁNCHEZ HIDALGO, F. (2006) – Repertorio de yacimientos de época visigoda en la Comunidad de Madrid (ss. V al VIII d.C.). *Zona arqueológica, n° 8, 1. Madrid*, p. 55-92.
- NOLEN, J. U. S. (1988) – *A villa Romana do Alto do Cidreira (Alcabideche – Cascais)*, Os Materiais. Cascais, Associação Cultural de Cascais.

- PINTO, I. V. (2003) – A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja). *Colecção Teses*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora.
- RETUERCE VELASCO, M. (1998) – La cerâmica andalusí de la Meseta, *Tomo II*. Madrid.
- RIERA, J. M. C.; BUXÓ, J. R. & VALLMITJANA, J. A. M. (1997) – Contextos ceràmics de l'antiguitat tardana del Vallès, in *Contextos ceràmics d'època romana tardana i de l'alta edat mitjana (segles IV-X)*. Arqueo Mediterrània, 2, p. 37-57.
- ROSSELLÓ, M.; SANTOS, C.; CARVALHO, L. & SANTOS, F. (2016) – Contributo para o Conhecimento das Ocupações Tardo-Antiga e Alto-Medieval do Vale do Sabor. O caso de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo), a luz do estudo da sua componente cerâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. edições Afrontamento, 13, p. 35-63.
- RUIZ, V. A.; LLORET, S. G. (2018) – Los siglos VII y VIII a Través de los Contextos Cerámicos de el Tolmo de Minateda. In *Cerámicas Altomedievales en Hispânia y su entorno (siglos V-VIII d.c.)*, p. 521-544.
- SEPÚLVEDA, E. (2019) – Cerâmicas Foceense Tardia (LRCW) no Concelho de Cascais. In Encarnação, J. (Coord.) *20 Anos Associação Cultural de Cascais, dos Patrimónios de Cascais, Homenagem a João Cabral, Actas das Comemorações dos 20 Anos da Associação Cultural de Cascais*, Cascais, p. 105-126.
- SOLÉ MACIAS, J. M. (2003) – Cerâmicas Tardorromanas de Tarragona: Economía de mercado versus autarquía. *Anejos AEspA*. Madrid, XXVIII, pp. 21-39.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2016) – Construyendo la casa por los Cimientos. *Documentos de Arqueología* 9, pp. 229-254.
- TEJERIZO GARCÍA, C. (2017) Arqueología de Las Sociedades Campesinas en la Cuenca del Duero durante la Primera Alta Edad Media. *Documentos de Arqueología*, 11.
- TENTE, C. & De MAN, A. (2016) – Um rio, dois territórios no centro de Portugal. A produção cerâmica no vale do Mondego – os casos do espaço rural do Alto Mondego e de Conímbriga. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. *Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País. 9, p. 43-68.
- VAQUEIRA, L. (2015) – O sítio da Torre Velha 3 entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média: contextos materiais do “ambiente II”. Dissertação de Mestrado. Coimbra.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2003) – Cerâmicas Tardorromanas y Altomedievales de Madrid. *AEspA*. Madrid. XXVIII p. 371-387.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2006) – La cerâmica del período visigodo en Madrid. *Zona Arqueológica*, nº 8, 3, p. 705-716.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2007) – Algunas observaciones sobre las cerâmicas de «época visigoda» (ss. V-IX d.c.) de la region de Madrid. *Estúdio de la Cerâmica tardorromana y altomedieval*. Granada. 15, p. 259-382
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2013) – Las últimas producciones de TSHT en el Interior Peninsular. In *Ex officina hispania*. Cuadernos de la SECAH, 1, p. 11-24.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2016) – La cerâmica de los siglos VIII-IX en Madrid, Toledo y Guadalajara. In VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. & QUIRÓS CASTILLO, J. A. (dir.) *La cerámica de la Alta Edad Media en el cuadrante noroeste de la Península Ibérica (siglos V-X) Sistemas de producción, mecanismos de distribución y patrones de consumo*. *Documentos de Arqueología Medieval*, Servicio Editorial de la Universidad del País. 9, p. 279-313.

**DA ALTA IDADE MÉDIA À ÉPOCA CONTEMPORÂNEA: RESULTADOS
DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO
DE OEIRAS (RUA DAS ALCÁSSIMAS) ENTRE 2000 E 2007***

***FROM THE EARLY MIDDLE AGES TO THE CONTEMPORARY PERIOD:
RESULTS OF ARCHAEOLOGICAL WORKS CARRIED OUT IN THE HISTORIC
CENTER OF OEIRAS (RUA DAS ALCÁSSIMAS) BETWEEN 2000 AND 2007***

João Luís Cardoso¹, Luísa Batalha², Guilherme Cardoso² & Maria da Conceição André³

Abstract

We present the study of post-Roman remains exhumed in excavations carried out between 2000 and 2007 in the Historic Center of Oeiras, in the space previously occupied by a Roman *villa* famous, for the mosaic found there in 1903 and attributable to the 3rd century AD. The most important conclusion to highlight from this contribution, which follows the publication in 2020 of another archaeological set collected in a nearby location, was the confirmation of the continuous presence of successive communities in that same space until the present day. In fact, remains from the High Middle Ages, the Islamic period, the Christian medieval period, the Modern Period and the Contemporary Period were identified. In this way, the continuity of the urban occupation of the town of Oeiras was demonstrated since the fall of the Roman Empire, a reality now proven through the archaeological works carried out by the Center for Archaeological Studies of the Municipality of Oeiras.

Keywords: Oeiras; Early Middle Ages; Islamic period; Christian medieval period; Modern Period; Contemporary Period

1 – ANTECEDENTES

O estabelecimento rural romano conhecido na literatura arqueológica como *villa* romana de Oeiras é conhecido desde 1903, altura em que José Leite de Vasconcelos publicou a existência de mosaico posto ocasionalmente a decoberto aquando do rebaixamento do terreno da casa setecentista ali existente (VASCONCELOS,

* Trabalho coordenado pelo primeiro autor, com base nos espólios das escavações por este dirigidas entre 2000 e 2007, com o apoio do último signatário. O segundo e terceiro signatários ocuparam-se da classificação dos espólios arqueológicos recolhidos. Os desenhos são da responsabilidade do segundo autor, de Bernardo Ferreira e de Filipe Martins, ambos do CEACO/CMO, e as fotografias são dos autores assinalados. Na discussão dos resultados e nas conclusões participaram os três primeiros signatários.

¹ Professor catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Investigador integrado do ICArEHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

² Associação Cultural de Cascais. gjpcardoso@gmail.com; batalhaluisa5@gmail.com

³ Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). maria.andre@oeiras.pt

1903). Este mosaico passou desde logo a ser valorizado como peça musiva de assinalável importância no panorama das ocorrências conhecidas do território português, até que, em 1996, foi estudado em detalhe, após o levantamento gráfico de precisão anteriormente realizado (GOMES, CARDOSO & ANDRÉ, 1996). A realização deste trabalho só foi possível em virtude de a Câmara Municipal de Oeiras ter adquirido o imóvel e terrenos anexos em 1990, tendo em vista a requalificação do conjunto no âmbito do programa “Habitação Jovem”.

Depois de concluído o levantamento gráfico do mosaico e tendo presente que a recuperação do imóvel obrigaria à remoção do mosaico, por forma a garantir a sua protecção e ulterior consolidação e também a viabilização de um programa de escavações susceptível de lhe conferir contexto arqueológico, identificando outras eventuais pré-existências conservadas no local, foi assumida a necessidade de remoção do mesmo do terreno, trabalho realizado em 1999.

A remoção do mosaico do espaço onde se encontrava implantado, realizado com a supervisão do primeiro signatário deste estudo (J.L.C.) antecedeu uma intervenção preliminar no local, realizada no ano de 2000. Foi assim possível verificar que existiam espólios e estruturas arqueológicas sob o mosaico, configurando pré-existências cuja cronologia importava caracterizar. Para o efeito, organizou-se um plano plurianual de escavações arqueológicas, dirigido pelo primeiro signatário deste trabalho, ao abrigo do Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia intitulado “Arqueologia do concelho de Oeiras”, coordenado pelo mesmo. As escavações realizaram-se sucessivamente nos anos de 2000, 2004, 2006 e 2007, com o objectivo de verificar o interesse arqueológico de toda a área de implantação do imóvel de fundação setecentista, e não apenas da área correspondente ao mosaico romano, tendo contado para o efeito com o apoio do Departamento de Projectos Especiais da Câmara Municipal de Oeiras, entidade responsável pelo processo de requalificação do respectivo imóvel.

2 – TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADOS E RESULTADOS OBTIDOS

As escavações realizadas interessaram todas as dependências térreas do edifício de fundação setecentista situado na Rua das Alcássimas, no Centro Histórico de Oeiras, com entrada pelo n.º 36 e pelo n.º 30 da Rua da Costa (Fig. 1). Ao longo dos anos, os trabalhos tiveram o contributo de estudantes de Arqueologia da Universidade Autónoma de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa e de jovens integrados em programa de Formação em Arqueologia organizado pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO em articulação com o Gabinete da Juventude/CMO.

As paredes que compartimentaram desde o século XVIII o piso térreo do edifício espaço arqueológico condicionaram a estratégia seguida na intervenções sucessivas e anualmente realizadas, seguindo-se no tempo a sequência da numeração das dependências presentemente existentes conforme se indica na Fig. 2.

A metodologia seguida na intervenção arqueológica consistiu no rebaixamento progressivo dos pisos dos diversos compartimentos, segundo camadas artificiais de 15 cm de potência, até se ter atingido em todos eles o substrato geológico, constituído por margas e calcários margosos do Cretácico (Cenomaniano Inferior). A profundidade dos espólios recolhidos foi invariavelmente registada e procedeu-se à crivagem integral das terras removidas, utilizando malha de 4 mm.

As duas primeiras dependências a serem intervencionadas (Sala 1 e Sala 2) correspondem à implantação do mosaico romano, cuja cronologia se pode centrar no século III ou IV d.C. A cronologia e os materiais recuperados nas épocas que dizem respeito ao presente estudo são muito escassos, conforme se pode observar no Quadro 1 e na Fig. 3. Com efeito a quase totalidade do espaço escavado nestas duas Salas encontrava-se

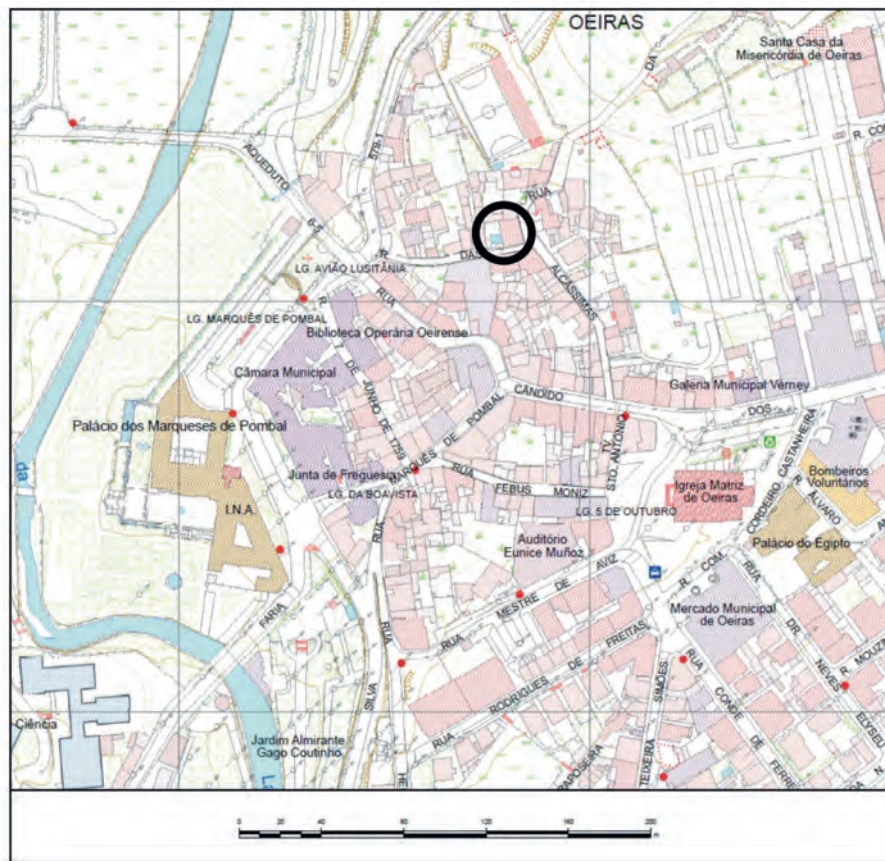


Fig. 1 – Localização do espaço onde se realizaram os trabalhos arqueológicos na malha urbana do Centro Histórico de Oeiras assinalado por círculo negro.

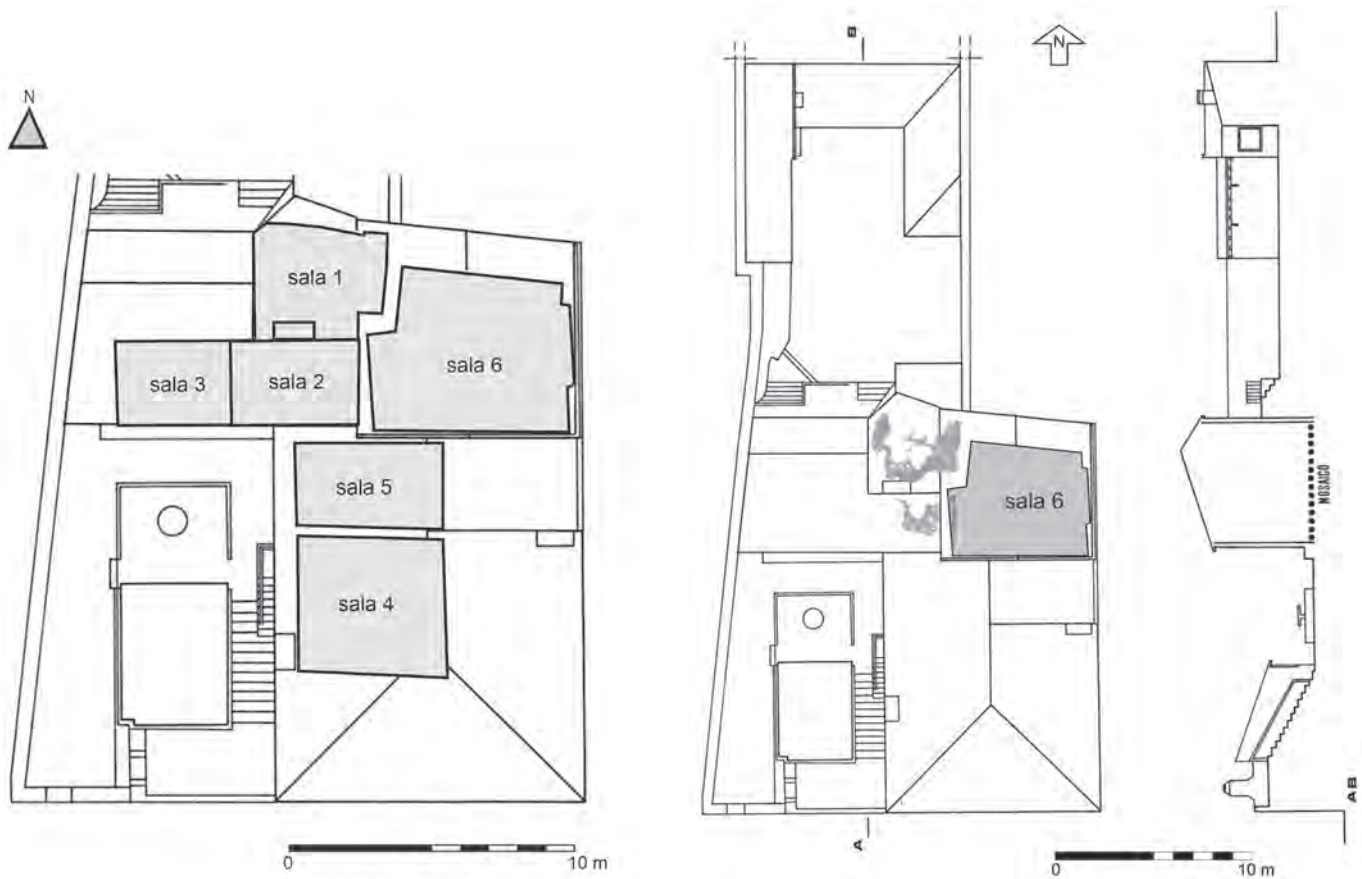


Fig. 2 – À esquerda: distribuição das salas escavadas na planta do piso térreo do prédio urbano do Centro Histórico de Oeiras com acesso pela Rua das Alcássimas n.º 36. À direita: implantação do mosaico romano no piso térreo do referido prédio urbano, com indicação da Sala 6, onde se identificou, em 2007, zona periférica daquele mosaico.

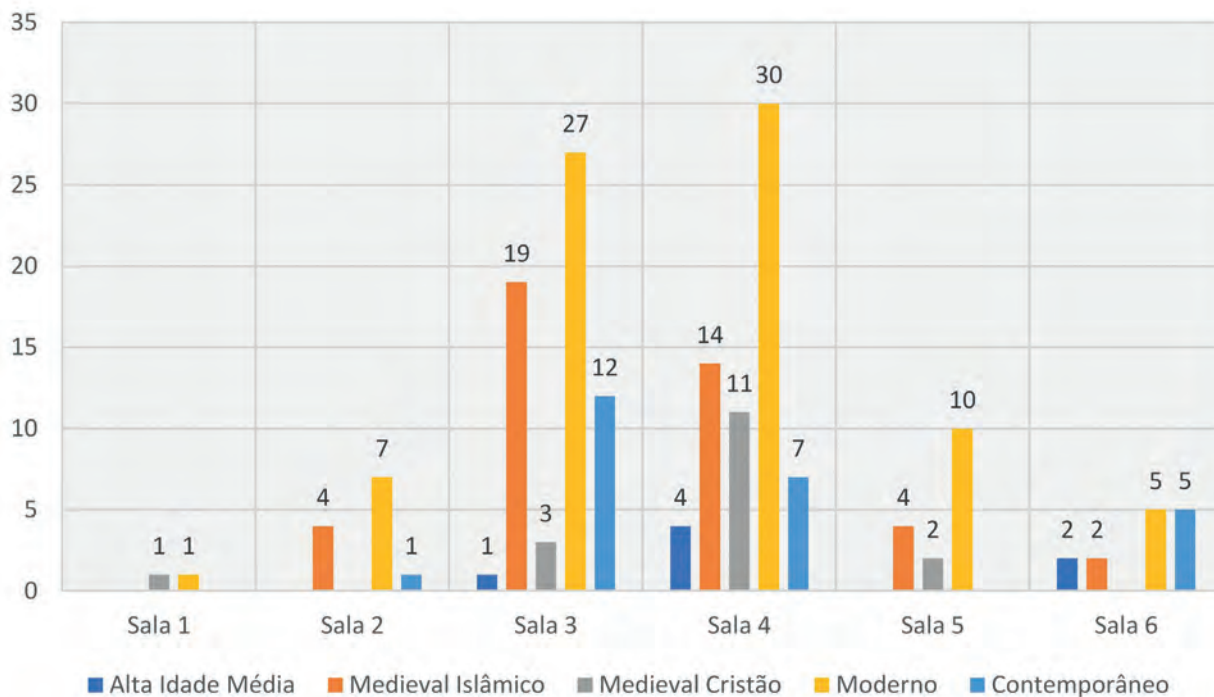


Fig. 3 – Distribuição da frequência das produções classificadas segundo os períodos cronológico-culturais a que pertencem pelas 4 salas escavadas.

Quadro 1 - Distribuição em profundidade dos materiais exumados nas quatro salas escavadas.

	Profundidade em cm	Períodos				
		Alta Idade Média	Medieval Islâmico	Medieval Cristão	Moderno	Contemporâneo
Sala 1	30-45			1	1	
Sala 2	crivo		2		5	1
	15-30				1	
	30-45		2			
	60-75				1	
Sala 3	crivo		5			2
	Sup-15				9	1
	15-30		3		3	3
	20-40				1	
	30-45		1	3	2	
	45-60		2		1	
	60-75		6		3	1
	75-90	1	1		4	
	90-105					
	105-120		1			1
	120-135				4	4
Sala 4	crivo	2	7	4	7	2
	Sup-15			1	11	2
	15-30		4		1	
	30-45		1	1	1	
	45-60	1	1	3	4	2
	60-75	1		2	4	1
	75-90				1	
	90-105		1			
	105-120				1	
Sala 5	Sup-15				6	
	15-30		2		1	
	30-45		2	1	2	
	45-60				1	
	S/ ref. ^a			1		
Sala 6	Sup-15	2			2	3
	15-30		2		1	
	S/ ref. ^a				2	2

ocupada por estruturas pré-romanas e romanas, anteriores à implantação do mosaico que corresponderia ao *triclinium* da *pars urbana* da *villa*, possuindo os respectivos enchimentos espólios da mesma época (Fig. 4 e Fig. 5). Selando o nível do mosaico o espaço correspondente ao nível do piso de circulação actual, facilmente se compreende que pouco ou nenhum espólio poderia ser ulterior à sua implantação no terreno. Esta realidade será abordada e caracterizada aquando da publicação de tais estruturas e materiais.

A Sala 3, escavada em 2006, forneceu um copioso conjunto de materiais islâmicos e modernos, embora todos as outras épocas estejam representadas, conforme se indica no Quadro 1. Trata-se de local adjacente à área em que se implantou o mosaico, possuindo as estruturas identificadas, tal como o observado nas Salas 1 e 2, cotas negativas relativamente à cota do mosaico. No entanto, as estruturas aqui identificadas, são de épocas pós-romanas, conforme indica o seu aparelho construtivo e também as cotas de fundação observadas: trata-se de um troço de parede rectilínea possivelmente de cronologia renascentista, cortada de um dos lados pela fundação da habitação do século XVIII (Fig. 6 e Fig. 7) e possuindo uma cota de fundação nitidamente superior à dos muros romanos situados próximo. Deste modo, a ocorrência dos espólios ulteriores à época romana aqui recolhidos devem corresponder a enchimentos de épocas diversas, oriundos de outras partes do espaço habitado, sem excluir a possibilidade de alguns deles provirem desta mesma casa, a qual foi arrasada, provavelmente aquando da construção do edifício do século XVIII.

A Sala 4, com cerca de 5 por 5 metros, foi igualmente explorada em 2006 e forneceu, à semelhança da Sala 3, um importante conjunto de produções cerâmicas de época islâmica e de época moderna. A sequência estratigráfica observada nesta sala ao longo da parede meridional do compartimento foi registada graficamente (Fig. 8) e fotograficamente, no respeitante à sua parede setentrional (Fig. 9). Logo abaixo do piso moderno do compartimento verificou-se a existência da seguinte sucessão de cima para baixo:

Camada 4 – correspondente à fundação da parede de um dos compartimentos do edifício actual, representada por muro de blocos de calcário argamassados com cal e areia, dispostos na horizontal (0,50 m);

Camada 3 – depósito terroso cinzento-acastanhado, rico de matéria orgânica de desenvolvimento horizontal (0,20 m);

Camada 2 – depósito terroso castanho-avermelhado, embalando blocos calcários heterométricos, com ténues indícios de deposições sub-horizontais, evidenciadas por pequenos clastos calcários e lenticulas de moluscos, correspondentes a despejos de diversas épocas (0,20 m);

Camada 1 – depósito terroso, mais compacto e avermelhado que os anteriores, praticamente desprovido de clastos, com alguns espólios romanos e pré-históricos (0,20 a 0,40 m de potência);

Camada 0 – substrato geológico cretácico.

As estruturas arqueológicas positivas postas a descoberto, integram um troço de fundação de parede mestra moderna do edifício de origem setecentista, observada ao longo da parede leste do compartimento, visível na Fig. 9, assente no substrato geológico. Trata-se de construção de blocos calcários de pequenas dimensões, bem ajustados entre si e recorrendo a taliscas de calcário para preenchimento de fendas e vazios, denotando globalmente disposição por camadas horizontais. As suas características assemelham-se às da fundação da parede do edifício observada na Sala 3, igualmente fundada no substrato geológico, sendo igualmente associada à da casa de origem setecentista. As estruturas negativas observadas nesta sala estão representadas por um longo sulco rectilíneo identificado a todo o comprimento da parede meridional do compartimento, escavado no substrato geológico, com orientação Este-Oeste, possuindo fundo regular e com pendente para Oeste (Fig. 10). Este sulco, no seu sector terminal, inflecte para Norte, em ângulo recto antes de terminar abruptamente, conforme se indica na planta desta Sala, tendo-se identificado uma depressão cilíndrica no seu



Fig. 4 – Sala 1. Em segundo plano, observa-se a fundação de muro rectilíneo romano com reforço do embasamento, posto a decoberto no subsolo onde assentou o mosaico romano, atribuível ao século III d.C. (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 5 – Sala 2. Vista geral, observando-se em primeiro plano duas estruturas anteriores ao assentamento do mosaico romano, visto terem sido postas à vista após o levantamento deste, revelando planos arquitectónicos distintos para o espaço depois ocupado por aquele (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 6 – Salas 2 e 3. Vista geral, depois de demolido o muro que as separava. Em último plano, na zona da antiga Sala 3, observa-se trecho de muro rectilíneo provavelmente da Idade Moderna, cortado, do lado direito, pelo alicerce da habitação de fundação setecentista. Note-se a fundação do muro, assente em depósitos modernos, de época imediatamente anterior (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 7 – Sala 3. Em 1.º plano, observa-se trecho de muro da Idade Moderna, fundado em depósitos da mesma época. Em segundo plano observa-se muro anterior ao século III d. C. dado ter sido coberto pelo mosaico ali então instalado (foto de João Luís Cardoso).

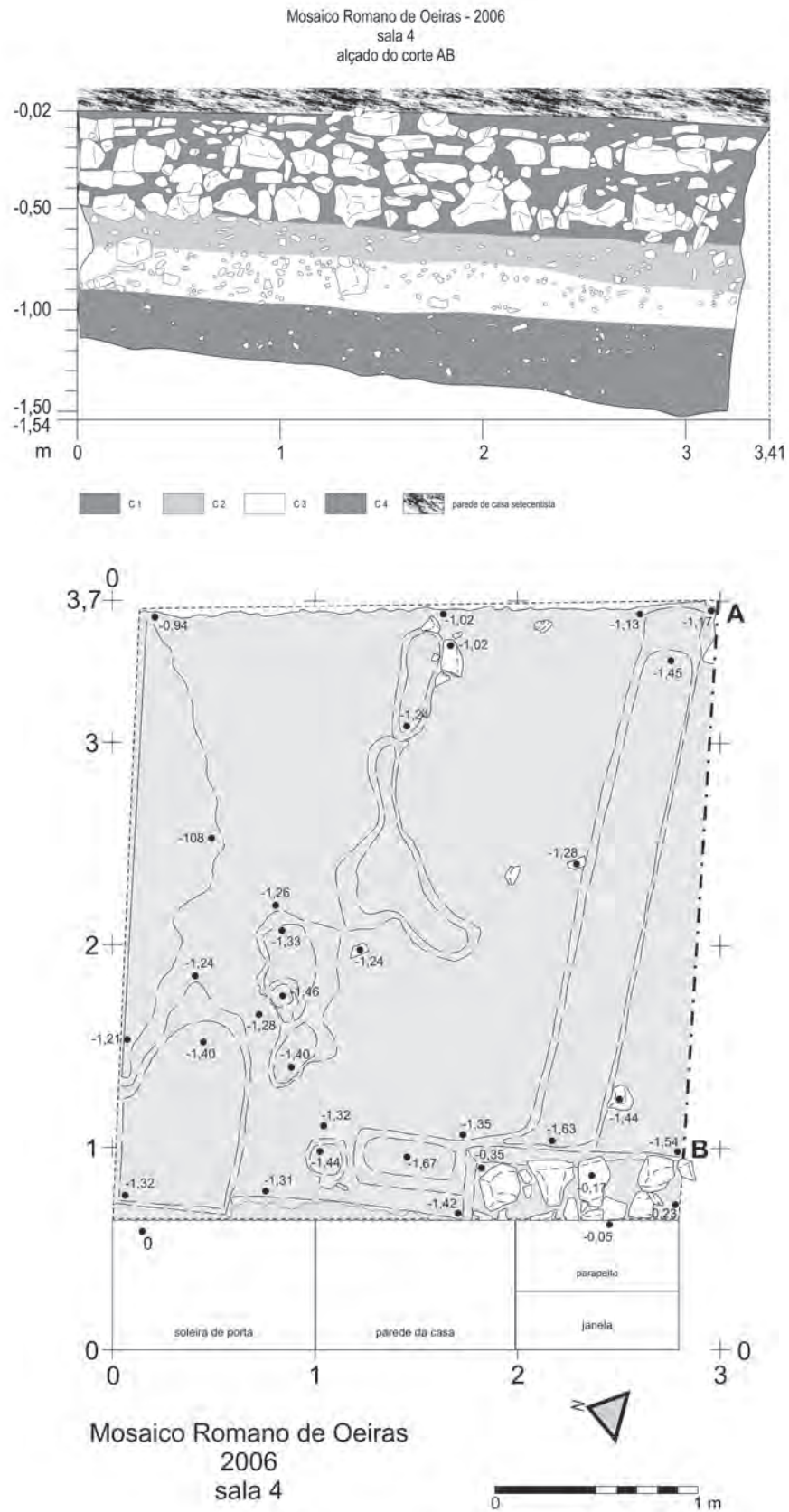


Fig. 8 – Sala 4. Em cima: corte estratigráfico AB executado ao longo da parede meridional da sala. Em baixo: planta ao nível do substrato posto integralmente a descoberto evidenciando sulco nele escavado, com a indicação do corte estratigráfico realizado (levantamento de Bernardo Ferreira).



Fig. 9 – Sala 4. Corte estratigráfico observado ao longo da parede setentrional da sala, observando-se do lado direito o embasamento de parede mestra, fundada no substrato geológico, do edifício de origem setecentista. O enchimento terroso, sobre o qual assenta parede divisória do piso térreo do edifício, marcada por uma régua de madeira correspondente ao antigo rodapé, contém materiais de todas as épocas e é posterior à fundação da parede mestra do edifício, podendo assim ser datado do século XIX. (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 10 – Sala 4. Evidencia-se sulco aberto no substrato geológico acompanhando a parede meridional na sala, podendo corresponder ao embasamento de uma cabana de época pré ou proto-histórica. O sulco, de planta ortogonal, termina por uma depressão circular dele separada. De notar que em contacto com o substrato geológico se recolheram abundantes espólios do Bronze Final, já publicados (CARDOSO, 2018). (foto de João Luís Cardoso).

prolongamento imediato, mas dele separado (Fig. 11).

É possível que esta estrutura negativa, cuja largura é inferior a 0,50 m, não sendo de atribuir a época romana, pela diminuta largura no caso de corresponder à fundação de uma estrutura rectangular de alvenaria, se relacione com um embasamento de cabana pré-histórica de paredes de taipa o de adobes, sendo, assim, atribuível ao Bronze Final. Esta possibilidade é acompanhada pela presença de espólios desta época recolhidos no contacto do substrato geológico com a Camada 1, já publicados (CARDOSO, 2018), embora fosse de esperar que, em tal circunstância, o referido embasamento fosse de planta elipsoidal, como era de uso na época.

No respeitante à distribuição cronológica dos espólios cerâmicos, verifica-se que é a Camada 2 aquela que forneceu a maior quantidade de espólios de Época Moderna que persistiam na Camada 3; já Camada 4 se apresentava isenta de tais restos, ocorrendo, pelo contrário, materiais romanos diversos; na base da mesma, assinalaram-se os já referidos materiais do Bronze Final, com os quais a estrutura negativa descrita poderão estar relacionados.

É interessante referir que esta foi a Sala que forneceu maior quantidade de fragmentos de produções medievais cristãs. Até ao presente quase desconhecidas no subsolo oeirense, sucedendo-se a um igualmente assinalável números de materiais islâmicos, embora resultem de deposição de terras oriundas de outros espaços habitados, de localização indeterminada.

Em 2007 escavaram-se as Salas 5 e 6.

A Sala 5 encontra-se separada por parede divisória muito frágil com orientação Este-Oeste da Sala 4, escavada no ano anterior, e evidenciou situação semelhante à observada naquela, com a diferença de a potência estratigráfica aqui observada ser muito menor. No entanto, observou-se embasamento de muro rectilíneo, constituído por alinhamento de blocos assentes no substrato geológico ou em camada avermelhada e argilosa correspondente à alteração deste (“terra rossa”) provavelmente de época romana, devido às dimensões dos blocos serem superiores às dos elementos que integram os muros modernos da construção de raiz setecentista (Fig. 12), mas semelhantes às dimensões dos blocos do muro posto a descoberto na Sala 1, de construção romana. Trata-se, assim, de um muro provavelmente pertencente ao plano arquitectónico original da *villa* romana aqui implantada.



Fig. 11 – Pormenor do sector terminal do sulco aberto no substrato geológico observado no chão primitivo, rematado por depressão circular no seu prolongamento imediato (foto de João Luís Cardoso).



Fig. 12 – Sala 5. Vista geral do embasamento de troço de muro rectilíneo atribuível à época romana, assente no substrato geológico, acompanhando a fundação da parede meridional da sala actual, pertencente ao edifício de origem setecentista (foto de João Luís Cardoso).

O substrato geológico, posto integralmente à vista na área ocupada por esta sala, corresponde a superfície irregular do afloramento de margas e calcários cretácicos, e evidenciou, localmente, uma estrutura negativa, constituída por um anel circular com contorno bem definido e cerca de 0,80 m de diâmetro externo, cujo centro se encontra igualmente escavado (Fig. 13). Desconhece-se a finalidade desta estrutura, que poderia corresponder ao embasamento de uma construção entretanto desaparecida, talvez de época romana.

Os espólios recuperados nesta sala e relativos às épocas a que este estudo diz respeito são diminutos devendo-se no entanto valorizar alguns materiais islâmicos, e outros de época moderna, via de regra dominantes, correspondentes a despejos realizados para nivelamento do terreno.

A Sala 6, inteiramente explorada em 2007, correspondia outrora a uma oficina, sendo, de todos, o espaço escavado de maiores dimensões, não obstante ser o que forneceu a menor quantidade de espólios respeitantes às épocas em apreço. Esta realidade contrasta com a importância e diversidade das estruturas arqueológicas ali postas a descoberto. As razões são fáceis de perceber. Com efeito, ao longo da parede poente, que a separa da Sala 2, identificou-se a pouca profundidade, sob o embasamento desta parede divisória da habitação moderna, directamente assente no mosaico romano, a bordadura nascente deste, que constitui prolongamento das áreas por este ocupadas nas Salas 1 e 2. A porção posta a descoberto em 2007 fornece a informação da cota do piso desta Sala na época romana, pelo que as estruturas arqueológicas postas a descoberto, todas elas situadas a cotas inferiores à da implantação do mosaico, devem ser globalmente anteriores a este (Fig. 14), assim se justificando a quase ausência de espólios pós-romanos. Tais estruturas não se integram, assim, nos



Fig. 13 – Sala 5. Estrutura negativa, escavada no substrato geológico posto a descoberto na íntegra, de planta circular com uma depressão central, de época possivelmente romana e natureza indeterminada (foto de João Luís Cardoso).

conjuntos arqueológicos agora em apreço, pelo que o seu estudo e caracterização será realizado quando se estudarem os espólios romanos e pré-romanos a que se reportam.

Importa, a terminar a descrição dos resultados dos trabalhos de escavação realizados desenvolver as considerações possíveis sobre a natureza e condições de formação dos depósitos arqueológicos com base na cronologia dos espólios respectivos.

Considerando a informação do Quadro 1, verifica-se que a distribuição dos espólios em profundidade nas diversas salas exploradas não evidencia assinaláveis diferenças, ocorrendo materiais com idênticas cronologias a profundidades muito distintas. Por outro lado, a profundidades idênticas coexistem espólios de cronologias muito distintas. Tal realidade resulta do próprio processo de formação dos depósitos arqueológicos neste local. Assim, a estratificação que se observa em alguns casos nas deposições destes depósitos, resulta da forma como os mesmos foram acumulados: trata-se na verdade de entulhos oriundos de outros locais do espaço urbano, contendo originalmente materiais de diversas cronologias, resultantes de demolições e rearranjos das respectivas construções urbanas pré-existentes. O objectivo de deposição de tais materiais na área escavada explica-se igualmente pela necessidade de produzir o nivelamento do terreno no decurso da época moderna/contemporânea, correspondente originalmente a encosta com pendor para poente, provavelmente aquando da urbanização da Rua das Alcássimas, verificada a partir do século XVI. Tal realidade encontrava-se, ainda há pouco anos corporizada pelo belo portal manuelino observado numa das entradas de uma casa situada próxima e do mesmo lado da rua, presentemente substituído aquando da total remodelação da moradia ali existente.



Fig. 14 – Sala 6. Vista geral da área escavada, que abarcou na íntegra esta sala. Ao fundo observa-se o fragmento de mosaico romano então posto a descoberto, bem como as diversas estruturas habitacionais também então identificadas, em geral anteriores àquele (foto de João Luís Cardoso).

3 – MATERIAIS E MÉTODOS

Dada a assinalável quantidade de espólios arqueológicos recuperados no decurso das escavações, optou-se de momento por dar prioridade à publicação dos conjuntos pós-romanos, englobando um largo lapso temporal desde a Antiguidade Tardia até à Época Contemporânea, por corresponder a informação totalmente inédita e do maior interesse para o conhecimento da evolução da presença humana no casco histórico da vila de Oeiras. O Quadro 2 tem correspondência na Fig. 19, que evidencia graficamente a distribuição dos espólios recolhidos nas diversas Salas em que presentemente se compartimenta o piso térreo do edifício pelas épocas a que pertencem. Dá-se assim continuidade à publicação alguns dos conjuntos arqueológicos de época pré-histórica e histórica dali provenientes: ao Bronze Final reporta-se estudo monográfico que deu a conhecer importante conjunto de produções cerâmicas de ornatos brunidos (CARDOSO, 2017/2018); ao final da Idade do Ferro e à época romana, coeva da construção e ocupação da *villa* reportam-se outras publicações, para além da acima referida (CARDOSO, 1996; CARDOSO, 2011); enfim, ao período islâmico reporta-se contributo que demonstrou, pela primeira vez, e como seria de esperar, tendo presente a informação paras as regiões vizinhas de Lisboa e Sintra, a ocupação do actual espaço oeirense por populações islâmicas ou islamizadas (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009).

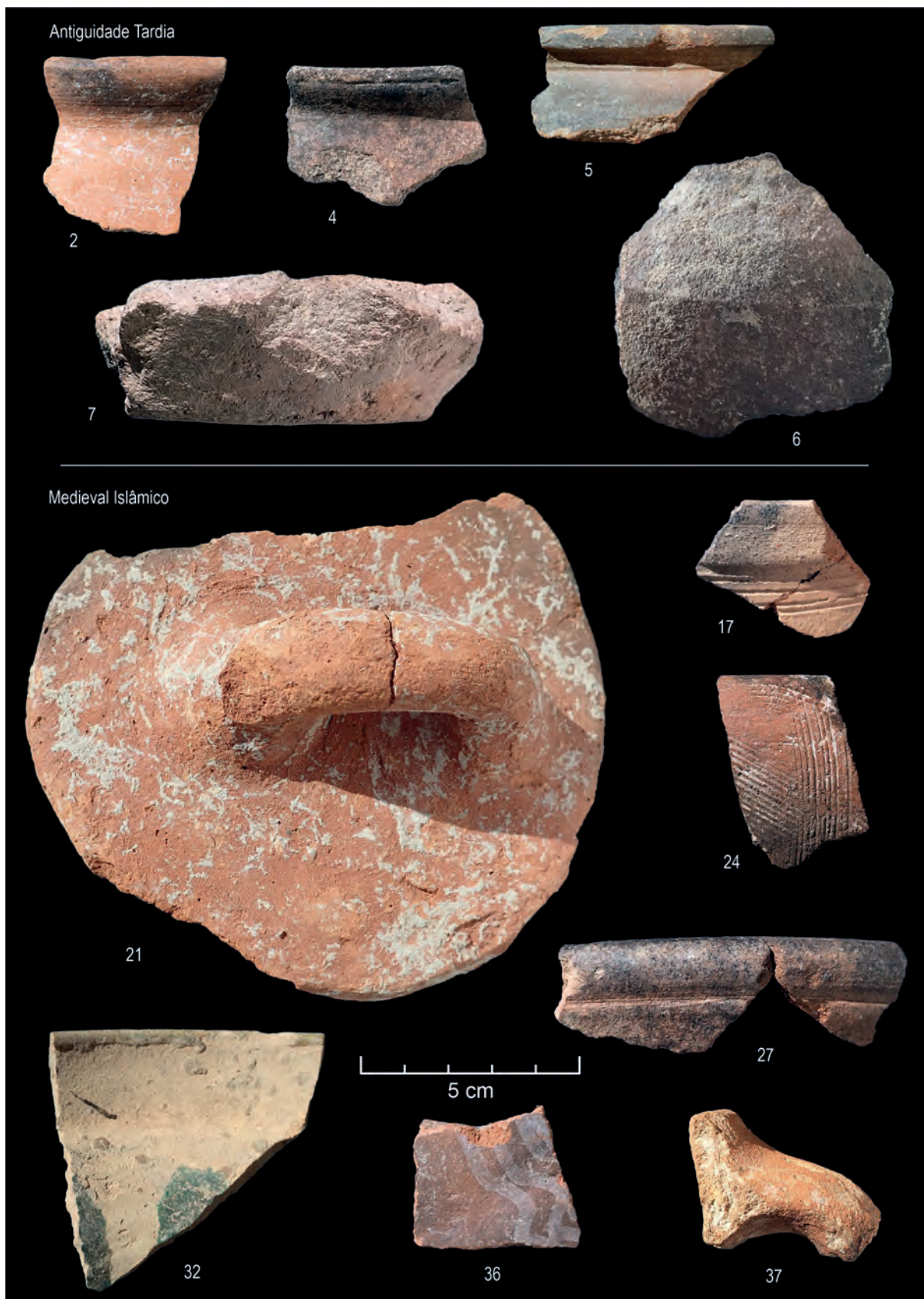


Fig. 15 – Materiais cerâmicos exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Alta Idade Média:** 2, 4, 5 e 6 – Panelas; 7 – Pote. **Período Medieval Islâmico:** 17 – Panela; 21 – Tampa; 24 e 27 – Tigelas (*ataifor*); 32 – Cântaro; 36 – Bilha (?); 37 – Jarrinha. Fotos de Bernardo Ferreira.



Fig. 16 – Materiais cerâmicos exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Medieval Cristão:** 53 – Panela; 57 – Taça; 61 – Testo; 63 – Tigela; 64 – Caneca; 67 – Argola de suspensão de frigideira. **Período Moderno:** 76 e 77 – Panelas; 86 – Caçoila; 89 – Tacho/caçoila; 97 e 103 – Pratos. Fotos de Bernardo Ferreira.

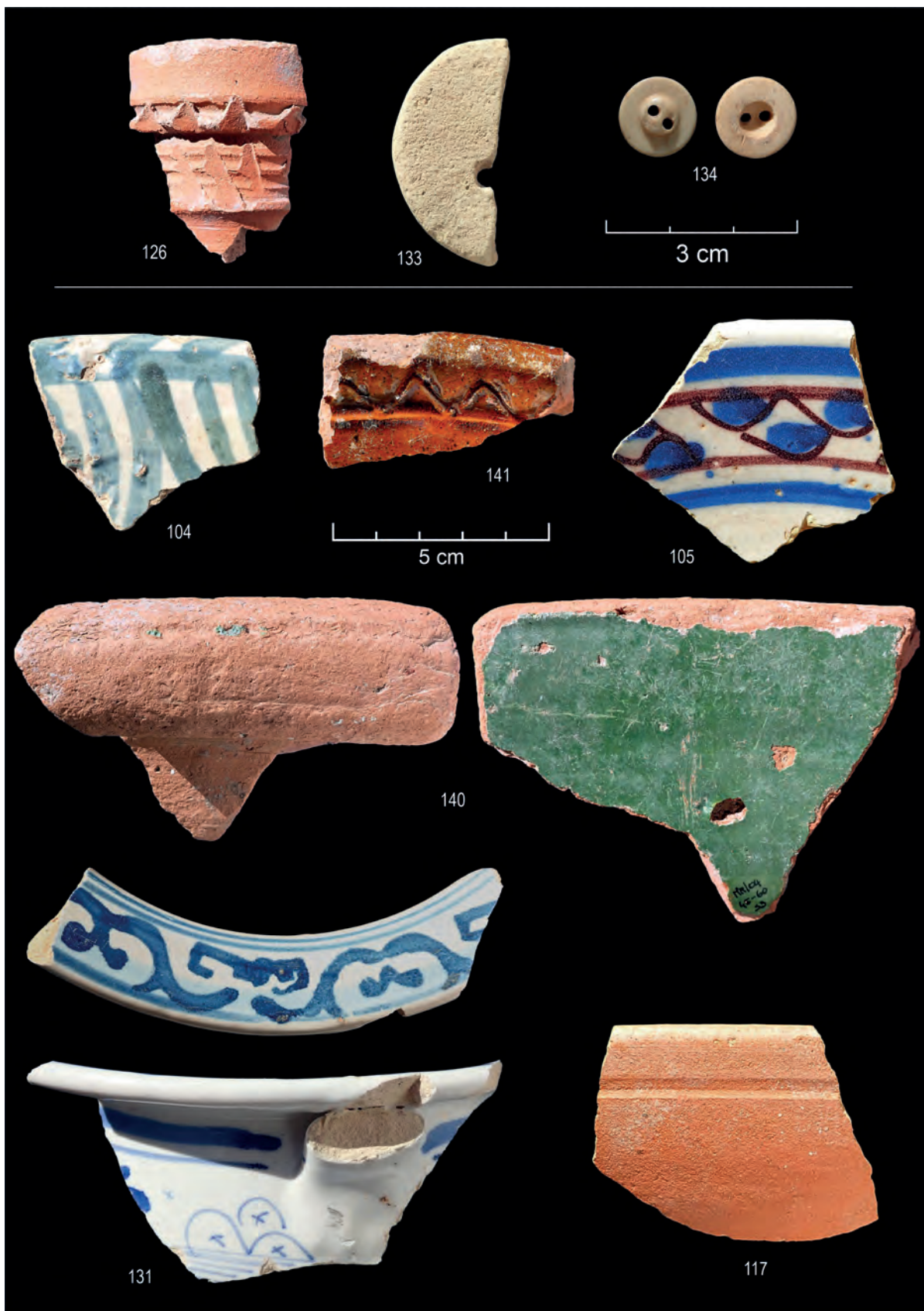


Fig. 17 – Materiais cerâmicos exumados e botão de osso. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Período Moderno:** 104 e 105 – Pratos; 117 – Tigela; 126 – Bordo e gargalo de garrafa; 131 – Bacia; 133 – Botão em cerâmica; 134 – Botão em osso; 140 e 141 – Alguidares. Fotos de Bernardo Ferreira.

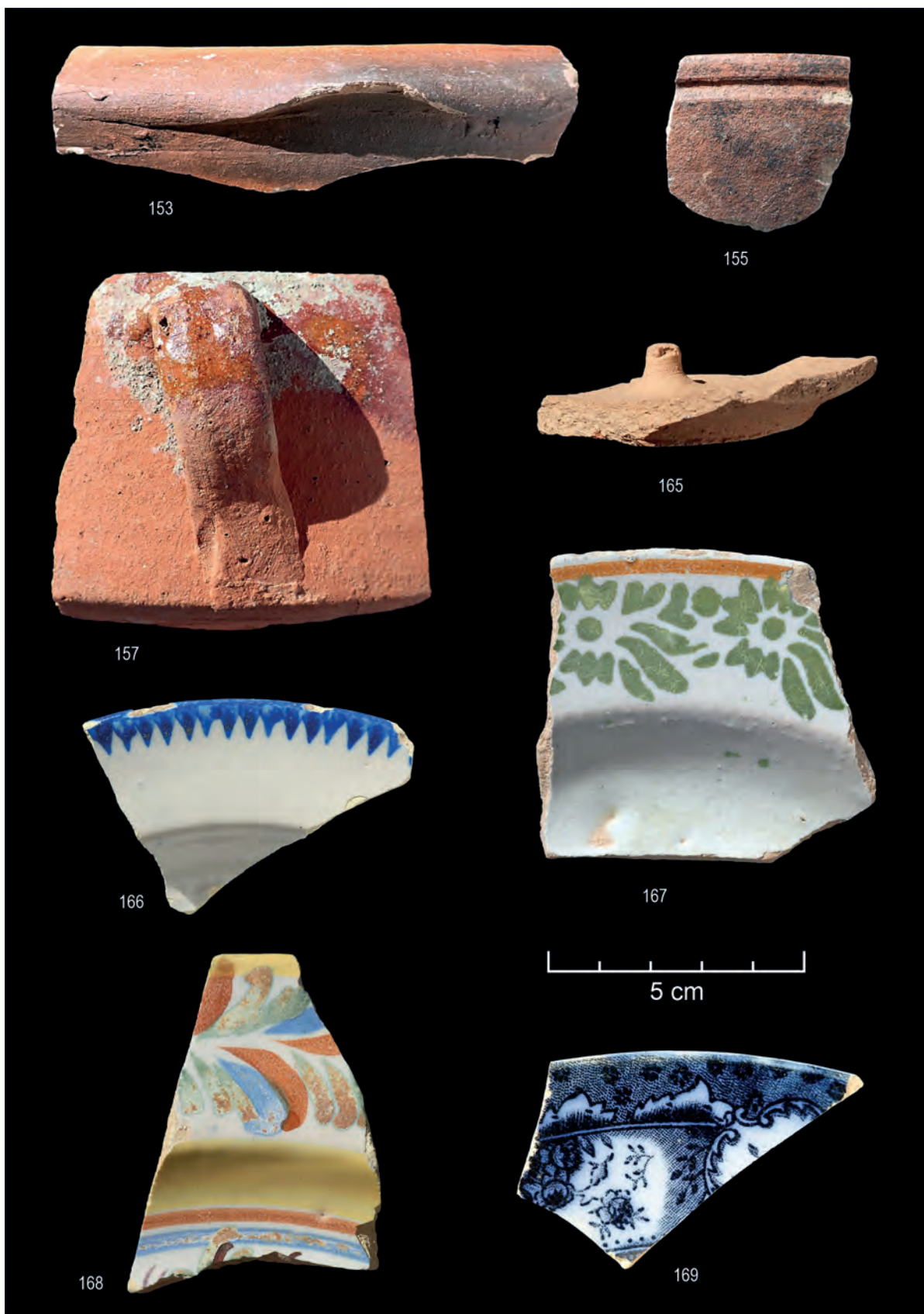


Fig. 18 – Materiais cerâmicos exumados. A numeração corresponde ao número da peça no catálogo. **Época Contemporânea:** 153 – Caçoila; 155 e 157 – Tachos; 165 – Testo com pitorra; 166, 167 e 168 – Pratos decorados com pintura manual; 169 – Prato com decoração estampilhada. Fotos de Bernardo Ferreira.

Quadro 2 – Distribuição dos materiais exumados por períodos cronológico-culturais nas quatro salas escavadas.

Períodos	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Sala 5	Sala 6	Total
Alta Idade Média			1	4		2	7
Medieval Islâmico		4	19	14	4	2	43
Medieval Cristão	1		3	11	2		7
Moderno	1	7	27	30	10	5	80
Contemporâneo		1	12	7		5	25

3.1 – Aspectos metodológicos

O presente trabalho corresponde ao estudo de um conjunto de materiais, exumados durante a intervenção ocorrida no ano de 2000, e, posteriormente, nos anos entre 2004 e 2007.

O resultado destas intervenções permitiu, através da análise da cultura material, definir o tipo de ocupação ocorrida neste local, desde a Pré-história, até à actualidade.

Apesar das características anómalas, resultantes de ocorrências verificáveis, no que respeita às sucessivas ocupações, foi possível elaborar, a partir dos materiais recolhidos, uma análise criteriosa quanto à tipologia e funcionalidade dos mesmos.

A metodologia seguida na análise destes materiais teve por base a classificação tipológica dos mesmos, bem como a sua funcionalidade.

Assim, os materiais estudados foram distribuídos pelas seguintes categorias:

- Cerâmica de cozinha
- Cerâmica de mesa
- Cerâmica de higiene
- Cerâmica de armazenamento
- Cerâmica multifuncional
- Cerâmica de construção
- Cerâmica de carácter lúdico

Este estudo privilegiou igualmente a caracterização macroscópica das pastas. Assim, no sentido de evitar a descrição exaustiva de cada peça, dado o volume de material, foram identificados quatro tipos de pastas:

Tipo A – pasta de grão fino, bem depurada e homogénea, nalguns casos friável.

Tipo B – pasta foliácea, com elementos desengordurantes de calibre médio, tais como micas, quartzo e óxidos de ferro, por vezes com vacúolos.

Tipo C – pasta bem depurada, homogénea, com ENPs finos.

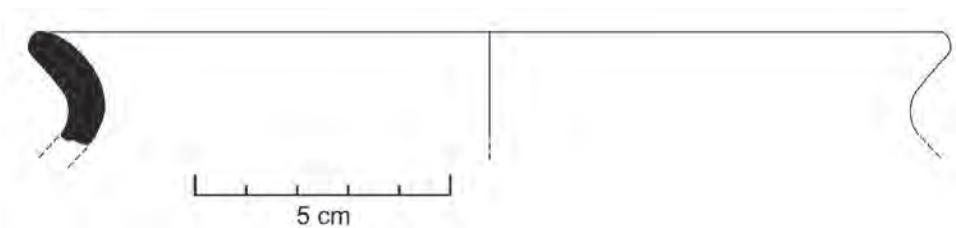
Tipo D – pasta grosseira, normalmente associada às produções de fabrico manual, com elementos quartzosos e micáceos de calibre diverso. Exemplo: materiais correspondentes à Antiguidade tardia.

3.2 – Inventário dos materiais estudados

O inventário dos materiais estudados seguiu, na sua descrição e classificação, a metodologia atrás exposta, sendo acompanhados dos respectivos desenhos, pela melhor compreensão.

3.2.1 – Alta Idade Média (Fig. 15, n.º inv. 2, 4, 5, 6 e 7)

1 – MR/04.CR.S.4



Panela – fragmento de bordo e parede de perfil em “S”.

Diâmetro 180mm.

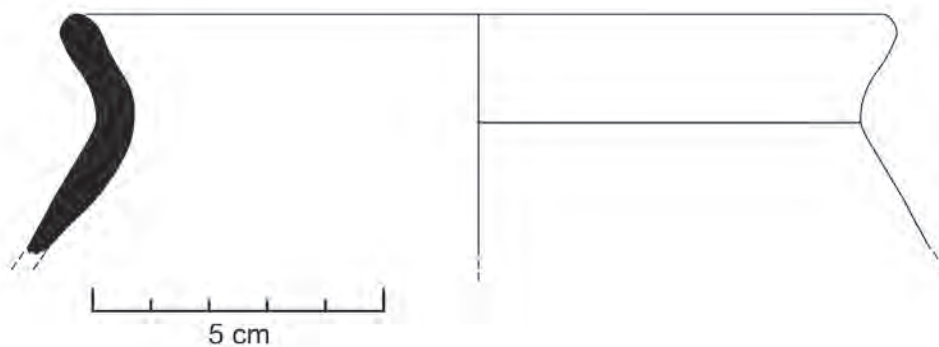
Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Cor negro.

Superfícies – alisadas.

2 – MR/06.CR.S.4



Panela – fragmento de bordo e parede de perfil em “S”.

Diâmetro – 140mm.

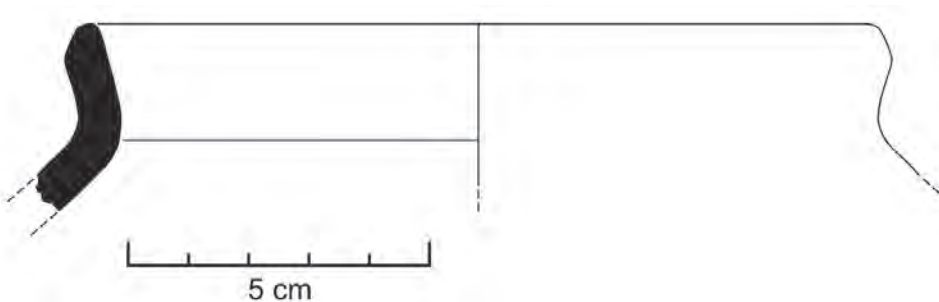
Cozedura – semi-redutora.

Fabrico – manual.

Pasta – tipo B. Cinza.

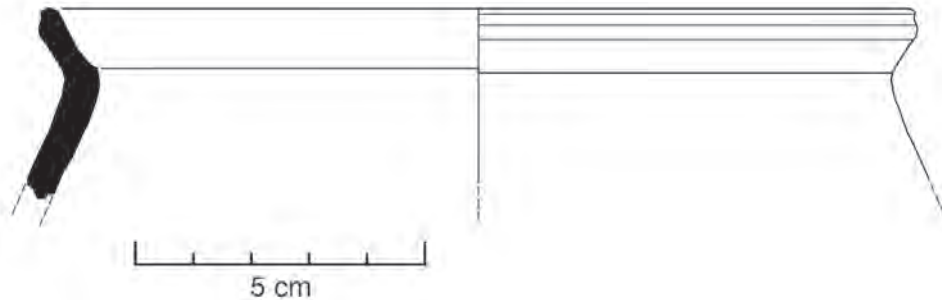
Superfícies – alisadas manualmente, com evidências de exposição ao fogo.

3 – MR/05.45-60.S.4



Panela – fragmento de bordo em “S”.
Diâmetro – 130mm.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Castanha clara.
Superfícies – mau acabamento, rugosas.

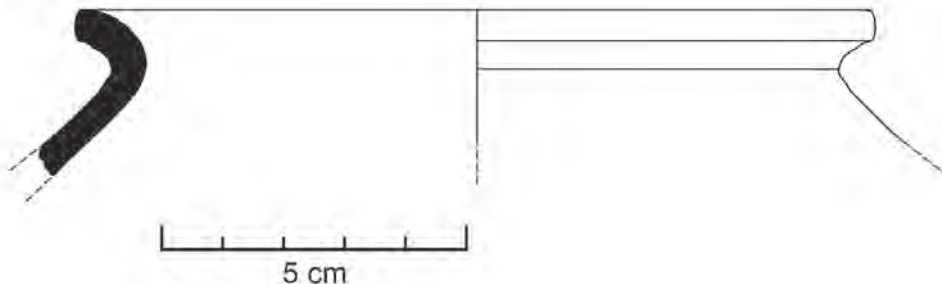
4 – MR/07.sup-15.S.6



Panela – fragmento de bordo, ligeiramente inclinado para o exterior. Ressalto interno para colocação de tampa, a partir do qual sofre estrangulamento e evolui para corpo de perfil indeterminado.

Diâmetro – 115mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Negra.
Superfícies alisadas.

5 – MR/07. Sup-15.S.6

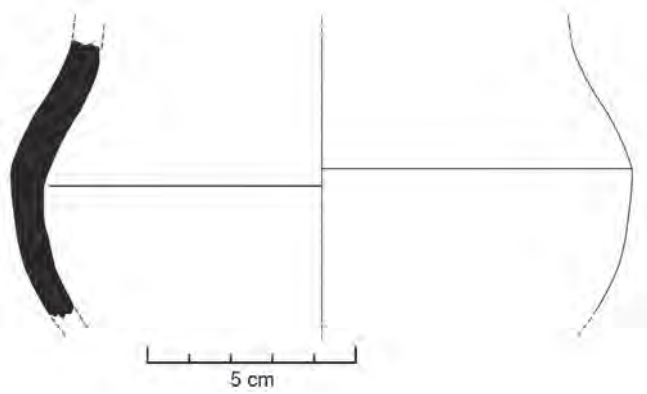


Panela – fragmento de bordo em S, evoluindo para corpo de perfil globular.

Diâmetro – 130mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Negra.
Superfícies – alisadas.

6 - MR/05.60-75.S.4

Panela - fragmento de perfil de panela sem forma definida.
Diâmetro máximo - 156mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo D. Cor negro.
Superfícies - rugosas devido ao tipo de pasta, grosseira.



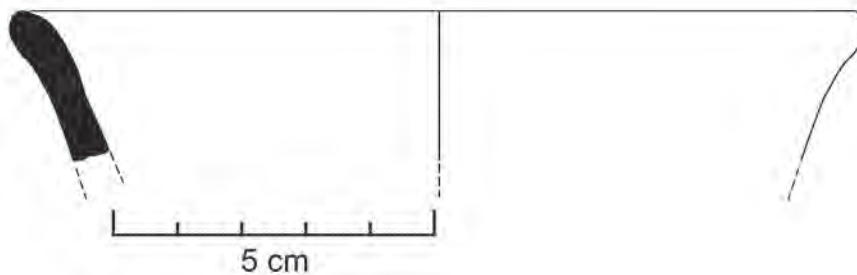
7 - MR/06.75-90.S.3



Pote - fragmento de base.
Diâmetro - 135mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - manual.
Pasta - tipo B.
Superfícies - rugosas.

3.2.2 - Período Medieval Islâmico (Fig. 15, n.º inv. 17, 21, 24, 27, 32, 36 e 37)

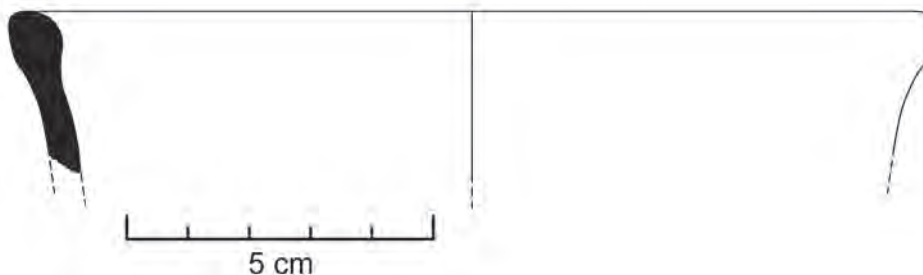
8 - MR/07.CR.S.4



Panela - fragmento de bordo e parede. Perfil exvasado e lábio arredondado.
Diâmetro - 130mm.

Cozedura – semi-redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B, bege e superfícies castanhas.
Superfícies – rugosas. Mau acabamento.

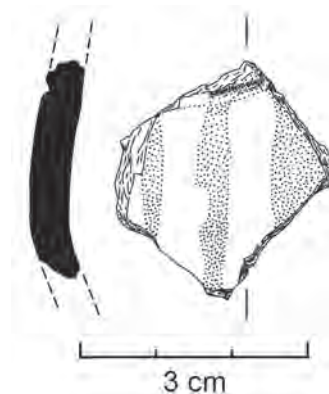
9 – MR/07.CR.S.4



Panela – fragmento de bordo e parede. Perfil exvasado e lábio arredondado, espessado.
Diâmetro – 150mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Bege nas superfícies e cinza no cerne.
Superfícies – alisadas.

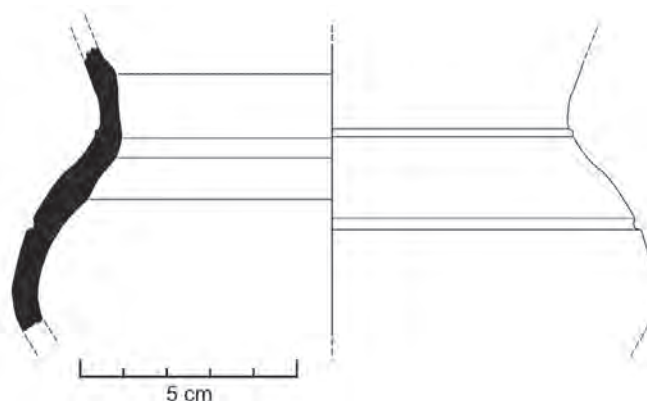
10 – MR/04.CR.S.2

Panela – Fragmento de bojo.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.
Decoração – pinceladas verticais a barbotina.

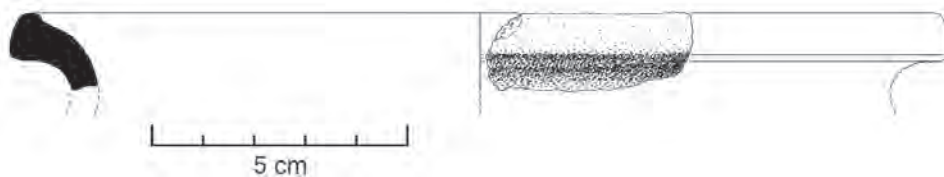


11 – MR/07.15-30.S.6

Panela – Fragmento de parede com perfil incompleto de corpo globular.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – tipo D. Grosseira, negra.
Superfície – mau acabamento.



12 - MR/08.15-30.S.4



Panela - Fragmento de bordo de secção triangular e parede de perfil em "S".

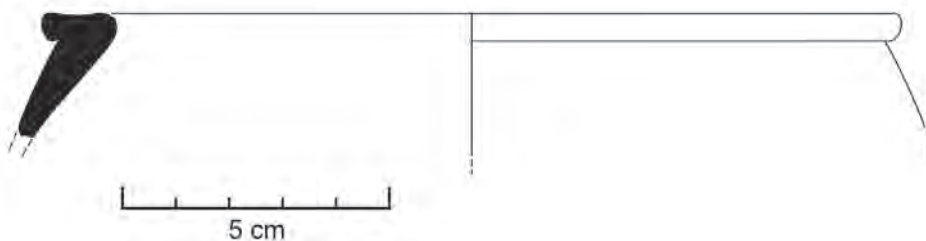
Diâmetro - 180mm.

Cozedura - redutora.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Negra

13 - MR/04.45-60.S.3



Panela - Fragmento de bordo curto, com pequena aba. Lábio plano e corpo a evoluir para globular.

Ausência de colo.

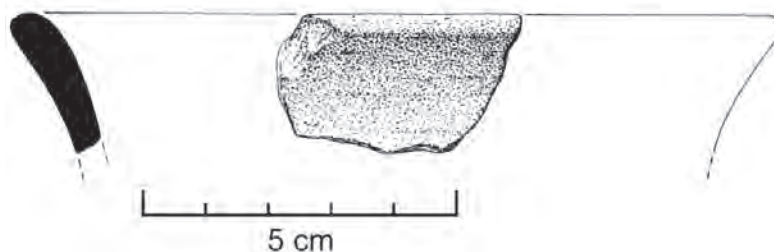
Diâmetro - 160mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

14 - MR/04.60-75.S.3



Panela - fragmento de bordo e colo.

Diâmetro - 121mm.

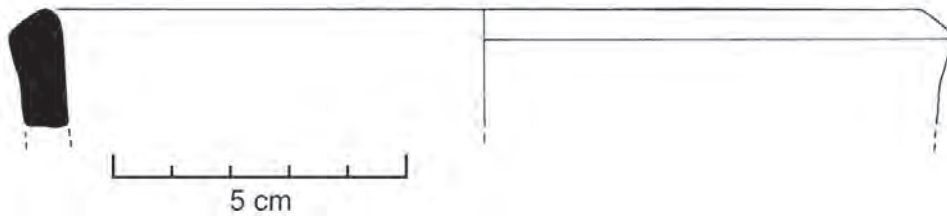
Cozedura - redutora.

Fabrico - roda lenta.

Pasta - tipo B.

Superfícies - alisadas.

15 - MR/04.CR.S.2



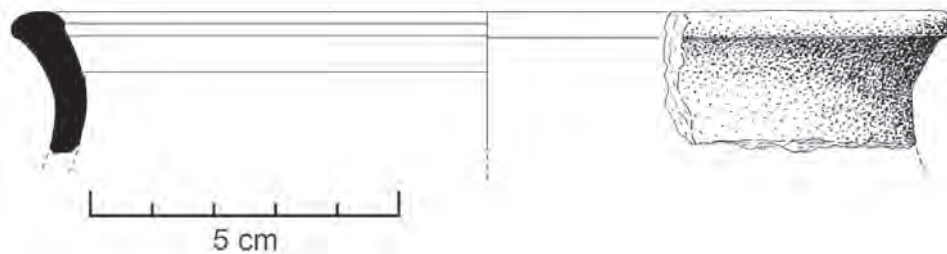
Panela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 132mm.

Cozedura – semi-redutora.

Fabrico – regional.

16 - MR/04. 60-75. S.3



Panela – fragmento de bordo e parede de perfil em S.

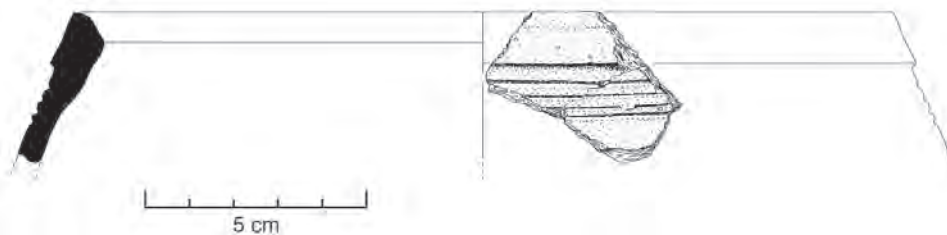
Diâmetro – 150mm.

Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B.

17 - MR/04.30-45.S.2



Panela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 200mm.

Cozedura – semi-oxidante.

Fabrico – roda rápida.

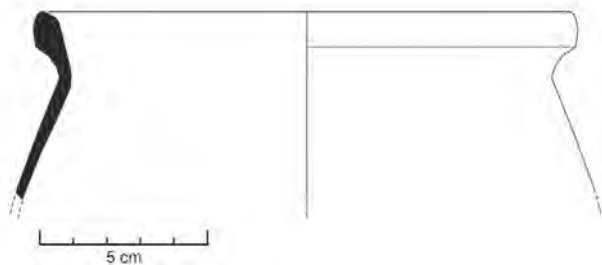
Pasta – tipo B.

Superfícies – rugosas.

Decoração – apresenta quatro linhas incisas sob o bordo.

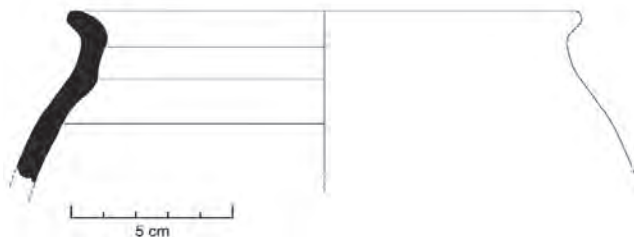
18 - MR/04.45-60.S.3

Panela - fragmento de bordo espessado de secção quadrangular, colo estrangulado.
Diâmetro - 160mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Superfícies - bom acabamento.

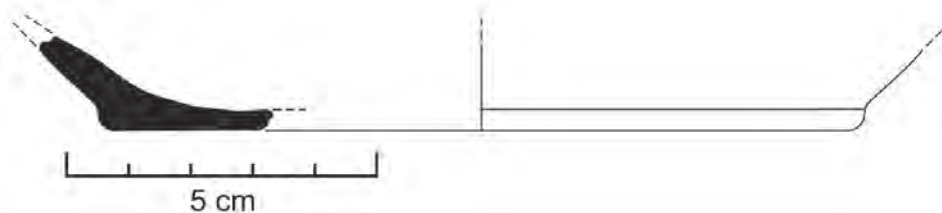


19 - MR/06. 15-30.S.5

Panela - fragmento de bordo curto em "S", evoluindo para corpo globular.
Diâmetro - 160mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - semi-redutora.
Pasta - tipo B. Vermelha acastanhada.
Superfícies - alisadas.



20 - MR/04.15-30.S3



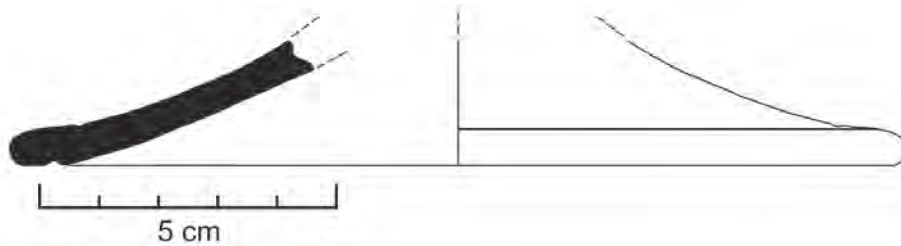
Panela - fragmento de fundo.
Diâmetro - base, 120mm.
Cozedura - redutora.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelho escuro.
Superfície - alisamento. Evidências de exposição ao fogo.

21 - MR/06.30-45.S.5

Tampa - perfil plano com pega transversal no centro.
Cozedura - semi-redutora.
Fabrico - manual.
Pasta - tipo B.
Superfícies - mau acabamento.



22 - MR/06.30-45.S.5



Testo - fragmento de bordo.

Diâmetro - 150mm.

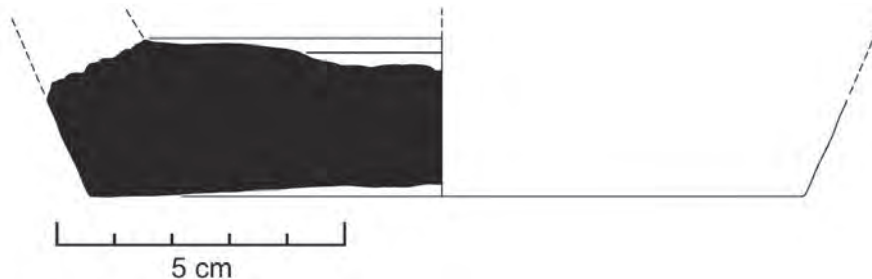
Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. cor alaranjada.

Superfícies - bem alisadas com evidências de exposição ao fogo.

23 - MR/06.90-105.S.4



Tampa - Fragmento de base de talha reutilizada como tampa.

Diâmetro - 122mm.

Cozedura - semi-redutora.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. evidências de exposição ao fogo.

Cronologia - Período Medieval.

24 - MR/07. CR.S.4

Tigela (ataifor) - fragmento de tigela em calote.

Diâmetro - 280mm.

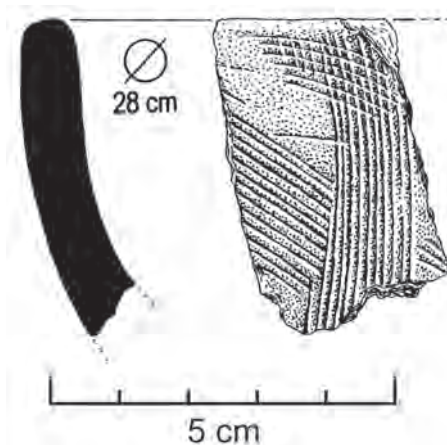
Cozedura - redutora.

Fabrico - manual.

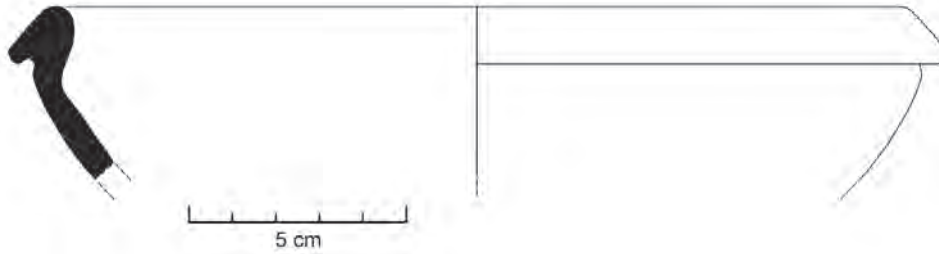
Pasta - Tipo B.

Superfícies - alisamento.

Decoração - decoração em bandas incisas, entrecruzadas, aplicadas a pente.



25 - MR/04.30-45.S.3



Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo espessado, em aba e paredes em calote.

Diâmetro – 200mm.

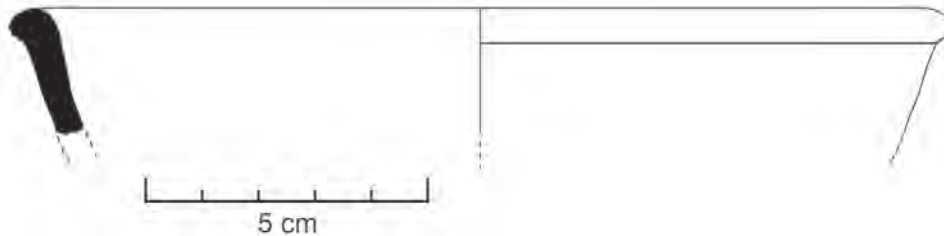
Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Castanha.

Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.

26 - MR/04.60-75. S.3



Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 167mm.

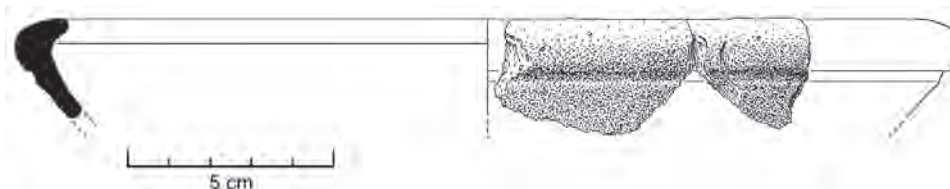
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada.

Superfície – vidrado plumbífero melado, de tom esverdeado e pontos aleatórios em manganês.

27 - MR/07.60-75.S.3



Tigela (*ataifor*) – fragmento de bordo espessado, semi- circular, invertido internamente e parede recta de perfil em calote.

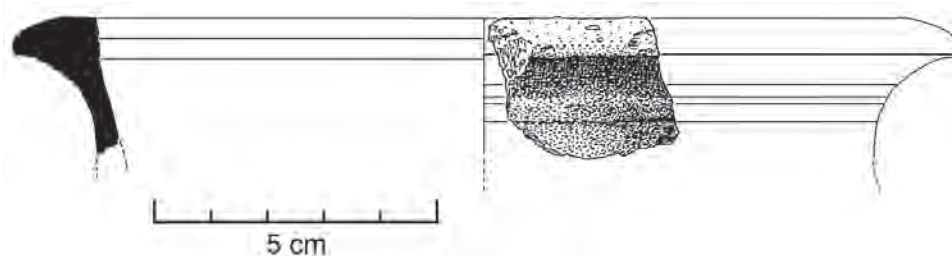
Diâmetro – 200mm.

Cozedura – redutora.

Fabrico – roda lenta.

Pasta – tipo B. Castanha.
Decoração – canelura sob o bordo.

28 – MR/04. 60-75. S.3

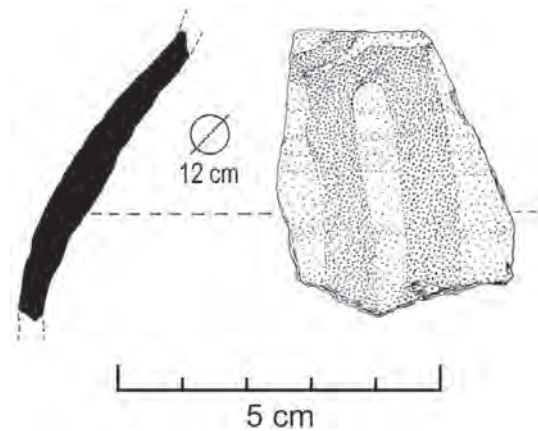


Tigela (ataifor) – fragmento de bordo espessado, em aba, com lábio plano e paredes ligeiramente oblíquas.

Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Acastanhada acinzentada.
Superfícies – erodidas.

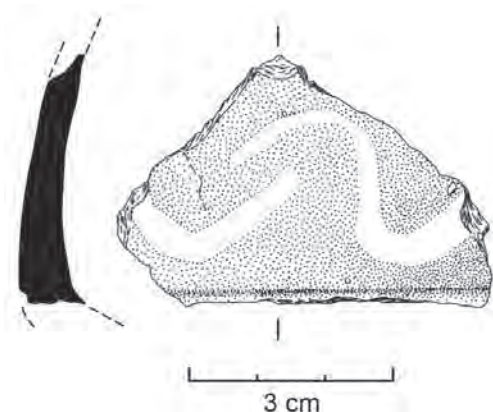
29 – MR/07.CR.S.4

Púcara – fragmento de bojo.
Diâmetro máximo – 120mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo A.
Decoração – pintado a almagre com pinceladas aplicadas na vertical.



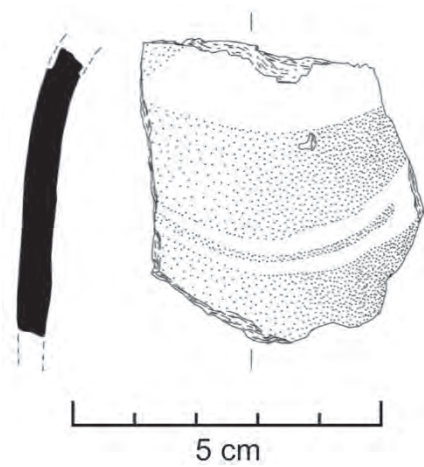
30 – MR/07.CR.S.4

Bilha – fragmento de bojo.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Rosa clara.
Superfícies – superfície externe brunida, com bom acabamento.
Decoração – apresenta pinceladas serpentiformes a barbotina.

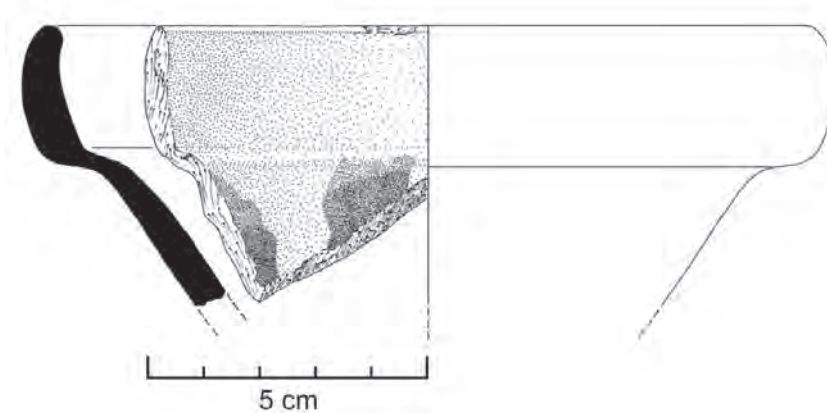


31 - MR/07.CR.S.4

Bilha? - Fragmento de bojo com perfil vertical.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Rosada.
Superfícies - bom acabamento. Brunida.
Decoração - pintura irregular com bandas em barbotina.



32 - MR/06.15-30.S.4

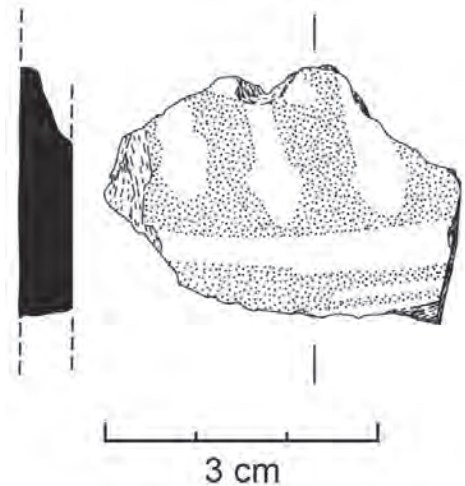


Cântaro - fragmento de bordo de perfil de secção semi- circular. Paredes oblíquas, acentuadamente estranguladas.

Diâmetro - 140mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - bege.
Superfícies - bom acabamento.
Decoração - escorridos de vidrado plumbífero verde no interior.

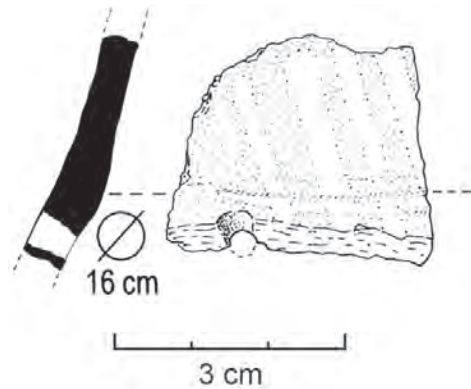
33 - MR/04.15-30.S3

Bilha - fragmento de parede. Forma indeterminada
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta tipo B. Vermelha.
Decoração - traços verticais, irregulares, pintados a barbotina.

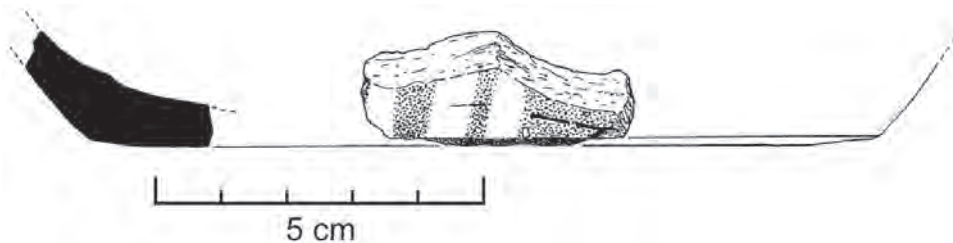


34 – MR/04.CR.S.3

Bilha? – Fragmento de possível contentor de líquidos.
Diâmetro máximo – 160mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – alisadas.
Decoração – aplicação de quatro pinceladas irregulares, a barbotina, na vertical.



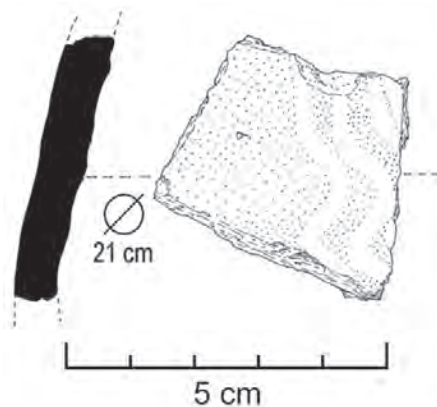
35 – MR/04.60-70.S.3



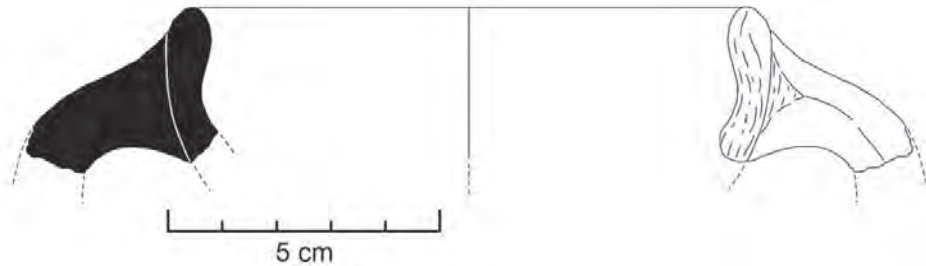
Bilha? – Fragmento de base de possível contentor de líquidos.
Diâmetro de base – 130mm.
Cozedura – semi- redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – alisadas.
Decoração – apresenta três pinceladas a barbotina na vertical.

36 – MR/07.75-90.S.3

Bilha ?– fragmento de parede.
Cozedura semi-redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, mista. Cerne cinza, alaranjada internamente e acastanhada na superfície externa.
Superfícies – bom acabamento.
Decoração – três bandas a barbotina, onduladas, na vertical.



37 - MR/04.CR.S.3



Jarrinha – fragmento de bordo e paredes ligeiramente convexas, com porção de asa. Peça bem definida no repertório formal islâmico do século XII, com duas asas.

Diâmetro – 111mm.

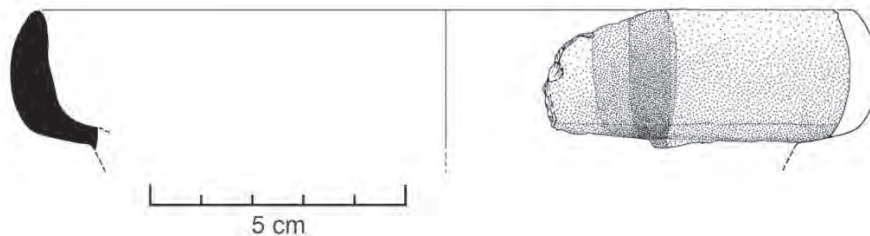
Cozedura – semi-oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta tipo B.

Superfícies – bom alisamento.

38 - MR/05. 45-60.S.4



Cântaro – fragmento de bordo espessado, secção semi-circular.

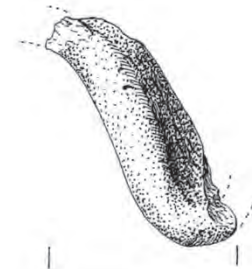
Diâmetro – 160mm.

Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta tipo C. Cor bege.

Superfícies – revestido a vidro melado com escorrido verde, o mesmo no interior do bordo.



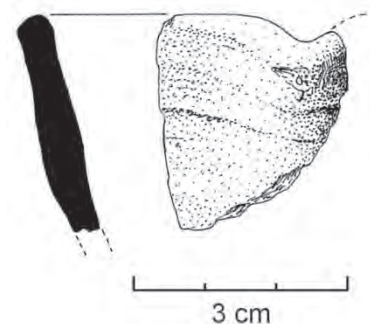
39 - MR/04.CR.S.3

Jarro – fragmento de bordo trilobado e parede.

Cozedura – semi-redutora.

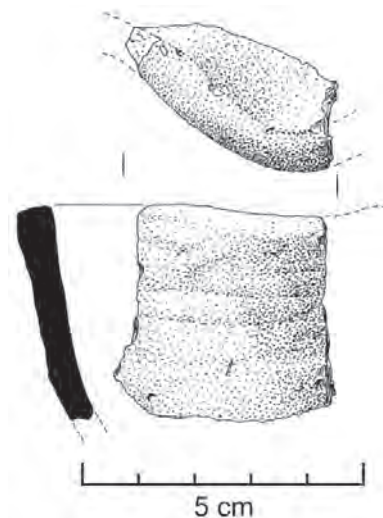
Fabrico – roda rápida.

Superfícies – alisadas.



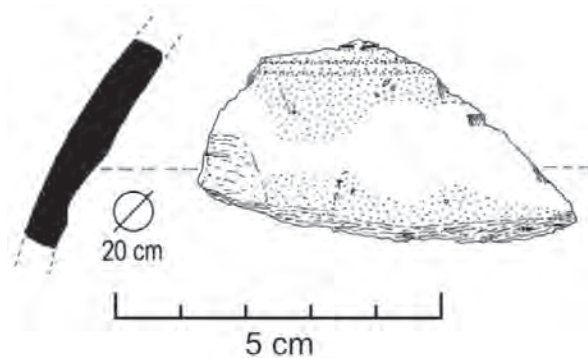
40 - MR/04.CR.S.3

Jarro – fragmento de bordo trilobado e colo.
Cozedura semi-redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Alaranjada.
Superfícies – mal alisadas.

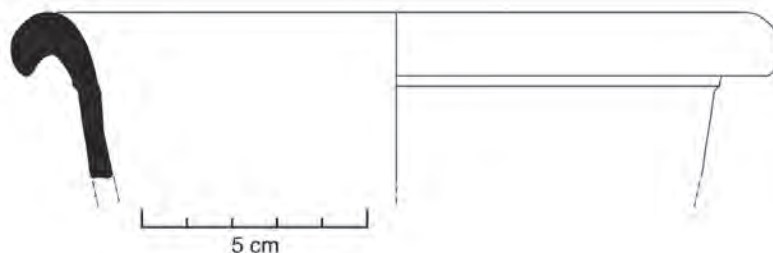


41 - MR/04.CR.S.3

Bilha? – fragmento de parede.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.
Decoração – pintura irregular a barbotina.

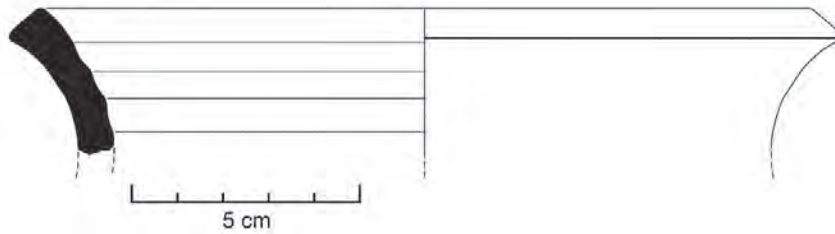


42 - MR/06.CR.S.4



Pote – fragmento de bordo em voluta e colo de perfil troncocónico.
Diâmetro – 170mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Cinza.
Superfícies – alisadas.

43 - MR/04. 15-30.S.3



Pote - Fragmento de bordo de secção triangular. Paredes convergindo para perfil estrangulado.

Diâmetro - 170 mm

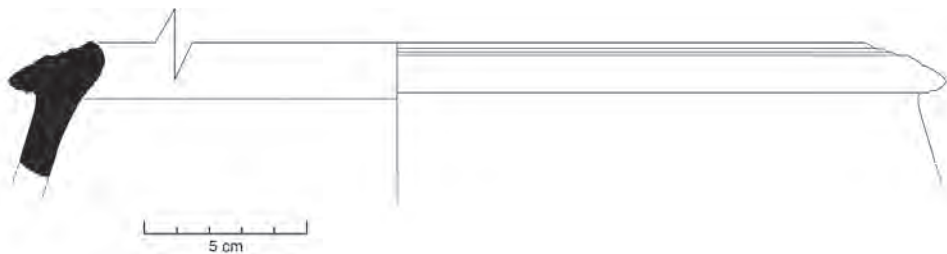
Tipo de cozedura - Redutora.

Tipo de fabrico - Roda rápida.

Pasta - Tipo B. Características cromáticas: negra.

Tratamento de superfície - Alisamento

44 - MR/07.15-30. S.6



Pote - fragmento de bordo de secção triangular, em aba. Ausência de colo. Corpo evoluindo para perfil globular.

Diâmetro - 290mm.

Cozedura - semi-redutora.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

Decoração - bordo com estrias.

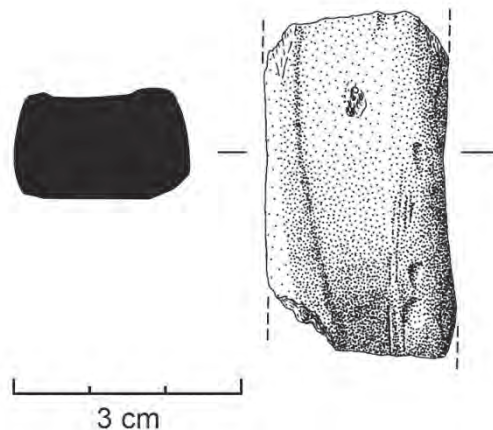
Superfície - Alisamento.

45 - MR/05.30-45.S.4

Asa - fragmento de asa de jarrinho, apresentando secção quadrangular.

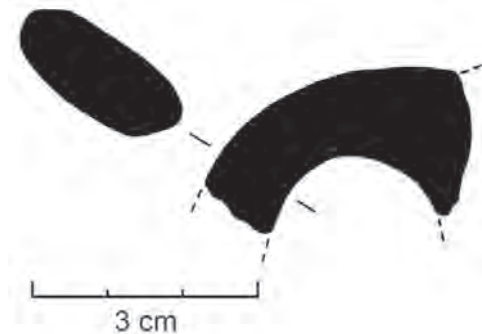
Cozedura - semi-redutora. Castanha.

Pasta - tipo D, grosseira. Superfícies mal alisadas.



46 – MR/05.105-120.S.3

Asa – fragmento de asa.
Diâmetro – 24mm.
Fabrico – regional.



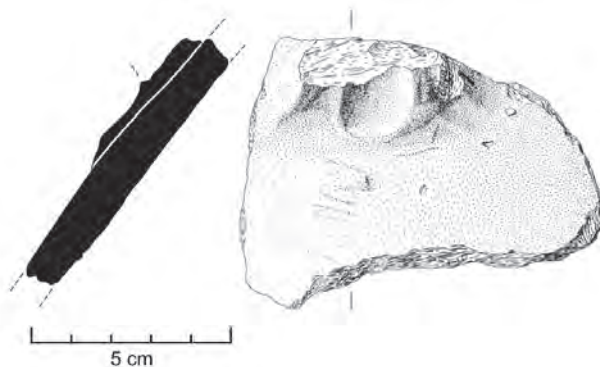
47 – MR/05.15-30.S.4

Malha de jogo – Fragmento obtido a partir de telha com decoração digitada.
Pasta – Tipo B, grosseira. Vermelha.



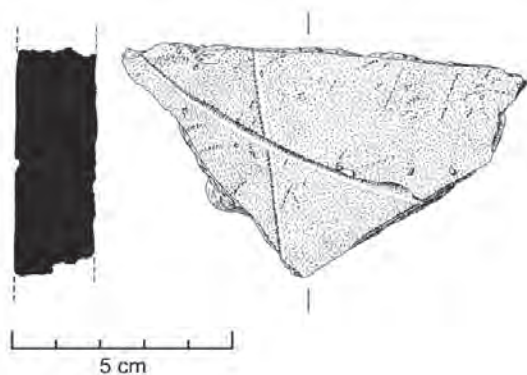
48 – MR/06.15-30.S.5

Talha – fragmento de parede com arranque de asa.
Cozedura – redutora.
Fabrico – manual.
Pasta – Tipo B. Cor negra.
Superfícies – mau acabamento.



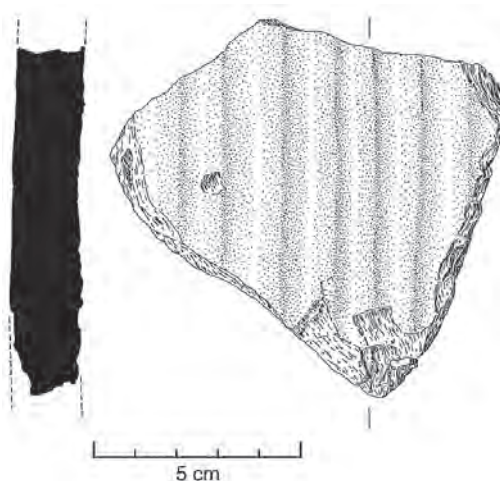
49 – MR/05.15-30.S.4

Telha – Fragmento de telha.
Cozedura – Oxidante.
Pasta – tipo B.
Decoração – linhas incisas, cruzadas.



50 - MR/04.30-45.S.2

Telha - fragmento de telha.
Cozedura semi-oxidante.
Pasta - tipo B, compacta, vermelha.
Decoração - superfície preenchida por sulcos digitados na vertical.

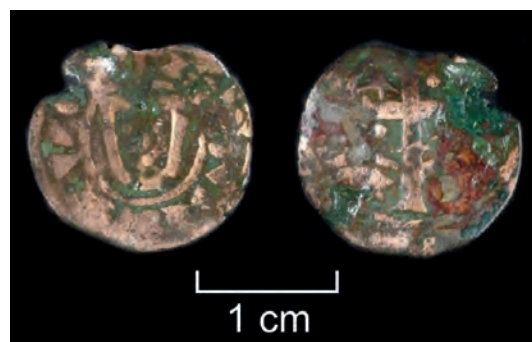


3.2.3 - Período Medieval Cristão (Fig. 16, n.º inv. 53, 57, 61, 63, 64, 67)

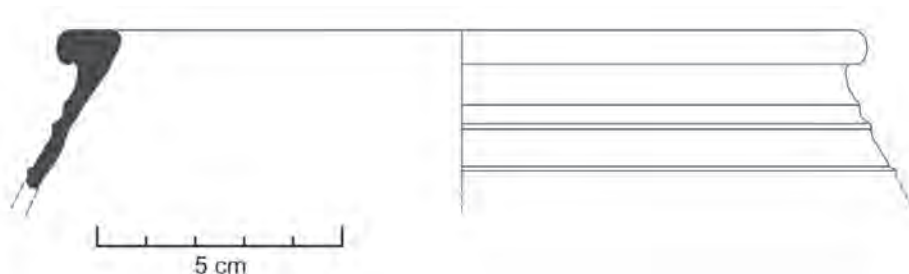
51 - MR/06.10. CR.S.4

Dinheiro de Sancho II (1223-1248)

liga de cobre
Anverso - escudo com cincoquinas. REX SANCIVS.
Reverso - cruz, ladeada por estrelas e besantes.
Diâmetro - 16 mm.
Peso - 0,619 gr.

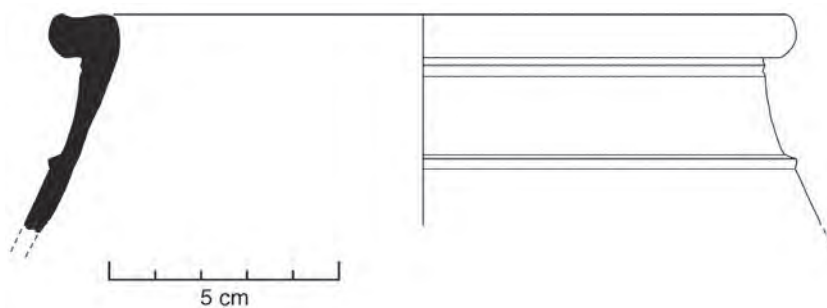


52 - MR/04. 30-45. S.3



Panela - Fragmento de bordo e parede. Lábio de secção quadrangular. Bordo troncocónico.
Diâmetro - 160 mm
Tipo de cozedura - Redutora.
Tipo de Fabrico - Roda rápida.
Pasta - Tipo B. Castanha clara.
Decoração - apresenta nervuras na zona proximal do bordo.

53 - MR/06.60-75.S.4



Panela – fragmento de bordo em aba, de secção quadrangular. Corpo evoluindo para perfil troncocónico.

Diâmetro – 160mm.

Cozedura – oxidante.

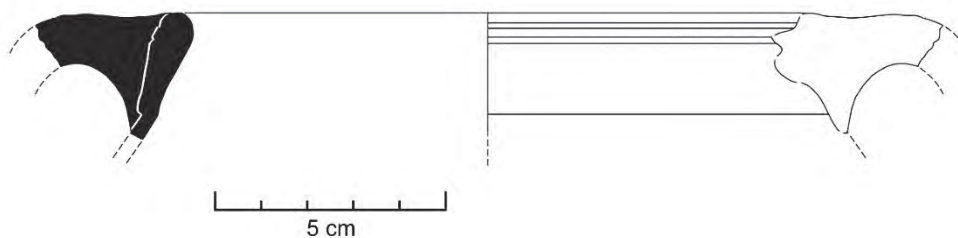
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

Decoração – pequena nervura horizontal, provocando espaço de moldura entre esta e o bordo.

54 - MR/06.45-60.S.4



Panela – Fragmento de bordo e asa. Lábio arredondado. Forma fechada com inclinação para o interior.

Diâmetro – 140 mm.

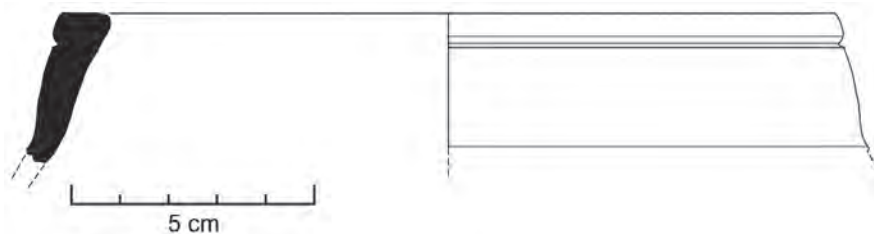
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – Bom acabamento de superfície.

55 - MR/06.45-60.S.4



Panela – Fragmento de bordo troncocónico com uma canelura a definir o lábio e ligação bem acentuada na evolução do colo para o ombro.

Diâmetro – 160 mm.

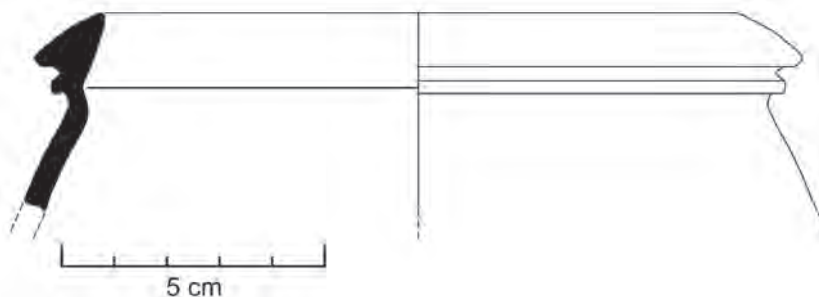
Cozedura – Oxidante.

Fabrico – Roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – Bom acabamento.

56 – MR/06.45-60. S.4



Panela – bordo de secção triangular com ressalto e nervura bem marcada. Ausência de colo, paredes evoluindo para corpo globular.

Diâmetro – 120mm.

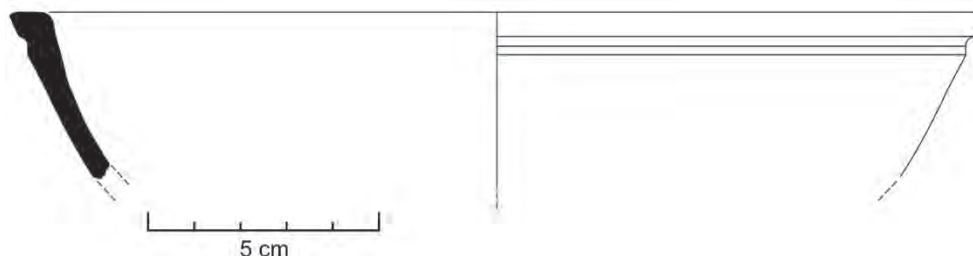
Cozedura – Redutora.

Fabrico – Roda rápida.

Pasta – Tipo B. Negra no exterior, rosada e cinza no cerne.

Superfícies – Bom acabamento na superfície externa; mau acabamento na superfície interna.

57 – MR/06.30-45.S.4



Taça – Fragmento de bordo com lábio plano e corpo em calote.

Diâmetro – 210 mm.

Cozedura – oxidante.

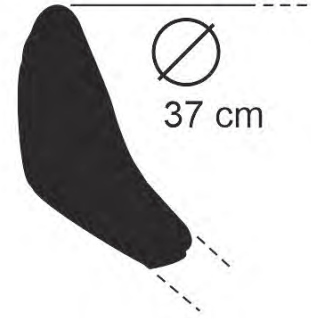
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelho escuro.

Bom acabamento de superfícies.

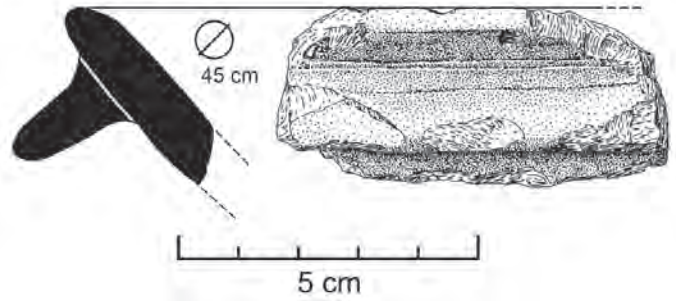
58 – MR/07.CV.S.4

Caçoila – fragmento de bodo de secção triangular, espessado.
Diâmetro – 370mm.
Cozedura – semi-oxidante.
Fabrico – roda lenta.
Pasta – Tipo B.
Superfícies – rugosa.

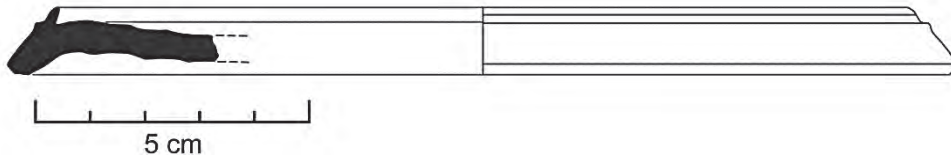


59 – MR/06.30-45.S.5

Caçoila/alguidar – Fragmento de bordo e paredes de perfil oblíquo e bordo em aba, fracturada.
Diâmetro – 450mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

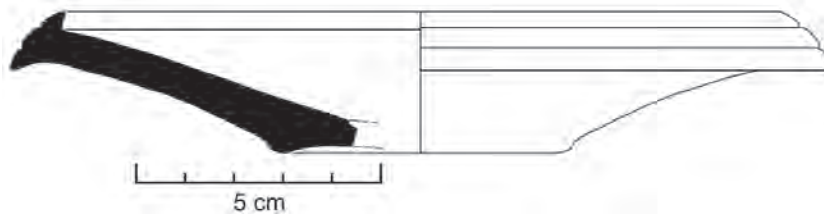


60 – MR/06.CR.S.4



Testo – fragmento de perfil em barbela incompleto.
Diâmetro – superior 155mm, diâmetro de base 170mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta tipo B.
Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.

61 – MR/05. Sup-15.S.4



Testo - Fragmento de budo em barbela

Diâmetro - 150 mm.

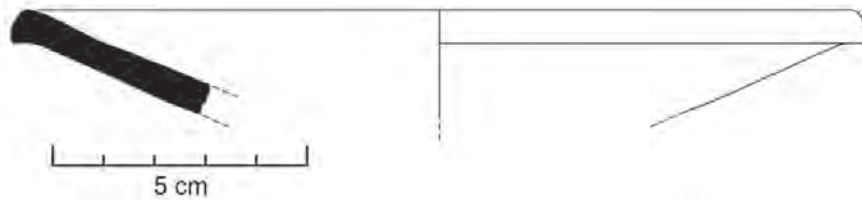
Cozedura - semi-reduzora.

Tipo de fabrico - manual.

Pasta - Tipo B, mista: cerne cinza, superfícies vermelhas escuras.

Tratamento de superfícies - alisadas

62 - MR/04.30-45. S.3



Testo - Fragmento de bordo boleado.

Diâmetro - 165 mm.

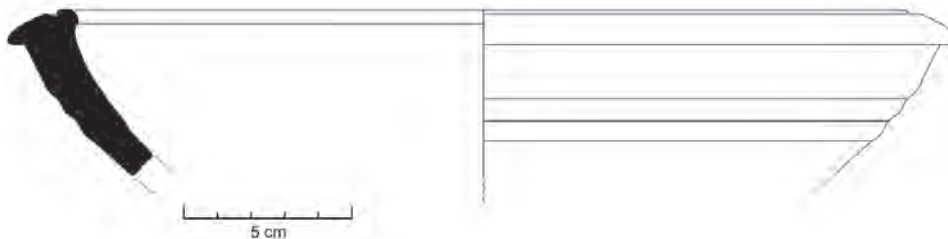
Cozedura - Reduzora.

Tipo de fabrico - Roda rápida.

Pasta - Tipo C, homogénea e bem depurada. Negra.

Tratamento de superfícies - Bom tratamento, com evidências de exposição ao fogo.

63 - MR/06.60-75.S.4



Tigela - fragmento de tigela com bordo em "T" e parede com perfil em calote.

Diâmetro - 280mm.

Cozedura - semi-reduzora.

Fabrico - roda lenta.

Pasta - tipo B. Mista, Cerne cinza e superfícies beges.

Superfícies - alisadas.

64 – MR/07.30-45.S.1

Caneca – fragmento de parede e fundo.

Diâmetro – 70mm.

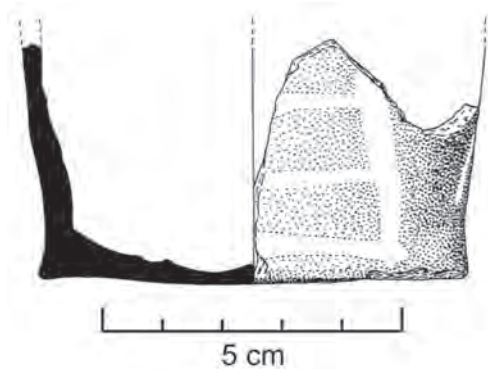
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

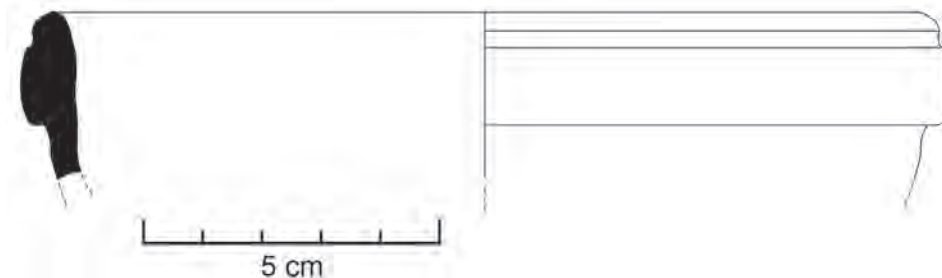
Pasta – tipo C. Bege.

Superfície – revestimento a engobe vermelho no exterior.

Decoração – composições geométricas aplicadas a barbotina.



65 – MR/04.30-45.S.3



Púcaro – fragmento de bordo com paredes espessadas e parte de parede.

Diâmetro – 150mm.

Cozedura – redutora.

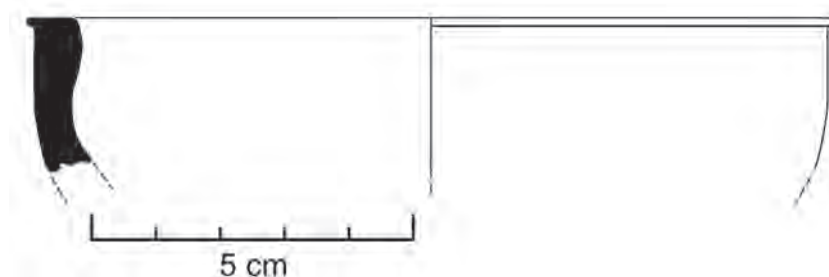
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Cinza no núcleo, superfícies alaranjadas.

Superfícies – bom acabamento.

Decoração – canelura junto ao lábio.

66 – MR/07.S.5



Bilha – Fragmento com lábio plano e paredes verticais.

Diâmetro – 125mm.

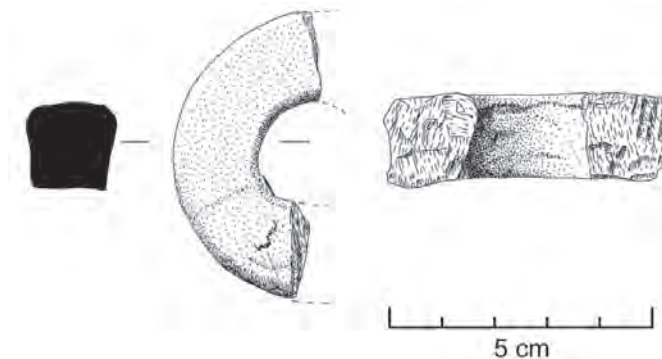
Cozedura – redutora.

Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Cinza.
Superfície – bom acabamento.

67 – MR/06.CR.S.4

Argola de suspensão de frigideira

Diâmetro – 55mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – manual.
Pasta – tipo C. Negra.



3.2.5 – Época Moderna (Fig. 16, n.º inv. 76, 77, 86, 97 e 103; Fig. 17, n.º inv. 104, 105, 117, 126, 131, 133, 134, 140 e 141)

A Época Moderna, a par do período romano, é a que regista maior volume de peças do conjunto cerâmico que se insere na cultura material.

As escavações ofereceram, essencialmente, exemplares que nos remetem para ambientes de mesa e cozinha.

Da cerâmica de cozinha consta um número significativo de panelas, caçoilas, tigelas, tachos, algumas tampas e uma púcara.

Da cerâmica de mesa constam, em faiança: pratos e tigelas, e em cerâmica fosca, taças, bilhas. Ainda em faiança, um conjunto de vasos de noite.

Trata-se de um conjunto bem representado, que integra as produções de Lisboa. As pastas são beges, foliáceas e friáveis, com escassos elementos não plásticos. Predominam as decorações monocromas, azul-cobalto sobre branco estanífero: filetes, semi-círculos concêntricos, contas e elementos fitomórficos.

Dos contentores de fogo fazem parte alguns exemplares de fogareiros.

68 – MR/06.10. CR.S.4

Moeda – ceitil. Afonso V (1438-1481)

Anverso – muralha com portas.

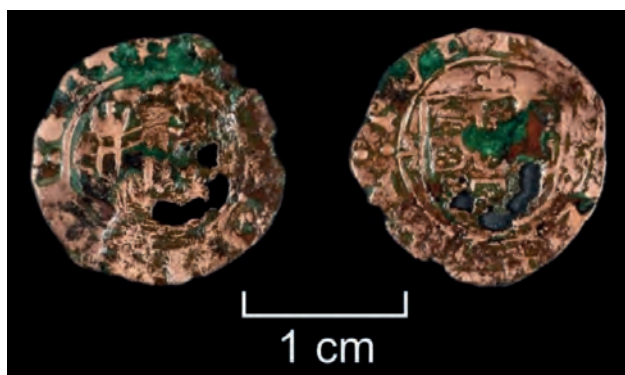
Reverso – escudo com torres e escudete com cinco quinas.

Diâmetro – 20 mm.

Peso – 1,223 gr.

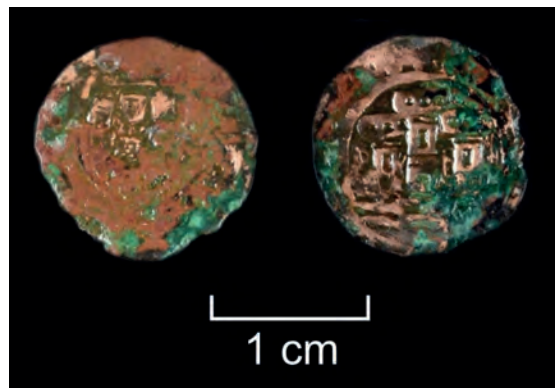
Bibliografia – MAGRO, F. A. C. (1986)

– Ceitis. Sintra: Instituto de Cintra, Sintra.

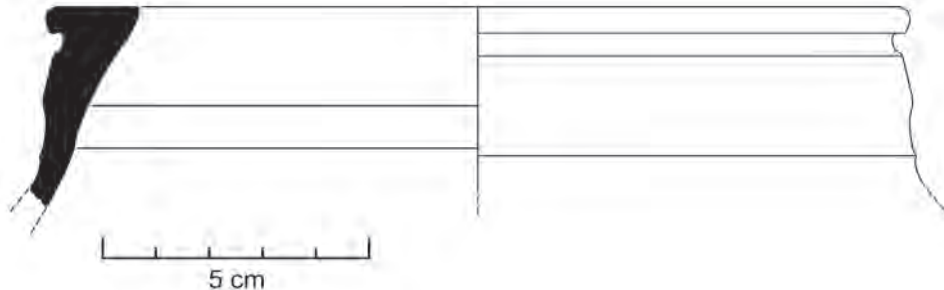


69 – MR/06.10. CR.S.4

Moeda – ceitil. Afonso V (1438-1461)
Anverso – Muralha com portas.
Reverso – escudo com torres, e escudete
com cinco quinas.
Diâmetro – 18,5 mm.
Peso – 1,375 gr.
Bibliografia – MAGRO, F. A. C. (1986)
– *Ceitis*. Sintra: Instituto de Cintra.

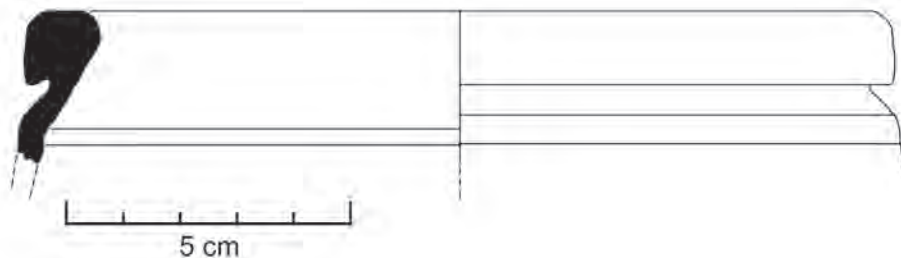


70 – MR/06.sup.15. S.5



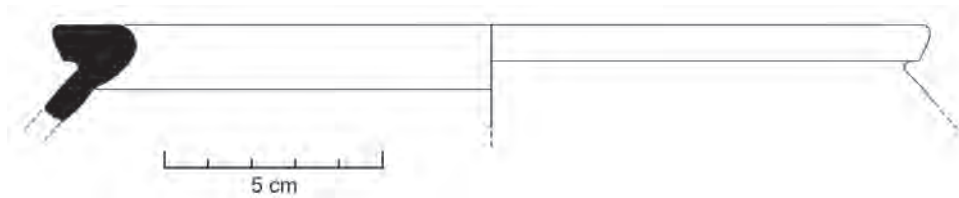
Panella – fragmento de bordo de secção quadrangular, lábio plano e paredes ligeiramente cónicas.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

71 – MR/04.Sup-S.3



Panella – fragmento de bordo de secção quadrangular e parede com ligeira inflexão sob o bordo.
Diâmetro – 150mm-
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – alisadas, com evidências de exposição ao fogo.

72 - MR/07.CR.S.4



Panela - fragmento de bordo de secção quadrangular, com lábio plano e corpo de perfil globular.

Diâmetro - 200mm.

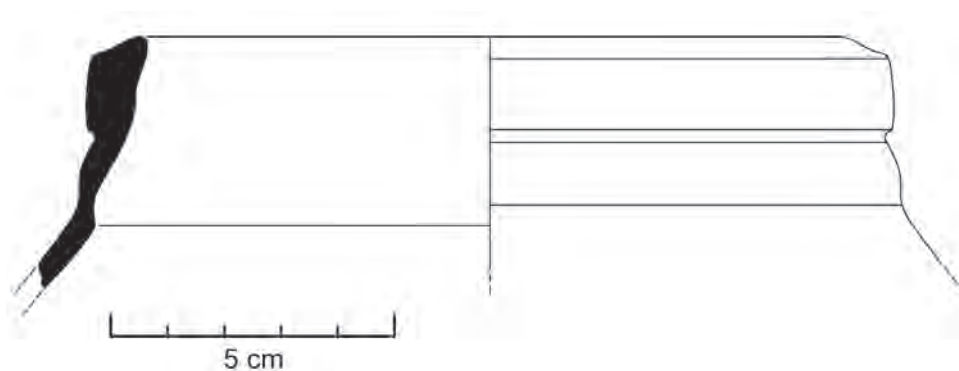
Cozedura - semi-oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo C.

Superfícies - bom acabamento.

73 - MR/06.sup-15.S.5



Panela - fragmento de bordo, de secção quadrangular, com lábio descaído. Colo curto, evoluindo para perfil globular.

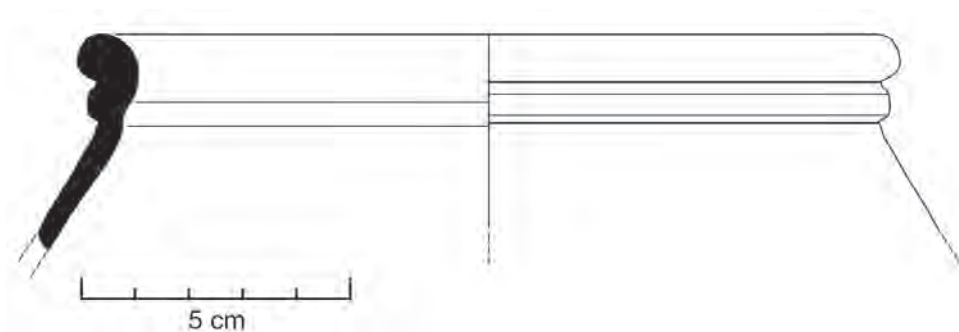
Diâmetro - 125mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida. Pasta - tipo B. Vermelha.

Superfícies - alisadas, com evidências de utilização.

74 - MR/05.sup-15.S.4



Panela – fragmento de bordo espessado, de secção circular. Ausência de colo e corpo evoluindo para perfil globular.

Diâmetro – 150mm.

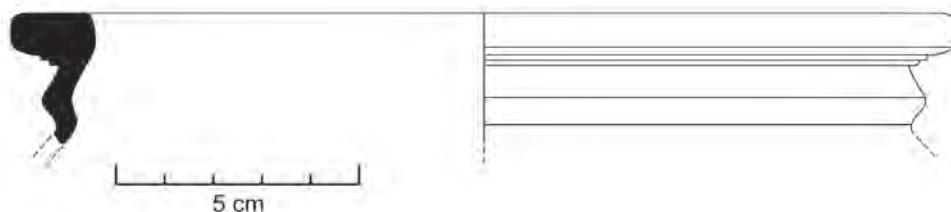
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

75 – MR/05.sup-15.S.4



Panela – fragmento de bordo de secção quadrangular. Colo com inflexão.

Diâmetro – 194mm.

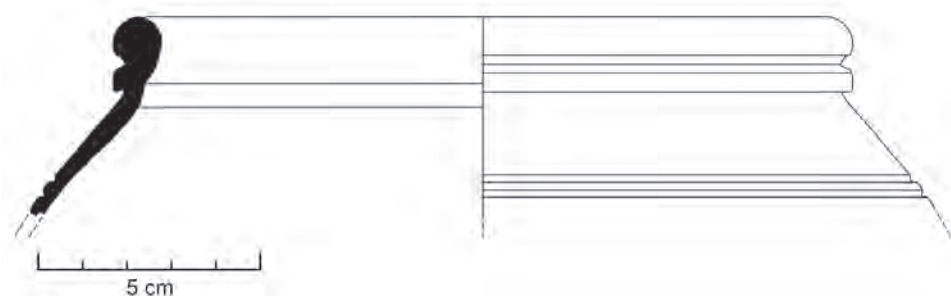
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

76 – MR/06.sup-15.S.5



Panela – Fragmento de bordo e parede. Lábio de secção circular, seguido de canelura e ressalto. Registam-se duas caneluras no corpo da peça que evolui para perfil globular.

Diâmetro – 160mm.

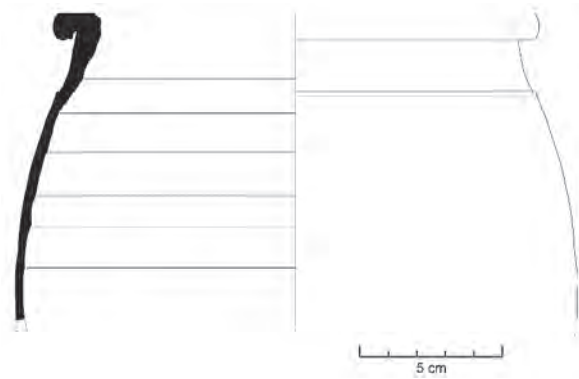
Cozedura – oxidante.

Fabrico – Roda rápida.

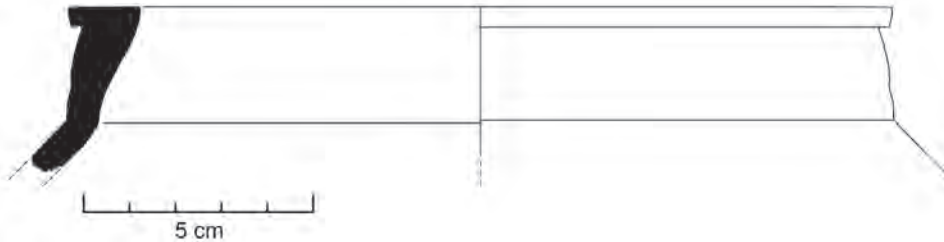
Superfície – Alisamento.

77 - MR/07.30-45.S.1

Panela - Fragmento de bordo em aba, secção quadrangular, lábio plano.
Paredes em perfil de forma de saco.
Diâmetro - 170mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelha escuro.
Superfícies - alisadas, com evidências de utilização ao fogo.
Decoração - pequena nervura formando moldura entre esta e o bordo.



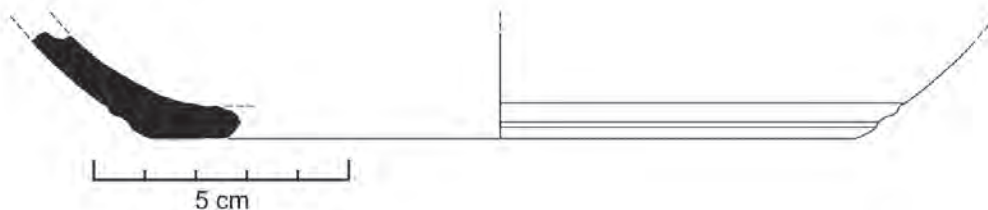
78 - MR/06.45-60. S.4



Panela - Fragmento de bordo de panela com lábio plano, e colo semi-vertical, corpo evoluindo para perfil globular.

Diâmetro - 180 mm.
Cozedura oxidante
Fabrico - roda rápida
Pasta - Tipo B. Vermelha
Superfícies - Bom acabamento de superfície.

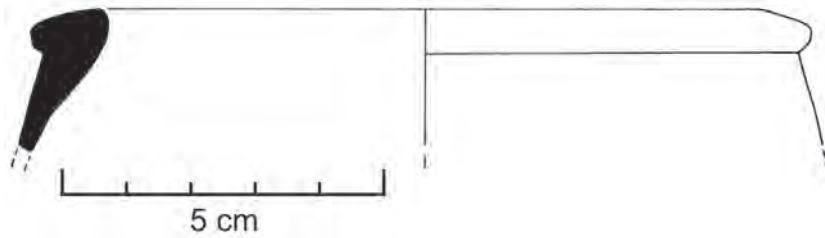
79 - MR/ 06.15-30. S.5



Panela - fragmento de base de panela.
Diâmetro - 140mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Vermelha.

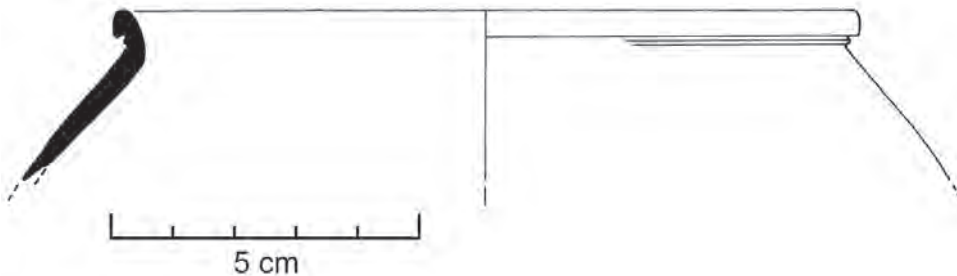
Superfícies – face externa alisada e a interna rugosa, com evidências de exposição ao fogo.
Decoração – nervura, seguida de canelura, junto à base.

80 – MR/06.45-60. S4



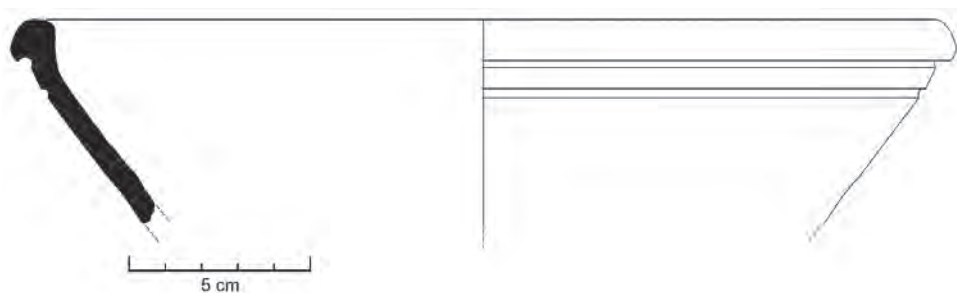
Panela – fragmento de bordo e colo.
Diâmetro -123 mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Rosa, siliciosa.
Superfície – alisamento

81 – MR/06.CR. S.4 (3 frag.)



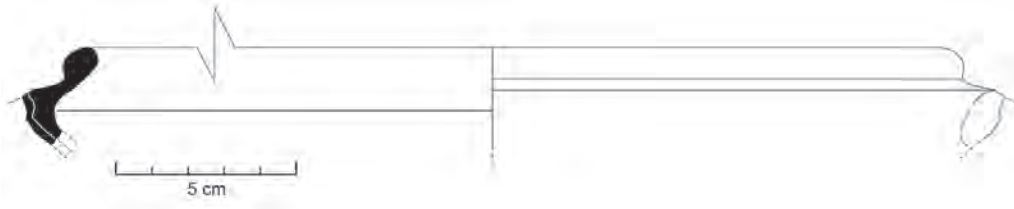
Púcara – fragmento de bordo e colo
Diâmetro – 122 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento.

82 – MR/04.15-20.S.3



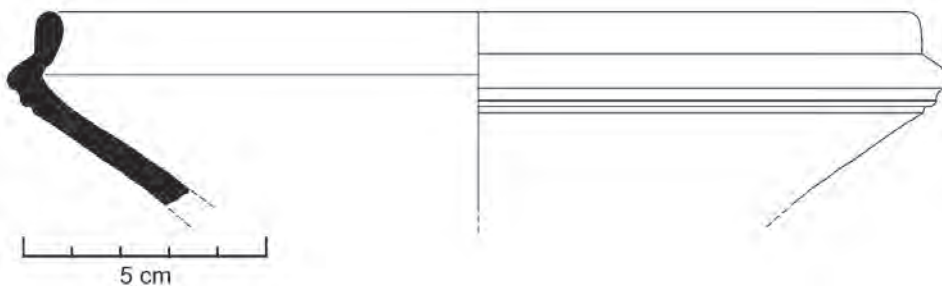
Tigela – Bordo de secção circular, formando pequena aba, evoluindo para corpo troncocónico.
Diâmetro – 260mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Superfície – alisamento. Evidências de exposição ao fogo

83 – MR/05. Sup-15.S.4



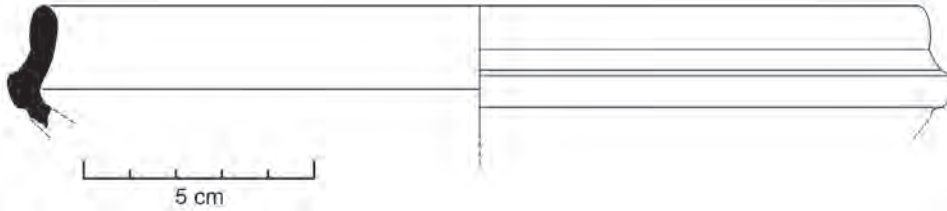
Caçoila – fragmento de bordo espessado, com inflexão interna e vestígios de arranque de asa.
Diâmetro – 340mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

84 – MR/06.30-45.S.5



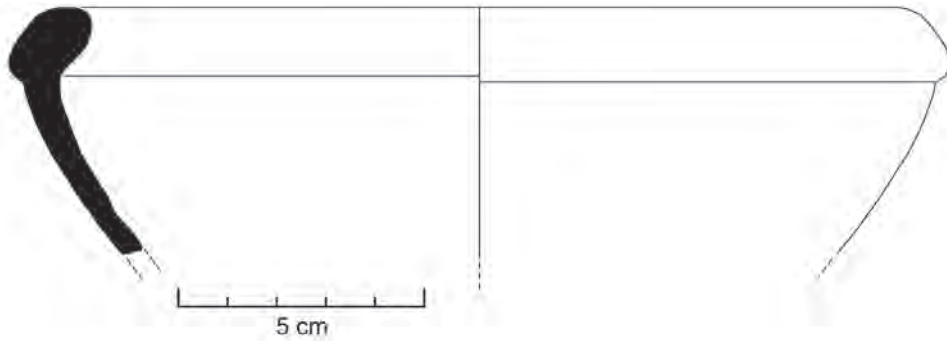
Caçoila – Fragmento de caçoila, com bordo curto, espessado e pendente interior. Corpo em calote.
Diâmetro – 180 mm.
Cozedura – Oxidante
Fabrico – Roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Bom acabamento de superfícies, com evidências de exposição ao fogo.

85 – MR/06.60-75.S.4



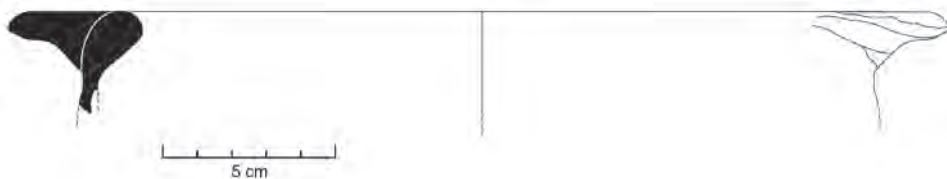
Caçoila – fragmento de bordo reentrante com inflexão interna para encaixe de tampa.
Diâmetro – 190mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfície – bom acabamento.

86 – MR/04.60-75. S.3



Caçoila – fragmento de bordo espessado com pendente interior. Parede de perfil curvo.
Diâmetro – 180mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – bom acabamento. Evidências de exposição ao fogo.

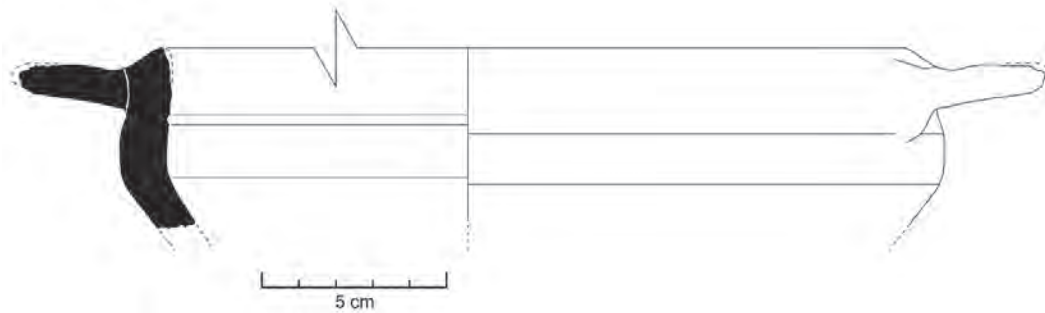
87 – MR/04.sup-15.S.3



Tacho – fragmento de bordo espessado com inflexão interna e duas pegas de perfil triangular.
Diâmetro – 210mm.

Cozedura oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Cor vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

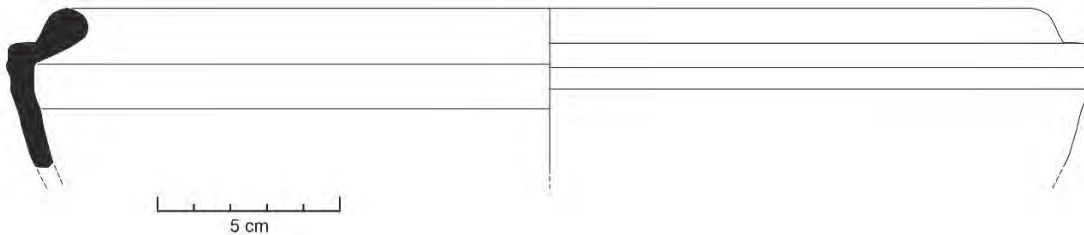
88 – MR/06.sup-15.S.5



Tacho – fragmento de bordo com lábio recto, ligeiramente descaído para o exterior; paredes verticais, espessadas, com carena média. Apresenta pegas de perfil circular.

Diâmetro – 232mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – Mau acabamento.

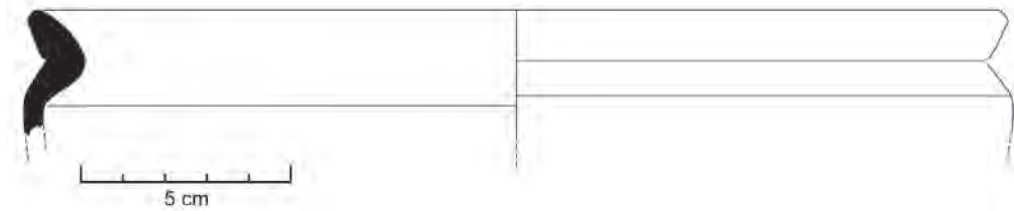
89 – MR/06.CR.S.4



Tacho/caçoila – Bordo de secção circular, formando ressalto exterior horizontal. Corpo com paredes rectas e oblíquas.

Diâmetro – 270mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – Roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Superfície – alisamento. Evidências de exposição ao fogo.

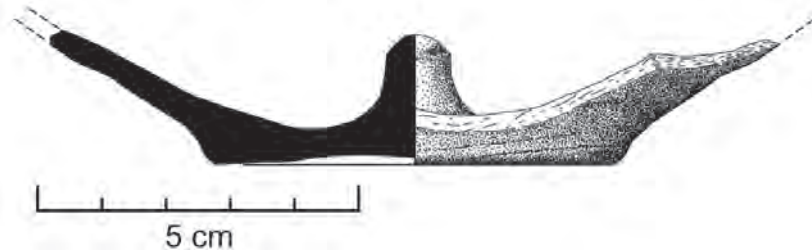
90 – MR/05.120-135.S.3



Tacho – fragmento de bordo apontado e espessado, curto, com inflexão externa. Evolui para perfil indeterminado.

Diâmetro – 230mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Rosada.
Superfícies – alisadas.

91 – MR/05.sup-15.S.4



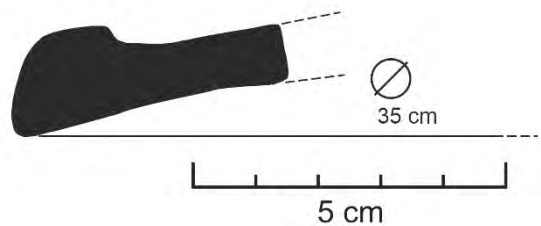
Testo – Fragmento de testo com pitorra.

Diâmetro de base – 60 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – Roda rápida
Pasta – Tipo C. Homogénea e bem depurada. Cor bege.
Superfícies – Bom tratamento, com evidências de exposição ao fogo.

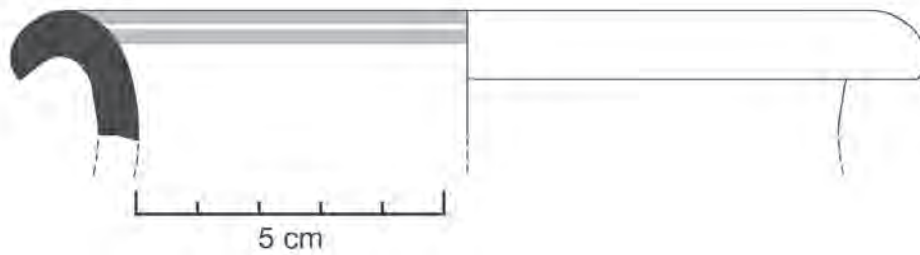
92 – MR/04.60-75.S.3

Testo – fragmento de bordo espessado de secção quadrangular.

Diâmetro – 350mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Castanha.
Superfícies – bem alisadas.

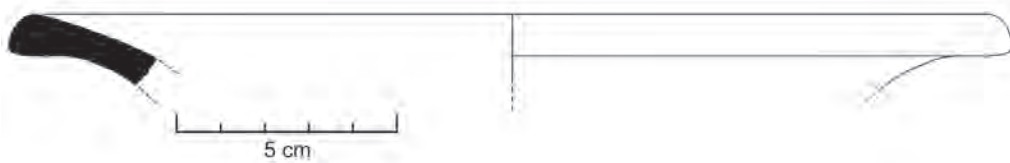


93 - MR/04.15.30.S.3



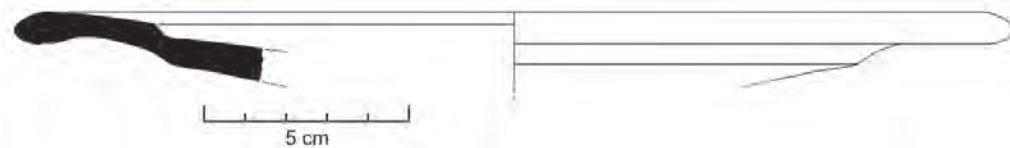
Pote/Jarra – Fragmento de bordo em voluta, em faiança portuguesa.
Diâmetro – 150mm.
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo A. Cor Bege.
Superfícies – revestidas a vidro estanífero.
Decoração – Dois filetes paralelos em azul cobalto no interior junto ao bordo.

94 - MR/05.Sup.15.S.4



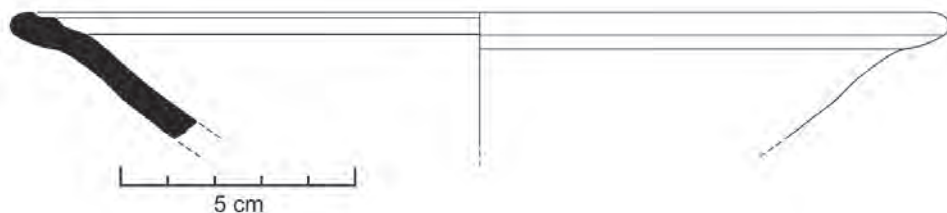
Prato – Bordo em aba, corpo evoluindo para perfil troncocónico.
Diâmetro – 220mm.
Cozedura – Oxidante.
Fabrico – Roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha.
Superfícies – Bom acabamento.

95 - MR/05.Sup-15.S.4



Prato – Bordo em aba com ressalto interno e corpo com perfil troncocónico.
Diâmetro – 240mm.
Cozedura – Oxidante.
Fabrico – Roda rápida.
Pasta – Tipo B. Rosada.
Superfícies – Bom acabamento. Brunido na superfície interna.

96 - MR/04.Sup.15. S...



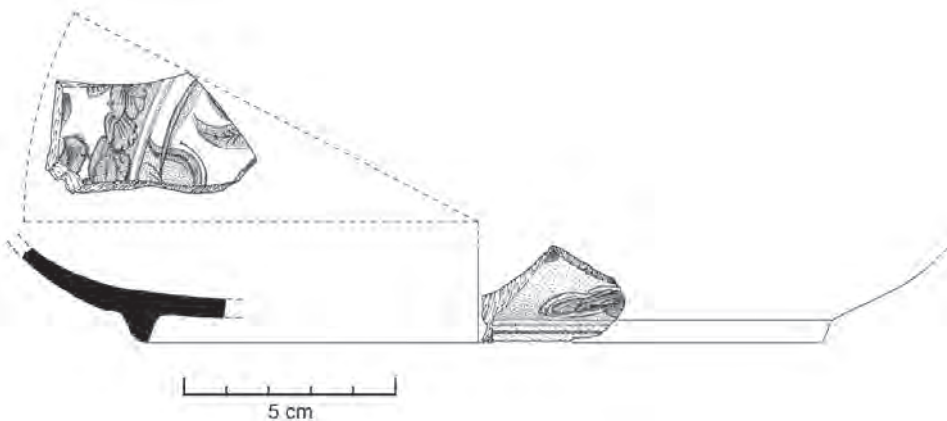
Prato - fragmento de bordo e parede em cerâmica fosca.
Diâmetro - 200mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - Tipo B. Vermelha.
Superfícies - revestido a vidro plumbífero verde.

97 - MR/06.60-75.S.4

Prato - Fragmento de prato com perfil incompleto.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo A. Branca.
Superfícies - revestidas a vidro melado.
Decoração - incisa. Possíveis motivos circulares.



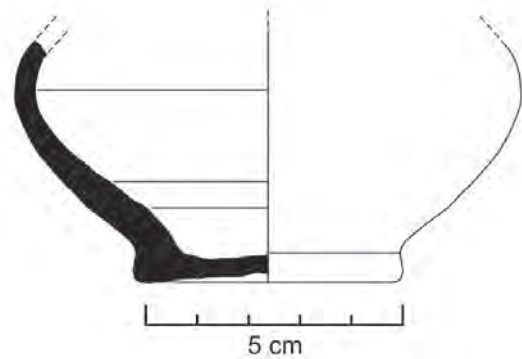
98 - MR/04.sup-15.S.3



Prato - fragmento de prato em porcelana, de produção exógena.
Diâmetro de base - 160mm.
Decoração - motivos vegetalistas em azul nas duas superfícies.

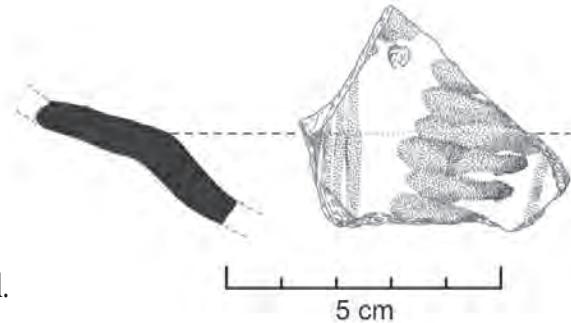
99 - MR/07.sup-15.S.6

Boião - fragmento de base e parede em faiança portuguesa.
Diâmetro de base - 52mm.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A.
Superfícies - revestido a vidro estanífero.

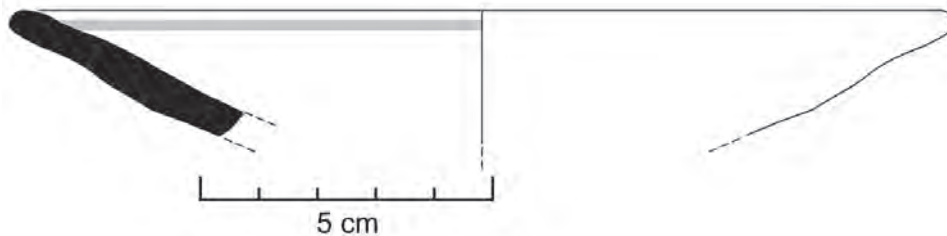


100 - MR/94.sup-15.S.3

Prato - fragmento de parede de prato em faiança portuguesa. Perfil incompleto.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A. Rosada.
Superfícies - revestido a vidro estanífero.
Decoração - pintura com motivos fitomórficos em azul.

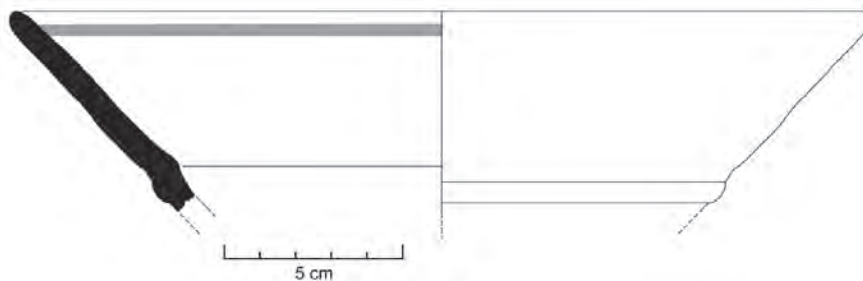


101 - MR/04.sup-15.S.3



Prato - Fragmento de pequeno prato em faiança portuguesa.
Diâmetro - 160mm.
Cozedura - oxidante.
Pasta - tipo A. Rosada.
Superfície - esmaltada a vidro estanífero.
Decoração - filete azul no interior do bordo.

102 - MR/04.sup-15.S.3



Prato – fragmento de bordo de prato em faiança portuguesa. Paredes oblíquas e ausência de perfil completo.

Diâmetro – 240mm.

Cozedura – Oxidante.

Pasta – tipo A. Branca.

Superfície – vidrado estanífero.

Decoração – apresenta filete azul na superfície interna, junto ao bordo.

103 – MR/05.20-35.S.3



Prato – Fragmento em faiança portuguesa de perfil completo.

Diâmetro – 250mm do bordo, 160mm base.

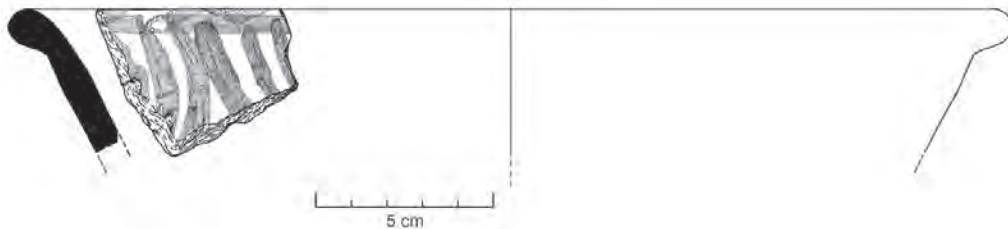
Cozedura – oxidante.

Pasta – tipo A. Bege.

Superfície – revestida a vidrado estanífero.

Decoração – filete azul junto ao bordo e dois filetes paralelos no fundo.

104 – MR/04.75-90.S.3



Prato – fragmento em faiança portuguesa. Bordo ligeiramente extrovertido, formando pequena aba, de secção circular. Paredes oblíquas.

Diâmetro – 280mm.

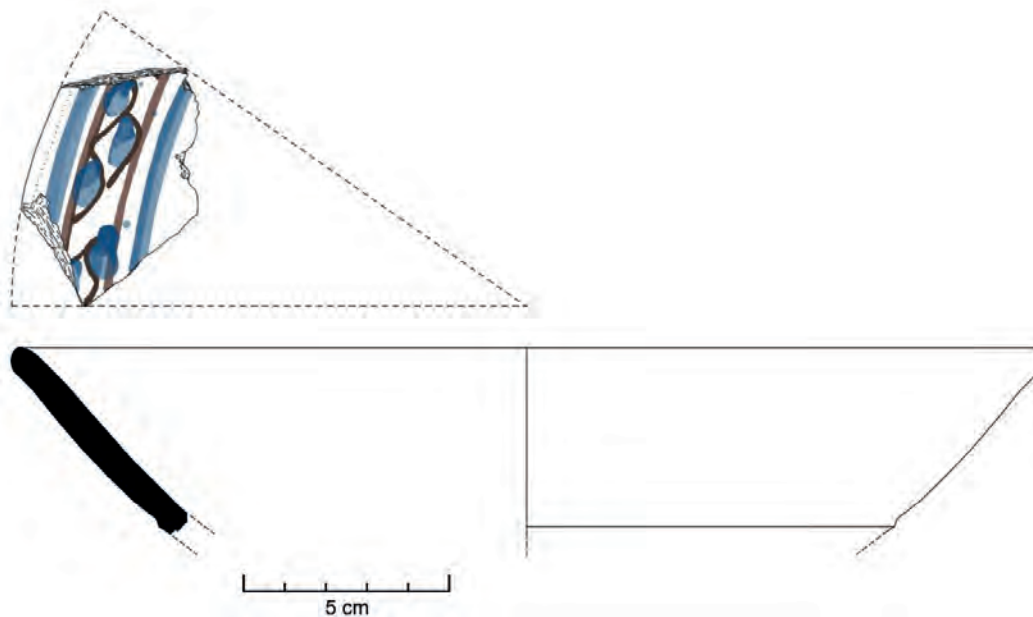
Cozedura oxidante.

Pasta – tipo A. Bege

Superfícies – vidrado plumbífero com imperfeições na chacota.

Decoração – contas oblíquas no bordo, filete e semi-círculos concêntricos em pinceladas azuis.

105 - MR/05.120-135.S.3



Prato - Fragmento de prato em faiança portuguesa.

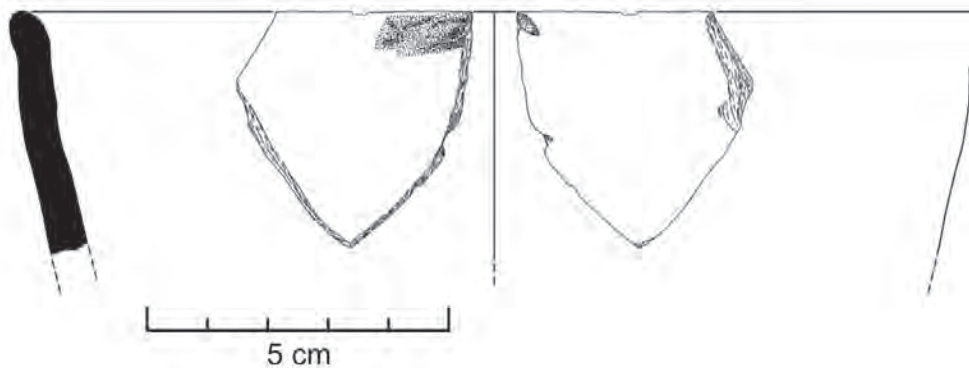
Diâmetro - 250mm.

Cozedura - oxidante.

Pasta - Tipo A. Friável, cor bege.

Decoração - moldura com motivo de contas entre filetes, junto ao bordo.

106 - MR/06.sup-15.S.5

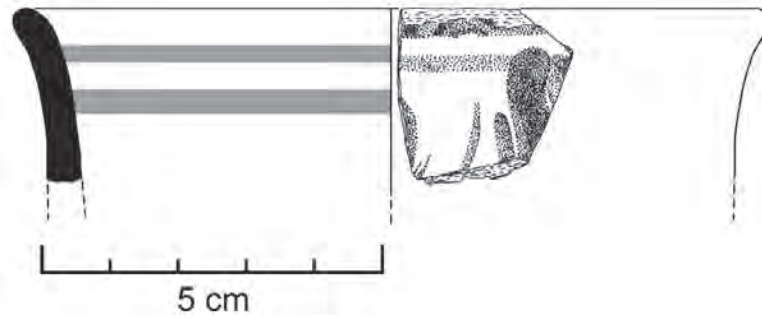


Taça - Fragmento de bordo e parede em faiança portuguesa, com pincelada azul junto ao bordo.

Diâmetro - 160mm

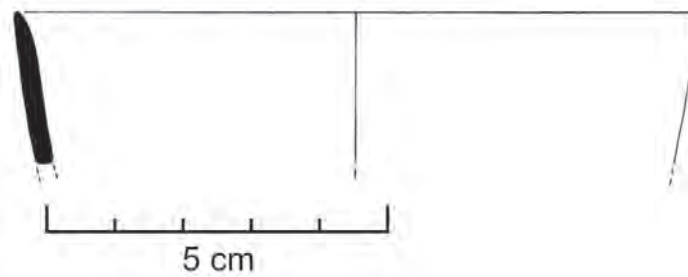
Pasta - Tipo A. Bege.

107 - MR/04.sup-15.S.3



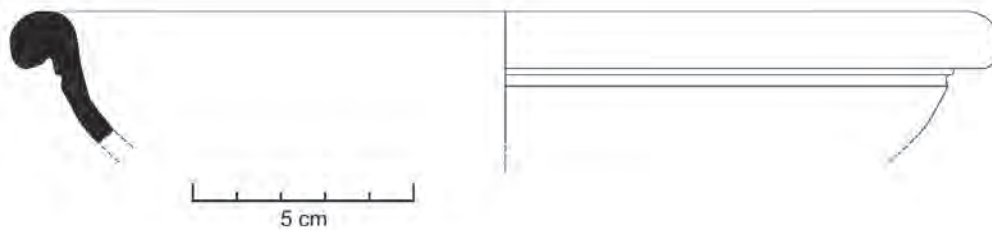
Taça - fragmento de bordo e parede de taça em faiança portuguesa.
Diâmetro - 111mm.
Pasta - tipo A. Cor bege.
Superfície - revestida a vidro estanífero.
Decoração - apresenta dois filetes em azul no interior junto ao bordo. A superfície externa apresenta decoração vegetalista.

108 - MR/04/CR. S2



Taça - fragmento de bordo e parede em faiança.
Diâmetro - 101 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento.

109 - MR/04.Sup.S.3



Tigela – Fragmento de bordo de secção circular e paredes de perfil em calote.

Diâmetro – 220mm.

Cozedura – semi-redutora.

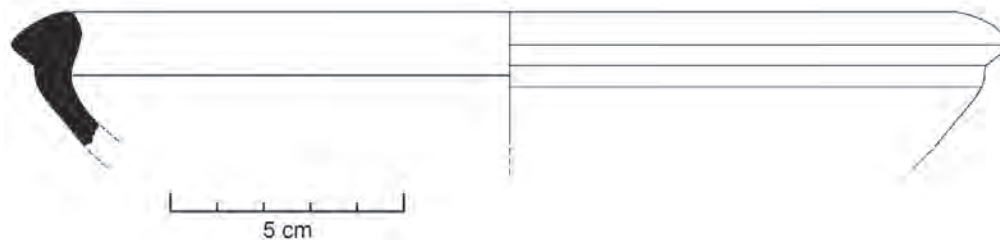
Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, mista. Superfícies vermelhas e cerne cinza.

Superfícies – bom acabamento, com evidências de exposição ao fogo.

Decoração – apresenta canelura sob o bordo.

110 – MR/04.15-30.S.3



Tigela – fragmento de bordo espessado, lábio descaído e inflexão interna. Corpo em calote.

Diâmetro – 190mm.

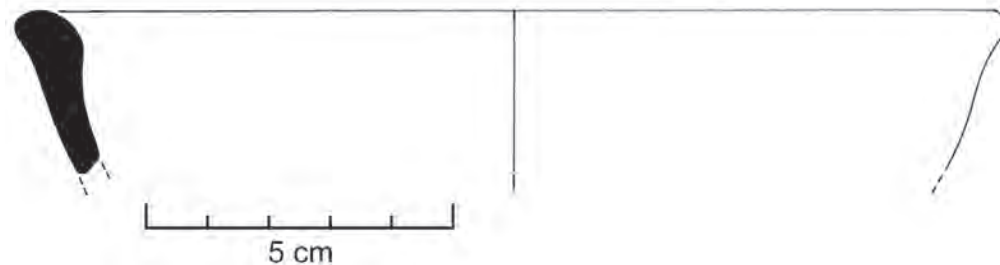
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

Superfícies – bom acabamento.

111 – MR/05.Sup-15. S4



Tigela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 133 mm.

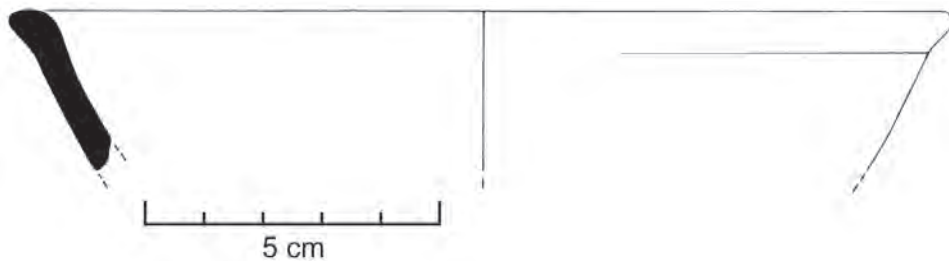
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

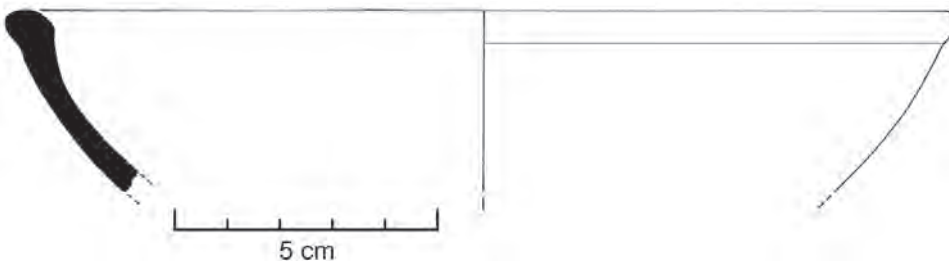
Superfície – alisamento

112 - MR/06.45-60. S.4



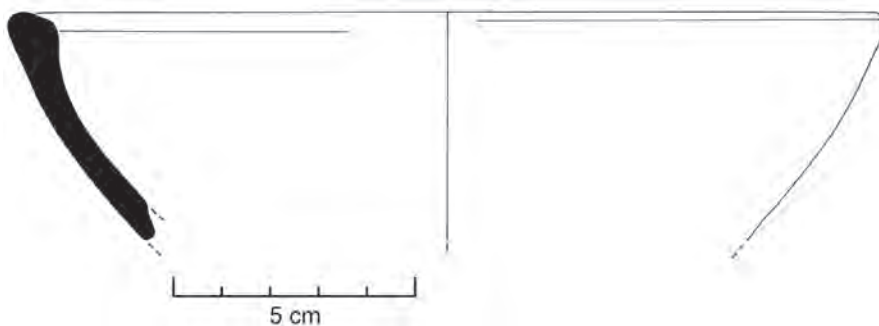
Tigela - fragmento de bordo e parede.
Diâmetro -161 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento. Engobe na superfície interna.

113 - MR/06.CR.S.4



Tigela fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 181 mm.
Pasta - siliciosa.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, brunida internamente.
Superfície - alisamento

114 - MR/06.30-45. S.5



Tigela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 181 mm.

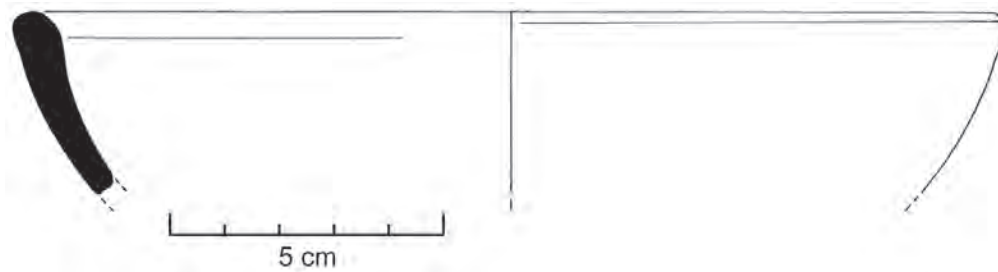
Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

Superfície -alisamento. Engobe na superfície interna, alaranjado.

115 – MR/06.Sup-15.S.5



Tigela – fragmento de bordo e parede.

Diâmetro – 181 mm.

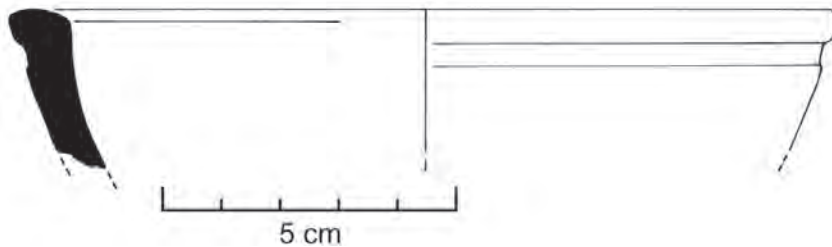
Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, siliciosa.

Superfície – alisamento. Engobe na superfície interna, alaranjado.

116 – MR/06.Sup-15. S.4



Tigela – bordo e parede.

Diâmetro – 142 mm.

Cozedura: oxidante

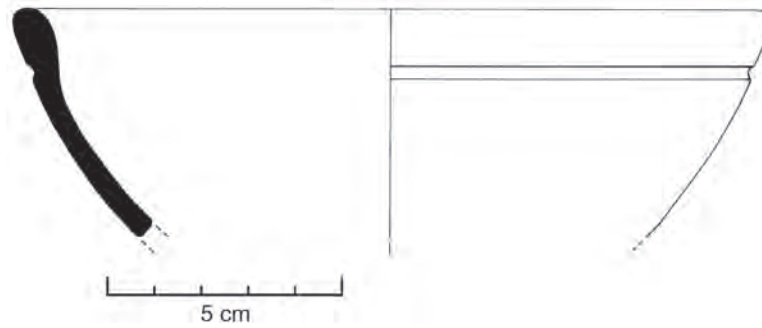
Fabrico: roda rápida.

Pasta: tipo B.

Decoração: canelura abaixo do bordo.

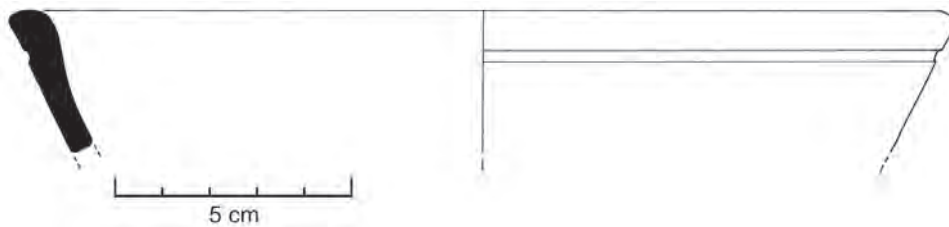
Superfície: Alisamento. Engobe na superfície interna, alaranjado.

117 - MR/05.Sup-15. S.4



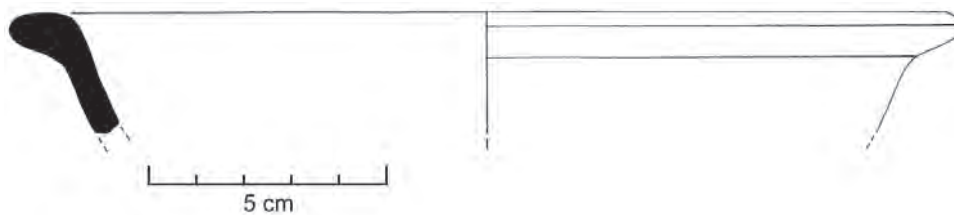
Tigela - bordo e parede.
Diâmetro - 163 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B.
Decoração - canelura abaixo do bordo.
Superfície - alisamento

118 - MR/06.CR. S4



Tigela - fragmento de bordo e parede.
Diâmetro - 202 mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B.
Decoração - canelura abaixo do bordo.
Superfície - alisamento

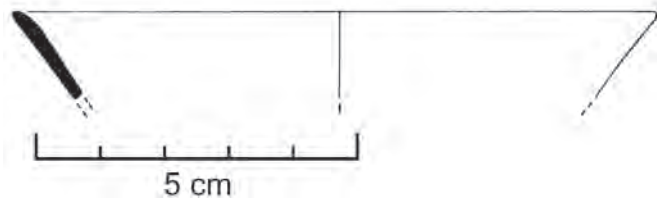
119 - MR/06.60-75.S.4



Tigela – fragmento de bordo com aba e parede.
Diâmetro – 202mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – bom acabamento.

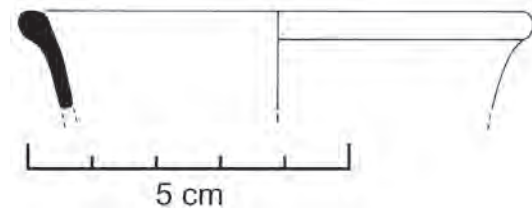
120 – MR/04.CR. S2

Púcaro – fragmento de bordo e colo
Diâmetro – 120 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície -alisamento



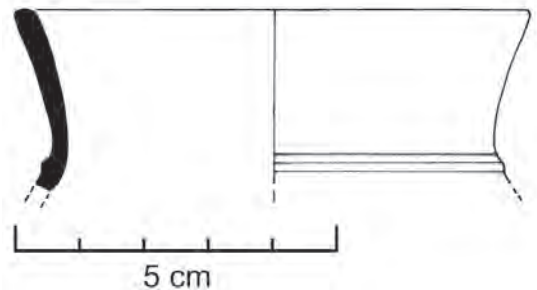
121 – MR/04.CR. S2

Púcaro – fragmento de bordo e colo.
Diâmetro – 101 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento



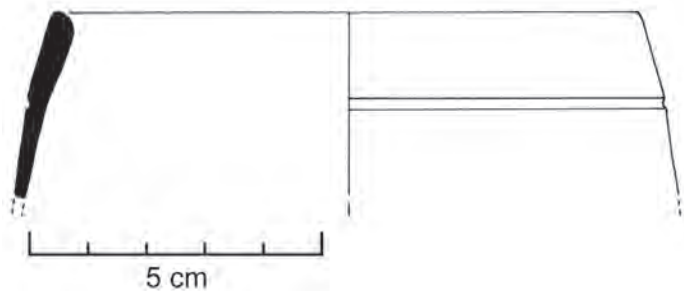
122 – MR/04.60-75. S3

Púcaro – fragmento de bordo e colo.
Diâmetro – 81 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Decoração – canelura entre o colo e o bojo.
Superfície – alisamento

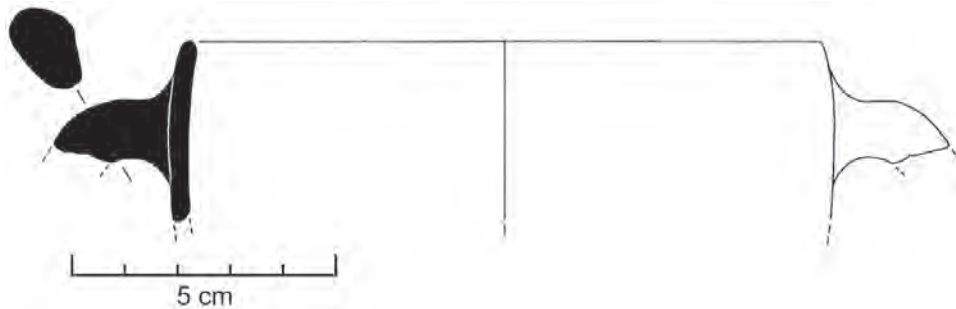


123 – MR/06.45-75. S4

Púcaro – fragmento de bordo e colo.
Diâmetro -104 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Rosada. Siliciosa.
Superfície – alisamento



124 - MR/06.60-75. S4



Púcaro - fragmento de bordo, colo e asa.

Diâmetro - 124 mm.

Pasta - siliciosa.

Cozedura - oxidante

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha, siliciosa

Superfície - alisamento

125 - MR/07.S.6

Bilha - fragmento de bordo espessado, secção circular e colo com vestígios de arranque de asa.

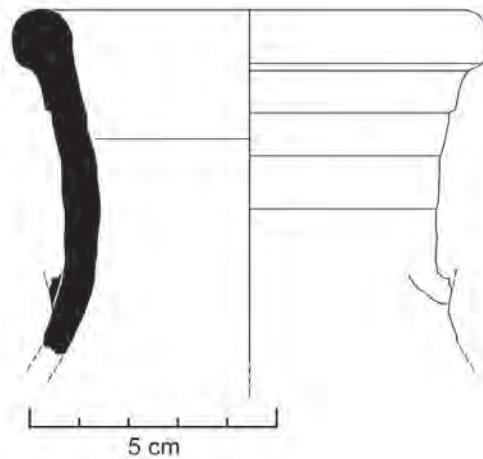
Diâmetro - 80mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelho

Superfícies - bom acabamento.



126 - MR/04.75-90.S.3

Garrafa - fragmento de bordo e gargalo de garrafa.

Paredes verticais.

Diâmetro - 40mm.

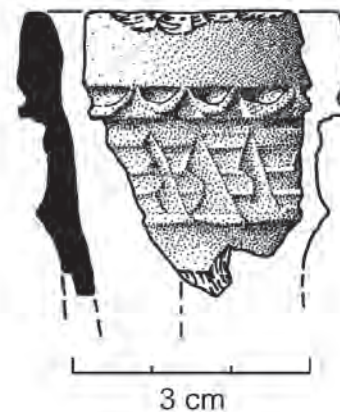
Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

Superfícies - alisadas.

Decoração - espatulada.



127 - MR/04.60-75. S.2

Bilha - fragmento de bordo e parede.

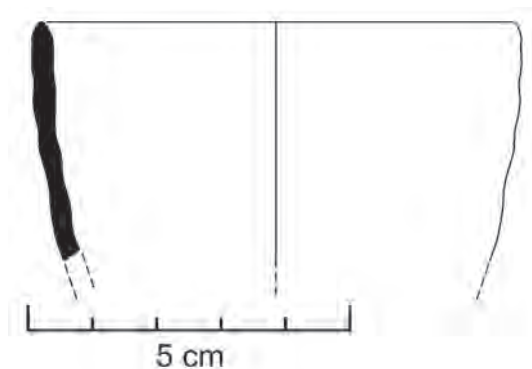
Diâmetro - 75mm.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Vermelha.

Superfícies - bom acabamento.



128 - MR/06.30-45.S.4



Fogareiro - fragmento de parede e arranque de grelha.

Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta tipo B. Vermelha.

129 - MR/04.75-90.S.3

Fogareiro - fragmento de bordo oval,

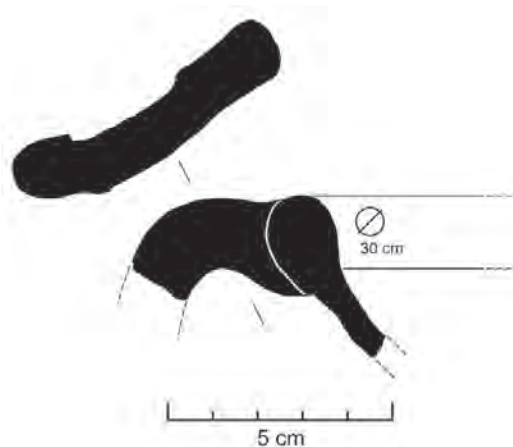
espessado e asa em fita. Corpo troncocónico.

Diâmetro - 300mm.

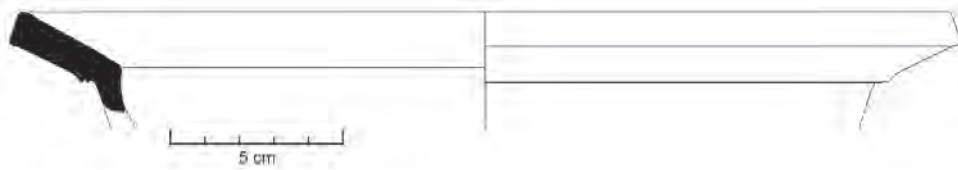
Cozedura - oxidante.

Fabrico - roda rápida.

Pasta - tipo B. Castanha clara.



130 - MR/05.Sup - 15.S.4



Bispote - Fragmento de bordo em cerâmica fosca, com secção quadrangular, oblíquo.

Diâmetro - 270mm.

Cozedura - Oxidante.

Fabrico - Roda rápida.

Pasta - Tipo B. Vermelha.

Superfícies - Bom acabamento.

131 - MR/07.Sup.15.S.6

Bacio - Fragmento de bacio em faiança portuguesa, com bordo em aba e porção de asa.

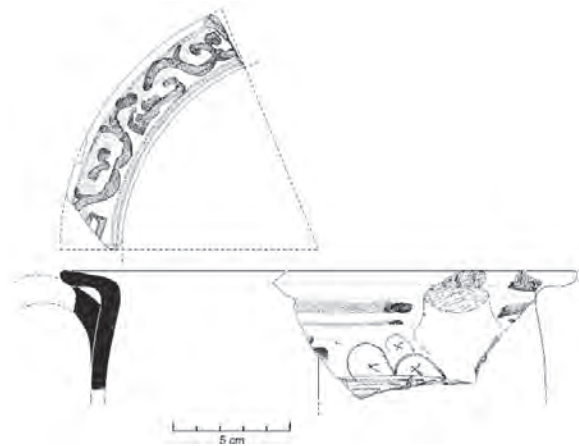
Diâmetro - 220mm.

Cozedura - oxidante.

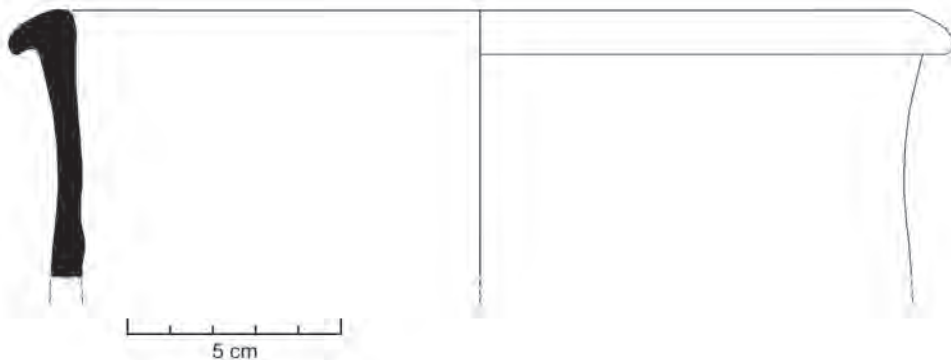
Pasta - tipo A. Cor bege.

Superfícies - revestido a vidro a estanífero.

Decoração - decorado no bordo e na superfície externa com motivos fitomórficos.



132 - MR/05.105-120.S.4



Bacio - fragmento de bordo e parede.

Diâmetro - 220mm.

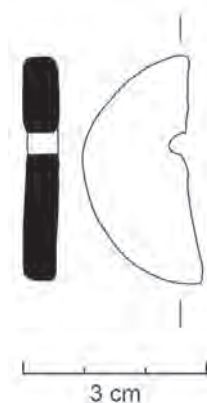
Cozedura - oxidante.

Pasta - Tipo B. Branca, compacta e homogénea.

Superfície - vidro plumbífero, verde com escorridos nas duas superfícies.

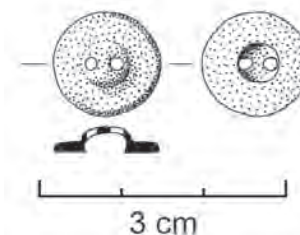
133 - MR/04.30.45.S.3

Botão – Fragmento de botão em cerâmica com orifício
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo A. Friável, bege.



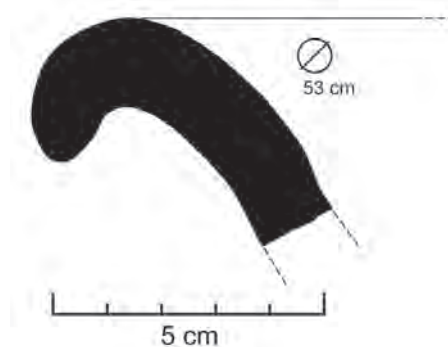
134 - MR/04.CR.S.2

Botão – botão em osso, apresentando dois orifícios localizados em cavidade circular, central.



135 - MR/05.Sup-15.S.4

Alguidar – Fragmento de bordo de perfil em voluta, espessado.
Diâmetro – 530mm.
Cozedura – Oxidante.
Fabrico – roda rápida
Pasta – tipo B. vermelha clara, cerne cinza.
Bom acabamento de superfícies. Brunido internamente.



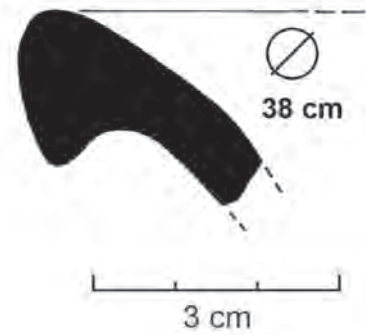
136 - MR/05.120-135.S.3



Alguidar – Bordo espessado, semi-circular, em aba. Paredes evoluindo para perfil troncocónico.
Diâmetro – 500mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfície – vidrado plumbífero melado na superfície interna.

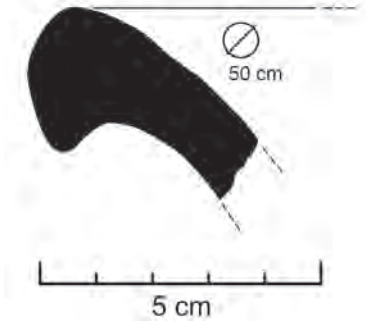
137 - MR/05.15-30.S.4

Alguidar – fragmento de bordo em voluta e parede.
Diâmetro – 380 mm.
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento



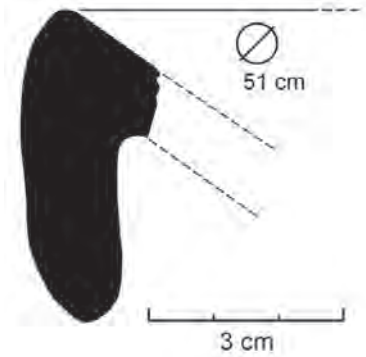
138 - MR/04.20-40.S.3

Alguidar – Fragmento de bordo, espessado, em voluta.
Diâmetro – 510mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – brunidas.

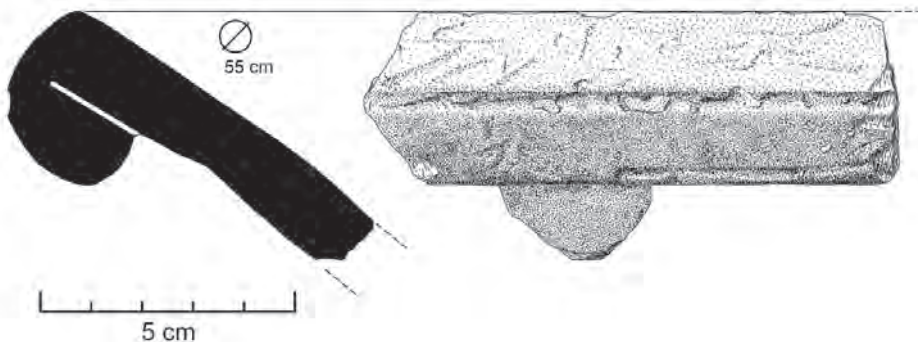


139 - MR/04.30-45.S.3

Alguidar – fragmento de bordo em aba “bico de pato” e parede de perfil troncocónico.
Diâmetro – 510mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – Roda rápida.
Pasta – tipo B. vermelha clara e cinza clara no cerne.
Superfície – bom acabamento. Brunida.

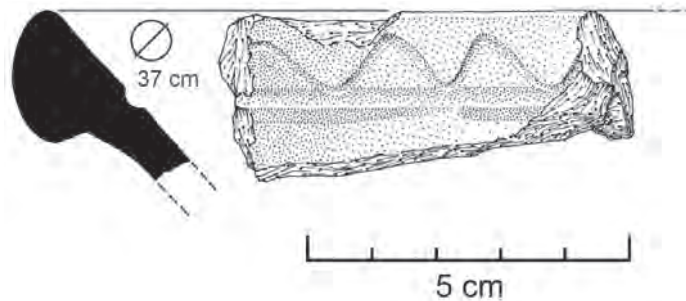


140 - MR/04.45-60.S.3



Alguidar – fragmento de bordo de secção circular, espessado. Corpo troncocónico.
 Diâmetro – 550mm.
 Cozedura – oxidante.
 Fabrico – roda rápida.
 Pasta – Tipo B. Vermelha
 Superfícies – Vidrado internamente. Peça rolada com superfícies erodidas.
 Decoração – singelo friso inciso na zona mezial do bordo.

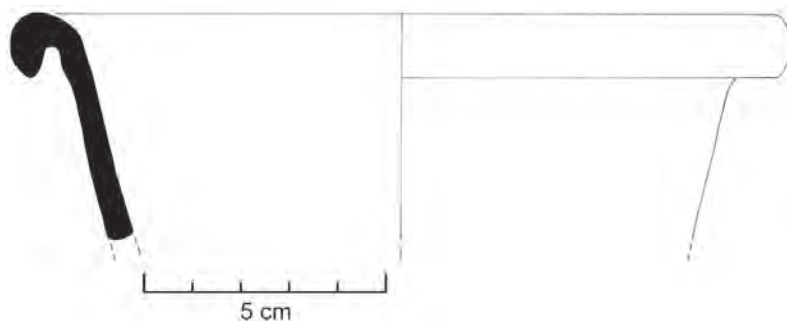
141 – MR/04.75-90.S.3



Alguidar – fragmento de bordo em aba, espessado, secção semi-circular. Paredes evoluindo para perfil troncocónico.

Diâmetro – 370mm.
 Cozedura – oxidante.
 Fabrico – roda rápida.
 Pasta – tipa B. Vermelha, compacta e homogénea.
 Superfícies – vidrada plumbífero castanho no interior e bom acabamento da superfície externa.
 Decoração – apresenta decoração incisa, ondulada, no interior do bordo e uma canelura.

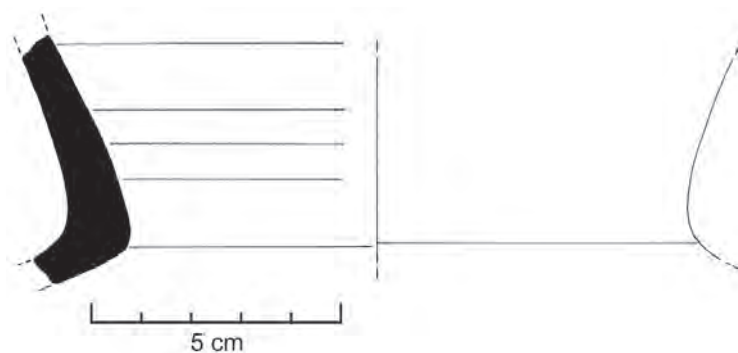
142 – MR/07.15-30. S



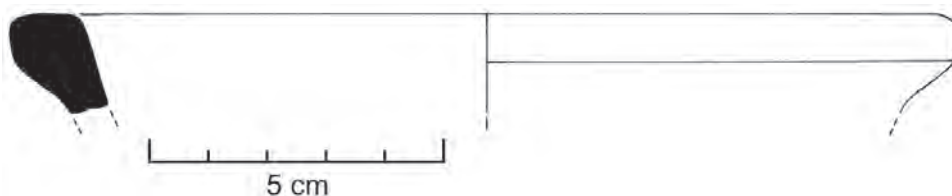
Pote – fragmento de bordo e colo
 Diâmetro -123 mm.
 Cozedura – oxidante
 Fabrico – roda rápida.
 Pasta – tipo B, siliciosa.
 Superfície – alisamento

143 - MR/06.75-90. S.40

Pote - fragmento de colo e ombro.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento

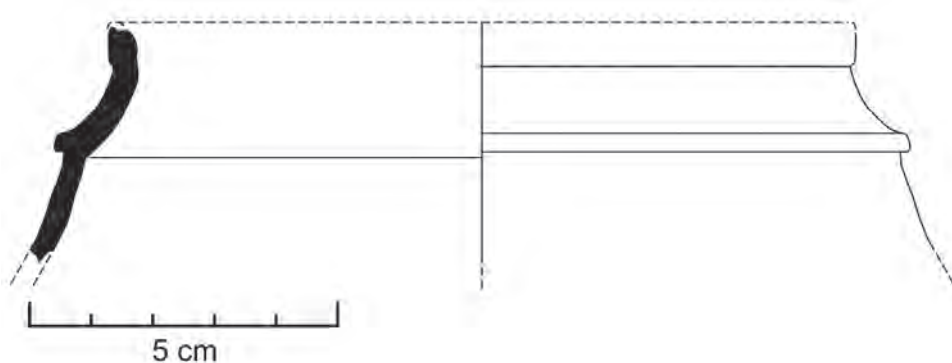


144 - MR/04.CR. S.2



Pote - fragmento de bordo de secção quadrangular.
Diâmetro -163 mm.
Cozedura - oxidante
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B, siliciosa.
Superfície - alisamento.

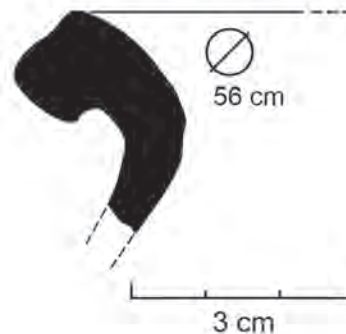
145 - MR/ 06.45-60.S.5



Pote - fragmento de bordo e parede. Corpo de perfil troncocónico com ressalto junto ao bordo.
Diâmetro - 120mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - Tipo B. Vermelha clara.
Superfícies - bom acabamento.

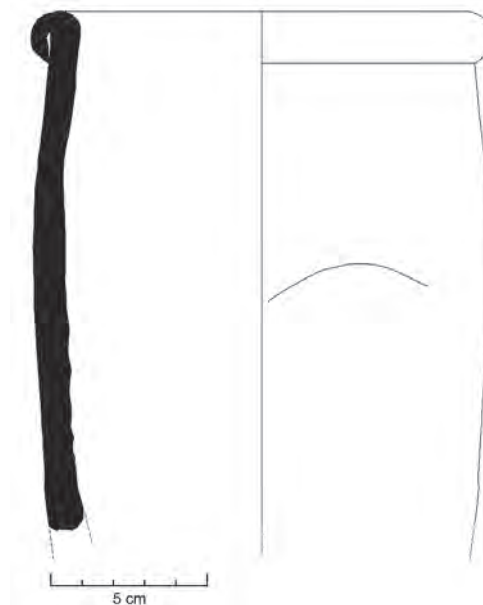
146 - MR/07.S.6

Pote/Talha – fragmento de grande contentor.
Apresenta bordo espessado em aba.
Diâmetro – 560mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.



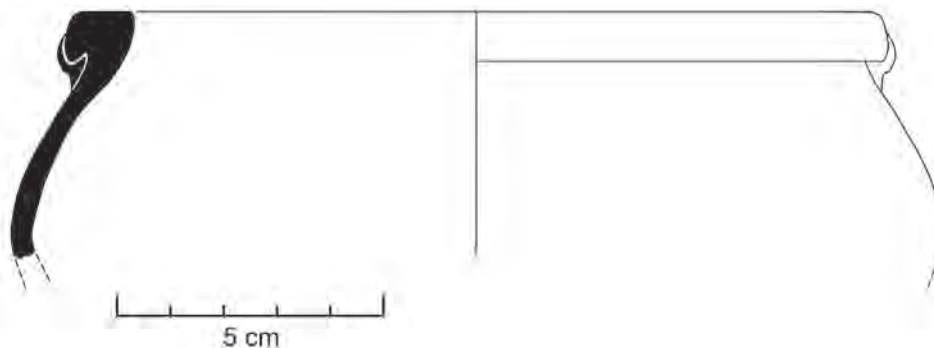
147 - MR/04. 15-30.S.2

Manilha – material hidráulico.
Bordo espessado de secção circular.
Peça de forma cilíndrica.
Diâmetro – 146mm.
Cozedura – oxidante.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo C. Vermelha.



3.2.6 – Época Contemporânea (Fig. 18, n.º inv. 153, 155, 157, 165, 166, 167, 168 e 169)

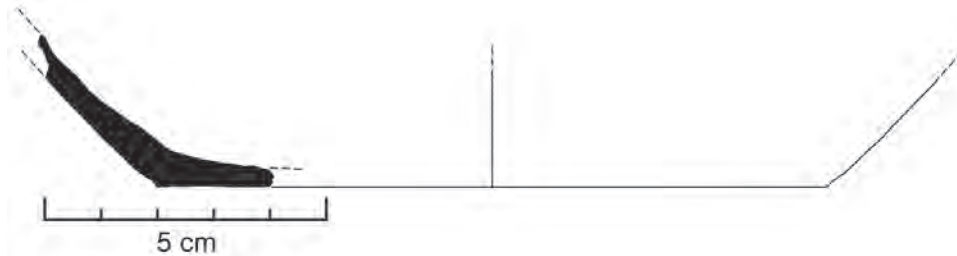
148 - MR/05.sup-15.S.4



Panela – fragmento com bordo de secção quadrangular e corpo globular. Vestígios de arranque de asa.
Diâmetro – 150mm.
Cozedura – semi-redutora.

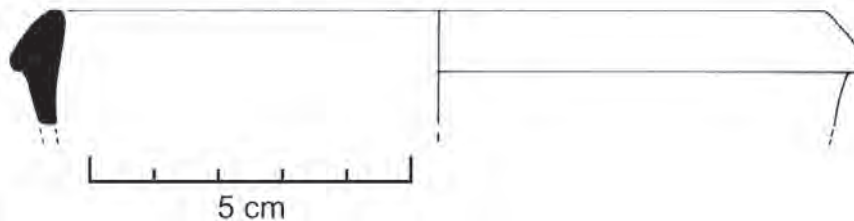
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo B. Vermelha escura.
Superfície – bom acabamento.

149 – MR/05.60-75.S.4



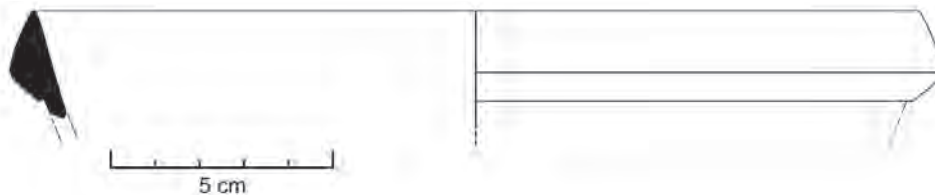
Panela – fragmento de base.
Diâmetro – 120mm.
Cozedura – redutora.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B. Mista, negra e rosada.
Superfícies – bom acabamento, com evidências de exposição ao fogo.

150 – MR/05.105-120. S.3



Caçoila/Tacho – fragmento de bordo.
Diâmetro?
Cozedura – oxidante
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B, siliciosa.
Superfície – alisamento

151 – MR/04.15-30.S.3



Caçoila/frigideira – fragmento de bordo de secção triangular, espessado. Corpo com paredes rectas, oblíquas.

Diâmetro – 200 mm

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada.

Superfícies – bom acabamento.

152 – MR/04.CR.S.3

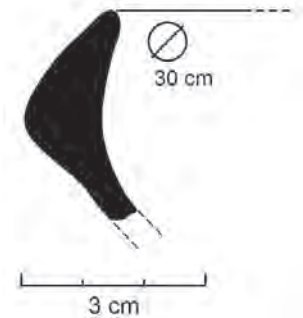
Caçoila – fragmento de bordo com inflexão interna.

Diâmetro – 300 mm.

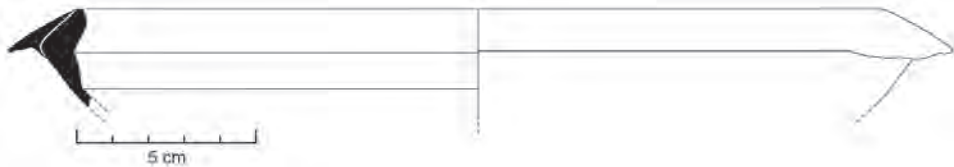
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Superfícies – bom acabamento.



153 – MR/04.CR.S.2



Caçoila – fragmento de bordo com inflexão interna e pega triangular.

Diâmetro – 220 mm

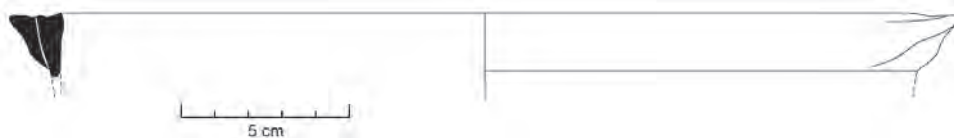
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B, Mista. Clara nas superfícies e cinza no cerne.

Bom acabamento de superfícies.

154 – MR/05.120-135.S3



Caçoila – fragmento de parede de perfil vertical, recto. Pegas pequenas e triangulares.

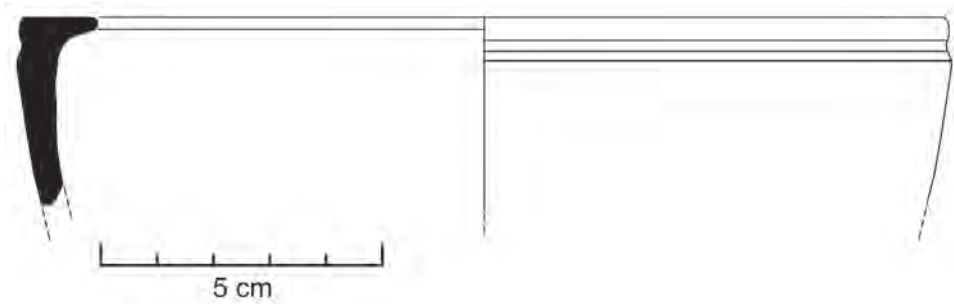
Diâmetro – 250mm.

Cozedura – oxidante

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Vermelha.

155 - MR/-05.Sup.15.S.4



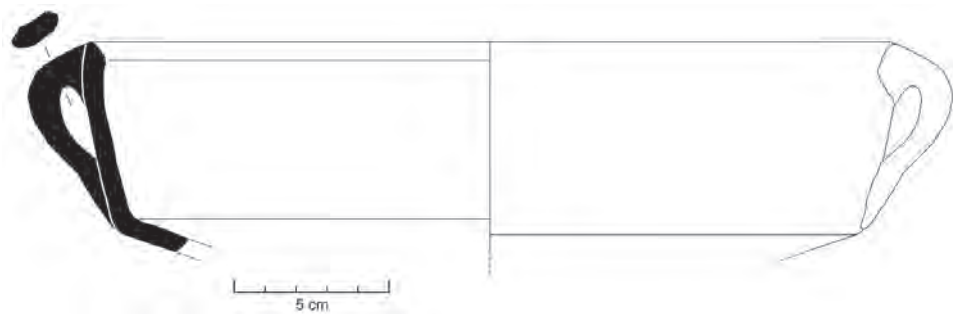
Tacho - fragmento de bordo com canelura e lábio plano, reentrante. Paredes ligeiramente oblíquas.
Diâmetro - 164mm
Cozedura - semi-redutora.
Fabrico - Roda rápida.
Pasta - Tipo B.
Superfícies - Bom acabamento.

156 - MR/04.CR.S.4



Tacho - fragmento de bordo com inflexão interna, espessado e arredondado e porção de asa.
Diâmetro - 310mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B.
Superfícies - bom acabamento.

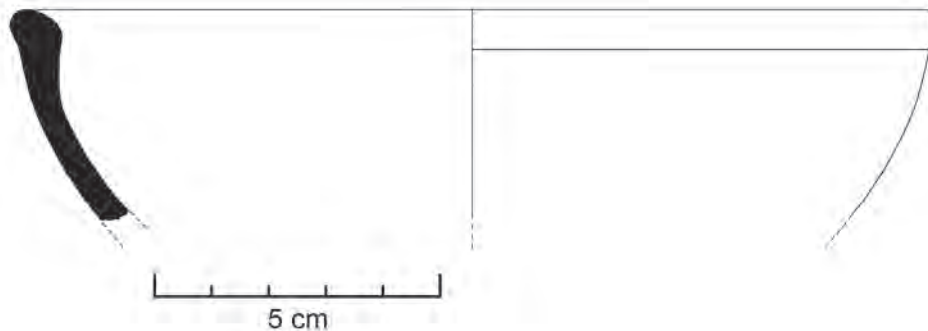
157 - MR/05.120-135.S3



Tacho - Fragmento de bordo e parede com asas verticais de secção oval.
Diâmetro - 260mm.

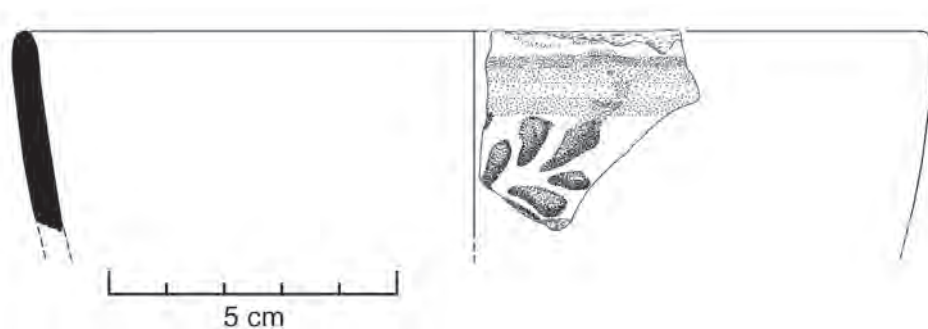
Cozedura – oxidante.
Fabrigo – roda rápida.
Pasta – tipo B. Vermelha.
Superfícies – vidrado no interior.

158 – MR/05. 45-60. S.4



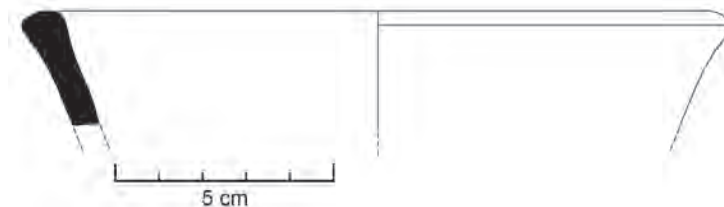
Tigela – fragmento de bordo espessado no interior e corpo em calote.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – redutora.
Fabrigo – roda rápida.
Pasta tipo B. Negra.
Superfícies – bom acabamento. Brunida no interior. Evidências de exposição ao fogo.

159 – MR/06.CR.S.4



Tigela – fragmento em faiança portuguesa.
Diâmetro – 160mm.
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo A. Bege.
Superfícies – revestidas a vidrado estanífero.
Decoração – vegetalista. Azul sobre branco.

160 - MR/04.15-30.S.3



Taça – fragmento de budo arredondado e paredes rectas oblíquas.

Diâmetro – 160mm.

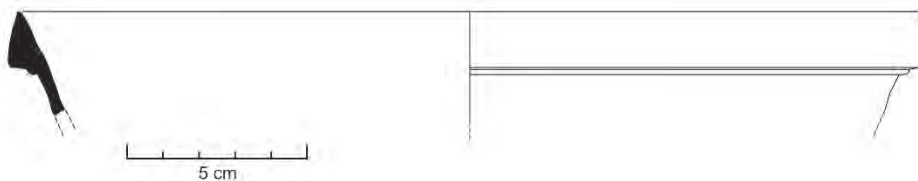
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipo B. Rosada.

Superfícies – vidrado plumbífero, vidrado melado.

161 - MR/04.CR.S.3



Saladeira – fragmento de bordo de secção triangular e corpo troncocónico.

Diâmetro – 250 mm.

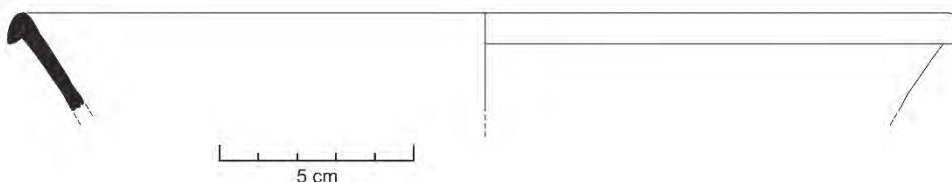
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – tipa B, compacta e ferrosa. Vermelha.

Bom acabamento de superfície.

162 - MR/05.120-135.S.3



Saladeira – fragmento de bordo com pequena aba de secção triangular e parede de perfil troncocónico.

Diâmetro – 240mm.

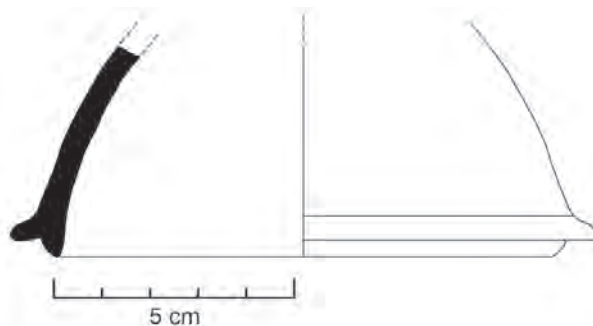
Cozedura – oxidante.

Fabrico – roda rápida.

Pasta – Tipo B. Vermelha.

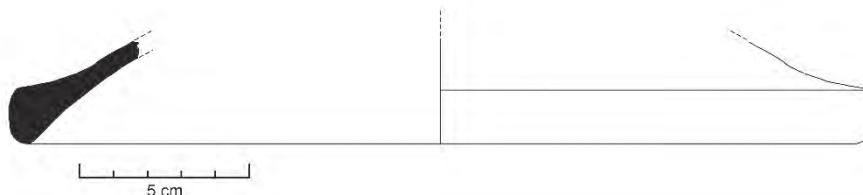
Superfícies – alisadas.

163 - MR/07.sup-15.S.6



Tampa - fragmento com ressalto horizontal exterior para colocação de tampa. Corpo de perfil hemisférico.
Diâmetro - 104mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. Rosada escura e paredes vermelhas.
Superfícies - alisadas.

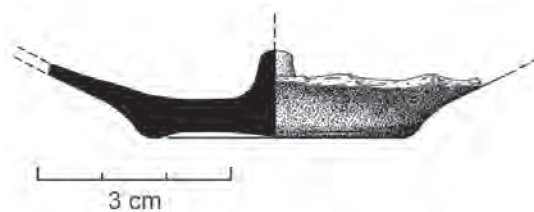
164 - MR/06.45-60.S.4



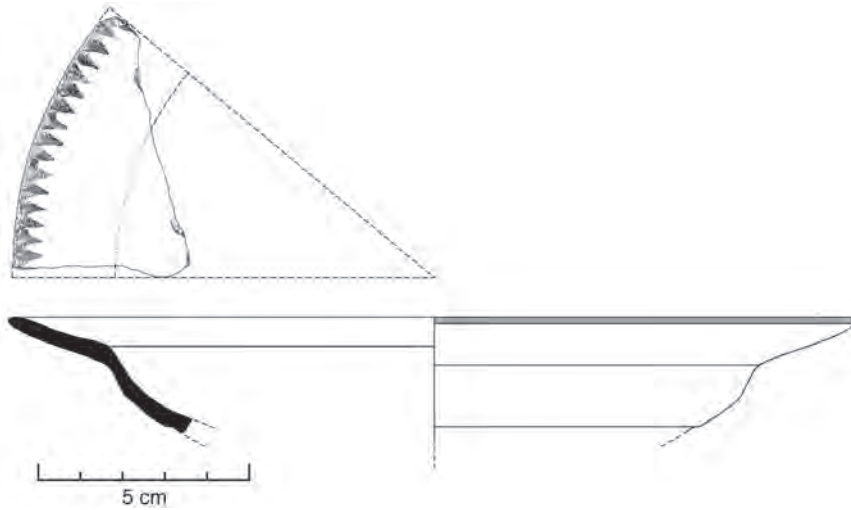
Testo - fragmento espessado de secção semi-circular.
Diâmetro - 250mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. vestígios de chamota.
Superfícies - bom acabamento.

165 - MR/04.60-75.S.3

Testo - Fragmento de testo com pitorra.
Perfil incompleto.
Diâmetro da base - 55mm.
Cozedura - oxidante.
Fabrico - roda rápida.
Pasta - tipo B. rosada.
Superfícies - bom acabamento.

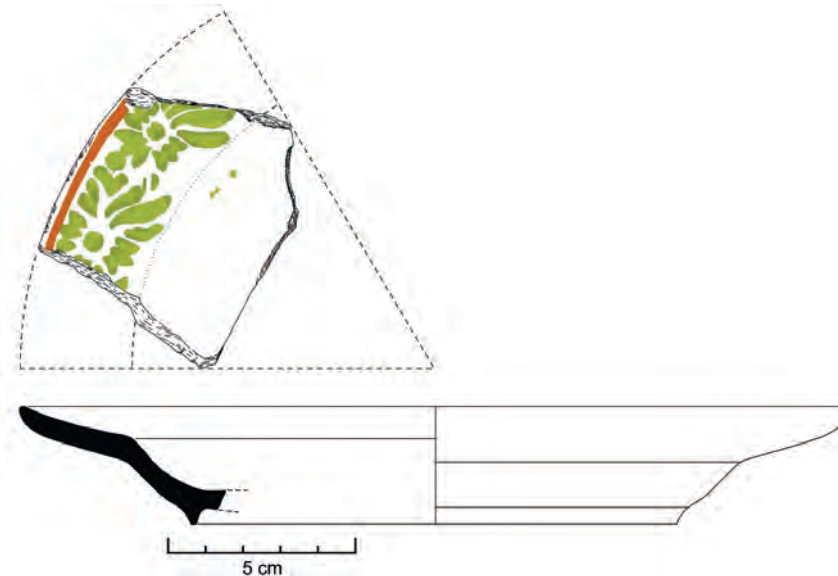


166 – MR/07.Sup-15.S.6



Prato – fragmento de prato em faiança portuguesa.
Diâmetro – 200mm.
Cozedura – oxidante.
Pasta – tipo B. Cor bege.
Superfícies – revestido a vidro estanífero.
Decoração – pintura azul no bordo. Imitação de produção inglesa.

167 – MR/07.sup-15.S.6



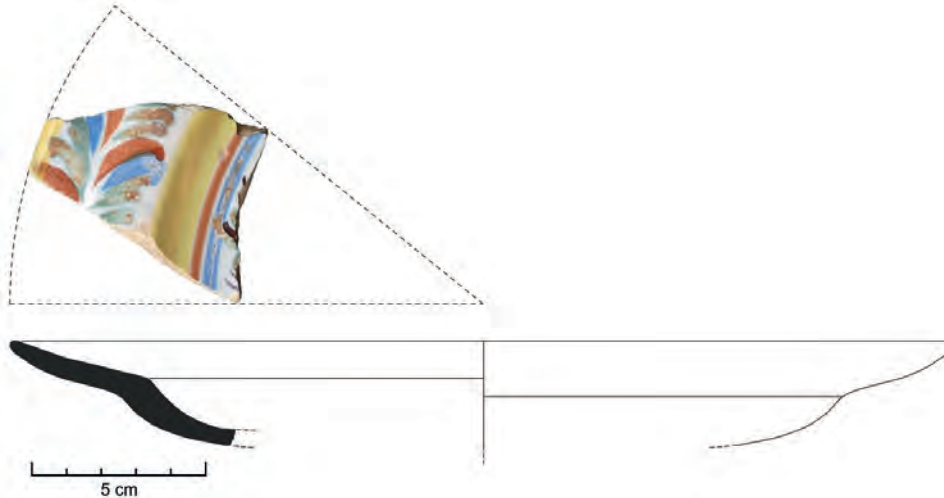
Prato – fragmento em faiança portuguesa.
Diâmetro – 220mm.
Cozedura – oxidante.

Pasta – tipo A.

Superfícies – revestidas a vidro verde.

Decoração – pintura policroma, vegetalista, a verde e filete laranja junto ao bordo.

168 – MR/07. S.6



Prato – fragmento de prato em faiança portuguesa.

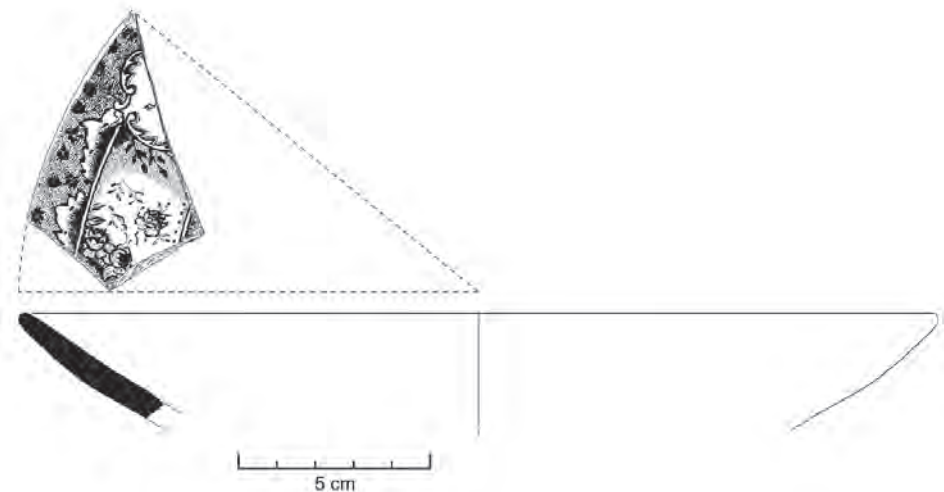
Diâmetro – 270mm

Cozedura – oxidante.

Pasta – tipo A. Bege.

Decoração – decoração vegetalista, policroma.

169 – MR/04. Sup-15.S.3



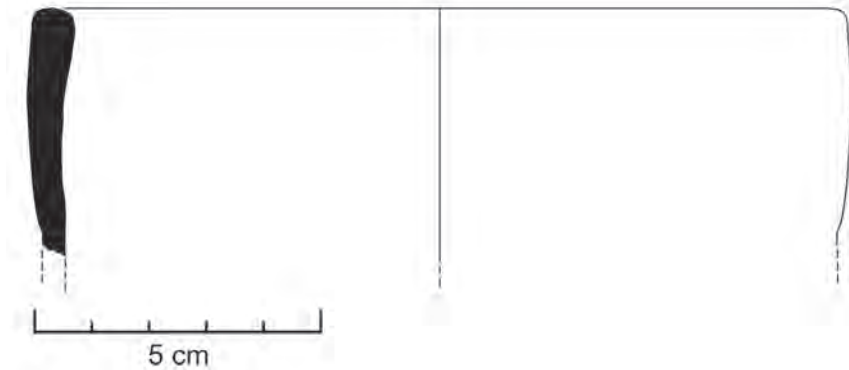
Prato – fragmento em faiança portuguesa. Paredes oblíquas, bordo amendoado.

Diâmetro – 210mm.

Cozedura – oxidante.

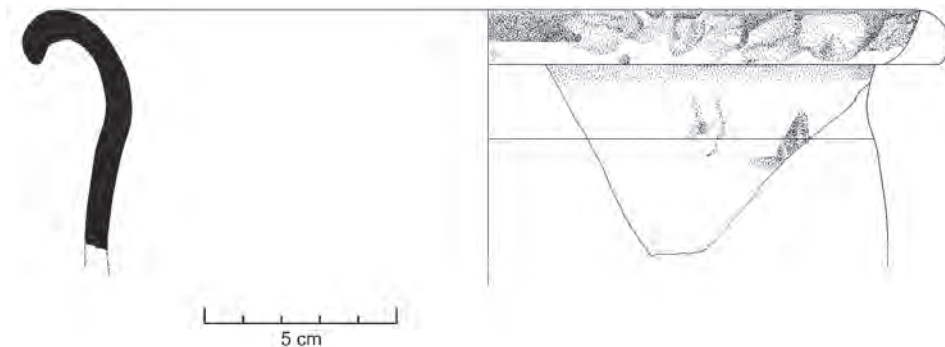
Fabrico – roda rápida.
Pasta – Tipo A. Branca.
Superfície – vidrada.
Decoração – estampilhada. Motivos vegetalistas.

170 – MR/04.15-30.S.3



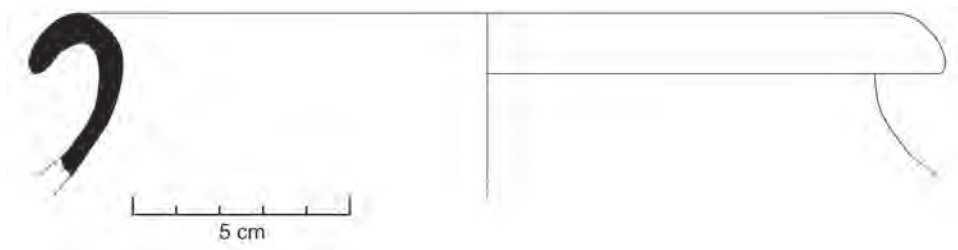
Bilha – fragmento de bordo e parede ligeiramente oblíqua.
Diâmetro – 140mm.
Fabrico – roda rápida.
Pasta – tipo B.
Superfícies – alisadas.

171 – MR/07-S.6



Bacio – fragmento de bordo de perfil em espiral, em faiança portuguesa. Paredes evoluindo para forma globular.

Diâmetro – 230mm.
Cozedura – oxidante
Pasta – tipo A. Cor bege.
Superfícies – revestidas a vidro estanífero.
Decoração – decoração esponjada em azul.



Bacio – Fragmento de bordo em faiança portuguesa, com perfil em voluta, evoluindo para corpo globular.
 Diâmetro – 210mm.
 Cozedura – oxidante.
 Pasta – tipo A. Bege.

4 - DISCUSSÃO

Considerando a globalidade dos espólios recolhidos, evidencia-se, de longe, a predominância dos materiais da Época Moderna, a que correspondem cerca de metade (49%) dos exemplares recolhidos (Fig. 19). O conjunto islâmico ocupa, surpreendentemente, o segundo lugar (27%), seguido pelo conjunto das produções de Época Contemporânea (16%). Enfim, os espólios respeitantes à Alta Idade Média (4%) e ao período medieval cristão (4%) respeitam a um número residual de exemplares.

Considerando a distribuição das produções por funcionalidades e tipologias, verifica-se que a cerâmica de cozinha, na globalidade do conjunto estudado, corresponde à percentagem mais significativa das peças analisadas, nomeadamente as panelas, fenómeno transversal às cronologias aqui documentadas. A sua função prende-se, naturalmente, com a confecção de sopas, podendo, eventualmente, serem também utilizadas para guisados, dada a sua versatilidade funcional. As tampas são elementos que complementam as peças de cozinha

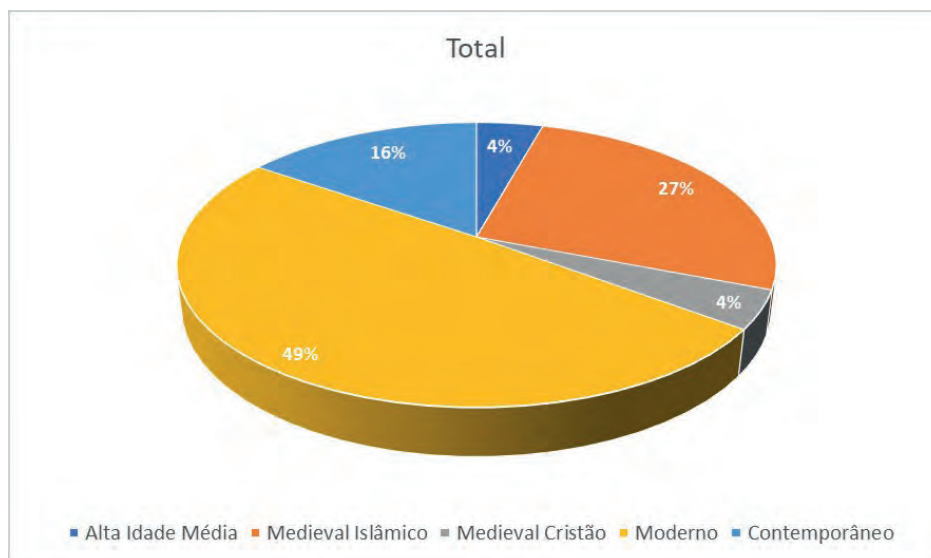


Fig. 19 – Distribuição por períodos cronológico-culturais dos materiais estudados.

e também elas vão sofrer evolução ao longo dos tempos; na sua ausência, outros materiais poderão assumir essa funcionalidade, como os fundos de potes reutilizados; por vezes, discos pétreos afeiçãoados são também adaptados a esta função, situação que, no entanto, não se identificou em Oeiras.

Dependendo da época, assim varia a componente formal dos diversos tipos cerâmicos, também estes dependentes das tendências ou inovações gastronómicas, tais como as que resultaram do contacto com “Novos Mundos”, por via do fenómeno da expansão verificado na Idade Moderna (CARDOSO *et al.*, 2021).

Ainda em contexto de preparação de alimentos, ocorrem as frigideiras, peça de cozinha cuja forma evoluiu, associada à sua importância na elaboração das frituras.

As taças/tigelas, consoante o contexto cozinha/mesa, assumem importante papel, dadas as suas características multifuncionais, e também como elemento identificativo da individualidade à mesa.

Aquela dualidade funcional encontra-se ainda no conjunto de contentores de líquidos. Por um lado, as canecas, as infusas, os canjirões, os púcaros e as bilhas, ocorrem no serviço de mesa, sendo que estas últimas tinham também lugar na cozinha, a par do cântaro, da talha ou do pote da água.

Da cerâmica multifuncional fazem parte os potes e os alguidares (CARDOSO *et al.*, 2021). Os primeiros, possuem dimensões e formas distintas, consoante a função a que se destinavam. Os segundos, apresentam características formais idênticas, sofrendo evolução principalmente ao nível do bordo ou no revestimento de superfície, podendo eventualmente apresentar algum tipo de decoração.

A componente lúdica encontra-se presente através de marcas de jogo, obtidas por reaproveitamento de fragmentos de cerâmica indeterminada, embora este contexto não tenha demonstrado número significativo de elementos, tal como o conjunto de materiais de cerâmica de construção, da qual fazem parte alguns fragmentos de telhas.

4.1 – Alta Idade Média

O espólio associado à cerâmica comum da Alta Idade Média corresponde essencialmente a um conjunto de **panelas** com perfil incompleto, cujos bordos apresentam a característica forma em “S”. As pastas são grosseiras, com elementos não plásticos de calibre variado; cozeduras redutoras e as peças, na sua maioria, levantadas manualmente, ou segundo a técnica de roda baixa.

Os paralelos encontrados inserem-se num contexto regional, nomeadamente, os que têm sido alvo do nosso estudo. É o caso da *villa* romana de Freiria (n.ºs 1, 4, 6, 7) e Espigão da Ruivas (n.ºs 2, 3, 5).

Este conjunto inclui uma base de pote, sem correspondência formal por ausência de perfil, evidenciando no entanto as formas e técnicas de fabrico que caracterizam este período (n.º 7).

4.2 – Período Medieval Islâmico

O estudo dos materiais dos períodos de transição, são, de todos os que se encontram associados a cronologias precisas, aqueles que oferecem mais estimulante desafio.

No caso do Período Medieval Islâmico, a questão apresenta-se menos complexa, dadas as características únicas da cultura material, que permite identificar com relativo à-vontade tais produções, tendo presentes os aspectos formais, decoração (plástica, incisa, estampilhada, pintura...), entre outros.

Nestas, verifica-se o reatar dos fabricos oxidantes, pastas por vezes claras, bem depuradas e a utilização da roda rápida.

Em meio rural tem-se observado uma lenta intrusão dos materiais de filiação islâmica. Por um lado, porque os contingentes que inicialmente chegam ao nosso território não possuem efectivos em número significativo que resulte numa disseminação imediata de ideias pelas populações locais. Verifica-se que os materiais exógenos nessa fase são raros. Relembramos o caso do Casal do Clérigo, em que, no conjunto de material islâmico analisado até ao momento, foi identificada uma bilha de pasta branca, de importação (CARDOSO & BATALHA, 2022). Por outro lado, há que ressaltar o facto de estas populações, cristianizadas, possuírem uma identidade cultural que resulta da herança romano/visigótica, à qual se mantêm fiéis. São moçárabes, determinados nas suas convicções religiosas, apesar de terem absorvido elementos da cultura islâmica, tais como a língua, o vestuário e, genericamente, a cultura material, sendo que esta influência é manifestamente mais significativa nas grandes urbes.

Os materiais cerâmicos exumados na antiga *villa* romana de Oeiras foram em parte já publicados (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009). No entanto, faz sentido referenciar-los novamente, na medida em que outros elementos foram agora estudados e integrados naquele conjunto.

As **panelas**, peças fundamentais na cozinha, surgem em número significativo, assumindo características distintas, principalmente ao nível do bordo.

Os exemplares com bordo em “S” mantêm-se, como no caso das peças n.º 11, 14, 16 e 19, também a peça n.º 12, embora com ressaltos no interior para colocação de tampa.

Alguns exemplares mantêm cozeduras redutoras, e levantados segundo a técnica da roda lenta (n.ºs 8 e 9), com cronologia do século XI.

Atribuível a uma panela, identificou-se fragmento de bojo, apresentando pinceladas verticais a barbotina (n.º 10).

O fragmento n.º 11, corresponde a uma panela de perfil incompleto; apesar da ausência de bordo, subentende-se um perfil em “S”. O bojo apresenta uma nervura ao nível do estrangulamento do colo e uma canelura na zona correspondente ao maior diâmetro. A pasta é grosseira e foi levantada segundo a técnica da roda lenta. O tratamento de superfície é pouco cuidado.

A peça n.º 13 apresenta uma forma distinta. Catalogada como panela tipo 2, foi identificada no silo 5 em Vila Verde dos Francos (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109). O bordo, de secção quadrangular, formando pequena aba, possui lábio plano e o corpo evolui, possivelmente, para perfil troncocónico, com ausência de colo.

Outra panela apresenta forma distinta (n.º 15). Trata-se de um bordo com parede vertical, recta e lábio descaído para o exterior. Este modelo encontra bons paralelos num exemplar identificado no Espigão das Ruivas, datado entre os séculos VIII-X (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 181).

O fragmento de bordo n.º 16 corresponde a uma panela, que em Vila Verde dos Francos inclui mais uma vez os exemplares do tipo 2. Neste caso, o paralelo mais próximo encontra-se na peça n.º 49 do silo 5, com cronologia atribuída entre os séculos XII-XIV (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109).

O bordo da peça n.º 17 corresponde a uma forma fechada de panela/pote, de perfil recto, oblíquo, com uma sequência de quatro nervuras, para o qual não foi possível encontrar paralelo. O lábio apresenta-se descaído para o interior (FERNANDES, 2009, p. 110).

Datado do século XII, temos um fragmento de panela com bordo de secção quadrangular e lábio ligeiramente descaído para o interior. Apresenta estrangulamento, a partir do qual as paredes evoluem para perfil troncocónico (n.º 18). O exemplar mais próximo encontra-se no silo 4 de Vila Verde dos Francos, com cronologia atribuível entre os séculos XII-XIV (CARDOSO e BATALHA, 2018, p. 107).

Tal como no caso anterior, a peça n.º 19 apresenta corpo evoluindo para forma globular, embora, neste caso, o bordo se apresente extrovertido e apontado. Situa-se cronologicamente entre os séculos VIII-IX.

O fundo n.º 20 corresponde a uma panela, dadas as evidências de exposição ao fogo. É difícil atribuir-lhe cronologia, dado não possuímos forma com perfil completo. Contudo, colocamos a possibilidade de filiação com os exemplares identificados no sítio do Espigão das Ruivas (CARDOSO & BATALHA, 2018).

O fragmento n.º 21 corresponde a uma tampa, cuja base, circular, apresenta uma pega transversal, aplicada no centro. O fabrico é manual e a cozedura redutora. O acabamento de superfície é pouco cuidado. Trata-se de uma tipologia com características formais atribuídas ao século IX, nos nossos contextos, assim como um outro exemplar recolhido em Miroiços da Malveira (CARDOSO & BATALHA, 2018b). No entanto, foi possível encontrar este modelo em contexto visigótico, no mundo rural da região de Lisboa, tal como se observou no exemplar exumado na vila romana de Caparide (RODRIGUES; 2005, no prelo).

Um outro fragmento de tampa com tipologia bem distinta e perfil troncocónico invertido, apresenta evidências de exposição ao fogo (n.º 22).

O exemplar n.º 23 foi reutilizado como tampa. Trata-se de um fundo de talha espessado, apresentando evidências de exposição ao fogo, tal como os exemplares anteriores.

Uma das tipologias mais representadas no conjunto de cerâmica islâmica é o *ataifor* (tigela). Os exemplares analisados apresentam perfis incompletos, diâmetros e formas distintas.

O fragmento n.º 24 ostenta decoração aplicada a pente, resultando numa composição em bandas entrecruzadas, com paralelos em Palmela (FERNANDES, 2009, p.112). A cronologia, atribuível ao período califal, segundo a autora, lembra produções abássidas.

No Castelo Velho de Alcoutim, foi exumado um alguidar apresentando decoração ao longo do bordo, que se traduz em meandros de linhas incisas, elaborados a pente. Tal como em Oeiras, a datação proposta pela autora integra cronologias do período emiral ou inícios do califal (CATARINO, 2008, p. 44).

Os exemplares n.ºs 25 e 27 apresentam idênticas características formais. Os *ataifores*, de perfil troncocónico, possuem bordos espessados, formando ângulo pronunciado com a parede interna. São peças cuja forma evoca produções de filiação romana, mas, neste caso, datadas dos séculos X-XI (FERNANDES, 2009, p. 110).

Do mesmo modo, a peça n.º 26 corresponde a um *ataifor* revestido a vidro melado, esverdeado no seu interior e a superfície externa coberta por fina camada de vidro melado.

Por último, a forma representada pelo exemplar n.º 28, apresenta um bordo de secção triangular, espessado, formando aba.

Os contentores de líquidos estão presentes através de fragmentos de *púcaro* (n.º 29), decorado com pintura a almagre, duas bandas verticais e parte de pequeno círculo (FERNANDES, 2009, p.112).

A peça n.º 30, possivelmente parte de um bojo de *bilha*, apresenta decoração em bandas sinusoidais horizontais, aplicadas a barbotina.

Um outro fragmento de parede de recipiente indeterminado, apresenta pintura horizontal, representada por uma pincelada branca, larga, irregular (n.º 31), (FERNANDES, 2009, p.111).

Os *cântaros* estão representados por dois bordos com idênticos atributos formais (n.ºs 32 e 38). Apresentam escorridos vidrados a verde sobre pastas beges, características desta época. Os bordos manifestam uma moldura bem destacada, vertical, a partir do qual o corpo evolui para perfil troncocónico.

O exemplar n.º 37 corresponde a um fragmento de bordo de *jarinha* com arranque de asa. Trata-se uma forma bem definida no reportório islâmico do século XII, em que as paredes rectas ou ligeiramente convexas convergem num ponto de estrangulamento, a partir do qual o corpo evolui para perfil globular com duas asas (CARDOSO & BATALHA, 2018).

Os contentores de líquidos contemplam ainda dois bordos (n.ºs 39-40). São pequenos fragmentos trilobados, fabricados segundo a técnica de roda rápida e submetidos a cozedura semi-redutora. Por outro lado,

a peça n.º 41, representa fragmento, possivelmente de **bilha**, de cronologia Islâmica, apresentando pintura a barbotina.

Este conjunto caracteriza-se por integrar três exemplares de **potes** n.ºs 42, 43, 44, cujos bordos, apesar da ausência de perfil completo, reflectem a versatilidade das funções que podiam desempenhar nos contextos domésticos.

No caso da peça n.º 42, o bordo de secção circular, em aba, apresenta paredes semi-verticais pouco espessadas. O exemplar n.º 43, caracteriza-se por forma aberta, lábio descaído para o exterior, formando secção triangular. Este exemplar encontra paralelo no Espigão das Ruivas, local cuja maior percentagem de painéis e potes integra esta forma (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 181).

O terceiro elemento corresponde a um grande contentor. Forma fechada, bordo em “T” com lábio descaído, apresentando três nervuras, evoluindo, possivelmente para perfil ovóide ou globular (n.º 44).

A este período correspondem duas asas com formas distintas. Referimo-nos ao fragmento n.º 45, asa de jarrinho de secção quadrangular, pasta grosseira, identificada em contextos do século IX; já o exemplar n.º 46 com secção em fita, corresponderá a cronologia mais tardia.

Uma **malha de jogo** integra este contexto (n.º 47), reutilizada a partir de um fragmento de telha com decoração digitada, seguindo o mesmo padrão de marcas de jogo obtidas a partir de elementos descartados. Caso singular neste conjunto cerâmico, dado que se trata de uma peça relevante na maioria das intervenções, em distintos períodos cronológicos.

A peça n.º 48 representa um fragmento de parede de talha com vestígios de arranque de asa, na base da qual se observa uma marca digitada, obtida durante o processo de colagem ao corpo da peça.

Os elementos pertencentes a **cerâmicas de construção** correspondem a dois fragmentos de telhas (n.ºs 49-50). O primeiro apresenta decoração esgrafitada, com linhas cruzadas; no segundo caso está presente decoração digitada. As pastas são compactas, com boa cozedura.

4.3 – Período Medieval Cristão

No século XII, apesar de todas as transformações ocorridas perante o fenómeno da “Reconquista”, verifica-se, ao nível da produção cerâmica, continuidade formal e decorativa. Será no último quartel da centúria que se regista diferenciação mais clara nos vários tipos cerâmicos, bem como nos processos de fabrico.

O conjunto de peças que representam este período é constituído por 16 elementos cerâmicos e um numisma. Observa-se com frequência um tipo de cozedura mista, mas, sempre utilizando a técnica de roda rápida. No final da centúria, verifica-se evolução formal quanto a algumas tipologias, como no caso das painéis, mas nalgumas peças, continuamos a observar elementos identificativos da cultura islâmica, que, em determinados contextos, vão sobreviver no decorrer do século XIV.

As painéis que ostentam maioritariamente perfis de secção triangular, evoluem para os de secção quadrangular, ou circular. O colo apresenta frequentemente moldura com nervura.

As jarrinhas asadas, os cântaros, as canecas ocupam o seu lugar nos contextos de mesa e cozinha e nestas formas é comum identificarem-se exemplares com filiação islâmica.

O **dinheiro** (n.º 51) recolhido na sala 4, foi atribuído, inicialmente, por Teixeira de Aragão, ao reinado de D. Sancho I (1185-1211), apresentando no anverso a legenda REX SANCIVS e escudo com quatro besantes em “T”. No reverso, PORTUGAL, e cruz floreada, cortando a legenda, cantonada por duas estrelas e dois pontos (ARAGÃO, 1874, p. 150, Est. II, n.º 3).

O mesmo autor lembra que a cruz floreada apareceu inicialmente nas moedas de Afonso IX de Leão (1188 a 1230), referindo ainda a dificuldade em saber qual o reinado da cunhagem deste tipo de moedas no nosso território: “Distinguir os *dinheiros* lavrados no reinado de D. Sancho I e de seu neto D. Sancho II é, actualmente, para nós uma tarefa invencível.” (idem, 1874, p. 152). Posteriores estudos, efectuados por numismatas portugueses, concluíram, que o escudo com besantes em “T” e a legenda REX SANCIVS / PO RT UG AL, com a cruz floreada no reverso, pertencia ao reinado de D. Sancho II (GOMES, 2007, 71, 03.01).

Os dinheiros e mealhas dos inícios da 1ª dinastia, tinham um baixo valor monetário, pelo que se encontram disseminadas por toda a península de Lisboa, sendo mais comum o seu aparecimento junto às igrejas, onde, primitivamente, se realizavam os mercados. Era frequente a queda de moedas durante as transacções de bens e o baixo valor monetário justificava o seu esquecimento sobre o chão térreo (GONÇALVES & CARVALHO, 2006, p. 73-75; CARDOSO, 2007, 11).

Dois exemplares de **panelas** apresentam secção quadrangular, formando aba (n.ºs 52-53). Surgem em contextos datados nos séculos XII-XIV e fazem parte dos exemplares que integram o “tipo 2” de Vila Verde dos Francos (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109). Foram igualmente identificados na Rua da Judiaria, em Almada, exumados no silo 12 (BATALHA *et al.*, 2008, p. 73).

O fragmento de panela n.º 54 apresenta lábio arredondado e parte de asa. O corpo da peça tende a evoluir para perfil globular. Como nos casos anteriores, esta forma é recorrente em contextos medievais, como o comprovam os exemplares recolhidos em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 81). Igualmente em contexto medieval, foi registado um exemplar em Almada, proveniente do silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, 2008, p. 72).

Bem documentado em estratos da idade Média, o exemplar n.º 55, integra um conjunto de panelas que apresentam bordo troncocónico, canelura a definir o lábio e ligação bem acentuada na evolução do colo para o ombro. Esta forma surge em Cascais, em contextos bem datados entre os séculos XIV e XV (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 583). Nos trabalhos arqueológicos ocorridos no Palácio dos Condes da Guarda, a forma foi catalogada como pote, recolhido em contextos do século XVI, embora em cerâmica fosca (CABRAL *et al.*, 2009, p. 237). Esta cronologia estará de acordo com os exemplares normalmente revestidos a vidro plumbífero, utilizados como recipientes de armazenamento. Contudo, na rua do Poço Novo, o mesmo modelo surgiu em contextos do século XIII (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 581).

O exemplar n.º 56 apresenta cozedura redutora, contrariando os fabricos que temos observado para esta cronologia. Este é um modelo com bordo em aba, secção triangular, canelura seguida de rolo, a partir do qual as paredes evoluem para corpo globular, com bom acabamento de superfície.

Trata-se de uma forma datada do século XVI em Cascais, embora tenha sido registada em contextos do século XIII, na rua do Poço Novo (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 583). Contudo, este tipo de bordo foi aplicado simultaneamente em potes, como testemunham os exemplares exumados na Casa dos Azulejos de Cascais – Palácio dos Condes da Guarda (CABRAL *et al.*, 2009, p. 237).

A **çaçoila** n.º 47 possui bordo com lábio plano, marcado por uma canelura que o separa do corpo de perfil curvo, em calote (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 585), registando-se a sua presença em contextos dos séculos XV-XVI.

Opostamente, a çaçoila n.º 58, apresenta bordo de grande diâmetro, espessado, abaixo do qual se observa carena alta e corpo de perfil incompleto.

Com características formais distintas do exemplar anterior, a çaçoila n.º 59, igualmente com grande diâmetro, assume dupla funcionalidade, dado que em Vila Verde dos Francos, no silo 1, foi identificada como alguidar, embora, neste caso, com ausência de decoração e datação proposta entre os séculos XIV-XV.

Os exemplares de **tampas** n.ºs 60, 61 e 62, correspondem a forma comum em loiça de cozinha dada a sua versatilidade, quer utilizados durante o processo de confecção dos alimentos, quer para proteger os contentores de líquidos: cântaros, talhas e bilhas.

As suas formas variam entre os bordos de secção semi-circular e os que apresentam bordo em barbeta, com pitorra ao centro, estes últimos em uso até ao século XV (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 582).

Na cerâmica de mesa regista-se um exemplar de tigela com bordo em pequena aba e paredes curvas com caneluras (n.º 63). Um paralelo muito próximo foi exumado no Casal do Clérigo, Cascais (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, estampa IX).

A chamada **tigela «de comer»**, segundo as Posturas da Câmara Municipal de Cascais de 27 de Junho de 1598 (título 210, fólhos 46-47) está presente em abundância no Convento de Nossa Senhora das Neves, Cadaval, Montejunto, embora em peças de faiança (CARDOSO, 2009, p. 69).

Os contentores de líquidos estão presentes através de uma **caneca**, n.º 64, com parede e fundo. Apresenta composição geométrica aplicada a barbotina. Trata-se possivelmente uma produção mudéjar, mas, segundo os autores, assume forma característica dos séculos XIII-XIV (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009, p. 112). No espólio recolhido do silo 12 da rua da Judiaria, em Almada, registaram-se vários fragmentos de canecas, apresentando superfícies decoradas, cujas formas denunciam paralelos formais com este exemplar (BATALHA *et al.*, 2008, p. 78-79).

A peça n.º 65, já publicada, representa um fragmento de bordo de **púcaro**, com canelura junto ao lábio. As paredes são espessadas e insere-se em cronologia do século XIII (FERNANDES, CARDOSO & ANDRÉ, 2009, p. 110). Contudo, mais uma vez, na rua da Judiaria, em Almada, esta forma encontra-se relacionada com um modelo de panela, e integra a mesma cronologia (BATALHA *et al.*, 2008, p. 72). Tal significa, tão-somente, que o mesmo tipo de bordo é representativo deste período.

Um fragmento de bordo de **bilha**, com lábio plano e paredes verticais está representado no exemplar n.º 66. Apresenta insuficiente perfil que possibilite classificação, embora seja possível colocá-lo em contextos medievais.

Por último, foi recuperado um fragmento de argola atribuído a elemento de suspensão de cabo de **caçoila** ou **frigideira** (n.º 67). São vários os exemplares registados em contextos de escavação. Dentro da cronologia proposta, século XIV, foi recuperado um fragmento em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, 2008, p. 75); e em Vila Verde dos Francos, onde a argola surgiu associada a parte do cabo (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 104). No entanto, esta funcionalidade irá perdurar até ao século XVIII, como ficou evidente nos cabos exumados no Convento de Montejunto, nos quais, apesar de ausentes, se observaram evidências da aplicação de argolas de suspensão (CARDOSO, 2009, p. 77).

4.4 – Época Moderna

Os três **ceitis** recuperados durante esta intervenção são provenientes da Sala 4, todos datados do reinado de D. Afonso V. Contudo, apenas dois serão aqui referenciados. Foi durante o período ocorrido entre a segunda metade do ano de 1448, ou no primeiro semestre do ano de 1449, que se procedeu à cunhagem dos primeiros ceitis, com valor equivalente ao real preto que circulava durante o reinado de D. Duarte. Estas moedas, de cobre, com baixo valor monetário, circularam até ao reinado de D. Sebastião. Foram cunhadas em grande número, sendo, “a par do cruzado as únicas moedas que a população portuguesa virtualmente dispunha” (MAGRO, 1986, p. 13), razão porque é tão comum em contextos arqueológicos da segunda metade do século XV, até ao terceiro quartel do XVI.

O primeiro exemplar, n.º 68, é do tipo Magro 5.5, o segundo e o terceiro numisma são do tipo Magro T. 6, de que publicamos um exemplar, n.º 69.

Em praticamente todas as cronologias, os estudos que contemplam a análise da cultura material, referem maioritariamente, no grupo da cerâmica fosca, a presença de **panelas**. Comumente ligadas à confecção de sopas, foram utilizadas seguramente noutras opções, relacionadas com a preparação de alimentos.

Ao longo dos tempos esta forma foi assumindo características que nos permitem identificar e relacionar com distintas épocas. Assim acontece com o período moderno, em que o conjunto em análise apresenta oito tipos de bordos distintos, o que também evidencia diversidade do ponto de vista estético.

Os exemplares n.º 70 e n.º 78 apresentam lábio plano, bordo de secção quadrangular e colo ligeiramente troncocónico, bem demarcado no ponto de evolução com o corpo. Encontram paralelos nos silos do Palácio de Santa Helena – Lisboa (BATALHA *et al.*, 2017, p. 1764); Rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2017, p. 97) e Cascais (GUILHERME & RODRIGUES, 1991, p. 581).

O fragmento de bordo n.º 71, com secção quadrangular, formando aba, encontra paralelo num exemplar exumado no Casal do Geraldo, Cascais. Esta forma surge no século XV, mas prolonga-se na centúria seguinte (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991, Est. VII).

O exemplar n.º 72, apresenta igualmente um bordo de secção quadrangular, mas com paredes mais espessadas e aba pronunciada. O corpo insinua-se para uma forma acentuadamente globular com paralelo no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991, Est. VII).

O fragmento n.º 73 representa um bordo de secção quadrangular e lábio descaído. O colo curto e ligeiramente inclinado evolui para perfil globular. Para além de um paralelo no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1991, Est. VI), identificou-se uma ocorrência em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, 2008, p.72).

Característicos do século XVI, são os exemplares n.ºs 74 e 76. Apresentam bordo de secção circular de duplo rolo. Verifica-se ausência de colo e o corpo evolui de ponto bem demarcado para perfil globular. Estes bordos encontram-se presentes em Cascais, na rua do Poço Novo (GUILHERME & RODRIGUES, 1991, p. 583); e na ETAR de Alcântara, no poço seiscentista da Quinta de Vila Pouca (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 134).

O bordo de panela n.º 75 apresenta lábio plano, com aba destacada, de secção quadrangular. O colo possui inflexão externa bem pronunciada e o corpo evolui, presumivelmente, para perfil globular. Este exemplar regista presença em Montejunto, no Convento de Nossa Senhora das Neves (CARDOSO, 2009, p. 74); em Cascais, no Palácio dos Condes da Guarda (CABRAL *et al.*, 2009, p. 239) e no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. VIII).

Neste conjunto de panelas, o exemplar n.º 77 é o que oferece perfil mais completo. Fragmento de bordo em aba, lábio plano, e paredes evoluindo para perfil em forma de saco. Foram encontrados paralelos no Palácio dos Condes da Guarda, Cascais (CABRAL *et al.*, 2009, p. 238); em Almada, no silo 12 da rua da Judiaria (BATALHA *et al.*, p. 73); CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 109) e em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 326).

O exemplar n.º 80 corresponde a um exemplar de lábio descaído, espessado, com pequena aba. O corpo evolui, possivelmente, para um perfil de pouca amplitude, como no caso do fragmento encontrado no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 76).

Identificou-se um único fragmento de **púcara** (n.º 81), correspondendo a forma afim das panelas. Trata-se de um bordo com pequena aba, secção quadrangular a partir do qual se subentende corpo de amplo perfil, ocorrendo um exemplar no Convento da Serra de Montejunto (CARDOSO, 2009, p. 76).

Ainda no âmbito da loiça de cozinha, identificou-se uma **tigela** de tamanho médio, bordo de secção circular e corpo de perfil troncocónico com duas caneluras (n.º 82).

Este é um modelo que surge em ambientes do século XVI, como o comprovam os exemplares recolhidos em Lisboa na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96), bem como os recolhidos no Barreiro, nas entulheiras de Santo António da Charneca (BARROS, 2012, p.705).

Inserida na cronologia do século XVI, regista-se uma forma característica e com larga difusão na generalidade dos contextos. São as **caçoilas** com lábio de secção circular e inflexão externa muito acentuada e aplicação de pegas (n.ºs 83, 84, 85 e 89), associadas a tachos e bordos de fogareiros. Esta forma foi identificada em Lisboa, na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96); no poço-lixreira da rua dos Bacalhoeiros (PINHEIRO *et al.*, 2018, p. 369); em Cascais, Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. VIII) e no Casal do Clérigo, com um exemplar de perfil completo (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 584) e em Lisboa, no poço seiscentista do Vale de Alcântara (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 136).

Um outro modelo recorrente neste período corresponde a **caçoilas com lábio espessado**, perolado, por vezes sucedendo-lhe pequeno ressalto e corpo de perfil em calote (n.º 86). Esta tipologia surge igualmente associada a tachos e taças de perfil troncocónico, ou em calote, como no caso deste exemplar.

Em Lisboa esta forma encontra-se bem representada na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96), no poço seiscentista da ETAR de Alcântara (BATALHA & CARDOSO, 2013, p.136) e em contexto de cariz religioso, como o exemplar exumado no Convento da Serra de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 72).

No caso dos **tachos**, no exemplar n.º 87, o bordo apresenta a mesma configuração do exemplar anterior, mas aqui de maior dimensão e representado com duas pegas. Encontramos referência para esta forma em Cascais, no Beco dos Inválidos, onde foi exumado um tacho, com as mesmas características (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 203). Na rua de Buenos Aires, esta forma encontra-se documentada, através de significativo número de exemplares (CARDOSO & BATALHA, 2019, p. 96).

O fragmento n.º 88 representa um tacho com perfil distinto, pouco habitual no reportório cerâmico em análise. O lábio é recto, descaído para o exterior, paredes verticais espessadas, formando suave inflexão para perfil troncocónico. Apresenta pegas de perfil circular.

Na peça n.º 90 pode antever-se as formas características dos tachos do século XVIII. Este exemplar apresenta bordo apontado, curto, espessado, marcado por inflexão externa. O perfil é indeterminado, mas possivelmente apresenta paredes troncocónicas. O paralelo mais próximo provém do Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 72).

As peças n.ºs 91 e 92 correspondem a **testos** (tampas) e encontram-se presentes em praticamente todos os contextos da época. O primeiro caso é um pequeno exemplar com perfil incompleto, pitorra ao centro, com paralelos no Cadaval, Convento de Montejunto (CARDOSO, 2009, p. 78), bem como em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 2009, p. 199). No segundo caso, trata-se de uma tampa de grande dimensão (prato/tampa) e integra as formas igualmente exumadas no Cadaval (*idem*, p. 78).

O exemplar n.º 93 representa um fragmento de **pote/jarra** em faiança com bordo em voluta. Apresenta-se decorado com dois filetes em azul-cobalto na face interna, junto ao bordo. A ausência de perfil não permite estabelecer paralelos com exemplares de outros contextos.

As peças n.ºs 94, 95 e 96 correspondem a fragmentos de **pratos** em cerâmica fosca. No primeiro caso, com bordo espessado e corpo troncocónico, foi encontrado um paralelo em Cascais, Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 202). No segundo exemplar observa-se ressalto interno, bem marcado entre a cartela e o corpo. Apresenta brunimento na superfície interna, facto que permite datá-lo cronologicamente no século XVI. Na rua do Poço Novo, em Cascais foi exumado um prato com as mesmas características formais e acaba-

mento de superfície (CARDOSO & RODRIGUES, 1991, p. 582). O terceiro exemplar representa um prato com aba curta e paredes troncocónicas, inserido igualmente em cronologia do século XVI (CABRAL *et al.*, 2009, p. 240).

O fragmento de parede de prato n.º 97 apresenta vidrado plumbífero nas duas faces, deixando antever decoração com nervuras dispostas em círculos no seu interior. Trata-se de um exemplar com cronologia entre os séculos XV/XVI, de produção exógena, possivelmente Sevilhana.

Também de produção exógena é um fragmento de parede e fundo de **prato em porcelana chinesa de exportação** (n.º 98). Apresenta motivos vegetalistas, em azul, nas duas superfícies. Trata-se de um fabrico datado da dinastia Kangxi, séculos XVII-XVIII (1662-1722).

No grupo dos exemplares de **faiança**, identificaram-se diversas formas. Um fragmento de parede e base de possível **boião**, com aplicação de vidrado estanífero nas duas superfícies, cumpre a função de cerâmica de mesa (n.º 99), possivelmente utilizado na conservação de compotas ou mel.

O conjunto de peças de mesa conta com seis **pratos** (n.ºs 100, 101, 102, 103, 104 e 105). No caso do fragmento n.º 100, a gramática decorativa conduz-nos a aplicações cromáticas em azul-cobalto, de cariz fitomórfico que, a par da forma, se situa em cronologia do século XVII, nos silos do Palácio de Santa Helena, Lisboa (BATALHA *et al.*, 2017, p. 300). Os três pratos seguintes apresentam dois filetes em azul-cobalto na superfície interna, ao longo do bordo, e num dos casos, no fundo, junto ao ressalto que define a aba. Os restantes exemplares encontram correspondência formal nos exemplares exumados no poço seiscentista do Vale de Alcântara (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 129).

O exemplar n.º 103 representa um fragmento de bordo, com decoração composta por semi-círculos concêntricos em azul-cobalto. Esta decoração é recorrente no período que abrange os finais do século XVII e o século XVIII, tendo sido registada nos materiais recolhidos na rua Marquês de Pombal, em Oeiras (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 318-319) e no conjunto exumado no centro produtor de faiança da rua de Buenos Aires, Lisboa (BATALHA *et al.*, 2012, p. 958; BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 129; (BATALHA *et al.*, 2016, p. 33-34).

Por último, o prato n.º 104, reduzido a um fragmento de bordo, apresenta decoração com motivo de contas azul-cobalto, entre dois filetes manganês. Decoração aplicada em modelos do século XVIII, encontra-se presente em contextos já analisados em Oeiras, como ficou registado nas escavações arqueológicas da rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 317).

Foram exumados três fragmentos de **taças em faiança**. No caso dos exemplares n.ºs 106 e 107, apresentam paredes verticais e bordos ligeiramente extrovertidos, ambos com decoração. No primeiro caso a temática decorativa aplicada é pouco clara, na medida em que um fragmento tão exíguo não permite leitura. Do ponto de vista formal possui paralelo na rua de Buenos Aires (BATALHA *et al.*, 2012, p. 960). O segundo exemplar apresenta dois filetes em azul no interior junto ao bordo e a superfície externa ostenta decoração vegetalista. Em faiança, mas com ausência de decoração, em Cascais, proveniente do Beco dos Inválidos, foram recolhidos dois exemplares (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 210). Embora manifestem ausência de perfil completo, são atribuíveis ao século XVIII. O fragmento n.º 108 apresenta paredes finas e lábio apontado. Tal como nos casos anteriores, não se dispõe da totalidade do perfil, sendo possível estabelecer um paralelo provável com o exemplar recolhido no Convento de Nossa Senhora das Neves, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 68).

A par do conjunto de panelas, registou-se um número significativo de **tigelas** em cerâmica fosca.

Presente em todos os contextos do período Moderno, é um indicador do quanto se tornou importante e indispensável, o uso individual da tigela na baixela de mesa. Tal como na actualidade, seria utilizada no consumo de papas, sopas ou ensopados, mas, observando os tamanhos de alguns exemplares, devemos consi-

derar a sua utilização em contexto de cozinha. As dimensões são variáveis, embora no caso das peças recolhidas em Lisboa, na rua dos Bacalhoeiros, tenhamos verificado uniformidade no conjunto (PINHEIRO *et al.*, 2018, p. 368).

A peça n.º 109 apresenta bordo de secção circular, em aba, sob a qual se verifica a existência de uma canelura e o corpo evoluindo para forma hemisférica. Este exemplar, tendo em conta o seu diâmetro (220 mm), não engloba os modelos de uso individual, sendo provável possuir dupla funcionalidade, possivelmente como saladeira. Assim mesmo, encontramos paralelo nos modelos apresentados para a rua dos Bacalhoeiros (PINHEIRO *et al.*, 2018, p. 369); em Cascais, no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. IX) e, ainda em Cascais, no Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 203).

O fragmento n.º 110 apresenta bordo espessado, lábio descaído e inflexão interna, possivelmente evoluindo para corpo em calote. Paralelos aproximados foram observados em formas recuperadas no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2009, p. 78) e em Lisboa, na rua de Buenos Aires (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 96).

Os exemplares n.ºs 111 a 115 integram um conjunto de idêntica tipologia e distintos diâmetros de bordo, em nenhum dos casos com perfil completo. Os perfis são suaves, ligeiramente espessados, com lábios descaídos internamente e o corpo com perfil em calote ou hemisférico. Encontramos esta forma em Santo António da Charneca, nos contextos do século XVI (BARROS *et al.*, 2012, p. 705).

Por último, o conjunto que contempla as tigelas n.ºs 116, 117 e 118, apresenta lábio de secção semi-circular, aplanado e ligeiramente espessado, com canelura a vincar a evolução do corpo para perfil em calote. Esta forma foi exumada em contexto do século XVI em Cascais, na rua do Poço Novo e em Castelo Novo, com idêntica cronologia (SILVÉRIO, 2005, p.124).

A tigela n.º 119 poderia ter sido utilizada como saladeira. Trata-se de um exemplar com bordo em aba, lábio plano e corpo evoluindo para paredes hemisféricas. Existem paralelos que obedecem a idêntica tipologia, mas foi no Museu Nacional Machado de Castro que foi encontrado um exemplar correspondente (SILVA, 2012, p. 887).

Os contentores de líquidos encontram-se presentes através de cinco **púcaros** (n.ºs 120 a 124), uma **bilha** (n.º 125) e uma **garrafa** (n.º 126), todos representativos de modelos com cronologia atribuível ao século XVI, se bem que, no caso do exemplar n.º 123, esta forma se encontre presente na centúria anterior, com filiação em bordos de púcaros e jarrinhas de época islâmica.

No caso do bordo n.º 120, este apresenta paredes rectas, oblíquas, não sendo possível identificar a forma, dado não existirem indícios da evolução do corpo; no entanto, considera-se a hipótese de existir uma correspondência com um exemplar recolhido nas entulheiras de Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 705). Contrariamente, o exemplar n.º 121, ostentando igualmente paredes oblíquas, possui bordo de secção circular, espessado, com paralelo em Coimbra, Museu Nacional Machado de Castro (SILVA, 2012, p. 884), assim como no fragmento de bordo encontrado em Carnide, no Palácio de Sant'Anna (BATALHA *et al.*, no prelo).

O púcaro n.º 122, tal como os exemplares anteriores, apresenta bordo arredondado e paredes rectas, esvasadas, com canelura a marcar a zona do colo, de acordo com peça análoga encontrada durante os trabalhos arqueológicos que ocorreram no Palácio dos Condes da Guarda (CABRAL *et al.*, 2009, p. 235).

No caso do púcaro n.º 123, a forma diverge dos registados anteriormente. As paredes, com lábio arredondado, inflectem para o interior, fazendo desta peça um contentor de líquidos fechado, apresentando na zona proximal uma canelura como elemento decorativo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. V).

Por último, o fragmento de bordo n.º 124 apresenta paredes curvas e lábio arredondado; de acordo com os exemplares da época, ostentaria duas asas. Encontramos referência a um modelo idêntico, exumado durante a intervenção arqueológica em Castelo Novo, Fundão (SILVÉRIO & BARROS, 2005, p. 139).

O fragmento de **bilha** n.º 125, como nos exemplares anteriores, encontra-se datado do século XV. Apresenta bordo espessado de secção circular, formando aba. No colo, alto, ligeiramente estrangulado, são visíveis vestígios de arranque de asa. Na superfície externa, o oleiro, durante a rotação da peça, efectuou três incisões com “meia cana”.

São vários os paralelos para este exemplar, que também pode assumir a forma de pote, quando de maior dimensão, ou ainda infusa, assim classificada pelos autores, no caso dos vários contextos intervencionados na vila de Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 205). Esta forma foi recuperada no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2007, p. 70) e mais recentemente em Carnide, no Palácio de Sant’Anna (BATALHA *et al.*, no prelo).

Para o bordo de **garrafa**, representado pela peça n.º 126, não foram encontrados paralelos. Apresenta pequena moldura, sobre a qual se desenvolve um esquema decorativo, com pequenos arcos invertidos, seguidas de incisões encrespadas que lhe conferem um efeito visual bem conseguido. A mesma técnica decorativa ocorre aplicada em diversos contentores de líquidos com cronologia do século XVI, designadamente, o exemplar de jarra exumado no Casal do Geraldo (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. VI); uma bilha, nas entulheiras dos fornos de Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 706); e numa fase mais tardia, uma almotolia, recuperada em Lisboa, nos silos do Palácio de Santa Helena (BATALHA *et al.*, 2017, p. 1765).

Por último, importa fazer referência ao exemplar n.º 127. Trata-se de um bordo de bilha, com lábio ligeiramente apontado, e paredes curvas com leve torneado, tendo sido catalogada como infusa nas entulheiras dos fornos em Santo António da Charneca (BARROS, 2012, p. 705).

Os contentores de fogo estão representados por **fogareiros** peças essenciais em ambiente doméstico, directamente ligados ao uso culinário e aquecimento de água para lavagens. O exemplar n.º 128 apresenta paredes e arranque da grelha, não permitindo estabelecer a tipologia correspondente em relação ao tipo de bordo. Assim mesmo, podemos estabelecer paralelo com os fragmentos encontrados no Convento de Montejunto, Cadaval (CARDOSO, 2007, p. 79) e em Cascais, no Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 204).

O segundo exemplar, também com perfil incompleto, apresenta bordo de secção oval e fragmento de asa em fita.

Apesar da tipologia do bordo do fragmento de fogareiro n.º 129 se identificar com um modelo exumado no Convento de Montejunto, a asa em fita assume características distintas do exemplar ali encontrado. É possível estar-se em presença de uma forma datada do século XVIII (CARDOSO, 2007, p.79).

As produções cerâmicas de higiene ou escatológicas, constituindo peça fundamental, principalmente para uso nocturno, eram embelezadas com programas decorativos, em que predominavam os motivos vegetais, filetes, ou tão-somente o revestimento em vidrado estanífero. Em fase mais tardia, alguns exemplares possuíam tampa e o seu uso manteve-se até meados do século XX, sendo substituídos por exemplares em material plástico.

Neste conjunto, é de registar a presença de um bispote e dois bacios, todos com perfil incompleto. O bispote (n.º 130) apresenta lábio recto num bordo oblíquo, ligeiramente descaído internamente. Verificou-se ausência de vidrado a revestir a superfície interna. Os paralelos encontrados datam esta forma do século XVI, com ocorrências no Barreiro, Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 707); Cascais, Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 206); Lisboa, ETAR de Alcântara, (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 138); em Coimbra, Museu Machado de Castro (SILVA, 2012, p. 742); e em Palmela, rua do Castelo, n.º 4 (FERNANDES, 2016, p. 200). Neste caso, o exemplar de perfil completo regista cronologia do século XVIII, tal como o que foi exumado nos trabalhos que decorreram no Porto, na Casa do Infante (BARREIRA, *et al.*, 1998, p.173).

Os dois bacios (n.ºs 131 e 132) fazem parte das produções em faiança. O primeiro exemplar apresenta decoração fitomórfica no bordo, bem como na superfície externa. Observam-se distintos bordos em aba; no primeiro caso (n.º 131), o lábio é plano, sob o qual evolui parte de asa. Foram registados paralelos em Alcântara, no poço da ETAR (BATALHA & CARDOSO, 2013, p. 132) e em Carnide, no Palácio de Sant'Anna (BATALHA *et al*, no prelo). O bordo n.º 132 encontra correspondência com um exemplar recolhido no Poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras e que os autores datam do século XVIII (CARDOSO & LUNA, 2006, p. 110).

No conjunto dos objectos de uso pessoal, destacam-se os **botões**, como elementos que possuem forte relevância no vestuário; tal prática difunde-se no nosso território a partir do século XIII, associada principalmente a manifestações estéticas, e vai adquirindo protagonismo, principalmente na época da expansão. Inicialmente chegam até nós exemplares fabricados com matérias nobres e de grande impacto visual, mas o auge da utilização dos botões, quer os mais elaborados, quer os fabricados manualmente, em osso ou marfim, dá-se no século XVIII, em que a aplicação no vestuário, em grande quantidade, era um indício de prestígio para quem os ostentava. A industrialização permitiu a introdução de botões num mercado cada vez mais consumidor deste artigo e conseqüentemente dá-se a democratização do produto. Actualmente, encontramos o botão ligado a questões estéticas e práticas, mas conquistando igualmente espaço como elemento decorativo.

Nas escavações em causa foram encontrados dois botões. O exemplar n.º 133 foi elaborado em cerâmica e apresenta vestígios de um orifício, dado que se encontra fragmentado no sentido longitudinal. Embora recolhido em contexto do período moderno, existe exemplar idêntico em Lisboa, na Casa da Severa, em época medieval/moderna (MARQUES & BATALHA, 2021, no prelo).

No caso do botão n.º 134, de pequena dimensão, apresenta dois orifícios numa secção côncava, circundada por disco ligeiramente espessado; o seu fabrico, de osso, reflecte manufactura especializada. Estes exemplares são muito comuns nos séculos XVII/XVIII, existindo ocorrências idênticas no Poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras (CARDOSO & LUNA, 2012, p. 168), bem como no Convento de Santana, em Lisboa (GOMES *et al*, 2017, p. 90)

Um conjunto de **alguidares**, composto por sete bordos de distintas tipologias, testemunha a importância desta produção nos diferentes contextos domésticos.

Serão certamente as peças mais versáteis devido às suas características funcionais, em que a evolução mais significativa se verifica ao nível do bordo, desde época medieval, dado que o corpo apresenta habitualmente perfil troncocónico. Assim acontece com os exemplares em análise n.ºs 135 a 142.

O fragmento n.º 135 apresenta um bordo em voluta e encontra paralelo em Vila Verde dos Francos, datado do século XVI (CARDOSO & BATALHA, 2018, p. 107).

Os bordos correspondentes aos n.ºs 137 e 138, apresentam secção semi-circular, em voluta. O segundo exemplar oferece superfícies brunidas sendo ambos datados do século XVI. Encontram-se presentes em contextos relativamente próximos, como em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 200) e no Casal do Geraldo, (CARDOSO & ENCARNAÇÃO, 1990, Est. XI).

O fragmento n.º 139, cujo bordo se define habitualmente como “bico de pato”, brunido internamente, surge em vários contextos do século XVI, como sugerem os exemplares encontrados em Cascais (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 200), e em Palmela (FERNANDES & CARVALHO, 1997, p. 232).

Quanto aos exemplares n.ºs 136, 140 e 141, registam bordo espessado, de secção semi-circular, formando aba. Os paralelos para esta forma provêm de Cascais, do Beco dos Inválidos (CARDOSO & RODRIGUES, 1999, p. 200) e da rua Marquês de Pombal, em Oeiras (CARDOSO *et al*, 2018, p. 324).

Para além do vidrado plumbífero que reveste estes três alguidares, por vezes estas peças oferecem decoração. No caso do fragmento n.º 140, apresenta uma canelura na zona mesial da aba e decoração incisa, sendo esta ondulada, no bordo da peça n.º 141.

Os **potes** são, por definição, recipientes que podem conter líquidos, armazenar alimentos – tais como cereais e leguminosas – ou servirem como contentores de desperdícios na zona da cozinha, que alimentariam os animais de capoeira (pote da casa). Para além dos que se destinavam à preparação de alimentos, de referir ainda a sua utilização no processo de curtir azeitonas, conservação de mel (pote meleiro), compotas e frutos em calda (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 300-301).

Esta tipologia encontra-se aqui representada, assumindo várias formas, testemunho significativo da versatilidade destes recipientes.

O exemplar n.º 142 corresponde a pequeno pote. O bordo, em aba, evolui para colo de paredes rectas, de perfil ligeiramente troncocónico, não sendo possível determinar a forma do corpo. O paralelo mais próximo foi encontrado no Barreiro, em Santo António da Charneca (BARROS *et al.*, 2012, p. 706). Também no caso do fragmento n.º 143, com as paredes espessadas e colo estrangulado, não foi encontrada identificação formal com outros exemplares. O bordo do exemplar n.º 144 apresenta secção quadrangular e dada a sua dimensão também coloca dificuldades na classificação. Assim mesmo, podemos estabelecer provável paralelo com um fragmento exumado no Cadaval, Convento de Montejunto (CARDOSO, 2007, p. 76).

A forma apresentada pelo fragmento n.º 145 não encontra correspondência nos modelos catalogados para este período, mas, quanto à sua funcionalidade, admitimos que a mesma estaria relacionada com o armazenamento de mel.

No caso do exemplar n.º 146, o bordo, de grande dimensão, é espessado, em aba, e de secção quadrangular. Na ausência de perfil completo, é de admitir a hipótese que possa integrar um modelo encontrado em Lisboa, nas entulheiras da Rua de Buenos Aires, datado entre os séculos XVII-XVIII (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 97).

Integrando o material de construção, é de referir, por último, um exemplar fragmentado de manilha, com bordo de secção circular e paredes rectas, espessadas, datada do período moderno (n.º 147).

4.5 – Época Contemporânea

Contrariando o fenómeno observável nos períodos anteriores, em que a presença de panelas surgia em quantidade significativa, o conjunto analisado para o final da centúria de oitocentos e ao longo de novecentos, demonstrou ser pouco relevante.

Identificaram-se dois únicos fragmentos de **panelas**, o representado com o n.º 148, que corresponde a um bordo de secção quadrangular, a partir do qual evoluem as paredes com perfil esférico e a base de uma panela com evidências de exposição ao fogo, encontrando-se representada pela peça n.º 149. São exemplares datados do século XIX, análogos ao conjunto de panelas exumado no Cadaval, Convento de Montejunto, para o mesmo período (CARDOSO, 2009, p.75).

Assinala-se número considerável de loiça de uso culinário, principalmente os exemplares utilizados em frituras, como é o caso das **caçoilas** ou **frigideiras**.

Um bordo de secção triangular, formando pequena aba, apresenta parte de parede, possivelmente de corpo semi-hemisférico (n.º 150). Estes bordos encontram filiação em recipientes dos séculos XVII-XVIII, sendo que, a evolução se verifica no tamanho reduzido das pegas, como se poderá observar no conjunto de caçoilas n.ºs 151-154. No primeiro caso foram encontrados exemplares no Convento de Montejunto (CARDOSO, 2007, p.72); em S. Miguel, Açores (ARAÚJO & OLIVEIRA, 2020, p. 130) e em Almada, na Quinta do Almaraz (CAPOTE

et al., p.133). Quanto aos restantes fragmentos existe referência para o exemplar n.º 153, em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2020, p. 327). No Cadaval, Serra de Montejunto, principalmente no que se refere ao fragmento de tacho n.º 154, observa-se semelhança ao nível do bordo, embora aquele contexto se refira como de uma bacia vidrada (CARDOSO, 2007, p. 71-72e 73).

Os três exemplares de **tachos**, apresentam características bem diferenciadas. O fragmento n.º 155 apresenta a particularidade de possuir bordo plano com inflexão interna, sendo que as paredes se apresentam rectas, verticais ou oblíquas, ou mesmo curvas, como é o caso do exemplar exumado na lixeira da Quinta do Almaraz (CAPOTE *et al.*, 2020, p. 133).

A forma do exemplar n.º 156 poderá ainda corresponder a modelos dos séculos XVII-XVIII, próximo do modelo recuperado numa aldeia de pescadores, sítio da Malha da Costa – Tróia (CASIMIRO *et al.*, 2020, p. 56). A parede, com bordo de secção circular, inflecte internamente, provocando uma carena alta, de perfil arredondado, onde foram aplicadas as pegas triangulares, horizontais, a partir das quais se desenha o corpo de perfil troncocónico. O terceiro exemplar (n.º 157) apresenta-se como um novo modelo do ponto de vista formal, em que as paredes quase rectas apresentam lábio descaído internamente, podendo ostentar asas verticais, Lisboa, rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 166), ou simplesmente pequenos apontamentos de pegas triangulares, como no caso do exemplar encontrado em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2020, p. 325). Este modelo perdurou no trem de cozinha das produções das nossas olarias, sendo possível, ainda na actualidade, associá-lo a receitas tradicionais que não dispensam este material, por conferir aos alimentos sabor característico.

Três exemplares correspondem a distintos bordos de taças (n.ºs 158, 159 e 160) com ausência de perfil completo. No primeiro caso, o fragmento apresenta paredes curvas, o bordo com lábio espessado e descaído internamente. No segundo exemplar, em faiança portuguesa, com lábio ligeiramente apontado existe uniformidade na espessura das paredes. Apresenta decoração vegetalista, azul sobre branco na superfície externa. Trata-se de modelo recorrente no século XIX, com paralelos na Açores, Ponta Delgada (ARAÚJO & OLIVEIRA, 2020, p. 91) e num exemplar de importação (inglês), recolhido em Setúbal (SOARES *et al.*, 2018, p. 62).

O terceiro fragmento apresenta paredes esvasadas, com bordo e lábio ligeiramente espessado, ambos descaídos. As superfícies são revestidas a vidro plumbífero, melado. O exemplar mais próximo foi encontrado no conjunto exumado em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 325).

Na cerâmica de cozinha figuram ainda duas **saladeiras**. O exemplar n.º 161 ostenta lábio de perfil triangular, formando aba, evoluindo para paredes troncocónicas pouco espessadas. Esta peça encontra paralelo no conjunto de mesa exumado em Lisboa, em contexto dos inícios do século XX (REIS *et al.*, 2020, p. 150) e no material recolhido na rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 156), tal como o fragmento n.º 162 que apresenta bordo de secção triangular, formando pequena aba e paredes troncocónicas (*idem*, p.147).

As **tampas** são elementos indispensáveis na loiça de uso culinário. Pretende-se, desta forma, proteger os alimentos, quer durante o processo de confecção, quer para garantir as comidas quentes durante mais tempo. Variam, na forma, consoante as tipologias e sua função, facto que fica demonstrado nos três exemplares deste conjunto.

No caso do fragmento n.º 163, considera-se que se trata de um modelo utilizado possivelmente numa cafeteira, atendendo à forma e dimensão. O corpo, de paredes curvas, apresenta pequena aba com ressalto, que apresenta similitude com o exemplar recuperado em Lisboa, na rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 189). O fragmento n.º 164 representa um modelo de grande dimensão, associado a formas como: panelas, tachos, caçoilas ou frigideiras. Em relação ao exemplar n.º 165, com base plana e pitorra ao centro, trata-se de um pequeno **testo**, utilizado para proteger contentores de líquidos (*idem*, p. 190).

O registo de **pratos** em faiança traduz-se numa única forma, com temáticas decorativas distintas, imbuídas de influências externas, representada pelo fragmento n.º 166, produção de Lisboa, possivelmente da segunda metade do século XIX, cujo bordo, com decoração a azul tipo *shell edge ware*, se tornou recorrente nas nossas mesas. A presença destes exemplares ficou documentada em Oeiras, na rua Marquês de Pombal (CARDOSO *et al.*, 2021, p. 322); em Carnide, no Palácio de Sant’Anna (BATALHA *et al.*, 2021, no prelo); em Lisboa (REIS *et al.*, 2020, p. 151) e rua do Vale (LEÃO, 2021, p. 205). Em relação ao exemplar n.º 167, trata-se de um prato em faiança, com decoração vegetalista, policroma, onde predomina o verde envolto por filete laranja. No conjunto de materiais exumados em Lisboa, na rua do Vale, foi analisado um pequeno fragmento, cuja decoração se apresenta muito próxima deste exemplar (LEÃO, 2021, p. 246).

A peça n.º 168 apresenta aba e ressalto de parede com parte do fundo, preenchido com decoração vegetalista, policroma, em que predominam os tons azul, amarelo e laranja.

O último prato (n.º 169) corresponde a um fragmento em faiança, de fabrico português, imitação das produções inglesas, *transferware*, no qual predomina a cor negra. Esta decoração conheceu larga difusão espacial e temporal na baixela de mesa, em praticamente toda a Europa, ostentando diferentes registos cromáticos.

A completar este universo de elementos cerâmicos, importa referir fragmento de bordo de **bilha**. Apresenta paredes ligeiramente curvas e lábio arredondado (n.º 170). Este exemplar encontra correspondência com o modelo de perfil completo, exumado no Poço dos Paços do Concelho, em Torres Vedras (CARDOSO & LUNA, 2006, p. 106).

Os fragmentos de **bacios**, com bordo em voluta, muito pronunciada (n.ºs 171 e 172) figuram entre os exemplares exumados numa lixeira contemporânea na Quinta do Almaraz e que os autores datam entre 1890 e 1910 (CAPOTE *et al.*, 2020, p.135). Um bacio com o mesmo tipo de bordo foi exumado na Rua do Vale, e datado dos finais do século XIX / inícios do século XX (LEÃO, 2021, p. 198).

5 – CONCLUSÕES

O resultado da análise dos espólios recuperados nas intervenções realizaas entre 2000 e 2007, no local onde outrora se implantou a *villa* romana veio comprovar a longa diacronia de ocupação daquele espaço, não obstante a sua exiguidade no tocante à área ocupada, actualmente situada no centro histórico de Oeiras.

O estudo incidiu principalmente sobre produções cerâmicas, cujas cronologias se encontram balizadas entre a Alta Idade Média e a Época Contemporânea, reservando-se a publicação dos materiais romanos e pré-romanos para outra oportunidade.

Os trabalhos arqueológicos agora publicados vieram completar os resultados da intervenção realizada em 2017 e 2018, na rua Marquês de Pombal situada a cerca de 200 m de distância. Dada a proximidade entre os dois locais pode considerar-se a hipótese de que alguma relação tenha existido entre ambos, visto ser inegável que participaram e integraram a mesma dinâmica de povoamento da actual vila de Oeiras. Com efeito, da análise dos materiais então publicados, tal qual aqueles que são dados agora a conhecer, foi possível retirar significativas ilações no que concerne à evolução da ocupação do espaço urbano presentemente existente e do qual devem ser considerados como pré-existências, doravante claramente comprovadas pela Arqueologia.

A Alta Idade Média encontra-se representada por reduzido número de peças, onde as painéis ocupam um espaço de referência. É possível que na fase de abandono da *villa* o eixo ocupacional se tenha transferido e com ele parte significativa dos seus habitantes. Contudo, a partir do século VIII, o local conhece uma “reocupação”, que irá manter até à actualidade.

O conjunto cerâmico exumado em contexto relacionado com a presença islâmica mostrou-se homogéneo correspondente a cronologia entre os séculos VIII-XII, abarcando quase completamente aquele domínio no que respeita território português, desde época pouco ulterior à invasão, até ao período da reconquista cristã. Embora significativo do ponto de vista cultural esta presença é, no entanto, residual, se se considerar o número de panelas, *ataifores*, contentores de líquidos e potes/talhas recolhidos, tendo presente a amplitude cronológica em apreço. Curiosamente, os contextos que ofereceram maior número de materiais encontram-se datados do século IX e posteriormente no século XII. Figuram alguns exemplares decorados através de técnica de incisão, de influência exógena, mas também a aplicação de pintura em bandas, a barbotina.

Facto relevante prende-se com a componente lúdica, representado pois o único exemplar exumado durante os trabalhos arqueológicos, obtido a partir de telha decorada, insere-se nesta cronologia.

O período medieval cristão conta com materiais diversificados, entre os quais um numisma de D. Sancho II (1223-1248). Neste conjunto predominam as caçoilas, alguidares e panelas, em que figuram os exemplares característicos, compreendidos entre os Séculos XIII e XV, diminuindo o número de contentores de líquidos. As pastas são mistas, resultando numa componente cromática entre os vermelhos escuros e os cinzentos. Observa-se, no entanto, que alguns destes materiais mantêm filiação nos modelos de cronologia islâmica, a exemplo de outros contextos da mesma época.

Tal como o anteriormente referido para os objectos exumados na Rua Marquês de Pombal, este período caracteriza-se pela alteração no paradigma alimentar, em directa relação, com a introdução de produtos, oriundos do “Novo Mundo” e que, deste modo, vêm enriquecer a nossa culinária, conferindo uma nova forma de estar e comer à mesa, também expressa através da componente estética, ligada às produções de faiança e materiais exógenos, tais como as porcelanas.

Os dois numismas exumados correspondem a ceitis e datam do século XV, comprovando a continuidade de ocupação do mesmo espaço. Reportam-se ao reinado de D. Afonso V, época em que ocorrem alguns exemplares de cerâmica fosca, constituído por panelas, caçoilas e alguns pratos, cuja frequência aumenta no século XVI. Fica no entanto por esclarecer a ausência das malgas carenadas, tão características deste período.

Da Época Moderna, é também um conjunto de taças em cerâmica fosca, assim como os alguidares datados maioritariamente do século XVI, vidrados no interior, apresentando bordos diversificados.

No que se refere ao conjunto constituído por exemplares em faiança, verifica-se a existência significativa de pratos e taças, datados dos séculos XVII-XVIII, tal como os bacios de quarto, cujas pastas são compatíveis com as características produções de Lisboa. No plano decorativo não se verifica grande diversidade. Para além dos fragmentos decorados com motivos vegetalistas, registam-se os semi-círculos concêntricos e um motivo de contas.

Observa-se uma percentagem reduzida de elementos característicos desta época, tais como as panelas do século XVIII, ou a cerâmica modelada, tão difundida em contextos arqueológicos desde o século XVI, mas que, constituindo ínfimos fragmentos, não tornou possível o seu registo gráfico.

A sequência material em apreço culmina com alguns exemplares dos séculos XIX-XX. O número de panelas é residual, por oposição ao número de caçoilas, tachos e tigelas, estas na sua maioria em faiança, decoradas com motivos vegetalistas ou fitomórficos.

Dois pratos apresentam decoração vegetalista policroma e outros dois exemplares, de produção industrial, reflectem, do ponto de vista decorativo, influências exógenas, com filiação em modelos ingleses.

Outro factor relevante prende-se com a ausência significativa de produções exógenas. Registaram-se apenas dois fragmentos de pratos, um com origem em produções sevilhanas dos séculos XV-XVI e um outro em porcelana chinesa de exportação dos séculos XVII-XVIII. Esta quase absoluta ausência não poderá ser

justificada com questões de índole económica, dado que o século XVIII se encontra bem documentado em Oeiras, através das estruturas palacianas e religiosas, consequência da vitalidade e prestígio, conferido ao local por acção do Marquês de Pombal. Deste modo, a falta de homogeneidade de alguns conjuntos fica por explicar, bem como a sua relação com os contextos em que foram exumados, dado que na quase totalidade dos casos se trata de materiais que foram sendo sucessivamente depositados nos diferentes espaços objecto de trabalhos arqueológicos. Na verdade, a dispersão estratigráfica vertical dos materiais observada em todas as áreas escavadas e a sua fragmentação, têm explicação nas sucessivas intervenções antrópicas ocorridas no local ao longo dos tempos, a par do transporte para ali realizado de entulhos oriundos de outros locais, por ora indeterminados, do espaço urbano da Oeiras alto-medieval, baixo-medieval e moderna, cuja existência, a par dos resultados das escavações anteriormente realizadas na Rua Marquês de Pombal, fica agora claramente confirmada através da Arqueologia.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1874) – *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. Imprensa Nacional, Vol. I. Lisboa.
- ARAÚJO, J. & OLIVEIRA, N. (2020) – Uma (pequena) janela, aberta pela Arqueologia, sobre o quotidiano urbano micaelense de final de oitocentos (São Miguel, Açores). In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p. 91-122.
- BARREIRA, P.; DÓRDIO, P. & TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do XVIII. In *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Câmara Municipal de Tondela*, p. 145-184.
- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G. & GONZALEZ, A. (2012) – A Olaria Renascentista de Santo António da Charneca – A louça Doméstica. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 699-710.
- BATALHA, L.; PEREIRA, S. & BARROS, L. (2008) – Espólio dos Séculos XIV – XV: Silo 12 da rua da Judiaria – Almada. *Anais de Almada*. Câmara Municipal de Almada, n.ºs 9-10, p. 35-93.
- BATALHA, L. & CARDOSO, G. (2013) – Um Poço Seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *EMERITA* – Estudos de Arqueologia e Património Cultural, 1, Lisboa: p. 113-140.
- BATALHA, L.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2016) – Portuguese Faience found at 10 Buenos Aires Street Pits – Lisboa (17th-18th centuries). *Proceedings of the International Conference of Portuguese Faience (16th – 19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências – IAP, Universidade Nova de Lisboa, p. 27-38.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII. Dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 951-962.
- BATALHA, L.; NETO, N.; PEÇA, P.; BRITO, S. & CARDOSO, G. (2017) – Os Silos do Palácio de Santa Helena (Lisboa). In ARNAUD, J. M. & MARTINS A. (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1751-1766.

- BATALHA, L.; MONTEIRO, M. & CARDOSO, G. (no prelo) – O Palácio de Sant’anna em Carnide: Estruturas e cultura material entre o período moderno e contemporâneo. Comunicação: Teatro Aberto, 19 de Novembro, 2021, *III Congresso de Arqueologia de Lisboa*. Centro de Arqueologia de Lisboa.
- CABRAL, J. P., CARDOSO, G.; & ENCARNAÇÃO, J. d’(2009) – Sondagem Arqueológica no Palácio dos Condes da Guarda. In *A Casa dos Azulejos de Cascais. De palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*. Câmara Municipal de Cascais, p. 202-241.
- CAPOTE, M.; SEQUEIRA, J. L.; BARROS, L. & CASIMIRO, T. M. (2020) – Uma lixeira contemporânea na Quinta do Almaraz em Almada e a importância da gestão dos lixos urbanos (1890-1910). In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p.123-141.
- CARDOSO, G. (2007) – A Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Cadaval, trabalhos arqueológicos realizados em 2003. *Arqueologia do Cadaval*. Cadaval, 3.
- CARDOSO, G. (2009) – Sondagens Arqueológicas no Convento de Nossa Senhora das Neves (Serra de Montejunto, Cadaval). In *Actas do 1º Encontro de cultura e Património do Cadaval*. Câmara Municipal do Cadaval, p. 43-82.
- CARDOSO, G. & ENCARNAÇÃO J. d’ (1990) – Uma sondagem de emergência no casal do Clérigo (Estoril – Cascais). Arquivo de Cascais – *Boletim Cultural do Município, Câmara Municipal de Cascais*, n.º 9, p. 45-62.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018a) – As Cerâmicas Alto Medievais das *villae* do *ager* Ocidental de *Olisipo* – Lusitânia. In Iñaki Martín Viso, Patricia Fuentes Melgar, José Carlos Sastre Blanco y Raúl Catalán Ramos (coord.) *Cerâmicas Altomedievales en Hispania y su entorno* (s. V-VIII D.C.), Zamora Protohistórica, p. 159-188.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018b) – Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). In *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, p. 146-181.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2018c) – Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer. In SOARES, J. (Coord.), *MUSA – Arqueologia Urbana e História Local*, 5, Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 101-114.
- CARDOSO, G. & BATALHA, L. (2022) – “O Casal do Clérigo entre o século V e o X”. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 22.
- CARDOSO, G. & LUNA, I. (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *Actas do 3º Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval, p. 99-124.
- CARDOSO, G. & LUNA, I. (2012) – Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII: Um olhar através dos objectos do Poço dos Paços do Concelho. In TEIXEIRA, A. & BETTENCOURT, J. A. (eds.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-mar da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 163-172.
- CARDOSO, G. & RODRIGUES, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI, encontrados em Cascais. *Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, p. 575-585.
- CARDOSO, G. & RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVIII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*, n.º 6, p. 193-212.
- CARDOSO, G.; NETO, N.; BATALHA, L.; REBELO, P. & SANTOS, R. (2019) – Vestígios da Produção cerâmica no Lado Ocidental de Lisboa durante os Séculos XVII e XVIII – Dados de uma Intervenção Arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. In *Arqueologia e História*. 69, p. 87-97.
- CARDOSO, J. L. (1996) – O final da Idade do Ferro no concelho de Oeiras: um contributo. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras, 6. p. 361-365.

- CARDOSO, J. L. (2011) – *Arqueologia do Concelho de Oeiras, do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2017/2018) – A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; BATALHA, L. & MARTINS, F. (2021) – A Presença Romana, Visigótica, Islâmica e Portuguesa no Centro Histórico de Oeiras: resultados da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 28. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 277-336.
- CASIMIRO, T. M.; BISCAIA, F.; MARTINS, A. M. & MONTEIRO, A. (2020) – Comunidade e identidade marítima. Uma aldeia de pescadores na Península de Tróia nos finais do século XIX. In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p. 49-64.
- CATARINO, H. (2008) – Cerâmicas islâmicas do Castelo Velho de Alcoutim recolhidas em contexto de cozinha. In DIOGO, J. M. (ed.) 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Tondela, p. 33-48.
- FERNANDES, I. M. (2016) – A cerâmica e seu uso em Portugal, a partir de posturas, Taxas e regimentos de Oleiros (séc. XII a XVIII): a análise de algumas peças. *Actas do X Congresso Internacional, A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. Silves, p. 200.
- FERNANDES, I. C. F. & CARVALHO, A. R. (1997) – Abordagem Arqueológica da Palmela Medieval Cristã. *Arqueologia Medieval* 5. Edições Afrontamento, p. 221-241.
- FERNANDES, I. C. F.; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (2009) – Cerâmicas Muçulmanas do Centro Histórico de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, Oeiras, p. 97-115.
- GOMES, A. (2007) – Moedas Portuguesas e do território que hoje é Portugal. Edição da Associação Numismática de Portugal, 5^a edição. Lisboa.
- GOMES, M.; GOMES, R. & GONÇALVES, J. (2017) – Objectos produzidos em materiais duros de origem animal, do Convento de Santana, de Lisboa. In ARNAUD, J. M. & MARTINS A. (Coord.). *Arqueologia em Portugal 2017–Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 85-105.
- GONÇALVES, J. L. M. & CARVALHO, E. (2006) – O Convento dos Dominicanos da Serra de Montejunto (Cadaval). *Actas do 3º Seminário do Património da Região Oeste, Cadaval 26, 27 e 28 de Novembro de 2004, Auditório dos Bombeiros Voluntários do Cadaval*. Cadaval, p. 67-78.
- LEÃO, G. A. (2021) – *Arqueologia de um Espaço Doméstico Lisboaeta: a Rua do Vale, entre o final do século XIX e o início do século XX* (C. 1880-1920). Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Fevereiro 2021. Universidade Nova de Lisboa. (Disponível em Mail Drop até 10/03/2022).
- MAGRO, F. A. C. (1986) – *Ceitis*. Sintra: Instituto de Sintra.
- MARQUES, A. & BATALHA, L. (no prelo) – Casa da Severa (Mouraria, Lisbon): Christians and muslines, ruptures and continuities in material culture. In *Actas del III Congreso Internacional sobre Cerámica Medieval y Moderna en el Mediterráneo*. Granada (2021).
- PINHEIRO, H.; SANTOS, R. & BATALHA, L. (2021) – A cerâmica do século XVII recolhida no Poço – lixeira da Rua dos Bacalhoeiros em Lisboa. In *Actas do II Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa, p.352-381.
- PINHO, A. N. (2014) – Os testemunhos materiais da cripta e silo da Igreja de São Pedro: considerações várias. In *Coruche, o Céu, a Terra e os Homens*. Museu Municipal de Coruche, p. 105-128.
- REIS, A.; ROQUE, J.; FILIPE, V.; CASIMIRO, T. (2020) – A voz dos esquecidos. Evidências materiais de pobreza na cidade de Lisboa nos inícios do século XX. In *Arqueologia Contemporânea em Portugal Séculos XIX e XX*. Editora Mazu Press, p. 143-156.

- RODRIGUES, S. (no prelo) – A Presença Medieval na villa Romana de Caparide – Vivências e Continuidades. Projecto de dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA, R. C. (2012) – Primeira abordagem a um depósito Moderno no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional Machado de Castro). In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, vol. 2, p. 877-890
- SILVÉRIO, S. & BARROS, L. (2005) – *Arqueologia no Castelo da Aldeia Histórica de Castelo Novo (2002-2004)*. Resultados preliminares. Câmara Municipal do Fundão.
- SOARES, J.; PEREIRA, T. R.; DUARTE & Mouro, C. (2018) – Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do Núcleo Defensivo da Ribeira ou “Castelo”. In SOARES, J. (coord.), *MUSA – Arqueologia Urbana e História Local*. Setúbal. 5, p. 51-78.

Fontes da Web:

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/123484> [Consultado: 10/02/2022]

A CONFERÊNCIA DE MARTINHO DE MENDONÇA DE PINA E DE PROENÇA HOMEM DE 30 DE JULHO DE 1733 NA ACADEMIA REAL DA HISTÓRIA PORTUGUESA, OU O PRIMEIRO ENSAIO PRÉ-CIENTÍFICO SOBRE A ANTIGUIDADE DOS DÓLMENES

THE LECTURE GIVEN BY MARTINHO DE MENDONÇA DE PINA E DE PROENÇA HOMEM ON JULY 30, 1733 AT THE ROYAL ACADEMY OF PORTUGUESE HISTORY, OR THE FIRST PRE-SCIENTIFIC ESSAY ON THE ANTIQUITY OF DOLMENS

João Luís Cardoso¹

'In the 18th century the Royal Academy of Portuguese History, founded in 1720 by King João V, introduced, for the first time, proper historical investigations to replace the, shall we say, monastic literature on which all historical and archaeological research had hitherto been based'

Emilio Hübner, 1872, p. 3

Abstract

Until the middle of the 19th century no monuments attributed to prehistoric times were identified in Europe, given that the notion of Prehistory, associated with the antiquity of the human species, only emerged by then. Notwithstanding, some 120 years before Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, from the Royal Academy of Portuguese History, had already reached some coherent conclusions regarding prehistoric monuments, despite lacking the scientific basis that could lead to their correct interpretation.

His essay on dolmens, which was the subject of the lecture he gave at the Royal Academy on July 30, 1733, embodied, 300 years ago, a genuine desire to explain the observable reality in rational terms, rejecting ancient dogmas or beliefs of religious or profane nature. This is indeed one of the most relevant aspects of his contribution, as he sought to determine antiquity of dolmens on the basis of objective criteria. To this end, he valued both the biblical information and the empirical evidence he had observed.

Keywords: Martinho de Mendonça de Pina e de Proença; Dólmens; Portugal; Eighteen century; Royal Academy of Portuguese History.

1 – DOLMENS IN THE PORTUGUESE IMAGINARY

In 1912, José Leite de Vasconcelos gave a paper to the International Congress of Archaeology, held in Rome, on the importance of toponymy for the knowledge of the prehistoric settlement of Portuguese terri-

¹ Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICArEHB Research Fellow (Universidade do Algarve). Da Academia Portuguesa da História e da Academia das Ciências de Lisboa. cardoso18@netvisao.pt

tory. For this purpose, he relied on toponyms related to megalithic monuments, or the mounds that sometimes still covered them, such as *Anta*, *Antas*, *Antela/Antelas*, *Antinha*, *Arca/Arcas*, *Arcainha*, *Mama*, *Mamaltar*, *Mamoa*, *Mamoinha*, *Mamunha*, *Orca*, *Pála*, *Paradanta*, *Paradantas*, *Perafita*, among many others.

A thorough study of all the toponyms related to the presence of dolmens in Portuguese territory and their linguistic explanation was published by the ethnographer and archaeologist Luís Chaves (CHAVES, 1951). It was thus possible to demonstrate the occurrence of such toponyms in a broad and generalised manner throughout the country, which revealed, in J. Leite de Vasconcelos' view, the greater or lesser intensity of the prehistoric settlement, depending on the regions. Their present-day abundance would be proportional to the population density in prehistoric times in the various Portuguese regions (VASCONCELOS, 1912, p. 156) (Fig. 1).

However, acceptance of this possibility was rightly challenged by Virgínia Rau, who argued that the referred toponymic abundance, being only of medieval and modern origin, simply resulted from the demographic density of the current population (RAU, 1952). This would explain the large number of toponyms in the Minho region, which is currently the most densely populated. For this author, the counterproof of this conclusion would be the remarkable presence of the many dolmens – more than three hundred – identified and explored by Manuel Heleno in the region of Coruche / Montemor-o-Novo, which, because it is a sparsely populated geographical area, features scarce traces of such monuments in its toponymy.

The updated distribution of dolmens in Portuguese territory (Fig. 2) proves her point, as there is an evident contrast between their presence on the land and the number of corresponding toponyms, in sparsely populated regions such as the Alentejo, where the word *anta* and its derivatives predominate, while toponyms such as *orca*, *arca*, *mamôa* and their derivatives are characteristic of inland central and northern Portugal.

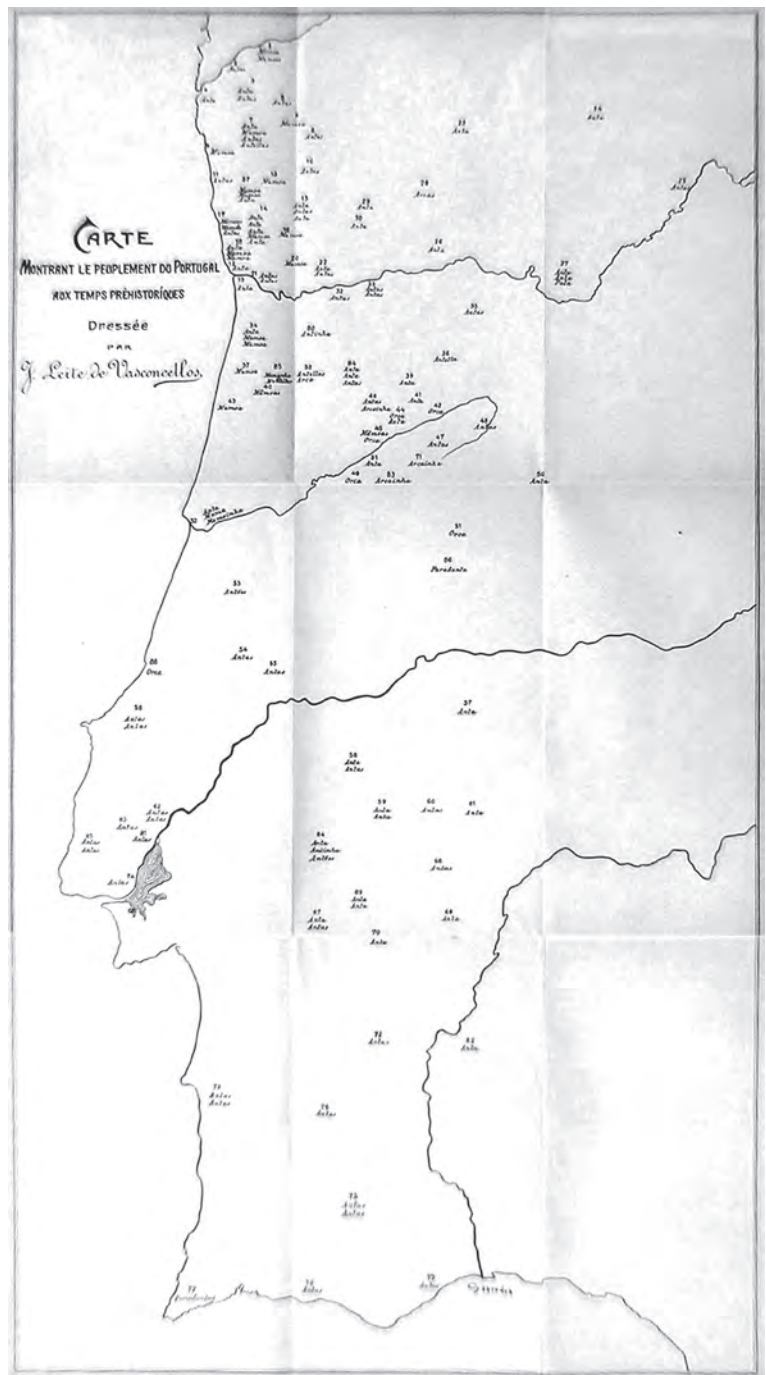


Fig. 1 – Distribution of toponyms related to the word *anta* and correlative words in the Portuguese territory (after VASCONCELOS, 1912).



Fig. 2 - Distribution of dolmens (black circles) in the Portuguese territory (after KALB, 1980).

We would stress that names such as *orca*, *arca*, and their derivatives can be explained by the morphology of the monuments themselves, resembling a stone box consisting of a number of upright stones with a capstone (*chapéu* or *mesa*) resting on them, while the term *mamôa* is explained by the cases where the corresponding tumuli are still preserved. These tumuli consist of mounds of earth or stones, with a hemispherical shape, resembling women's breasts.

Regarding the word *anta*, the explanation for its origins appears to be more complex – it is a word of erudite origin, although it has been popularly and broadly adopted: 'The Latins referred to the large, square columns that garnished the entrances to the temples and palaces as *antae*; it may well be that the monstrous rocks overlooking some remarkable localities, and through which roads ran, were metaphorically called *antas* (...)' (VITERBO, 1798, *Anta*, p. 120). Hence, the popular designation would have an erudite origin, of architectural nature, as pointed out by Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1897, p. 25, 252, 309). This author, discussing the meaning of *antas*, considers it a synonym of *arae*, associating them with altars and thus

following the interpretation of Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, a Royal Academy scholar who had addressed the same issue decades earlier, as we shall see further on.

Antas, *mamôas* and their derivatives would therefore be the words used to designate the dolmenic monuments that dotted the territory, since at least the 9th century, as stated by Viterbo: ‘From the 9th to the 12th century, many documents were written in Portugal and Spain, in which *mamóas*, or *mamúas* are called *mamólas*, in accordance with the Latin used at the time’ (VITERBO, 1799, *Mamóia*, p. 109), based on examples from 13th- and 14th-century Portuguese documents. This author also emphasises that the use of this group of toponyms for territorial delimitation has been a fact since at least the Early Middle Ages: ‘The proceedings of the 569 Council of Lugo state that King Theodomiro defined the limits of the bishoprics and churches according to the ancient towns, hills, or castles, *vel archarum confinia*’.

A document from around 760, not specified by Viterbo, reads as follows: *Pro ut dividit cum alias Villas per petras fixas, & mamolas antiquas*. Many other cases could be quoted, such as those referred to by José Leite de Vasconcelos, in the previously mentioned study (VASCONCELOS, 1912, p. 258) or in his preceding one, from 1897, where he also addresses the etymology of *anta* and *orca*, as mentioned above.

Virginia Rau adds some more examples of the archaic use of these two groups of toponyms, in documents from 1156, 1165 and 1171, showing their full use in the 12th century as visual references for the delimitation of lands (RAU, 1952, p. 217, note 1).

While this is more common in the lands north of the Tagus, following the Reconquest and the Christian settlement of the lands south of the Tagus, the same practice was adopted in territories that lacked delimitation at the time, resorting to the same type of visual markers. Such is the case, referred to by Rui Mataloto (MATALOTO, 2020), of the 1276 municipal charter of Monsaraz, granted by King Afonso III, in which a dolmen is mentioned as a boundary mark of the municipality area: ‘and it reaches some *antas* of an *arca* from ancient times’ (Fig. 3). It is interesting to note the correlation between the two designations: *antas* in the sense of a portal, as previously mentioned, defined by upright stones (the struts), combined to form a structure called *arca*. It is also important to note its attribution to ‘ancient times’, whose antiquity was unknown but taken for granted.

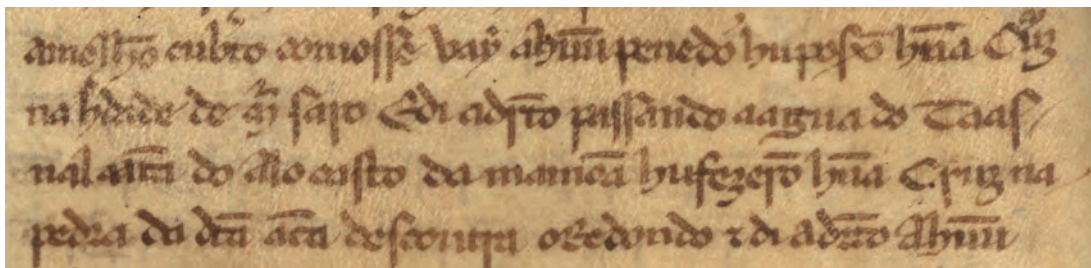


Fig. 3 – Excerpt of the municipal charter of Monsaraz, granted in 1276 by King Afonso III, in which a dolmen is referred to as a municipal boundary mark (after MATALOTO, 2020).

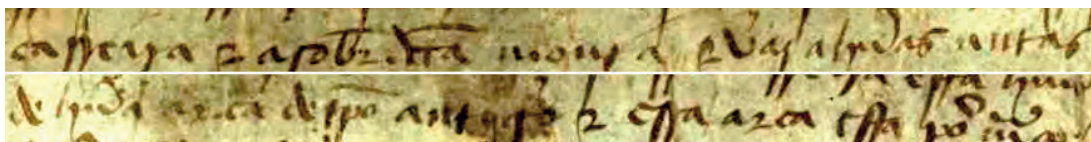


Fig. 4 – Excerpt from the municipal charter of Redondo, granted in 1318 by King Dinis in which a dolmen is referred to as a municipal boundary mark: ‘the *mamoa* hill where a cross was carved on a stone of the said *anta* of Redondo’ (after MATALOTO, 2020).

In other official documents from the Alentejo region, also enhanced by Rui Mataloto, such as the municipal charter of Redondo (Fig. 4), there are references to a Vale da Anta, in the municipality of Redondo, corresponding to the existing *anta*, after which the estate where it is located was named (MATALOTO, 2019). In the charter of this municipality, granted in 1318 by King Diniz, there is a mention to ‘a cross carved on the stone of the said anta, which stood on top of a *mamoa*’. This highlights the clear association of the two designations: the *anta*, as a portal-like stone structure, placed in the centre of the *mamoa* that originally covered it entirely, and as we nowadays know. The said cross is still visible today (Fig. 5), sacralising a monument whose existence was eventually subordinated to the major symbol of Christianity. Actually, comparable cases of appropriation of ancient monuments by Christianity can be observed all over medieval Europe, resulting from an effort to integrate and legitimise them. Once raised by ‘heretics’, their purification was imperative in order to keep their symbolic relevance intact (MORTILLET, 1866).

Indeed, the idea that dolmens were associated with pagan beliefs persisted in the popular imagination for a long time, and in some cases until the present day. One of the most obvious cases is the Pedra dos Mouros dolmen (Sintra), which, until the beginning of the 20th century, was annually visited by people attending the



Fig. 5 – Cross carved on the Colmeeiro dolmen (Redondo), probably the one referred to in the municipal charter of Redondo granted by King Diniz (after MATALOTO, 2020).

Senhor da Serra pilgrimage. A 1907 photograph by J. Benoliel (BOAVENTURA & CARDOSO, 2014, Fig. 5) documents this particular devotion linked to the prehistoric monument (Fig. 6), which would be tied to a practice intended to propitiate female fertility: women who wanted to become pregnant slipped along the larger upright stone, in direct contact with its surface (verbal information provided by the much missed archaeologist O. da Veiga Ferreira, who witnessed it in his youth). Referring to the same dolmen, Vergílio Correia points out exactly the same practice, but omitting its ritual character, merely stating that the monument would be ‘used by the joyful pilgrims for some “butt sliding” exercises’ (CORREIA, 1913, p. 351). In fact, the same slipping and rubbing ritual practice was identified in France, along with climbing (SÉBILLOT, 1902, p. 176), both coexisting, as we have shown, in the case of Pedra dos Mouros. This practice may have a propitiatory meaning, favouring female fertility, as previously mentioned, or as an omen of marriage: Luís Chaves referred to the slipping practices observed at this dolmen as ‘proof of experience and divination of lovers or suitors’ (CHAVES, 1951, p. 112), which would not lack a playful component, as stated by this author.

Similar events may also occur on natural boulders: some cases have been identified in Portugal, at Povia da Lanhoso and Prazins (Guimarães), among others mentioned by Luís Chaves (CHAVES, 1917, p. 59), who quotes Leite de Vasconcelos.

Another toponym related to dolmens in Portuguese territory, clearly reminiscent of pagan practices of a propitiatory nature, was also referred to by Chaves and derives from the architectural characteristics of the better preserved dolmens, with the struts still covered by a horizontal capstone, not unlike a table and suggestive of the shape of an altar. Indeed, we are referring to the word ‘altar’, with its variants: the ‘Altar de Vale de Fachas’, or ‘Mamaltar de Vale de Fachas’ (Viseu) is a renowned dolmen from the Côta region since the well-known study by José Coelho (COELHO, 1912) (Fig. 7), to which other toponyms of the same family could be added: *Mamaltar / Mama do Altar* and *Pedra de Altar* or *do Altar*, in the Beira Baixa region, as pointed out



Fig. 6 – Photo of the Pedra dos Mouros dolmen, Belas (Sintra), taken by J. Benoliel on the day of the Senhor da Serra pilgrimage in 1907 (after BOAVENTURA & CARDOSO, 2014).

by Luís Chaves (CHAVES, 1951, p. 97). The architectural similarity between certain dolmens and altars explains the propitiatory practices of pagan origin involving dolmens and recorded in medieval times. These practices were related to the success of the harvest: as recently as 1951, and according to Leite de Vasconcelos, Luís Chaves mentions ‘the example of a dolmen, near Pinhel, where the firstfruits of the year are burnt (...); then, based on the direction of the smoke, the oracle of the agricultural crops is revealed, concerning the lands to which the cremated firstfruits belonged; depending on the direction, to the right or to the left, the year is good or bad’ (CHAVES, 1951, p. 112). One could easily replace the modern augur by the Roman or pre-Roman one, to have an impressive idea of the survival of this cult, probably since pre-Roman times, until modernity.

Burning firstfruits on top of dolmen capstones as if they were rural altars, in the scope of tithe practices, was therefore a divinatory practice that reached recent times, as pointed out by Luís Chaves. Given the interest of the testimony recorded in 1758 in the *Memorias Paroquiais* [lit. parish records], concerning the dolmen of Paranhiera, near the town of Soutelo (Vila Verde), with similar characteristics to the previous example, it will be transcribed again herein, as recorded by Pedro de Azevedo (AZEVEDO, 1903, p. 270, 271):

‘In this parish of Soutello there is an antiquity in the locality of Cachada and it seems to be a round stone ten or twelve palms in diameter, of appropriate thickness, set over seven stones at a height of six palms above the ground; judging from its roughness it would be a hard task, even for two hundred men, to set it in place and thus it would seem to have been formed within the earth and possibly uncovered by the rains over time (and it is called ‘paranhiera’), which is a suitable analogy in this province, considering its presumed use; it served for the sacrificial burning of the fruits, like Abel did, because after setting apart the tithe they took some of the remaining fruits and set them on fire and the smoke that came out of them was observed; if it rose straight up into the sky they believed they had tithed well but if the smoke drifted sideways they thought they had tithed badly and they tithed again’.

These practices, which could be observed throughout the countryside year after year, undoubtedly influenced the interpretations of the first scholars who addressed the meaning of the dolmenic structures in Portugal. That was the case of Fr. Martinho de São Paulo who, in a 1571 letter transcribed by Fr. Manuel de São Caetano Damásio (DAMÁSIO, 1793, pp. 3, 4), interprets the dolmens of the Serra d’Ossa range as altars erected by the Lusitanians, in celebration of the victory over the Roman armies: ‘after the battle, they offered sacrifices to their Gods in thanksgiving for the victory’.



Fig. 7 – Cover of the monograph on the *mamaltar* of Vale de Fachas (COELHO, 1912) (original and photo by the author).

A similar interpretation was put forward by Manuel Severim de Faria, who, during his journey between Sernancelhe and Ranhados on November 24, 1604, referred that the dolmens located near the township bearing the name of Antas, near Sarzedas, were used for 'gentile sacrifices' (SERRÃO, 1974, p. 109-110).

Actually, the tradition that links dolmens with altars or their use as such dates back at least to Roman times. Romans were well aware of these altars, as suggested by Leite de Vasconcelos, on the basis of a toponymic reference included in the Antonine Itinerary: *Ad Septem Aras* refers to a place in the Olisipo – Emerita route, and may indicate a location where seven or several dolmens were situated, given the use of the number seven with a symbolical or magical value, widespread throughout Europe, expressing the notion of sets of homologous elements associated with the notion of quantity (VASCONCELOS, 1912, p. 208).

To sum up, the sacralisation of natural rock masses or archaeological structures was quite common in Portugal and also in Spain and dates back to times before Christianity. A comprehensive study of this phenomenon, with regard to sacred rocky outcrops, has recently been conducted by Martín Almagro, placing its genesis in protohistoric times, in association with the Celtic presence (ALMAGRO GORBEA, 2015), persisting during the Roman period and reaching modern times.

Anyhow, the magical significance of dolmens in Portuguese popular traditions is not negligible. Without going into detail on this interesting subject, we would point out that, in popular imagination, dolmens are very often associated with supernatural spaces, with enchanted moors or moorish maidens, who 'live there, spell-bound in punishment or guarding mysterious treasures' (CHAVES, 1917, p. 62). This association is clearly registered in toponymy throughout the country, from north to south, e.g. the case of the aforementioned Pedra dos Mouros in Belas.

The above described conceptual framework concerning dolmens in popular imagination persisted until today. Only exceptionally, and by way of the casual recovery of human bones, were dolmens associated with their primordial burial use, e.g. the case of a 'Moorish grave' reported by Santos Rocha, in the municipality of Figueira da Foz (idem, ibidem, p. 68).

On the other hand, the attribution to St. Torpes of the well-known grave located at the mouth of Ribeira da Junqueira, on the coast south of Sines, is related to another set of factors, of erudite and ecclesiastic origin, at the roots of the first archaeological excavation of a prehistoric site in Portuguese territory, or possibly even at European level (CARDOSO, 2017).

From the 16th century onwards, studies concerning Classical Antiquity and their authors were already widely known by scholars, who used them exhaustively as a means of integrating the information resulting from these readings in the interpretation of monuments whose true antiquity and purpose had not yet been revealed by archaeology (SERRÃO, 2015). Even though the typology of this particular grave is unknown, everything suggests a small dolmen or dolmenic cist, which still kept two struts in the 18th century. This arrangement was sufficient for considering it the burial place of the Christian martyr St. Torpes, whose body would have washed ashore in the very spot where he was buried. The sepulchre was explored in 1591; a detailed record of the works was kept and the archaeological and anthropological remains were stored in a chest. The document concerning its opening, dated February 6, 1695, has been preserved (Codex 146 of the National Library of Portugal – BNP) (Fig. 8). The grave site was marked by a *cruzeiro* [stone cross], dated 1793, of which only the base still remains (Fig. 9). A schist plaque stands out among the archaeological remains recovered at the time. This plaque was illustrated in the aforementioned 1695 codex (Fig. 10), and is perhaps the oldest international publication of a prehistoric cult object, subsequently illustrated in the 1746 work by Liz Velho on the life of St. Torpes (VELHO, 1746). Coincidentally, this item, which can be dated back to Late Neolithic, around 3300-2900 BC, is part of the most characteristic and iconic group of artistic

1-12

28

27

Termo de abertura. Juro seu de Teor
de mil e seis noventa e cinco Pes
e o Sr. D. Ant. Dias Siqueira natural
da fid. de Beja e Sr. da Cam. Eclesias
tica da fid. de Evora, Veritador orde
nario deste Arcebispado pelo Illmo
e Illmo. Sr. Dom M. Luiz da Silva Ar
cebispo de Evora.

Por seu dia do mes de Teor. de mil e seis cen
ta e noventa e cinco estando em Beita
da. Sr. Simão nomeado em presença do
Sr. D. Melchior e pares D. D. João da Ig. e
maior Gen. da Ig. e o Sr. Secretario
da Beita o Sr. D. Braz Siqueira, e a maior
p. do povo, se fez abertura do facho q. se
fazia na sepultura de São Torpes, e nelle fo
rao achado um osso, q. foy traçado de lo
meus antigos, e informação q. deo ao Sr.
Sr. Jerem. os ossos do d. santo, e na
mesma laca se achou um papel feito por
um Notario Apostolico por nome Pedro
Lopes o qual foi feito aos sete dias do mes
de Junho de mil quinhentos e noventa e
um em presença do Sr. Simão Marques
D. da Ig. da Cam. Eclesiastica deste Arcebisp
do, Vigario Geral de Beja, e Bejo para es
ta delib. por mandado do Arcebispo de
Evora com sua Província, o q. foy lido
de um papel m. antigo q. estava em uma
laca de latão com este mesmo do qual
papel se o restado o seguinte
Este foy o Sr. Pedro Lopes Nota
rio Apostolico aprovado na forma da ca
grada foy lido o seguinte. Item do ofi
torio Eclesiastico da fid. de Beja, e foy
fe q. o que nesta laca se achou o seguinte
Achada q. se foy da sepultura
na for. da junqueira termo de S. de
Sines. Achada q. se foy do d. osso do
tempo q. se achou.
Achada q. se foy da mesma se
pultura q. nella se achou.
Uma poma ainda quebrada de
barro q. se achou na d. sepultura.

Fig. 8 – A page from BNP Codex 146, dated February 6, 1695, concerning the opening of the chest containing, since 1591, the remains recovered during the archaeological excavations of the alleged tomb of St. Torpes, at the mouth of the Ribeira da Junqueira, south of Sines (courtesy of BNP).



Fig. 9 – Base of the stone cross [*cruzeiro*] erected in 1793 at the mouth of the Ribeira da Junqueira, south of Sines, to mark the site of the tomb of St. Torpes (photo by J. L. Cardoso).

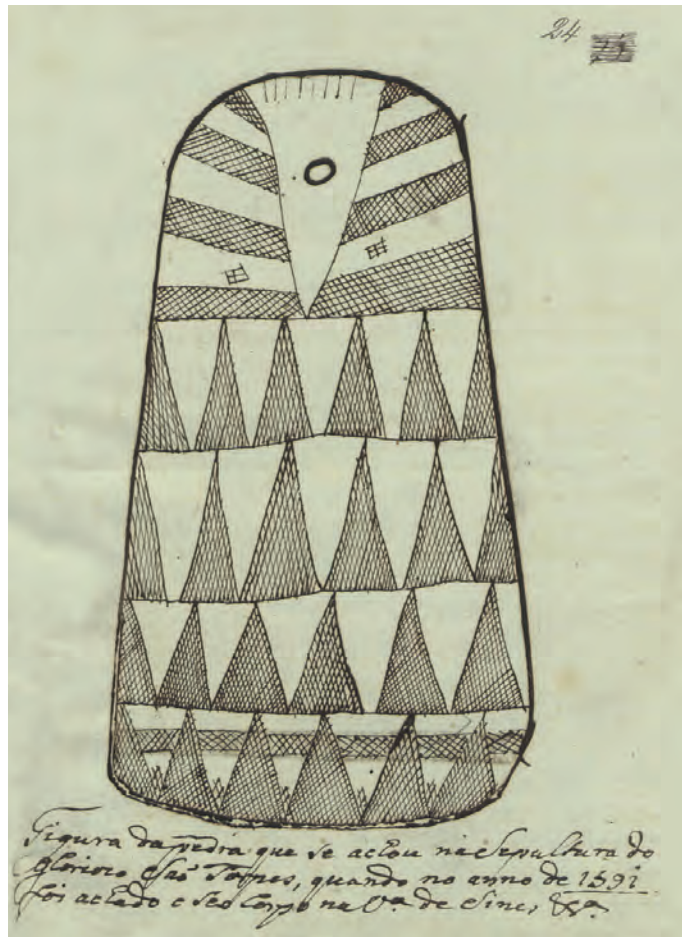


Fig. 10 – Quill pen drawing of the schist plaque found in the alleged tomb of St. Torpes, included in BNP Codex 146 and dated February 6, 1695. To the best of our knowledge, this is the first illustration of a prehistoric symbolic object anywhere in the world (courtesy of BNP).

productions of Portuguese prehistory, the famous decorated schist plaques, which Leite de Vasconcelos referred to as ‘chapões’.

It is worth mentioning that the document written in 1695 and, more probably, the book by Estêvão de Lis Velho, were necessarily known by Fr. Manuel do Cenáculo. The latter, by then already appointed as Bishop of Beja, conducted excavations in the coastal dunes of São Torpes on his pastoral journey of October 9, 1791, in an attempt to find what might have remained of the first temple devoted to the preservation of the relics, the true nature of the prehistoric grave having been forgotten. And in fact ‘when I made some excavations in those places I found in the interior of that beach the remains of thick and very ancient walls; and close to the sea I personally discovered many graves, and pieces of bronze, in the difficult sandy Médos [coastal sand dunes] (...)’ (CENÁCULO, 1949, p. 427). Actually, the walls could have been Roman and the graves could have been Bronze Age cists, just like the ones that have recently been found there (SILVA & SOARES, 1981). Later on, during the pastoral visit conducted along the coast of his bishopric, seeking to know the territory and its people, while gathering elements for its *History*, the bishop once again performed excavations at the mouth of the Ribeira da Junqueira, on the morning of July 28, 1794 (DEUS, MATIAS & VALE, 2016, p. 36), a year after the

erection of the aforementioned stone cross. However, before this *cruzeiro* was erected, another cross already existed there, as recorded in the 1758 *Memórias Paroquiais*: ‘At the mouth of this Ribeira de Junqueyra, which is on the beach, there is the tomb of St. Torpes, marked by a cross (...)’ (AZEVEDO, 1903, p. 268).

It is important to note that the tradition of associating saints’ graves with dolmens has yet another example in the dolmen or *lapa* of São Fraústo (a popular variant of Fausto), near the town of Torrão. A niche was built above the dolmen to hold the saint’s image, as observed and published in 1897 by J. Leite de Vasconcelos (in CHAVES, 1951, p. 109).

2 – THE PAINTED ROCK ART PANEL OF CACHÃO DA RAPA IN THE PORTUGUESE IMAGINARY

The painted rock art panel of Cachão da Rapa, on the Douro River (municipality of Carrazeda de Ancieães) is a remarkable example of how early Portuguese populations felt attracted to an unexplainable past, which, as we know today, is an artistic manifestation from prehistoric times (3rd millennium BC). The 1728 *Recreação Proveytosa* by Custodio Jesam Baratta, an anagram of João Bautista de Castro, refers to this panel in the following terms: ‘We had better (...) turn our eyes to that famous and great slab, which is located at Cachão, close to the Douro. In it we see certain black and red paintings nuanced by the checkerboard arrangement in two frames, with fine and ill-shaped strokes alike, that are preserved in the same form since time immemorial; and the natives say that these paintings age over time and others are renewed. Behold this prodigy.’ (BARATTA, 1728, pp. 257, 258). This information, as stated, was taken from Father António Carvalho da Costa’s *Corografia*, 1, p. 436 (COSTA, 1706, p. 436). Actually, this granite outcrop, situated some 25 metres above the bed of the River Douro, was long known to the local population, shrouded in legends and mysteries to such an extent that it was believed that a cleric who dared entering a cave located beneath the rock, in the year 1687, was forever speechless, such was his fright, and was thus unable to report what he had seen. These prodigies were reported to the Royal Academy by Antonio de Sousa Pinto and the Rector João Pinto de Moraes. The academician Father Jerónimo Contador de Argote relied on this documentation when writing the report published in 1734, in the second volume of his *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* (ARGOTE, 1734), filled with other information of archaeological nature concerning the Roman remains recorded in the territory of the archbishopric. In fact, this distinguished Theatine priest systematically used in his famous work the reports sent to Lisbon by the provincial academicians and now kept at the National Library of Portugal, as stated by Manuel Heleno, in his Archaeology lessons at the Lisbon Faculty of Humanities (in CARDOSO, ed., 2013, A 164 1958-1959, p. 278).

Argote’s account is illustrated with a beautiful copper engraving by Debrie, in Baroque style, dated 1735, probably the first illustration of rock art in the world (Fig. 11). This fact would be enough to justify its mandatory inclusion in any Prehistory or European Archaeology manual, which unfortunately is not the case, due to the poor international visibility that the archaeological research developed in Portugal ever had, until recently. We would point out that this important archaeological monument, after having been accurately located by Possidónio da Silva (SILVA, 1887), fell into oblivion until, in 1930, J. R. dos Santos Júnior conducted a detailed graphic survey of the site (SANTOS JÚNIOR, 1934). The paintings, preserved outdoors for over 4000 years, can still be admired today (Fig. 12). The existence of a natural bituminous matter, apparently exuded from the granite rock, may have contributed to the preservation of the paintings, which were left above the existing railway tunnel when the Douro railway line was opened.



Fig. 11 – 1735 copper engraving by Debric depicting the prehistoric painted rock of Cachão da Rapa (Carrazeda de Anciães), included in volume 2 of the *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga* (ARGOTE, 1734). This is the world's first illustration of a prehistoric rock art site (J. L. Cardoso's own exemplar and photo).



Fig. 12 – Early 1970s photo of Cachão da Rapa, displaying the painted geometric motifs (MFS/JLC archives).

Santos Júnior excavated one of the small platforms consisting of earthy deposits, adjacent to the cliff, and found numerous fragments of handmade Chalcolithic ceramics, some of which decorated (op. cit, Fig. 10). Hence, these fragments are coeval with the paintings and were integrated in the assemblage of ceramic vases recovered at the base of the cliff, during an excavation reported in the document sent to the Academy, which specifically mentions that ‘fragments can still be found (...)’ (ARGOTE, 1734, p. 488). Undoubtedly, some of these fragments were recovered by Santos Júnior, more than 200 years later, in the same location.

3 – ON THE CONFERENCE HELD BY THE ROYAL ACADEMY OF PORTUGUESE HISTORY ON JULY 30, 1733

Significant and intensive research was carried out by the academicians all over the country, especially in northern Portugal. Moreover, the documents and records from the monasteries' registers concerning the remains of archaeological materials, especially Roman, were also not neglectable. An obvious emulation was thus created in their spirits, engaged in well-defined objectives, which they pursued with commitment and in a consistent manner. The results thus obtained were further enhanced, in the south of the country, by the efforts of other academicians, particularly the Marquis of Abrantes, with regard to the antiquities of Alcácer do Sal, the ancient *Salacia*, and Santiago do Cacém, the Roman *Merobriga*. In the lecture he gave at the Academy on July 31, 1721, the marquis published an epigraph dedicated to Asclepius by a doctor from Pax Iulia (Beja). And many other examples could be invoked, evidenced by the correspondence to and from the Academy, already partially published and above referred to.

The aforementioned movement of erudite interpretation of the remains of the past, based on reliable historical sources, conducted by the Royal Academy and led by some of its most active members, deliberately oblivious to any remnants of the historically unsupported popular tradition possibly associated with those remains, accounts for the lecture given by Martinho de Mendonça de Pina and Proença Homem, usually referred to as Martinho de Mendonça, on the subject of dolmens (GOMES, 1964, p. 17), during the academic meeting of July 30, 1733 (PROENÇA, 1733) (Fig. 13), promptly published in the *Memórias da Academia* in the same year (Fig. 14).

This distinguished academician, who published nothing else on this subject, despite his activity in the Academy being known since its foundation, was mainly known for the pedagogical aspects of his studies, exemplarily expressed in his work *Apontamentos para a educação de hum menino nobre* [lit. 'Some notes on the education of a noble youngster'] published in 1734 and dedicated to the Marquis of Alegrete (PROENÇA, 1734), who at the time was the Secretary of the Royal Academy, in charge of the organization and publication of the academicians' works. The importance of this work on such an innovative theme was the subject of Joaquim Ferreira Gomes' doctorate in Philosophy at the University of Coimbra. Gomes was a member of the Portuguese Academy of History. His PhD dissertation includes a detailed biography of the author (GOMES, 1964) and an interesting assessment of this conference, which is the core subject of the present contribution.

Martinho de Mendonça was in possession of important documental support, as was usual among his contemporaneous academicians, which allowed him to sustain and discuss, based on the exhaustive analysis of the texts, the meaning of megalithic monuments and their antiquity, which was the purpose of his paper. It is important to state right away that he fully achieved his goals, since his text, far from being a flabby and inconsequential exercise in erudition, pursued a logical path that allowed him to reach very concrete conclusions, as we shall see.

His objective is explained at the very beginning: 'Even though so many and so diligent writers have enhanced Portuguese antiquities, they nevertheless left some space for the modern ones, in which they may exercise themselves, as there are still many monuments left unexplained, among which I think the most considerable seem to be the very ancient and rude altars found in various parts of Portugal and commonly called *antas*, and because they were devoted to sacred uses, according to tradition and to our own conjectures, they shall not be left out of the subjects addressed by those who are writing part of the Sacred History of Portugal' (PROENÇA, 1733, p. 1).

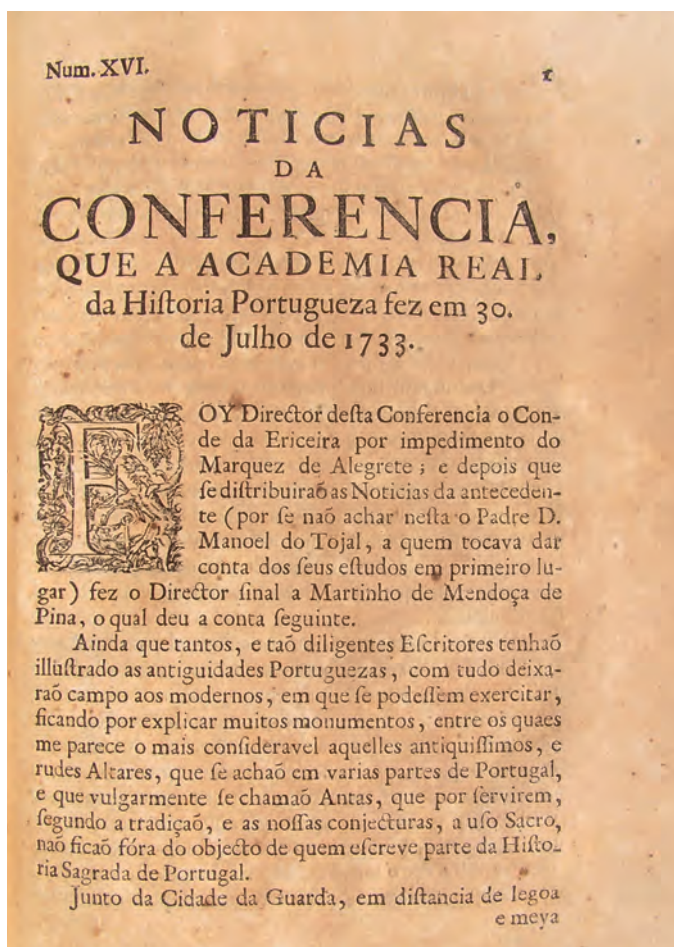


Fig. 13 – Printed first page of the lecture given by Martinho de Mendonça at the Royal Academy on July 30, 1733 (APH copy, photo by J. L. Cardoso).



Fig. 14 – Cover page of the *Coleção dos Documentos e Memórias da Academia Real* volume concerning the year 1733, containing the text of the lecture given by Martinho de Mendonça on July 30 (APH copy, photo by J. L. Cardoso).

And what were the conjectures that he presented in the 22 pages of his paper and how were they sustained, within the framework of his intended demonstration, supported by a remarkable proficiency in the essential languages for that purpose, including Hebrew?

1 – Firstly, he justified the conclusion that ‘Nobody can see five or six large upright stones and a large capstone on top of them, and doubt that it is an artificial building and not a product of nature’ (p. 3). He thus concluded that the human origin of these structures was unquestionable (something that was not obvious at the time; let us recall the interpretation of fossils, regarded as Nature’s games), and established comparisons with the great constructions of Peru, where there were also no traces of iron tools.

2 – Next the author points out that no classical author has alluded to these monuments, ‘nor discusses their purpose and use’ (p. 4), which increased the difficulty of the debate, dismissing the funerary nature of the monuments due to the characteristics of the stones, which are smooth and suitable to ‘perform holocausts’ (p. 4), involving fire ceremonies. He thus associated the name ‘Antas’ to the Roman porticoes with square columns, quoting various Latin authors on the subject, especially Vitruvius, who in Book 3, chapter I

'addresses the *antas*, considering them parastades' (p. 7). Therefore, in this matter the explanation contained in the aforementioned Viterbo dictionary was preceded nearly 70 years before.

3 – Proceeding to discuss the period during which the dolmens were built, he concluded that they date back to the time before the Arab invasion of the Iberian Peninsula, 'because the Mohammedans have no altar, nor does their law allow them the practice of sacrifices (...) there being no notice of such an antiquity in Arabia, or in the other provinces of Asia, or Africa, where the Mohammedan sect still exists' (p. 8).

Nor did they seem to be the work of the Germanic peoples who occupied the Iberian Peninsula, for 'when these nations arrived, they already knew Christ and did not practice idolatry (...) ' (p. 8). The references to the Scandinavian monuments were also not neglected, adding that dolmens do not display the runic inscriptions seen on the monuments of Scandinavian peoples nor do they have any likeness to the latter, 'although in this matter we speak less surely' (p. 9), given the difficulty of accessing the authors of the runic literature 'that are searched in vain in the best bookshops of Portugal, Castile, France and Italy' (p. 10). This care confirms that he was a meticulous and serious author, who only presented his conclusions after a careful analysis of all the available documentation, which is evident throughout the entire text of the lecture.

Furthermore, he adds that dolmens could not have been the work of the Romans, nor of the Greeks ('on the subject of whose colonies a thousand fables have been written', p. 10), judging from the quality with which stone was wrought, and also because, if that were the case, it would be difficult to explain why they were still standing, considering how the Christians tried to destroy the buildings of idolatrous peoples like Romans and Greeks.

Neither do they result from the work of the Phoenicians, for if this were so, it would be natural to find them in seaports, and not inland, in hilly areas. He thus concluded, by eliminating all other hypotheses, that 'dolmens clearly show the roughness of the century in which they were built, and that they belong to those golden ages, in which the iron hidden in the bowels of the earth had not yet carved or shattered the shapeless products of nature (...) ' (pp. 10, 11).

4 – Hence, dolmens were constructions predating any of the aforementioned peoples and could only be related to the ancient inhabitants of the Iberian Peninsula, the last people of the Mediterranean basin who abandoned 'the worship of an almighty God' (p. 13) and adopted polytheism. Thus, the primitive altars, 'which were first dedicated to the true God, rather than to false divinities' (p. 14), would be represented by the dolmens, which 'have their origins in the most remote antiquity, and in the first inhabitants of ancient Lusitania, who still lived scattered over the hills' (p. 14).

The antiquity of the construction of the dolmens, in which the use of iron implements was not observed, is indeed in accordance with the passage from Exodus (chapter 20) referring to the making (while the Tabernacle was not prepared) of 'an altar of stone, that was not cut with iron (...) to distinguish them from the idolaters, who made exquisitely carved altars using chisels (...) ' (p. 15). In view of the above, he concluded that the dolmens of the primitive Lusitanians would be an imitation of the ancient altars, 'successively erected by the Patriarchs using rough stones (...) ' (p. 15).

Another evidence of the antiquity of the construction of dolmens was the fact that they were not usually located on the top of the hills, like the altar to the true God made by the Israelites near the Jordan, concluding by analogy that 'it is not a reckless conjecture to believe that our dolmens were dedicated, by the first inhabitants of Lusitania, to the true God, adored by Israel and worshipped by the Christians' (p. 17). 17). This tradition lasted until long after it had been replaced in the regions from which it originated, which can be explained by the great distance and isolation of the populations inhabiting the far western parts of Europe.

From his conjectures, the author concluded that ‘one can state that dolmens are the oldest artificial monument in Hispania, and perhaps in the whole world, because no other building can be found to which such antiquity can be attributed. We have said artificial monument, because the petrified shells, which are found on some hills, and which can be seen all over the vicinity of Lisbon, are nature’s monuments left by the universal flood, and ancient medals of the deluge’ (p. 19).

5 – The text of this lecture evidences the critical spirit of Martinho de Mendonça and the care and rigour with which he used all the documentary sources available to him, in an exercise of erudition, which, unlike many of his contemporaries, really had a well-defined and consequent purpose. Actually, on the basis of the available information – and there really was no other to which he could resort – he was able to demonstrate the antiquity of the construction of the dolmens by populations predating the oldest peoples with writing in the Iberian Peninsula, attributing them to the Lusitanians. He was also led to consider, like most scholars of his time, that the dolmens were altars, even due to the etymological nature of the word *anta*. But, as mentioned above, this was not the main merit of our academician’s study. In fact, and at least among the Portuguese scholars – usually ecclesiastics – who, in the 16th and 17th centuries, referred to the use of dolmens, it was commonplace to associate these monuments with altars, even due to the propitiatory / divinatory practices that were performed at certain dolmens every year, around the time when firstfruits were harvested. As previously stated (FABIÃO, 2016), the new element introduced by Martinho de Mendonça, and which surely had consequences among the cultivated elite of his time, was what he was able to demonstrate. And this was not that the dolmens were altars, because such an idea had long been acquired. His innovation, supported by texts that were deemed credible at the time, was the assumption that dolmens were built by communities originating from Judea, worshippers of a single God, who maintained their cult upon arriving at this far end of the known world. In the meantime, this cult had been abandoned in the regions from which they came, following the widespread adoption of polytheistic practices. It has already been said that this argument may have had consequences for the cultivated elites of his time, who saw in the demonstrated monotheistic religious practice of their ancestors another argument to legitimise their own religiosity, which was also based on the worship of a single God.

Another important consequence underlying Martinho de Mendonça’s speech was the advantage of the far western populations having retained their traditions inherited from the texts of the Patriarchs of the one God, keeping them intact, and sheltered from the new pantheistic ideas, which by then prevailed in more cosmopolitan lands.

6 – The close relationship established between the ancient pre-Roman populations that built dolmens and the inhabitants of the Promised Land at the time of the Old Testament was further underlined by evidence that we would now call archaeological and that only then was enhanced: we are referring to the practice evidenced by the dolmen builders, according to Martinho de Mendonça, of intentionally refusing to use iron tools to work the stone, thus setting themselves apart from the idolatrous peoples who achieved more regular constructions by using such tools. Indeed, the dolmens not only did not show traces of iron implements, but also, due to their apparent imperfection and roughness, respected the construction features that they were supposed to show, on the part of those who followed one single God. The affiliation of the Lusitanians was thus established among the peoples who, coming from Judea, would be at their origin, and the connecting thread between both consisted in the common fact of worshipping one single God.

This could easily lead to the conclusion that the Portuguese, as descendants of the Lusitanians, are of Jewish origin, which, at a time when the Inquisition was still quite active in Portugal, persecuting all those who

did not adopt the Catholic faith, could lead to an insurmountable contradiction in the logic of its own mission. At a time when all works meant to be published were subject to prior censorship, it is interesting to note that the interpretation that might possibly weaken the action of the Inquisition was made possible by the Academy itself. Actually, the Academy was exempt from complying with that mandatory prior censorship, since it had an internal mechanism for that purpose – the ‘censores’, who were renowned academicians and the brethren of the author of this lecture. Can one glimpse in this detail any desire to manifest the independence of the Academy in its scientific and literary activities?

To answer this question, we must first bear in mind that the author of this lecture had been a familiar of the Holy Office since January 23, 1722, i.e. for more than 10 years. Shortly afterwards, and at his request, he was included ‘among the privileged familiars’, a distinction granted June 19 of the same year. He was, therefore, an important member of the Inquisition, and therefore had its full support in what he wrote, even if it could produce unfavourable interpretations. This contradiction did not go unnoticed by his contemporaries – nor by Jaime Cortesão nowadays (GOMES, 1964, p. 48, note 2), such as Cavaleiro de Oliveira, and was assumed by Martinho de Mendonça as the ‘estrangeirado’ [lit. influenced by foreign cultures] that he was, as we shall see further on (GOMES, 1964, p. 48, note 1).

6 – MARTINHO DE MENDONÇA, AN ACADEMICIAN OF HIS TIME

It is important to know the personality and relevance of Martinho de Mendonça in the society of his time, in general, and in the Royal Academy, in particular. We have mainly resorted to the information provided in the work of Joaquim Ferreira Gomes (GOMES, 1964, p. 18 ff.), who drew heavily from his biographer, the author of the *Elogio Fúnebre* [eulogy], José Gomes da Cruz, besides a few others, such as Manso de Lima, in addition to the information contained in other sources especially the *Colecção dos Documentos e Memórias da Academia Real*.

By the time he gave this lecture, Martinho de Mendonça was one of the foremost academicians of the Royal Academy (Fig. 15).

Having obtained the degree of Bachelor of Philosophy at the University of Coimbra, he interrupted his studies probably due to health issues. But his love for learning was such that while still a teenager he devoted himself to the study of Mathematics, Greek, Public Law and Philosophy during his stay at his parents’ farm, near Guarda, which housed a rich library. He was so dedicated to his studies that he became ill. According to his biographer, José Gomes da Cruz, his father was ‘forced to order him to stay away from books’ (op. cit. p. 20). Once re-established, and as was usual with some noblemen of his time, he decided to improve his knowledge of the world through a Grand Tour, attending foreign courts. After Spain, he travelled to France and Italy, eventually reaching Austria and Hungary, eager to serve in the war against the Turks. When he was almost twenty-four years old, he fought in the Battle of Belgrade, on August 16, 1717, where he took a banner from the enemy, which earned him the recognition of both the commander of the imperial army, Prince Eugene of Savoy, and the Portuguese ambassador, the Count of Tarouca, who attached him to his majorat in Portugal. After the war, he visited Prague and Leipzig, where he published a panegyric in Latin dedicated to Prince Eugene, in 1718. He then moved on to the Netherlands, where he was appointed ‘Master of Mathematics and other sciences’ to the Infante Dom Manuel, the brother of King João V, for the whole of 1718. From there and accompanying the Infante, he went to Paris, where he attended ‘the literary societies’. The king eventually ordered his brother to return to Portugal, but the latter preferred to go to Germany instead. Martinho de

Mendonça, aware of the royal wishes, chose to return to Portugal. It is known that he resided at the Court on March 4, 1720, and participated actively in the foundation of the Royal Academy, drawing on all the knowledge amassed during his European tour. In this regard, it is important to recall his own words: 'I left Portugal and wandered almost all over Europe; while on my way I tried to get some news of the most modern systems. I had the opportunity to talk with Wolfio in Saxony and with 'sGravesande in Holland, whose lectures provided me with some light on the ingenious systems and principles of Leibnitio and Newton (...)' (in GOMES, 1964, p. 24). As this author rightly points out, Martinho de Mendonça was thus turned into one of those *estrangeiros* who had so much influence on the Portuguese cultural environment of the time. He combined the novelities of the Enlightenment with political, social and religious conservatism, which explains his 1722 request to be admitted to the Court of the Holy Office, where he was immediately accepted, embodying the tensions and contradictions of the 18th century in Portugal.

It was in this context that he stood out as an academicien of the Royal Academy, his European education and some of the friends he met during his tour having significantly contributed to this, which facilitated his admission to the Court. One afternoon in 1719, in the presence of the king, 'he was asked about (...) several points of grammar, philosophy, history, criticism, geography and mathematics with good success' (op. cit., p. 25), and his merits quickly became widely known. By the middle of 1720, the King entrusted him with the Royal Library, and it was in this manner that he naturally took an active part in the creation of the Royal Academy, founded on December 8, 1720. He was actually appointed by the king as one of the 50 founding academicians.

His role in the Academy and in academic affairs was significant. In the very first year of its existence, he showed intense activity: as a result of the distribution of the 'academicians' assignments', i.e. the tasks entrusted to each of them, he was requested to write a history of the reign of King Duarte, in Portuguese, along with a History of the Archbishopric of Braga and of the Bishopric of Lamego, in Latin. Concerning the former, it is known that the work was at a very advanced stage when he passed away; regarding the other works, we know that over the years he used to report to the Academy on the progress of the works he was conducting, as an elected academicien, but which were actually carried out in collaboration with other academicians, particularly the provincial ones. Interestingly enough, the study of documents in registry offices was combined with the compilation and analysis of Roman inscriptions, during his journey across Beira Interior in 1721, as reported in the lecture of August 14, 1721. We would highlight the research carried out at Idanha-a-Velha, the ancient *Egitania*, from where he sent several Roman inscriptions to the Academy's Secretariat. This intense activity justified his appointment to speak on October 22, the king's birthday, usually attended by the Academy, at the royal palace. On this occasion he announced that the history of the reign of King Duarte was ready, though still awaiting some documents from the archives. However, it would never be published; the other two works were being prepared by 'their erudite authors'. He praised the merits of King Duarte, the first to attach a library to his palace, and highlighted the coeval period of cultural development, comparable to what was being experienced at the time, following the foundation of the Academy. This speech was reproduced as soon as 1727, in the *Historia da Academia*, written by the Marquis of Alegrete (SILVA, 1727, p. 376-381).

A handwritten signature in black ink on a light background. The signature is written in a cursive, flowing style. It begins with a large, ornate initial 'M' that loops back. The text of the signature reads 'Mart de Mendonça de Lima e de Proença'.

Fig. 15 – Martinho de Mendonça's signature (in GOMES, 1964) (J. L. Cardoso's own exemplar and photo).

In 1725 his participation in the Academy was insignificant, the same occurring from 1726 to 1729, busy as he was on a diplomatic mission to Spain to deal with the royal marriages of the sons of Kings João V and Philip V, among other matters. His presence was nevertheless important, and certainly as a result of his mission he was appointed to speak at the Conference of September 7, 1729, on the Queen's birthday, held at the palace as usual. This conference was transcribed and published in volume XI of the *Colecção dos Documentos*.

In 1730, his participation in the Academy's activities continued to be very discreet, but with two aspects of undeniable interest: the first one concerns the copying of 'some characters sent to him by Manoel Garcia de Oliveira, Captain-general of the Ajuruoca Mines, informing him that they were found inside a small cave in Sertão, next to his district' (Colecção dos Documentos, vol. IX; GOMES, 1964, p. 40). This evidences his interest in documents of ancient chronology and uncertain nature or meaning, such as these characters, which was subsequently fully confirmed by his lecture of July 30, 1733. His second contribution in 1730 consists of his analysis (censorship) of the *Historia genealógica da Casa Real Portuguesa*, considered sensible and balanced, worthy of an academicien concerned with 'the care for historical truth', as stated in the reprint of volume 1 of the said work, in 1946, under the direction of M. Lopes de Almeida and C. Pegado (GOMES, 1964, p. 41). His interest in the Academy persisted despite his reduced physical presence, reporting in writing on the progress of the studies entrusted to him; his report was read at the conference of April 12, 1731. In 1732 he attended the conference held on June 26, again reporting on the progress of his works.

In 1733, he attended the Academy twice, the first time on January 23, to resume his account of the progress made in the *História do arcebispado de Braga*, written in Latin, providing details of the research, the transcription of documents, and the need to obtain copies of other documents.

He spoke again on July 3, 1733 to give an account of the conference we are now discussing in detail and which, concurring with Joaquim Ferreira Gomes, is considered his most important academic contribution. Its impact on the cultivated society of his time was significantly disseminated through the account published in the *Gazeta de Lisboa*, no. 36, of September 3, 1733 (in Gomes, 1964, p. 46, note 1), which is transcribed below, due to its obvious interest:

'During the conference held by the Portuguese Royal Academy of History on July 30 (...) the academicien Martinho de Mendonça de Pina, His Majesty's librarian, read a highly erudite speech about the antiquity and use of the dolmens (or altars) made of large rough stones and shaped like square tables, which can be found in some parts of this kingdom, and were used to perform sacrifices and burn the victims during the first centuries of the World; all interested persons are kindly requested to inform him of any notice they may have of such monuments, with a description of the places where they are located, and the measurements and other circumstances they may observe'.

In fact, neither Martinho de Mendonça's life antecedents, nor his subsequent trajectory, could have predicted this contribution, which is also surprising due to the clarity of the results obtained, which was rather uncommon in his time.

The lecture given by Martinho de Mendonça at the Royal Academy on July 30, 1733 is indeed one of the most original and consequential contributions written on the subject of megalithic monuments in Europe during the first half of the 18th century. The author sought a plausible explanation for their existence by systematically exploring the documentary record available at the time, from both sacred and profane sources. It is, therefore, an exemplary case of 18th-century European research on prehistoric matters, known only to a very limited number of Portuguese researchers, and nearly always in a very superficial way (CORRÊA, 1947; SANTOS, 1987), or, with rare exceptions, only highlighting some aspects deemed more relevant (COSTA, 1868; GOMES, 1964; FABIÃO, 2016). We have now attempted a systematic and, as far as possible, exhaustive

analytical approach to the content of this remarkable document, duly embedded in its time and bearing in mind the personal trajectory of its author, leading to the development of new conclusions and highlighting for the first time its real importance within the framework of the historical studies of Portuguese Enlightenment.

The archaeological studies concerning the Portuguese territory, opportunely initiated at the Royal Academy by Martinho de Mendonça, were not continued by him, as he left for Brazil in 1733 and remained there until 1738, holding the position of Royal Commissioner and subsequently the challenging post of Governor of Minas Gerais, facing difficulties whose resolution would prove to be beyond his willingness, preparation and understanding. Upon his return to Portugal, in early 1738, the monarch's assessment of his performance was not unfavourable, and he was immediately appointed a member of the Overseas Council, where his activity is documented by numerous assessments. He also resumed his position in the Academy, being elected censor for the year 1739, and eventually becoming its Director, according to his biographer, José Gomes da Cruz, who wrote his eulogy (in GOMES, 1964). He also resumed his position as librarian of the Royal Library, and was appointed as a judge of the Supreme Court, and also as Intendant of Diamonds.

A royal decree of August 28, 1742 appointed him Chief Keeper of the Torre do Tombo royal archives. He died on March 12, 1743, due to illnesses caused by the many engagements and works in which he had been involved, worsened by his delicate health. He was buried in the chapel of Quinta do Pombo, near Guarda, where one of the banners he had conquered in Belgrade was hoisted. (GOMES, 1964, p. 89, note 6).

7 – EPILOGUE

Throughout the 17th and 18th centuries, and even into the 19th century, dolmens were invariably associated with altars of the Druids. This is broadly mirrored, even in the 19th century, as an expression of Celtic culture. Even in Portuguese territory, learned travellers echoed this scenario, e.g. W. M. Kinsey, who in 1828 referred to a dolmen observed near Arraiolos as a druidic altar like those known in England (KINSEY, 1828, p. 481), mistaking it for a cromlech, a situation that the published engraving of the aforementioned monument helps to clarify (Fig. 16). In this regard, he invokes the testimony of Hautefort, his French contemporary, in relation to what the latter would observe between Pégões and Vendas Novas.

This state of affairs was only gradually changed, at the turn of the first

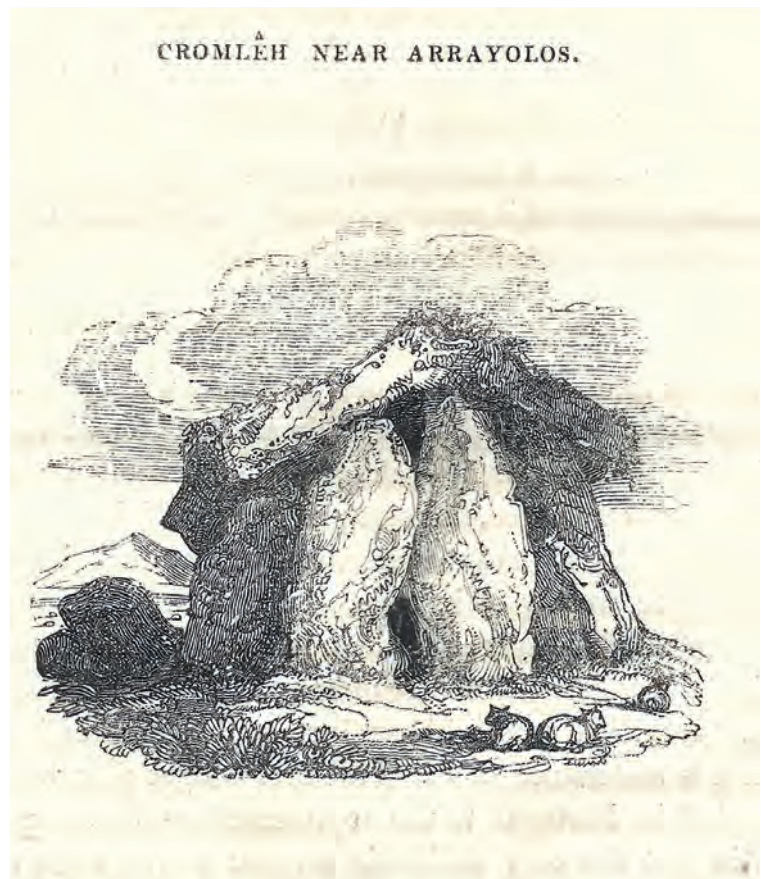


Fig. 16 – The dolmen seen by W. M. Kinsey near Arraiolos (KINSEY, 1828, p. 495) (J. L. Cardoso's own exemplar and photo).

half of the 19th century; one of the first synthesis works on dolmenic constructions in Europe already rightly referred to them as graves (BONSTETTEN, 1865). We would stress that this work preceded by only three years the first Portuguese scientific publication on the same subject, by Francisco Pereira da Costa (COSTA, 1868), in which he described the results of excavations conducted in dolmens of the Castelo de Vide region. The author also refers rather extensively to Martinho de Mendonça's lecture, definitively dismissing the theory according to which dolmens were altars, as the latter admitted, in line with the times in which he wrote.

And yet, at the end of the 19th century, there were still those in Portugal who claimed that the dolmens were altars; however, this anachronism is not an argument to diminish the worthy and relevant work of Father Joaquim José da Rocha Espanca (ESPANCA, 1894), which is the result of a certain lack of understanding of the emergence of an unsuspected antiquity for the human presence, proven by science (Fig. 17). Actually, in the Portugal of the late 1800's, this tireless researcher of the Alentejo antiquities was not alone, as he was joined by some other individuals, whether churchmen or not. The interpretation we are addressing here probably became even more marked in the minds given the existence of a remarkable number of dolmens – about twenty – converted into chapels, or with associated chapels, according to the study carried out by O. da Veiga Ferreira and collaborators (FERREIRA; LEITÃO & NORTH, 1980), followed by a more complete one (OLIVEIRA; SARANTOPOULOS & BALESTEROS, 1997). Some of them are quite renowned, e.g. the enormous dolmen-chapel dedicated to St. Diniz, currently located in the centre of Pavia (Mora) (Fig. 18).

Finally, we would point out that both purposes – the simultaneous use as burial places and places of worship – are not mutually exclusive. In the eyes of 18th- and 19th-century literates, such a conclusion would not only be possible, but also probable, as indeed Martinho de Mendonça made clear, when stating: 'if these were tombs, our conjectured interpretation of these constructions as altars would still be valid, for altars and the temples of idolatry originated from funerary monuments'.

Not wishing to delve too much into the discussion of these conjectures, it is nevertheless important to mention that a number of dolmens explored in recent times in the Portuguese territory did yield some evidence of a combined use in time and space. But the ignorance that archaeologists struggle with nowadays is not lesser than the one Martinho de Mendonça had to face, with undeniable success, due to both his mastery and humility.

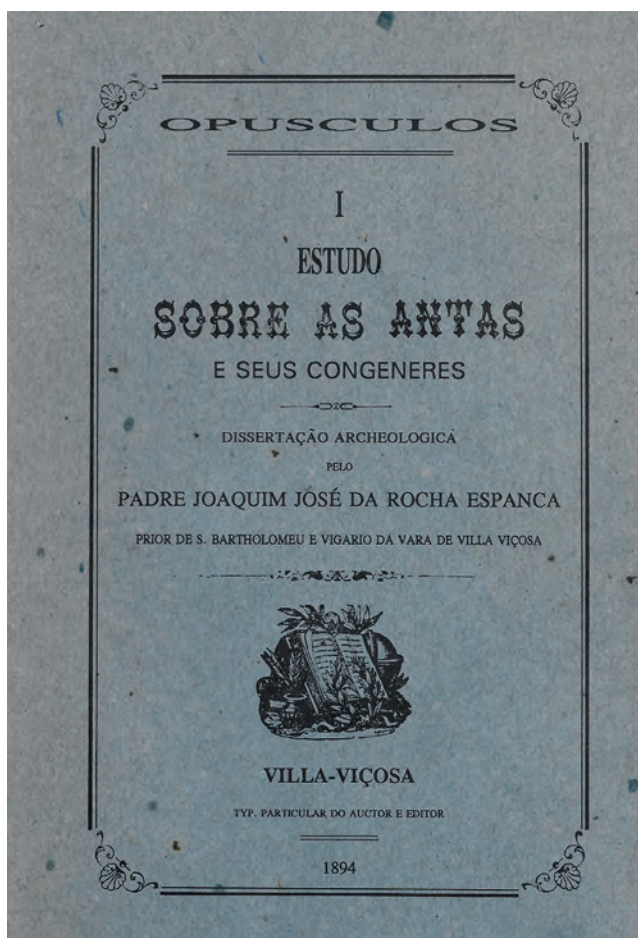


Fig. 17 – Cover of the booklet on the subject of dolmens, by Father Joaquim Espanca (ESPANCA, 1894) (photo by J. L. Cardoso).



Fig. 18 – Anta de São Diniz, in the centre of the village of Pavia (Mora), converted into a chapel. From left to right: driver Serrano, from the Geological Survey of Portugal, O. da Veiga Ferreira, Konrad Spindler and Georges Zbyszewski (OVF/JLC archives).

His attitude is clearly evidenced by the words with which he concludes his lecture (PINA, 1733, p. 22): 'The imperfection, and lack of news, and of the necessary books, with which we write this report, compels us to ask not to print it but only to ask for news and descriptions of all the dolmens that may exist in Portugal, and the places where they are located, so that another, more erudite academician may address this matter with greater accuracy.'

Martinho de Mendonça's lecture on the dolmens, absolutely innovative for his time, in terms of scope and nature, aroused the interest of the academicians; one can imagine their curiosity and surprise at being confronted with a completely new and unsuspected reality. This motivated the interest for the research of dolmens on the part of other academics, within the Academy itself: the very next year, in the conference held on April 1, 1734, one can read that 'Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro reported to the Secretariat of the Academy (...) a collection of records, including the one pertaining to 315 dolmens, of which a specific account shall be prepared to be forwarded to the academician who asked for this information' (NOTÍCIAS, 1734, p. 5; CORRÊA, 1947, p. 121). Unfortunately, the name of the said academician is not known, and, above all, neither are the whereabouts of this inventory, the first archaeological inventory made in the world (CARTAILHAC, 1886, p. 149). It would certainly prove to have great historiographical value if one day it were to be found among the documentation of the Royal Academy still kept in the National Library of Portugal.

After this successful initial impulse, the Royal Academy's interest in the study of dolmens faded, in line with the decline of its activities. However, this interest did not disappear: shortly afterwards, Fr. Manuel do

Cenáculo, already the Bishop of Beja, a position he took up soon after the downfall of Pombal in 1777, revived the interest in these monuments (Fig. 19), which also existed, albeit rarely, in the Baixo Alentejo region. This is evidenced by the information referred to by Pereira da Costa, included in the correspondence sent to the prelate of Beja by Father José Gaspar Simões, Prior of São Teotónio (Odemira) (COSTA, 1868, p. VII) and kept at the Library of Évora. Indeed, this correspondence contains information about dolmens, and its publication would be extremely interesting, considering the extraordinary wealth of archaeological information from the Roman period contained in Cenáculo's recently published documentation concerning Santiago do Cacém (DEUS, 2016).



Fig. 19 – Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (1724-1814). Oil on canvas.
Lisbon Academy of Sciences (photo by J. L. Cardoso).

In the light of the above, it would seem reasonable to say that the Royal Academy was an important means of disseminating contributions to the knowledge of prehistoric antiquities in the present-day Portuguese territory, despite the limitations imposed by the very nature of the conceptual framework of the time. The only material remains that seemed to predate Classical Antiquity were the dolmens, viewed as altars and considered by Martinho de Mendonça to be the work of the Lusitanians, not unlike what happened beyond the Pyrenees, but in this case being attributed to the Celts. However, in the Portuguese case, this erudite academician went further: having noticed the absence of iron tool marks in the cutting of the monoliths and their evident rusticity, he associated them to the Hebraic constructional tradition referred to in the Old Testament. This observation led to the conclusion that the dolmens were built by isolated communities originating from Hebrew lands, which, in this western end of Europe, kept their traditions, associated to the cult of the only God, which persisted until the Roman conquest. Even if this conclusion was likely to enhance these direct ancestors of the Portuguese, it had another obvious consequence: the Portuguese thus had distant Hebrew origins, at a time when the Inquisition still had considerable power and ascendancy in Portugal. It would be interesting to ascertain the coeval relations between the Royal Academy and the Inquisition. Still, the Academy benefited from royal protection and was sheltered from the censorship rules for the publication of works imposed in other cases.

Portugal may therefore be considered as a pioneer in Prehistoric research on a worldwide level thanks to the lecture given by Martinho de Mendonça at the Royal Academy on July 30, 1733, and published in the same year, concerning dolmenic monuments, rightly believed to be among the oldest constructions of Humankind. Indeed, and as we know now, in Portugal these monuments may date back to the beginning of the 4th millennium BC, in the case of dolmens, and to the 5th millennium BC in the case of some menhirs.

The publication of the rock paintings of Cachão da Rapa, beautifully illustrated in a copper engraving made by Debrie in 1735, was equally pioneering, at European level. These paintings can be dated back to the 3rd millennium B.C. and were preserved by chance, reaching our days. To the best of our knowledge, they were referred to for the first time in 1706 by Father António Carvalho da Costa, in his famous *Corografia*, and later on by Cristóvão Jesão Barata (a.k.a. João Bautista de Castro), in 1728. Such publications convert the academicians Martinho de Mendonça de Pina and Proença Homem, and Father Jerónimo Contador de Argote into pioneers of prehistoric archaeological studies at an international level. These two references regarding 18th-century research on the times before writing are enough to make the Royal Academy an indisputable reference in the field of Portuguese archaeological historiography.

ACKNOWLEDGMENTS

To Armamdo Lucena, for the translation into English that he carried out with the availability with which he always accepts my requests, despite the short period of time to fulfill them

REFERENCES

- ACADEMIA (1924) – O livro 2.º da correspondência expedida e recebida pela Academia Real de História. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 24, p. 37-163.
- ACADEMIA (1929) – O livro 2.º da correspondência expedida e recebida pela Academia Real de História. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 27, p. 57-128.

- ALMAGRO-GORBEA, M. (2015) – *Sacra Saxa*. “Peñas Sacras” propiciatórias y de adivinación de la *Hispania céltica*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 329-410.
- ARGOTE, J. Contador de (1734) – *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga. Tomo Segundo*. Lisboa Occidental: Na oficina de Joseph Antonio da Sylva.
- AZEVEDO, P. A. (1903) – Extractos archeologicos das “Memorias parochiaes de 1758”. 467. Sines (Alemtejo); 472. Soutello (Entre-Douro-e-Minho). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 7, p. 268-271.
- BARATA, C. J. (1928) – *Recreação Proveytosa*. Lisboa: Na oficina de Antonio Pedrozo Galram.
- BOAVENTURA, R. & CARDOSO, J. L. (2014) – Carlos Ribeiro (1813-1882) e as antas de Belas: um contributo para a História da Ciência em Portugal no século XIX. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 35-80.
- BONSTETTEN, Baron de (1865) – *Essai sur les dolmens*. Genève: Imprimerie de Jules-Guillaume Fick.
- CARDOSO, J. L., ed. (2013) – *Manuel Heleno pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- CARDOSO, J. L. (2017) – O mais antigo registo conhecido da escavação de uma estação pré-histórica em Portugal. São Torpes e a sua sepultura da foz da ribeira da Junqueira (Sines). *Al-Madan*. Série II, 21, p. 132-141.
- CENÁCULO, M. (1949) – Sisenando mártir e Beja sua pátria. *Arquivo de Beja*. Beja. 6 (3/4), p. 426-463.
- CHAVES, L. (1917) – Sobrevivências neolíticas de Portugal. Vestígios líticos, em concordância ou paralelismo, e na toponímia. *Arquivo da Universidade de Lisboa*. Lisboa. 4, p. 55-81.
- CHAVES, L. (1951) – As antas de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 2, 1, p. 95-115.
- COELHO, J. (1912) – *A Préistória e o seu ensino Mamaltar de Vale de Fachas*. Famalicão: Typographia Minerva.
- CORREIA, A. A. Mendes (1947) – Histoire des recherches préhistoriques en Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 11 (1/2), p. 115-170.
- CORREIA, V. (1913) – As antas. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa. 369, p.350-352.
- COSTA, António Carvalho da (1706) – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*. Tomo primeyro. Lisboa: mna oficina de Valentim da Costa Deslandes.
- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- DAMASIO, Fr. Manuel de S. Caetano (1793) – *Thebaida portuguesa: compendio histórico da congregação dos monges pobres de Jesu Christo da Serra de Ossa*. Lisboa: Officina de Simão Thadeu Ferreira.
- DEUS, M. (2016) – “Quando o objecto desafia a curiosidade”: a actividade arqueológica de Cenáculo e seus colaboradores em Santiago do Cacém. In DEUS, M. de, *Dom Frei Manuel do Cenáculo Itinerários por Santiago do Cacém*. Santiago do Cacém: União de Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra, p. 65-84.
- DEUS, M.; MATIAS, J. & VALE, F. (2016) – D. Fr. Manuel do Cenáculo: percursos por Santiago do Cacém. In *Dom Frei Manuel do Cenáculo Itinerários por Santiago do Cacém*. Santiago do Cacém: Junta de Freguesia da União de Freguesas de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra, p. 29-40.
- ESPANCA, Padre J. J. Rocha (1894) – *Estudos sobre as antas e seus congéneres*. Vila Viçosa: Typ. particular do autor e editor.
- FABIÃO, C. (2016) – Os altares dos “primeiros povoadores da Lusitânia”: visões do megalitismo ocidental. *Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 45-67 (Estudos & Memórias, 9).

- FERREIRA, O. da Veiga; LEITÃO, M. & NORTH, C. T. (1980) – Breves apontamentos sobre as antas-capela em Portugal. *Estudos Italianos em Portugal*. Lisboa. 40/42, p. 119-126.
- GOMES, J. Ferreira (1964) – *Martinho de Mendonça e a sua obra pedagógica*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos.
- HÜBNER, E. (1872) – Noticias archeologicas de Portugal. *Memorias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa Nova Série, 4 (1), p. 1-110.
- KALB, P. (1980) – O “Bronze Atlântico” em Portugal. Guimarães: *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. 1, p. 113-120.
- KINSEY, W. M. (1828) – *Portugal illustrated*. London: A. J. Valpy.
- MATALOTO, R. (2019) – Valdanta: o vale da anta que nunca foi... *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 22, p. 31-42.
- MATALOTO, R. (2020) – Antas e seus congéneres: algumas reflexões em torno do megalitismo a partir da aba sul da serra d’Ossa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 141-180.
- MORTILLET, G. (1866) – *Le signe de la croix avant le Christianisme*. Paris: Ch. Reinwald.
- NOTÍCIAS (1734) – Noticias da conferencia que a Academia Real da Historia Portugueza fez no primeiro de Abril de 1734. *Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa Occidental: Na officina de Joseph Antonio da Sylva.
- OLIVEIRA, J.; SARANTOPOULOS, P. & BALESTEROS, C. (1997) – *Antas-capelas e capelas junto a antas no território português*. Lisboa: Edições Colibri.
- PAÇO, A. do (1958) – A Academia Real da História Portuguesa e a sua lei de protecção a monumentos arqueológicos. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série 2, 8, p. 29-40.
- PROENÇA, Martinho de Mendonça de Pina e de (1733) – Noticias da conferencia que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 30 de Julho de 1733. *Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa Occidental: Na officina de Joseph Antonio da Sylva.
- PROENÇA, M. de Mendonça de Pina e de (1734) – *Apontamentos para a educação de hum menino nobre, que para seu uso particular fazia Martinho de Mendonça de Pina e de Proença*. Lisboa Occidental: na officina de Joseph Antonio da Sylva.
- RAU, V. (1952) – La toponymie et le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques. *Compte-Rendu du XVI Congrès International de Géographie*. Lisboa: Centro Tip. Colonial, p. 213-217.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1934) – As pinturas prè-históricas do Cachão da Rapa. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Porto. 6(3), p. 185-222.
- SANTOS, M. Farinha dos (1987) – Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História. *Cinquentenário da Academia Portuguesa da História*. Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 313-332.
- SÉBILLOT, P. (1902) – Le culte des pierres en France. *Revue de l’École d’Anthropologie*. Paris. 12, p. 176.
- SERRÃO, J. V. (1974) – *Viagens em Portugal de Manuel Severim de Faria 1604-1609-1625*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.
- SERRÃO, V. (2015) – *Arte, religião e imagens em Évora no tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança, 1578-1602*. Óbidos: Fundação da Casa de Bragança.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) – *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

- SILVA, J. da (1887) – Explicação da estampa n.º 77. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série 2, 5 (5), p. 78-80.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*. Volume 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1912) – Le peuplement du Portugal aux temps préhistoriques. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 17, p. 255-265.
- VELHO, E. de Lis (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Tórpes*. Lisboa: na oficina de Miguel Manescal da Costa.
- VITERBO, Frei J. de Santa Rosa (1798, 1799) – *Elucidario das palavras, termos, e frases que em Portugal antigamente se usárão*. Tomo Primeiro (e Tomo Segundo). Lisboa. Na Typographia Regia Silviana.

A CHAMADA “CONFERÊNCIA DA CITÂNIA”: REVISITANDO UM EVENTO PIONEIRO DA ARQUEOLOGIA PORTUGUESA

THE SO CALLED “CONFERÊNCIA DA CITÂNIA”: A PRECURSOR EVENT OF THE PORTUGUESE ARCHAEOLOGY REVISITED

Amílcar Guerra¹

Aqui está o iniciador das conferencias archeologicas de Portugal e Ilhas! Estou no caso de Jourdain de Molière, a fazer prosa sem o saber.

(SARMENTO, 1948, p. 7 – Carta a Joaquim de Araújo de 10/3/1878)

Abstract

Some complementary aspects of an important and well-known scientific event of the 19th century, the so called “Conferência da Citânia” are presented. Firstly, the ups and downs of its preparation and the role of its promoters are discussed, with special emphasis on Martins Sarmiento and Pereira Caldas. Secondly, the most famous participants are listed, identifying some aspects that justified the presence in this conference of some relevant figures of the archaeological research in Portugal; a particular attention to some guests who could not be present. Finally, mention is made to the echoes of the event in the press and to the balance of the conference, especially Sarmiento’s more pessimistic perspective, as opposed to the vision of other participants.

Keywords: Martins Sarmiento, Citânia de Briteiros, History of Archaeology (19th century), “castros” culture.

1 – MARTINS SARMENTO E A IDEIA DA CONFERÊNCIA

Francisco Martins Sarmiento (Fig. 1), uma das personalidades marcantes da Arqueologia portuguesa de oitocentos, revela um perfil com facetas aparentemente contraditórias: por um lado demonstra um espírito aberto, universalista; por outro, gosta de se assumir como um homem de província, distante do mundo intelectual urbano, dedicado aos particularismos de uma cultura local e especialmente empenhado na sua compreensão. Para além disso, perpassa sempre nos seus escritos uma postura modesta, recusando qualquer dignidade e mérito especial, misturada com um genuíno altruísmo que, de resto, marca boa parte da sua vida (GUERRA, A. “Sarmiento, Francisco Martins de Gouveia de Moraes” in *Dicionário dos Historiadores Portugueses* <http://dichp.bnportugal.pt/imagens/sarmiento.pdf> consultado em 10/4/2021). Não é sem razão

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. aguerra@campus.ul.pt



Fig. 1 – Francisco Martins Sarmento, numa foto publicada n'A *Ilustração Portuguesa* de 1904.

que a sua figura suscita elogios como os de Émile Cartailhac, em que se sublinha precisamente a forma generosa como ele usa os seus bens pessoais de uma forma exemplar, em benefício da ciência e da história do seu país: «Il y a dans le nord du Portugal, à Guimarães, un homme instruit et fortuné, enthousiaste et généreux, qui s'est dévoué à l'histoire de son pays» (CARTAILHAC, 1886, p. 272).

Poder-se-ia ver na iniciativa de se mostrar à comunidade científica nacional, em especial a alguns dos seus mais importantes vultos, uma forma de buscar o reconhecimento pelo seu trabalho. No seu discurso, todavia, sobreleva a ideia de que o evento se afasta declaradamente desse objectivo e pretende, acima de tudo, ouvir quem sabe e aprender com quem pode trazer alguma luz sobre as questões que ele se coloca. Por certas afirmações que ele produz a respeito da procura de fama ou de prestígio, seja na generalidade, seja em especial entre os seus pares, parece claro que o homem que celebrizou a Citânia menospreza qualquer elogio ou honraria e não lhe passa pela

cabeça que o evento possa servir para esse fim. Quando confessa, numa carta dirigida a Joaquim de Araújo (um dos mais interessantes textos para a caracterização da personalidade sarmentina, enviado a quem lhe solicita elementos para uma biografia sua), os motivos que o levaram a empreender a tarefa e a investir tanto do seu tempo e dinheiro a escavar Briteiros, chega a ser quase chocante a sua declaração: “Se a Citânia me fez conhecido um pouco, juro aos deuses que não foi para servir o meu país e a história dos Celtiberos que comecei a fossar naquelas ruínas: foi simplesmente por não ter que fazer” (SARMENTO, 1948, p. 7).

Nessa mesma missiva, acaba por fazer mais uma outra afirmação algo surpreendente, mas bem relevadora do seu carácter, contando um episódio a partir do qual “não quiz nada com o mundo da imprensa, e, se algum pequeno artigo tenho publicado, é cousa que se conta pelos dedos, e sempre obrigado” (SARMENTO, 1948, p. 6). Talvez Sarmento gostasse mesmo de provocar aos seus leitores e amigos a sensação de que era uma personalidade diferente das demais, que não desejava mostrar-se nos jornais e nos eventos sociais e científicos, mas que procurava pautar-se por outros valores, nem sempre apreciados, mas sólidos.

Por isso, quando se programa a iniciativa, embora tenha consciência da importância que deve assumir, pelo menos para alguns, mas também para ele, a vertente social do acontecimento (LE MOS, 1985, p. 200), não deixa de insistir na necessidade de conferir uma fisionomia muito particular à sua componente científica. Com frequência insiste na ideia de que, ao contrário de uma visita com certo aparato, considera preferível convocar um número bastante mais reduzido de personalidades para discutir, o mais possível de modo informal, as grandes questões que se colocavam. Essa ideia é explanada em várias cartas, especialmente nas que dirige a Pereira Caldas, mas talvez em nenhuma esta sua intenção seja apresentada de modo mais expressivo que numa missiva que dirige a Camilo (v. *infra*) e que repete a Joaquim de Araújo, a 10 de Março de 1878, quase um ano depois do evento, na qual confessa que o seu propósito era levar os seus convidados a “ver as antigualhas em mangas de camisa” (SARMENTO, 1948, p. 7).

Mas também se percebe que, não só a iniciativa de levar para a frente uma tal empresa não foi sua, como perdeu o seu controlo em muitos dos seus aspectos. Mais facilmente se compreende esta circunstância pelo contexto em que ela surge, se tivermos em conta que foi precedida de algumas visitas ao sítio, não apenas pelo próprio Pereira Caldas, mas também por outras figuras relevantes da arqueologia portuguesa, que acharam



Fig. 2 – Aspecto da Citânia de Briteiros numa fotografia publicada na “Ilustração Portuguesa” (1910, p. 477).

pertinente e mesmo necessário, que desse ampla divulgação aos trabalhos realizados em Briteiros (Fig. 2). Como se sabe e se reconhece numa das breves descrições da conferência, a ideia de realizar este tipo de evento partiu do prof. do liceu central bracarense, Pereira Caldas, “o qual se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmento, a conveniencia de fazer d’ellas assumpto d’uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do pais” (SAMPAIO, 1894, p. 45). Não deixa de causar alguma estranheza que Sarmento exprima mesmo a sua renitência a respeito da iniciativa, chegando a declarar, numa carta a Nery Delgado: “obrigaram-me a precipitar a reunião”, uma vez que considerava que o sítio necessitava ainda de mais ampla exploração (FERREIRA, 1969, p. 241). A mesma ideia transmite numa carta a Camilo, desta vez não escondendo o nome do responsável: “você sabe que o Caldas, de Braga, me forçou quase a subscrever à bexiga de uma conferência de Sábios na Citânia, entre os quais ele promete fazer figurar o arcebispo de Braga!” (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 41).

Talvez possa haver algum exagero nas palavras de Sarmento e o impulso de Pereira Caldas não tenha assumido essas proporções, mas é certo que, por várias vezes exprime essa mesma convicção, não só demarcando-se da responsabilidade inerente à sua realização, como desejando mesmo que nunca se concretize. É uma outra carta a Camilo Castelo Branco que explana de forma mais ampla e com mais clareza a sua renitência e, ao mesmo tempo que proporciona uma imagem menos positiva de Pereira Caldas: “A verdade é que a minha Citânia não passa de um choupanal muito antigo e muito curioso que o Pereira Caldas prometeu desacreditar com a sua charlatanice. Há-de ver o que sai do congresso dos sábios, convocado pelo sábio professor que se contentou com ver a Citânia pelo óculo da minha máquina fotográfica. Ainda lá não foi! E a minha maior

miséria é que tenho de andar de braço dado com aquele Arcade! Se eu não conseguir adiar indefinidamente a conferência – o que eu muito desejava. Antes queria receber os sábios a dois e dois e em mangas de camisa, do que ter de entrar na comédia, que sabe” (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 75).

Apesar desta sua relutância, Sarmiento não deixa de embarcar nessa aventura, aceitando o que lhe parece inevitável, mas assumindo inicialmente que quem faz os convites e, portanto, se compromete em primeiro lugar é Pereira Caldas (SARMENTO, 1925, p. 77). A partir daí, ele vai empenhar-se fortemente na concretização do evento, assumindo verdadeiramente o seu controlo nos aspectos essenciais. Apesar das suas convicções sobre a conferência, não deixa, todavia, de ouvir as opiniões das pessoas que mais se mostraram interessadas na sua realização: Sousa Holstein e, em particular, de Pereira Caldas. A frequente correspondência trocada com o último, especialmente em alguns momentos decisivos, diz bem da partilha de responsabilidades e da consideração mútua, consolidando-se, desta forma, a amizade que ligava as duas figuras vimaranenses.

2 – JOSÉ JOAQUIM DA SILVA PEREIRA CALDAS (1818-1903), O PROMOTOR E CO-ORGANIZADOR



Fig. 3 – Joaquim José Pereira Caldas, o co-organizador da “Conferência da Citânia”.

Pereira Caldas (Fig. 3) incluía-se já no círculo das relações estreitas de Francisco Martins Sarmiento mesmo antes da conferência. Natural de Caldas de Vizela², então localidade do mesmo concelho de Guimarães, era, ao tempo, uma importante figura da cidade de Braga, de mérito reconhecido como distinto professor do liceu local, com imensas relações políticas, científicas e pessoais fora da cidade. A sua formação académica era diversificada, abarcando em particular as Humanidades, a Medicina e a Matemática, domínio este em que veio a desenvolver o seu magistério, primeiro no liceu de Leiria, depois no central de Braga. O início da sua carreira foi, todavia, afectada pela instabilidade política que se vivia então, tendo sido particularmente atingido no governo dos Cabrais, ele que se tinha empenhado tanto, também no plano militar, na defesa das suas convicções progressistas, democráticas e republicanas (*Correio do Minho*, n. 167, de 22 de Setembro de 1903, *apud* VASCONCELOS, 1904, p. 129-130).

A sua ampla obra e relevância intelectual, particularmente destacada no ambiente bracarense, foi reconhecida por um conjunto extenso de entidades que o fizeram seu membro³, entre as quais se conta a nomeação para académico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, mas também a pertença a agremiações científicas mais especificamente ligadas à arqueologia, tanto nacionais (Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, Instituto de Coimbra, Sociedade Arqueológica da Figueira da Foz, Academia das Belas Artes de Lisboa) como estrangeiras (Imperial Instituto Arqueológico de Berlim, Instituto Arqueológico de Roma, Sociedade Arqueológica de Pontevedra).

² Essa circunstância é sublinhada por Pereira Caldas, referindo-se ao “honroso compatriota meu” (CALDAS, 1877, p. 285).

³ Uma lista destas entidades pode encontrar-se em VASCONCELOS, 1904, p. 130-131, que transcreve uma ampla notícia biográfica publicada pelo *Correio do Minho* (n. 167, de 22 de setembro de 1903).

Quando, em 1874, Sarmiento inicia os trabalhos na Citânia de Briteiros, já Pereira Caldas tinha a larga tradição de contacto com questões arqueológicas e podia orgulhar-se da sua colaboração com uma das mais eminentes personalidades da arqueologia peninsular, Emílio Hübner. O contacto com ele derivou certamente da sua qualidade de académico da instituição de Lisboa, que respondeu a um pedido da sua homóloga berlinesa, participando, deste modo, no grandioso projecto do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (GUERRA, 2014, p. 222). Para além da colaboração passada, através de correspondência epistolar, Pereira Caldas tinha servido de guia ao epigrafista alemão na primeira visita que este realizou a Braga e à zona envolvente, no ano de 1861 (VASCONCELOS, 1904, 130; GUERRA, 2014, p. 222).

O seu perfil científico, especialmente no que à arqueologia diz respeito, foi traçado, com o seu habitual sentido crítico, rigor e exigência, por Leite Vasconcelos que reconheceu a sua qualidade de polígrafo, tocando os mais variados assuntos⁴, mas sublinhando, ao mesmo tempo, “a pouca tendência que ele tinha para profundar e atacar e resolver problemas científicos” (VASCONCELOS, 1904, p. 132). Ainda que o fundador do Museu Etnológico tenha tido sempre relações difíceis com ele, essas palavras não parecem injustas, pelo menos no que respeita ao domínio em análise. De qualquer modo, num período em que a ciência arqueológica dava os primeiros passos em Portugal, as suas incursões nessa vertente do conhecimento, apesar de pouco relevantes, adquirem por vezes um certo interesse, compreendendo-se, deste modo, a importância que lhe foi dada. Para tal deve ter contribuído o facto de nessa altura ter já dedicado alguma atenção às questões arqueológicas, em particular as que respeitavam a Caldas de Vizela. Não deixa de surpreender a precocidade da escavação aí levada a cabo ainda na primeira metade do séc. XIX (CALDAS, 1845) e uma monografia histórica dedicada à sua terra natal (CALDAS, 1853), na qual o próprio Leite de Vasconcelos destaca o seu contributo para o conhecimento da divindade local, *Bormanico* (VASCONCELOS, 1904, p. 133).

A correspondência trocada entre ambos põe em evidência o papel que Pereira Caldas assume como propoente e entusiasta da iniciativa científica (LEMONS, 1985, p. 199), conselheiro e auxiliar de Martins Sarmiento na tarefa de a preparar, constatando-se que os trabalhos em Briteiros e o estreitamento das suas relações durante este período devem-no ter estimulado a avançar com a criação de uma entidade que dinamizasse os estudos arqueológicos da região. Com esse objectivo nasceu a ideia de instituir o *Atheneu Archeologico de Braga* (OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, p. 123), cujos estatutos chegaram a ser redigidos e subsistiram num manuscrito datado de 29 de Junho de 1876. O seu promotor chegou mesmo a imprimir o convite para o acto inaugural e a elaborar o discurso destinado a essa mesma ocasião, mas a instituição parece não ter tido real existência (VASCONCELOS, 1904, p. 133).

Pereira Caldas, como membro da Academia das Ciências de Lisboa, para além do prestígio desta instituição, tinha desenvolvido relações com alguns dos seus académicos que poderiam ter uma influência decisiva no próprio sucesso da conferência. Enquanto Martins Sarmiento era mais reservado e se sentia mais à vontade no seu meio local, o seu conterrâneo estava mais habituado a este mundo académico lisboeta e mantinha com ele bastante familiaridade. Por isso se compreende que Pereira Caldas tenha dado algumas ajudas concretas, assumindo, por exemplo, a tarefa de convidar, em nome do escavador da citânia, Bulhão Pato⁵ e Alexandre Herculano, este através de carta dirigida ao primeiro.

⁴ Um elenco bastante completo da sua obra pode encontrar em SILVA, 1860, 395; SILVA; ARANHA, 1885, p. 42-46; para uma breve análise da bibliografia arqueológica v. VASCONCELOS, 1904, p. 133-134.

⁵ Embora as anotações marginais à carta Pereira Caldas indiquem que o convidou também a ele, Bulhão Pato apenas dá conta da resposta de Herculano, não aludindo a qualquer convite que lhe tenha sido dirigido e, talvez por isso, não estará presente na conferência

Compreende-se, desta forma, que ele tenha assumido um importante papel nas tarefas organizativas, tendo um grande peso na proposta e escolha de convidados, como se depreende de alguns passos da correspondência (p. ex. SARMENTO, 1924, p. 97), dos aspectos relacionados com os convites ou outras vertentes organizativas. Acabam ainda por constituir tarefas que lhe incumbem a participação na elaboração e a impressão do questionário que vai ser endereçado aos conferentes (v. *infra*) e preparação de um *Indiculus dos objectos d'exame na conferencia archeologica da Citania de Briteiros...* (CALDAS, 1877b), aparentemente uma ideia sua (v. *infra*).

3 – ANTÓNIO DE SOUSA HOLSTEIN (1838-1878), O CONSELHEIRO

De seu nome completo Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa Holstein (Fig. 4), Marquês de Palmela, seguiu uma já longa tradição familiar de dedicar uma especial atenção à arte e à arqueologia, que remontava pelo menos ao avô, D. Alexandre de Sousa Holstein (GUERRA, 2020) e foi continuada pelo pai, D. Pedro, Duque de Palmela (v. MATOS & CAMPILHO, 2001; GUERRA, 2020, p. 1440, 1463) o qual, entre outras demonstrações da sua ligação à arqueologia, conta o cargo de Presidente vitalício da Sociedade Arqueológica Lusitana. Depois de uma brilhante carreira académica que culminou com o doutoramento em Direito, o Marquês de Palmela, enveredou pela carreira diplomática, como era tradição da família, e uma das suas missões iniciais foi a de primeiro adido na embaixada de Roma, cidade a que os seus antecessores familiares estavam profundamente ligados. Esta vertente do seu percurso, que continuou com uma passagem por Florença, foi bastante breve, terminando em Agosto de 1859, mas acentuou ainda mais a sensibilidade artística e o gosto pelo colecionismo, herança dos seus ascendentes.

O seu regresso a Portugal coincide com a entrada na vida política, iniciando-se como deputado na legislatura de 1860-1861 e continuando como par do Reino, a partir de 1865, onde integrou diversas comissões. Mas a sua personalidade é especialmente conhecida pelas suas funções na Academia de Belas Artes, para a qual foi nomeado membro honorário em 1861 e, passado pouco tempo, em Junho de 1862, vice-inspector da mesma instituição. A estas se acrescentaram as suas responsabilidades na Sociedade Promotora das Belas Artes, entidade da qual se tornou presidente em Dezembro de 1861. O seu profundo empenho na promoção das Belas Artes em Portugal e da sua renovação exprimiou-se, de forma mais clara, num conhecido documento intitulado, de forma algo modesta, *Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal* (HOLSTEIN, 1875). Tratava-se, na realidade, de uma proposta abrangente que tomou como incumbência sua, na qualidade de presidente de uma comissão nomeada para o efeito, e de que era secretário Luciano Cordeiro, outro dos “conferentes” da Citânia. Com este documento se procurava renovar o ensino da Arte, mas, ao mesmo



Fig. 4 – O Marquês de Sousa Holstein, um apoio essencial na promoção dos trabalhos de Martins Sarmiento.

(SARMENTO, 1925, p. 7). No mais completo elenco dos convidados em que se discriminam igualmente todos os ausentes, não consta, de facto, no nome de Bulhão Pato (CALDAS, 1881, p. 345-346).

tempo, proteger, valorizar, divulgar e conhecer os monumentos artísticos e arqueológicos. Recorde-se que na Academia, que, entretanto, ganhara o título de “Real”, se ia constituindo o embrião do que virá a ser o Museu Nacional de Bellas Artes e Archeologia, criado em 1884. Entre o espólio que aí deu entrada se contaram muitos dos materiais que Estácio da Veiga tinha recolhido e com os quais projectava constituir o Museu Arqueológico do Algarve (CARDOSO, 2006, p. 47-50).

Parece ser claramente um dos grandes entusiastas das descobertas feitas na Citânia e, por isso, se afirma ele próprio como um activo divulgador dos trabalhos aí realizados e um dos seus visitantes mais ilustres. O Marquês de Palmela foi apontado como o primeiro a tomar contacto com os trabalhos realizados na Citânia (SARMENTO, 1904, p. 111), a 3 de Julho de 1876, na companhia do seu irmão, o Marquês de Monfalm, e terá respondido de forma muito positiva a alguns anseios de Sarmiento, entre eles o da acessibilidade e o da protecção do sítio: “fallou em convencer o governo em fazer uma estrada para o alto, mandar um veterano guardar as antigualhas, etc.” Para além disso, solicitou autorização para dar conhecimento dos vestígios por ele observados aos seus sócios da Academia (SARMENTO, 1904, p. 49). Em carta de 26 de Julho de 1876, comunica que deu informação à Academia e que Pinheiro Chagas referiu esse facto no “Jornal de Manhã”, mas sente a necessidade de se dar mais ampla divulgação dos resultados dos trabalhos (HOLSTEIN & SARMENTO, 1939, p. 5-6).

A apresentação feita à Academia das Ciências de Lisboa de uma memória sobre aquelas investigações constituiu uma grande iniciativa de divulgação, perante a comunidade científica, dos resultados das escavações promovidas por Martins Sarmiento (SAMPAIO, 1894, 45). Este empenho de Sousa Holstein parece contrastar com uma certa despreocupação do responsável pelas descobertas, como se depreende, por exemplo, de uma missiva dirigida a Pereira Caldas, não datada, mas que deve atribuir-se aos primeiros meses de 1877. Nela o escavador da citânia confessa a sua pouca disposição para escrever algo sobre esse sítio, não respondendo à maioria das solicitações de alguma imprensa nacional e local, enquanto “o Holstein” se empenha em colocar notícias nos mais destacados jornais do país, baseadas nas informações que ele transmite em mensagens de natureza privada (SARMENTO, 1922, p. 5).

Mantem-se interessado em tudo o que diz respeito à citânia, como se constata com um artigo de um tal John Latouche – na realidade, tratar-se-ia, segundo informa Sarmiento (1922, p. 6), do cônsul inglês no Porto, Oswald Crawford –, saído na *New Quaterly Magasin*, mais um relato de viagem que um verdadeiro artigo científico, que se publicou também, em versão portuguesa de Alberto Sampaio, no *Religião e Patria*, em folhetins⁶, a partir de 2 de Dezembro de 1876 (SARMENTO, 1924, p. 95; LEMOS, 1985, p. 198; SILVA, 1995, p. 263).

Por isso não surpreende que o vice-inspector de Academia de Belas Artes assumia algumas responsabilidades no que toca à organização da conferência, reflectida em distintos aspectos. Por um lado, é certamente consultado sobre as personalidades a convidar e, inclusivamente, sabemos que tomou a iniciativa de propor o nome de Estácio da Veiga (SARMENTO, 1925, p. 77), o qual, embora fosse uma personalidade desconhecida no meio, acabou por ser incluído no elenco (v. *infra*). Parece, todavia, que a amizade que se forjara entre eles e o entusiasmo de ambos com a citânia tenha colocado o marquês numa posição de relevo no momento em que se programava o evento. No convite dirigido a Nery Delgado, Sarmiento assume como delegação que lhe é atribuída por este a função de proporcionar todas as informações solicitadas (FERREIRA, 1969, p. 239), circunstância que se repete em outros casos (p. exemplo, com Possidónio da Silva, v. PIMENTA, 1933, p. 15).

⁶ Esta publicação encontra-se disponível online <https://www.csarmiento.uminho.pt/site/s/sms/item/46267#?c=0&m=0&s=0&cv=0> (Consult. 11/04/2021).

4 – OUTROS PARTICIPANTES

Como se viu, a ideia de Sarmiento era dar à conferência um cariz de “reunião de trabalho”, para a qual pensava inicialmente, num número bastante restrito de pessoas. Percebe-se que a determinado momento vai admitindo, por sugestão de várias pessoas, um progressivo alargamento do número de convidados. Estes dividem-se em duas categorias: os “conferentes” ou “archeologos” e os jornalistas, uma vez que as circunstâncias lhe impõem progressivamente a necessidade de dar ampla divulgação ao acontecimento. Esta distinção nem sempre é fácil, como acontece, por exemplo, no caso de Manuel Maria Rodrigues, jornalista do *Comércio do Porto*, sobre o qual Sarmiento diz ser “convidado não como jornalista, mas como archeologo” (SARMENTO, 1923, p. 6). Este acabaria por publicar crónicas do evento nesse jornal, nos dias 12, 13 e 14 de Junho de 1877, as mais circunstanciadas da imprensa da época (LEMOS, 1985, p. 201).

4.1 – Os Conferentes

A lista dos que são convidados nesta qualidade (a mais completa encontra-se em CALDAS, 1881, p. 345-346) é muito ampla, incluindo nomes habitualmente não associados à vertente científica do evento. Numa avaliação global, nesta categoria se teria convidado mais de 45 personalidades, 25 das quais estiveram efectivamente presentes. É sintomático, no entanto, que um número substancial dos que compareceram sejam residentes no Minho, com especial destaque para a cidade de Braga, que se encontra representada por dez pessoas, facto a que não deve ser estranho o peso de Pereira Caldas na organização do evento, e Guimarães, por quatro. Nota-se, ainda, que não se assinala qualquer caso de ausência nestas cidades, mas o seu número é elevado no caso dos que residiam em Lisboa, uma vez que nove dos quinze não corresponderam ao apelo, o mesmo se passando com os originários das principais cidades (do Porto nenhum dos quatro; de Coimbra, faltaram três dos cinco convidados).

A Sarmiento interessava, acima de tudo, a presença dos representantes do meio académico e científico mais especializado, em particular de Lisboa e Coimbra, de que esperava um efectivo contributo para a resolução de algumas das suas dúvidas. Como se sabe, as suas expectativas não são correspondidas, apesar de estarem presentes, de qualquer modo, alguns dos nomes sonantes da arqueologia portuguesa de então, dos quais se traçará, em seguida, um breve perfil, tendo especialmente em conta o acontecimento aqui tratado.

4.1.1 – Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896)

Fundador e grande impulsionador da Associação dos Architectos Civis Portugueses⁷, que em determinado período adicionou os Archeólogos e ainda ganhou o título de Real, é uma figura cuja história se confunde com essa mesma instituição. Fez carreira e distinguiu-se em particular como architecto, trabalhando para a Casa Real, nomeadamente em obras dos Palácios de S. Bento, da Ajuda e das Necessidades. A posição de relevo que adquiriu desde cedo no contexto da arquitectura em Portugal deveu-se em boa parte à sua sólida formação nesse âmbito, iniciada no Brasil, continuada em Portugal, na Aula Régia do Risco, e que culmina na École des Beaux Arts em Paris (MARTINS, 2019, p. 285).

Uma das facetas da sua acção em Portugal orientou-se para a protecção do património edificado, vertente que desenvolveu particularmente na sua formação em França e também na sua passagem por Itália.

⁷ Sobre esta personalidade v., em geral, MARTINS, 2003.

Complementarmente, também a arqueologia suscitou o seu interesse, tendo recebido o impulso decisivo, que o lançou definitivamente nesse domínio, das actividades científicas previstas no âmbito da Exposição Universal de Paris, em 1867, entre elas o Congresso Internacional dos Architectos e o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, cuja segunda sessão se realizou nessa altura (MARTINS, 2001, p. 66-69). Possidónio da Silva participou pela primeira vez na quinta⁸ sessão desse evento, que decorreu entre 1 e 8 de outubro de 1871, em Bolonha, com uma breve intervenção intitulada *Découvertes préhistoriques en Portugal* (SILVA, 1873, p. 333-337), a qual terminou com uma proposta de declaração dos congressistas no sentido de se exprimir o apreço a D. Maria II pela protecção concedida à ciência, especificamente à arqueologia pré-histórica (SILVA, 1873, p. 337). Sintomaticamente, entre a realização destes dois colóquios se altera a designação da Associação a que ele preside, incluindo, a partir de 1870, o termo “arqueólogos”, que espelha uma maior atenção, da sua parte e da própria instituição, a esta vertente científica.

A partir dessa data a arqueologia ganha, no seu âmbito uma importância crescente, passando a integrar progressivamente as principais figuras portuguesas desse domínio científico, incluindo, naturalmente, o próprio Martins Sarmento. Por essa via, a relação entre ambos já vinha de tempos anteriores à realização da conferência, vindo-se a aprofundar especialmente com os acontecimentos relacionados com este evento. No entanto, a personalidade do arqueólogo da Citânia e os seus méritos foram assinalados em particular pela RAACAP quando uma proposta do seu presidente, datada de 7 de dezembro de 1875 (RAACAP, 1876, 11, p. 162) manifestava a vontade de conceder medalhas aos sócios Martins Sarmento, Teixeira de Aragão e Filipe Simões (estes dois pelas publicações “pelas valiosas obras publicadas n’estes ultimos tempos” p. 163). Aprovada a proposta em 11 de Março de 1876, a Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses (RAACAP) concedeu formalmente a medalha de bronze ao “Dr. Francisco Martins Sarmento, que tomou a iniciativa e generosamente concorreu, para ser restaurada no seu primitivo estylo a antiga igreja histórica de S. Miguel do Castello de Guimarães” (RAACAP, 1876, p. 162). Tinha, naturalmente, um especial valor esta distinção conferida ao vimaranense, uma vez que promovida por quem, ao longo da sua carreira, manifestara um especial empenho no conhecimento e protecção do património histórico edificado. Sarmento, dados os traços do seu carácter, “não tanto por modéstia, como por amor à verdade”, escreve a Possidónio da Silva (carta de 17 de Março de 1876), protestando “/.../ para que tão insigne distincção comprehenda todos os membros da referida Comissão, /.../ além da minha modesta pessoa/.../”, a saber, Pereira Caldas e João Pinto de Queiroz, proprietário do periódico local *Religião e Pátria* (PIMENTA, 1933, p. 14).

Ao tópico dos riscos que o património corre, que os liga a ambos (MARTINS, 1999, p. 213-215), associa-se igualmente o facto de escavarem sítios de natureza muito similar. De facto, Possidónio da Silva, a partir dos finais de 1876, pouco depois de iniciados os trabalhos em Briteiros, fez intervenções na “cidade velha” de Santa Luzia, em Viana do Castelo (SILVA, 1877a, p. 28-30) e, inevitavelmente, verificou as afinidades entre os achados e os seus problemas, aproximando decisivamente estas duas figuras. Sabemos que a correspondência trocada entre eles (PIMENTA, 1933; MARTINS, 1999) se desenvolve especialmente a partir do convite para a visita à Citânia, neste caso dupla, documentando a admiração mútua. Mas Possidónio da Silva faz também questão de transmitir publicamente, tanto nas sessões da Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses como nas suas publicações, o apreço pelos trabalhos realizados em Briteiros (SILVA, 1877a, p. 27-28; 1877b, p. 40). Provavelmente uma das formas de exprimir o seu reconhecimento foi a admissão de Martins Sarmento, a 3 de Maio de 1877, na condição de sócio efectivo da instituição a que presidia (FARIA, 1938, p. 75), dignidade

⁸ A terceira sessão tinha-se realizado em Norwich e Londres, entre 20 e 28 de Agosto de 1868; a quarta em Copenhaga, entre 27 de Agosto e 5 de Setembro de 1869.

que aquele agradece, prometendo “mostrar que não sou de todo indigno da honra que V. Ex.^a me conferiu” (carta de 18 de Maio de 1877, PIMENTA, 1933, p. 16).

Inevitavelmente, a ocorrência científica de 9 e 10 de Junho de 1877 acabou por marcar a História da arqueologia portuguesa. O seu carácter pioneiro foi de imediato reconhecido, o que justifica que Possidónio da Silva veja Sarmento como “iniciador e o fundador da conferencias archeologicas em Portugal” (SILVA, 1877b, p. 40). Por isso, ainda que esse título não tenha sido oficialmente atribuído ao evento, aparece por vezes como o 1.º Congresso Arqueológico Português (p. ex. em VILELLA, 1877, p. 12-13). O arqueólogo vimaranense, numa atitude que parece de genuína modéstia, recusa essa distinção, como se vê na declaração em epígrafe.

4.1.2 – Augusto Soromenho (1834-1878) (Fig. 5)



Fig. 5 – Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras (gravura da revista *Occidente*, 1878, p. 21).

A presença de uma personalidade algo controversa como Augusto Soromenho na lista de personalidades convidadas deve-se, acima de tudo, ao seu passado mais distante. É que, nesta altura, já a sua vida tinha sofrido alterações profundas, de certa gravidade, que o levaram a uma morte precoce, ocorrida alguns meses depois desta visita. Talvez seja essa uma circunstância que leva Sarmento a afirmar, com manifesto exagero, numa carta de 31 de Março de 1878 a Pereira Caldas: “Creio que morreram todos os conferentes da Citânia” (SARMENTO, 1925, p. 137). Soromenho tinha-se zangado definitivamente com o seu mestre e protector, o influente Alexandre Herculano, tinha deixado as responsabilidades no curso Superior de Letras, que durante alguns anos constituiu um dos seus suportes e tinha perdido boa parte dos seus amigos. Como dizia uma das pessoas que lhe era mais chegada, Ramalho Ortigão, foi esse desprezo a que foi votado que o conduziu a uma morte precoce, o que o leva a dizer que ele foi “sepultado vivo”.

Nos motivos do convite pesava provavelmente muito toda a sua história pessoal: em primeiro lugar, o facto de ter sido membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, tendo desempenhado durante largo tempo o cargo de seu bibliotecário, para o qual foi nomeado em 7 de Dezembro de 1857. Para além disso, também contavam os seus propalados méritos científicos, ligados ao facto de ser professor no Curso Superior de Letras, inicialmente na disciplina de Literatura Portuguesa, domínio em que chegou a gozar de bastante prestígio. Refira-se, por exemplo, a circunstância de ter sido ele precisamente o escolhido para tratar o tema “Literatura Portuguesa” no âmbito das célebres “conferências do Casino”, realizadas no ano de 1871, e que agitaram o meio intelectual português de então. Algum tempo depois, quando o seu prestígio no âmbito desse curso se tinha afirmado definitivamente, foi provido na cadeira de História Pátria, sendo então uma figura de relevo neste âmbito e, em particular, no da Epigrafia.

Inicialmente Soromenho ganhou algum prestígio na Academia das Ciências de Lisboa e acabou por ser o elemento indicado para estabelecer uma relação privilegiada com Emílio Hübner, de forma a responder ao pedido da congénere de Berlim no sentido de se prestar o apoio possível nas tarefas respeitantes à elaboração da monumental obra do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que acaba por ser publicado em 1868. É esse contacto estreito com o epigrafista alemão e a familiaridade que vai ganhando com as inscrições latinas que lhe dão credenciais científicas nesse domínio, sendo reconhecido como tal pelos seus pares. Duas ocorrências

atestam esse reconhecimento: o facto de ser procurado para o estudo da célebre tábuca de Vipasca, de que faz a *editio princeps* (sobre as peripécias associadas a esta publicação v. GUERRA, 2014, p. 218, 221); e a circunstância de ser o autor da inscrição latina que se manda colocar no Arco da Rua Augusta, a respeito da qual várias opiniões desencontradas se proferiram, das quais saiu vencedora a sua (ALMEIDA, 1992, 57-59).

Essa sua ligação ao projecto do CIL levou a que a própria Academia das Ciências se encarregasse de promover uma versão portuguesa de *Notícias Archeológicas de Portugal* (HÜBNER, 1871), obra correspondente aos relatórios que Hübner publicou na sequência da sua viagem científica à Península Ibérica, entre os anos de 1860 e 1861 (HÜBNER, 1862), de que Soromenho foi o prefaciador e tradutor. Publicada pouco depois da edição do vol. II do CIL, dedicado à *Inscriptiones Hispaniae Latinae* (1869), esta obra continha três apêndices que a valorizavam (entre eles um dedicado às estátuas de guerreiros galaicos), tornando-se um instrumento acessível, porque em língua portuguesa, para todos os que se interessavam pela ciência das inscrições em Portugal, entre os quais Soromenho tinha um lugar de destaque.

A frequente ligação científica que mantém com E. Hübner, mas também, em menor grau, com Th. Mommsen (traduzida no plano epistolar), têm também alguma consequência na sua projecção no plano internacional, tornando-se membro de algumas das mais importantes agremiações arqueológicas da época: o Instituto Arqueológico de Roma e a Sociedade Arqueológica de Berlim.

É sintomático que Sarmiento o recorde em particular por um comentário que ele teria feito durante a conferência, e que o arqueólogo minhoto assume como “a mais importante profecia que ele me fez”, segundo a qual entre governo, academia e conferentes, raros seriam o que prestariam atenção às suas explorações arqueológicas (SARMENTO, 1948, p. 8). O escavador da Citânia, bastante desiludido de uma forma geral com o contributo dos visitantes, situa nessa mesma linha a sua opinião sobre a aportação de Soromenho, em particular no que se referia às questões colocadas pelas suas escavações em Briteiros. No entanto, nos elementos de que dispomos, vê-se que o arqueólogo vimaranense preza a sua opinião sobre aspectos de natureza epigráfica, a qual se manifesta especialmente em algumas das cartas trocadas com Camilo (BRANCO & SARMENTO, 1990). Num dos casos trata-se da questão da verdadeira natureza da sequência CAMAL ARG, particular que suscita frequentes observações suas, insistindo na ideia de que *Camal* corresponderia a um teónimo (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 41). Soromenho, conhecedor das inscrições da Lusitânia, não deixaria de recordar, com razão, os múltiplos casos em que este nome se apresentava como um antropónimo, contrariando a ideia sarmentina.

4.1.3 – Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903) (Fig. 6)

Era, ao tempo da conferência, Cirurgião-Mor do Exército, tendo feito uma completa carreira de médico militar, o que o levou a vários pontos de Portugal, sendo de destacar a sua estância em Tavira, entre 1853 e 1858, que lhe permitiu um contacto com ruínas de *Balsa*, cuja necrópole estudou (ARAGÃO, 1868). Aí recolheu consideráveis materiais, uma parte dos quais foram conservados no hospital militar, entre eles se encontrando uma rara inscrição em grego, que ofereceu a Estácio da Veiga (ARAGÃO, 1868, p. 8).

No meio arqueológico é especialmente conhecido como numismata, domínio particular em que a sua capacidade científica foi largamente reconhecida, não apenas a nível nacional, mas também internacional. Para esta projecção fora de fronteiras contribui, em primeiro lugar, o livro *Déscription des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail* (ARAGÃO, 1867), catálogo preparado para a Exposição Universal que decorreu em Paris, em 1867, e na qual se incluía a vasta colecção de moedas do rei D. Luís (v. VASCONCELOS, 1904, p. 137; MATEU Y LLOPIS, 1949, p. 114) e que tinha precisamente como



Fig. 6 – Augusto Teixeira de Aragão, médico militar e numismata.

tema a História do Trabalho. Esta obra e o reconhecimento do seu saber conduziram à sua nomeação como Monetário Real e é nesta qualidade que publica a *Descrição histórica das moedas romanas existentes no gabinete numismático de Sua Magestade El-Rey o senhor Dom Luiz* (ARAGÃO, 1870).

Leite de Vasconcelos, sempre muito parco em elogios, mesmo quando se trata de uma notícia necrológica, apesar de algumas observações críticas, sublinha algumas das suas qualidades (VASCONCELOS, 1904, p. 136-142): distingue-o como “colleccionador inteligente”, como pessoa que facilitava o acesso às suas colecções, como o cientista rigoroso de que destaca a obra *Descrição das moedas de Portugal*, a qual, na sua opinião, “bastava só por si para immortalizar um nome” (VASCONCELOS, 1904, p. 142).

Não é, por isso, surpreendente que também Teixeira de Aragão integre a principais instituições científicas portuguesas, particularidade que partilha com muitos dos principais convidados da confe-

rência (Academia Real das Ciências de Lisboa; Sociedade de Geografia), em especial as que têm a Arqueologia como um dos seus domínios principais (Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses e Instituto de Coimbra), bem como algumas das suas congéneres estrangeiras (Real Academia de la Historia, Academia dei Lincei – Roma, Societé Royal de Numismatique de Belgique, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil).

Dado o seu prestígio e a circunstância de ser particularmente reconhecido como numismata, a sua presença era perfeitamente justificada, uma vez que o castro tinha inclusivamente proporcionado algumas moedas. Teixeira de Aragão explica que a sua resposta positiva ao convite constitui “um dever de cortesia e gratidão” (ARAGÃO, 1877, p. 39), aproveitando a circunstância para proceder a um estudo dos numismas aí encontrados e para tecer algumas considerações sobre diversos problemas colocados pelo sítio: os povos relacionados com a ocupação, as estruturas, a epigrafia, a *pedra formosa* e outras expressões da arte castreja, bem como sobre algum mobiliário arqueológico (ARAGÃO 1887; V. MARQUES, 2018, p. 103-104).

4.1.4 – Luciano Cordeiro (1844-1900) (Fig. 7)

Esta figura, multifaceta e versátil, é conhecida pelas múltiplas actividades e funções a que se dedicou ao longo da vida⁹. Destaca-se a sua carreira na administração pública, onde começou com cargos modestos, mas nos quais veio a assumir muitas responsabilidades de chefia, tendo chegado a exercer o cargo de Director-Geral da Instrução Pública. Luciano Cordeiro desde cedo se tornou uma figura activa e profundamente empenhada na vida pública, emergindo na vida política como membro do partido Regenerador e deputado por Mogadouro (1882) e por Leiria (1884).

O seu percurso passou pelo desempenho esporádico funções docentes, como professor de Filosofia e Literatura no colégio Colégio Militar, durante um breve período (1871-1874). Nesse período chegou a candi-

⁹ A título de curiosidade, refira-se que Luciano Baptista Cordeiro de Sousa, de seu nome completo, é pai do conhecido epigrafista José Maria Cordeiro de Sousa (1886-1968).

datar-se a docente no Curso Superior de Letras, mas foi preterido num concurso vencido por Teófilo Braga e que teve como terceiro candidato Pinheiro Chagas. Atribui-se-lhe um pequeno opúsculo (*O concurso do Curso Superior de Letras – Curiosidades – a questão jurídica*, Lisboa, 1872) em que se comentam os resultados desse procedimento concursal e se reclama por não ter sido escolhida uma personalidade formada nessa instituição, qualidade que só ele possuía.

Na sua carreira sobrepõe ainda a sua forte ligação ao jornalismo, assumindo aos 25 anos as responsabilidades de direcção de *A Voz de Setembro*, devido à sua estreita ligação à importante figura política de António Rodrigues Sampaio, que abandonava essa mesma função para exercer cargos governativos (MACHADO, 1981, 136). Apesar de ter assumido por pouco tempo essa responsabilidade, continuou como colaborador nesse e em vários outros periódicos, muitos deles importantes, e ele próprio se tornou proprietário do *Comércio de Lisboa* e fundou a *Revista de Portugal e do Brasil* http://dichp.bnportugal.pt/imagens/Cordeiro_Luciano.pdf (consult. 10/04/2021).

Mas talvez um dos aspectos mais sublinhados do seu percurso, e para o assunto vertente sem dúvida o mais relevante, tem que ver com a sua actividade no âmbito da Sociedade de Geografia de Lisboa, para cuja criação, ocorrida em 1875, contribuiu de forma decisiva¹⁰. Contemporaneamente integra também a Comissão Central Permanente de Geografia, uma instituição de idênticos fins, de natureza oficial, criada por decreto governamental de 17 de Fevereiro de 1876, mas que um pouco mais tarde (por decreto de 12 de Agosto de 1880) virá a ser integrada na Sociedade de Geografia. Ainda que não sejam as instituições que determinam a escolha das personalidades convidadas para a “Conferência da Citânia”, sem dúvida que a qualidade de principal figura desta agremiação científica pesou muito no convite que lhe foi dirigido por Martins Sarmento. Tal como, naturalmente, o facto de o escavador de Briteiros ter sido nomeado membro da instituição presidida por Luciano Cordeiro se poderá ver como reconhecimento pelos meritórios trabalhos arqueológicos, que este tivera oportunidade de apreciar.

Uma das iniciativas que Sarmento toma antes de se lançar propriamente na organização da conferência residiu no envio de colecções de fotografias que ilustravam aspectos dos trabalhos que ele tinha desenvolvido em Briteiros (Fig. 8). Uma dessas séries de fotos é enviada à Sociedade de Geografia, tendo incumbido Luciano Cordeiro, na sua qualidade de secretário, de dar delas conhecimento aos seus consócios (CORDEIRO, 1876, p. 86), encargo que concretiza em reunião de 30 de Abril de 1877 (SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, 1876, p. 225). Esse facto não pode desligar-se da sua admissão como sócio correspondente dessa agremiação, a qual vem a ser aprovada em assembleia de 29 de Dezembro de 1876 (SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, 1876, p. 143-144). Após a sua deslocação à Citânia, não deixa de dar o devido relevo ao sítio, cumprindo dois objectivos: justificar a sua visita ao sítio e divulgar, em primeiro lugar no âmbito da Sociedade e depois a um público ilustrado, um dos monumentos paradigmáticos da arqueologia portuguesa (CORDEIRO, 1876).



Fig. 7 – Luciano Cordeiro, o representante da Sociedade de Geografia de Lisboa.

¹⁰ Uma importante análise desta vertente da sua personalidade em CARVALHO, 1987, também em <http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/126-1> (consultado em 10/04/2021), onde ele é designado como “duca e maestro” dessa notável agremiação científica.



Fig. 8 – Outro aspecto dos vestígios arqueológicos de Briteiros (*Ilustração Portuguesa*, 1910, p. 478).

4.1.5 – Augusto Filipe Simões (1835-1884) (Fig. 9)

É uma personalidade do mundo universitário, que foi Lente¹¹ de Medicina na Universidade de Coimbra, então a única do país (ainda que existissem cursos superiores em Lisboa e Porto), onde desenvolveu uma carreira breve, mas com aspectos dignos de relevo. Iniciou a sua formação académica em Matemática, mas mudando logo para Filosofia, tendo-se formado em 1855, e concluindo, mais tarde (1860), também o curso de Medicina. Entre os primeiros cargos desempenhados conta-se o de “facultativo do município de Goes” (1860-1862), seguido de professor do liceu de Évora, cidade onde ocupou o lugar de Bibliotecário da Biblioteca Pública, tarefa que exerceu de 1863 a 1872, sucedendo a Cunha Rivara (CARVALHO, 1888, p. 373), empenhando-se em particular na reorganização do Museu de Cenáculo, ao qual a biblioteca se encontrava ligada. Esta experiência justificou a sua nomeação como bibliotecário da Universidade de Coimbra, tendo dado início ao processo da sua reestruturação, que não teve tempo de concluir (CARVALHO, 1888, p. 378).

O aspecto mais marcante da sua actividade, tendo sobretudo em conta o tema deste trabalho, talvez resida no facto de ter sido um elemento preponderante do Instituto de Coimbra na sua fase inicial. Foi sócio efectivo desta instituição, que existia desde 1851, a partir de 13 de Janeiro de 1859, e no âmbito dela, em reunião da secção de Literatura e Belas Artes, se propôs a constituição de uma comissão de cinco membros que se encarregasse de “examinar os principaes monumentos architectonicos, existentes nesta cidade” e de os descrever e

¹¹ Filipe Simões tornou-se lente substituto em 1873 (e nessa qualidade visitou a Citânia) e, mais tarde (em 1882), lente catedrático.

estudar¹². Mas a mudança de paradigma em relação a esta vertente só ocorre mais tarde, com a criação da secção de Arqueologia, integrada na Classe de Litteratura e Bellas Artes dessa academia, a cuja criação a sua figura se encontra especialmente associada. Esta secção é instituída na sequência de uma proposta por ele apresentada na sessão do dia 5 de Março de 1873, cuja comissão ficou desde logo constituída com oito personalidades, nas quais se incluía, naturalmente, o proponente¹³.

Essa iniciativa de Filipe Simões acabaria por dar igualmente origem ao respectivo Museu, como consta dos próprios documentos internos¹⁴. Este será uma realidade que se vai progressivamente formando, mas cuja existência se inicia também nesse momento, uma vez que, nessa mesma reunião “o Sr. Miguel Osorio, louvando as ideias do Sr. Dr. Filipe Simões, fez à associação offercimento de alguns objectos de valor archeologico que possui” (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288), para além de doar algum espólio bibliográfico sobre a mesma temática. A esse espólio se deveria juntar, segundo a proposta desse benemerente associado, também um conjunto de “inscrições lapidares”, tanto as que a própria Reitoria da Universidade possuía, como as que tinham estado no Arco da Alegria e que eram propriedade da Câmara Municipal (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288). O papel particularmente activo de Filipe Simões no âmbito desta secção reflectir-se-ia igualmente no facto de ele se ter disponibilizado para proferir uma conferência com o tema: *A arquitectura conimbricense até ao fim da Idade Média*. Esta experiência no domínio da museologia foi continuada por várias outras iniciativas neste domínio (uma síntese em FERREIRA & FREITAS, 2019).

Outra vertente das actividades relevantes no plano arqueológico nesta fase do Instituto de Coimbra consistiu nas escavações na cidade romana de *Conimbriga* e nos debates científicos em torno da história da cidade, em que participou activamente Filipe Simões. O interesse por este sítio arqueológico, no entanto, remontava já à entidade que a antecederia, o Instituto Dramático, formado no âmbito da Nova Academia Dramática, o qual anuncia que no dia 23 de Abril de 1840 se iniciaram “as explorações” de Conímbriga com uma visita às ruínas, tendo-se recolhido “várias medalhas e moedas dos romanos, e algumas inscrições” (FERREIRA, 2012, p. 76). Percebe-se que, com a criação da secção de Arqueologia, o entusiasmo pela cidade arruinada ganha novo fôlego e logo nas reuniões seguintes se debatem intensamente os problemas da cidade, onde foi substancial o contributo de Filipe Simões (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873). Contra a ideia de que se trataria de um acampamento, este sustentou que Conimbriga era uma cidade romana, com todos os seus elementos, habitações, templo, muralha, aqueduto, etc. (SIMÕES, 1875, p. 118-119).



Fig. 9 – Augusto Filipe Simões, o professor da Universidade de Coimbra.

¹² VASCONCELOS, 1896, p. 273.

¹³ Para uma síntese das principais decisões tomadas nessa reunião v. VASCONCELOS, 1896, p. 274.

¹⁴ O *Extracto da acta da reunião do dia 5 de março de 1873*, que relata o essencial, diz, a este respeito: “Propoz o sr. Dr. Augusto Filipe Simões que se nomeasse uma secção de archeologia e que numa das salas do Instituto se desse cabida aos monumentos archeologicos e epigraphicos que esta associação podesse adquirir e que chamassem a attenção dos que prezam as investigações archeologicas” (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288).

É autor de alguma importante bibliografia arqueológica, onde se destacam obras dedicadas em especial à arquitectura medieval da cidade de Coimbra: *Relíquias da arquitectura romano-bizantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra* (SIMÕES, 1870), *Da arquitectura religiosa em Coimbra, durante a Idade Média* (SIMÕES, 1875), este correspondente ao texto da conferência prometida aquando da constituição da secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra (INSTITUTO DE COIMBRA, 1873, p. 288). Mas talvez a sua obra mais interessante no plano arqueológico seja a sua *Introdução à arqueologia da Península Ibérica* (SIMÕES, 1878), um trabalho precursor.

Tendo em conta todo o relevante percurso arqueológico anterior à celebração do evento, não surpreende que o seu nome tenha sido incluído no elenco dos convidados.

4.1.6 – Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908) (Fig. 10)



Fig. 10 – Joaquim Filipe Nery Delgado, o adjunto da Direcção da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

Este conhecido e elogiado geólogo e arqueólogo teve a sua formação no domínio da Engenharia Militar, tendo completado este curso na Escola do Exército, no ano de 1855 (ZILHÃO, 1993, p. 4; CARDOSO, 2008, p. 65). A sua personalidade científica não pode desligar-se do facto de ter integrado, desde a sua criação, em 1857, a 2.^a Comissão Geológica de Portugal, assumindo o posto de adjunto. Nessa qualidade desenvolveu uma actividade sobretudo centrada na geologia, sendo uma das suas primeiras realizações, com Carlos Ribeiro, a Carta Geológica de Portugal (à escala 1:500 000), uma das tarefas essenciais do organismo em que se integrou, cuja 1.^a edição ocorreu em 1876, precisamente no ano anterior à realização da Conferência da Citânia.

São bem conhecidos também os seus múltiplos contributos no domínio da Arqueologia, nomeadamente no domínio da Pré-História, em particular através dos seus trabalhos paradigmáticos em sítios como a gruta da Casa da Moura, no planalto das Cesaredas (Óbidos) e da Furninha (Peniche) (CARDOSO, 2020).

Parece que as primeiras intervenções nestas cavidades se realizaram nos anos de 1865 e 1866, como se depreende dos seus próprios cadernos de campo¹⁵ e de uma informação contida no relatório dos *Trabalhos Geológicos* correspondentes ao ano económico de 1879-80, sendo claro que neste último período essas se retomaram e se ampliaram¹⁶. Os bons resultados dos trabalhos levados a cabo nessa fase mais precoce na Casa da Moura, Cesareda, justificaram que se desse deles conhecimento passado pouco tempo (DELGADO, 1867).

Deste modo, a presença de Nery Delgado no número de visitantes, poderia justificar-se em primeiro lugar pelo facto de integrar “a única instituição pública que desenvolvia actividade de investigação no domínio da arqueologia” (CARDOSO, 2008, p. 65), depois pela notoriedade destas suas primeiras iniciativas arqueológicas, num momento em que estas eram ainda muito escassas e em que a qualidade metodológica dos

¹⁵ Segundo o que neles consta, o dia 19 de Janeiro de 1865 marcaria o seu início (ZILHÃO, 1993, p. 4).

¹⁶ Reprodução do texto correspondente em CARDOSO, 2008, p. 71. Ver também, para uma visão completa e exaustiva dos trabalhos realizados na segunda campanha de escavações dirigida por Nery Delgado nesta gruta em 1879 e 1880, CARDOSO, 2020.

seus trabalhos, também hoje particularmente reconhecida (ZILHÃO, 1993, esp. p. 15; CARDOSO, 2020), já se tinha afirmado.

4.2 – Outros participantes

Numa carta de 31-7-1879, dirigida a Pereira Caldas, Martins Sarmiento anuncia-lhe que está a escrever “um livreco” para corrigir afirmações de Hübner sobre a Citânia, mostrando vontade de o enviar a “cada um dos conferentes da Citania”. Com receio de se esquecer de algum, pede ao seu correspondente que lhe confirme se a lista “dos de Braga” que enuncia está completa e, ao mesmo tempo, o nome completo de dois deles. Desta forma ficamos a saber que, pelo menos para Sarmiento, a lista era consideravelmente mais extensa do que a enunciada nas várias descrições do evento, sendo surpreendente a inclusão, nesta categoria, de algumas figuras locais menos conhecidas e aparentemente menos versadas nos problemas que se iriam discutir.

Joaquim de Azevedo de Araújo e Gama, 1.º Visconde da Torre das Donas (1833-1883) foi governador civil do distrito de Viana do Castelo (1868, 1871, 1878) e é convidado na qualidade de representante do grupo dos entusiastas das escavações de Santa Luzia, em Viana do Castelo, certamente por indicação de Possidónio da Silva.

Dr. José Alfredo da Câmara Leme, conservador da comarca de Viana do Castelo desde 1870, estava na mesma condição que o anterior.

O Visconde de Pindella, João Machado Pinheiro Correia de Melo (1824-1891), natural de Guimarães, que era ao tempo presidente da câmara municipal de Braga e, para além disso, parente muito próximo da esposa de Martins Sarmiento (SARMENTO, 1923, p. 102), também se inclui, compreensivelmente, na comitiva. Acompanha-o Vicente Pindella, provavelmente o seu filho primogénito, nascido em 1852, e na altura estudante de Direito em Coimbra (termina o curso em 1879), aparecendo como representante da imprensa dessa cidade (CALDAS, 1881, p. 344) e que se apresenta como maestro que dirige a orquestra animadora do baile (*Religião e Pátria*, 13 de Junho de 1877).

Junta-se também Henrique Guilherme Thomas Branco, diplomado em engenharia civil pela Escola Politécnica do Porto, que foi director das obras públicas de Braga, vindo a tornar-se sócio efectivo da Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses em 10 de Dezembro de 1877 (FARIA, 1938, p. 77), portanto, pouco tempo depois da realização da conferência.

Participa igualmente Fernando Castiço, historiador bracarense, bem conhecido pela sua *Memória Histórica do Centenário da edificação do Templo do Sanctuario do Bom Jesus do Monte*, personalidade local dedicada às antiguidades bracarenses e possuindo na sua casa um pequeno conjunto de inscrições romanas dessa cidade (BELINO, 1895, p. 36). É um dos que acompanham Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, na primeira visita destes à Citânia, no dia 8 de Abril de 1877, não sendo esse facto provavelmente estranho à circunstância de, pouco tempo depois, ter sido nomeado sócio correspondente da Sociedade de Geografia (CORDEIRO, 1877, p. 88).

5 – OS AUSENTES

Numa lista de convidados que parecia tão ambiciosa, é compreensível que nem todos tivessem disponibilidade para se deslocar a Guimarães, tanto mais que as sucessivas mudanças de data podem ter contribuído para a desistência de alguns. Mas haveria certamente outras razões que justificariam a ausência de algumas das figuras mais proeminentes de então no panorama cultural ou especificamente arqueológico.

5.1 – Alexandre Herculano

Tinha sido convidado mais pelo facto de ser uma figura de prestígio da academia do que propriamente por Sarmento esperar dele um contributo científico relevante, sendo de presumir que tenham sido particularmente Pereira Caldas e Sousa Holstein a sustentarem a necessidade de o trazer à Citânia. Será, de resto, o professor bracarense que se vai encarregar dos contactos com ele, usando Bulhão Pato como intermediário. Herculano mostra, simpaticamente, indisponibilidade para corresponder ao convite, invocando motivos de saúde e, ao mesmo tempo, as dificuldades em empreender uma viagem tão longa a Braga a Guimarães naquela idade (SARMENTO, 1925, p. 7-8). Na realidade, Alexandre Herculano, já retirado há muito na sua Quinta de Vale de Lobos, viria a falecer pouco tempo depois da ocorrência, a 13 Setembro de 1877.

5.2 – Carlos Ribeiro

Entre os nomes mais sonantes da arqueologia portuguesa se encontravam Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, da então designada Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, o primeiro dos quais era especialmente desejado pelo escavador da citânia. Esse interesse particular é esclarecido numa missiva de 8 de Fevereiro de 1877¹⁷, onde confessa que pretende ouvi-lo sobre uma estrutura que lhe parece ser um dólmen, integrada no castro, o que suscitaria a hipótese de estes povoados serem mais antigos, de origem pré-céltica (SARMENTO, 1922, p. 110), circunstância que conviria bem às convicções que mais tarde vai sustentar. Essa esperança de receber o ilustre geólogo é alimentada pela resposta afirmativa ao convite, de que dá conta em carta do dia 4 de Abril de 1877 ao seu amigo e correspondente bracarense (SARMENTO, 1923, p. 5), mas a alteração da data do evento, que ocorre alguns dias depois, acaba por frustrar essa expectativa.

Na realidade, vai ser Nery Delgado quem acaba por responder a Sarmento sobre esta questão para ele tão relevante, assunto que é tratado em missivas posteriores à conferência, na sequência da carta que Sarmento lhe remete a 17 de Dezembro de 1877, e que suscita uma troca de correspondência assídua que vem a desenvolver-se ao longo do mês seguinte (FERREIRA, 1969, p. 243-252).

5.3 – Estácio da Veiga

Estácio da Veiga surge na lista por sugestão feita pelo Marquês de Sousa Holstein a Martins Sarmento, como se depreende da correspondência trocada entre este e Pereira Caldas. Não podemos esquecer que, pelo menos desde os inícios do ano de 1876, Sousa Holstein reconhecia capacidades do arqueólogo do Algarve, dado que por proposta dele tinha sido incumbido oficialmente da intervenção na necrópole romana de Marim para a qual se tinha disponibilizado, invocando o seu conhecimento das realidades romanas daquele território (carta de 2 de Fevereiro de 1877, em PEREIRA, 1981, Documento nº. 13; CARDOSO, 2006, p. 303). Para além disso, os seus méritos científicos já tinham sido anteriormente reconhecidos por instituições prestigiadas, como a Real Associação de Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, que o admitiu em 1873, ainda que ele próprio tivesse tomado a iniciativa de se desligar dela, em 1875 (CARDOSO, 2006, p. 298). Pouco depois, em 18 de Novembro de 1875, foi proposto para sócio da Academia das Ciências de Lisboa, tendo sido admitido na Segunda Classe em 8 de junho de 1876 (CARDOSO, 2006, p. 299).

¹⁷ Mais genericamente, manifesta-se igualmente em carta que Sarmento dirige a Nery Delgado em 20 de Março de 1877 (FERREIRA, 1969, p. 240).

As suas competências no domínio arqueológico eram pois bem conhecidas de Sousa Holstein (CARDOSO, 2006, p. 303) e por isso se compreende que o nome de Estácio da Veiga surja entre os convidados, quando se pensava ainda realizar o evento no ano de 1876, como recorda Sarmiento em carta a Pereira Caldas, datada de 30 de Outubro de 1876 (SARMENTO, 1925, p. 77; FABIÃO, 2019, p. 87). O arqueólogo algarvio responde a 26 de Novembro de 1876 (FERREIRA, 2007-2009, p. 124-125), agradecendo o convite e invocando uma série de razões que poderiam limitar o alcance da sua participação: desconhecer as realidades arqueológicas do Norte de Portugal e estar empenhado numa série de trabalhos, entre os quais cita a publicação das suas *Antiguidades de Mafra* (VEIGA, 1879) e, em particular, o estudo da tábuca de bronze de Aljustrel, “cuja lição epigráfica, assaz difícil, franquei ao distinto escritor Augusto Soromenho” (sobre os problemas que vem a suscitar esta colaboração v. GUERRA, 2014, p. 218). Apesar disso, acaba por aceitar esse convite “com particular satisfação” (FERREIRA, 2007-2009, p. 124), mas o adiamento da conferência e os acontecimentos subsequentes à grande cheia do Guadiana, em 7 de Dezembro de 1876, vão mudar completamente a sua disponibilidade.

Quando se projecta para o período pascal a realização da conferência, o nome de Estácio da Veiga surge novamente, mas este desta vez nem sequer acusa a convocatória, como assinala Martins Sarmiento (SARMENTO, 1923, p. 5; FABIÃO, 2019, p. 87). A razão de tal atitude prende-se por, entretanto, ter sido oficialmente encarregado, por portaria de 11 de janeiro de 1877, do “exame das antiguidades” da região afectada pelas cheias do Guadiana (CARDOSO, 2007, p. 302-304; FABIÃO, 2019, p. 87-89), e em particular para os seus efeitos na vila de Mértola, pelo que já não responde à missiva que lhe foi dirigida. Apesar de só ter chegado a Mértola a 2 de Março de 1877, Estácio da Veiga andaria particularmente ocupado com esta e outras tarefas, o que justificará essa falha, somando-se ao facto de ter mudado de residência entre 5 e 14 de Fevereiro, trocando a sua morada na zona de Palhavã por um terceiro andar na R. de S. José (CARDOSO, 2007, p. 310-312).

6 - PERIPÉCIAS DA ORGANIZAÇÃO DO EVENTO

Persiste por vezes alguma confusão a respeito das datas em que ocorreu a conferência da Citânia, talvez porque o evento foi sendo sucessivamente adiado. A primeira ideia era realizar a conferência no Outono de 1876 (LEMOS, 1985). Parece que o primeiro dia apazado teria sido 4 de Novembro de 1876, como poderá ser sugerido por uma notícia colhida no Correio do Minho (n. 167, de 22 de Setembro de 1903, transcrita em VASCONCELOS, 1904, p. 130), o qual, numa sùmula biogràfica de Pereira Caldas aponta, erradamente, mas talvez com base em alguma informação documental, esse momento como o da efectiva realizaçã do encontro científico. O próprio Leite de Vasconcelos, geralmente bem informado e bastante rigoroso, aponta 1876 como o ano da realizaçã do “congresso archeologico da Citania de Briteiros, no Minho, promovido pelo fallecido archeologo Martins Sarmiento” (VASCONCELOS, 1901, p. 53); Sande Lemos aponta a data Março de 1877 (1995, p. 117), mas no mesmo artigo situa a mesma em Junho desse mesmo ano (LEMOS, 1995, p. 120).

Sabemos que, gorada a possibilidade de a reuniã se concretizar ainda em 1876, foi marcada para 8 de abril de 1877 (carta de 18 de Março, SARMENTO, 1922, p. 241-242; LEMOS, 1985, p. 200), isto é, no domingo seguinte ao da Páscoa, ainda incluído no período de férias, circunstância que, segundo Sarmiento, seria vantajosa e desejável (Carta de 14 de Fevereiro in SARMENTO, 1922, p. 111). Além disso, permitiria preparar a realizaçã com mais tempo e superar, eventualmente, as dificuldades que a primeira data teria levantado. Um momento decisivo na preparaçã do acontecimento parece ter sido uma visita ao sítio, em meados de Março, “com o fim de verificaçã de alguns tópicos d’exame d’aquellas ruinas venerandas” em que participaram Sarmiento e Pereira Caldas “com alguns amigos d’um e outro”, anunciando-se que a conferência “deve

ter lugar nos dias 8 e 9 do próximo abril” (*Correio do Minho*, 22 de Março de 1877, transcrito em OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, p. 123, nota 60).

Realizam-se os convites, dispõe-se já de um elenco avultado de personalidades, apesar de algumas inevitáveis ausências, quando Sarmiento, muito perto do dia aprazado, coloca a hipótese de ele ser de novo protelado. Só em carta do dia 1 de Abril de 1877 (SARMENTO, 1922, p. 369), dia de Páscoa e a uma semana de distância, Sarmiento pondera novo adiamento do evento, e essa possibilidade passa a certeza numa missiva do dia seguinte (SARMENTO, 1922, p. 370), anunciando, ao mesmo tempo, que tinha já começado a enviar os avisos dessa alteração. A justificação dessa mudança encontrava-se nas condições meteorológicas, que exigiram tempo estável ao longo de vários dias e que, não se verificando essas circunstâncias, seria melhor protelar a sua realização, o que acabou por acontecer.

Esse adiamento tão próximo da data aprazada acabou por causar alguns embaraços, como aconteceu no caso de Luciano Cordeiro, que já tinha iniciado a sua viagem e no dia 4 de abril se encontrava em Viana do Castelo, pronto para rumar a Braga ou Porto, para depois se dirigir a Guimarães, sugerindo, por isso, ao seu anfitrião que o adiamento anunciado não fosse superior a dois dias. Sarmiento encarrega Pereira Caldas de lhe entregar a carta em que se dissipavam todas as dúvidas sobre uma suspensão, *sine die*, do evento (carta de 6 de abril de 1877, SARMENTO, 1923, p. 8), mas Luciano Cordeiro apresenta-se mesmo por esses dias. Este descreve a sua viagem, a partir de Braga, na companhia de Gabriel Pereira e dos bracarenses Fernando Castiço e Manuel Marques da Costa, bem como a visita a Briteiros, guiada por Martins Sarmiento e Pereira Caldas (CORDEIRO, 1877, p. 88; cfr. SAMPAIO, 1894, p. 45). Assinale-se que Gabriel Pereira é identificado como um dos ausentes na conferência do dia 9 de Junho (CALDAS, 1881, p. 345), pelo que daqui se presume que estas indicações se referem a uma ida de Luciano Cordeiro à citânia de Briteiros em data anterior.

Por uma publicação de Pereira Caldas na revista *La Academia* (CALDAS, 1877a) ficamos a saber dos pormenores que envolveram esta chegada indesejada, mas não inesperada, de Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira. A subida à citânia de Briteiros acabou por ocorrer no próprio dia previsto, isto é, a 8 de Abril, “apesar do chuvoso do tempo”, depois de o professor do liceu bracarense ter telegrafado ao anfitrião, que os esperou nas Caldas das Taipas (LEMOS, 1985, p. 200-201). Para além de uma breve descrição do que mais suscitou a atenção dos ilustres convidados, o narrador do evento, muito atento a esse aspecto, dá conta da componente social, “um jantar esplêndido, animado sempre d’uma conversação ilustrada, como decerto nunca se ouvira no salão da hospedaria das *Caldas das Taipas*” (CALDAS, 1877, p. 285).

No caso de Possidónio da Silva a situação era ainda mais delicada, porque este anunciava mesmo a sua chegada. No relatório que apresenta à Associação a que presidia explica precisamente que “tendo só recebido na cidade do Porto contra-aviso”, acabou por rumar a Viana do Castelo, onde já se encontrava no dia 11 de Abril, preparado para subir ao monte de Santa Luzia (SILVA, 1877a, p. 28). De qualquer modo, o arqueólogo vimaranense pensa já em encontrar também uma solução de recurso para ele, prevendo uma visita que deveria culminar com um jantar nas Taipas, circunstância que não exigiria a logística complexa que ele tinha concebido para o tão desejado acontecimento. Na iminência de receber Possidónio da Silva isoladamente e, na eventualidade de o mesmo vir a acontecer com Luciano Cordeiro, Sarmiento já admite que não seria mesmo má ideia uma conferência feita “aos pelotões” (SARMENTO, 1923, p. 8). E, na realidade, é o que acaba, em parte, por acontecer.

Possidónio da Silva não se apresenta logo em Guimarães, mas, como se disse, segue primeiro para Viana do Castelo, onde chega a 11 de Abril, dando início a uma escavação no castro de Santa Luzia, de que resulta a descoberta de um conjunto bastante amplo de estruturas, quase todas circulares ou elípticas (SILVA, 1877a, p. 28-29). Estes trabalhos terão terminado no dia 17 do mesmo mês, altura em que recebeu a visita das autoridades locais (SILVA, 1977a, p. 30), dirigindo-se a Braga no dia seguinte, onde é recebido por Pereira Caldas e

este, por sua vez, avisa Sarmiento, ajustando a subida a Briteiros para 19 de Abril, a partir de Caldas das Taipas. “Chegados de Braga alli, fomos todos ao monte da Citania, onde o illustrado creador do museu do Carmo em Lisboa – apesar do que tem visto e examinado no estrangeiro – declarou estar surpreso e maravilhado e concordar em tudo e por tudo com a *hypothese celtista*”¹⁸ (CALDAS, 1877, p. 285 ; LEMOS, 1985, 201).

Essa alteração de data acabou por ter outras consequências indesejadas, tendo levado à desistência de alguns dos que já tinham confirmado a sua presença, em certos casos com manifesta mágoa para o seu principal promotor. Não pode esquecer-se que este tinha manifestado um interesse muito particular em ouvir a opinião de Carlos Ribeiro (“eu desejaria principalmente o Carlos Ribeiro”, diz ele em carta de 8 de Fevereiro de 1877, v. SARMENTO, 1922, p. 110), o qual tinha confirmado a sua presença na Citânia no domingo de Pascoela, mas que já não irá responder da mesma forma à nova convocatória.

Entretanto Sarmiento vai pensando numa nova data mais adequada e em carta de 23 de Abril coloca a possibilidade de se estabelecer o dia 6 de Maio (SARMENTO, 1923, p. 99); porém, a 4 de Maio, já se refere uma outra hipótese, a de 23 e 24 de Maio, sempre sob reserva e por isso rodeando-a de algum secretismo, lamentando assim que o periódico *Religião e Patria* tenha anunciado os dias 22 e 23 desse mesmo mês (SARMENTO, 1923, p. 102). No entanto, neste caso concreto, para além das dificuldades tradicionais – a ameaça das condições meteorológicas, porque “de New York dam mau tempo desde 22 a 26” (SARMENTO, 1923, p. 100), vem-se juntar um outro sério impedimento: nessa data será julgado “e provavelmente condenado” um parente próximo da sua mulher, precisamente Vicente Pindela, um dos participantes na conferência, pelo que “é preciso deixar passar alguns dias de *lucto*” (SARMENTO, 1923, p. 102). Já desesperado com tanto adiamento (“parece que o diabo se tem divertido a semear obstáculos à malfadada conferencia”) aponta para um período entre 10 e 15 de Junho (SARMENTO, 1923, p. 102).

Finalmente acerta-se a data em que a conferência vai mesmo ocorrer. A tradição consagrou o dia 9 de Junho de 1877, mas talvez valha a pena recordar que ela decorreu em dois dias seguidos e que a vertente considerada mais importante por Sarmiento, isto é, a discussão entre os pares das questões relativas à citânia, uma parte das quais tinha sido plasmada no questionário, teve lugar no dia 10 de Junho. Para ele esse era o verdadeiro dia da “conferência”, distinto da visita ao sítio, que tinha ocorrido no dia anterior. Talvez por essa razão um dos raros documentos em que se aponta o dia 10 de Junho como a data da sua realização seja precisamente um manuscrito seu, correspondente ao relato dos trabalhos de escavação levados a cabo nesse período, na citânia, em relação aos quais Sarmiento justifica a ausência de informação entre 3 de Junho e 20 de Junho pela escassez de achados e pela falta de tempo causada pelos preparativos da visita e da conferência, indicando esse dia (SARMENTO, 1905, p. 8, nota 1). Desta forma, é claro para ele que o evento era constituído por duas partes, de natureza e importância distintas: a visita e todos os actos oficiais e sociais inerentes, a 9 de Junho; e, no dia seguinte, a parte mais substancial, a que tinha motivado verdadeiramente Sarmiento a realizar a convocatória e da qual ele esperava obter esclarecimento sobre as principais questões científicas que directamente colocara os visitantes.

O questionário arqueológico, uma das componentes fundamentais da conferência, é um dos aspectos ajustados previamente entre Sarmiento e Pereira Caldas e dessa partilha de opiniões dá conta a correspondência trocada entre ambos nesse período de preparação. Surge de forma mais clara, mas ainda algo vaga, em carta de 20/3/1877 (SARMENTO, 1922, p. 243). No entanto, numa extensa missiva datada de 23/3/1877, já perto do que seria uma das datas previstas para a conferência, ele remete finalmente o texto numa versão bastante

¹⁸ Pereira Caldas insiste, tanto a respeito de Possidónio da Silva como de Luciano Cordeiro e Gabriel Pereira, na concordância de todos com a *hypothese celtista*, ideia que dominaria, nessa altura, o pensamento sarmentino, mas que irá sofrer uma radical inversão (GUERRA, 1999).

completa, ainda que o apresente como um documento “redigido à pressa”, em sete pontos, submetendo-o à consideração do seu interlocutor (SARMENTO, 1922, p. 365-368). Todavia, na correspondência seguinte (de 1 e de 2/4/1877) torna-se claro que acaba por ser adiado o encontro científico e, portanto, a impressão da versão definitiva do documento, que estaria a carga de Pereira Caldas (SARMENTO, 1922, p. 369), torna-se, naturalmente, menos urgente.

Na realidade, a versão definitiva desse texto, será constituída por nove perguntas (uma transcrição integral em CALDAS, 1881, p. 342-344), algumas delas com múltiplas interrogações correlacionadas, acrescentando-se alguns quesitos e alterando-se outros. As novidades introduzidas dizem respeito a três tópicos: o problema do abastecimento de água ao povoado, que constitui o ponto V do questionário definitivo; a natureza dos artefactos e sua procedência (ponto VI); e as razões que levaram ao fim da Citânia, bem como cronologia deste momento (ponto IX).

Mantiveram-se, desde logo, as duas questões iniciais, de natureza linguística, relativas ao significado da palavra *citânia*, a sua relação com *Cidadelhe* e *Cividade*, a sua etimologia e a sua eventual afinidade com o termo inglês *Cytiau* (quesitos I e II). Também faziam parte do plano inicialmente concebido por Sarmento a interrogação sobre a Pedra Formosa e a sua função (quesito VII) e o problema dos rituais funerários (quesito VIII), sobre os quais o interesse do escavador da Citânia é grande, lamentando, todavia, o facto de não ter encontrado ainda a necrópole, apesar dos muitos esforços nesse sentido (p. ex. em carta a Possidónio da Silva, de 28 de Junho de 1877, PIMENTA, 1933, p. 19-20).

Naturalmente, o escavador da citânia estava particularmente empenhado neste documento e no que dele resultaria, uma vez que daí dependeria em boa parte o sucesso científico desse encontro. Mas as condições em que este se realizava, os conhecimentos da época e a perspectiva com que os conferentes se apresentavam não eram propícios a que se obtivesse o efeito desejado por Sarmento, acabando por se revelar algo frustrante.

O outro documento complementar apresentado aos visitantes foi o *Indiculo dos objectos d'exame na Citania de Briteiros entre Braga e Guimarães*, uma ideia de Pereira Caldas. Em Carta de 20/3/1877, Sarmento parece mostrar-se bastante crítico em relação a essa iniciativa, não percebendo bem a natureza desse documento e parecendo mesmo pôr em causa a utilidade ou pertinência de alguns dos tópicos lá incluídos (Cartas de 20 e 21/ 3/ 1877 – SARMENTO, 1922, p. 242-245). No entanto, o projecto vai-se aproximando dos objectivos que o escavador da citânia entende adequados, a saber, servir de guia de observação na visita ao sítio, pelo que acaba por ser materializado numa publicação (CALDAS, 1877b).

7 – O BALANÇO DA CONFERÊNCIA

O acontecimento conhecido como a “Conferência da Citânia”, para além ter um forte impacto na vida da comunidade vimaranense de então, adquiriu na altura alguma repercussão no plano nacional. O principal indício dessa projecção mais ampla residiu no facto de algumas publicações terem enviado representantes a acompanhar o acto. Numa das descrições desse evento dá-se conta da presença do “Diário da Manhã”¹⁹, da

¹⁹ Este jornal lisboeta tinha sucedido, em 1876, ao periódico político “A Discussão”, mantendo-se na direcção Pinheiro Chagas, o qual, por sua vez, era sócio fundador da Sociedade de Geografia, de recente criação (1875), a mesma instituição que estava representada neste evento por Luciano Cordeiro. Essa circunstância poderia justificar o particular interesse da publicação neste evento.

“Democracia”²⁰, do “Comércio do Porto”, do “Comércio Português”²¹ e da “Borboleta” [são enviados: Apolino da Costa Reis (O Commercio Portuguez); Manuel Maria Rodrigues (Comercio do Porto), Magalhães Lima (Democracia), Gervasio Lobato (Diario da Manhã)]. Pelo menos alguns deles jornais de certa projecção, correspondendo à sua importância, reflectida na presença de algumas figuras proeminentes das mais importantes instituições científicas e culturais do país: a Academia Real das Ciências de Lisboa, a Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, a Sociedade de Geografia, a Academia Real das Belas-Artes, o Instituto de Coimbra e a Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

De um modo geral, as apreciações à forma como decorreu a conferência são muito positivas, tanto a nível da imprensa local e nacional, como do meio científico, não se poupando elogios ao evento e ao seu principal promotor e, não menos importante, ao seu suporte económico. Apesar da participação de outros na organização do evento, era natural que os principais méritos dessa realização recaíssem em Martins Sarmiento. Tenha-se em conta que, à semelhança do que já acontecia com as escavações, toda a iniciativa era suportada economicamente por Martins Sarmiento, tendo apenas como contributo suplementar uma oferta do município de Guimarães que consistiu num evento social, um baile.

São especialmente favoráveis os ecos na imprensa local e nacional, à qual arqueólogo vimaranense não dava uma especial atenção, mas que se apresentava como um elemento essencial para Pereira Caldas e mesmo para Sousa Holstein. Os periódicos da cidade sublinhavam, naturalmente, a grande projecção que aquele acontecimento, de relevância nacional, tinha para uma cidade com um passado tão glorioso, como se verifica no relato do periódico *Religião e Pátria* de 13 de Junho de 1877: “Esta conferencia memorável, a primeira do seu género iniciada em Portugal, abriu sem duvida para a historia de Guimarães, rica já de si, uma das suas paginas mais gloriosas. /.../ A cidade, que foi berço da monarquia, vai assim engastar na coroa das suas pristinas glórias mais o padrão de iniciadora, no país, destes utilíssimos congressos, de que tantas vantagens pode tirar a ciência”.

Em outro sentido, talvez o mais significativo reconhecimento pelos méritos da conferência e especialmente do seu organizador, e também um dos mais imediatos, consistiu numa carta que os diferentes participantes endereçaram a Martins Sarmiento²².

Por outro lado, um evento científico com aquela importância e dado o seu carácter pioneiro, foi aproveitado para se pensar em iniciativas que dinamizassem a investigação arqueológica e que pudessem materializar-se em algumas estruturas, tanto a nível local, como nacional. Como se viu *supra*, no plano regional lançaram-se as bases do *Atheneu Archeologico de Braga*. No plano nacional, a circunstância de um bom número de arqueólogos se terem reunido no que foi realmente tomado com o primeiro congresso português e o facto de ali se encontrarem alguns dos mais influentes, justificou a iniciativa, de que se faz eco Sá Vilela, de criar um organismo que permitisse dar novo rumo à arqueologia, “para a continuação dos trabalhos archeologicos no nosso paiz; e para a renovação destes congressos nas províncias d’elle” (VILELLA, 1877, p. 12). Uma proposta

²⁰ Jornal de Lisboa, dirigido por José Elias Garcia, que publicou o seu primeiro número a 12 de Outubro de 1873.

²¹ Tratava-se de um jornal do Porto, cuja publicação se iniciou em 1875, e que teve como director Eduardo Monteiro Nunes de Carvalho. Sarmiento lamenta que, numa crónica posterior desta publicação se tenha depreciado a citânia, “dizendo que fora uma olaria e uma carvoaria” (SARMENTO, 1905, p. 31).

²² Subscreveram-na, para além dos “conferentes” Marquez de Sousa Holstein, Augusto Filipe Simões, José Joaquim Pereira Caldas, Augusto Teixeira d’Aragão, Joaquim Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Augusto Soromenho, os representantes das escavações de Santa Luzia, o Visconde da Torre das Donas, e José Alfredo da Camara Leme, e outras figuras Dr. Antonio d’Assis Teixeira de Magalhaes, os jornalistas: Gervasio Lobato (Diário da Manhã), Manoel Maria Rodrigues (Comércio do Porto), Apolino da Costa Reis (Comércio Português) e Magalhães Lima (Democracia) (transcrita em P., 1954).

concreta foi avançada por Pereira Caldas, apontando-lhe a designação de *Centro Archeologico Português* cujos estatutos chegaram mesmo a ser publicitados num periódico bracarense (CALDAS, 1877c). No entanto, discutindo-se o assunto em plena conferência, Augusto Soromenho sustentou a opinião segundo a qual esse organismo se deveria designar como *Associação Archeologica Martins Sarmiento*, propondo o escavador da Citânia para seu presidente (SIMÕES, 1888, p. 289; OLIVEIRA & FERNANDES, 1984, p. 125).

Na realidade nenhuma dessas entidades acabou por ganhar uma existência efectiva, mas pode considerar-se que o evento teve a vantagem de suscitar uma reflexão sobre o estado da investigação arqueológica e sobre os seus percursos futuros, especialmente no plano institucional. Fixar-se como objectivo dar continuidade a esta iniciativa pioneira significava, por si só, conferir-lhe uma importância considerável e valorizar o trabalho dos seus promotores, em especial a Martins Sarmiento. O “grupo de sábios” não lhe poupou elogios e partilharia certamente as breves mas sugestivas palavras de Possidónio da Silva sobre a conferência – “A recepção não podia ser mais brilhante, e o illustre proprietario d’aquellas antiguidades, dispensou as mais delicadas e generosas atenções aos seus hospedes. /.../ o serviço prestado á archeologia e ao estudos d’esta sciencia em o nosso paiz, pelos esforços do sr. Martins Sarmiento, são de tal ordem, que todos os que presam devidamente e suas uteis investigações lhes tributaram merecidos louvores; e seu nome ficara vinculado no annaes do paiz, como o iniciador e o fundador das conferencias archeologicas em Portugal” (SILVA, 1877b, p. 40).

No entanto, o presidente da RAACAP faz-se eco da perspectiva mais crítica do colega vimaranense sobre a sua escassa utilidade no plano científico: “todavia, o resultado da conferencia não correspondeu ao empenho que manifestára o sr. dr. Sarmiento, pois que não se tratou de todos os principaes quesitos do programma, nem tão pouco se resolveu cousa alguma ácerca da origem d’aquellas ruinas /.../” (SILVA, 1877b, p. 40).

Essa desilusão parece corresponder à de Martins Sarmiento e exprime-a ele próprio de forma ainda mais acentuada, fazendo alguns balanços perpassados de modéstia e de desencantamento com os resultados da iniciativa: “Disse não sei quem que fui o iniciador das conferencias archeologicas em Portugal. O título realmente é apparatuso; porem a verdade é que nunca tive intenção d’iniciar cousa nenhuma. Lembraram-me p^a reunir na Citania alguns entendedores, e cahi na asneira d’annuir, principalmente porque contava esclarecer-me em materias, de que nada sabia, e pelas quaes as excavações me iam fazendo interessar. /.../ As cousas correram doutro modo e quasi diplomaticamente; mas é claro que a culpa não foi minha.” (SARMENTO, 1948, p. 7).

Percebe-se claramente que os objectivos por ele fixados tinham sido completamente frustrados, não trazendo o contributo para o esclarecimento das questões que tinha tão cuidadosamente preparado. Esse desencanto foi confessado mais tarde, numa carta a Camilo Castelo Branco (BRANCO & SARMENTO, 1990, p. 41): “A Citânia tem já feito escrever muita folha de papel; mas quem comparar o que está escrito vê que tudo é repetição das primeiras notícias e que os nossos bons arqueólogos, alguns dos quais visitaram as ruínas e tinham à vista as fotografias dos principais achados, não adiantaram um fragmento de ideia.” Quem tinha tanto interesse em aprender com os ilustres visitantes, quem queria discutir longamente os assuntos que se colocavam e constata que nem uma coisa nem outra acontece, só poderia sentir que os objectivos que tinham presido à realização da conferência tinham sido frustrados. A frustração de Sarmiento era resultado de uma visão utópica sobre o conhecimento científico de então, em particular o dos seus hóspedes, e a sua capacidade para encontrar respostas aos quesitos que tinha preparado. Enquanto ele, numa fase pioneira da investigação sobre os castros, levava já alguns anos de observação e reflexão sobre aqueles vestígios arqueológicos e ia acumulando leituras sobre as questões de arqueologia, antropologia e etnologia que lhe permitissem questionar essa realidade, a muitos dos seus convidados faltava quase tudo isso. Era mais natural que, tendo ouvido falar

das novidades que Briteiros trazia e tendo oportunidade de conhecer o sítio, fossem mais levados a aceitar o convite pela curiosidade e pela vontade de observar essa realidade, do que por trazer ao amável anfitrião uma resposta para as suas dúvidas.

Apesar de se compreender a perspectiva pessoal de Sarmiento sobre a conferência, à distância de quase século e meio, o balanço sobre o evento não pode deixar de ser distinto. Trata-se de um acontecimento essencial da História da Arqueologia Portuguesa, não tanto por representar ele próprio um avanço no conhecimento, mas por, com carácter pioneiro, trazer ao conhecimento da comunidade científica um sítio que passará a ser um paradigma da cultura castreja, a qual, pela sua originalidade, vai ser apresentada como uma marca do carácter peculiar de uma região.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. Mendes de (1992) – A inscrição do Arco da Rua Augusta. *De Olisipo a Lisboa: Estudos olisiponenses*. Lisboa: Cosmos, p. 57-59.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1887) – Citânia. *Revista Archeologica e Histórica*. 1, p. 39-45.
- BELINO, A. (1895) – *Inscrições romanas de Braga (ineditas)*. Braga: Typographia Lusitana.
- BRANCO, C. Castelo; SARMENTO, F. Martins (1990) – Cartas. *Revista de Guimarães*. 100, p. 37-81.
- CALDAS, A. J. Ferreira (1881) – *Guimarães; apontamentos para a sua historia, vol. I*. Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1845) – Duas palavras sobre uma excavação feita nas Caldas de Vizella. *Revista Universal Lisbonense*. 4(46), p. 557-558.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1877a) – Conferencia archeologica da Citania. *La Academia*. 1, p. 284-285.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1877b) – *Indiculo dos objectos d'exame na conferencia archeologica da Citania de Briteiros*. Braga: Typographia Comercial.
- CALDAS, J. J. S. Pereira (1877c) – Estatutos do Centro Archeologico Portuguez. *A Borboleta*. Braga. 3, p. 89-90.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o 'Homem do Terciário': Resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, p. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Estácio da Veiga e a arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 14, p. 293-520.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Vida e obras de Estácio da Veiga. In *XELB 7. Encontro de Arqueologia do Algarve, 4, Silves, 2006 – "Percurso de Estácio da Veiga: actas" (Silves, 2006)*. Silves, p. 15-72
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado arqueólogo. *Nery Delgado (1835-1908), geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I. P.; Centro de História e Filosofia da Ciência – FCTUNL, p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2020) – A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880: a intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 26, p. 123-242.
- CARDOSO, J. L.; MELO, A. A. (2001) – Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a história da arqueologia em Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. 88, p. 309-346.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges pré-historiques de l'Espagne e du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CARVALHO, J. de (1987) – Homenagem a Luciano Cordeiro. In Carvalho, Joaquim, *Obra Completa. História e crítica literária. História de Ciência. 1925-1975. Vol. III*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 141-154

<http://www.joaquimdecarvalho.org/artigos/artigo/126-1.-Homenagem-a-Luciano-Cordeiro-/pag-1> (consultado em 7/4/2021)

- CARVALHO, J. Martins de (1888) – Necrologia, IV. In: *Escreptos diversos de Augusto Filipe Simões*. Coimbra: Imprensa de Universidade, p. 372-379, originalmente: Augusto Filipe Simões. In: *O Conimbricense*. Coimbra, 37 (3805) 5 Fev. 1884, p. 1-2.
- CORDEIRO, L. (1876) – Uma visita à Citânia. *Boletim da Sociedade de Geografia*. 1 (1876), p. 86-98.
- DELGADO, J. F. Nery (1867) – *Da existencia do Homem nosso solo em tempos mais remotos provado pelo estudo das cavernas. Notícia acerca das grutas da Cesareda*. Comissão Geológica de Portugal. Lisboa 1867.
- FABIÃO, C. (2019) – (1876-1891): nascimento da moderna arqueologia portuguesa. In: Beltrán Fortes, J.; Fabião, C.; Mora Serrano, B. – *La historia de la arqueologia hispano-portuguesa a debate*. Sevilla, p. 79-103.
- FARIA, A. Machado de (1938) – Protectores, Presidentes Honorários e Efectivos Lauréis Concedidos pela Associação – Sócios. In: *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol IV*. Lisboa: AAP, p. 39-141.
- FERREIRA, A. (2007-2009) – Cartas de Estácio da Veiga a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*. 117-119, p. 123-136.
- FERREIRA, E. & FREITAS, D. M. (2019) – Simões, Augusto Filipe. In: *Quem é quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de História de Arte, p. 295-297.
- FERREIRA, L. R. (2012) – *Instituto de Coimbra: o percurso de uma academia*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra / FCT. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21257/1/IC%20O%20percurso%20de%20uma%20academia.pdf>
- FERREIRA, O. da Veiga (1969) – Correspondência epistolar entre Martins Sarmiento e Nery Delgado. *O Arqueólogo Português*. 3.ª série, 3, p. 235-259.
- FREITAS, Dias (1876-1877) – Conferencia archeologica citaniense. *A Borboleta*. 2, p. 97-99.
- GUERRA, A. (1999) – Martins Sarmiento e a questão do celtismo. *Revista de Guimarães: Volume especial, Actas do Congresso de Proto-História Europeia*. Guimarães, p. 179-192.
- GUERRA, A. (2014) – Emilio Hübnner e os arqueólogos portugueses. In: D. Marzoli; J. Maier; Th. G. Schattner – *Geschichte er Madrider Abteilungen des Deutschen Archäologischen Instituts, IV – Emil Hübnner und die Altertumswissenschaften in Hispanien*. Darmstadt: Ph. von Zabern, p. 219-240.
- GUERRA, A. (2020) – Alexandre de Sousa e Holstein (1751-1803): o gosto pelas antiguidades e as escavações de Arícia. *Ex Baetica Romam. Homenaje a José Remesal Rodríguez*. Universitat de Barcelona, p. 1439-1470.
- GUERRA, A. – Sarmiento, Francisco Martins de Gouveia de Morais (Guimarães, 1833 – 1899). In: *Dicionário dos Historiadores de Portugal* <http://dichp.bnportugal.pt/imagens/sarmiento.pdf>.
- HOLSTEIN, A. de Sousa (1875) – *Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal: a organização dos museus e o serviço dos monumentos historicos e da archeologia: offerecidas á comissão nomeada por decreto de 10 de Novembro de 1875 por um vogal da mesma comissão*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- HÜBNER, E. (1862) – Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal. *Monatsbericht der Königlischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. 1861 (2), p. 721-807.
- HÜBNER, E. (1871) – *Notícias archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia.
- INSTITUTO DE COIMBRA (1873) – Instituto de Coimbra: sessão da comissão de archeologia em 6 de novembro de 1873, *O Instituto*, 2.ª série, 17, 1873, p. 270-274.
- INSTITUTO DE COIMBRA (1877) – *Catálogo dos objectos existentes no museu de Archeologia do Instituto de Coimbra*. Coimbra: Imprensa Literária.
- LEMONS, F. Sande (1985) – A Conferencia de 1877 na Citânia de Briteiros. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, 2, p. 215-294.

- LEMOS, F. Sande (1995) – Martins Sarmento e a arqueologia portuguesa dos anos setenta e oitenta do século XIX. *Revista de Guimarães*. 105, p. 117-126.
- MACHADO, J. T. Montalvão (1980) – Luciano Cordeiro. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 98, p. 135-151.
- MARQUES, P. (2018) – Médicos, arqueólogos e epigrafistas na segunda metade do século XIX. Soares et alii (eds.), *Phármakon: do combate da enfermidade à invenção da imortalidade*. Porto: CITCEM, p. 99-108.
- MARTINS, A. C. N. (1999) – Martins Sarmento e Possidónio da Silva. Um olhar sobre a troca epistolar. *Revista de Guimarães*. Volume especial, 1, p. 213-221.
- MARTINS, A. C. N. (2001) – Estudos pré-históricos e nacionalismo: uma perspectiva possidoniana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, p. 61-93.
- MARTINS, A. C. N. (2003) – *Possidónio da Silva (1806-1896) e o elogio da memória: Um percurso na Arqueologia de Oitocentos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- MARTINS, A. C. N. (2019) – Silva, Joaquim Possidónio Narciso. In *Quem é quem na museologia portuguesa*. Lisboa: Instituto de História de Arte, p. 285-287.
- MATEU Y LLOPIS, F. (1949) – Cartas inéditas de Teixeira de Aragão. *Revista de Guimarães*. 59, p. 113-119.
- MATOS, M. A. P. de & CAMPILHO, M. de S. e H. (eds.), 2001 – *Uma família de colecionadores: poder e cultura, antiga colecção Palmela*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- OLIVEIRA, E. Pires de & FERNANDES, I. M. (1984) – Documentos para a história do Museu D. Diogo de Sousa. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, 1, p. 109-134.
- P., R. (1954) – Documentos para a biografia de Martins Sarmento. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães. 16: 3-4, pp. 97-98.
- PIMENTA, A. (1933) – Cartas inéditas de Francisco Martins Sarmento a Joaquim Possidónio da Silva. *Boletim de Trabalhos Históricos*. 1, p. 13-50.
- RAACAP (1876) – Relatório. *Boletim Architectonico e de Archeologia*. 2.^a série, 11, p. 162-164.
- SAMPAIO, J. da C. (1894) – Os nossos sócios honorários. I – Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento. *Revista de Guimarães*. 1, p. 35-51.
- SARMENTO, F. Martins (1904) – Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. 21, p. 5-19; 49-63; 98-120.
- SARMENTO, F. Martins (1905) – Materiais para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*. 22, p. 5-32.
- SARMENTO, F. Martins (1922) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 32, p. 5-9; 109-113; 241-246; 365-370.
- SARMENTO, F. Martins (1923) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 33, p. 5-8; 97-105; 197-202.
- SARMENTO, F. Martins (1924) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 34, p. 5-9; 93-97; 189-192.
- SARMENTO, F. Martins (1925) – Cartas de Martins Sarmento ao professor Pereira Caldas. *Revista de Guimarães*. 35, p. 5-6; 77-80; 137-141; 233-235.
- SARMENTO, F. Martins (1948) – Correspondência entre Martins Sarmento e Joaquim de Araújo. Cartas de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*. 58, p. 5-13.
- SILVA, A. C. F. da (1995) – Portuguese Castros: the evolution of the habitat and the proto-urbanisation process. *Proceedings of the British Academy*. 86, p. 263-289.
- SILVA, I. F. da (1860), *Dicionário Bibliográfico Português, Tomo IV*. Lisboa: Imprensa Nacional.

- SILVA, I. F. da & ARANHA, P. V. de B. (1885) – *Dicionário Bibliográfico Português, Tomo XIII*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1873) – Découvertes préhistoriques en Portugal. *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques: Comptes rendues de la cinquième session à Bologne (1871)*. Bologna: Fava e Garagnagni, p. 333-337.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1876) – Esculptura Romana, conhecida pelo nome de Pedra Formosa, achada em Portugal, e o que ella representa. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. 2.ª série, 1(9), p. 136-138.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1877a) – Relatorio, apresentado na sessão de 14 de Maio da assembleia geral da Real Associação dos archeologos portuguezes, ácerca do descobrimento feito no monte de Sancta Luzia em Vianna do Castello, no mez de abril de 1877. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. 2.ª série, 2(2), p. 27-30.
- SILVA, J. Possidónio N. da (1877b) – Relatorio acerca de novas investigações archeologicas praticadas na provincia do Minho no mês de Junho do corrente anno nos montes de Affife e de S. Roque. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. 2.ª série, 2:3, p. 40-43.
- SIMÕES, A. F. (1870) – *Relíquias da architectura romano-bizantina em Portugal, e particularmente na cidade de Coimbra*. Lisboa: Typographia Portugueza.
- SIMÕES, A. F. (1875) – Alguns passos num labyrintho: se Coimbra foi povoação romana e que nome teve. *Boletim Architectónico e de Arqueologia*. 2.ª série, 7, p. 105-109; 8, p. 117-121.
- SIMÕES, A. F. (1888) – A Citania de Briteiros. In: *Escriptos diversos de Augusto Filippe Simões*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 282-289.
- SOCIEDADE DE GEOGRAFIA (1876) – Actas da Sociedade. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. 1, p. 215-231.
- TEIXEIRA, C. (1968-1969) – A Figura e Obra de Nery Delgado. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*. 12, p. 45-54.
- VASCONCELOS, A. de (1896) – Secção de archeologia do Instituto de Coimbra. *O Archeologo Português*. 1.ª série, 2, p. 273-277.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1901) – Emilio Hübner e a archeologia lusitano-romana. *O Archeologo Português*. Série 1, 6, p. 49-59.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1904) – Necrologia. *O Archeologo Português*. Série 1, 9, p. 128-142.
- VEIGA, S. Ph. Estácio da (1879) – *Antiguidades de Mafra ou Relação archeologica dos caracteristicos relativos aos povos que senharearam aquelle territorio antes da instituição da monarchia portugueza*. Lisboa: Academia das Ciências.
- VILELLA, Sá (1877) – Primeiro congresso archeologico em Portugal – Citania. *Boletim da Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portugueses*. Série 2, 2:1, p. 12-13.
- XAVIER, H. A. A. V. P. (2014) – *O Marquês de Sousa Holstein e a formação da Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa*. Lisboa: tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Série X, 3, p. 111-125.

ANEXO DOCUMENTAL – ALGUNS RELATOS DA CONFERÊNCIA

1. *Religião e Pátria*, Guimarães, 13 de Junho de 1877.

A conferência da Citânia

Aturdidos ainda pelos esplendores da festa a que deu lugar conferência arqueológica da Citânia, esse primeiro congresso dos estudiosos dum tão apreciável ciência devido à iniciativa feliz e à patriótica vontade do nosso ilustre e benemérito conterrâneo, o sr. dr. Martins Sarmiento, mal podemos lançar apenas os primeiros lineamentos da sua descrição, que penas mais hábeis que a nossa farão decerto inteira e delineada em todas as suas singularíssimas circunstâncias.

O que vai ler-se são apenas apontamentos muito rápidos e muito fugitivos da festa mais esplêndida com que podia ser saudada num país já adiantado em civilização a reunião duns poucos de homens num convívio literário de alta significação – o estudo de umas importantes ruínas, e com ele a iniciação metódica dos estudos arqueológicos nesse país.

Os sábios conferentes, que eram os exmos. srs. Marquês de Sousa e Hölstein, Augusto Soromenho, Possidónio, Filipe Simões, Aragão, Delgado, Luciano Cordeiro, Pereira Caldas, Fernando Castiço, Simão Rodrigues e uma deputação composta dos srs. visconde da Torre das Donas e Câmara Leme, por parte da comissão exploradora das ruínas no monte de Santa Luzia. em Viana do Castelo, esperados nas Taipas pelo sr. Martins Sarmiento, saíram dali com este e acompanhados por alguns cavalheiros, entre os quais os representantes do Diário da Manhã, da Democracia, do Comércio do Porto, do Comércio Português e da Borboleta, para o monte de S. Romão, onde são situadas as célebres ruínas.

No princípio da encosta estava levantado um formoso arco de murta e flores, e por trás dele, em dois estrades, grupos de camponesas, com os seus trajes característicos, lançavam mãos cheias de flores por sobre os ilustres hóspedes do sr. Sarmiento, enquanto uma música tocava hinos nacionais, e os ecos das montanhas eram acordados pelo estrondear de inúmeros foguetes.

A meia encosta, quando principiam as ruínas, começou a minuciosa visita e exame delas, que se foi continuando até ao cimo do monte, onde, em barraca apropriada, foi servida aos conferentes e demais cavalheiros um magnífico lunch, durante o qual tocou harmoniosas peças, banda de música que tinha tocado na base do monte. Fizeram-se numerosos e entusiásticos brindes, entre os quais mencionaremos o do sr. marquês de Sousa, outro do sr. Luciano Cordeiro a Guimarães, do sr. Filipe Simões a Guimarães e Braga, do sr. Vasco Leão, em nome de Guimarães, agradecendo o brinde do Sr. Luciano Cordeiro, do sr. marquês de Sousa à imprensa, do sr. visconde de Pindela em agradecimento ao sr. Filipe Simões e brindando à imprensa, do sr. Magalhães Lima, agradecendo o brinde feito à imprensa, do sr. Vicente Pindela ao Sr. Sarmiento, do sr. Gervásio Lobato agradecendo ao sr. Visconde de Pindela em nome imprensa, do sr. Adolfo Pimentel ao sr. Martins Sarmiento, à Sociedade de Geografia e a Luciano Cordeiro, do sr. Luciano Cordeiro ao sr. Possidónio, do sr. Pereira Caldas ao desenvolvimento do Ateneu Arqueológico de Braga, do sr. Vicente Pindela aos professores primários presentes, do sr. Gervásio Lobato ao sr. Alfredo Campos, do sr. Magalhães Lima aos professores primários, do sr. Possidónio agradecendo o brinde que lhe fora feito como presidente e instituidor da associação dos arqueólogos e architectos, e outros muitos que por brevidade omitimos.

O lunch terminou às cinco horas da tarde, e o seu menu foi o seguinte:

Bouillon de Volaille – Entrées – Du veau au aspic – Lang au aspic – Jambon Westphalie – Mayonnaise d'homard – Volaille – Galantine – Foie gras.

Rotis – Roast beef – Dindon – Canards au eresson.

Entremets – Petits patés au crème – Charlotte Russe – Puding – Gelée.

Fromage et fruits.

Vins – Xerez – Collares – Bordeaux – Champagne – Porto 1834 – Porto 1832.

Café et Liqueurs.

Depois do lunch continuaram as investigações, já descendo a montanha e tomando de novo o caminho desta cidade, onde os distintos arqueólogos chegaram por cerca das 8 e meia horas da noite.

Esperava-os à porta do Hotel uma banda de música, e, para tornar parte nos brilhantes festejos preparados para receber tão ilustres hóspedes, iluminaram-se grande parte das casas da cidade, e despovoou-se esta para o largo do Carmo, onde a brilhantíssimas iluminações do palacete do sr. Sarmento, as harmonias de duas bandas de música, os preparativos enfim dum sumptuosíssimo baile, chamaram numerosíssima concorrência.

Este baile, que a cidade de Guimarães oferecia em honra dos seus ilustres visitantes, e como que para saudar a aurora esplêndida duma nova época para a ciência arqueológica, e para que uma deputação da grande comissão dele havia ido às Taipas convidar os ilustres sábios, foi realmente o mais esplêndido e brilhante que se pode imaginar.

O palacete do sr. Sarmento, um dos mais elegantes da província, os seus jardins mágicos deslumbrantemente iluminados à veneziana, as vagas nuvens de harmonia, o burburinho das conversações alegres, despreziosas, felizes, as toilettes mais apuradas e mais artísticas, as mais suaves belezas de Braga e de Guimarães, as ondas de luz, o fulgor do ouro e dos brilhantes, o vaporoso das rendas, o perfume gratíssimo das flores, tudo isto e o muito mais que ainda falta, produziu o mais sublime, inebriante e fantástico resultado, e estamos certos de que por largo tempo se há-de falar no baile do dia 9 em Guimarães, como uma daquelas festas que fazem conceber e desculpar, por conseguinte, as fantásticas narrações das Mil e uma noites.

Do serviço não falamos. Nunca o vimos tão profuso, tão variado, tão rico, e sobretudo tão delicado.

Eram 5 horas da manhã, e ainda se dançava o cotillon, magistralmente dirigido pelo sr. Vicente Pindela, depois de se haverem dançado 5 quadrilhas, 5 lanceiros, 2 valsas, 1 melange e 1 galope.

Foi assim que o berço da monarquia, o qual, pelo zelo e ardor dum seu distintíssimo filho, teve nesse dia a subida glória de ser o local do primeiro congresso arqueológico português, se honrou honrando os sábios que lhe vieram dar lustre.

Foi assim que se iniciou neste país a obra gloriosa do estudo do passado pela investigação dos seus monumentos.

A esta obra fica indelevelmente unido um nome. Francisco Martins Sarmento, o audaz iniciador do estudo da história pela deletreação dos livros de pedra soterrados uns, outros quase indecifráveis, é já agora um nome que passará à posteridade como o de um sábio profundo, aureolado pelos esplendores da ciência, e coroado pelo diadema da glória.

2. SAMPAIO, 1894, p. 44-46.

A exploração das ruínas da Citania foi um acontecimento archeologico muito notavel, vista a sua valiosa importancia para a solução d'altos problemas pro-historicos. [45] Deu o jornalismo rebate d'elle e, em 1876, o snr. marquez de Sousa Holstein noticiava-o perante a Academia real das sciencias de Lisboa, num discurso que então proferira, mostrando a importancia das ruínas, que já tinha visitado. Por esse tempo o erudito e distinctissimo professor do lyceu de Braga, o snr. dr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas, visitou as ruínas exploradas em companhia dos snrs. Joaquim Possidonio e Narciso da Silva, e mais tarde dos snrs. Luciano Cordeiro

e Gabriel Pereira, e de tal importancia lhes pareceram que o Snr. Pereira Caldas se aventurou a indicar ao seu amigo, o snr. Sarmiento, a conveniencia de fazer d'ellas assumpto d'uma conferencia pelos mais distinctos archeologos do paiz. A lembrança do erudito professor foi adiante e, em 10 de junho, chegaram os conferentes as Caldas das Taypas, onde os esperava o snr. Sarmiento e a comissão que, representando a cidade de Guimarães, ia convidal-os para um baile. Seguiram d'ahi em direcção á Citania. Examinaram attentosamente as ruinas e ficaram enleitados no vivo interesse, que despertam os restos duma cidade, cuja origem se occulta na escuridão dos tempos». Não lhes era de certo facil, no curto espaço de poucas horas, criticar os vestígios que ali deixaram as velhas gerações, e formar uma opinião concisa e clara de tão importante descoberta. Ainda assim muito discretearam os conferentes e, mais tarde, appareceram espalhadas em todo o jornalismo do paiz descripções mais ou menos exactas, que provocaram um verdadeiro debate. Seria longo mencionar quanto se disse e escreveu. Servido o *lunch*, que o snr. Sarmiento ofereceu nas Taypas aos conferentes, dirigiram-se para aqui, onde na noite desse mesmo dia, assistiram ao baile oferecido pela cidade. Foi na casa do Sr. Sarmiento: uma festa de gala tão animada e tão brilhante como convinha aos brios tradicionaes desta velha fidalga e ao merecimento dos convidados. Os conferentes enviaram ao Sr. Sarmiento uma mensagem escripta aqui mesmo, em que lhe significam o vivo sentimento de estima e, ao mesmo tempo, de consideração pelos seus dotes intellectuaes e nobres qualidades. E assignada pelos Srs. Marquez de Sousa Holstein, Dr. Augusto Filippe Simões, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Augusto Carlos Teixeira d'Aragão, Joaquim Filippe Nery Delgado, Luciano Cordeiro, Visconde da Torre das Donas, Dr. Antonio d'Assis Tei[46]xeira de Magalhaes, José Alfredo da Camara Leme, Augusto Soromenho, Gervasio Lobato, Manoel Maria Rodrigues, Apolino da Costa Reis e Magalhães Lima.

3. FARIA, João Lopes de, *Efemérides Vimaranenses*, manuscrito da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, vol. II, p. 249 transcrito em <http://araduca.blogspot.com/2013/06/efemeride-do-dia-conferencia.html> (Consult. 11/04/2021).

A convite do dr. Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento, glória dos vimaranense, visitam as ruínas da Citânia de Briteiros, de que ele era explorador, os conferentes do 1º Congresso Arqueológico Português, que teve lugar na Citânia, que representavam honrosamente as primeiras cidades do reino, a saber: Marquês de Sousa Hölstein, Augusto Soromenho, Possidónio, Filipe Simões, Aragão, Delgado, Luciano Cordeiro, Pereira Caldas, Fernando Castiço, Simão Rodrigues e uma deputação composta do Visconde da Torre das Donas e Câmara Leme, por parte da comissão exploradora das ruínas no monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, representantes do “Diário da Manhã”, da “Democracia”, do “Comércio do Porto”, do “Comércio Português” e d’“A Borboleta”. À noite houve, em sua honra, no palacete do dr. Sarmiento, ao Carmo, que estava brilhantemente iluminado, um baile, que lhes foi oferecido em nome da cidade de Guimarães, por uma comissão de distintos cavalheiros, a qual promoveu outros festejos. Durante o baile tocaram em frente do palacete duas bandas de música. No dia seguinte reuniram-se em conferência no mesmo palacete.

4. CALDAS, 1881, p. 341-346.

Conferencia archeologica da Citania

Esta conferencia memorável, a primeira do seu género iniciada em Portugal, abriu sem duvida para a historia de Guimarães, rica já de si, uma das suas paginas mais gloriosas. Em 9 de junho de 1877, a convite do

exc.^{mo} [342] dr. Francisco Martins de Moraes Sarmiento, acérrimo e illustradíssimo explorador das venerandas ruínas da Citania, em Briteiros, entre Guimarães e Braga, reuniram-se alli os conferentes convidados, que representavam honrosamente as primeiras cidades e villas do reino. Chegados ao monte das minas, foram ahi agradavelmente recebidos por uma fila de formosas camponesas, espargindo flores sobre elles ao som d'uma banda marcial e ao estrondear de subitaneas girandolas de foguetes. A visita principiou em minuciosas analyses, desde as fraldas ao planalto do monte, onde as ruinas se amontoam, e entre as quaes se levantam duas pequenas casas redondas, reedificadas na sua forma primitiva pelo indefesso explorador, e que hoje servem como de museu, onde o exc.^{mo} dr. Sarmiento vai colleccionando os objectos explorados. Esta visita scientifica terminou com o findar do dia, passado todo em curiosas e interessantes questões archeologicas, e animado por um lauto e animadíssimo *lunch*, principescamente servido no mais alto do monte, á sombra d'uma extensa barraca de campanha. Foi um verdadeiro dia de festa, o mais apparatuso e civilizador, de que tem sido theatro aquelle immenso jazigo de ruinas desde a sua origem, talvez. No dia seguinte pelas 8 horas da noite, reuniram os mesmos conferentes no palacete do exc.^{mo} snr. Sarmiento, na rua de D. Luiz I, onde fora [342] celebrada a primeira conferencia archeologica do paiz. Discutiui-se largamente sobre variados assumptos archeologicos, prolongando-se este selecto convívio litterario até ás 2 horas da madrugada; resolvendo-se então a criação da Associação Archeologica Martins Sarmiento em Guimarães, debaixo da presidência do explorador e em conformidade com o projecto d'estatutos, elaborado pelo distincto professor bracarense Pereira Caldas, animador entusiasta da mesma conferencia. As questões mais importantes, que se ventilaram aqui, constam do seguinte questionário, coordenado pelos mesmos doutores Sarmiento e Caldas. Se na apparencia não é extenso, é effectivamente vasto na essência, e filho de pausada meditação, depois de longo estudo do assumpto, em vista das ruinas exploradas. Eil-o:

QUESTIONARIO ARCHEOLOGICO

I – O nome Citania, dado ás ruinas existentes no monte de S. Romão em Briteiros – no monte da Saia no concelho de Barcellos – no monte de S. Romão em S. Fins de Ferreira – e n'outras localidades mais – é um nome da mesma categoria que os de Cidade e Cidadelhe, com que são designadas entre nós outras povoações arruinadas – ou é porventura um nome puramente local? [344]

II – O nome de Citania é na essência o mesmo, que o de Cytiau das Ilhas Britannicas, de que nos dão conta os archeologos inglezes? – Terão Citania e Cytiau a mesma etymologia, e exprimirão a mesma cousa?

III – As construcções da Citania de Briteiros – e nomeadamente as suas casas – são monumentos anteriores á conquista romana, ou posteriores a ella? – Se anteriores, que credito pode merecer-nos o asserto de Vitruvio, affirmando que as casas nas Hispanias eram de madeira e não de pedra?

IV – Os monumentos da Citania de Briteiros accusam vestigios de civilisações distinctas, authorisando-nos a suppôr que a tenham occupado povos de differente raça e differentes costumes? – No caso affirmativo, authorisam-nos os mesmos monumentos a suppôr successiva essa occupação, ou simultânea? transitória ou permanente? – Habilitam-nos em fim a estremar a raça de cada um dos seus occupantes?

V – Como provia a Citania de Briteiros á necessidade da agua nos usos da vida? – Servia-se d'agua nativa ou de cisternas? – O que poderia dar lugar á tradição popular – aliás absurda – d'uma estrada encoberta, que da povoação levava ao rio Ave no poço d'Ola?

VI – Que industrias alimentava a Citania de Briteiros, em vista dos differentes restos d'artefactos, que têm sido achados nas suas ruinas? – Revelam-se n'estes restos industrias estranhas á [345] localidade, com indicio dos povos a que pertencessem, e dos paizes d'onde foram importadas?

VII – A que usos era destinada na Citania de Briteiros a Pedra Formosa?

VIII – Authorisam-nos os monumentos da Citania de Briteiros a determinar o rito funerário dos seus habitantes? – Pôde a comparação – pelos dados fornecidos por descobertas de necrópoles de povoações análogas – atinar com o local das sepulturas, em que na Citania eram collocados os restos dos mortos?

IX – Como desapareceu d’entre as povoações coevas a Citania de Briteiros?

Tomaram parte n’este convivio archeologico os seguintes conferentes:

De Lisboa: os snrs. marquez de Sousa Holstein, Possidonio da Silva, Luciano Cordeiro, Augusto Soromenho, Teixeira d’ Aragão, e engenheiro Delgado; e representavam a imprensa da capital: Gervásio Lobato e Magalhães Lima.

De Coimbra: os snrs. doutores Filippe Simões e Assis Teixeira; representando a imprensa d’alli, Vicente Pindella.

Do Porto representavam a imprensa: Manoel Maria Rodrigues e Apolino Reis.

De Braga assistiram como conferentes: visconde de Pindella, Thomaz Branco, director das obras publicas, Jeronymo Pimentel, Pinheiro Torres, Pereira Caldas, padre Celestino da Silva, Fernando Castiço, António Brandão, Adolpho Pimentel, Alfredo Campos (p. 346); representando a imprensa d’alli Dias Freitas.

De Vianna assistiram como conferentes: os snrs. visconde da Torre das Donas e Camara Leme;

De Penafiel: o snr. Rodrigues Ferreira.

De Guimarães foram conferentes os snrs. Martins Sarmiento, Vasco Leão, delegado Pestana e padre Ferreira Caldas; representando a imprensa da cidade Pinto de Queiroz.

Foram ainda convidados para este certamen archeologico, a que não puderam assistir, cavalheiros de nomeada litteraria, de que se lembrarão aqui os seguintes:

De Lisboa: os snrs. Pereira da Costa, Silva Leal, Carlos Ribeiro, Schiappa de Azevedo, Estacio da Veiga, Pinho Leal, Vilhena Barbosa, Teixeira de Vasconcellos, Bocage, e Aguiar, da Academia real das sciencias.

De Val-de-Lobos: o snr. Alexandre Herculano.

De Évora: o snr. Gabriel Pereira.

De Coimbra: os snrs. par do reino Miguel Osório, dr. Corrêa Barata, e Simões de Castro.

Do Porto: os snrs. Gomes Monteiro, Eduardo Allen, Adolpho Coelho, e Joaquim de Vasconcellos.

De Vianna: o snr. José Caldas.

De Ponte do Lima: o snr. José Torres.

De Villa Real: os snrs. Camillo Castello Branco, e Azevedo Castello Branco.

[346] Das Caldas de Vizella: o snr. engenheiro Cesário.

De Guimarães: os snrs. Bento Cardoso e António Cardoso.

5. SIMÕES, 1888, p. 289.

No dia 9 de junho concorreram á Citania, por convite do sr. Martins Sarmiento, muitos cavalheiros de Lisboa e outras terras do reino para examinarem os resultados das explorações. Depois de terem percorrido as ruas e visitado as casas da Citania, discutindo animadamente acerca dos numerosos objectos offerecidos ao seu exame, serviram-se de um magnifico lunch no cimo do monte, debaixo de um vistoso pavilhão. Nos brindes numerosos e entusiasticos revelou-se a admiração dos convivas pela importância das explorações e pela grandeza de animo e altos brios do explorador. O Instituto mereceu a honra de um brinde ao sr. dr. Pereira Caldas, a quem agradeceu o auctor destas linhas.

À noite continuou a festa em Guimarães num esplendido baile, offerecido, no palácio do sr. Martins Sarmiento, pela cidade aos conferentes. Todos se empenhavam em mostrar o muito que apreciavam a visita de tantos cavalheiros illustrados e a importância scientifica do fim com que tinham vindo a Guimarães.

No dia seguinte visitaram os conferentes a igreja de Nossa Senhora da Oliveira, e resolveram pedir á collegiada que mandasse restaurar o claustro talvez o mais antigo de Portugal, e notável pelas excellentes esculpturas de estylo romão.

À noute reuniram-se outra vez em casa do sr. Martins Sarmiento e ahi discutiram mais de espaço as ruínas da Citania, depois do que se resolveu a fundação da Associação archeologica Martins Sarmiento. D'este modo quizeram os conferentes dar um publico testemunho de reconhecimento ao homem que era Portugal conseguira realizar a primeira exploração methodica e racional das ruinas de uma cidade inteira, e reunir o primeiro congresso archeologico para examinar e julgar o resultado d'essa exploração. E tudo isto fez até hoje por si só e sem extranho auxilio. O governo portuguez não interveiu ainda numa empresa, cuja importância a todos se manifesta, e que já podemos chamar uma gloria nacional!

TEIXEIRA DE ARAGÃO (1823-1903), PIONEIRO DO COLECCIONISMO ARQUEOLÓGICO EM PORTUGAL¹

TEIXEIRA DE ARAGÃO (1823-1903), PIONEER OF ARCHAEOLOGICAL COLLECTING IN PORTUGAL

Elisabete J. S. Pereira² & João Luís Cardoso³

Abstract

The scientific contributions of Teixeira de Aragão are determined by a combination of various social, cultural and economic factors that also explained the emergence of archaeological collections in Europe in the second half of the 19th century.

In a universe that unfolded between the exercise of a military career (as a) and the cultivation of art and erudition, Aragão develop a network of contacts that included the most financially wealthy collectors, including King D. Luís. The beginnings of his long activity as collector was characterized by its relationship with landowners or simple rural workers in a geographical area located near the city of Tavira, close to which abundant Roman remains were collected, which constituted the essence of its archaeological collection.

He worked with two of the main archaeologists and authors of museological projects of his time – Estácio da Veiga and Leite de Vasconcelos – and the effective contributions in the field of Archeology that are owed to him, were until now underestimated by his notoriety and excellence in the field of Numismatics. Such are the objectives of the present work, which will also contribute to the knowledge of the trajectories of some archaeological pieces of this collection, from the last decades of the 1800s to to the present.

Keywords: archaeological collections; XIX century; Teixeira de Aragão; Portugal

1 – INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX existiram alguns colecionadores privados de materiais arqueológicos, contribuindo assim para a preservação e estudo destas quase sempre frágeis peças do património móvel. Desempenharam assim papel decisivo na identificação e preservação de objetos arqueológicos. Os estudos que modernamente vêm sendo feitos começam a conferir visibilidade a estes personagens que integraram

¹ Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Projecto UIDB/HIS/04209/2020 em que se encontra integrada a primeira autora, tendo sido igualmente desenvolvido no âmbito das actividades do Grupo de Trabalho History of Archaeological Science, do ICArEHB (Universidade do Algarve), dirigido pelo segundo autor.

² IHC/NOVA FCSH pólo da Universidade de Évora. ejsp@uevora.pt

³ Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICArEHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pr

de forma muito significativa o processo de construção do conhecimento sobre o passado com base em vestígios materiais, independentemente do seu valor intrínseco ou artístico. Em alguns casos, esses colecionadores – médicos, militares, padres, funcionários públicos, agricultores, proprietários ou outras figuras ligadas aos meios rurais e, muito mais raramente, à burguesia urbana – possuíam considerável ascendente sobre os seus interlocutores, o que facilitava a obtenção dos espólios que integravam nas suas colecções (PEREIRA, 2018).

Neste artigo, estuda-se a figura de Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903), cirurgião militar português e um dos mais prolíficos colecionadores da segunda metade do século XIX (Fig. 1). No final da sua vida, as suas importantes colecções de objectos arqueológicos, armas antigas, obras de arte, mobiliário, livros e curiosidades históricas foram leiloadas em Portugal e outras vendidas em Paris.

2 – UM COLECCIONADOR PORTUGUÊS

Augusto Carlos Teixeira de Aragão integrou a moda do coleccionismo de peças arqueológicas, observado ao longo da toda a segunda metade do século XIX. Esta prática, que rapidamente se afirmou num círculo restrito das elites rurais ou urbanas, difundiu-se na sociedade europeia que passou a valorizar peças escultóricas, inscrições latinas e moedas da Antiguidade Clássica, a par de uma grande variedade de outros objetos, mais modestos, mas que contribuíram para a construção do conhecimento sobre a ocupação humana pré-histórica dos territórios: pontas de seta, vasos de cerâmica comum ou machados de pedra polida, passaram assim a interessar um crescente número de amadores mais ou menos abonados.

Está nesse caso Teixeira de Aragão. O conteúdo das suas colecções foi parcialmente registado por alguns autores da época e através dos catálogos produzidos por leiloeiros para a hasta pública que teve lugar na sua residência, na Calçada do Salitre, em Lisboa, com início no dia 18 de Dezembro de 1901, e que levaram à venda de mais de um milhar de objectos que lhe pertenciam. Naquele dia e nos dias seguintes foram leiloados espólios tão variados como uma colecção de sinetes de prata pertencentes aos antigos conventos do século XVI, diversas peças de vestuário antigo, jóias valiosas, peças de porcelana da china, faianças portuguesas, quadros a óleo sobre tela, alguns da escola espanhola e veneziana, instrumentos musicais (bandolim, harpa, tamborete



Fig. 1 – Busto de Augusto Carlos Teixeira de Aragão. Escultura em mármore, de António Alberto Nunes, 1892. Museu de Évora, inv. 611. Cortesia do Museu de Évora, foto© de Elisabete Pereira.

africano, rebeça árabe), mobiliário antigo, 300 peças de vidros antigos de Veneza, Boémia e Espanha, a par de um conjunto de objectos que pertenceram aos realistas de Serpa. Foi simultaneamente leiloadada uma colecção de 487 armas antigas, registada como “notável” pela “variedade de algumas marcas, como pela parte artística de muitas peças, sobretudo das espingardas de fabrico português”⁴. O próprio Rei D. Carlos (1863-1908) visitou a residência de Aragão e adquiriu algumas destas espingardas antigas para o seu museu privado (KEIL, 1905, p. 29). Existe ainda informação sobre a venda de várias centenas de livros que constituíam a sua livraria nos catálogos do leilão que decorreu em 1904, já depois do seu falecimento⁵. Neste conjunto de catálogos produzido pelos leiloeiros, encontra-se também um volume intitulado *Livros sobre Numismática pertencentes à livraria do falecido Dr. Teixeira de Aragão* (n/a 1904 c). O Museu de Belas Artes e Arqueologia, fundado em Lisboa em 1882, nomeou uma comissão para adquirir a Aragão “trajes, os melhores exemplares de bordados de todos os géneros, cristais, miniaturas, e peças de mobiliário; mas deixou de adquirir a importante coleção de armas de guerra, de instrumentos musicais antigos, de calçados de várias épocas e países e a de talheres antigos” (KEIL, 1905, p. 28).

É possível identificar alguns dos objectos que pertenceram a Aragão através dos inventários disponibilizados online pelos museus portugueses. No Museu Nacional de Arte Antiga regista-se um anel de sinete do século XV que Aragão adquiriu em 1880 na vila de Odemira por 12.000 réis⁶ estudado pelo próprio (ARAGÃO, 1887) e um escritório dos séculos XVI-XVII de fabrico austríaco que o coleccionador levou ao leilão de 1901⁷. No Museu Nacional do Traje e da Moda encontram-se inventariados um casaco e um colete em seda verde do início do século XIX⁸, peças de vestuário que foram transferidas do Museu Nacional de Arte Antiga para o Museu dos Coches e posteriormente para o Museu Nacional do Traje e da Moda. Também o Museu Nacional de Arte Contemporânea incorporou nas suas colecções uma pintura a óleo, de 1867, representando uma “Camponesa de Ílhavo”. O quadro foi oferecido pelo seu autor, Francisco José de Resende, a Teixeira de Aragão e adquirido pelo Estado em 1943⁹.

A dispersão dos seus objectos através destes leilões não foi assim alheia às instituições museológicas da época e às personalidades a elas associadas, bem como aos colecionadores particulares. Relativamente aos objectos arqueológicos, que não constam de nenhum dos catálogos acima referidos, sabe-se que alguns foram vendidos ao Museu Etnológico Português e outros adquiridos por Stanislas Baron, antiquário parisiense, como adiante se verá.

⁴ n/a 1904 b - *Catálogo do leilão de armas antigas: colleção do fallecido Dr. Teixeira Aragão*. Lisboa: Typ. Universal.

⁵ n/a 1904 a - *Catálogo da importante livraria do distincto numismata Dr. Teixeira de Aragão*. Lisboa: Imp. Lucas; n/a 1904 c - *Livros sobre numismática pertencentes à livraria do falecido Doutor Teixeira de Aragão*. Lisboa: Inst. Geral das Artes Graphicas.

⁶ Museu Nacional de Arte Antiga, n.º 927 Joa
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=246459>

⁷ Museu Nacional de Arte Antiga, n.º 562 Mov
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=261071>

⁸ Museu Nacional do Traje e da Moda, n.º 3927, n.º 3928.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=45686>
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=45687>

⁹ Museu Nacional de Arte Contemporânea, n.º 1051.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=201515>

3 – TEIXEIRA DE ARAGÃO E O ESTUDO DO PASSADO ATRAVÉS DO COLECCIONISMO ARQUEOLÓGICO

A mais antiga referência ao interesse de Teixeira de Aragão pela arqueologia foi registada por Estácio da Veiga na sua obra *Povos Balsenses* (VEIGA, 1866, p. 25). O autor anotou que, em 1856, Aragão recolheu na Fazenda do Trindade (sítio de Santa Luzia, Tavira) um monumento funerário de época romana que transportou para o jardim do Hospital Militar de Tavira. Tratava-se de um altar de calcário cinzento que registava o falecimento de uma criança de um ano e 23 dias, *Tatianós*, para quem o pai e a mãe, de origem grega, mandaram executar o monumento e redigir a epígrafe.

Formado na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Teixeira de Aragão seguiu a carreira militar e era na época cirurgião-mor em Tavira. O seu forte interesse por numismática e por objectos antigos (ARAGÃO, 1874, p. 7) terá criado uma memória impressiva junto das populações rurais: “A memória de Aragão ficou tão viva, mesmo na gente do campo, que ainda hoje, (e já lá vão bastantes anos!), quando em algumas terras do Sul pergunto por objectos arqueológicos, obtenho frequentemente a resposta: “O que havia, já levou o Dr. Aragão ou Estácio da Veiga” (VASCONCELOS, 1904, p. 135).

José Leite de Vasconcelos (1858-1941), o primeiro director do actual Museu Nacional de Arqueologia, criado em 1893 com a designação de Museu Etnográfico Português, registou a anterior citação na nota necrológica sobre Teixeira de Aragão que publicou em 1904. Vasconcelos encontrava-se à época, fortemente empenhado na organização de uma colecção arqueológica de âmbito nacional, procurando representar no Museu que dirigia as tradições, costumes e história das populações de todas as regiões portuguesas. Tal disposição levou-o igualmente a registar a importância das colecções reunidas por Teixeira de Aragão, que poderiam, como referiu, enriquecer vários museus:

“Pena foi que o Estado não adquirisse na totalidade a colecção archeologica de Teixeira de Aragão; com ela se enriqueceriam vários museus. Ainda assim, alguma coisa ficou salva.” (VASCONCELOS, 1904, p. 136).

As anteriores citações permitem concluir que Teixeira de Aragão foi um dos mais activos coleccionadores de objectos arqueológicos durante a segunda metade do século XIX. O facto de Teixeira de Aragão ter permanecido quase ignorado neste domínio até à actualidade poderá estar relacionado com a relevância que adquiriu tanto na área da História¹⁰ como, sobretudo, da Numismática¹¹, salientando-se neste âmbito o cargo de director do Gabinete de Numismática do rei D. Luís I de Portugal, para o qual foi nomeado em 1867 (XAVIER, 2011). Com efeito, a sua visibilidade pública como numismata foi comprovada pela publicação do catálogo das moedas, medalhas e outros objectos artísticos que integraram a exposição portuguesa sobre a História do Trabalho, realizada no âmbito da Exposição Universal de Paris de 1867 (ARAGÃO, 1867) (Fig. 2).

As 1966 peças transportadas para a capital francesa reportavam-se a várias colecções de arte e indústria portuguesas e identificam os possuidores das mesmas¹² (Fig. 3).

¹⁰ *D. Vasco da Gama e a Vila da Vidigueira* (1871), *Vasco da Gama e a Vidigueira* (1886), *Breve notícia sobre o descobrimento da América* (1892), *Catálogo dos objectos de arte e indústria dos indígenas da América, que pelas festas comemorativas do 4.º centenário da sua descoberta a Academia Real das Ciências envia à exposição de Madrid* (1892), *Diabruras, santidades e profecias* (1894).

¹¹ *Description des monnaies: médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail* (1867); *Notes sur quelques numismates portugais des XVIIe, XVIIIe, XIXe siècles* (1867), *Descrição Histórica das moedas romanas existentes no Gabinete Numismático de S. M. El-Rei o Sr. D. Luis I* (1870), *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal* (Aragão, 1874; 1877; 1880).

¹² Apresentou-se então em Paris uma selecção das colecções da Casa Real, do gabinete arqueológico da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, das colecções da Academia Real das Ciências de Lisboa, das Catedrais de Lisboa e de Évora, da Biblioteca de Évora (colecções

Foram apresentados em Paris objectos encontrados pela primeira sociedade científica portuguesa criada com o exclusivo objectivo de dedicar-se à investigação de um sítio arqueológico, a *Sociedade Archeologica Lusitana* (CARDOSO, 2018), no caso a estação romana: um colar em ouro e dois anéis no mesmo metal encontrados na cidade romana de Tróia (Setúbal). A organização desta mostra contemplou também espólios arqueológicos da colecção organizada por D. Frei Manuel do Cenáculo, pertencentes à Biblioteca Pública de Évora: foram exibidas na Exposição Universal de 1867 dois fragmentos de estátuas romanas, duas cabeças de homem em mármore branco e duas estatuetas de bronze arcaicas, representando uma cabra e um javali, pertencentes ao mesmo conjunto daquelas que hoje ainda ali se podem observar (Fig. 4). Estava também representado o recente museu formado pela Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, com diversos materiais medievais, entre os quais o busto atribuído à representação de D. Afonso Henriques, segurando numa mão a espada e na outra a cruz. Todos estes objectos arqueológicos foram catalogados por Teixeira de Aragão juntamente com a restante colecção que integrou a secção portuguesa e onde se mostraram preciosas peças de ourivesaria e joalharia, como a cruz processional de ouro de D. Sancho I, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga e outros objectos litúrgicos de ouro dos antigos conventos extintos, a par de peças de mobiliário, vidros, cerâmicas e faianças portuguesas, manuscritos e livros impressos, exemplares



Fig. 2 – Capa do catálogo da exposição portuguesa sobre a “História do Trabalho”, com a descrição das moedas, medalhas e outros objectos de arte apresentada na Exposição Universal de Paris de 1867, da autoria de Teixeira de Aragão. Arquivo© de João Luís Cardoso.

de Frei Manuel do Cenáculo), dos Municípios de Lisboa e Portalegre, do Arsenal da Armada, do Museu da Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, da Sociedade Archeologica Lusitana, da Administração das Minas de São Domingos (Alentejo), da Biblioteca Nacional de Lisboa e Arquivos do Reino. Na exposição encontravam-se também objectos cedidos por particulares. Além das séries de moedas cunhadas pelos municípios, colónias romanas, povos de Espanha, e pelos reis de Portugal até ao ano de 1867 (ARAGÃO, 1867), são mencionados objectos de arte, peças de ourivesaria, mobiliário em pau-rosa e cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XVIII pertencentes ao Barão de Pombeiro, a Jean Palha Faria de Lacerda, Maria da Conceição Serra e Silva, Conde de Penafiel e Barão de Alcochete. Das colecções do “Marquez de Sousa” (nome por que era conhecido o Marquês de Sousa e Holstein) foram facultadas estatuetas romanas em bronze, vidros romanos, uma parte de um prato romano, em prata, um busto de homem em bronze encontrado nas minas de Odemira, e outros objectos mais recentes como uma cruz grega do século XI ou umas esporas do século XVIII.

então selecionados e levados para a capital francesa considerados representativos da *História do Trabalho* em Portugal. Entre os particulares que cederam espólios das suas colecções avulta o Rei D. Luís, o Duque de Cadaval, o Marquês de Pombal e muitos outros particulares. No capítulo das instituições são de registar, entre outras, o Arsenal da Marinha, a Câmara Municipal de Lisboa e a Academia Real das Ciências de Lisboa.

A multiplicidade de proveniências das peças selecionadas para a Exposição Universal revela alguns aspectos relativos à circulação de espólios de verdadeiro valor artístico e monetário, bem como a mobilização das instituições e personalidades suas detentoras, tendo como objectivo a organização de uma colecção nacional representativa das diversas vertentes das actividades desenvolvidas em Portugal, apresentadas numa perspectiva histórica. Facilmente se compreende a complexidade e a responsabilidade da organização de um tal projecto, dada a diversidade dos intervenientes, a importância material e imaterial das peças excepcionais e de valor inestimável que então foram transportadas para Paris, tendo ainda presentes as dificuldades logísticas e as responsabilidades administrativas e legais inerentes a tal concretização. Mas a responsabilidade cometida a Teixeira de Aragão justificava-se por constituir oportunidade única para Portugal figurar nos *palcos internacionais de ciência, tecnologia e cultura* que constituíam à época e a nível mundial as exposições universais (MATOS & DEMEULENAERE-DOUYÈRE, 2012). Num contexto de fortalecimento das identidades nacionais e de debate em torno da idade da humanidade, várias das nações representadas, incluindo Portugal, apresentaram neste evento os mais antigos vestígios de ocupação humana do seu território, inclusivamente pré-históricos. Uma representação da pré-história europeia foi precisamente apresentada



Fig. 3 – Vista aérea oficial da Exposição Universal de Paris de 1867 (imagem em domínio público, Library of Congress Prints and Photographs Division Washington, D C. <http://loc.gov/pictures/resource/pgs.02412/>).

na entrada da galeria dedicada à História do Trabalho (GRAN-AYMERICH, 2001, p. 17). Também Portugal não ficou arredado deste desígnio. Com efeito, coube a F. Pereira da Costa, então membro co-director da Comissão Geológica de Portugal apresentar alguns dos produtos que vinham sendo retirados da exploração das cavernas e de outras estações pré-históricas de ar livre do território português, desiderato que não chegou a concretizar-se, por desinteligências havidas no seio da referida comissão, que conduziu à dissolução da mesma (CARDOSO, 2019), conforme relata o próprio (COSTA, 1868, p. V): “Depois de ter feito a escolha e descrição dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d’esses objectos, occorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticável a conclusão d’este trabalho, e apesar de todas as nossas diligencias, a industria dos tempos prehistoricos de Portugal deixou de ser representada na secção da historia do trabalho na exposição de 1867 em Paris”.

Porém, houve ainda tempo para serem impressas belas litografias de alguns de tais exemplares, entretanto publicadas (CARREIRA & CARDOSO, 1996) que bem evidencia a importância que havia sido dada ao evento (Fig. 5).

A Exposição Universal de 1867 desenrolou-se paralelamente à segunda sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-histórica, onde, ao contrário do verificado naquela, esteve representada uma colecção de objectos de origem portuguesa. Francisco António Pereira da Costa, de novo ele, tinha enviado com sucesso para a organização deste congresso duas caixas com moldes em gesso de ossos humanos e de diversos objectos pré-históricos: crânios e mandíbulas provenientes do cabeço da Arruda, placas de xisto decoradas provenientes de monumentos megalíticos de Leiria, Viana do Alentejo e Castelo de Vide, machados de pedra de Castelo de Vide e um machado de bronze encontrado em Alenquer (MORTILLET, 1868, p. 31-35). Pereira da Costa apresentou ainda ao Congresso uma comunicação sobre os monumentos dolménicos portugueses, que se relacionará com o conjunto de litografias então impressas, mas que jamais se chegaram a publicar (COSTA, 1868). Compreende-se assim que Teixeira de Aragão tenha tentado integrar a Galeria sobre a História do Trabalho na celebração deste Congresso Internacional, onde Portugal também estava representado, potenciando assim a visibilidade do seu trabalho.



Fig. 4 – Cabrinha de bronze, de características arcaicas, pertencente à colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo, conservada no Museu de Évora, hoje designado Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, provavelmente o exemplar exposto em Paris em 1867 e inventariado no respectivo Catálogo com o n.º 47. Foto© de João Luís Cardoso.

O êxito da participação portuguesa na Exposição Universal de Paris de 1867, coordenada na parte respeitante à História do Trabalho por Teixeira de Aragão, missão de assinalável complexidade e responsabilidade, reforçou o seu prestígio, tendo vendido naquele mesmo ano de 1867 ao próprio rei D. Luís a sua colecção de moedas romanas para enriquecimento da “Colecção Archeologica d’Ajuda” (PEREIRA & RODRIGUES, 1904, p. 108-109), a qual foi objecto de um catálogo, elaborado pelo próprio ARAGÃO (ARAGÃO, 1870) (Fig. 6) no qual são descritas as 2622 exemplares vendidos naquela ocasião. Foi então que assumiu, por nomeação régia, o cargo de Conservador do Gabinete Real, com que se intitulava na sua correspondência (ver, por exemplo, a missiva enviada a 14 de Dezembro de 1869 ao numismata espanhol Alvaro Campaner y Fuertes (MATEU y LLOPIS, 1949, p. 117).

Para além da Numismática, os registos sobre a sua colecção devem-se essencialmente a Leite de Vasconcelos, que refere tratar-se de “um interessante museu, onde estavam representadas as épocas da nossa história e diferentes espécimes das nossas artes e industrias” (VASCONCELOS, 1904).

Essa colecção, no que se refere à Arqueologia, terá sido constituída com base em incessantes pesquisas junto das populações. O próprio Aragão registou as facilidades de localização de objectos arqueológicos pelos médicos, como ele próprio, que contactavam diariamente com as populações rurais: “O médico, pelo contacto com as classes rurais é, ordinariamente, a quem chega primeiro a notícia dos achados arqueológicos, que investiga, e muitas vezes os compra para si ou para os seus correspondentes.” (ARAGÃO, 1870, p. VIII). Terá sido esta posição privilegiada que contribuiu para a formação das suas colecções arqueológicas, de “artes e industrias”, para além da de numismática.

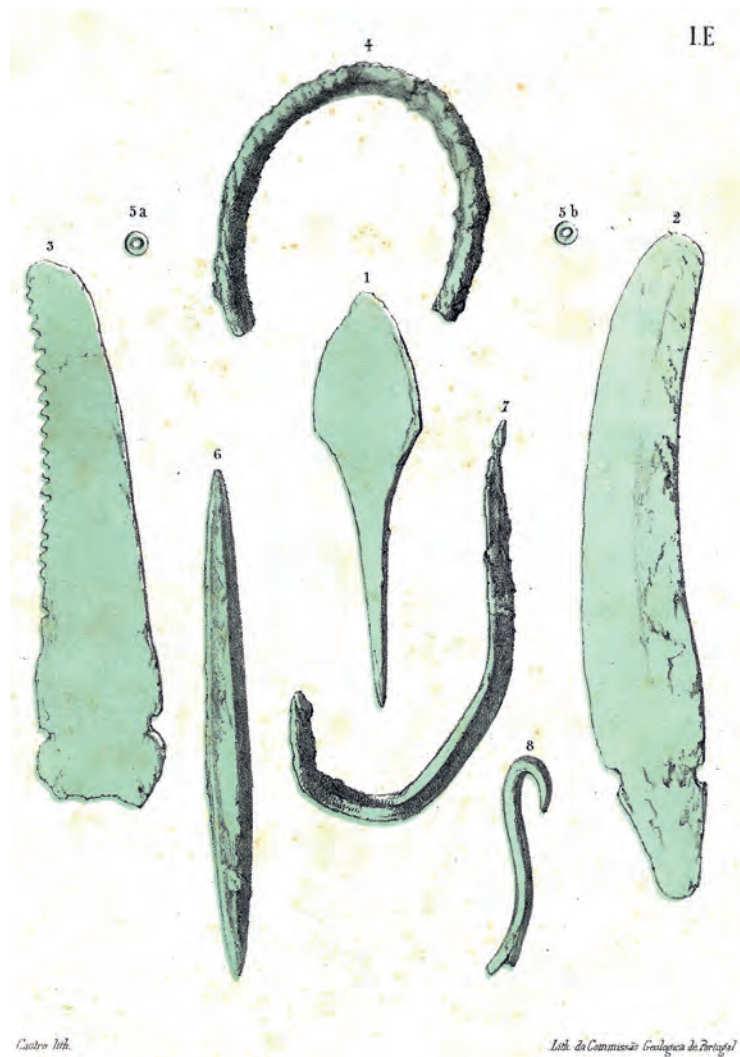


Fig. 5 – Litografia de objectos de cobre de estações pré-históricas portuguesas (povoado de Rotura, Setúbal e gruta da Casa da Moura, Óbidos) executada por determinação de F. A. Pereira da Costa pela Comissão Geológica de Portugal e destinada a um álbum a ser apresentado na Exposição Universal de Paris, de 1867, o que não se chegou a verificar (CARREIRA & CARDOSO, 1996).

*** **

O interesse de Teixeira de Aragão pelo coleccionismo de espólios arqueológicos remonta ao período em que residiu em Tavira, de 1853 a 1858. Foi nessa altura que fez transportar para o jardim do Hospital Militar o



Fig. 6 – Capa de brochura do catálogo das moedas romanas da Coleção do Rei D. Luís, realizado por Teixeira de Aragão e publicado em 1870. Arquivo© de João Luís Cardoso

monumento funerário dedicado a *Tatianós*. Trata-se de notável ara escrita em Grego, encontrada em 1856 na fazenda do Trindade, perto de Santa Luzia (Tavira), a qual foi descrita pela primeira vez por Estácio da Veiga, com base nas informações que lhe foram generosamente facultadas por E. Hübner (VEIGA, 1866, p. 24, nota 1) e por aquele representada (Fig. 7). Teixeira de Aragão ofereceu este raro monumento epigráfico em 1857 a Estácio da Veiga, encontrando-se o mesmo presentemente depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 8). A salvaguarda desta inscrição deve-se, assim, à intervenção de Teixeira de Aragão, tal como a de uma coluna e de duas lápides com inscrições que encontrara em propriedades próximas. Ali obteria ainda várias moedas romanas de bronze e ser-lhe-iam oferecidos pelo proprietário da Quinta das Antas, João Luiz de Mendonça e Mello, objectos de barro, vidro, recolhidos durante os trabalhos agrícolas, para além de moedas romanas. Aragão viria a ser convidado, em 1858, para assistir à escavação de uma necrópole romana nos terrenos daquela quinta, junto à encosta do rio,



Fig. 7 – Ara de *Tatianós*, em gravura publicada por Estácio da Veiga (VEIGA, 1866, p. 26). Recolhida em 1856 na Fazenda do Trindade (sítio de Santa Luzia, Tavira) por Teixeira de Aragão que a transportou para o jardim do Hospital Militar de Tavira. Foi pouco depois oferecida pelo próprio a Estácio da Veiga (VEIGA, 1866; ARAGÃO, 1868) e por este incorporada nas colecções que pertenceram ao *Museu Archeologico do Algarve*. Em 1894 foi integrada, juntamente com o restante espólio dessa mesma colecção que se conservava na residência algarvia de Estácio da Veiga no actual Museu Nacional de Arqueologia. Arquivo© de João Luís Cardoso.

a qual providenciou considerável aumento da sua coleção numismática. Junto a esta quinta refere o próprio Aragão ter conseguido obter grande quantidade de moedas que designou como grandes bronzes de Augusto, de Cláudio I, de Trajano, de Plotina, de Marco Aurélio, de Faustina Júnior, de Julia Domna, de Julia Mamaea, de Gordiano, de Herennia Etruscilla, de Maximiniano; e os medianos e pequenos bronzes de Constantino Magno, de Crispo, de Quintillo, de Constante, etc. estes em admirável estado de conservação (ARAGÃO, 1868, p. 11).

Sendo o seu interesse pelas antiguidades localmente conhecido, foi convidado pelo proprietário Sebastião Fernandes Estácio da Veiga, da quinta contígua à referida quinta da Antas, a quinta da Torre de Ares, para conhecer os objectos de época romana ali recolhidos nessa propriedade, entre eles as lápides que suscitariam a publicação pelo seu familiar de Sebastião Phillippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), na já mencionada monografia *Povos Balsenses* (VEIGA, 1866), cuja tese sobre a localização da cidade romana de Balsa, Teixeira de Aragão viria a corroborar (ARAGÃO, 1868).

Nos terrenos da quinta das Antas, confinantes com a quinta de Torre d’Ares obteve Aragão alguns exemplares de real importância: é o caso de uma *statera* e de um *speculum* (Fig. 9) publicados muito mais tarde pelo próprio, mantendo-os na sua posse (ARAGÃO, 1896, p. 56), constituindo-se o intermediário na oferta de materiais de construção romanos para o museu da Academia Real de Belas Artes de Lisboa, sendo entregues pelo próprio ao vice-inspector da Academia, o Marquês de Sousa Holstein (1838-1878) (ARAGÃO, 1868, p. 10; XAVIER, 2014).

Durante o seu destacamento no Algarve, entre 1853 e 1858, Aragão procedeu também ao exame das ruínas de Estoi, então associadas à cidade romana de Ossónoba¹³ (ARAGÃO, 1868, p. 11). Aragão divulgou também a informação de que neste local e em Loulé Velho, onde as ruínas existentes apontavam para a existência de edifícios termas, apareciam com frequência “tesseras em chumbo” (ARAGÃO, 1868, p. 11)¹⁴. Este interesse pelas antiguidades conduziu-o também a identificar, na construção das muralhas de



Fig. 8 – Ara de Tatianós na exposição *Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa* (MNA, Lisboa, 2002).

¹³ Precursora da cidade de Faro.

¹⁴ Aragão é actualmente referenciado pela historiografia como o descobridor do edifício termal de Loulé Velho em 1868 (OLIVEIRA, 2010, p. 241).

Itinerario de Antonino, que diz achar-se Balsa a cinco leguas de *Aesuri* (Ayamonte ou Castro Marim) e a quatro de *Ossonoba* (Faro), distancias que existem hoje muito aproximadamente entre a Torre de Ares e Ayamonte ou Castro Marim, e a capital do Algarve.

Entre os varios objectos que reunimos durante a nossa residencia na cidade de Tavira, figura a *statera*, vulgarmente chamada «balança romana», encontrada na Torre de Ares e copiada na gravura junta. É de cobre; compõe-se de uma haste de 0^m,19 de comprido; de cada lado tem duas superficies, divididas por espaços iguaes com riscos verticaes (*puncta*). Numa das faces apresenta, de cinco em cinco riscos, um maior e mais fundo. Na outra face tambem tem marcação, um pouco apagada, sendo os riscos distanciados entre si um centimetro; no meio tem outro risco mais curto, e intercalados um V e um X. No extremo



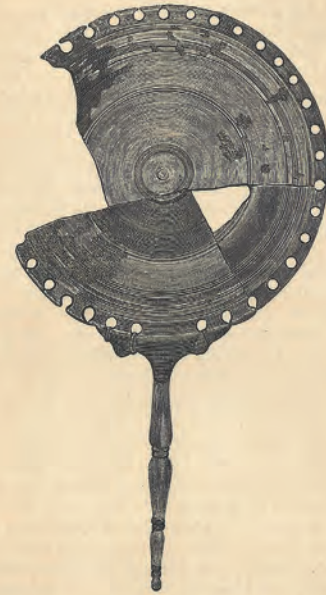
da haste estão em sentido inverso duas argolas lisas, presas em eixos, as quaes seguram dois ganchos: o mais central e mais fechado servia para se suspender; no outro do extremo da haste, que ficava voltado para baixo, era onde se pendurava o objecto que se queria pesar. No comprimento da haste, marcada com a escala dos riscos, collocava-se o *aequipondium*, que designava o equivalente do peso.

Nos museus existem variados especimes de balanças romanas, algumas com primoroso trabalho artistico; o exemplar que acabamos de descrever é dos mais simples que conhecemos, mas obedece ao mesmo systema mechanic.

2. Speculum

A estampa n.º 2 representa um espelho (*speculum*), encontrado nos terrenos das Antas, que confinam com a propriedade da Torre de Ares. É de metal branco, composto de uma liga de cobre e estanho

polido; uma das faces da parte circular é lisa e ligeiramente convexa, na orla tem como ornato uma serie de furos a distancias regulares, e no bordo prende-se um cabo (*capulus*) com o comprimento de 0^m,125 para o segurar. Na face posterior, como se vê no desenho, represen-



tou-se como ornamentação uma serie de circulos concentricos. O diametro é de 0^m,16.

Esta peça foi encontrada inteira, bem como outra analoga, embora menor e mais simples; mas os trabalhadores, que as descobriram, despedaçaram-nas para verificarem se seria de prata.

A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO.

Fig. 9 – Balança e espelho, romanos, obtidos por Teixeira de Aragão, o primeiro na quinta da Torre d’Ares, o segundo nos terrenos da quinta das Antas, confinantes com a primeira. Incorporaram as colecções de Teixeira de Aragão no período em que residiu em Tavira (1853-1858) e foram adquiridos em Janeiro de 1901 pelo Museu Nacional de Arqueologia (seg. ARAGÃO, 1896, p. 56, 57). Foto de João Luis Cardoso.

Faro, a reutilização de muitas pedras trabalhadas, como cipos, lápides sepulcrais, colunas, capitéis, e fragmentos de mármore (ARAGÃO, 1868, p. 12)¹⁵.

Em 1868 foi nomeado pelo Ministro do Reino para estudar o cemitério romano que surgira na Quinta do Arroio, em Tavira (Algarve). As investigações, iniciadas no dia 16 de Agosto desse ano, decorreram até ao final do mesmo mês. Durante este período procedeu a escavações, identificou estruturas e objectos e registou as características e os contextos das descobertas no relatório que apresentou ao referido Ministro. Este documento, publicado pela Imprensa Nacional (ARAGÃO, 1868) e difundido no *Diário de Lisboa* de 14 de Novembro de 1868, divulgou a formação de uma colecção arqueológica formada pelo proprietário da Quinta do Arroio, Francisco Simão da Cunha, composta por mais de 100 objectos¹⁶ de barro, vidro, âmbar, marfim, mármore, ferro, cobre, estanho e ouro.

¹⁵ São as publicações do próprio Aragão que registam estas investigações e este interesse efectivo pelas antiguidades, moedas e outros materiais arqueológicos. Também os quatro volumes sobre as *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (VEIGA, 1886-1891) possuem diversas informações sobre a sua colecção de materiais arqueológicos pré-históricos.

¹⁶ Objectos que integraram a colecção particular do proprietário Francisco Simão da Cunha.

QUADRO 1 – Coleção de objectos arqueológicos encontrados na Quinta do Arroio (ARAGÃO, 1868); Teixeira de Aragão efectuou o seu estudo, por nomeação do Ministro do Reino, entre 16 e 31 de Agosto de 1868.

Colecção de objectos arqueológicos estudados e divulgados por Teixeira de Aragão em 1868.	Materiais
3 ânforas Grande número de tijolos de barro vermelho Alguns telhões 15 Urnas de barro (<i>olla ossuaria</i> ou cineraria) 9 Lucernas	Barro
9 Vasos de gargalo alongado (base 7 cm) 2 Vasos de gargalo alongado (base 11 cm) 1 Vaso de gargalo muito longo (22 cm) 1 Vaso (16 cm) Fragmentos de vidro verde (urnas funerárias) Fragmentos de vidro branco 4 Vasos uniformes	Vidro
1 Golfinho	Âmbar
1 Colher 2 Pranchas (5,4 cm x 4,4cm) 3 Alfinetes de cabelo	Marfim
Lápide	Mármore
2 Argolas de fio de ouro, brincos	Ouro
1 Cutelo de sacrificios Grande quantidade de pregos de ferro	Ferro
1 Gonzo de cobre 1 Colher 8 Asteas 26 Moedas	Cobre
1 Espelho	Cobre e estanho

O documento regista as conclusões a que chegara e o seu desejo de contribuir para o progresso dos estudos arqueológicos, tendo presente a necessidade de desenvolver a instrução sobre arqueologia no território nacional. Assim, por forma a “tolher as devastações e fazer respeitar esses fragmentos da arte antiga” o autor defendia a necessidade de publicação de “livros elementares leccionados na instrução secundária dos lyceus e seminários” e a promoção e a “criação de museus” (ARAGÃO, 1868, p. 4). Verifica-se que estes desideratos não foram completamente esquecidos na época, pois anos depois foram seguidos, exactamente nos mesmo moldes, por Estácio da Veiga que, como se sabe, não foi bem sucedido (CARDOSO, 2007).

No mesmo ano de 1868, Teixeira de Aragão foi uma das personalidades que projectou a criação do *Real Instituto Archeologico de Portugal*. As reuniões, que juntaram várias personalidades portuguesas e que ocorreram na Academia Real de Belas Artes de Lisboa visavam criar uma “sociedade destinada ao estudo das Antiguidades com especial applicação à Historia”. Os estatutos foram aprovados e publicados em 1869 mas, por circunstâncias por ora mal esclarecidas, este instituto não chegou a desenvolver trabalho (ARAGÃO, 1874).

Em 1876 foi solicitado pela Academia Real de Belas Artes de Lisboa a Teixeira de Aragão que examinasse, conjuntamente com Estácio da Veiga, espólios da Idade do Ferro que surgiram numa propriedade em Alcácer

do Sal, no âmbito da sua aquisição pelo valor de 3000 réis a António Faria Gentil e a sua mulher (VEIGA, 1891, p. 266). Recorde-se que Estácio da Veiga tinha sido incumbido pelo Governo, por proposta do Marquês de Sousa Holstein, Inspector daquela Academia, de investigar as antiguidades que apareceram perto de Mértola, depois das cheias do Guadiana do inverno de 1875/1876 (CARDOSO, 2007), pelo que fazia todo o sentido que fosse chamado também a prestar o seu concurso a esta descoberta, até por ser pessoa próxima de Teixeira de Aragão. Os espólios em causa, de assinalável interesse patrimonial e científico, incluindo diversos vasos gregos de origem ática, do século IV a.C. (Fig. 10) foram adquiridos pelo Estado, encontrando-se presentemente depositados no Museu Nacional de Arqueologia. Possidónio da Silva dedicou a estes materiais duas pequenas notícias, (SILVA, 1875, 1887), ambas ilustradas de belas reproduções dos espólios a que teve acesso, declarando, a propósito, em 1887, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeoloos Portuguezes pretendia adquiri-los, “porém, outra offerta mais elevada por outra pessoa frustrou a aquisição” (SILVA, 1887, p. 92). Sabe-se agora que foi justamente a Academia Real das bellas Artes, por intervenção dos dois especialistas mencionados.



Fig. 10 – Reprodução da cena mitológica principal existente no Krater ático recolhido em Alcácer do Sal cerca de 1875 (seg. SILVA, 1875, Est. 10). Arquivo e foto© de João Luís Cardoso.

Também em 1876 Teixeira de Aragão foi chamado a participar na Conferência da Citânia, organizada por Francisco Martins Sarmiento (1833-1899) para ouvir a opinião de várias personalidades portuguesas acerca dos resultados das escavações arqueológicas realizadas pelo próprio desde 1874 nas ruínas da Citânia de Briteiros, Guimarães (LEMOS, 1995; CALDAS, 1996) (Fig. 11). Aragão participou nesta reunião, adiada para Junho de 1877, juntamente com Augusto Soromenho, o Marquês de Sousa Holstein – com os quais discutira a mencionada criação do *Real Instituto Archeologico de Portugal* – para além do principal dinamizador da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses, Possidónio da Silva (1806-1896), do secretário da Sociedade de Geografia de Lisboa, Luciano Cordeiro (1844-1900) e de Augusto Filipe Simões (1835-1884), o reorganizador do Museu do Cenáculo e fundador do museu do Instituto de Coimbra (LEMOS, 1995: 120). A estes, juntou-se ainda o Director da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal, Joaquim Nery Delgado (1833-1908), conforme foi possível apurar por um de nós (J.L.C.) com base em documentação da época que se encontra em estudo pelo próprio.

O original manuscrito do contributo então produzido por Teixeira de Aragão encontra-se arquivado no seu Processo Académico da Academia das Ciências de Lisboa (Fig. 12), em cujas Memórias se previa fosse publicado, logo após a realização da Conferência, o que viria a verificar-se, mas dez volvidos, e não nas Memórias da Academia, mas na *Revista Archeologica e Historica* (ARAGÃO, 1887). Este artigo é um dos textos mais interessantes sobre arqueologia que se conhecem do autor. Singelamente intitulado *Citania* aliás em consonância com outros artigos sobre o mesmo tema publicados na época, nele se caracterizam os principais objectos ali recolhidos, com destaque para as moedas, declarando que duas tarefas se impunham, a saber: 1) o levantamento da planta da vasta área escavada; 2) a elaboração de uma carta com a distribuição das ocorrências conhecidas e comparáveis, incluindo também a rede viária que articularia todas aquelas ocorrências. Além deste artigo sobre a Citânia de Briteiros, do já mencionado *Relatório sobre o cemitério romano descoberto próximo da cidade de Tavira em Maio de 1868* (ARAGÃO, 1868), e do artigo dedicado às antiguidades romanas de Balsa (ARAGÃO, 1896), publicou um folheto intitulado *Anéis* (ARAGÃO, 1887) (Fig. 13) onde dá a conhecer a sua colecção, entre os quais alguns exemplares dos séculos XV e XVI de assinalável interesse histórico, substanciado na confrontação com a descrição de documentos coevos; na verdade, trata-se de trabalho de pendor histórico, no qual o autor elabora uma resenha do uso de anéis, desde a época pré-clássica, faltando-lhe apenas as informações acerca das produções pré-históricas, completamente omissas, por serem então quase desconhecidas em Portugal. O espírito do colecionador encontra-se, por outro lado, claramente

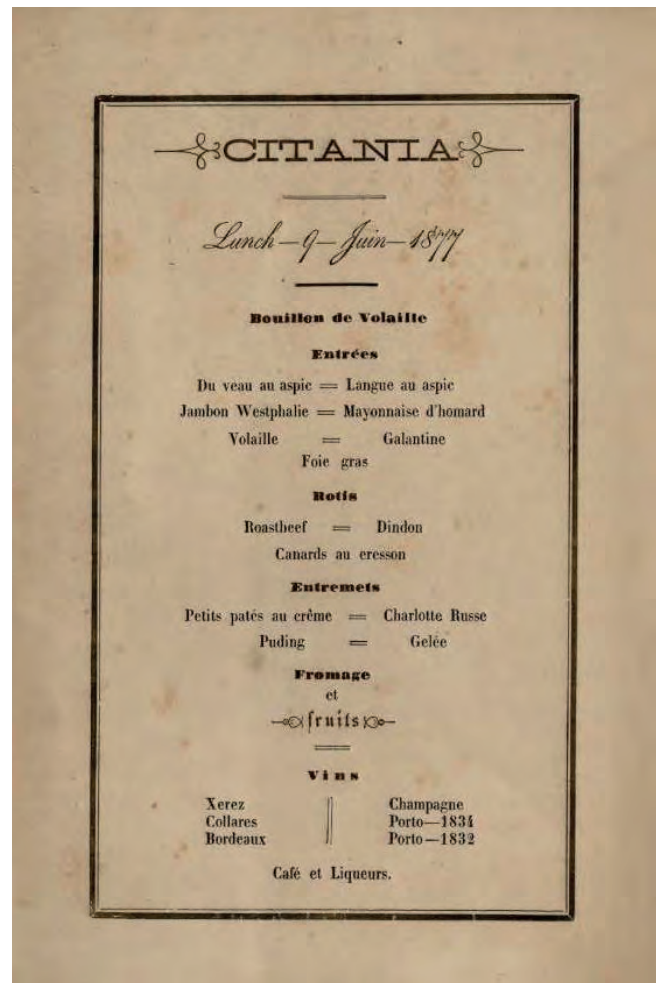


Fig. 11 – Ementa do almoço de 9 de Junho de 1877 servido aos participantes na reunião da Citânia, organizada por F. Martins Sarmiento (arquivo Histórico do LNEG, por cortesia de Ana Carneiro).

Notas sobre as ruínas encontradas,
 no sítio Monte da Freixoia & S. Estevão
 de Britos (Citânia?).

Também a honra de ~~ter~~ hoje parte desta com-
 ferença, posto que sem pretensões a archeologo, mas em cum-
 primto de um dever de gratidão para com o illustrado explora-
 dor das ruínas da Citânia. É também para corresponder
 aos legos do mesmo cavalheiro, que pedi a publicação e do-
 zencia. Não é, breve, como rápida foi a investigação, as
 impressões recetidas das interessantes ruínas e dos objectos
 allí encontrados. O assumpto não devia ser encetado por
 quem em tão pouco vale, achando-se presentes individuos
 de subido merito e mais competentes para reconstruir
 com os fragmentos da industria humana a historia
 das gerações que allí se succederam. Ellas a falta de sci-
 ença é supprida pelo amor que professo aos estudos archeo-
 logicos.

A historia das invasões dos differentes povos antigos
 na Hespanha até aos primeiros seculos da era Christian acha-
 -se bastante confusa; e a noticia, dada por alguns scriptores,
 das cidades que floresceram em taes epochas no territorio por-
 tuguês, tem muitas vezes por base a tradição, que não re-
 siste a uma critica rudimentar.

Nos países mais avançados as tradições são sempre to-
 das em lugar muito secundario, procurando-se firmar a
 opinião em documentos authenticos, sendo considerados
 dos mais positivos os fornecidos pela numismatica e pe-
 la epigraphia, o que tem feito subir estes ramos da es-
 tigmatissima sciencia archeologica a maxima importancia his-
 torica.

Os geographos antigos são quasi todos unanimes em
 dizer que a Hespanha fôra habitada por duas raças distin-
 ctas, a dos celtas e a dos itevos, formando diversas tribus que se

Fig. 12 - Primeira página do manuscrito autógrafo de A. C. Teixeira de Aragão sobre a Citânia, destinado a publicação nas Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, conforme aprovação datada de 9 de Maio de 1878, antes de um ano volvido sobre a célebre reunião científica (Processo Individual Teixeira de Aragão, Academia das Ciências de Lisboa). Foto de João Luís Cardoso.

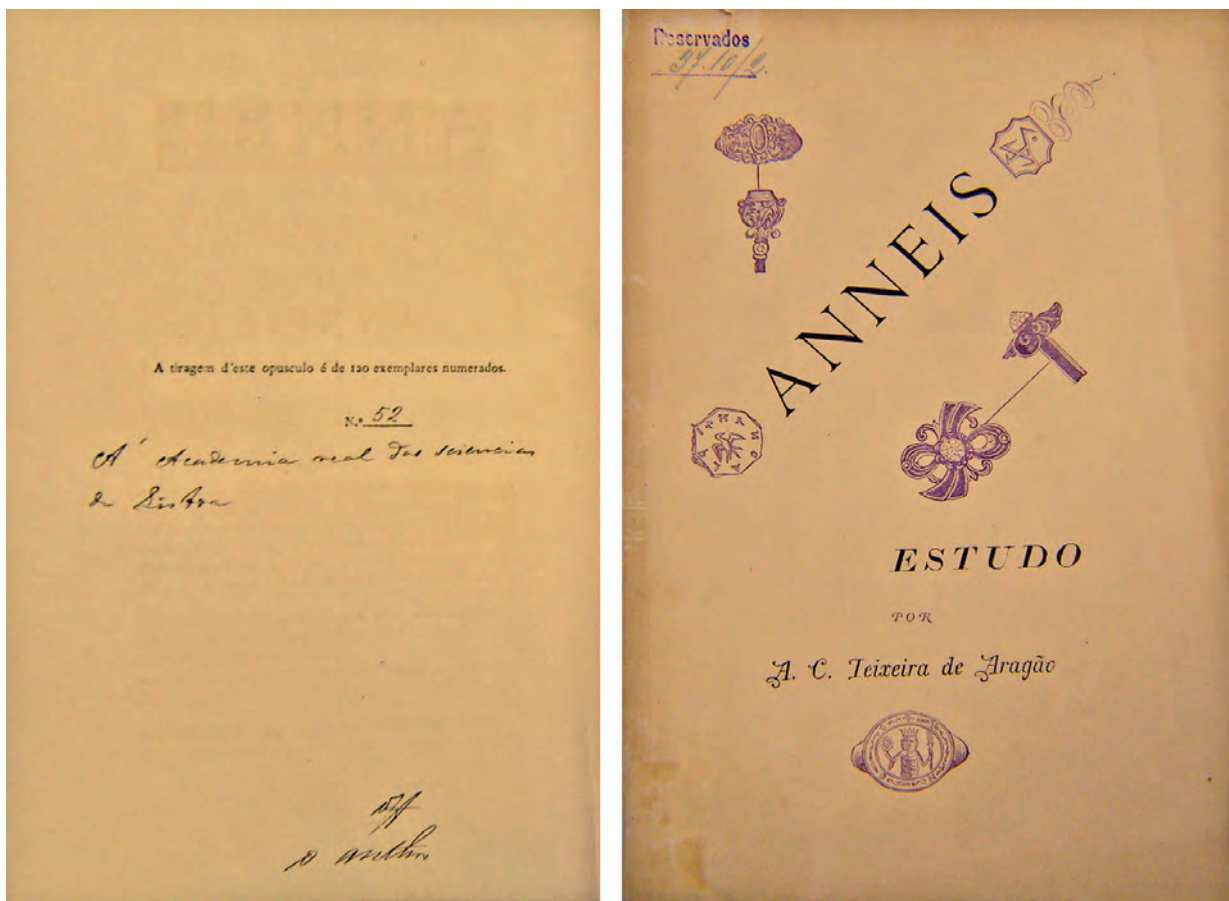


Fig. 13 – Capa da brochura da obra “Anneis”, exemplar oferecido com dedicatória à Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (Processo Individual Teixeira de Aragão, Academia das Ciências de Lisboa). Foto de João Luís Cardoso.

assumido, pois, como declara, só no que respeita ao período entre o reinado de D. João V e o início do século XIX, possuía cerca de 200 exemplares...

O coleccionador procurava valorizar assim as suas próprias peças, publicando-as e interpretando-as com base na informação documental reunida; se essa realidade se encontra bem expressa no interessante estudo dedicado aos anéis, Aragão publicou, mais tarde, dois objectos da sua colecção arqueológica na então recente revista *O Archeologo Português*, em artigo intitulado “Antiguidades romanas de Balsa” (ARAGÃO, 1896): trata-se da já mencionada balança e do espelho que obtivera na quinta das Antas (Tavira), onde existiu a antiga cidade de Balsa, peças que foram incorporadas por compra no Museu Etnológico Português, em Janeiro de 1901, como adiante se verá.

*** **

A disponibilidade para dar a conhecer ou facultar a terceiros o estudo dos objectos das suas colecções foi aproveitada por personalidades como Estácio da Veiga ou José Leite de Vasconcelos. Estácio da Veiga avançou, por exemplo, a hipótese das minas de Aljustrel terem conhecido uma exploração pré-histórica, com base no conhecimento da existência de uma *frecha de cobre*, dali proveniente, nas colecções de Teixeira de Aragão (VEIGA, 1889, p. 21). O mesmo arqueólogo fez também referência à existência de “um excelente polidor de serpentina” (VEIGA, 1886, p. 171) e de “um brunidor de serpentina” (Veiga, 1887, p. 395) que pertenciam igualmente às colecções de Aragão. O conhecimento da existência destes materiais por parte de Estácio da Veiga permitiu-lhe apresentar elementos relativos à ocupação pré-histórica num local onde só era conhecida

a presença romana e comprovar, no *Museu Archeologico do Algarve* a sua existência através de moldes em gesso então realizados (VEIGA, 1887, p. 395). Aragão, numa postura que importa destacar pela excepcionalidade, autorizou a análise química dos objectos pré-históricos das suas colecções e a sua reprodução (VEIGA, 1886-1891). Foi o caso do *estoque* que Aragão adquiriu na cidade de Beja e que Estácio da Veiga pôde apresentar como um exemplo dos *estoques* em bronze do Alentejo (VEIGA, 1891, p. 208)¹⁷.

Também a José Leite de Vasconcelos interessava divulgar os vários objectos de barro romanos, lucernas e asas de ânfora do Algarve de Teixeira de Aragão, alguns deles com as designadas “marcas figulinas” (recipientes de *terra sigillata*). Fê-lo num artigo publicado n’ *O Archeologo Português* (VASCONCELOS, 1900 a, p. 143), revista onde também divulgou uma “Carranca de bronze romana” que Aragão obteve no Algarve (VASCONCELOS, 1900 b, p. 281). Trata-se na verdade de uma asa de sítula como o próprio autor declara, que se conserva presentemente no Museu Nacional de Arqueologia.

Em suma, os objectos da colecção de Teixeira de Aragão, alguns deles publicados por Estácio da Veiga ou por José Leite de Vasconcelos, permitiram acrescentar informações importantes aos estudos arqueológicos da época. Por outro lado, os investigadores mencionados, organizadores de colecções oficiais, ambicionavam poder enriquecer os seus espólios com materiais importantes, como os pertencentes a Teixeira de Aragão. Estácio da Veiga desejava poder incorporar os materiais que pudessem enriquecer o seu *Museu Archeologico do Algarve* e José Leite de Vasconcelos, enquanto responsável por um museu do Estado que pretendia representar a Nação, ambicionava incorporar objectos de todo o território português, o que de facto também aconteceu. As colecções particulares existentes em Portugal, como a de Teixeira de Aragão, constituíam por isso recursos importantes para tais propósitos.

Esta realidade encontra-se evidenciada no respeitante ao contributo mais importante de Teixeira de Aragão para o conhecimento histórico do seu País. Trata-se da sua actividade como numismata, já anteriormente expressa pelas duas obras já referidas (ARAGÃO, 1867, 1880). Em 1875, 1877 e 1880 são publicados os três volumes da sua obra magistral e que ainda hoje continua a ser de consulta obrigatória, a *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal* (ARAGÃO 1875, 1877, 1880) (Fig. 14), que revela bem a



Fig. 14 – Capa do 1.º volume (1875) da obra que celebrou definitivamente Teixeira de Aragão, dedicada ao inventário da numismática portuguesa, e que lhe proporcionou a sua eleição directa como Sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1876. Arquivo e foto© de João Luís Cardoso.

¹⁷ Veja-se a estampa XXV com a representação de vários “estoques” em bronze conhecidos no Alentejo. O objecto representado com o n.º 9 pertencia às colecções de Augusto Carlos Teixeira de Aragão (VEIGA, 1891, p. 208). Trata-se na verdade de um artefacto presentemente designado por “espeto”, utilizado nos banquetes de carácter ritual das populações da 1.ª Idade do Ferro do sul de Portugal.

profundidade e a amplitude dos seus conhecimentos, conjugando de forma articulada as informações de que careciam, tanto os colecionadores, como aos historiadores, o que explica o sucesso da obra e a sua longevidade até o tempo presente, como documento que permaneceu útil. Com efeito, a projecção granjeada por Aragão neste domínio encontra-se comprovada pela correspondência por ele mantida com ilustres numismatas, encontrando-se contudo apenas publicada a enviada ao numismata espanhol Alvaro Campaner y Fuertes (MATEU y LLOPIS, 1949).

Foi esta obra, da qual então se encontrava apenas publicado o primeiro volume e impresso o segundo volume, que contribuiu decisivamente para a eleição de Aragão directamente para Sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, a 28 de Novembro de 1876, na sequência de candidatura aberta para a Secção de História e Arqueologia, a que foi o único concorrente. A proposta, redigida por Silva Túlio, destaca justamente o seu valor tendo sido aprovada por unanimidade dos restantes elementos do júri, que, para além de Silva Túlio, como Presidente, integrava Vilhena Barbosa, Teixeira de Vasconcelos, L. Garrido e Bulhão Pato (Processo Individual, Arquivo Histórico da Academia das Ciências de Lisboa) (Fig. 15).

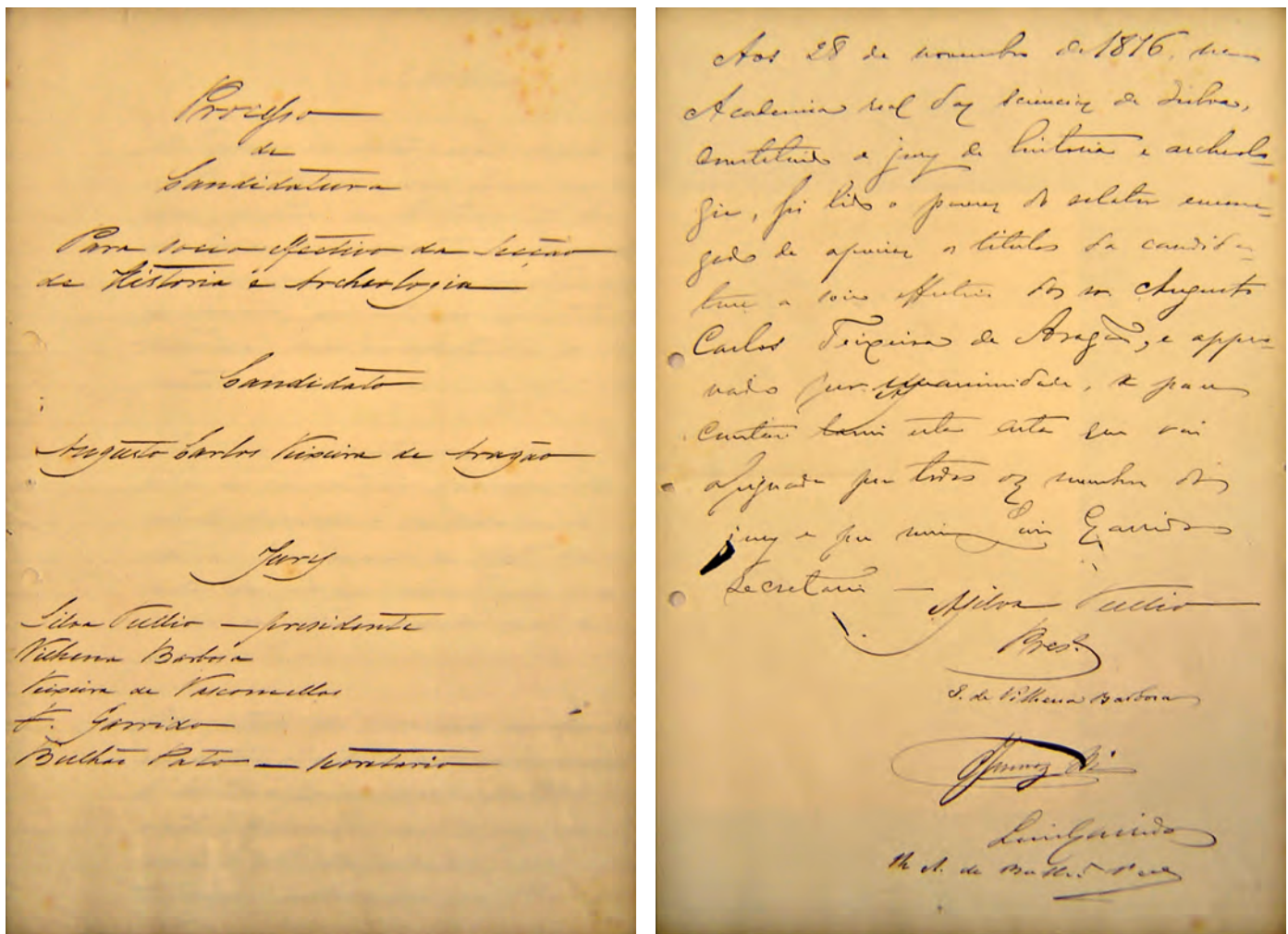


Fig. 15 - Primeira página do Processo de candidatura e acta final da sua eleição como Sócio efectivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, de 26 de Novembro de 1876 (Processo Individual Teixeira de Aragão, Academia das Ciências de Lisboa). Foto de João Luís Cardoso.

4 - UTILIZAÇÃO CIENTÍFICA E SUBSEQUENTE DISPERSÃO DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DE TEIXEIRA DE ARAGÃO

A residência de Teixeira de Aragão “era um verdadeiro museu de trajes e costumes de muitos povos do mundo e de objectos arqueológicos e artísticos”, registou-se na nota necrológica publicada em 1903 na revista *Occidente* (n/a 1903, p. 126). Se os catálogos dos leiloeiros e os registos de inventário dos museus permitem reconstituir essas colecções de arte, mobiliário antigo, vestuário, armas e livros, em relação à colecção arqueológica em questão é necessário recorrer a uma diversidade de fontes para construir uma imagem dos objectos que a constituíam.

A obra de Estácio da Veiga *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, publicada entre 1886 e 1891 fornece informação no que respeita ao conjunto de objetos pré- e proto-históricos da colecção em apreço.

QUADRO 2 – Colecção de objectos pré-históricos de Augusto Carlos Teixeira de Aragão com base nas referências de Estácio da Veiga nos quatro volumes da obra *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (1886, 1887, 1889, 1891).

Objectos da colecção pré-histórica de Teixeira de Aragão ¹⁸	Proveniência	Referência
Adaga em cobre	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1891, p. 108
Adaga em cobre	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1891, p. 108
Algumas frechas de cobre	Aljustrel	Veiga, 1891, p. 144
Brunidor de serpentina	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1887, p. 395
“Estoque”	Fazenda perto de Beja	Veiga, 1891, p. 208
Frecha de cobre	Mina de Algares	Veiga, 1889, p. 127
Frecha de cobre	Aljustrel	Veiga, 1889, p. 21
Instrumentos metálicos (não especificados)	Paderne	Veiga, 1889, p. 59
Lança de alvado em bronze	Évora? (adquirida em Évora)	Veiga, 1891, p. 216
Machado de bronze	Paderne	Veiga, 1891, p. 189
Machado de bronze	Paderne	Veiga, 1891, p. 189
Machado plano de bronze	Évora? (adquirido em Évora)	Veiga, 1891, p. 216
Placa de xisto	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 437
Placa de xisto	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 437
Placa de xisto em forma de cajado	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 437
Polidor de serpentina	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1886, p. 171
Polidor de serpentina em forma de machado	Quinta das Antas (Tavira)	Veiga, 1886, p. 158
Urna em cerâmica	Anta da Cabeça, Herdade do Baldio (C. de Vide)	Veiga, 1887, p. 438

¹⁸ Utilizaram-se as designações de Estácio da Veiga.

Estes objectos provinham de várias localidades algarvias, e do Baixo e Alto Alentejo, como Beja, Aljustrel e Castelo de Vide, correspondendo a colheitas do próprio, a aquisições realizadas a residentes ou trabalhadores locais, ou ainda oferecidos por terceiros, que integravam a rede de conhecimentos de Aragão, como o Marquês das Minas¹⁹ que ofereceu a Teixeira de Aragão várias placas de xisto gravadas provenientes da Anta da Cabeça, Herdade do Baldio, perto de Castelo de Vide (VEIGA, 1887, p. 437).

Por outro lado, o inventário online do Museu Nacional de Arqueologia permite identificar no seu acervo cerca de 50 objetos pertencentes à colecção de Teixeira de Aragão, maioritariamente romanos, alguns medievais, outros de contextos islâmicos e ainda de época pré-histórica²⁰. Uma parte deste conjunto integra-se na colecção de Estácio da Veiga e do *Museu Archeologico do Algarve*, a quem Aragão ofereceu tais objectos, com destaque para a ara funerária escrita em Grego, acima referida. Os restantes objectos foram vendidos por intervenção de José Leite de Vasconcelos ao Museu Etnológico Português, pela viúva de Estácio da Veiga, por um conto de reis (L.C.C., 2004; CARDOSO, 2006, p. 28). A colaboração de Aragão com Leite de Vasconcelos está documentada desde 1889, remontando a época anterior à fundação do Museu que viria a ser por este dirigido. Com efeito, foi nesse ano que Aragão depositou na Biblioteca Nacional, então dirigida por Gabriel Pereira e onde Leite de Vasconcelos era funcionário superior, um “animal votivo. Talvez em honra de Marte (i.é, do Marte lusitano)” conforme a informação registada num verbete manuscrito²¹ preservado no arquivo histórico do Museu Nacional de Arqueologia (Fig. 16). O objecto em causa, encontrado em Viseu terá sido depositado

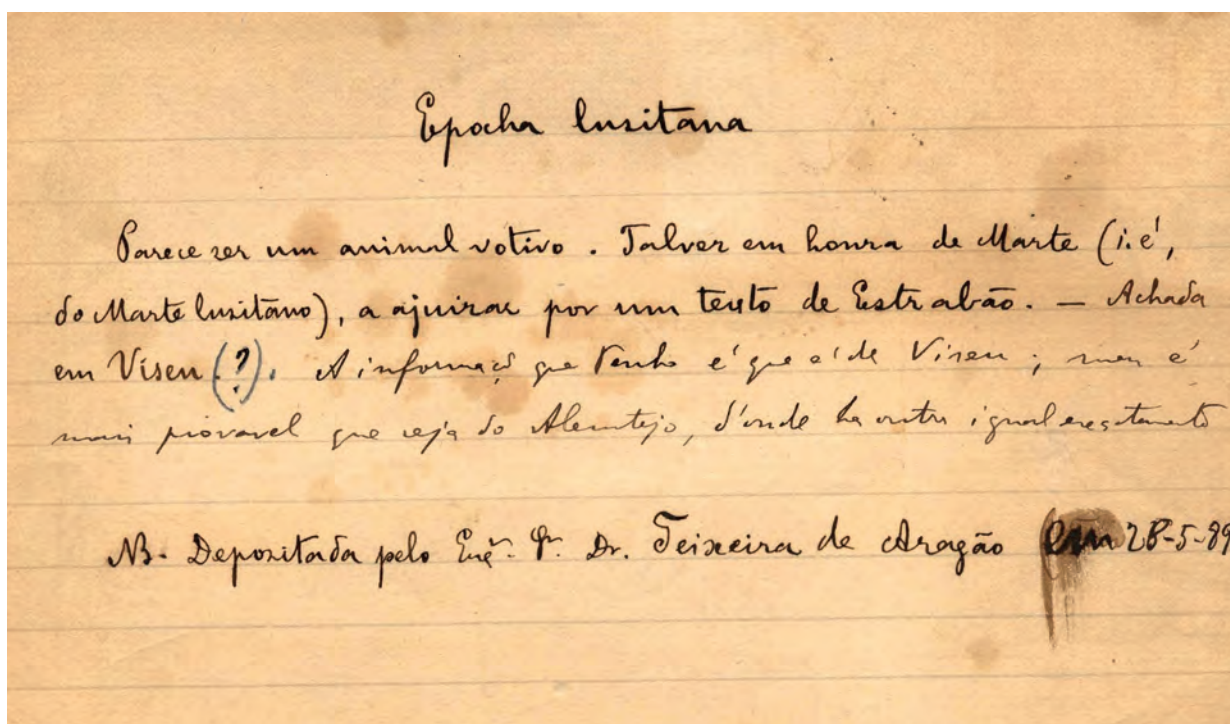


Fig. 16 – Verbetes manuscrito autógrafo de José Leite de Vasconcelos acerca da escultura de touro conservada oferecida por Teixeira de Aragão à Biblioteca Nacional de Lisboa e ali ainda hoje conservada. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de Elisabete Pereira.

¹⁹ Deveria referir-se a Alexandre da Silveira e Lorena (1847-1903).

²⁰ Informação disponibilizada através da MatrizNet.

²¹ Arquivo MNA, Cx Aquisições e Inventário de Peças.

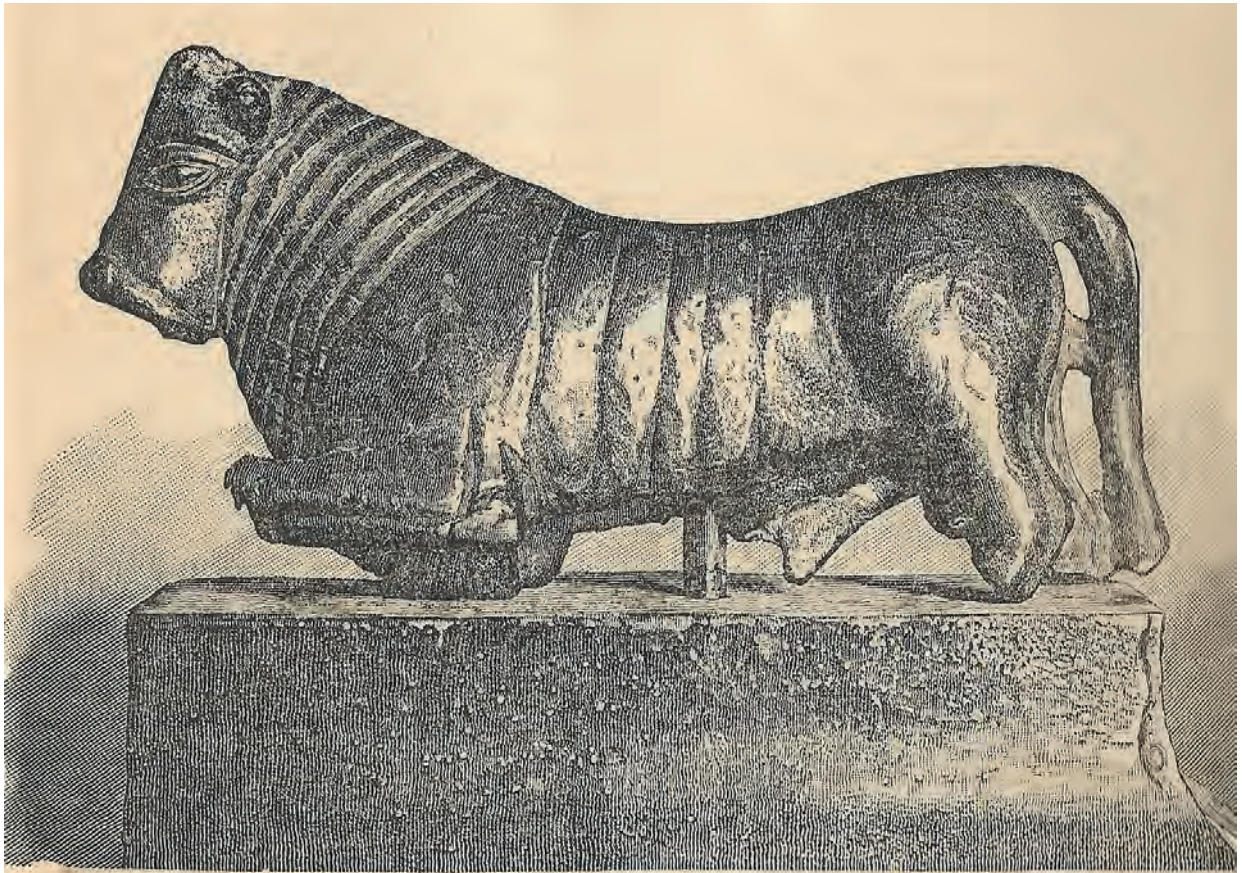


Fig. 17 – Gravura do touro de bronze conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa (PEREIRA, 1895, p. 345). Foto de João Luis Cardoso.

na Biblioteca Nacional em 28 de Maio de 1889. Trata-se de magnífica escultura em bronze de um touro, que efectivamente ainda hoje se conserva no Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Portugal, tendo sido ali inventariado com o n.º 11 (ALARCÃO & DELGADO, 1969). O primeiro estudo que lhe foi dedicado deve-se a Gabriel Pereira (PEREIRA, 1895), por certo a convite do seu subordinado Leite de Vasconcelos, designado-a por “insignia de bronze antiga” (Fig. 17). Com 0,14 cm de comprimento, é peça de características arcaicas, conforme foi referido por Pierre Paris (PARIS, 1904, p. 222-223) que a voltou a reproduzir. Importa, pois, destacar, a atitude generosa de Aragão, ao oferecer este exemplar cuja importância bem conhecia, a uma instituição pública, afastando-se do que seria de esperar de um mero coleccionador suspicaz dominado pela avareza. É interessante, também, verificar que não foi à Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes que esta peça foi destinada, mas sim a uma instituição que nem sequer Museu público possuía.

Apesar desta cooperação com Leite de Vasconcelos ser antiga e ter conhecido resultados concretos, traduzindo-se igualmente na disponibilização para estudo de exemplares das suas colecções, Teixeira de Aragão não foi totalmente ao encontro das expectativas do já então director do Museu Etnológico Português, que esperava poder incorporar todos aqueles objectos nos acervos do “seu” museu. Na verdade, a parte mais importante, como refere José Leite de Vasconcelos, foi leiloadada, em vida do próprio, ou já depois da sua morte (VASCONCELOS, 1904, p. 135, 136), com destaque para a sua coleção numismática.

Em Janeiro de 1901 o Museu Etnológico Português adquiriu a Aragão, que viria a falecer a 29 de Abril de 1903, cerca de 100 peças arqueológicas pelo valor de 67500 réis²². A sua descrição sumária foi realizada pelo diretor do Museu num manuscrito autógrafa onde se identificam abreviadamente os objetos e as suas proveniências, por vezes com a representação esquemática dos mesmos (Fig. 18), com 75 entradas. Contudo, em vários registos são englobados mais do que um objecto: com o número 4, são registados “sete frag. de unguent. de vidro”; com o número 37. “quatro obj. de vidro preto (Odemira)”; ou ainda com o número 49. “três lâmpadas de T. d’A”.

Este documento permite-nos assim reconstituir, ainda que parcialmente, o percurso dos objectos que hoje são pertença do Museu Nacional de Arqueologia (MNA). Veja-se por exemplo o caso do pente de bronze de

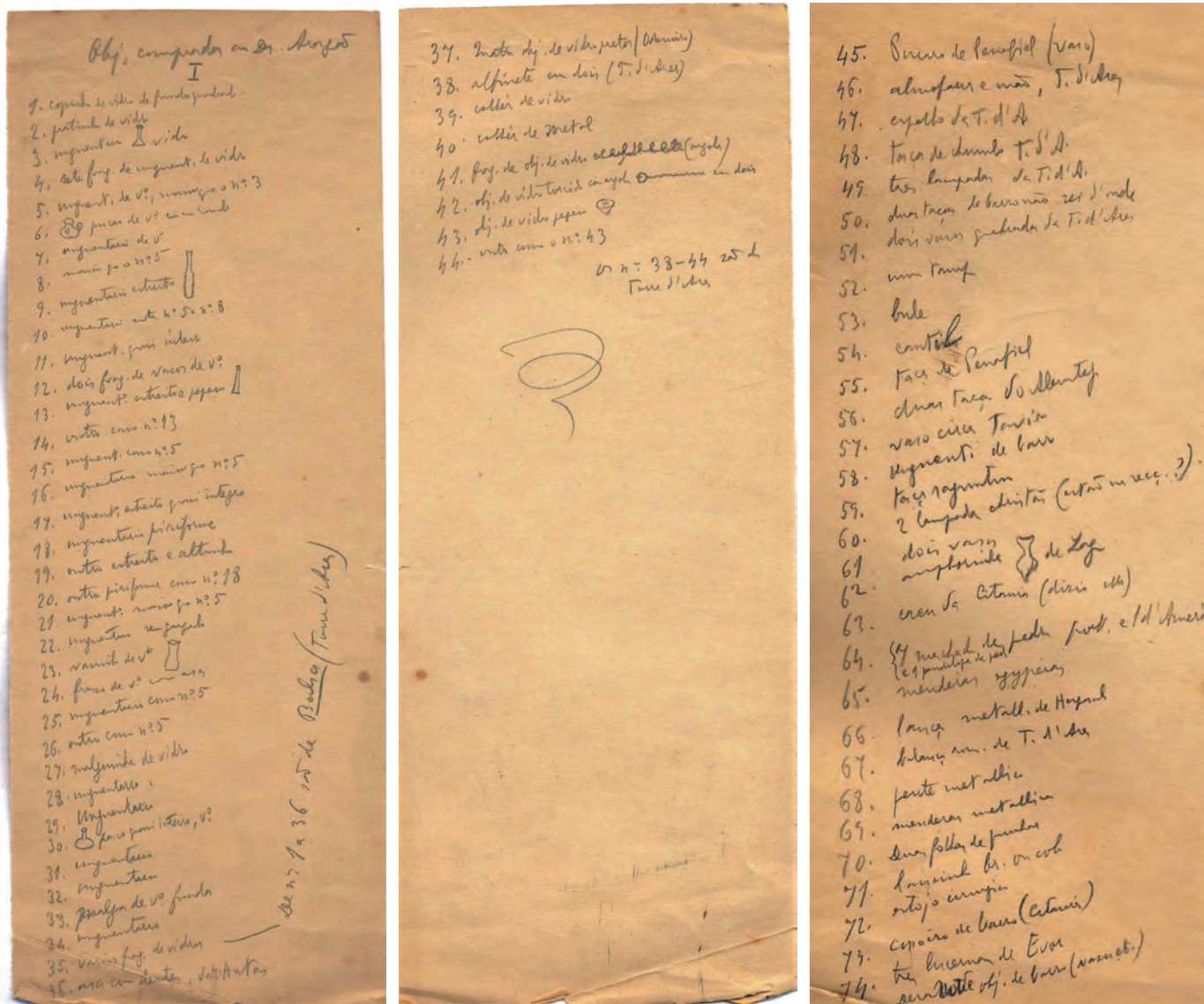


Fig. 18 – Inventário autógrafa de José Leite de Vasconcelos de parte da colecção de Augusto Carlos Teixeira de Aragão adquirida pelo Museu Nacional de Arqueologia em Janeiro de 1901. Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Foto de Elisabete Pereira.

²² Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, documentos de José Leite de Vasconcelos.

época romana, preservado no MNA com a cota 983.289.1²³. No historial do objecto registado na MatrizNet podemos ler que “se ignora a sua proveniência, indicando-se que pertencia à coleção de Teixeira de Aragão. Como esta deu entrada no Museu juntamente com o espólio recolhido por Estácio da Veiga e se encontrava junto desta, pode tratar-se de um objeto recolhido em Torre d’Ares”. Sabe-se agora que, contrariamente ao registado, os objectos que pertenceram à coleção de Aragão entraram independentemente no Museu através deste processo de aquisição que ocorreu em Janeiro de 1901, o qual regista precisamente um “pente metálico”, enquanto que a coleção de Estácio da Veiga foi adquirida logo após a fundação do Museu, em 1893, conforme atrás se referiu, datando a sua incorporação efectiva do ano seguinte.

Este manuscrito vem igualmente esclarecer o momento de incorporação do espelho romano em bronze registado no MNA com a cota 15451²⁴. O historial do objecto registada na MatrizNet refere a provável integração do espelho romano em 1894, ano em que foram incorporadas as coleções de Estácio da Veiga. Contudo, o espelho registado neste manuscrito de Leite de Vasconcelos corresponde ao objecto recolhido por Aragão durante o período em que residiu em Tavira, “nos terrenos das Antas, que confinavam com a propriedade da Torre de Ares” (ARAGÃO, 1896, p. 56). Importará igualmente rever o historial da balança romana, encontrado na quinta da Torre d’Ares (*Idem, ibidem*), e registada na MatrizNet com a cota 983.288.9²⁵. Mais uma vez, este manuscrito vem indicar a sua incorporação no âmbito deste processo de aquisição da coleção arqueológica de Teixeira de Aragão em Janeiro de 1901.

De salientar o elevado número de peças de vidro provenientes das necrópoles da antiga cidade de Balsa: um conjunto de mais 24 unguentários de diversos formatos e dimensões e em vários estados de conservação; a estes juntam-se copos, pratos e vasos, igualmente provenientes das mesmas necrópoles. Nesta listagem identificam-se também 14 objectos provenientes de Torre d’Ares. Os desenhos esquemáticos inscritos no manuscrito poderão contribuir igualmente para esclarecer o seu historial.

É igualmente interessante verificar a existência de outros objectos arqueológicos ou etnográficos oriundos de outras áreas geográficas, registando-se um cossoiro da Citânia de Briteiros que deve ter sido obtido aquando da reunião ali havida em 1877. De igual modo, assinalam-se exemplares de outras paragens, como um machado de pedra polida “da America”, que poderá relacionar-se com o conjunto de peças etnográficas brasileiras dali trazidas no século XVIII por Alexandre Rodrigues Ferreira, entre os quais alguns machados de pedra polida encabados, conservados na Academia das Ciências de Lisboa e estudados pelo próprio (ARAGÃO, 1892), bem como um exemplar do Egipto.

A dispersão da coleção arqueológica de Teixeira de Aragão fez-se também por outras vias. O colecionador optou por vender em França, ao “Sr. Baron”, “vários anéis de ouro romanos, achados em Portugal, alguns vasos do Algarve, da mesma época, e um fundo de pátera lusitano-romana de prata, “com a gravura de um Deus” (VASCONCELOS 1904, p. 136). Leite de Vasconcelos considerou esta venda ao comerciante parisiense como um desfalque à arqueologia nacional: “Não obstante a amizade que eu consagro a Aragão (...) não posso esquecer este desfalque que elle fez sofrer à arqueologia nacional, entregando a um negociante estrangeiro objectos que deviam ficar no país, de mais a mais sabendo Aragão que eu lh’os comprava para o Museu” (VASCONCELOS 1904, p. 136), pois teria condições para adquirir este e todos os outros objectos que pertenceram às coleções de Teixeira de Aragão.

²³ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=120097>

²⁴ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=1025816>

²⁵ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=113860>

Esta pátera de prata possui letras incrustadas a ouro (RIBEIRO, 2002), tendo sido encontrada no norte de Portugal (Fig. 19). Em 1861 estava na posse de Domingos de Oliveira Maia (1798-1863), fidalgo-cavaleiro da Casa Real, residente na cidade do Porto (HÜBNER, 1871, p. 69; ENCARNAÇÃO, 2012, p. 124; PEREIRA & NUNES, 2019). Emil Hübner (1834-1891) mencionou-a no artigo *Antichità del Portogallo* (HÜBNER, 1862, p. 205) e depois na obra *Corpus Inscriptionum Latinarum* (1869) e nas *Notícias archeologicas de Portugal* (HÜBNER, 1871). A pátera, que era então o único objeto desta tipologia conhecido território português, foi adquirida, em circunstâncias e data desconhecidas, por Teixeira de Aragão que a vendeu ao já mencionado



Fig. 19 – Desenho do fundo de pátera romana de prata que pertenceu a Teixeira de Aragão publicado por Emil Hübner (HÜBNER, 1871) e posteriormente reproduzida, em 1905, por Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1905 a, p. 310). Museu Nacional de Arqueologia, Au 112. Arquivo e foto© de João Luís Cardoso.

antiquário de Paris, registado por Leite de Vasconcelos como “Sr. Baron”²⁶ (VASCONCELOS, 1904, p. 136). Este nome não consta nos *Repertoire des Catalogues de Ventes Publiques: Intéressant L’Art ou la Curiosité* (LUGT, 1964), não surgindo igualmente nos *Catalogues de Vente aux Enchères*²⁷. No entanto, em correspondência conservada nos arquivos do Musée d’archeologie nationale de Saint-Germain-en-Laye (França), foi possível identificar um antiquário com o nome de Stanislas Baron, que possuía uma casa comercial no número 28 da Rue Grange-Batelières em Paris, e cujas cartas dirigidas ao diretor do museu em Saint-Germain-en-Laye eram precisamente de teor comercial²⁸.

Stanislas Baron é descrito como “a clever and energetic Paris dealer” who “began his career as a wine-merchant: touring through Spain, he had many occasions to purchase works of art and finally gave up selling indifferent wine and dealt instead in valuable antiquities” (RICCI, 1910, p. III)²⁹. O autor, Seymour Ricci, acrescenta ainda que Stanislas Baron adquiriu objectos merovíngios provenientes do Norte de França, encontrados sobretudo das escavações realizadas por Lelaurain (RICCI, 1910, p. IV)³⁰. Deveria ser personalidade conhecida dos colecionadores da Península Ibérica e franceses. Embora Ricci se refira unicamente a Espanha³¹, considera-se como muito provável a hipótese de Stanislas Baron ter contactado em Espanha com comerciantes portugueses, ou ter inclusivamente circulado por Portugal. É conhecido o facto de outro importante colecionador português, Pedro Eugénio Daupias (1818-1900), ter adquirido objectos antigos precisamente a Stanislas Baron (CHEVALLIER, 1892; GONÇALVES, 2021).

Leite de Vasconcelos conhecia a localização da sua casa comercial em Paris, e possivelmente em 1901, ano em que defendeu precisamente na capital francesa a sua tese de *Doctorat de l’Université, Esquisse d’une dialectologie portugaise*³², procurou recuperar os objetos vendidos por Aragão. Nessa sua deslocação a Paris não obteve a pátera, que segundo o comerciante pertenceria então a uma senhora americana, nem os anéis da coleção de Aragão, mas adquiriu para o museu “alguns dos vasos” que lhe pertenceram (VASCONCELOS, 1904, p. 136): uma taça de terra sigillata sudgálica (Fig. 20)³³, um exemplar de terra sigillata hispânica³⁴ e uma taça de paredes finas da mesma época³⁵. No que se refere à pátera, José Leite de Vasconcelos viria a recuperá-la, inesperadamente, alguns anos depois, em Março de 1905, em Madrid³⁶.

²⁶ A biografia deste objeto foi publicada recentemente: PEREIRA & NUNES, 2019.

²⁷ Fontes consultadas nos Archives de Paris, Boulevard Séurier, 18 Paris, em dezembro de 2017; *Catalogues de Vente aux enchères*: D.5E3/50; D.5E3/51; D.5E3/52; D.5E3/53;

²⁸ Investigação realizada em Novembro de 2019 no arquivo do Musée d’archeologie nationale de Saint-Germain-en-Laye; agradecemos o apoio de Christine Lorre e Soline Morinière.

²⁹ Agradecemos a colaboração de Hugo Xavier e Ramiro Gonçalves na identificação dos trabalhos citados.

³⁰ Stanislas Baron é também mencionado numa obra editada pelo Metropolitan Museum of Art: BROWN, *et al.* 2000, p. 16.

³¹ É comum durante o século XIX vários autores estrangeiros referirem-se a Portugal como parte de Espanha.

³² Foi publicada nesse mesmo ano de 1901 pela editora Aillaud & C.^{ie}.

³³ Museu Nacional de Arqueologia, n.º 15587;
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=118415>

³⁴ Museu Nacional de Arqueologia, n.º 15586.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119876>

³⁵ Museu Nacional de Arqueologia, n.º 15578.
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119877>

³⁶ VASCONCELOS, 1905 b, p. 400.



Fig. 20 – Taça de Terra *sigillata* sudgálica, Museu Nacional de Arqueologia, 15587. Foi encontrada na quinta de Torre de Ares, pertenceu à colecção arqueológica de Teixeira de Aragão e integrou o conjunto de objectos que o colecionador vendeu ao leiloeiro parisiense Stanislas Baron. Foi comprada em Paris, juntamente com outros objectos, para o Museu Etnológico, por José Leite de Vasconcelos.

5 – CONCLUSÃO

Foi traçada, pela primeira vez, a actividade de Teixeira de Aragão no domínio da Arqueologia, cuja visibilidade se manteve até hoje ensombrada pelos seus méritos como numismata, já amplamente reconhecidos no seu tempo, e de referência incontornável até à actualidade. Já como estudioso e colecionador de espólios arqueológicos, ainda que em parte estas duas vertentes científicas estejam interligadas – a Arqueologia e a Numismática – a sua actividade era muito pouco conhecida. Por isso se considerou de interesse a realização deste estudo, evidenciando a personalidade polifacetada e permanentemente desperta e curiosa, bem evidenciada na diversidade e importância das colecções por si reunidas ao longo de várias décadas. No tocante à Arqueologia, o seu interesse foi desperto aquando exercia as funções de oficial-médico em Tavira, associando a identificação à protecção dos exemplares arqueológicos a que ia tendo acesso. Também a sua generosidade desde esses tempos da década de 1850 se encontra evidenciada pela oferta da bela epígrafe funerária romana escrita em Grego, que ofereceu a Estácio da Veiga, que a publicou. Com este arqueólogo viria a estabelecer frutuosas relações que proporcionaram àquele a publicação de importantes peças arqueológicas que pertenciam a Aragão, contrariando a imagem do colecionador relutante em fornecer a terceiros informações científicas, e pouco disponível para ceder ou mesmo dar a conhecer as suas colecções. E do mesmo modo procedeu com Leite de Vasconcelos, muitos anos depois.

Esta realidade encontra-se também evidenciada em algumas obras de índole arqueológica que publicou, mais ou menos relacionadas com a Arqueologia. Para além da sua obra maior, sobre Numismática portuguesa, cujo primeiro de três volumes foi publicado em 1875, e que lhe valeu a eleição directa para sócio efectivo

da Academia das Ciências de Lisboa, em 1876, o prazer que retirava do estudo e do conhecimento das suas peças, sempre conseqüente, por conduzir a publicações objectivas e úteis, transparece em outras obras sobre temáticas novas, cujo estudo até então não tinha despertado qualquer interesse em Portugal. É o caso daquela que, modestamente, designou por “Anneis”, publicada em 1887, que evidencia o seu empenho no estudo de um grupo de artefactos mais ou menos artísticos e de uso quotidiano, como fontes de informação histórica. O cuidado na exploração dos detalhes exibidos por estas e outras peças, era acompanhado pela inventariação das colecções com o registo cuidadoso da proveniência dos exemplares, afastando-o definitivamente do curioso espírito ou do colecionador com objectivos económicos ou comerciais. Este cuidado e rigor no tratamento e organização das colecções e na descrição dos exemplares que as integravam, fossem suas ou de outrem, encontra-se já evidenciado tanto no catálogo elaborado para a Exposição Universal de Paris de 1867, onde teve papel de alta responsabilidade pela qualidade e importância das peças então ali apresentadas ao público, como no catálogo das moedas romanas do Rei D. Luís, publicado três anos depois, em 1870, quando já exercia o cargo de Conservador do Gabinete Real. Tal disposição pelo rigor do registo explica, enfim, a adequada inventariação da sua colecção arqueológica, em boa parte adquirida em 1901 pelo Estado e presentemente incorporada no Museu Nacional de Arqueologia.

AGRADECIMENTOS

À presidência da Academia das Ciências de Lisboa, por ter autorizado a consulta e reprodução de documentação constante do Processo Individual de Teixeira de Aragão. À direção do Museu Nacional de Arqueologia e do Musée d’Archeologie Nationale (Saint-Germain-en-Laye, França) por todas as facilidades e autorizações concedidas para a publicação deste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, J. & DELGADO, M. (1969) – *Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades. 1.ª Parte. Antiguidades ibéricas e romanas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1870) – *Descrição Histórica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismático de sua Majestade El-Rei o Senhor D. Luiz I*. Lisboa: Typographia Universal.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1875, 1877, 1880) – *Descrição geral e histórica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*. 3 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1868) – *Relatório sobre o cemitério romano descoberto perto da cidade de Tavira em Maio de 1868*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1867) – *Description des monnaies, médailles et autres objets d’art concernant l’histoire portugaise du travail*. Paris: Imprimerie Administrative de Paul Dupont.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1887) – *Anneis*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1892) – Catalogo dos objectos de arte e industria dos indígenas da América que pelas festas comemorativas do 4.º Centenário da sua descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia à Exposição de Madrid. *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa. 2.ª Classe, 4 (2), p. 1-44.
- ARAGÃO, A. C. Teixeira de (1896) – Antiguidades Romanas de Balsa. *O Archeologo Português*. Lisboa. 2, p. 55-57.

- BROWN, K. R., KIDD, D. & LITTLE, C. (ed.) (2000) – *From Attila to Charlemagne, Arts of the Early Medieval Period in The Metropolitan Museum of Art*. New York: The Metropolitan Museum of Art and Yale University Press.
- CALDAS, A. J. F. (1996) – Conferência arqueológica da citânia. *Revista de Guimarães* (Parte I). Guimarães. 106, p. 240-243.
- CARDOSO, J. L. (2006) – Apresentação. In VEIGA, S. P. M. Estácio da *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos históricos*. Volume V. Silves/Lisboa: Câmara Municipal de Silves/Museu Nacional de Arqueologia, p. 15-30.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Estácio da Veiga e a Arqueologia. Um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 293-520.
- CARDOSO, J. L. (2018) – Primórdios dos estudos pré-históricos em Portugal: os concheiros mesolíticos de Muge (Salvaterra de Magos) e a *Memória* pioneira de Francisco António Pereira da Costa sobre o concheiro do Cabeço da Arruda. In FRANCO, J. E. & FIOLEHAI, C. (dir.), *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa. 2. Primeiros textos de Pré-História, História e Heráldica*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2, p. 91-112.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, p. 145-168.
- CHEVALLIER, P. (1892) – *Catalogue de tableaux anciens & modernes composant l'importante collection de M. le Comte Daupias de Lisbonne*. Paris, 1892.
- COSTA, F. A. P. (1868) – Monuments mégalithiques du Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique. Comptes rendu de la 2.me Session, Paris 1867*. Paris: C. Reinwald, Libraire-Éditeur, p. 180-185.
- CUNHA, C. C. (1901) – *Catalogo do leilão d'objectos d'arte e mobiliário antigo da collecção Aragão na sua casa, calçada do Salitre, no 329-Lisboa: por intervenção do agente Casimiro C. da Cunha*. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora.
- ENCARNAÇÃO, J. d' (2012/2013) – Uma pátera envolta em mistério? *Anas*. 25-26, p. 117-132.
- FERREIRA, E. (2017) – *Antecedentes de um Museu; Lisboa em Festa; a Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola*. Lisboa: Editora Caleidoscópico/Direcção-Geral do Património Cultural.
- GONÇALVES, R. (2021) – Memória da presença de esmaltes na coleção do conde Daupias. in Ana Paula Machado (dir.), *De azul e de ouro. Esmalte em Portugal da Época Medieval à Época Moderna*, Porto: Museu Nacional Soares dos Reis.
- GRAN-AYMERICH, È. (2001) – Archéologie et préhistoire: les effets d'une révolution. In PERRIN-SAMINADAYAR, È., ed., *Rêver l'archéologie au XIXe siècle: de la science à l'imaginaire*. Saint-Étienne: Publication de l'Université de Saint-Étienne. p. 17-46.
- HÜBNER, E. (1862) – Antichità del Portogallo. *Bullettino dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica*. 10-11, p. 193-207.
- HÜBNER, E. (1871) – *Noticias Archeologicas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- KEIL, A. (1905) – *Colecções e Museus de Arte em Lisboa*. Lisboa: Livraria Ferreira e Oliveira.
- L.C.C. (Livia Cristina Coito) (2004) – Documentos para a história do MNA. *O Arqueólogo. Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 491-513.
- LEMONS, F. Sande (1995) – Martins Sarmiento e a arqueologia Portuguesa dos anos setenta e oitenta do século XIX. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 105, p. 117-126.

- LUGT, F. (1964, dir.) – *Repertoires des Catalogues de Ventes publiques: Intéressant L'Art ou la Curiosité, Troisième Période 1860-1900*. La Haye: Martinus Nijhoff.
- MATEU y LLOPIS, F. (1949) – Cartas inéditas de Teixeira de Aragão. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 59 (1/2), p. 113-119.
- MATOS, A. C. & DEMEULENAERE-DOUYÈRE, C. (2012) – The World Exhibitions and the display of science, technology and culture: moving boundaries. *Quaderns d'història de l'enginyeria*. 12, p. 3-10.
- MORTILLET, G. de (1868) – Objects préhistoriques de Portugal. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Prè Historique. Compte rendu de la 2.me Session, Paris 1867*. Paris: C. Reinwald, p. 31-35.
- n/a (1903) – Necrologia: Dr. Teixeira de Aragão. *Occidente: Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa. XXVI, 880, p. 126-128.
- n/a (1904 a) – *Catalogo da importante livraria do distincto numismata Dr. Teixeira de Aragão*. Lisboa, Imp. Lucas.
- n/a (1904 b) – *Catálogo do leilão de armas antigas: collecção do falecido Dr. Teixeira Aragão*. Lisboa, Typ. Universal.
- n/a (1904 c) – *Livros sobre numismática pertencentes à livraria do falecido Doutor Teixeira de Aragão*. Lisboa, Inst. Geral das Artes Graphicas.
- OLIVEIRA, C. F. (2010) – *Mosaicos Romanos de Portugal: o Algarve Oriental*. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia Clássica. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Volume I.
- PARIS, P. (1904) – *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*. Tome second. Paris: Ernest Leroux.
- PEREIRA, E. J. S. (2018) – *Colecionismo Arqueológico e Redes de Conhecimento, Atores, coleções e Objetos – Portugal (1850-1930)*. Lisboa: Caleidoscópio/Direcção-Geral do Património Cultural.
- PEREIRA, E. J. S. (2022) – The antique collection of Teixeira de Aragão (1823-1903): Lisbon and Paris. *La Belle Epoque des collectionneurs d'antiques en Europe*. Paris: Hermann Editions, Louvre Editions. (no prelo).
- PEREIRA, E. J. S. & NUNES, M. F. (2019) – A (in)visibilidade de um objeto romano do Museu Nacional de Arqueologia. *Leituras de história da ciência. MIDAS Museus e estudos interdisciplinares*, 10, <https://doi.org/10.4000/midas.1685>
- PEREIRA, E. & RODRIGUES, G. (1904) – *Portugal: Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*. Volume 1. Lisboa: João Romano Torres.
- PEREIRA, E. J. S. & XAVIER, H. (2022) – Augusto Carlos Teixeira de Aragão (1823-1903). *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (no prelo)
- PEREIRA, E. J. S.; LOPES, M. M. & NUNES, M. F. (2020) – 'Collective Wisdom' at the National Archaeological Museum in Portugal. *Museum History Journal*, 12/2, p. 171-191. DOI: 10.1080/19369816.2019.1731148.
- PEREIRA, G. (1895) – Insignia de bronze antiga. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 344-345.
- PODGORNY, I. & LOPES, M. M. (2013) -Trayectorias y desafíos de la historiografía de los museos de Historia Natural en América del Sur. *Anais do Museu Paulista*. 2, p. 15-25.
- RIBEIRO, J. C. (2002, coord.) – *As Religiões da Lusitânia. Loquuntur saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- RICCI, S. (1910) – *Catalogue of a collection of Merovingian antiquities belonging to J. Pierpont Morgan*. Paris.
- SILVA, J. da (1875) – Uma necropolis romana em Portugal. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série 2, 1 (6), p. 91-92.

- SILVA, J. da (1887) – Explicação da Estampa n.º 79. *Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. Série 2, 5 (6), p. 92-93.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1900 a) – Analecta epigraphica lusitano-romana. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 138-143.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1900 b) – Do Areeiro à Mouraria - Carranca de Bronze Romana. *O Archeologo Português*. Lisboa. 5, p. 281.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1904) – Necrologia. *O Archeologo Português*, 9, p. 128-142.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905 a) – *Religiões da Lusitânia*. Volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1905 b) – Miscellanea. *O Archeologo Português*, 10, p. 396-405.
- VEIGA, S. P. M. E. (1866) – *Povos Balsenses. Sua situação geographico-physica indicada por dous monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d’Ares distante seis kilometros da cidade de Tavira*. Lisboa: Livraria Catholica.
- VEIGA, S. P. M. E. (1886 1887, 1889, 1891) – *Paleoethnologia: Antiguidades Monumentais do Algarve*. Volumes 1 a 4. Lisboa: Imprensa Nacional.
- XAVIER, H. (2011) – O Museu de Antiguidades da Ajuda: numismática e ourivesaria das colecções reais ao tempo de D. Luís. *Revista de História da Arte*, 8; p. 71-87.
- XAVIER, H. (2011) - O Museu de Antiguidades da Ajuda: numismática e ourivesaria das colecções reais ao tempo de D. Luís. *Revista de História da Arte*. Lisboa. 8, p. 71-87.

**ARQUEOLOGIA EM ESPANHA E PORTUGAL ATRAVÉS
DA CORRESPONDÊNCIA DE JULIO MARTÍNEZ SANTA-OLALLA (1905-1972)
DE E PARA ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES**

***ARCHAEOLOGY IN SPAIN AND PORTUGAL THROUGH
THE CORRESPONDENCE OF JULIO MARTÍNEZ SANTA-OLALLA (1905-1972)
TO AND FROM PORTUGUESE ARCHAEOLOGISTS***

Alfredo Mederos Martín¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

Julio Martínez Santa-Olalla (1905-1972), the Spanish Commissioner General of Archaeological Excavations (1939-1956) and acting Full Professor of Primitive History of Man at the University of Madrid (1939-1954), was an amateur archaeologist since he was very young. After studying at the universities of Madrid, Barcelona and Valladolid (1923-26), Santa-Olalla obtained a position as a lecturer at the University of Bonn (Germany) between 1927 and 1931. He defended his doctoral thesis in Spain (1932) and became Hugo Obermaier's assistant (1931-32), Assistant Professor (1932-36), secretary of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory (1935) and Full Professor of Archaeology at the University of Santiago de Compostela (1936). This enabled him to join the Association of Portuguese Archaeologists in 1934 and the Portuguese Society of Anthropology and Ethnology in 1938. In 1944, 1945 and 1947 he visited Portugal, lecturing in Lisbon, Coimbra and Oporto, but was unable to undertake other trips planned for 1945 and 1948. His correspondence shows that he maintained relations with the leading Portuguese archaeologists of the time, although he kept a more distant relationship with Veiga Ferreira. He had a special interest in the Chalcolithic and Late Bronze Age phases of Portuguese archaeology.

Keywords: History of Archaeology, Iberian Peninsula, Martínez Santa-Olalla, Mário Cardozo, A. A. Mendes Corrêa, Eugénio Jalhay, Afonso do Paço, J. R. dos Santos Júnior, Virgínia Rau, Abel Viana, O. da Veiga Ferreira, Vila Nova de São Pedro

1 – PERSONAL, ACADEMIC AND PROFESSIONAL PATH

1.1 – Family environment

Julio Martínez Santa-Olalla was born in Burgos on 23 August 1905, son of the future General José Martínez Herrera and Consuelo Santa-Olalla Cadiñanos. The family had a military tradition, which led to successive changes of the family's place of residence.

¹ Universidad Autonoma de Madrid. Departamento de Prehistoria y Arqueología. alfredo.mederos@uam.es

² Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). ICAREHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

His father was born in Poza de la Sal (Burgos) on December 9, 1877 and graduated as an ensign at the Academy of Military Administration of Ávila at the age of 17. He was decorated during the Rif War campaign. His mother, Consuelo Santa-Olalla Cadiñanos, was also born in Poza de la Sal. José Martínez Herrera, by then a Quartermaster Lieutenant Colonel, temporarily became Mayor of Barcelona on October 8, 1934, replacing Pi y Sunyer after the Barcelona uprising that culminated in the proclamation of the Catalan State of the Spanish Federal Republic by Lluís Companys i Jover, on October 6, which lasted only one day.

Arrested in 1936, he was tried and imprisoned in the prisons of Ventas (Madrid) and Alcalá de Henares. After being released and seeking diplomatic refuge in the French embassy, he was deported to France, from where he went to Burgos, joining the Nationalist Army in the summer of 1937. Once there, he was appointed second in command of the Quartermaster General's Services at Francisco Franco's General Headquarters. When the Civil War ended and General Juan Yagué Blanco, whom he knew from the Moroccan War, became Minister of Air, he was made a Divisional General and appointed Quartermaster General of the Air Force (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 115-116).

His son, Julio Martínez Santa-Olalla, had four brothers and two sisters: José – 'Pepe' –, a medical doctor in the Municipal Health Service of Barcelona; Antonio Martínez Santa-Olalla, who was shot dead in 1936; Víctor Martínez Santa-Olalla, living in Bilbao, the first Provincial Commissioner of Archaeological Excavations in Biscay and later, on returning to Madrid in 1950, Local Commissioner of Bilbao; Emilio Martínez Santa-Olalla, who fought in the Nationalist Army and participated in the archaeological excavation of Castiltierra (Segovia); Consuelo Martínez Santa-Olalla and Carmen Martínez Santa-Olalla. The father and siblings Emilio and Carmen became members of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory. The family lived in Madrid, at 41 Calle Serrano, and after the demise of the mother in May 1944, Carmen, Emilio and Julio always lived with the father.

Julio Martínez Santa-Olalla's studies, depending on his father's assignments, began at the Augustinians of Ronda (Malaga) and continued at the Augustinians of Ceuta, then with the Augustinians of Madrid, followed by the Jesuits in Seville and the Hermanos de la Doctrina Cristiana in Bilbao, until he finished his high school studies at the Real Colegio de Alfonso XII of El Escorial (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011: 116).

He lived in Mahón (Menorca) during the academic year 1921-22, since he refers to the survey of the Trepucó site, near Mahón, where he found Iberian painted pottery during the winter of 1921-22 (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1924 a, p. 124). He was still living on this island in August 1922, when he once again found Iberian pottery at Calas Covas (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1924 a, p. 125). The survey he undertook in 'the last days of July or early August' in Trebeluger possibly also dates back to the summer of 1922 (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1924 c, p. 185).

During summer he used to live at his father's hometown, Poza de la Sal (Burgos), visiting archaeological sites with José María Ibero, from the school of San Francisco Javier de Oña (Burgos), the parish priest of Poza de la Sal, Melquiades Zuñiga Cuerva, and the Jesuit Father Eugenio Jalhay. He dedicated one of his researches to Zuñiga and Jalhay on 9 January 1922, 'as a token of special affection and in acknowledgement of the data they have provided and for channelling my interests' (AMAN [Archivo Museo Arqueológico Nacional], MSO, cuaderno 4, p. 6) and we have evidence of several archaeological visits he made in the summer of 1923, before starting his first university course in the fall of 1923, two of which took place in Oña and involved Ibero and Jalhay, the first on June 24 and the second on July 12 1923 (AMAN, MSO, cuaderno 7, pp. 27 and 37).

1.2 – University studies in Madrid, Barcelona and Valladolid, and earliest publications

He began his academic studies in 1923-24, in Madrid, where he met Hugo Obermaier. The following year, due to his father's reassignment, he studied in Barcelona during his second academic year (1924-25), and was a student of Pedro Bosch Gimpera. His father was transferred again, so he had to attend the third and last academic year of his degree in Valladolid in 1925-26.

Although he was primarily a disciple of Obermaier, of whom he was an assistant and who supervised his PhD thesis, in these early years he had close relations with Bosch Gimpera, whom he always continued to consider 'my master' (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA et al., 1947, p. 141), even though this relationship caused him major inconveniences (PERICOT, 1963, p. xxvi). He kept an active correspondence with him after the Civil War, even publishing an article in *Cuadernos de Historia Primitiva*, albeit he was in exile (BOSCH GIMPERA, 1950), before the openness movement under Minister Ruiz-Giménez.

While still a student, his first paper focused on his home province, Burgos (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1921), on which he wrote a large number of papers throughout his life, ranging from prehistory to Romanisation (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1925 a, 1925 b 1926 a, 1929 a, 1937, 1942, 1995), under the guidance of first Bosch Gimpera and afterwards Obermaier. Just after finishing his studies in 1926, he tried to create an Archaeological Research Service in Burgos, the equivalent of Bosch Gimpera's Archaeological Research Service in the Regional Council of Barcelona (CARRERA & MARTÍN FLORES, 2002, p. 113 no. 15), or, on a more modest scale, the work carried out by Pérez de Barradas in the Madrid City Council since 1924, which he tried to consolidate as a Prehistoric Research Service. His studies at the University of Valladolid resulted in some contributions to the prehistory of this province, including the excavation of a number of Chalcolithic pits and hut floors (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1926 b).

Furthermore, as a second-year student, he began to publish small contributions to the prehistory of Menorca, such as a trepanned skull from a cave of Sinia de Andreu, found alongside over 20 burials, of which he purchased 10 skulls and a vertebra pierced by a bronze arrowhead (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1924 b, p. 147-148). Thanks to Bosch Gimpera, he sent the skulls to Barcelona to be studied by the Chair of Anthropology, Telesforo de Aranzadi (JMSO [Archivo Julio Martínez Santa-Olalla], Bosch Gimpera to MSO, 30-3-1924). Other studies deal with the findings of Roman ceramics in Trebeluger (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1924 c), or an assessment of the western naveta of Biniach (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1924 c).

1.3 – Lecturer at the University of Bonn

After graduating, he tried to obtain a scholarship from the Board for the Extension of Scientific Studies and Research to go to France, under the tutelage of Henri Breuil and the anthropologist Marcelin Boule, with the support of Obermaier, but in the meantime he obtained a readership in Spanish at the University of Bonn from April 1, 1927 until July 1, 1931. Obermaier recommended him, when G. Moldenhauer asked him for a person for the job, and Bosch Gimpera played his part by talking to Meyer-Lübke: 'we both felt that you were the man (...) and that you could settle all their problems at a stroke' (JMSO, Bosch Gimpera to MSO, 11-4-1927). He took up his post in Bonn on May 12, 1927. At the same time he received a yearly stipend of 2,000 pesetas from the Board of Cultural Relations (AGA [Archivo General de la Administración] 31/01539) (MEDEROS, 2019, p. 112). Actually, it took less than a year (the academic year 1926-27) for him to get a long stay abroad, which ultimately lasted four years.

In Germany, Moldenhauer suggested that he specialise in “classical, Roman and Greek archaeology. It is very important for us in Spain (...) You know the role played, for example, by Greek ceramics in Iberian sites, etc. The professor teaching this subject is excellent and the collections are very good”. It has been suggested that he did not follow this advice (GRACIA, 2009, p. 101-102), but he did follow it in part because he began to work on the Late Roman phase, focusing on the Visigoth period when he realised that this was the most interesting subject in Germany. He had to give up the readership owing to problems with the dean of the faculty, Curtius, and G. Moldenhauer himself (ORTEGA & QUERO, 2002, p. 196; GRACIA, 2009, p. 291).

During the years spent in Germany, as a reader in Spanish and Spanish culture, he kept in touch with Gustaf Kossinna, probably through the mediation of Bosch Gimpera (1980, p. 65), who had been his former pupil and considered him ‘a great professor’. As a result of this contact, Martínez Santa-Olalla (1950: 380-381) became interested in the Indo-Europeans (KOSSINNA, 1921), whom he identified with pre-Celtic and Aryan Celtic populations that arrived in the Iberian Peninsula during Late Bronze Age.

Also during his stay in Germany, he wrote a highly praised review (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1931-32, p. 214-215) of the complete version of Kossinna’s key work, *Ursprung und Verbreitung der Germanen in vor- und frühgeschichtlicher Zeit* [The origin and spread of the Germanic peoples in prehistoric and historical times] (KOSSINNA, 1929). During this period he also carried out studies at the Römisch-Germanische Zentralmuseum in Mainz, in 1927, at the time directed by Gustav Behrens, with Gero von Merhart as curator.

In 1929, after talking to Bosch Gimpera, Obermaier and probably also to the Higher Board of Excavations and Antiquities, Martínez Santa-Olalla planned to excavate at Torre d’en Galmés (Menorca) ‘because it is indisputably the best on the island’, a large settlement known since the end of the 19th century (CARTAILHAC, 1892, p. 21 Fig. 15, 22 Fig. 16), extending over three ha, a perimeter wall, three talayots, a taula and an external naveta, while he managed its ‘imminent’ classification as a historic-artistic monument. He also tried this with the Higher Board of Excavations in 1930 (MSO to Flaquer, 31-10-1929). Simultaneously, the Royal Order classifying Torre d’en Galmés as a historical-artistic monument was issued on July 16, 1930 (MEDEROS, 2019, p. 112).

1.4 – Obermaier’s Assistant and Assistant Professor of the Chair of Primitive History of Man at the Central University of Madrid

He returned from Germany in the summer of 1931, and in the academic year 1931-32 became an Assistant to the Chair of Primitive History of Man at the Central University, held by Hugo Obermaier. The Seminar of Primitive History of Man was created during this academic year. This assistantship was subsequently occupied by Martín Almagro Basch (1933-36), who was six years younger (MEDEROS, 2011-12, p. 340-340).

Julio Martínez Santa-Olalla had kept the prehistory of Menorca as a research topic while he was living in Bonn. Upon his return to Madrid, he defended his doctoral thesis, *Elementos para un estudio de la Cultura de los Talayots en Menorca*, directed by Obermaier, on April 9, 1932, before a panel chaired by Eduardo Ibarra y Rodríguez, with Luis de Sosa as secretary, and Hugo Obermaier, José Ferrandis and Antonio García y Bellido as members, and was awarded the grade of outstanding (AGA 31/01539). He defended it just after taking a position as a Temporary Assistant at the Central University of Madrid, on 24 March 1932, for which a PhD was required in order to be appointed. The committee selected him on May 21, 1932, he was appointed on May 27 and took up his new position on June 6, beginning to teach two subjects, Primitive History of Man and Archaeology, Numismatics and Epigraphy (AGA 31/01539) (MEDEROS, 2019, p. 113). He was awarded the extraordinary award for his thesis, which he subsequently published as an extensive paper (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1935).

In the following academic year, Martínez Santa-Olalla became Temporary Assistant Professor of Archaeology, Numismatics, Epigraphy and Primitive History of Man for four academic years (1932-36), by means of a competitive examination. He resigned on March 31, 1936, when he won, again by means of a competitive examination, the Chair of Art History, Archaeology and Numismatics at the University of Santiago de Compostela (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 253).

Taking advantage of the project of creation, by the Ministry of Public Instruction and Fine Arts, of a Geography section in the Faculty of Philosophy of the Central University, Martínez Santa-Olalla decided to take the opportunity to apply for a Chair of Ethnology, as he had done ethnological research at the University of Bonn (1929), with Hermann Trimborn, who eventually became Professor of Pre-Columbian Archaeology and Ethnology of the Americas at the Central University from 1933 onwards. This was at least partially successful, as shown by the fact that from the following academic year onwards (1933-34) there is evidence of Martínez Santa-Olalla's appointment as Professor in charge of the Chair of Geography (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 265 n. 17), probably because these related ethnology subjects were included in the geography studies. This chair was probably vacant, at two-thirds of his salary, and he continued to teach during the academic years 1934-35 and 1935-36, in addition to his post as Temporary Assistant. This position as Professor in charge of the Chair of Geography was probably his main source of income until he won the Chair of Art History, Archaeology and Numismatics at the University of Santiago de Compostela (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 120-122).

1.5 – The Visigoths and the Germanic presence in the Iberian Peninsula

During his stay in Germany, although he made some small contributions in the field of rock art, assessing some engravings from Pontevedra (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1929 c) or a Palaeolithic 'baton of command' from the Cueva del Pendo in Santander (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1929d), he soon realised that his line of research that aroused major interest in Germany were the studies on the Visigoth presence in Spain, as they provided a Germanic connection between the two countries.

This work began in 1931 with studies on Visigoth portable art (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1931) and gained significance following the excavations of the Visigoth necropolises of Herrera de Pisuerga (Palencia) and Daganzo de Arriba (Madrid) (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933 a and 1936). It is quite significant that when Martínez Santa-Olalla managed to be financed by the Higher Board of Excavations with 3,000 pesetas in March 1931, he discarded Menorca and preferred to choose the Visigoth necropolises of Hinojal del Rey (Burgos), and Herrera del río Pisuerga (Palencia) (ASO, 2-3-1931) (MEDEROS, 2019 p. 107, 243).

At the same time, he undertook the first systematisation of Visigoth archaeology in Spain (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934b: 103), 'the Germanic peoples of the Iberian Peninsula' from his point of view. At the end of 1934, he was appointed a correspondent of the German Archaeological Institute, and was invited to give a lecture on Visigoth archaeology at the University of Berlin. Indeed, at a meeting of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, Martínez Santa-Olalla himself emphasised in the Proceedings, in November 1932, that 'The Germanic Archaeology of the Iberian Peninsula has always been unfairly forgotten. This injustice is beginning to be repaired, since for the first time at a university this branch of archaeological science will be taken into account during the present academic year'

He regularly published works on Visigoth fibulae, sometimes with German translations (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1932, 1933 b, 1936 b, 1940 b). In this respect, we would emphasise that in January 1939, prior to the end of the Civil War, on April 1, 1939, Martínez Santa-Olalla gave a series of lectures on Germanic

studies in Spain at the University of Greifswald, the Ibero-American Institut of Berlin, and at the Universities of Munich and Vienna.

However, in 1941 he had to admit that several of the artefacts he had published in 1936 and 1940, supposedly from Extremadura and Castilla-La Mancha, were forgeries (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1941 c), making this his last work on Visigoth archaeology, a line of research he abandoned to focus on North African archaeology. Even so, between August and September 1941 he directed the excavation of 400 tombs at the Visigoth necropolis of Castiltierra (Segovia), with the collaboration of Joachim Werner, a professor at the University of Tübingen, representing the German Archaeological Institute and the Seminar of the University of Marburg, directed by von Merhart. Martínez Santa-Olalla's (1931, p. 57) personal interest in this necropolis was already reflected ten years earlier when he considered it 'the richest in Spain, in which more than five hundred graves have been destroyed, which constitutes one of the greatest disgraces of Spanish archaeology'. This was the first excavation campaign carried out by the Commissariat General of Excavations, and the funding came from the Ministry of National Movement, to which a personal friend had been appointed in May 1941 as Minister, the Falangist José Luis de Arrese y Magra, Secretary General of the Traditionalist Spanish Falange and of the JONS [the Councils of National-Syndicalist Offensive]. Some of the grave goods were sent to the German SS-Ahnenerbe, the SS Antique Heritage section, for conservation treatment.

1.6 – Full Professor of Art History, Archaeology and Numismatics at the University of Santiago de Compostela

In 1936 the strange position of Art History, Archaeology and Numismatics professor at the University of Santiago was announced, mixing two subjects, Art History with Archaeology and Numismatics, whereas only Archaeology and Numismatics were initially included. As Martínez Santa-Olalla mentioned in a letter to the by then ex-Minister Arrese (ASO, 5-7-1962), this position had been modified during the Second Republic under pressure from the Minister of Public Works, the lawyer Santiago Casares Quiroga from A Coruña, after the victory of the Popular Front in February 1936, to try to place a 'Galician' candidate, presumably a member of the Galician Republican Party, which later became part of the Republican Left. As for Casares Quiroga's presumable ability to exert influence, one should bear in mind that after applying for the chair between May 13 and July 19, 1936, he became Prime Minister and managed to hold the referendum on the Statute of Autonomy of Galicia, approved on June 28.

The panel was chaired by Manuel García Morente, Full Professor of Ethics at the Central University of Madrid; Antonio García y Bellido, Full Professor of Archaeology at the Central University since 1931 as secretary; and members Elías Tormo Monzó, Full Professor of History of Fine Arts at the Central University since 1904, Luis Gonzalvo París, Full Professor of Archaeology, Numismatics and Epigraphy at the University of Valencia since 1905; Domingo Miral y López, Full Professor of Theory of Literature and Fine Arts at the University of Zaragoza since 1913; and José Camón Aznar, Full Professor of Theory of Literature and Arts at the University of Salamanca since 1927. Thus, there were three full professors of Art History, Tormo, Miral and Camón Aznar, the last two having a professor-disciple relationship, two full professors of Archaeology, Gonzalvo and García y Bellido, and a full professor of Ethics as president. However, some of them came from Madrid, Martínez Santa-Olalla's university, such as García Morente and Tormo, while Miral had studied and obtained his PhD in Madrid, while also teaching at a school (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 123-124).

The other applicants were Juan Antonio Gaya Nuño, Teresa Andrés Zamora from Valladolid, the future professor Emilio Orozco Díaz from Granada and Sebastián González García-Paz from Pontevedra (GARCÍA SANTOS, 2008, p. 156, 165 n. 59). The latter was the Galician candidate, being a member of the Seminar of

Galician Studies and of the Galicianist Party, created in December 1931, which joined the Popular Front in January 1936. After defending his thesis *El Colegio de San Clemente de Pasantes de Compostela* (GONZÁLEZ GARCÍA-PAZ, 1993) at the Central University of Madrid in 1930, he was awarded a scholarship in 1931 in France and Germany by the Board for the Extension of Studies. He was Assistant Professor of Art History at the Faculty of Philosophy and Humanities of the University of Santiago de Compostela, which explains why the vacant position was changed to Art History, Archaeology and Numismatics and the teaching of the Chair of Ancient and Medieval Universal History was also included; the latter was held by Alberto del Castillo since June 1931, who was attached to the University of Barcelona from November 1932 onwards. García-Paz's main research in archaeology concerned the 1933 excavations at the hill forts of Borneiro (Cabana de Bergantiños, La Coruña) and Baroña (Porto do Son, La Coruña) (GONZÁLEZ GARCÍA-PAZ, 1993). Nevertheless, Martínez Santa-Olalla was ahead of him in age, being three years older, graduated earlier, in 1925-26 as opposed to 1929, had experience abroad, four years as a Spanish teacher-reader in Germany, and a better curriculum vitae, although he had less seniority in his PhD, 1932 as opposed to 1930 (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 124).

As far as the competitive examination was concerned, Martínez Santa-Olalla also had the previous support of Bosch Gimpera, who spoke to García y Bellido about his application for the chair. Shortly before, Bosch Gimpera's support had allowed him to join his first international committee, the Commission Internationale pour la Préhistoire de la Méditerranée Occidentale, which met for the first time in Barcelona on September 10-18, 1935 (GRACIA, 2009, p. 419), as a specialist in Balearic prehistory, the subject of his PhD thesis.

Surprisingly, Martínez Santa-Olalla, instead of taking up his new chair, requested, on March 27, 1936, to remain in Madrid as Assistant Professor of the Central University of Madrid (GARCÍA SANTOS, 2008, p. 156), although he resigned on March 30, in order to take up his new position. It is difficult to imagine that he foresaw an immediate outbreak of the Civil War after the victory of the Popular Front on February 16, even though the Falange, the party of which he was a member, was declared illegal on March 15.

1.7 – The Civil War

The outbreak of the Civil War dealt a heavy blow to his family, as his brother, Antonio Martínez Santa-Olalla, a member of the Falange, was executed in Torrejón de Ardoz on November 8, 1936, at a time when the Republican Government was on the run due to the insurgents' attack on Madrid in November 1936. The second edition of his *Esquema Paleontológico* is dedicated to his brother's memory (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946 a).

Julio Martínez Santa-Olalla himself had also been a militant of the Falange Española and of the JONS, *1.ª línea de la 5.ª bandera de Madrid*, since before the military uprising, which made him a *camisa vieja*, i.e. a veteran. When the uprising took place in the middle of the summer, on July 18, he was not in Santiago de Compostela, where he held his new chair, but in Madrid in his post as Assistant Professor, and according to his own words "immediately abandoned the service of the Red-Separatist 'government' and voluntarily and openly set himself against our enemies". In 1936 he was arrested in Madrid, imprisoned in the Checa de Fomento jail, and later released thanks to the efforts of Julián Besteiro Fernández (ASO; SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 255), Full Professor of Fundamental Logic at the Central University of Madrid since 1912 and Chairman of the Spanish Socialist Workers' Party (1925-32), and of the General Union of Workers (1925-34).

Antonio and Julio Martínez Santa-Olalla had been greatly influenced by José Martínez Santa-Olalla, also a *camisa vieja*, who probably introduced Falangist ideas into the family, and also by Alonso del Real, when he was Julio's student at the University of Madrid, as he acknowledged in a letter (ASO, 5-6-1953) that José

Martínez Santa-Olalla was ‘one of the people who got me involved in all these fascist tumults’. During the Civil War, José Martínez Santa-Olalla fled Barcelona and crossed the Pyrenees, joining the Nationalists (ASO, 8-7-1953) (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 129).

His father was arrested on September 2, 1936 for having replaced Pi i Sunyer as Mayor of Barcelona in 1934, being imprisoned at the prison of Las Ventas; Martínez Santa-Olalla wrote to Pi i Sunyer himself and to Bosch Gimpera to request his release. Apparently, his mother was also arrested and became ‘seriously ill as a result of her imprisonment’, on top of which “the house [was] plundered”, leaving the family “in misery” (GRACIA, 2009, p. 121, 419, 429).

In June 1937, he took refuge in the French embassy in Madrid along with his father, where he stayed among a large representation of politicians from the right-wing parties until January 1938, when he and other refugees from the embassy were taken first to San Vicente de Llaneras (Barcelona), then to the La Morisca concentration camp in Port-Vendres (Roussillon, Pyrénées-Orientales, France), and then, on March 21, 1938, to the Chomérac concentration camp (Ardèche, France). Here he made contact with R. Lantier, who passed on the news to Obermaier, who was overjoyed ‘rarely – in all my life – have I experienced such great joy as today, when Mr. Lantier told me about your letter’. A little over a month later, on April 16, 1938, he was liberated in Hendaye, with the mediation of Lantier, Breuil and Manneville, and shortly afterwards he presented himself at the headquarters of the Ministry of National Education in Vitoria (Álava). He then tried to enlist as a volunteer at the Military Academy of the General Staff in Valladolid, but was considered unsuitable on the grounds of “total uselessness due to his eyesight” (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 265 n. 27-28; ORTEGA & QUERO, 2002, p. 197; GRACIA, 2009: 292, 420). During his internment in the French concentration camps he wrote some papers (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1940 and 1941 b, p. 7). From a letter to Bosch Gimpera dated March 24, 1938, we know that his younger brother, Emilio Martínez Santa-Olalla, was fighting for the National Army in the battle of the Ebro (GRACIA, 2009, p. 420).

1.8 – The creation of the Commissariat General of Archaeological Excavations

Martínez Santa-Olalla’s most desired project was the creation of a Spanish equivalent of the Archäologisches Institut des Deutschen Reiches [Archaeological Institute of the German Empire] to which he had belonged as a correspondent since 1934.

After his appointment as Subsecretary of the Ministry of National Education, he represented the Burgos government abroad in 1938 at the Jubilee of the Institute of Cultural Morphology in Frankfurt and at the International Congress of Anthropological Sciences in Copenhagen, and in 1939 at the International Congress of Classical Archaeology in Berlin. Simultaneously, he developed a project for the creation of a ‘National and Imperial Archaeological Institute’ (ORTEGA & QUERO, 2002, p. 198-199; GRACIA, 2009, p. 217; MEDEROS, 2017, p. 252-254), which must have run into problems when he tried to disassociate it from the Directorate-General of Fine Arts, because a letter from Pérez de Barradas suggested that it should be redirected towards a recreation of the former Higher Board of Excavations and Antiquities (CARRERA & MARTÍN FLORES, 2002, p. 128).

Even before the end of the Civil War, when Eugenio d’Ors was still Director General of Fine Arts, the Commissariat General of Archaeological Excavations was created by Ministerial Decree on March 7, 1939 (BOE [Boletín Oficial del Estado] of March 8). However, the Commissariat was only provided with financial resources and a network of provincial, island and local commissariats, by the Ministerial Order of April 30, 1941. It had unpaid collaborators, generally akin to its ideological precepts, which brought together a large

number of enlightened amateurs from many regions of Spain, teachers, pharmacists, medical doctors, priests, etc., avoiding as far as possible the appointment of university colleagues, among whom only Antonio Tovar can be mentioned as Provincial Commissioner of Salamanca, or Luis Pericot as Provincial Commissioner of Gerona, with whom Martínez Santa-Olalla had have personal contact in Barcelona. From 1951 onwards, Juan Maluquer de Motes replaced Tovar in Salamanca, while Cayetano de Mergelina and Antonio Beltrán were appointed in Murcia and Zaragoza, respectively.

In any case, it was an important initiative because it constituted the first attempt to decentralise archaeology in Spain by relying on the captaincies general, regional councils, *cabildos* and town / city councils, which were the institutions that actually financed most of the work, given the minimal budget available to the Commissariat General of Archaeological Excavations. Hence, an Archaeological Commissioner was appointed in all provinces and in many municipalities where previously there had been little or no monitoring and research, and at the same time the creation of provincial or local museums was encouraged. However, the most relevant results, as reflected by their publications, depended on individual paths or on having had regular support from provincial or local institutions, as in the case of Joaquín Sánchez Jiménez in Albacete, Sebastián Jiménez Sánchez in Gran Canaria, Salvador Vilaseca Anguera in Tarragona, Luis Diego Cuscoy in Santa Cruz de Tenerife, etc.

1.9 – Martínez Santa-Olalla, acting Full Professor of Primitive History of Man in Madrid

Hugo Obermaier, given the unstable political situation in Europe following the annexation of Prague and the establishment of the protectorate of Bohemia and Moravia on March 15, 1939, decided not to return to Spain and to take up his new professorship in Fribourg (Switzerland), as evidenced by his formal letter of resignation for health reasons dated August 1939, which was accepted by the Minister of National Education on September 22, 1939 (MOURE, 1996, p. 44), after the outbreak of the Second World War following the invasion of Poland on September 1st. One month later, on October 26, 1939, Martínez Santa-Olalla was appointed by the Ministry of National Education as acting Full Professor of Primitive History of Man (GRACIA, 2009, p. 103).

However, upon taking up this chair he almost immediately intended to hold the position permanently. Hence, when the call for transfer candidates for the vacant Chair of Primitive History of Man at the University of Madrid was issued by Ministerial Decree on April 28, 1941, it was signed by Martínez Santa-Olalla, Almagro Basch and Mergelina. By then, the true rival was Mergelina, a Full Professor of Archaeology, Epigraphy and Numismatics at the University of Valladolid since 1925, as opposed to Martínez Santa-Olalla, who had only been a professor since 1936, and who had already written to the Minister of Culture on June 1, 1936, requesting the cancellation of the call for candidates and his permanent appointment as full professor. Apparently, no agreement was reached by the members of the selection committee, since the call for candidates was declared void by the National Education Council in May 1942 (SÁNCHEZ GÓMEZ, 2001, p. 265 n. 18), which rejected Martínez Santa-Olalla's request because the contents of his Chair, History of Art with Archaeology and Numismatics, were too different from the contents of Primitive History of Man to be eligible for a transfer (GRACIA, 2009, p. 131).

Arguably, what Martínez Santa-Olalla was looking forward to obtain a permanent position in Madrid, on the basis of merit in the scope of transfer competitions, and he did not mind applying for other positions outside the capital in order to subsequently request a transfer to Madrid.

Firstly, he applied for the April 28, 1941 call for transfer candidates to the Chair of Art History at the University of Madrid, which was awarded to Francisco Javier Sánchez Cantón on December 12, 1942 (GRACIA,

2009, p. 126); the latter had been a Full Professor of Theory of Literature and Fine Arts at the University of Granada since June 1922, although he was immediately granted a leave of absence when he was appointed Deputy Director of the Museo del Prado on July 18, 1922. Actually, Sánchez Cantón had been the director of the Museo del Prado during the Civil War and was supported by Gómez-Moreno, of whom he had been a disciple at the Centre of Historical Studies.

The second attempt was the July 28, 1941 call for transfer candidates for the Chair of Ancient and Medieval World History of the University of Barcelona, held by Bosch Gimpera between 1916 and 1934, which was awarded to Alberto del Castillo Yurrita on December 12, 1942. Martínez Santa-Olalla and Almagro Basch were dismissed by decision of the National Education Council on May 6, on the grounds of not being full professors of the same subjects (GRACIA, 2009, p. 127-128).

His third application concerned the September 22, 1942 call for transfer candidates for the Chair of Art History at the University of Zaragoza, which he was awarded on December 5, 1942 (GRACIA, 2009, p. 129). Logically, he did not intend to hold this position permanently, since he wanted a posting in Madrid.

Notwithstanding, he subsequently applied for the November 27, 1942 call for transfer candidates for the Chair of Prehistory and Ancient Spanish and World History at the University of Barcelona on November 27, 1942, which was awarded to Martín Almagro Basch on April 7, 1943, who took up the position on May 1, 1943. This was the new Chair of Prehistory and Ancient History created in 1934 for Bosch Gimpera, which Almagro Basch began teaching when he was appointed by the Ministry of National Education on November 29, 1939 (GRACIA, 2009, p. 129), only after Bosch Gimpera was removed from the civil service on November 11 on account of his exile. The chair was taken on the last day by Martínez Santa-Olalla, who at the time had a better curriculum than Almagro Basch. Gracia (2009, p. 129) does not mention the contents of the report of the National Education Council and whether any consideration was given to the fact that the contents of Martínez Santa-Olalla's chair (by then Art History at the University of Zaragoza) were not the same, which could have hindered his application for this transfer.

When a call for transfer candidates for the chairs of Prehistory and World History of the Ancient and Middle Ages and General History of Culture (Ancient and Medieval) at the University of Santiago was announced in 1945, Martínez Santa-Olalla was faced with the paradox that the panel was headed by Cayetano de Mergelina, whom he had tried to prevent from transferring to the Chair of Primitive History of Man; Almagro Basch, with whom he had been in conflict since 1941 and who had applied for his new position in Barcelona; José Pérez de Barradas, with whom he was no longer on speaking terms since 1942; and Luis Pericot. The post was again declared vacant because it was considered that his Chair of Art History, Archaeology and Numismatics was not compatible with the announced position (MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 158). This chair remained vacant until it was awarded to Alonso del Real y Ramos in February 1955.

1.10 – The Chalcolithic and Bronze Age in Southeast Iberia: La Bastida de Totana, Terrera Ventura and Almizaraque and the first journeys to Portugal

World War II severely hindered research in North Africa (MEDEROS, 2003-04; MEDEROS & ESCRIBANO, 2011). Thus, from 1944 onwards Martínez Santa-Olalla increased his activities in Southeast Iberia, which were very intense until 1950. This probably prompted him to also reissue his *Esquema Paleontológico de la Península Ibérica* (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946).

The excavations conducted in the Southeast were actually directed by members of the Seminar of Primitive History or people linked to it, given that Martínez Santa-Olalla was almost entirely dedicated to administrative

and political work. The most outstanding interventions were, for the Chalcolithic period, Campico de Lebor (Totana, Murcia) (1944, Val Caturla), Terrera Ventura (Tabernas, Almería) (1947-50, Martínez Santa-Olalla and Sáez Martín), Almizaraque (Cuevas del Almanzora, Almería) (1950, Ruiz Argilés), and possibly Los Millares, Fortín 5 (Santa Fe de Mondújar, Almería) (194?). Regarding Argaric Bronze, La Bastida (Totana, Murcia) (1944-45, Martínez Santa-Olalla and Sáez Martín; 1948, Ruiz Argilés and Posac Món; 1950, Jordá and Evans) with 126 graves and El Argar (Antas, Almería) (1950, Ruiz Argilés). Regrettably, only the monograph concerning the 1944-45 field seasons at La Bastida de Totana was ever published (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA et al., 1947).

Nonetheless, one should not underestimate the impact of the lecture given by the Jesuit Father Eugenio Jalhay, the Director of the Museu Arqueológico do Carmo in Lisbon, at the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory in October 1943, on the spectacular results of the excavations conducted at the Chalcolithic fortified settlement of Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945), a settlement that Jalhay had been excavating since 1937 on a yearly basis. A year later, Martínez Santa-Olalla had direct contact with this site, visiting Vila Nova de São Pedro on the occasion of a series of lectures he gave in 1944 at the invitation of the Lisbon Institute for High Culture during two weeks, a journey abroad which was authorised by the Ministry on 14 February 1944 (AGA). The planned lectures were held at the Association of Portuguese Archaeologists in Lisbon, the Portuguese Society of Anthropology at the University of Oporto and the Faculty of Humanities of the University of Coimbra. At the Faculty of Sciences of the University of Oporto he gave a lecture on 'The Visigoths in the Iberian Peninsula', on April 21, 1944, at the invitation of Mendes Corrêa (AGA).

Martínez Santa-Olalla's first visit to Portugal happened in April 1944 and was thoroughly studied by António Carvalho (CARVALHO, 1989). Therefore, it can be examined in detail, showing the care with which it was previously prepared. Santa-Olalla was attended at the highest level, by the Director-General of National Buildings and Monuments, Architect Baltasar de Castro, as evidenced by the photographic documentation included as an annex and belonging to the Santa Olalla Archive at the Universidad Autónoma de Madrid. This visit lasted about 15 days and encompassed museums, archaeological sites and monuments in the Lisbon region, in Coimbra, and in Northern Portugal, particularly in Guimarães.

The said visit was addressed during the April 15 session of the Martins Sarmiento Society, in Guimarães. A letter from Father Eugénio Jalhay was read, announcing the arrival in Portugal of the Spanish archaeologist, and providing information on the planned programme, which included a visit to the Society and to the Citânia de Briteiros. Bearing in mind the merits of the visitor and his previous collaboration with the Martins Sarmiento Society, it was then decided to approve his election as a Corresponding Member of the Martins Sarmiento Society, and to hand over the corresponding Diploma during his forthcoming visit (pages 78, 79 of the *Revista de Guimarães*, 54 (1-2) 1944, pp. 70-82).

A second series of lectures was scheduled for the academic year 1945-46, during which he planned to give 12 lectures, two in Beja, four in Lisbon, one in Coimbra, two in Oporto, one in Guimarães, one in Figueira da Foz and one in Barcelos. He applied for this rather late in the academic year; thus, on 16 March 1946 he received the approval of the University of Madrid but the authorisation from the Ministry was delayed, which ultimately prevented him from actually giving the lectures (AGA; AGUCM [Archivo General de la Universidad Complutense de Madrid]). This second visit was prepared in advance, like the first one. This is what can be concluded from Martínez Santa Olalla's letters to Manuel Heleno, sent on October 3 and December 22, 1945, which are transcribed below. In the latter he proposes that his planned lecture in the Faculty of Humanities of the University of Lisbon, the inviting institution, should take place in the spring of 1946. The Martins Sarmiento Society would also benefit from his presence by organizing a lecture in Guimarães, as decided at the

meeting of the Board of Directors on December 14, 1945 (page 190 of the *Revista de Guimarães*, 55 (3-4) 1945, pp. 188-190). However, this visit never happened.

He was nevertheless authorised again, on 24 January 1947, to undertake a new journey, giving the first of these lectures in Beja, on 'The Visigoths in the Iberian Peninsula' (AGA). A new journey he wanted to undertake with his students from the University of Madrid, at the beginning of the summer of 1948, had to be cancelled when the Spanish Institute of Foreign Currency informed him on 16 June 1948 that they had no foreign currency available for this journey (AGA).

1.11 – The Ministry of Foreign Affairs veto on Martínez Santa-Olalla's journeys abroad

The appointment of Alberto Martín Artajo y Álvarez as Minister of Foreign Affairs on July 20, 1945 meant the arrival in office of a new member of the National Catholic Association of Propagandists, to which Ibáñez Martín, the Minister of National Education, already belonged, who were at odds with the Falangist sectors of the government. In February 1947, the 2nd International Conference of Western Africanists, organised by the Colonial Research Board, was to be held in Bissau (Portuguese Guinea). The lack of a visa from the Ministry of Foreign Affairs for the members of the Seminar of Primitive History, including Martínez Santa-Olalla who was the Spanish representative on the International Committee of the International Conference of Western Africanists, following his election in 1945 in Dakar (Senegal), resulted in the withdrawal of their papers. The same situation was repeated at the 3rd International Conference of Western Africanists held in Nigeria in December 1949, for although Martínez Santa-Olalla was elected as representative of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, he would once again inform them, as stated in the SEAEP [Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria] Proceedings, of his inability to attend 'due to not having received authorisation to leave Spain and not even having received a reply from the Ministry of Foreign Affairs to the request for such authorisation' (MEDEROS, 2003-04, p. 35-37).

The situation was again repeated a year later. Julio Martínez Santa-Olalla sought to participate in the 3rd International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences held in Zurich on August 14-19, 1950. This followed the 2nd congress held in Oslo in 1936, after a 14-year hiatus due to the Second World War, and with the return of the German researchers. Taracena attended the congress, focusing on the Iron Age in Navarre and the Basque Country, although he did not send the text. Pericot presented a periodization of Spanish Prehistory and Protohistory from the Palaeolithic to the Iberian period and another on the Iberian pottery of Liria, of which he only sent the abstracts. Finally, Almagro Basch gave a paper on the chronology of Levantine rock art and was the only one to submit a significant text. In order to attend, Martínez Santa-Olalla made prior arrangements to attend indirectly through the Ministry of Foreign Affairs, for which Adolf Ellegard Jensen, the director of the Frobenius Institut and the Frankfurt Ethnological Museum from 1946 to 1965, invited him to stay in Germany between July and August 1950 in order to attend both congresses (JMSO, 26-6-1950). However, the Ministry of Foreign Affairs did not grant him an exit visa nor a stipend, as had happened in the past.

This congress was preceded a week earlier by a congress of German prehistorians organised by Herbert Kühn in Mainz on August 7-12, 1950. This was the first time that European researchers had attended a prehistoric congress in Germany, under the patronage of the French occupation authorities. Almagro Basch participated in the meeting with a paper on the post-Palaeolithic chronology of Levantine art, which was supported by Kühn. For his part, Pericot presented a synthesis of new findings concerning the Palaeolithic, Epipalaeolithic and Neolithic in Spain. Martínez Santa-Olalla was also invited to the congress by Kühn (JMSO, 17-3-1950), but did not obtain a visa from the Ministry of Foreign Affairs. As these events were almost consecutive, many

international participants of the Zurich congress, in the north of Switzerland, had previously attended the Mainz congress, only 412 km away (MEDEROS, 2017, p. 261).

1.12 – The Chair of Primitive History of Man at the University of Madrid

A call for candidates to the Chair of Primitive History of Man at Madrid was issued after Ibáñez Martín's resignation as Minister of Education in July 1951 and when Cayetano de Mergelina, after being dismissed as Rector of the University of Valladolid in September 1951, requested his transfer and was appointed as the new Professor of Art History in Murcia on April 25, 1952 (MEDEROS, 2010, p. 201). Before the competitive examination, Pericot received an offensive letter from Martínez Santa-Olalla (GÓMEZ TABANERA, 1985, p. 017). This letter is also mentioned by Pericot to Bosch, who was aware at least since July 10, 1954 (GRACIA, FULLOLA & VILANOVA, 2002, p. 338), almost three months before the competitive examination began, at the end of September 1954. On the other hand, Bosch Gimpera advised Pericot to support Maluquer for the position, when Pericot told him in October 1953 that there would be a call for candidates for this chair (GRACIA, FULLOLA & VILANOVA, 2002, p. 331). In any case, Almagro Basch's departure to Madrid left a vacancy at the University of Barcelona, which Pericot finally seized, transforming his Chair of Ancient and Medieval History of Spain, which he held since the 1943-44 academic year, into the Chair of Prehistory at the end of 1954, while it further weakened Martínez Santa-Olalla, with whom Pericot had competed as Spanish foreign representative at a number of international congresses, e.g. in the Pan-African Congresses on Prehistory since 1947 (MEDEROS, 2003-04, p. 35-38).

The call for candidates for the Madrid vacancy was issued on October 7 1953 and the examinations began on September 29 1954 (AGA 32/15.522/46). The panel for the Chair of Prehistory at the University of Madrid was headed by the president, Francisco Sánchez Cantón, and included Santiago Montero Díaz. Both were linked to the Centre of Historical Studies and influenced by Gómez Moreno and voted for Martínez Santa-Olalla. Almagro Basch's supporters were the Barcelona Professors Luis Pericot and Alberto del Castillo, and the Professor of Art History at the University of Madrid, José Camón Aznar. Almagro Basch was appointed to the chair on October 28 (AGA 32/15.522/46) (GARCÍA SANTOS, 2008; GRACIA, 2012, p. 333-348).

Pericot's vote in favour of Almagro Basch is explained by Pericot to Bosch in a letter dated either September 9 or October 6, 1954, following completion of the call. According to Bosch Gimpera, who wrote back on November 10: 'The competitive examinations are amazing (...) I really think that you are right in your assessment of the character and the scientific value each of the two contenders' (GRACIA, FULLOLA & VILANOVA, 2002, p. 342).

In scientific terms, Almagro Basch had surpassed Martínez Santa-Olalla years ago and in 1954 he had already authored 134 publications, including several books, such as *Introducción a la Arqueología. Las culturas prehistóricas europeas* (ALMAGRO BASCH, 1941); *Prehistoria del Norte de África y del Sahara Español* (Almagro Basch, 1946); *Las fuentes escritas referentes a Ampurias* (ALMAGRO BASCH, 1951); *El covacho con pinturas rupestres de Cogul (Lérida)* (ALMAGRO BASCH, 1952 b); *Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas* (ALMAGRO BASCH, 1952 c); or book chapters of monograph length, *El hallazgo de la Ría de Huelva y el Final de la Edad del Bronce en el Occidente de Europa* (ALMAGRO BASCH, 1940); *El Paleolítico Español* (ALMAGRO BASCH, 1947 a); *Arte Prehistórico* (ALMAGRO BASCH, 1947 b) and *La invasión céltica en España* (ALMAGRO BASCH, 1952 a). On the other hand, Martínez Santa-Olalla had published his last book dealing with the excavation of the Bastida de Totana (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA et al., 1947) and his last participation in a scientific congress had occurred in 1946, during the 2nd Archaeological Congress of

Southeastern Spain, held in Albacete. This lack of scientific contributions during the second half of the 1940s is reflected in the fact that all his minor papers were aimed at supporting the journal *Cuadernos de Historia Primitiva* between 1946 and 1949. Moreover, and quite clearly, his last long paper was published in 1941, i.e. the basic text of his *Esquema paleontológico de la Península Ibérica* (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA et al., 1941), and the last paper longer than 10 pages was an assessment of the of the Lower Guadalquivir Bell Beaker in 1947 (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1947).

Nevertheless, Sánchez Cantón, the Director of the Royal Academy of History, who had chaired the Madrid panel, insisted that Santa-Olalla be allowed to remain at the Seminar of Primitive History of Madrid (GRACIA, FULLOLA & VILANOVA, 2002, p. 349). Martín Almagro Basch was installed on November 24, 1954, but the faculty provided him with very scarce means only.

1.13 – Full Professor of Ethnology at Valencia

The loss of the chair forced Santa Olalla to retake his Chair of Art History at the University of Zaragoza on September 14, 1955, and although it has been suggested that he subsequently took up the Chair of Art History at the University of Valencia in 1959 (PASAMAR & PEIRÓ, 2002, p. 395; GRACIA, 2009, p. 483), his transfer to the University of Valencia soon began to be arranged, with the support of Julián San Valero. First, in April 1956, the university requested a chair of ethnology, taking advantage of the fact that the government was going to approve 50 new chairs. To this end, in December 1956 the Falangist professors at the University of Madrid closest to Martínez Santa-Olalla, namely Carmelo Viñas Mey, Santiago Montero Díaz and Manuel Ballesteros Gaiibrois, lobbied the new Minister of Education, the Falangist Jesús Rubio García-Mina, who had been Subsecretary of National Education between 1939-51. The call for transfer candidates for the Chair of Ethnology and Prehistory was announced on July 29 1957 and Santa-Olalla was the only applicant. He obtained a favourable decision from the National Council of Education on December 27, 1957. This was the key to the whole procedure and he left Zaragoza on January 31, 1958 and one day later, on February 1, he occupied his position at the University of Valencia (MEDEROS, 2012, p. 70-71).

In scientific terms, only three articles were published in that decade, all previously written, one from 1950 dealing with a lecture he had given in Berlin in 1940 on the Indo-European invasions of Spain during the Late Bronze Age (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1950) and another on the *motilla* (an artificial mound) of El Acequión in Albacete (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1951), whose publication had been delayed for years. And finally, in 1952, the Spanish translation of an article on the Cyclopean walls of Tarragona, published in English in 1936 (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1936 y 1952). This is rather surprising at a time when Santa-Olalla still had to take a competitive examination for a chair in 1953, but which did not take place until the end of 1954, although he always tried not to take the competitive examination and would rather be appointed to the position through a call for transfer candidates.

1.14 – The financing and crisis of the Commissariat General of Archaeological Excavations

The Commissariat General of Archaeological Excavations went through two clear stages, the first up to 1951, during years of very high inflation that minimised the value of salaries and the excavation funds, when the process of financial strangulation promoted by the Minister of National Education, José Ibáñez Martín, reached its peak, well analysed by Gracia (2009). Still, this did not prevent Martínez Santa-Olalla from spending

a large part of the available funding in 1950, almost half of 64,000 pesetas on the excavations conducted at Terrera Ventura (Almería) co-directed by Julián San Valero Aparisi; La Bastida de Totana (Murcia), co-directed by Vicente Ruiz Argilés, although between November and December these were conducted by Francisco Jordá Cerdá as Provincial Commissioner of Archaeological Excavations of Murcia and Director of the Museo Arqueológico de Cartagena and the by then scholarship holder at the Seminar of Primitive History, John Davis Evans; and in Guadalajara and Burgos, with Bernardo Sáez Martín. This amounted to 30,000 pesetas, almost 47% of the available funds. In 1951 the funding of the Terrera Ventura excavations was reduced to 10,000 pesetas, out of the 62,000 pesetas available. This situation was not overcome until the government revised the salaries of civil servants, with the Law of March 15, 1951 (BOE of March 16), by which the salaries of civil servants, who had been suffering a strong decline in recent years due to high inflation, were increased by 40 %.

On the other hand, from the appointment of Joaquín Ruiz-Giménez Cortés as Minister of Education between 1951-56 onwards, the funding improvement was substantial, with 427,000 pesetas in 1952, almost 7 times more, 368,000 pesetas in 1953 and 1954 and 343,000 pesetas in 1955 (GRACIA, 2009, p. 388-389 table, 392-393 table, 394-395 table, 396-397 table). In order to promote the publication of results, given the delay in the submission of the excavation reports to be included in monographs, the publication of the *Noticiario Arqueológico Hispano* was started. Three issues were published, no. 1 of 1952 (1953), although with a prologue dated March 1951, no. 2 of 1953 (1955) and nos. 3-4 of 1954-55 (1956).

The clash of competence and the disagreement between the university professors and the Commissariat General of Excavations reached its climax in the reform proposal that Alberto del Castillo Yurrita presented at the 4th Archaeological Congress of Southeastern Spain [C.A.S.E.] (Elche, 1948), before the president of the congress and Director General of Fine Arts, Marqués de Lozoya. The proposal was addressed to Minister Ibáñez Martín, but no official reply was ever received. This proposal was reaffirmed by Castillo Yurrita at the 5th C.A.S.E. and 1st National Archaeological Congress held in April 1949, where it was again approved in the conclusions of the congress, advocating a reform of the existing funding policy.

The tensions over funding with the university professors escalated and in a letter sent on January 31, 1955 to the Minister of National Education, Joaquín Ruiz-Giménez, by seven professors and lecturers of Prehistory and Archaeology from the Spanish universities, Luis Pericot and Alberto del Castillo from Barcelona, Cayetano de Mergelina de Murcia, Antonio García y Bellido and Martín Almagro Basch from Madrid, Antonio Beltrán from Zaragoza and Juan Maluquer from Salamanca. They jointly requested the creation of a 'Council that would grant excavation permits and allocate to the most appropriate tasks the amounts allocated to the Commissariat', recalling that 'The creation of the Commissariat and its regulations were established by means of a decree, which can be modified by another decree' (DÍAZ-ANDREU & RAMÍREZ, 2001, p. 340-341). This tussle came to an end, after months of unrest, when on December 2, 1955 (BOE of January 2, 1956), Martínez Santa-Olalla was dismissed as Commissioner General, as the Commissariat General of Archaeological Excavations was dissolved and replaced by the National Service of Archaeological Excavations, of which he became Chief Inspector General and Vice-President.

1.15 – The archaeological works at the city of Carteia

Martínez Santa-Olalla himself took advantage of the increase in funding from the Ministry to begin excavations at Carteia (Cádiz) in 1952 and at the Cueva del Pendo in 1953, while trying to maintain the excavations at Terrera Ventura, which involved simultaneous research into the Middle and Upper Palaeolithic, Chalcolithic and Tartessian Late Bronze Age – Roman Empire.

The first intervention at Carteia appears in the 1952 budget as the province of Cádiz, allocated to Martínez Santa-Olalla, Sáez Martín, Commander Luis Oleaga Ruiz de Azúa, the Commissioner of Excavations of Campo de Gibraltar and a collaborator of the Military Governor of Campo de Gibraltar, General Antonio Barroso Sánchez-Guerra. This was the second best financed site in 1952, right behind the excavations of the Málaga Roman Theatre, with 35,000 pesetas (GRACIA, 2009: 389 table) but the excavations had not been carried out until December, although they were completed during the Christmas period of 1952-53. However, as early as February 1953, the agronomist Juan A. Galiardo suggested the purchase of the by then ruined El Rocadillo villa, owned by the pharmacist Evaristo Ramos, to provide accommodations while the excavations were being carried out (MEDEROS, 2012: 72-73).

In the 1953 budget, the Campo de Gibraltar in Cádiz and Ceuta are already detailed, and the same allocation of 35,000 pesetas is maintained. Once again, it was the second best funded excavation, right behind the Terrazas del Manzanares in Madrid, with 50,000 pesetas (GRACIA, 2009: 393 table), in the scope of the preparations for the 4th International Congress of Pre- and Protohistoric Sciences held in Madrid in 1954 and at the same economic level as the excavations of the Málaga theatre, directed by Juan Temboury Álvarez, also under the supervision of Martínez Santa-Olalla. During the preparations for the summer field season, the latter travelled to Carteia with Sáez Martín in April (*La Vanguardia*, 11-4-1953: 6). In 1954, Carteia had already become the best financed excavation in Spain, with 50,000 pesetas, followed by the ongoing interventions at the Terrazas del Manzanares with 35,000 pesetas (*La Vanguardia*, 11-4-1953: 6) (GRACIA, 2009: 395 table). In the 1955 budgets, the allocation decreased, the Terrazas del Manzanares in Madrid was again the best financed intervention with 50,000 pesetas, and the Carteia excavations, with 25,000 pesetas, figured under the name of Alonso del Real y Sáez Martín (GRACIA, 2009: 397 table), at the same level as the provinces of Barcelona and Alicante, run by two of his closest collaborators, José de Calasanz Serra Ràfols and Julián San Valero. The 2nd International Course on Field Archaeology held at the Cueva del Pendo probably demanded Martínez Santa-Olalla's attention that summer.

The financial continuity of the Carteia excavations, after Santa-Olalla's dismissal as Commissary General in December 1955, was provided by the Ministry of Housing between 1957-60, which was held by a good friend, the Falangist José Luis de Arrese y Magra, twice Minister Secretary of the National Movement between 1941-45 and 1956-57, through the constitution of the so-called *Obra Carteia*.

1.16 – The excavations at Cueva del Pendo

Santa-Olalla's second major project was the excavation of the Cueva de El Pendo (Revilla de Camargo, Santander) between 1953-57, co-directed by Jesús Carballo, the Director of the Museo de Santander, for which 10,000 pesetas were made available in 1953, 25,000 in 1955 and up to a maximum of 40,000 in 1956 (GRACIA, 2009: 392 table, 396 table, 500 table), probably shared with Carteia.

The sector excavated in the 1953 field season, next to the area studied by Marcelino Sanz de Sautuola in 1878-80, extended Carballo's previous 1941 excavation (CARBALLO & GONZÁLEZ ECHEGARAY, 1952). The team was composed of Martínez Santa-Olalla, Sáez Martín, Joaquín González Echegaray and André Cheynier, from the Paris Institute of Human Palaeontology, who was very interested in command batons, according to the press release in the Spanish newspaper *ABC* (20-6-1952: 23). González Echegaray (1980: 21) has suggested that there was a field season in 1954, conducted by Vicente Ruiz Argilés and the Florentine painter Francesca Minellono, but that year Martínez Santa-Olalla had the Madrid congress and the competitive examination for a chair and had to reduce his field work.

The most important field season was the 1955 one, due to the resources available and the number of participants, financed through the hosting of the 2nd International Field Archaeology Course; this was the most ambitious excavation in the entire career of Santa-Olalla. The excavation team was composed of Martínez Santa-Olalla, Sáez Martín, Ruiz Argilés and González Echegaray. Albert Egges von Giffen from the University of Groningen and Peter Glazema from the State Service for Archaeological Research of Amersfoort were in charge of the stratigraphy and excavation methods. The geological study was performed by Jesús Carballo and Alfredo García Lorenzo, both from the Museo de Santander. The lithic industry was to be studied by François Bordes, from the French CNRS, and Francisco Esteve Gálvez. The osteological record would be studied by Armand Donald Lacaille, from the Wellcome Historical Medical Museum of London, Muzaffer Senyürek from the University of Ankara and Moshe Stekelis from the Hebrew University of Jerusalem. The items of artistic value were to be assessed by Martínez Santa-Olalla and Alonso del Real. The C14 samples were to be analysed by Hallam L. Movius Jr. of the University of Chicago, Carl-Axel Althin of the University of Stockholm and Herman Schwabedissen of the University of Cologne, through Karl Otto Münnich of the Institute for Physics of the University of Heidelberg, who analysed in the same year the first sample of Almagro Basch's 1955 field season at Los Millares. Chemical analysis and colour photography were conducted by Erich Pietsch of the Max Planck-Gesellschaft of Frankfurt. And the palynological analyses were performed by Arlette Leroi-Gourhan of the Paris Musée de l'Homme.

The field archaeology course began on August 8 and ended on August 27, although the excavation took place between the August 9 and 20, with a number of visits taking place between Sunday the 21st and Saturday the 27th. The presence of Arlette Leroi-Gourhan was particularly important because in the following field seasons André Cheynier was no longer involved and his role was taken over by André Leroi-Gourhan (MEDEROS, 2012: 75).

The excavations continued in 1956, with Martínez Santa-Olalla, Sáez Martín and Ruiz Argilés on the Spanish side and André Leroi-Gourhan, J. Chavaillon and P. Hours on the French side. In the 1957 field season, from 24 July to August 21, Alonso del Real was in charge of the supervision, along with Ruiz Argilés, Francisco Presedo and Ana de la Cuadra-Salcedo (GONZÁLEZ ECHEGARAY, 1980: 21), still with the French team.

1.17 – The Advisory Board of Archaeological Excavations

After 1956, once the Commissariat General of Excavations was abolished, the Advisory Board of Archaeological Excavations granted the excavation permits and funds. The Board was composed of the Director General of Fine Arts as president, Antonio Gallego Burín, the head of section of the Directorate General as Secretary, and the Chief Inspector General as Deputy President, a new position that Martínez Santa-Olalla managed to have created for him. However, twelve Zone Delegates from the twelve University Districts were added to the Board, These positions were held by the Full Professors of Archaeology and Prehistory who taught Archaeology subjects in each of the universities, including most of the signatories of the aforementioned letter against Martínez Santa-Olalla. Among them were Cayetano de Mergelina from Murcia, Luis Pericot from Barcelona, Antonio García y Bellido from Madrid, Antonio Beltrán from Zaragoza and Juan Maluquer from Salamanca, besides Elías Serra Ráfols from La Laguna, Juan de Mata Carriazo from Sevilla, Carlos Alonso del Real from Santiago de Compostela, Miguel Tarradell from Valencia and Pedro de Palol from Valladolid. And also Francisco Abbad-Jaime de Aragón y Ríos, Full Professor of Historia del Arte at Oviedo since 1953 and Alfonso Gámir Sandoval, Full Professor of General History of Spain at the University of Granada and closely linked to Gallego Burín. Subsequently, the Director of the Museo Arqueológico Nacional, Joaquín

María de Navascués y de Juan, the Professor of Prehistory at the University of Madrid, Martín Almagro Basch, the Secretary of the Inspectorate General of Archaeological Excavations and the Commissioner General of the Service for the Defence of National Artistic Heritage, Francisco Íñiguez Almech, also joined the Advisory Board of Archaeological Excavations as ex officio members (MEDEROS, 2012, p. 79). Although it could be thought that this new stage was an improvement as funding was more widely distributed, there was no control over the submission and publication of excavation reports and no issue of the *Noticiario Arqueológico Hispánico* was published until 1962, when no. 5, for the years 1956-61, a six-year period of archaeological fieldwork, was published, already with Gratiniano Nieto as Director General of Fine Arts.

1.18 – The Municipal Archaeological Institute of Madrid

The loss of the Chair of Primitive History at Madrid led Martínez Santa-Olalla to withdraw the bibliographical and museological funds of the Seminar of Primitive History of Man, turning it into an independent association. The funds were transferred to the Municipal Archaeological Institute of Madrid, a centre which Martínez Santa-Olalla managed to establish in the scope of the International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences planned for Madrid in 1954, to promote archaeology in Madrid, while supporting it through the Commissariat General with the excavation of the sand quarries with Palaeolithic materials of the Terrazas del Manzanares. The creation of the Institute resulted from his excellent relationship with José Finat y Escrivá de Romaní, Count of Mayalde, former Spanish ambassador to Nazi Germany in 1940-42 and Mayor of Madrid in 1952-65.

The establishment of the Municipal Institute was submitted to a plenary session on June 17, 1953 and approved on October 21 (QUERO, 1995-96, p. 194), and “even though the position must be allocated by means of a call for candidates, the Mayor is willing to appoint you provisionally, while the call for candidates is being dealt with, so you can begin to work” (QUERO, 1995-96, p. 194) (ASO, 26-10-1953). The loss of the chair at the University of Madrid turned the Municipal Archaeological Institute into Martínez Santa-Olalla’s usual workplace, when he was not spending part of the week teaching in Valencia. In this centre, located at the Parque de la Fuente del Berro, he was able to offer a job to his two main collaborators at the time, Sáez Martín as Head of laboratories and fieldwork and Ruiz Argilés as Deputy Director.

He carried out his most important archaeological work from the Institute, at the end of the 1950s: the excavation of an *Elephas antiquus* in Orcasitas (Madrid) (QUERO, 1994), located in a sand quarry near the Andalusia road on January 12, 1959. This work lasted several months, with the involvement of Sáez Martín, Ruiz Argilés and Ana de la Quadra-Salcedo, and due to its wide press coverage it meant the consolidation of the Municipal Archaeological Institute.

1.19 – The 1960s and the return to Madrid as Full Professor of Art History

The 1960s saw Martínez Santa-Olalla share his time between Madrid and Valencia, where he taught Ethnology and lived in Plaza Cánovas del Castillo 5.^o, planta 1, 2.^a, although he sometimes stayed at the Hotel Inglés in calle Marqués de Dos Aguas 5, virtually without publishing anything. On the other hand, his health was deteriorating and he commented in a personal letter to Santiago Montero, “This has been a very bad summer and I’ve had two months of doctors, testing, etc., so far without knowing what’s wrong with me” (JMSO, 30-10-1961). He told the same to José de Calasanz Serra Ràfols, “I have been very upset for two months

(...) low blood pressure, diabetes (...) I am not well” (JMSO, 30-10-1961) (JMSO, 14-10-1961). Moreover, his father died on August 17, 1962 due to post-operative complications (JMSO, 5-12-1962). Since December 1945, the quartermaster general had been in the reserve, supporting siblings Emilio and Carmen with his pension (JMSO, 15-10-1962).

One of his main field collaborators, Ruiz Argilés, resigned as Deputy Director of the Municipal Archaeological Institute of Madrid on September 30, 1960, when he became Assistant Professor at the Maragall Institute in Barcelona (JMSO, 15-11-1961). Shortly after, Martínez Santa-Olalla offered the position to Esteve Gálvez “and in due course the position of Director, when I’m gone” (JMSO, 15-11-1961) (JMSO, 10-10-1960), who excused himself because he continued with his high school classes and the direction of the Museo de Amposta (Tarragona) (JMSO, 17-12-1960), renamed as Museu de les Terres de l’Ebre. On the other hand, in the homage to Bosch Gimpera, the coordinator of the Spanish collaborators, Luis Pericot, vetoed him as a participant, along with José de Calasanz Serra Ràfols (JMSO, 20-4-1962).

In professional terms, his role in Spanish archaeology was further weakened with the appointment of Gratiniano Nieto Gallo as Director General of Fine Arts on February 10, 1961 (BOE, March 2), who personally took over the Inspectorate General of Archaeological Excavations, a position he held until May 22, 1968. During the previous stage with Antonio Gallego Burín, he believed he had been ‘buried alive, and enduring it all these years’ (JMSO, 10-3-1961).

Thus, his main objective continued to be securing a transfer to a chair in Madrid, for which the best option was a planned splitting of the first Chair of Art History into two, one focusing on the early stages and a new one on the History of Modern and Contemporary Art (JMSO, 22-7 y 28-7-1961). This could have been possible with the support of Francisco Javier Sánchez Cantón, who had been the Chair in Madrid in 1954, and who started the call for transfer candidates to the first Chair of Art History when he was about to retire (JMSO, 5-10-1962). In his moves to gain support, Martínez Santa-Olalla even requested an audience with General Franco, which he failed to obtain (JMSO, 13-10-1962). On the other hand, there were parallel efforts as the call for candidates to the second Chair of Art History was issued and the panel was appointed on September 22, 1962, headed by Sánchez Cantón; some of the members were José Camón Aznar from the University of Madrid, José Hernández Díaz from the University of Sevilla and Juan José Martín González from the University of Santiago, while the fifth member, appointed by the National Education Council, was Xavier de Salas Bosch, the future aspirant to the first chair.

The panel of the Special Commission, appointed on January 24, 1963 was to be headed by Sánchez Cantón himself and included members Diego Angulo Íñiguez, Juan de Contreras y López de Ayala and José Camón Aznar, all three from the University of Madrid and Rafael Láinez Alcalá from the University of Salamanca. Probably realising that he lacked a majority on the panel, Sánchez Cantón resigned on March 22, and José Hernández Díaz stepped in as deputy president. The final result of the commission, on April 29, was four votes in favour of Xavier de Salas Bosch, while Martínez Santa-Olalla only obtained the vote of Camón Aznar, who had not voted for him in 1954 and thus resolved this competitive examination (AGA, MSO pers. file). On December 30, 1960, at the request of Sánchez Cantón, who was also the director of the Museo del Prado, Salas had been appointed deputy curatorial director of the museum, although once he was appointed deputy director he delayed his appointment and continued to work in London. Xavier de Salas succeeded Sánchez Cantón as director of the Museo del Prado in December 1970, replacing Diego Angulo, who had been its director since 1968.

The Special Commission’s decision was appealed by Martínez Santa-Olalla on June 15, 1962, claiming a superior curriculum, based on the lack of proof of scientific merits in the documentation submitted by Salas, except for two certificates, so that ‘it is logical to infer that the proposal formulated by the special commission

was not based on the aforementioned merits and works', and particularly on a defect of form, as Salas had not completed two years of service as a chair holder in order to be eligible for these competitive examinations (AGA, MSO pers. file). Although Salas Bosch had been appointed Full Professor of Art History at the University of Murcia, he immediately transferred to the University of Barcelona on May 14, 1945, through a call for transfer candidates. Thus, he had been the professor in charge of the Chair of Art History since 1943, but he soon asked for leave of absence to become the Director of the newly created Spanish Institute of London, from December 1946 until 1962, when he won the competitive examination in Madrid. Hence, he held the chair for one year and 7.5 months.

The appeal was overruled by the Ministry of Education, which appointed Salas Bosch by order of May 3, 1963 (BOE of May 20, 1963) and he occupied his position in June 1963, on his return from London, but Martínez Santa-Olalla filed a legal-administrative appeal before the Fifth Chamber of the Supreme Court. The final decision was in his favour, with a retroactive appointment from November 18, 1963, and salary from May 3, 1963 onwards. The Ministry of Education effectively appointed him to the first Chair of History of Art on February 14, 1966. He thus occupied this chair 10 days later, on February 24, having remained attached to his Chair of Ethnology and Prehistory at the University of Valencia until September 30, 1965 (AGA, pers. file MSO).

The publication of an exhibition catalogue of Persian antiquities (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1971) must be contextualised in his new position and his fondness for collecting archaeological items, just like the post-humous compilation of his recorded lectures in the monograph *Historia del Arte y de la Cultura* (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1978).

1.20 – Demise, 1972

During the 1971-72 academic year, Martínez Santa-Olalla had been involved in discussions in the faculty with his students who protested against his constant absences from class. That year he had only come to class once, always being replaced by Vicente Ruiz Argilés. The conflict came to a head on February 7, 1972, when, for the second time, he began to teach the class and write on the blackboard in German, and was rebuked by a group of student activists, led by the class delegate, the future restorer of the Institute for the Conservation and Restoration of Cultural Assets, Leandro de la Vega. Some of the students left the classroom (R. Sanz Gamó, a student of this class, pers. comm.), a tense situation that shortly afterwards triggered a myocardial infarction during class, with half of the students already out of the room. Martínez Santa-Olalla was left in a coma, having to be urgently admitted to the intensive care unit of the La Concepción clinic, ultimately leading to his death on February 12. As a sign of mourning, the Universidad Complutense suspended all classes on Monday 13 and the Universidad Autónoma de Madrid on Tuesday 14, from 11 am onwards, in order to attend his funeral. He was buried in his home province of Burgos (*La Vanguardia*, 9-2-1972, p. 8; *ABC*, 13-2-1972, p. 53).

2 – THE CORRESPONDENCE

The correspondence now disclosed concerns the letters from Portuguese colleagues received by MSO that are preserved in his own epistolary archives, in the Julio Martínez Santa-Olalla [JMSO] Archive, Museo de San Isidro, Madrid. These were originally deposited at the Municipal Archaeological Institute of Madrid, where they were recovered by Salvador Quero before their destruction (pers. comm.), to which we have added

only a single letter sent by Manuel Heleno. In some cases, it was possible to establish the relationship between these letters and those sent by MSO in reply. In fact, the addressee of that correspondence kept typed copies of the reply letters he sent, and it was possible to access the originals only in two cases: a letter kept in Octávio da Veiga Ferreira's archives, previously published (CARDOSO, 2008, pp. 398, 670) and the set of letters kept in Manuel Heleno's archives, at the Portuguese Museu Nacional de Arqueologia. An original document of great interest, kept in Santa-Olalla's personal archive in Madrid, is the handwritten draft he prepared regarding the scientific importance of the Vila Nova de São Pedro hillfort, presented at the 4th International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences, held in Madrid in 1954. This draft is transcribed below, although it has already been fully published by Afonso do Paço (PAÇO, 1956).

After comparing the contents of the letters received by MSO and those sent by him, we found that many of the former were missing and have not been located in Madrid at this stage. However, the matters addressed in them can, in some cases, be recognized in the replies sent by MSO, so that the gaps could be partly overcome.

The transcription of these documents followed the spelling of the originals, with illegible words being marked using (????).

After each letter or set of letters, adequate comments will be presented in order to fully understand or frame the subjects addressed, or simply the expressions, passages or sentences of the correspondence, whose analysis, more or less developed, according to the context, was based on the knowledge of MSO's life circumstances, to which some of the documents presented herein have also contributed. This was the main objective of this paper, particularly with regard to how, in Portugal, the activity and the claims of MSO were followed and more or less supported by his correspondents, who were among the most qualified coeval Portuguese archaeologists. Thus, this is also a contribution to the knowledge of the scientific relations between the two Iberian countries, in the specific field of Archaeology, covering a particularly interesting and scarcely known period, corresponding to the years immediately preceding the Spanish Civil War and until the mid-1950s, when the Francoist regime underwent a turn in its trajectory.

2.1 – ARTHUR, Maria de Lourdes Costa

2.1.1 – Four-page handwritten letter, dated December 7, 1955 [no inv. no.] (Fig. 1)

7/XII/55

Cacilhas

Exmo. Snr. Prof.

Doutor Santa-Olalla

Me marcho hoy para Madrid para asistir à las oposiciones de mi novio à la cátedra de Historia Antigua, Medieval, etc., de la Universidad de Santiago de Compostela.

Ud. me perdonará pero hablando ayer con A. do Paço este me dijo que el Prof. San Valero que toma parte en el tribunal de estas oposiciones es amigo de Ud. y entonces me dió permiso para, en su nombre, pedir a Ud. me haga el favor de 'recomendar' (no sé como se dice en español) mi novio a San Valero. Yo conozco a nadie en el tribunal que está formado por: Presidente-Prof. Pericot (a este lo conozco pero no me atrevo a pedir nada); Prof. Lacarra; Prof. Montero; Prof. San-Valero; Prof. Cornello Viñas.

Mi novio se llama Antonio Ubieto y es ayudante de D. José Maria Lacarra en la Facultad de Filosofia y Letras de Zaragoza.

7/xii/55
Cauillas

Excmo. Sr. Prof.
Doctor Santa-Olalla

Se marcha hoy para Madrid
para asistir a las oposiciones
de mi novio a la cátedra de
Historia Antigua, Medieval, etc.,
de la Universidad de Santiago
de Compostela.

Ud. me perdonará pero hablando
ayer con A. do Paço este me
dijo que el Prof. San Valero ya
toma parte en el tribunal de

Fig. 1 - Maria de Lourdes da Costa Arthur. First page of a handwritten letter, four pages long, dated December 7, 1955 [no inv. no.] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Me encargó A. do Paço para decir a Ud. que ya consiguió saber todo que había que saber en relación al sobrino de Ud. desde que vino andé buscando la forma de enterarse y solamente anteayer supo todo y escribió en seguida al sobrino de Ud. para Barcelona.

(...).

Quiera Ud. recibir los míos más respetuosos saludos de

Lourdes C. Arthur

Maria de Lourdes Costa Arthur

Instituto 'Rodrigo Caro'

2.1.2 – Typed letter, dated December 17, 1955 [no inv. no.]

17 de diciembre de 1955

Srta. Lourdes C-Arthur

António Feio, 58

Cacilhas (Portugal)

Mi querida amiga y colega:

Gracias a la amabilidad del profesor Viñas Mey, recibí en su día, una carta que Vd. remitió en vez de a esta su casa, a la universidad y que si no llega a ser por este buen amigo, hubiera dormido días y más días o, tal vez, eternamente, sin llegar a mis manos y saber algo que ignoraba y, en cuya notificación, he tenido el mayor placer.

A pesar de que he estado y sigo enfermo, hice sobre todo con el profesor Viñas Mey y Montero Díaz y, también, con San Valero, todos muy buenos amigos míos, la gestión que Vd. me encomendó.

Ahora que todo ha pasado felizmente, quiero decirle que las gestiones se hicieron..... y que espero con gran alegría verla pronto de señora catedrático en la universidad de Santiago, a la que me une tan cordiales y estrechos vínculos.

Con mi enhorabuena doble o, en realidad triple y, afectos y saludos al amigo do Paço, sabe puede disponer siempre como guste de su afmo. s.s. y amigo

(unsigned)

2.1.3 – Three-page handwritten letter, dated December 23, 1955 [no inv. no.]

23/XII/55

Querido Maestro

Muchas gracias por todo Prof. Santa-Olalla!

No imagina Ud. como me siento feliz por mi novio haber ganado la cátedra!

Si Dios quiere nos casaremos en Fátima el 9 de Enero.

Además de tantas gracias alcanzadas, el 21 nació mi primero sobrino, una niña, hija de mi hermano mayor!

En Santiago de Compostela seguiré trabajando en arqueología si Dios quiere. Después de la votación hablé con Prof. Montero que me dijo que allí tendré una buena biblioteca de la especialidad y todas las condiciones para bien trabajar.

El Ministro de Educación de aquí me encargó la dirección de las excavaciones de Troia (Setúbal); por esta razón y sin yo tener culpa alguna el Prof. Manuel Heleno ya está armando un tinglado contra mí de miedo pues él antes estaba allí.

Sin ser yo a forzar nada, tengo la dirección de las mejores ¿estaciones? arqueológicas del sur del Tajo: Cetobriga (¿); Salácia y Meróbriga.

Pienso venir pasar el verano en Portugal para poder dirigir estas excavaciones.

En Meróbriga, este año descubrí el nivel indígena (celta) debajo de las lajas de la calle romana. Me gustaría mucho de hablar con Ud. sobre el particular; ya habrá oportunidad!

Una vez más, muchas gracias! Pido a Dios las mayores bendiciones para UD. en el deseo afectuoso de Felices Pascuas.

Lourdes C. Arthur (signature)

Comments

This correspondence is an excellent example of the relationship established between Maria de Lourdes da Costa Arthur and some of the most influential archaeologists of her time, in this case Prof. J. Martínez Santa-Olalla. Not knowing him personally, she took the initiative to use the name of Afonso do Paço, who was aware of the fact, to pursue a personal goal, involving her future husband.

It is interesting to see that Afonso do Paço did not wish to be directly involved in this matter, despite the fact that she collaborated in the excavations he directed at Vila Nova de São Pedro, during the first half of the 1950s, and even co-authored some of his publications (CARDOSO & RIBEIRO, 2013; RIBEIRO & CARDOSO, 2013). It is unclear whether the success of her future husband, the Valencian Antonio Ubieta Arteta, in obtaining the chair was actually due to her initiative. But this does not really matter right now, because what is important is not the result itself, but the evidence of a foreign network that Costa Arthur managed to establish. Ubieta Arteta did win the competitive examination for the Chair of Prehistory, Ancient and Medieval History of Spain and General History of Spain (Ancient and Medieval) in December 1955, and held it until his transfer to the Chair of Ancient and Medieval History of Spain at the University of Valencia on February 1, 1958, where he remained until 1977.

In the second letter, the signee tells Martínez Santa-Olalla about the direction of the excavations of Tróia, Alcácer do Sal and Meróbriga that was assigned to her. In fact, as we can see from the letter, she conducted at least one field season in Meróbriga, where she identified Iron Age levels, which she did not publish, since they were only disclosed much later (ALMEIDA, 1965; SILVA et al., 1979; SOREN, 1983). These excavations, authorized by the 6th Sub-Section (Antiquities, Excavations and Numismatics), of the 2nd Section (Fine Arts) of the National Education Board [JNE], were not without difficulties. Actually, they were even interrupted, as a result of the assessments made by the aforementioned agency regarding the way they were being conducted; Prof. Joaquim Fontes was the reporting person (JNE archives, consulted at the Ministry of Education). As for the two other archaeological sites mentioned in the second letter to Martínez Santa-Olalla, there is no record of any archaeological work ever being carried out there. It is understandable that this should have been the case, given the logistic and financial constraints faced by Costa Arthur, which had to be dealt with prior to any archaeological work, as this was a personal initiative, which seems to have gone completely unsupported. Thus, these were the last known archaeological activities conducted by this former collaborator of Afonso do Paço.

2.2 – ATHAYDE, Alfredo

2.2.1 – Typed letter, bearing the stamp ‘Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia – Faculdade de Ciências – Porto – Portugal’, dated June 30, 1938 [inv. no. 1974/001/1119 – JMSO/5-1] (Fig. 2)

Porto, 30 de Junho de 1938

Exm^o Snr. Prof. Dr. Julio Martinez Santa-Olalla

Concepción, 9

Burgos

Exm^o Senhor:

Tenho a honra de comunicar a V.Ex^a que, na última sessão da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, foi V.Ex^a, por proposta do Exm^o Snr. Prof. Dr. A. A. Mendes Corrêa, nomeado sócio correspondente desta colectividade que da sua valiosa colaboração muito tem a esperar.

A aprovação desta propósta pela unanimidade da assembleia geral desta Sociedade representa uma sincera homenagem aos elevados méritos científicos de V. Ex^a.



ASO/5-1
1974/001/1119

Porto, 30 de Junho de 1938

Exmº Snr. Prof.Dr.Julio Martinez Santa-Olalla

Concepción,9

B U R G O S

Exmº Senhor:

Tenho a honra de comunicar a V.Exa que, na última sessão da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, foi V.Exa, por proposta do Exmº Snr.Prof.Dr. A.A.Mendes Corrêa, nomeado sócio correspondente desta colectividade que da sua valiosa colaboração muito tem a esperar.

A aprovação desta propósta pela unanimidade da assembleia geral desta Sociedade representa uma sincera homenagem aos elevados méritos científicos de V.Exa

Aproveito a oportunidade para testemunhar a V.Exa a minha mais distinta consideração.

O Secretário

Alfredo Athayde
(Alfredo Athayde)

Fig. 2 - Typed letter, bearing the stamp 'Portuguese Society of Anthropology and Ethnology - Faculty of Sciences - Porto - Portugal', dated June 30, 1938 [inv. no. 1974/001/1119 - JMSO/5-1] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Aproveito a oportunidade para testemunhar a V.Ex^a a minha mais distinta consideração.

O Secretário

Alfredo Athayde (signature)

(Alfredo Athayde)

Comments

This is an official letter concerning the election of Martínez Santa-Olalla as a member of this prestigious scientific society founded in 1918 in Oporto and by then directed by Mendes Corrêa. The Secretary of the society was Alfredo Athayde, an Assistant Professor of Anthropology at the Faculty of Sciences of the University of Oporto.

2.3 – CABRAL, António Machado de Faria de Pina

2.3.1 – Typed letter, bearing the stamp ‘Associação dos Arqueólogos Portugueses – Real Associação dos Arquitectos Cívicos e Arqueólogos Portugueses – Fundada em 1863 – Largo do Carmo – Lisboa’. Letter no. 288, dated April 12, 1938 [inv. no. 1974/001/1138 – JMSO/5-20] (Fig. 3)

Em 12 de Abril de 1938

Exm^o Senhor Dr. Julio Martinez Santa-Olalla

Por comunicação do nosso consócio o ilustre Professor Senhor Doutor António Augusto Mendes Correia acabo de saber dos tristes sucessos da vida de V.Ex^a, que o privaram de pessoas da sua Família e de amigos e lhe roubaram o produto de paciente labor, destruindo as suas colecção, biblioteca, fichas e fotografias.

Bem lastimáveis actos de quem pretende ter melhor ideias!

Sinceramente, eu e toda a Associação dos Arqueólogos Portugueses, lastimamos os sofrimentos de V.Ex^a e da sua Pátria, onde desejamos possa regressar muito brevemente, encontrando-a já livre dos bárbaros que pretendiam aniquilá-la.

Junto remeto a V.Ex^a os estatutos desta Associação e logo que haja novos diplomas que se esgotaram e, possivelmente, vão modificar-se enviarei outro para substituir o que destruíram.

Subscrevo-me com elevada consideração

De V.Ex^a

Muito atento, venerador e obrigado

O Secretário Geral

António Machado de Faria de Pina Cabral

Comments

In this letter, the Secretary General of the Association of Portuguese Archaeologists refers to the events that affected Martínez Santa-Olalla's family during the Spanish Civil War, which, besides the loss of his scientific assets, also victimized family members, namely his brother. This loss was deeply felt by Martínez Santa-Olalla, who dedicated to his brother the 2nd edition of his best-known work *Esquema Paleontológico de la Península Hispánica* (Fig. 4), published in Madrid in 1946, as follows: “To the sacred memory of my brother Antonio Martínez Santa-Olalla assassinated in Torrejón de Ardoz (Madrid) on November 8, 1936”. Torrejón de Ardoz is an important military base near the Spanish capital, and Martínez Santa-Olalla brother was shot there



ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

(REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS CIVIS E ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES)

FUNDADA EM 1863

LARGO DO CARMO

LISBOA

Em 12 de Abril de 1938

N.º 288

Ex. mo Senhor Dr. Juliá Martínez Santa-Clalla

Por comunicação do nosso conselheiro o illustre Professor Senhor Doutor António Augusto Mendes Correia acabo de saber dos tristes sucessos da vida de V. Ex.ª que o privaram de pessoas da sua família e de amigos e lhe roubaram o produto de paciente labor, destruindo as suas coleções, biblioteca, fichas e fotografias.

Bem continuáveis actos de quem pretende ter melhor ideias!

Sinceramente, eu e toda a Associação dos Arqueólogos Portugueses, continuamos os sofrimentos de V. Ex.ª e da sua Pátria, onde desejamos possa regressar muito brevemente, encontrando-a já livre dos bárbaros que pretendiam aniquilá-la.

Junto remeto a V. Ex.ª os estatutos desta Associação e logo que haja novos diplomas que se esgotaram e, provavelmente, não modificar-se enviarei outros para substituir o que destruíram.

Subscreevo-me com elevada consideração

de V. Ex.ª
Muito atento, venerador e obrigado
O Secretário Geral
António Machado de Faria de Pina Cabral

Fig. 3 – António Machado de Faria de Pina Cabral. Typed letter, bearing the stamp 'Associação dos Arqueólogos Portugueses – Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses – Fundada em 1863 – Largo do Carmo – Lisboa'. Letter no. 288, dated April 12, 1938 [inv. no. 1974/001/1138 – JMSO/5-20] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

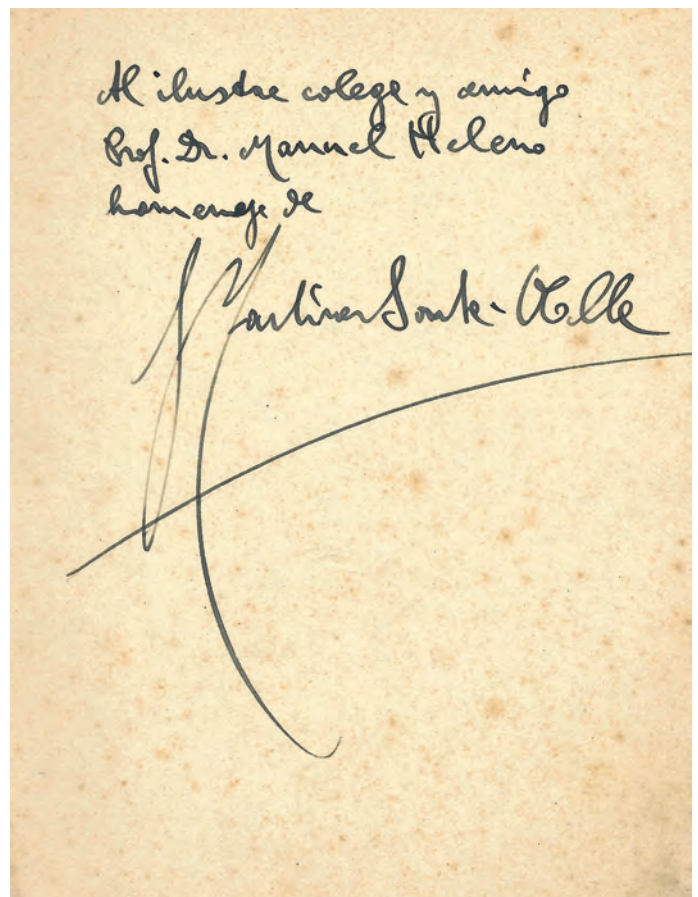
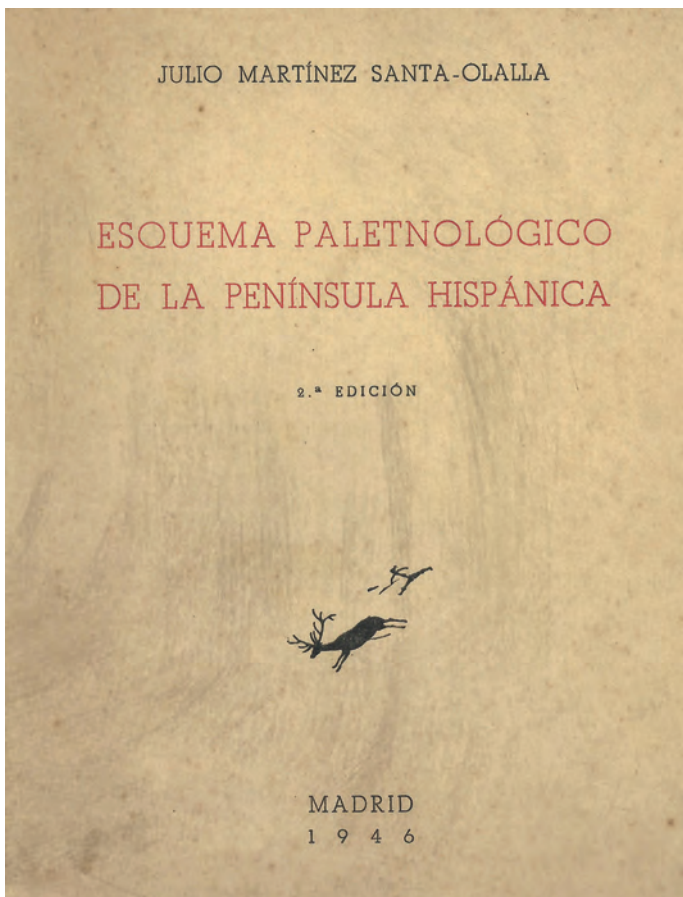


Fig. 4 – Cover of the book *Esquema Paleontológico de la Península Hispánica* (second edition, Madrid, 1946), with an autograph dedication to Manuel Heleno. JLC's own exemplar and photo.

at the start of the conflict that opposed the Republican (legitimist) forces to the Francoist forces. The wish that the latter would win the war is clearly expressed in this letter sent to Martínez Santa-Olalla when he was on assignment in Germany in the scope of his activity as an archaeologist. At the time this letter was written, Martínez Santa-Olalla was still under detainment in France, since he was only handed over to the Spanish authorities at the Hendaye border on April 16, 1938. He is also informed that a new membership certificate will be sent to him, as he was a member of the Association of Portuguese Archaeologists, as a foreign correspondent, since March 22, 1934 (CARVALHO, 1989, p. 84).

2.4 – CARDOZO, Mário de Vasconcellos

2.4.1 – Typed letter, without stamp, dated December 13, 1932 [inv. no. 1974/001/828.1]

13/XII/32

Exmo. Snr. Capitão

Mário de Vasconcellos Cardozo

Guimarães

Mi distinguido amigo y colega:

Un tanto ibérico, esto es, retrasado, cumpla mi promesa de enviar algo para el homenaje al ilustre Martins Sarmiento. Le adjunto un trabajillo sobre estelas-casas y pedras formosas, avance parcial de una gran mono-

grafía que preparo para ser publicada aquí en Madrid. He pretendido escribir en ‘portugués’ para que fuese más fácil la traducción, mas me he tenido que dar por vencido pues resultaba fantástico. Espero que Vds. tendran la amabilidad de verter mi original al portugués, ya que es mi deseo se publique en el idioma del Homenajeado.

Respecto a ilustraciones, deseo, pues es el minimum se reproduzcan las figs. 3 y 5 de su bello trabajo sobre a nova Pedra Formosa, que serán mis figs. 1, 2 y 3. Si fuése posible convendría su Fig. 4. Además de esto le envío 6 estelas más suficientes a orientar en el problema. En total serían 9 o 10 figs. Como no es cosa de recortar el ejemplar que tengo de a nova Pedra Formosa, y mas pensando que acaso se puedan utilizar los clichés de su trabajo, no envío tales grabados. El pie de las figs. 10 lo pondré a las pruebas.

Mucho me gustaría saber su opinión sobre la solución y el problema que brevemente planteo. A la vez le ruego tenga la amabilidad de proporcionarme un ejemplar de su trabajo sobre la vieja P. F. que no tengo y me es muy necesario.

(...)

Comments

In this letter, Martínez Santa-Olalla states that he sent the original of his contribution for the volume in homage to Martins Sarmiento, which the Martins Sarmiento Society, under Mário Cardozo’s coordination, published in 1933, on the centenary of the birth of the illustrious author from Guimarães. Martínez Santa-Olalla’s contribution was indeed included in this volume (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933). The study, titled “Monumentos funerarios célticos. As ‘pedras formosas’ e as estelas em forma de casa”, follows the opinion already expressed by the addressee in two previous works dedicated to monuments he considered funerary and featured ‘stelae’. The first one concerns the famous inscribed monolith known as ‘Estela Formosa’, recovered from the Citânia de Briteiros in the 18th century and presently preserved in the Museu da Sociedade Martins Sarmiento. Several authors have discussed the meaning of this monument. Up to a certain point, it was interpreted as a funerary stela (CARDOZO, 1929), as referred to by Martínez Santa-Olalla. And not even the 1930 excavation of a second monument of the same type, integrated in a complete building from the same settlement, i.e. a monolith still *in situ*, changed that interpretation (CARDOZO, 1930). Martínez Santa-Olalla also refers to this study, also advocating a funerary interpretation, which therefore remained unaltered during the following decades (CARDOZO, 1965). It was not until the 1970s that the careful excavation of a similar architectural unit at the Citânia de Sanfins demonstrated an association with water and with intense and prolonged coal combustions related to water heating. Based on such evidence, it was finally possible to change the functional interpretation of these finds as funerary monuments – to which Martínez Santa-Olalla’s paper published in the volume in homage to Martins Sarmiento strongly contributed – and acknowledge their true domestic functions as public baths (ALMEIDA, 1974; SILVA, 2007, p. 66).

2.4.2 – Typed letter, without stamp, dated January 30, 1935 [inv. no. 1974/001/73?? – JMSO/3-75.1 and 2]

30/I/35

Mi querido amigo:

No hace todavía cinco horas que le hemos propuesto a V. y al amigo do Paço[,] Obermaier y yo[,] para socios numerarios de la Sociedad de Antropología segun sus deseos. Tambien supongo, si es verdad lo de sonar el oído derecho, cuando se habla de una persona, le habrá sonado, pues en nuestro ‘petit comité’ (Pérez

de Barradas, Obermaier, Maura y yo) hablando de planes futuros de la Sociedad, hemos contado con la necesidad de que algún día venga Vd. a darnos una conferencia.

Ahora comenzamos una nueva era en nuestra Sociedad, la revista, conservando su formato, cambiará materialmente y intelectualmente. Yo tengo la Secretaría y estoy dispuesto a lograr algo decoroso internacionalmente o dejar la cosa. Por ello cuento mi querido y viejo amigo, y con V, léase el nombre de los buenos amigos portugueses, con su colaboración asidua, ayuda efficacísima para borrar esas fronteras absurdas de orden científico. Así que puede ir V preparando alguna cosa para nosotros. Páginas e ilustraciones pueden tener en abundancia.

La cuestión del Paleolítico la he tocado estos días en mi curso, bajo un punto de vista, único en la actualidad posible, un tanto revolucionario. Breuil, Koslowski, Mehghin (sic) y Pérez de Barradas están a la orden del día. Hoy terminé dando un gran cuadro cronológico con un apartado importante para lo 'clásico' (por qué no honrar la antigüedad e historia de la ciencia?). Castillo es un escollo. Mas y si se revisase in situ el testigo del yacimiento?

El trabajo del pobre Serpa Pinto lo conozco.

Es lástima que vayan los materiales de Estremoz al Museu Etnológico, pues en muchos años no se podrá utilizar. Es un Museo irritante, con ese estatuto bárbaro y estúpido a la vez de que las primicias sean para publicadas por el establecimiento. Que entenderan por primicias. Buena estaba la Ciencia si eso rigiese en todos los museos.

Bueno amigo mío. No olvide que en la Sociedad contamos con trabajos suyos y de los otros amigos. En la Prehistoria no teníamos esas fronteras: Así que quedo aguardando su trabajo sobre si les interesa o conviene publicar en nuestra bibliografía alguna recensión envíenla.

Un pequeño favor quiero pedirle. Hace días vi al Alcalde de Madrid para hacerle ver la necesidad que hay de impulsar el Museo Prehistórico y la publicación del Anuario de Prehistoria Madrileña. Como resultas se entusiasmó e hizo unas declaraciones fantásticas a la prensa. Ahora convendría que la Ass. de Arqueólogos Portugueses le pusiese una carta muy llena de términos huecos diciendo saber con alegría el proyecto de ampliación, mejoramiento de su Museo y normalización del Anuario de Prehistoria Madrileña. Con esta carta alabando la vanidad del Alcalde y la Ciudad nos prestarían un gran servicio. A la vez pueden pedir Vda. que les envíen los 'valiosos' Anuarios ya publicados para la Asociación. Si puede V lograr una carta semejante nos prestarían un gran servicio con ello.

Sabe es suyo siempre buen amigo
(unsigned)

Comments

The interest of this letter is that it reveals, in a very clear way, Martínez Santa-Olalla's thoughts regarding Manuel Heleno and the way he managed 'his' museum, considering that everything that went in there was sentenced to not being studied for many years. On the other hand, the signee also negatively stresses the requirement, which he considers 'stupid', that publications with relevant archaeological novelties should be primarily published in the museum's scientific journal, *O Arqueólogo Português*, given the evident difficulties of this journal in keeping acceptable publication deadlines. These considerations refer in particular to the admission into the Museu Etnológico of various golden items from Estremoz. These were a diadem made from plain hammered gold leaf and an earring or pendant, also made from plain hammered gold (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993, pp. 42 and 158), acquired by Manuel Heleno from a goldsmith and originating from the

surroundings of Estermoz (Alentejo) (HELENO, 1942, p. 458). Such objects, barely mentioned by Heleno, were only fully studied much later, confirming the fears of Martínez Santa-Olalla, actually shared by the vast majority of the contemporaneous Portuguese archaeologists, whose Director only rarely allowed the publication by third parties of the collections held in his custody. Obviously, there were exceptions, e.g. the remarkable Tesouro do Álamo (Moura), which was deposited in the aforementioned museum around the same time, giving rise to an incident with Afonso do Paço and Eugénio Jalhay and an acrimonious relationship with the Association of Portuguese Archaeologists, which sought to secure the safeguarding of the said items by other means. Indeed, Eugénio Jalhay published a preliminary note on this remarkable assemblage as early as 1931 (JALHAY, 1931), preceding Heleno's more in-depth study. Heleno's response was therefore the publication of an excellent contribution to the knowledge of prehistoric jewellery in Portugal (HELENO, 1935), a subject of great interest to the addressee of this letter, and one of the rare exhaustive studies written by the Director of the by then called 'Museu de Belém'.

Another interesting aspect of this letter is the announcement of the reorganization of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, including the republishing of its *Actas y Memorias*, for which Martínez Santa-Olalla counted on the collaboration of Mário Cardozo.

Lastly, the request for the Association of Portuguese Archaeologists to express its support for resuming the publication of the *Anuario de Prehistoria Madrileña* – a request for which Mário Cardozo could only be an intermediary, since he was not involved in the direction of the Association – is interesting, as it attests to the good relations between Martínez Santa-Olalla and the head of the *Anuario*, Pérez de Barradas. And, on the other hand, it also proves the good relations between the republican Mayor of Madrid (Rafael Salazar Alonso) and Martínez Santa-Olalla, who was later recognised as a sympathiser of National Socialist Germany (MEDEROS MARTÍN & ESCRIBANO COBO, 2011, p. 210-211).

After the first issue of this important scientific journal was published in 1930 (Fig. 5), only two more issues followed, one concerning the years 1931-1932, published in 1932, and the last one concerning the years 1933 to 1935, published already in 1936, after the publication was discontinued in the same year due to the outbreak of the Spanish Civil War. Thus, the invitation addressed by Martínez Santa-Olalla to Mário Cardozo, as well as to other Portuguese archaeologists, as we shall see in the sequels of this correspondence, could not be materialised. The only Portuguese contribution published in this last issue was A. A. Mendes Corrêa's study on the *campos de urnas* [urn fields] of Alpiarça.

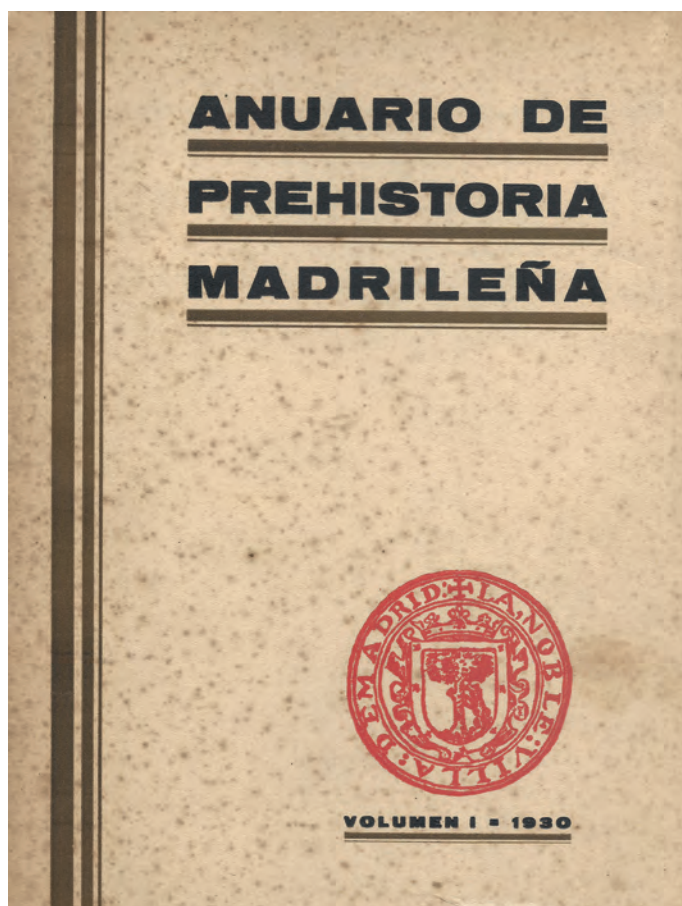


Fig. 5 – Cover of the first volume of the *Anuario de Prehistoria Madrileña* series (Madrid, 1930). JLC's own exemplar and photo.

Yet another interesting question addressed in this letter concerns the negative opinion about the results obtained in the excavations of El Castillo cave (Cantabria), directed by Hugo Obermaier. The excavations conducted before the outbreak of World War I demonstrated the exceptional archaeological significance of this cave, famous for its Palaeolithic rock art (ALCALDE DEL RIO, BREUIL & SIERRA, 1912). The latter was published in the meantime, unlike the results of the excavations, which were not properly published (MEDEROS MARTÍN, 2010/2011). Such a situation justifies Martínez Santa-Olalla's claim that at least a representative sample section could be used to clarify the archaeological evidence still potentially preserved at the site.

2.4.3 – Typed letter, without stamp, dated February 12, 1935 [inv. no. 1974/001/723]

12/II/35

Exmo. Snr. Mario Cardozo

Mi distinguido amigo:

Muy agradecido quedo a su carta recibida hoy y a la recensión tan amable que me dedica en los Anales de Porto. Ha sido realmente amabilísimo el que V se haya tomado la molestia de hacer una recensión tan amplia y completa. Mil gracias.

De Homenagem Martins Sarmiento sale pronto una recensión mía de que recibirá ejemplares.

Sobre el Anuario de Prehistoria Madrileña lo mejor es lo siguiente: Escriba al Exmo. Sr. Dn. Rafael Salazar Alonso, Alcalde de Madrid, una carta llena de toda esa literatura vana, tan grata a los oídos, alabando la obra soberbia del Ayuntamiento poseedor de una de las colecciones arqueológicas mejores del Mundo. Alaba la maravilla del Anuario y pide que se los envíen para Guimaraes, pues una publicación de tan extraordinario valor científico la precisan Vds. con carácter urgente. Con una carta con algunas palabras huecas como las que yo digo, recibirá V. gratuitamente los volúmenes publicados y le dará una gran alegría al alcalde. Estaría muy bien le enviase V como regalo un tomo del Homenagem.

Ahora mi querido e ilustre colega quiero pedirle una cosa. La Sociedad Española de Antropología está ahora en nuestras manos y la hemos cambiado totalmente. La publicación saldrá ahora regularmente, en una edición cuidada y hasta lujosa y con una colaboración selecta, a partir del primer número del año 35. Tendremos todos (Barradas, Obermaier, etc.) mucho gusto en contar con su colaboración, bien con algún trabajo original y bien ilustrado, o bien para una sección nueva llamada NOTICIARIO, en la que habrá cosas de un máximo de dos páginas y una lámina fuera de texto o algunas figuras en el texto. Esta sección es adecuada para pequeñas notas descriptivas, de nuevos hallazgos, excavaciones, puntos de vista, interpretaciones, etc. Tales noticias pueden tener hasta incluso solo algunos renglones de extensión. Para el NOTICIARIO del primer número tengo una serie de firmas selectas y desearía algo por muy pequeño que fuese para ese primer número. Para números sucesivos creo nos honrara con trabajos, extensos, pequeñas notas o recensiones para la sección de bibliografía. No olvide que con gusto veremos su firma.

Por si le interesa a V. e a algún amigo o entidad de su círculo de relaciones le diré que la Sociedad de Antropología sigue con sus cuotas anuales de 12 pts. que dan derecho a un tomo de sus Actas y Memorias. Con gusto veríamos ensancharse en Portugal el número de nuestros consocios para imprimirla cada vez un carácter mas ibérico. Últimamente pidieron ingresar los Srs. Jalhay y do Paço.

Sabe es suyo afmo. amigo

(unsigned)

Comments

This letter follows up on previously addressed matters, such as the invitation to Mario Cardozo to publish original contributions in the renewed *Actas y Memorias* of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, of which Martínez Santa-Olalla was a prominent figure, having been elected Secretary in 1935. Martínez Santa-Olalla encouraged Mario Cardozo to become a member, mentioning the membership of other Portuguese colleagues. Presumably, the volume in homage to Martins Sarmiento, printed in 1933, had already been published by then, and Martínez Santa-Olalla promised a recension of this publication, in return for the one his correspondent apparently wrote on the subject of a text published by the former in the *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Martínez Santa-Olalla reiterates his recommendation of sending the Mayor of Madrid a letter praising the importance of the *Anuario de Prehistoria Madrileña*, so that the publication of this important archaeological journal could be continued. In fact, as mentioned above, the last issue of this journal was published in 1936, the year of the outbreak of the Spanish Civil War.

2.4.4 – Typed letter, without stamp, dated February 27, 1935 [inv. no. 1974/001/713 – JMSO/3-52]

27/II/35

Exmo. Snr. Mario Cardozo

Mi distinguido y buen amigo:

Hoy en la sesión de la Soc. de Antropología hemos tenido el gusto presentar a V. como miembro de la Sociedad. Su cheque que agradezco en nombre de la Sociedad ha sido entregado al Tesorero.

Su noticia puede entregarla cuando quiera. El original para el primer fascículo debe quedar entregado para el 20 de marzo con objeto de tener en número en la calle a fines de abril. Si para este número no queda la cosa hecha puede ir en le próximo. De ahora para siempre queda hecha la invitación a que colabore en nuestra revista, de modo que cuando tenga interés en algo o lo envía V. sin más explicaciones o me avisa antes para darle seguridad en que fascículo va con exactitud. Las fechas que me he fijado para aparecer los tres cuadernos son: Fines de abril, fines de septiembre y principios de enero.

Con muchísimo gusto he vuelto a leer detenidamente su grata recensión de mi libro de Herrera.

Sabe es suyo afmo. buen amigo q. e. s. m.

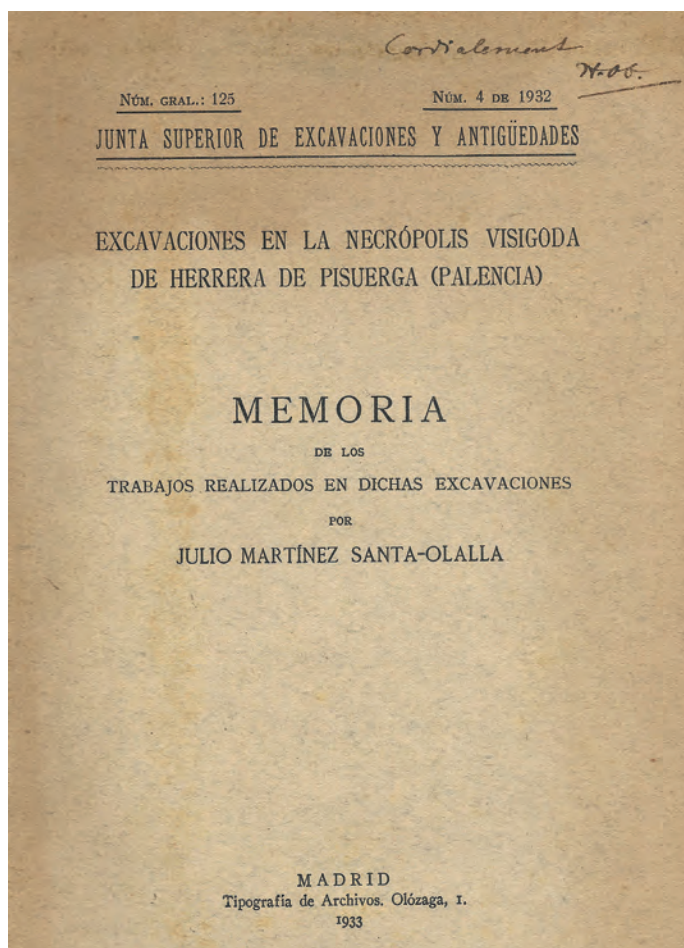


Fig. 6 – Cover of the report on the Visigothic necropolis of Herrera de Pisuerga (Palencia) (Madrid, 1933). Copy sent by Hugo Obermaier to Manuel Heleno. JLC's own exemplar and photo.

Comments

This letter confirms Mário Cardozo's membership of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, notifying him of the publication of three annual issues, and thanking him once again for his aforementioned recension in the *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, apparently much appreciated by Martínez Santa-Olalla. This regards a remarkable monograph concerning the excavations of the Visigoth necropolis of Herrera de Pisuerga (Palencia), published in Madrid by the Higher Board of Excavations and Antiquities in 1933 (Fig. 6).

2.4.5 – Typed letter, without stamp, dated May 7, 1951 [inv. no. FD-1974/1/17002.1 and 2 – JMSO/48-93]

7-V-51

Excmo. Sr. Mario Cardoso

Quinta da Atougia

Guimarães

Mi distinguido y admirado amigo:

Supongo ya han sido rellenadas según mis órdenes, todas las lagunas que había en su colección de 'Informes y Memorias' y 'Acta Arqueológica Hispánica', y si algo faltara, en su día lo recibirá.

Estoy realmente avergonzado de lo mal que he quedado con Vds., pues era mi firme propósito publicar in extenso todo cuanto tengo sobre Apenha de Guimarães (sic); como Vd. sabe mandé hacer y tengo una serie magnífica de dibujos con excelentes reconstrucciones que, incluso sería un material excesivo, puesto que llevaría muchísimas páginas y muchísimas láminas, aparte de fotografías, unas facilitadas por Vd. y otras hechas sobre los fragmentos que tan amablemente nos regalaron. Este era mi propósito, mas incesantemente nuevos trabajos y nuevas obligaciones, con un sacrificio y pérdida de tiempo extraordinario, en beneficio de todos menos de mí persona, me hacen tener mi trabajo personal abandonado; no es fácil o mejor, agradable la pérdida de tiempo a que me veo obligado para que puedan trabajar en España ese centenar y medio de Comisarios de Excavaciones, con unos medios miserables y menguados, incluso teniendo que luchar contra la egolatría de la media docena, que en realidad ni a eso llegan, de profesionales intransigentes, endiosados, que creen que nadie mas que ellos tienen derecho al trabajo ni saben trabajar. Por cierto que con referencia a ese trabajo de Apenha, sería conveniente utilizar los cajones que me dijeron en Guimarães había cerrados y llenos de cerámica, donde posiblemente habría mas formas y tipos de vasos, especialmente en los lisos o con otra técnica decorativa. ¿Abrieron los cajones ya, se sabe lo que hay en ellos?; por otro lado me hubiera gustado haber dado ese trabajo completo con el que coinciden las ideas de mi discípulo Mac White, en cuya tesis se habla de ello y coincide también el punto de vista de Savory.

No sé si sabrá Vd. que a propuesta mía se ha acordado celebrar el III Congreso arqueológico Nacional en Galicia y mucho celebraré el que Portugal no esté ausente en dicho Congreso o esté representado por personas meritísimas pero de escaso relieve científico y social en su querido país. A mí me gustaría que a este Congreso se le pudiera dar un carácter hondamente científico, en que los problemas, sobre todo del bronce mediterráneo, con sus mamoaes y grabados rupestres y el subsiguiente atlántico, tan importante y transcendental en su historia europea, así como su hierro céltico, pudieran ser estudiados con profundidad y con unos puntos de vista renovados, conforme se hace en mi escuela y por mis discípulos, que como Vd. sabe, se aceptan en todo el mundo por las mas altas autoridades: Childe, Laviosa Zambotti, Daniel, etc., etc., ya que de no hacerlo así, seguiremos en esa Arqueología arqueológica, y perdón la redundancia, de la que por lo visto no nos vamos a

redimir. Sobre este Congreso mucho le agradecería si Vd. lo ve con simpatía y cree vale la pena de pensar y molestarse en él, que me comunicase sus deseos y posibles proyectos. A mí no me desagradaría nada el que estos congresos, que se llaman nacionales, pasasen a ser peninsulares o hispánicos, pues es peregrino y ridículo en fin de cuentas y anticientífico el que Portugal esté excluido en virtud de un hecho político que nada tiene que ver con la Historia Primitiva, puesto que es posterior en muchísimos siglos y miles de años. A mí me gustaría que estos congresos fuesen efectivamente hispánicos o peninsulares y que únicamente por una razón de kilómetros cuadrados y densidad de población, se celebrasen por ejemplo en Portugal cada segundo o tercer congreso.

Siempre suyo buen amigo s. s.

q. e. s. m.

(unsigned)

Comments

By the time he wrote this letter, Martínez Santa-Olalla was the Spanish Commissioner General of Archaeological Excavations. His influential power, and even the power to intervene directly in the management of Spanish archaeology, was effective, as can be seen from the outburst that he could not repress concerning the management of interests and protagonisms, especially among those who could be considered his equals. In addition to this effective power he also had the prestige resulting from his chair at the University of Madrid, the Seminar of Primitive History of Man, with the corresponding capacity to mobilise students and followers. This multifaceted and complex situation explains the intensity of Martínez Santa-Olalla's intervention in Spanish archaeology in the 1950s.

Such power is substantiated in this letter by the commitment of supplementing the Martins Sarmiento Society's library with any number of copies of the archaeological series published under his patronage and, on the other hand, by the interest he showed in publishing large monographs on outstanding archaeological sites, e.g. the Penha site, in Guimarães. He mistakenly ascribed this site to the Atlantic Bronze Age, a view shared by then by Eoin Mac White, whose PhD was supervised by Santa-Olalla and published in 1951 under the title *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce* (Mac WHITE, 1951) (Fig. 7). Indeed, the ascription of this site to the Chalcolithic only occurred much later (JORGE, 1986).

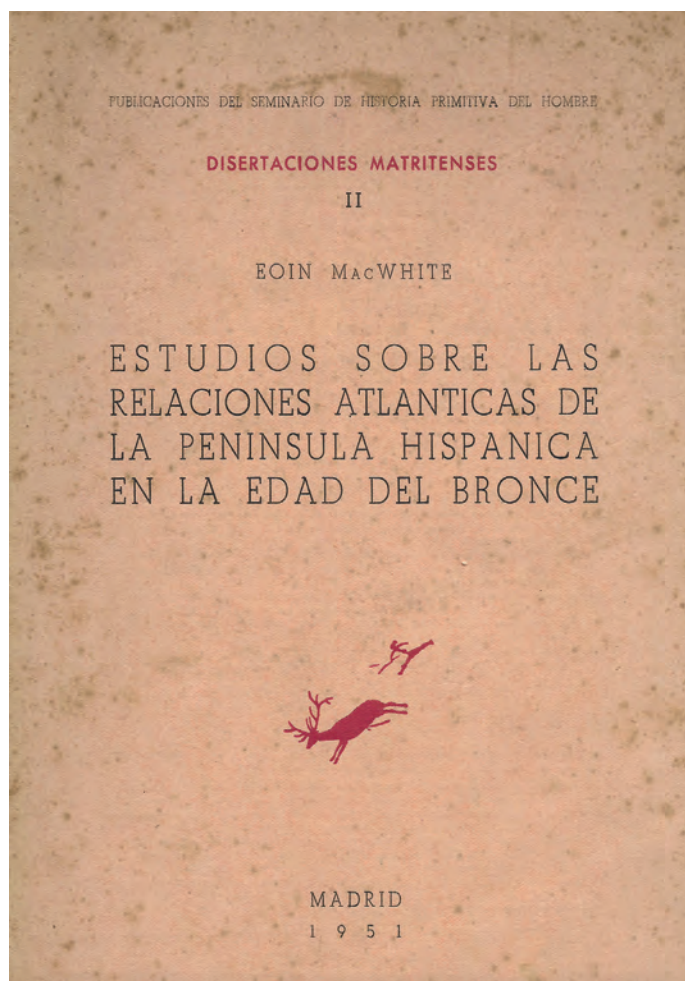


Fig. 7 – Cover of Eoin MacWhite's PhD thesis, completed under the supervision of Martínez Santa-Olalla in 1947 (Madrid, 1951). JLC's own exemplar and photo.

This situation was, however, independent from the sequence defined for the Iberian prehistoric cultures by Martínez Santa-Olalla, who considered that the Chalcolithic (or Copper Age) was the beginning of the Bronze Age (which he referred to as Mediterranean Bronze I), a concept devoid of any archaeological basis, since the coeval metallurgy was exclusively based on copper. This chronological proposal was first presented in 1941, in his well-known study *Esquema Paleontológico de la Península Hispanica* printed shortly afterwards, in a 1946 stand-alone edition (MARTÍNEZ SANTA OLALLA, 1941, 1946). The Mediterranean Bronze I was followed by Phase II, corresponding to the El Argar Culture, which preceded the Atlantic Bronze Age at around 1300 BC. Presently, Atlantic Bronze Age is the only term still in use, as evidenced by the numerous tin alloy metallic productions (sometimes combined with lead) used in the manufacture of metallic artefacts of well-established typologies.

The second part of the letter concerns the 3rd National Archaeological Congress, held in 1953 in Galicia. As was Martínez Santa-Olalla's wish, such a gathering should bring together the most relevant Portuguese archaeologists of the time, which was largely the case, judging from the papers published in the corresponding proceedings. In Portugal, the congressmen visited Guimarães, where they were received at the Martins Sarmiento Society, directed by Mário Cardozo, visiting the museum and the Citânia de Briteiros on July 24, 1953; a work session was held at the Society on the same day. The 1953 issue of the *Revista de Guimarães* included an extensive and detailed report of the congressmen's visit to Guimarães, during which Mário Cardozo gave his paper *Alguns problemas da Idade do Ferro no Norte de Portugal* fully published in the same issue, followed by the list of congressmen who visited the city of Guimarães, after a study session held in Braga on the previous day, July 23, 1953, and a visit to a custom exhibition evoking *Bracara Augusta*.

The prospect of turning these congresses into gatherings of peninsular scope was very interesting, based on the assumption that every second or third congress would take place in Portugal, which never really happened. It took until 1993, i.e. 40 years of waiting, for the 1st *Congress of Peninsular Archaeology* to be held in Oporto, followed, in 1996, by the second, in Zaragoza (Spain), and by the third, in Vila Real (Portugal), in 1999. The last of these congresses was held in Faro in 2005; the lack of continuity cannot be fully explained, given the considerable scientific interest and attendance observed in all of them.

2.4.6 – Three-page typed letter, bearing the stamp ‘Sociedade Martins Sarmiento – Guimarães’, dated May 26, 1951 [inv. no. FD-1974/1/16998.1 t0 3] (Fig. 8)

Guimarães (Portugal)

26-V-1951

Exm^o Senhor

Prof. Dr. Júlio Martinez Santa-Olalla

Madrid

Meu prezado e ilustre Amigo:

Foi com a maior satisfação que recebi a carta de V.^a Ex.^a, datada de 7 do corrente, tanto mais que já ha muito tempo não tinha tido o prazer das suas notícias. Com muito gosto vou responder-lhe, seguindo nesta carta a ordem dos assuntos a que na sua se refere:

Publicações da Comisaria – Por especial favor de V.^a Ex.^a recebemos, tanto a Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento, como eu próprio, as magníficas publicações que pedi, e em devido tempo agradei. Conforme nessa ocasião informei, ficaram ainda a faltar-me os tomos 16, 18 e 19 dos **Informes y Memorias**,



SOCIEDADE MARTINS SARMENTO — GUIMARÃES —

Instituição fundada em 1882. Promotora da Instrução Popular no Concelho de Guimarães. Louvada em Portarias de 20-11-1882, 8-3-1901 e 9-2-1940. Considerada de Utilidade Pública, por D. de 30-12-1926. Condecorada, em 25-5-1931, com o Grande Oficialato da Ordem de Sant'Iago da Espada. Biblioteca Pública e Museu de Arqueologia. Estações Arqueológicas de Sabroso e da Citânia de Briteiros.
— Órgão cultural: Revista de Guimarães. Fundada em 1884. —

arqueólogos portugueses se unissem aos galegos, para apresentarmos, juntos, "uma frente sólida". Duvido, porém, muito da solidez dessa frente, por parte dos portugueses, que não têm concorrido, como aliás deviam, a esses Congressos, iniciados no Sudeste, facto que V^aEx^a já havia notado, quando, num deles, afirmou, se bem me recordo, que os portugueses e espanhóis estavam de costas voltadas.

Veremos, todavia, o que será possível conseguir. Eu já lembrei ao Cuevillas a oportunidade de, nessa ocasião, os Congressistas realizarem uma excursão ao Norte de Portugal, com uma visita à Citânia de Briteiros, protótipo dos castros desta região nortenha.

Parece-me que, para estimular os nossos estudiosos, deveriam estes receber convites especiais, para colaborar em nesse Congresso, enviados pela Comissão organizadora, e interessar neste assunto o nosso Ministério da Educação Nacional, as Universidades, Museus, Academias, etc., por intermédio das correspondentes entidades oficiais espanholas. Se V^aEx^a quizer, poderá enviar-me qualquer projecto ou sugestão acerca da colaboração portuguesa, dirigido ao Presidente da 2^a Sub-Secção (Escavações, Antiguidades e Numismática) da 6^a Secção da Junta Nacional de Educação (Lisboa), que eu próprio ali apresentaria em seu nome, numa das sessões, visto que faço parte desse organismo oficial, na qualidade de vogal.

Também poderei, se quizer, enviar-lhe uma lista, tão completa quanto possível, dos nomes e endereços dos estudiosos portugueses que se dedicam à Arqueologia, Etnografia, Antropologia, Epigrafia e Numismática, e que infelizmente não são muitos, para que os confrades espanhóis insistissem pela sua adesão e comparência no Congresso, facilitando o mais possível a nossa deslocação a Espanha, pois, como sabe, nos tempos de hoje, é um problema de solução difícil, sob o ponto de vista económico.

A sua ideia de converter estes Congressos de "nacionais" em "peninsulares" ou "hispanicos" também a acho interessante; e sobretudo muito lisonjeira para nós, portugueses. Todavia, devo lembrar-lhe que

Fig. 8 - Mário de Vasconcelos Cardozo, three-page typed letter, bearing the stamp 'Sociedade Martins Sarmiento - Guimarães', dated May 26, 1951 [inv. no. FD-1974/1/16998.1 to 3] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

e o tomo II dos **acta Arq. Hispanica**, que muito desejaria possuir também, ficando com a série completa. Agradecia-lhe pois o seu envio.

Todos os volumes contêm magníficos estudos, que muito dignificam a acção da Comisaria General de Escavaciones Arqueológicas, sob o impulso de V.^a Ex.^a, nestes 12 anos de esforço, cujos frutos a Espanha está colhendo (e também Portugal, indirectamente), apesar de todos os entraves e obstáculos que sempre surgem a quem trabalha por simples devoção espiritual. Os resultados da esplêndida orientação de V.^a Ex.^a na Comisaria ficaram bem patentes e demonstrados nessa reunião de Comisarios que V.^a Ex.^a convocou, e na qual se discutiram assuntos de flagrante interesse para a defesa do património arqueológico espanhol, bem como nessa brilhantíssima exposição reveladora da colheita obtida em 'Diez años de Arqueologia'! Com as minhas saudações, receba V.^a Ex.^a os meus sinceros parabens por tão compensadores resultados dos serviços que todos os estudiosos lhe ficam devendo.

Em Portugal existe um organismo semelhante à Comisaria espanhola, que é a Secção de Escavações, Antiguidades e Numismática, da Junta Nacional de Educação. Mas estamos muito longe, infelizmente, de encontrar ali a acção inteligente e criteriosa que V.^a Ex.^a tem desenvolvido na sua Comisaria.

Estação de A Penha (Guimarães) – Lamento, na verdade, que V.^a Ex.^a não tenha podido enviar-nos o prometido estudo sobre essa importante estação arqueológica do Bronze Atlântico, à qual infelizmente os arqueólogos portugueses, que disponham de competência para esse estudo, não têm ligado a devida atenção. O facto de a documentação gráfica do trabalho de V.^a Ex.^a ser abundante não impediria a sua publicação na nossa Revista, pois, felizmente, não nos falta a verba necessária para a sustentação do órgão cultural da Sociedade. Compreendo, todavia, que V.^a Ex.^a não tenha podido dispor de tempo para ultimar esse estudo, que seria para nós excelente, dada a indiscutível competência científica do seu autor.

É minha intenção publicar, entretanto, num dos próximos tomos da 'Revista de Guimarães', pelo menos a tradução do estudo de Savory, **The Atlantic Bronze Age in South-West Europe**, que ele deu em 1949, nos 'Proceedings of the Prehistoric Society', e contem importantes referências à Penha.

Quanto à informação que deram a V.^a Ex.^a, aqui em Guimarães, de que existiam caixotes fechados e cheios de cerâmica da Penha, é menos verdadeira! Não existem; nunca existiram, tais caixotes! O que ha é apenas duplicados de muitos dos fragmentos que se encontram expostos no Museu. Nada mais.

III Congresso Arqueológico Nacional – Já sabia que em 1953 terá lugar, na Galiza, esse Congresso. O que ignorava é que a proposta tivesse partido de V.^a Ex.^a. O nosso confrade Sr. D. Florentino Lopez Cuevillas, que é um dos membros da Comissão Organizadora, na Galiza, já me havia escrito sobre o assunto, sugerindo que os arqueólogos portugueses se unissem aos galegos, para apresentarmos, juntos, 'uma frente sólida'. Duvido, porém, muito da solidez dessa frente, por parte dos portugueses, que não têm concorrido, como aliás deviam, a esses Congressos, iniciados no Sudoeste, facto que V.^a Ex.^a já havia notado, quando, num deles, afirmou, se bem me recorde, que os portugueses e espanhóis estavam de costas voltadas.

Veremos, todavia, o que será possível conseguir. Eu já lembrei ao Cuevillas a oportunidade de, nessa ocasião, os Congressistas realizarem uma excursão ao Norte de Portugal, com uma visita à Citânia de Briteiros, protótipo dos castros desta região nortenha.

Parece-me que, para estimular os nossos estudiosos, deveriam estes receber convites especiais, para colaborar nesse Congresso, enviados pela Comissão organizadora, e interessar neste assunto o nosso Ministério da Educação Nacional, as Universidades, Museus, Academias, etc., por intermédio das correspondentes entidades oficiais espanholas. Se V.^a Ex.^a quizer, poderá enviar-me qualquer projecto ou sugestão acerca da colaboração portuguesa, dirigido ao Presidente da 2.^a Sub-Secção (Escavações, Antiguidades e Numismática) da

6.^a Secção da Junta Nacional de Educação (Lisboa), que eu próprio ali apresentaria em seu nome, numa das sessões, visto que faço parte desse organismo oficial, na qualidade de vogal...

Tambem poderei, se quizer, enviar-lhe uma lista, tão completa quanto possivel, dos nomes e endereços dos estudiosos portugueses que se dedicam à Arqueologia, Etnografia, Antropologia, Epigrafia e Numismática, e que infelizmente não são muitos, para que os confrades espanhóis insistissem pela sua adesão e comparência no Congresso, facilitando o mais possivel a nossa deslocação a Espanha, pois, como sabe, nos tempos de hoje, é um problema de solução difícil, sob o ponto de vista económico.

A sua ideia de converter estes Congressos de 'nacionais' em 'peninsulares' ou 'hispânicos' tambem a acho interessante; e sobretudo muito lisongeira para nós, portugueses. Todavia, devo lembrar-lhe que Portugal está longe de ter um grupo de cientistas e cultores da Arqueologia semelhante àquele que hoje tanto honra a Espanha!

E por hoje aqui termino, pois esta carta já vai demasiado extensa. Estimarei continuar a receber as suas prezadas notícias, e peço-lhe me creia sempre seu sincero admirador e grato amigo.

Mário Cardozo (signature)

Comments

This long answer from Mario Cardozo to Martínez Santa-Olalla's letter broke apparently a 16-year epistolary silence. Cardozo clarifies the situation regarding the Penha site findings, by then regarded as belonging to the Atlantic Bronze Age, an opinion reiterated by H. N. Savory in one of his papers, whose translation was indeed published in the *Revista de Guimarães*, as mentioned in this letter, in the 1951 volume 61(3/4).

Mário Cardozo's reservations about the ability of Portuguese archaeologists to assert themselves at the time are worth noting, particularly when compared with their Spanish counterparts: indeed, Portuguese archaeology was at a much more backward stage, largely due to the lack of research dynamics that only universities with an effective and structured teaching of the various aspects of archaeology could ensure, besides the differences in scale that characterize both Iberian countries. By then, and in contrast to the diversity of Spanish universities, in Portugal Prehistory was only taught at the University of Lisbon (CARDOSO, 2013), along with the generic course of Archaeology, which also had no equivalent at the other two Portuguese universities (Coimbra and Oporto) where the teaching of Archaeology was incipient, centred on Art History and sometimes referred to as 'Artistic Archaeology'. After all, the scarce archaeological research carried out in Portugal in the 1950s, whose quality was probably no different from what was done in Spain, was limited to a little more than a dozen archaeologists, most of whom lacked the basic means to carry out their tasks. It was, therefore, only through remarkable efforts, which are worth mentioning, that archaeology asserted itself, without discrediting any comparisons with what was done in the neighbouring country. Actually, Portuguese archaeology was an almost exclusively amateur activity, in the best sense of the expression. For many years, this was the way archaeological research was carried out in Portugal and it ensured that Portugal was represented at the various international gatherings. One can imagine the difficulties arising from the absence of structures that would grant the required support and funding. It was with these difficulties in mind that Mário Cardozo suggested, on behalf of the organizers of the 3rd National Archaeological Congress, that official invitations be sent to the most relevant Portuguese archaeologists, so as to lend credibility to the request for grants for registration and travel to Spain. To this end, Mário Cardozo, invoking his position as a member of the National Education Board, was willing to organize a list of the most relevant Portuguese archaeologists so that they would be better qualified to apply for grants from official institutions, in this case essentially limited

to the Institute for High Culture. Indeed, and as a result of these efforts, the most relevant Portuguese archaeologists were enrolled in the congress and their contributions were later published in the respective proceedings. What a contrast with the current situation, in which archaeological research units, established within universities, do not normally face any funding difficulties in ensuring their researchers' attendance of international scientific meetings, even if they have not prepared any specific contributions. Thanks to the support of local entities, namely the City Councils of Braga and Guimarães, as well as the Martins Sarmiento Society, the visit of the congress participants to the North of Portugal was an absolute success.

2.5 – CORRÊA, António Augusto Mendes

2.5.1 – Typed letter, without stamp, dated October 23, 1946 [not inventoried]

23 de Outubro de 1946

Excmo. Sr. A. A. Mendes Correa

Catedrático de la Universidad de Oporto

Mi querido amigo:

Don Juan Alvarez Delgado, Catedrático de la Universidad de La Laguna y Miembro del Comité de la CIAO en Canarias, me propone en relación con la participación de diversos africanistas canarios en el Congreso de Bisao, lo siguiente:

Que el buque que salga de Portugal para trasladar a los portugueses y acaso a los españoles peninsulares a Bisao, pare en Canarias organizándose allí un programa de visitas de estudio aunque fuese rápido y aprovechando esta ocasión para que se incorporasen los canarios que podrían luego regresar en el mismo barco. Sería de desear según dice dicho Sr. y D. Elías Serra Rafols, Rector de la misma Universidad, que el buque tocara en las dos islas mayores Tenerife y Gran Canaria tanto porque esta visita interesaría a los Congresistas como para facilitar así la incorporación de los canarios y de otro modo no podrían trasladarse a Bisao.

Como considero de interés esta iniciativa se la transmito a Vd. para que vea si es posible acceder a ella.

Esperando con todo interés sus noticias, sabe es suyo buen amigo

(followed by a list of people registered for the 2nd CIAO congress)

2.5.2 – Typed letter, without stamp, dated October 28, 1946 [not inventoried]

28 de Octubre de 1946

Excmo. Sr. Dr. A. A. Mendes Correa

Presidente del Comité Organizador Portugués y Delegado de Portugal en el Comité Internacional de la CIAO:

Oporto

Muy distinguido Sr. colega:

Vista su comunicación de 26 de septiembre de 1946, debo manifestarle en primer lugar que es para mí un motivo de especial satisfacción el ver la feliz iniciativa del Gobierno Portugués y especialmente del Excmo. Sr. Ministro de Colonias, al recabar para Portugal el honor de celebrar en Bisao la segunda Reunión de la CIAO.

Igualmente tengo el honor como Miembro Español del Comité Permanente de la CIAO comunicarle mi adhesión y promesa de asistencia al 2.º Congreso Internacional de Africanistas Occidentales en Bisao, Guinea Portuguesa, que deberá tener lugar del 8 al 14 de febrero de 1947.

Daré cuenta a mis colegas de la comunicación que me ha sido dirigida, a los efectos oportunos.

Mis comunicaciones al Congreso versarán sobre 'La Edad del Aguerguer de Río de Oro y sus industrias cuaternarias', 'Neolítico de Fernando Poo' y 'La Sociedad secreta el M'bueti'.

Suyo affmo. Amigo y colega q. e. s. m.

Julio Martínez Santa-Olalla

Comments

Following preparations in 1944, the 1st Conférence Internationale des Africanistes de l'Ouest [CIAO] was held in Dakar in January 19-25, 1945, organised by Théodor Monod and the Institut Français d'Afrique Noire, bringing together representatives of the main Allied countries. France was represented by Auguste Chevalier from Paris and the United Kingdom by C. Daryll Forde of the University College London and Director of the International African Institute. Martínez Santa-Olalla played a notable role in this congress, as he was one of the three vice-presidents, along with Forde and Monod, gave the closing lecture and was appointed as the representative of Spain. In addition and as proposed by MSO, Portugal had been invited to the new congress and A.A. Mendes Corrêa, from the University of Porto, was appointed as the Portuguese representative.

Once Martínez Santa-Olalla returned to Spain, his main objective was, as the Spanish representative on the International Committee of the International Conference of Western Africanists, the creation of a Spanish West Africa Committee chaired by himself, with J. San Valero as Secretary General and the Director General of Morocco and the Colonies, J. Díaz de Villegas, Eduardo and Francisco Hernández-Pacheco, E. Guinea López, S. Montero Díaz, J. de la Villa y Sanz, E. Morales Agacino and T. García Figueras as members. Martínez Santa-Olalla's main task was the drafting of a regulation and its transformation into the Institute of African Studies, which was subsequently discussed by the rest of the commission.

The second objective was trying to organise the 3rd International Conference of Western Africanists in Spain, a proposal that Martínez Santa-Olalla had put forward at the Dakar congress and which had been accepted in principle. This idea had the approval of Elías Serra Ràfols, the Dean of the Faculty of Philosophy and Humanities since 1940, who had just been appointed Rector of the University of La Laguna in 1945, which he had joined as Full Professor of Spanish History since 1926. E. Serra Ràfols was in charge of setting up a Canary Islands section of the Spanish Committee for West Africa, both in Tenerife and in Las Palmas, with the participation of P. Hernández Benítez, D. Macías Martín and A. Torrent Reina.

The Dakar conference brought Martínez Santa-Olalla international prominence in the field of archaeology for the first time since the end of the Civil War, as he was only really known in Germany for his stay in Bonn and his studies on the Visigoths. Paradoxically, he had also achieved this within the group of the Allied countries. This is why he soon planned his First Paleoethnological and Ethnological Expedition to Spanish Guinea, which was carried out exclusively by Martínez Santa-Olalla and Sáez Martín between July and August 1946, following the interest aroused by these regions at the Dakar congress, and the Portuguese announcement that they were to hold the next conference in Bissau, in Portuguese Guinea, in February 1947. Immediately afterwards, he carried out the Second Paleoethnological Expedition to the Spanish Sahara, between September and October 1946, in which only Martínez Santa-Olalla and Sáez Martín took part, accompanied by Lieutenant J.

Erola, of the Río del Oro Nomad Group, travelling by camel from El Argub-Pozo de Tagschtent to Tichla, and flying back on a military plane.

However, the political changes required by the course of the Second World War ended up affecting him directly due to the problems he began to experience in the Ministry of Foreign Affairs, starting with the appointment of Alberto Martín Artajo y Álvarez as Minister on July 20, 1945. Not only did this involve the appointment of a member of the National Catholic Association of Propagandists, to which Ibáñez Martín, the Minister of National Education, already belonged, but at the same time the position of Minister of the National Movement or Secretary General of the Traditionalist Spanish Falange and JONS was left vacant in the Council of Ministers, resulting in the dismissal of his best friend and main supporter of his initiatives, the Falangist José Luis de Arrese.

In 1944, the demise of the Director General of Morocco and the Colonies and former Governor General in Guinea, Juan Fontán y Lobé, a honorary member of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory since 1943, entailed his replacement by José Díaz de Villegas around November 1944. The new Director General, who became a member of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory in December 1944, was not only the institutional creator of the Institute of African Studies, of which he was appointed Director, but also authorised much of the archaeological research conducted in Morocco and the Sahara. The replacement of the Minister of Foreign Affairs in June 1945 heralded significant changes for the following year concerning the people who represented Spain abroad. The announced holding of two Africanist congresses at the beginning of 1947 ended up revealing the lack of harmony between the Institute of African Studies and the Minister of Foreign Affairs and Martínez Santa-Olalla.

Martínez Santa-Olalla saw the problem coming at the end of 1946 when he was not allowed to leave Spain by the Ministry of National Education, which referred him to the Ministry of Foreign Affairs, as he told Epifanio Fortuny in a letter written in November (JMSO, 15-11-1946). He tried to reach the highest authorities and requested an audience with General Franco on December 7, 1946, which was not granted.

In January 1947 the 1st Pan-African Congress of Prehistory was to be held in Nairobi (Kenya), organised by L.S.B. Leakey, who had addressed invitations to the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, the Seminar of Primitive History of Man and the Commissariat General of Archaeological Excavations, and all three institutions appointed Martínez Santa-Olalla as their representative. After planning his journey together with the Baron of Esponellá, the Provincial Commissioner of Archaeological Excavations of Barcelona, he wanted to visit the main museums of Egypt and Sudan. However, he was finally unable to travel and, in the Proceedings of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, Martínez Santa-Olalla stated that “there had been a Spaniard, Professor Pericot, who had no knowledge of the congress and had not been invited to it, although he was nevertheless sent at the last minute to represent the Institute of African Studies, which had not been invited either. The appointment of this gentleman, in such an abnormal and regrettable way, caused the agreed upon and invited representatives to be unable to leave”, as the grant from the Ministry of Foreign Affairs was allocated to Pericot. The member of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, José María Cordero Torres, directly accused “the Director of the Institute of African Studies, of being responsible for and the source of these regrettable incidents”.

A month later, in February 1947, the 2nd International Conference of Western Africanists, organised by the Colonial Research Board, was going to be held in Bissau (Portuguese Guinea). The lack of a visa from the Ministry of Foreign Affairs for the members of the Seminar of Primitive History, who withdrew their papers, and the lack of English participation caused the conference to be delayed until the autumn of 1947. Furthermore, in January 1947 Francisco Hernández-Pacheco, professor at the University of Madrid and one

of the members of the Institute of African Studies, applied to represent the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory. The institution informed him that Martínez Santa-Olalla was the Spanish representative in the International Committee of the International Conference of Western Africanists. Moreover, the Society proposed Julián de la Villa y Sánchez, a Professor of Medicine at the Central University of Madrid and President of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory, and Juan Álvarez Delgado, Professor of Classical Philology at the University of La Laguna and Provincial Commissioner of Excavations of the Province of Santa Cruz de Tenerife, to manage the organisation of the third congress in the Canary Islands.

Hernández-Pacheco himself had personally visited Martínez Santa-Olalla at his home in January 1947 to give him explanations for his application to represent Spain at the 2nd International Conference of Western Africanists, with ‘unconvincing’ arguments, as Martínez Santa-Olalla told Álvarez Delgado (FLDC [Fondo Luis Diego Cuscoy], 25-1-1947), and on the same day he submitted his application for official representation to the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory.

Yet, the Ministry of Foreign Affairs informed the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory that it was impossible to grant more subsidies because there were already two designated representatives, F. Hernández-Pacheco and the Conde de Castillofiel, the stamp tax inspector at Santa Isabel de Fernando Poo. In October 1947, Martínez Santa-Olalla gave up the conflict and proposed that the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory appoint another representative “because he had not been authorised to leave Spain”, according to his own words in the Society’s proceedings. Despite his non-attendance and the fact that he missed the possibility of holding the third congress in the Canary Islands, it was also a small personal triumph for him as he was re-elected as a member of the Standing Committee of the International Conference of Western Africanists (MEDEROS, 2003-04, p. 35-38; MEDEROS & ESCRIBANO, 2011, p. 182-188).

2.6 – FERREIRA, Octávio da Veiga (arquivo OVF/JLC)

2.6.1 – Typed letter, bearing the stamp ‘El Comisario General de Excavaciones Arqueológicas’. Joao Luis Cardoso’s archive (Fig. 9)

Saluda

Al Sr. Octavio Ferreira, para felicitarle por su interesante publicación y agradecerle su amable envío, al propio tiempo que le significa que sus hallazgos de Esgravatadoiro son típicos de la cultura iberosahariana y pertenecen al Bronce Mediterráneo I, en manera alguna al neolítico y menos a lo que antiguamente llamaban “eneolítico” concepto equivoco de debe desaparecer por anticuado y anticientífico de la nomenclatura, que solo como residual aparece en gentes poco informadas.

Igualmente vista su amable tarjeta le hago saber que la vieja cronología del Prof. Bosch Gimpera, repetida por Pericot a que se refiere en su página 95 es ciertamente falsa y nadie la aceptamos ya.

Con mis mejores votos por el éxito de futuros trabajos y publicaciones

The printed parts of this letter are indicated in italic below:

Julio Martínez Santa Olalla

Aprovecha gustoso esta ocasión para reiterarle el testimonio de su consideración más distinguida.

Madrid 8 de octubre de 1947

Serrano 41

*El Comisario general
de Excavaciones Arqueológicas*

Saluda

al Sr. Octavio Ferreira, para felicitarle por su interesante publicación y agradecerle su amable envío, al propio tiempo que le significa que sus hallazgos del Esgravatadoiro son típicos de la cultura Iberosahariana y pertenecen al Bronce Mediterráneo I, en manera alguna al neolítico y menos a lo que antiguamente llamaban "eneolítico" concepto equivoco que debe desaparecer por antiusado y anticientífico de la nomenclatura, que solo como residual aparece en gentes poco informadas.

Igualmente vista su amable tarjeta le hago saber que la vieja cronología del Prof. Bosch Gimpera, repetida por Pericot a que se refiere en su página 95 es ciertamente falsa y nadie la aceptamos ya.

Con mis mejores vptos por el éxito de futuros trabajos y publicaciones

Julio Martínez Santa-Olalla

aprovecha gustoso esta ocasión para reiterarle el testimonio de su consideración más distinguida.

Madrid, 8 de octubre de 1947

Serrano 41

Fig. 9 - Julio Martínez Santa-Olalla. Letter bearing the stamp 'El Comisario General de Excavaciones Arqueológicas'. Octavio da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso's archive.

Comments

Martínez Santa-Olalla acknowledges and thanks the receipt of a publication issued the previous year, concerning the Neolithic necropolis of Buço Preto or Esgravatadoiro (Monchique), subsequently included in a study on the remarkable funerary complex identified and excavated in this region of the Algarve (FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953, Est. IX). This is a necropolis made up of five cist tombs with Neolithic implements (Fig. 10). This classification was contrary to the phasing and terminology postulated by Martínez Santa-Olalla, as opposed to the proposals of Pedro Bosch Gimpera and his disciple Luis Pericot. Martínez Santa-Olalla never missed an opportunity to criticize all those who followed different criteria, as was the case of Veiga Ferreira, according to the document transcribed above and the corresponding comments.



Fig. 10 - Materials recovered from the Buço Preto or Esgravatadoiro necropolis, Monchique (in FORMOSINHO, FERREIRA & VIANA, 1953, Est. IX). JLC's own exemplar and photo.

This thank-you letter thus displays a clearly imperative tone, leaving no room for doubt as to the opinion that Martínez Santa-Olalla had of scientific views different from his own and which, in the end, were more successful because they were based on sound archaeological principles. It was perhaps for this reason, and due to the impertinent tone of the letter, that Veiga Ferreira never replied. As a matter of fact, it was almost a true declaration of faith on the part of Martínez Santa-Olalla, which will be commented in detail further on, apropos the analogous objection made by Martínez Santa-Olalla to Carlos Teixeira, who followed the same terminology as O. da Veiga Ferreira, as will be discussed further on (see the correspondence with Carlos Teixeira). This letter received by O. da Veiga Ferreira has been previously published and discussed (CARDOSO, 2008, p. 398, 670). On the other hand, the dedications of several offprints sent by Bosch Gimpera and Pericot to Veiga Ferreira show that they were on good terms with each other.

2.7 – HELENO, Manuel Domingues

2.7.1 – Typed letter, bearing the legend ‘PROF. DR. J. MARTINEZ SANTA-OLALLA / MADRID – VIII / ANDRES MELLADO, 21’, dated November 22, 1933 APMH/5/1/668/1 (Fig. 11)

Exmo. Snr. Dr.

Manuel Domingues Heleno Junior

Muy distinguido sr. mio y respetable colega:

Mi compañero el Sr. Obermaier, que me encarga un saludo afectuoso para Vd., ha tenido la bondad de comunicarme su dirección. El objeto de molestarle a Vd. es para rogarle tenga la amabilidad de facilitarme unas fotografías que preciso para un trabajo, que debe entrar enseguida en prensa, de algunas piezas conservadas en el Museu de Belem.

Las piezas en cuestión son los dos broches de cinturón de oro visigóticos procedentes de Beja y uno de tipo semejante, que con la procedencia vaga de Galicia se guarda en el mismo Museo. Estas piezas son las de las figs. 297-299 y 301 de N. Aberg, *Die Franken und Westgoten in der Völkerwanderungszeit*. Uppsala, Leipzig, Paris, 1922.

Aprovecho esta ocasión para rogarle tenga a bien decirme que otras piezas (broches de cinturón y fíbulas especialmente) visigodas se guardan en ese Museo y si es posible me comunique fotos de ellas.

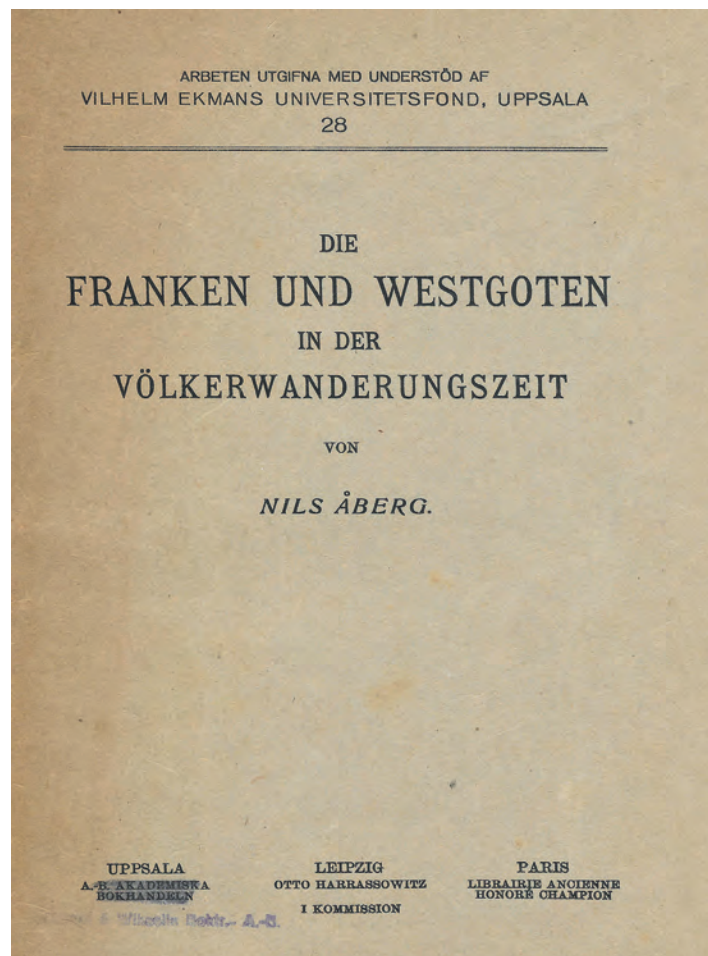


Fig. 11 – Cover of Nils Aberg’s book featuring, for the first time, the two Visigoth golden belt clasps from Beja, set with semi-precious stones (ABERG, 1922, p. 207, Abb. 299). JLC’s own exemplar and photo.

Lamento enormemente haber tenido que molestarle a Vd. con esta petición, por lo que le pido mil perdones y aprovecho gustoso la ocasión para ofrecerme de Vd. atto.s.s.q.l.e.l.m.

Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

This request was apparently not granted by Manuel Heleno. In fact, in 1934 the signee published a small synthesis study titled *Esquema de la Arqueología Visigoda* (MARTÍNEZ SANTA OLALLA, 1934), where he reproduces not the photos he had requested, but the drawings previously published by Nils Aberg in the publication he refers to (Fig. 12). The corresponding separate was sent along with a letter, dated December 22 1945, which will be transcribed further on.

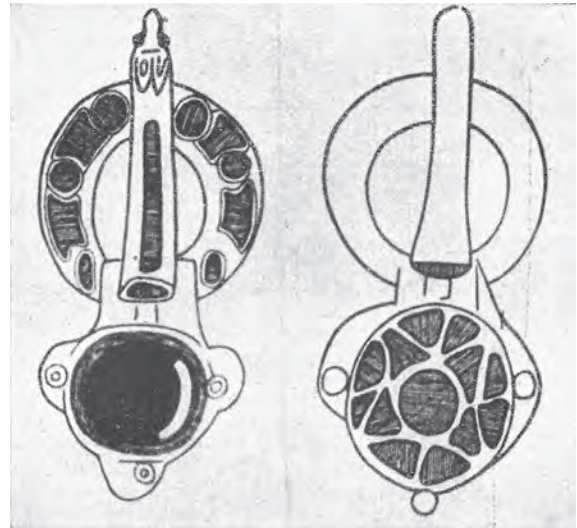


Fig. 12 – Visigoth golden belt buckles set with semi-precious stones, from Beja. After MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934, Fig. 1, reproducing the same figures previously published by Nils Aberg (ABERG, 1922, p.207, Abb. 299). JLC's own exemplar and photo.

2.7.2 – Typed letter, bearing the stamp and legend 'SEMINARIO DE HISTORIA / PRIMITIVA DEL HOMBRE / FACULTAD DE FILOSOFIA Y LETRAS / CIUDAD UNIVERSITARIA – MADRID', dated February 10, 1944 APMH/5/1/668/2-2/2

Excmo. Sr. Profesor Dr. Heleno
Director del Museo Etnológico Portugués
Lisboa

Mi distinguido amigo y querido compañero:

Reconstruida la Ciudad Universitaria que tanto había padecido por ser frente de guerra durante tres años, se reanudan las labores de reconstrucción del Seminario de Historia Primitiva del Hombre cuya Biblioteca y Colecciones se perdieron totalmente como consecuencia de nuestra guerra contra el comunismo.

Con este motivo es para mi un honor dirigirme a Vd. con el ruego de que contribuya, con separatas y ejemplares de sus publicaciones duplicados en su Biblioteca, a esta empresa científica de facilitar la formación de la juventud universitaria y de reconstrucción de este Seminario.

Por insignificante que pueda parecerle su posible contribución será para nosotros una preciable como demostrativa de una solidaridad en el campo de las ideas y de la civilización y por otro porque por pequeña que pueda parecerle, será para nosotros valiosísima ya que el Seminario ha de reconstruirse y reorganizarse de la nada. Fotografías o gráficos de Prehistoria y Arqueología son igualmente utilísimos para nuestros fines sobre todo si llevan las debidas notas de identificación.

Si deseara acudir a nuestro llamamiento de corresponder a nuestra tarea, puede remitir sus envíos bien por conducto diplomático o por correo ordinario a Seminario de Historia Primitiva del Hombre de la Universidad. Ciudad Universitaria. Madrid.

Con este motivo se reitera suyo affmo. Colega y amigo que muy agradecido e. s. m.

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

Actually, the Ciudad Universitaria campus buildings were badly damaged during the fighting between the two sides during the conquest of Madrid, and the documentation stored in the premises occupied by the Seminar of Primitive History of Man was totally lost. Hence the understandable appeal for the library and other documentation to be restored as quickly as possible, with the help of international aid.

2.7.3 – Typed letter, bearing the stamp ‘EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLOGICAS’, dated April 29, 1944

Madrid 29 de Abril de 1944 APMH/5/1/668/3-2/2

Excmo. Sr. Prof. Dr. Manuel Heleno

Director del Museo Etnológico

Rua de Artilharia, 116

Lisboa

Mi distinguido amigo y colega:

Debo agradecerle a mi regreso a Madrid la amabilidad que tuvo de mostrarme su sala del tesoro y sus hallazgos personales que constituyen una colección magnífica y valiosa que lamento no haber podido ver con toda calma.

Igualmente le agradezco su amabilidad remitiéndome los dos volúmenes de *Etnos* a lo que correspondo con algunas publicaciones españolas que celebraría fuesen de su agrado.

El P. Jalhay me habló de una conversación mantenida con Vd. como consecuencia de mi visita a su sala del tesoro respecto a la cronología que yo di de las joyas del hierro céltico. Con sumo gusto le daré cuantos detalles pueda Vd. desear respecto a mi afirmación y clasificación en la que no tengo la menor duda.

Algunas razones encontrará Vd. en mi nota sobre *El collar de Chao de Lamas* que Vd. cita en “*Ethnos*” y sobre todo en otro trabajo mío sobre dicho tesoro que redacté en el campo de concentración en Francia y del cual procuraré ver si logro algún ejemplar pues no tengo ya ninguno disponible. También las razones generales y de tipo doctrinal las puede encontrar Vd. en el *Esquema Paleontológico de la Península hispánica* que publiqué en la *Corona de Estudios* dedicada por la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria a sus Mártires (Fig. 13).

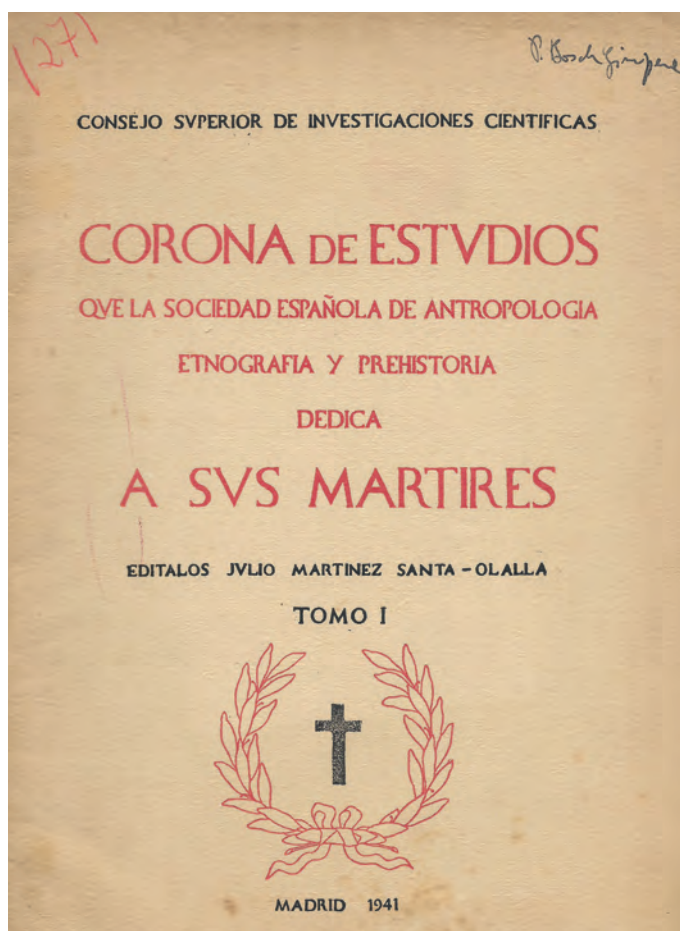


Fig. 13 – Cover of the separate of the first edition of the *Esquema Paleontológico de la Península Hispánica*, published in the ‘Corona de Estudios’ dedicated by the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and History to its martyrs (Madrid, 1941). This copy was meant as a gift to Pedro Bosch Gimpera, according to Martínez Santa-Olalla’s autograph manuscript, which was never sent but was subsequently forwarded by its author to A. A. Mendes Corrêa. JLC’s own exemplar and photo.

Le agradeceré que sobre este particular me diga cuales son sus dudas pues yo con mucho gusto trataré de satisfacerle, es mas celebraría mucho el tener que ocuparme de este asunto ya que ello sería ocasión de intensificar nuestras relaciones tras este primer contacto personal.

Con este motivo se reitera suyo affmo s. s. q. e. s. m.

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

This letter was written after Martínez Santa-Olalla's stay in Portugal in April 1944 (CARVALHO, 1989), during which he had the opportunity to visit the Museu Nacional de Arqueologia (then called Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos). The item concerned here is related to a study that Martínez Santa-Olalla published in 1940 (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1940 a), following a request addressed to Eugénio Jalhay, and never answered, to write, in 1931, a recension of Juan Cabré's study of the same assemblage, for the *Anuario de Prehistória Madrileña* (see the correspondence with Eugénio Jalhay, letter 2.8.1). Manuel Heleno ascribed this assemblage to the second Iron Age – La Tène Period (HELENO, 1935, p. 244). J. Martínez Santa Olalla expresses his disagreement, relying on his own terminology, i.e. *Ferro Céltico I* and *Ferro Céltico II* (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946, p. 87 ff.) which, as we know, did not succeed.

2.7.4 – Typed letter, bearing the stamp 'EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLOGICAS', dated February 23, 1945

Madrid 23 de Febrero de 1945 APMH/5/1/668/4-2/3 (Fig. 14)

Excmo. Sr. Manuel Heleno

Director del Museo Leite de Vasconcelos

Belem

Mi querido amigo y colega:

A mi regreso a España me es muy grato reiterarle mi agradecimiento por sus atenciones, lo que no he hecho antes por haberme encontrado un gran trabajo acumulado.

Una vez más le envío mi más vivo agradecimiento por las publicaciones que tan amablemente me remitió al Hotel.

Creo estarán en su poder las publicaciones que hace unos días le he enviado.

Ya sabe con cuanto gusto estoy a su disposición para todo y con cuanto gusto también le reitero mi promesa de dar una conferencia en su Facultad de la Universidad de Lisboa.

Reiterándole mi agradecimiento, reciba con el mayor afecto un saludo de su buen amigo y colega

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

2.7.5 – Handwritten letter draft, without stamp, dated March 25, 1945 APMH/5/1/668/4-3/3 (Fig. 15)

Exm.º (...) Santa Olalla, meu prezado colega e Ami (...)

Com muitos cumprimentos venho agradecer os valiosos trabalhos que teve a amabilidade de me enviar.

Todos eles me despertaram grande interesse mas permito-me especialmente (...) a Corona de Estudos e o seu neol. antigo.



EL COMISARIO GENERAL
DE
EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS

Madrid 23 de Febrero de 1945
Serrano, 41

Excmo. Sr. Manuel Heleno
Director del Museo Leite de Vasconcelos
Belem

Mi querido amigo y colega:

A mi regreso a España me
es muy grato reiterarle mi agradecimiento por sus
atenciones, lo que no he hecho antes por haberme
encontrado un gran trabajo acumulado.

Una vez más le envío mi
más vivo agradecimiento por las publicaciones que
tan amablemente me remitió al Hotel.

Creo estarán en su po-
der las publicaciones que hace unos días le he envia-
do.

Ya sabe con cuanto gus-
to estoy a su disposición para todo y con cuanto gus-
to también le reitero mi promesa de dar una confe-
rencia en su Facultad de la Universidad de Lisboa.

Reiterándole mi agra-
decimiento, reciba con el mayor afecto un saludo de
su buen amigo y colega,

Fig. 14 - Martínez Santa-Olalla. Typed letter, bearing the stamp 'EL COMISARIO GENERAL /DE / EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS', dated February 23, 1945. APMH/5/1/668/4-2/3. Museu Nacional de Arqueologia.

to the hotel where Martínez Santa-Olalla was staying in Lisbon, in April 1944. Just as the latter commented on the cultural integration of the Chão de Lamas assemblage, Manuel Heleno also takes a discordant stance on the contextualisation of remains from several periods recovered in Portuguese territory. The references to the presence of macrolithic industries (referred to as *Languedocense* and *Grimaldense*) are particularly interesting, associated to the typical Solutrean types, in the region of Rio Maior. The same can be said regarding the clear assumption of a primitive megalithic cluster in Alentejo, which Heleno identified as a result of his research carried out mainly during the 1930s and which he hoped to publish in due course, although this never really happened.

2.7.6 – Typed letter, bearing the stamp ‘EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLOGICAS’, dated October 3, 1945 APMH/5/1/668/5-2/2

Madrid 3 de Octubre de 1945

Serrano, 41

Excmo. Sr. Manuel Heleno

Dr. del Museo Leite de Vasconcelos

Belem

Mi distinguido amigo y querido colega:

A mi regreso del Senegal fue Vd. tan amable que me invitó a dar una conferencia en la Facultad de Letras de la Universidad de Lisboa, invitación gratísima que recibí con sumo gusto. Quedamos en que cuanto llegase la fecha oportuna le avisaría para que tuviese a bien la Facultad cursar la invitación oficialmente a fin de obtener el necesario permiso para hacer el viaje a Lisboa.

En su vista le ruego que tenga la amabilidad de mandar hacer dicha invitación para ver si dentro de unas semanas puedo ir a Lisboa. Yo le agradecería muchísimo me comunicase si sería posible durante mi permanencia en Lisboa poder estudiar algunos de sus maravillosos hallazgos del Museo de Belem que me interesa sobremanera para problemas del neolítico hispano mauritano, ibero sahariano, así como ciertos hallazgos antiguos en su mayoría del tiempo del Dr. Leite del bronce atlántico.

En la próxima primavera vamos a celebrar en Málaga nuestro primer Congreso de Comisarios de Excavaciones Arqueológicas de España y deseamos invitar a algunos colegas extranjeros entre ellos Vd., de modo que le ruego que si en principio está conforme con ello me diga en que forma sería la mas adecuada para lograr pasase esos días con nosotros.

Sabe es suyo siempre buen amigo y colega q. e. s. m.

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

This letter clarifies the reasons for the intended visit of Martínez Santa-Olalla to Portugal in the autumn of 1945 which, in fact occurred, but in January 1945, as can be read in a note published in 1946 by Mendes Corrêa (CORRÊA, 1945/1946). There are no evidence of any visit of Martínez Santa-Olalla to Lisbon during the autumn of the same year. Indeed, it was Manuel Heleno's practice to sporadically invite carefully identified and selected foreign colleagues to visit the Museu Etnológico, thus benefiting from their specialized and qualified views on the museum's collection, justifying such invitations through the lectures to be given by them at the Faculty of Humanities. Conversely, in his capacity as Commissioner General of Archaeological

Excavations, Martínez Santa-Olalla invited Heleno to attend the Congress of Regional Commissioners that he intended to hold in Málaga in April 1946. To this end all the Provincial and Local Commissioners were notified in September 1945 (DÍAZ ANDREU & RAMÍREZ, 2001, p. 338). Actually, the first meeting of this nature only officially took place in 1950, although the attempt to hold it in Malaga in 1946 was real, given the presence in this city of two individuals very close to Martínez Santa-Olalla, Commissioner Simeón Giménez Reyna, a pharmacist, and Juan Temboursy, besides some others, close to the Civil Governor Manuel García del Olmo, who had an interest in Archaeology. This accounts for the conservation of the dolmens of Antequera since 1940 and the location of the La Pileta cave in 1942, which, among other initiatives, supported the creation of the Museo de la Alcazaba, in Málaga.

2.7.7 – Typed letter, bearing the stamp ‘EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLOGICAS’, dated December 22, 1945. Joao Luis Cardoso’s archive (Fig. 16)

Exmo. Sr. Prof. Heleno
Director del Museo de Belem
Mi querido amigo y compañero:

Toda una serie de ininterrumpida de viajes, hoy por ejemplo acabo de llegar de Cataluña, me ha impedido el escribir a Vd. y deseaba hacerlo para saber más o menos en que fecha podría ir yo a dar esa conferencia a que Vd. y su Universidad de Lisboa me han invitado amablemente. Yo creo será a fines de invierno o principios de primavera y mi deseo como le comuniqué es permanecer largamente en Portugal, por cierto que me sería indispensable el que el Rector de la Universidad de Lisboa hiciese la invitación para esa conferencia oficialmente entregándola al Sr. Embajador de España en Lisboa. Este requisito pequeño tiene su importancia grande, como le explicaré de palabra. Al ir a dar la conferencia a Lisboa celebraré mucho el poder con Vd. ver, e incluso excavaciones, algún sepulcro megalítico de Alentejo.

Dentro de dos ó tres días marcha a pasar varias semanas a Portugal mi discípulo Sr. Eoin Mac White de nacionalidad irlandesa, quien está haciendo conmigo su tesis doctoral sobre el Bronce Atlántico. Yo le agradeceré muy de veras como si se tratase de mi mismo, puesto que es un discípulo que hace su tesis doctoral conmigo, tenga la bondad de darle cuantas facilidades sean posibles en el estudio (sic) y conocimiento de sus maravillosas colecciones del Museo de Belem.

Muy agradecido y deseándole una felices Pascuas y un felicísimo Año Nuevo, sabe puede disponer siempre como guste de su affmo. amigo

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

This letter shows that the intended visit of Martínez Santa-Olalla to Portugal in the end of 1945 did not happen. Actually, besides his primary justification, which was giving a lecture at the University of Lisbon, for which he felt he had to be formally invited by the Rector, Martínez Santa-Olalla intended to stay in Portugal for a long period of time, taking advantage of his relationship with Manuel Heleno, namely for the excavation of an Alentejo dolmen, from among the hundreds that his guest was directly acquainted with. Knowing that Manuel Heleno was a reserved person and not very open to sharing the information he possessed, this programme may have seemed excessive, which explains why it never happened. As for the support requested for his disciple Eoin Mac White for the study of the collections of the museum directed by Manuel Heleno, in

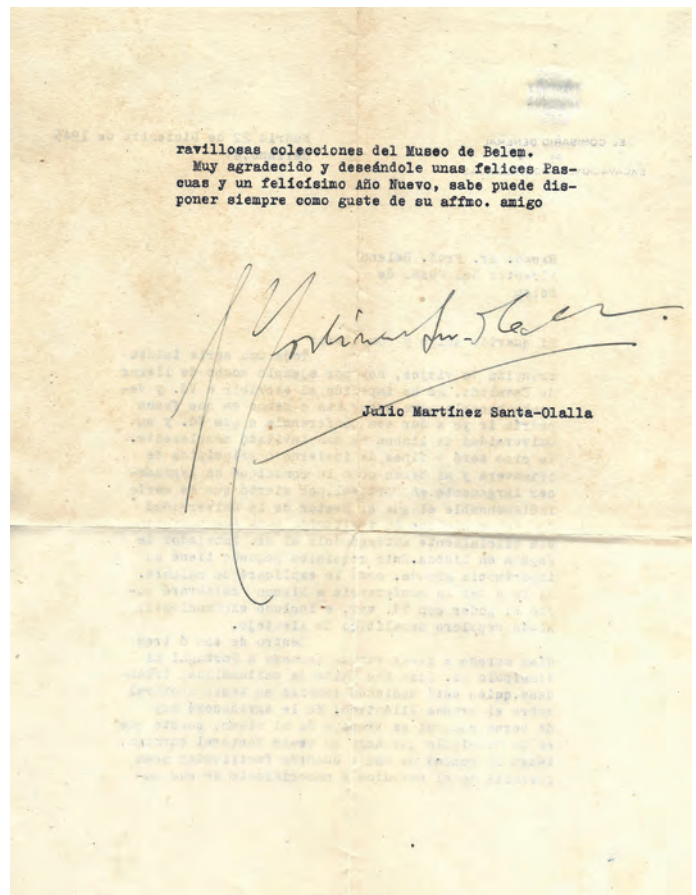


Fig. 16 – Martínez Santa-Olalla. Typed letter, bearing the stamp ‘EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS’, dated December 22, 1945. João Luís Cardoso’s archive. This letter was inside the paper “Esqema de la arqueología visigoda” published by Martínez Santa-Olalla in 1934 (see Fig. 12 and Fig. 51).

the scope of Mac White’s PhD programme, defended at the Complutense University of Madrid on March 15, 1947, the latter was given the opportunity to do so, as can be concluded from the numerous photographs of many and diverse materials belonging to the collections of the Museum and published in the aforementioned doctoral thesis (Mac WHITE, 1951) (see Fig. 7), despite the fact that neither the museum nor its director are mentioned in the acknowledgements included in the foreword written by Martínez Santa-Olalla.

2.7.8 – Typed letter, bearing the stamp ‘EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS’, dated June 13, 1947 APMH/5/1/668/6-2/2 (Fig. 17)

Excmo. Sr. Dr. Prof. Manuel Heleno
 Universidade
 Lisboa

Mi querido amigo y colega:

Mucho le agradecería tuviese la amabilidad de facilitarme unas fotografías que preciso para un trabajo, de objetos publicados por Vd. en el tomo I de ‘ETHNOS’.

Se trata, por un lado, de su Lámina I, Fig. 14, objetos de Cova da Moura; y por otro de las fotografías correspondientes a las Láminas VII a VIII. Especial urgencia tendría en el brazalete de Guimarães.



EL COMISARIO GENERAL
DE
EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS

Madrid 13-VI-1947
Serrano, 41

Excmo. Sr. Dr. Prof. Manuel Heleno
Universidade
LISBOA

Mi querido amigo y colega:

Mucho le agradecería tuviese la anabilidad de facilitarme unas fotografías que preciso para un trabajo, de objetos publicados por Vd. en el tomo I de "ETHNOS".

Se trata, por un lado, de su Lámina I, fig. 14, objetos de Cova da Moura; y por otro de las fotografías correspondientes a las Láminas VII a VIII. Especial urgencia tendría en el brazalete de Guimarães.

Las fotografías me interesarían en el tamaño 13 x 18 o mejor aún 18 x 24. Le quedaría muy agradecido si pudiera prestarme tan señalado servicio haciendome pasar también la nota de los gastos ocasionados.

Supongo habrá recibido las últimas publicaciones de la Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas volúmenes 11 y 12.

En espera de sus noticias y agradeciendole de antemano cuanto haga por facilitarme las fotografías publicadas por Vd., se reitera siempre suyo affmo. amigo, s.s. y colega q.e.s.m.

Martín Santa-Olalla

Fig. 17 - Martínez Santa-Olalla. Typed letter, bearing the stamp 'EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLÓGICAS', dated June 13, 1947. APMH/5/1/668/6-2/2. Museu Nacional de Arqueologia.

Las fotografías me interesarían en el tamaño 13x18 o mejor aún 18x24. Le quedaría muy agradecido si pudiera prestarme tan señalado servicio haciéndome pasar también la nota de los gastos ocasionados.

Supongo habrá recibido las últimas publicaciones de la Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas volúmenes 11 y 12.

En espera de sus noticias y agradeciéndole de antemano cuanto haga por facilitarme las fotografías publicadas por Vd., se reitera siempre suyo affmo. amigo, s. s. y colega q. e. s. m.

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

2.7.9 – Typed card, without stamp, dated May 5, 1948 APMH/5/1/668/7

A: Excmo. Sr. Manuel Heleno

Museo Leite de Vasconcelos.

Belem

Muy distinguido amigo:

Hace algún tiempo tuve el gusto de remitirle a Vd. una tarjeta de inscripción para el Congreso Arqueológico de Elche.

Recibida ahora la 2.^a Circular del mismo, por la que se da el caso singular de quitarse a los posibles congresistas expresamente la libertad de decisión en torno a los problemas de organización y marcha de tales congresos, le comunico que caso de pensar asistir, habida cuenta naturalmente de ésta cláusula, deberá enviar su adhesión al mismo directamente puesto que yo no he de asistir a un congreso limitado de antemano.

Sabe es suyo affmo.

Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

The loss of control over the 4th Archaeological Congress of Southeastern Spain (Elche, 1948) led Martínez Santa-Olalla to point out to Manuel Heleno that he was not going to “attend a congress that was limited beforehand”. His absence contributed to revealing the clash of competence and disagreement of the professors of archaeology in relation to the assignment of excavation funds, which was controlled by the Commissariat General of Excavations (see Chapter 1 of this study). This culminated in the proposal submitted by Alberto del Castillo Yurrita, before the president of the congress and Director General of Fine Arts, the Marqués de Lozoya, and addressed to Minister Ibáñez Martín, but there was no official reply. This proposal was reaffirmed by Castillo Yurrita at the 5th Archaeological Congress of Southeastern Spain and 1st National Archaeological Congress, held in April 1949, where a reform of the excavation policy hitherto developed was once more approved, in the conclusions of the congress.

2.7.10 – Typed letter, bearing the stamp ‘SEMINARIO DE HISTORIA PRIMITIVA DEL HOMBRE / SERRANO, 41 / MADRID / DIRECTOR: / PROF. DR. JULIO MARTINEZ SANTA-OLALLA’, dated MAY 28, 1948 APMH/5/1/668/8-2/4 (Fig. 18)

Excmo. Sr. Prof. Manuel Heleno.

Director del Museo Leite de Vasconcelos.

LISBOA (Belem).

Mi querido amigo y compañero:

Mucho le agradecería que tuviese la amabilidad de facilitarme las fotografías originales de los pendientes de oro del Hipogeo de Ermegeira que publica Vd. en su precioso trabajo de la revista Ethnos y que necesito para un trabajo mío.

Tengo entendido que va Vd. a reanudar la publicación de Arqueólogo Portugués, no sabe cuanto lo celebro pues en Portugal desdichadamente, se echa de menos la existencia de una revista que de manera permanente y especial se ocupe de nuestra especialidad. Si ello es así ya sabe puede contar con la ayuda y colaboración incondicional nuestra para todo cuanto precise.

¿Y el tomo 3º de Ethnos se ha distribuido ya?, mucho le agradecería en caso afirmativo que me mandase un ejemplar del mismo. Ya que estoy en el capítulo de ruegos deseo hacerle saber que en el Seminario recibirían con mucho gusto los tomos antiguos de Ethnos que no tenemos, ya que tan solo disponemos de los ejemplares míos personales que Vd. me facilito hace algunos años.

En el supuesto de que Arqueólogo Portugués salga, desearía yo preguntar si sería posible estudiar yo algunos conjuntos de excavaciones antiguas de su Museo, para dar de ello una primera publicación en la revista de Vds. y poder disponer así para más tarde de dicho material.

Supongo ira Vd. recibiendo normalmente todas nuestras publicaciones y mucho le agradecería, que en correspondencia a las que la Comisaría se envían, nos mandase Vd. Ethnos y las tiradas aparte de sus trabajos.

En espera de sus noticias queda siempre suyo

Martínez Santa-Olalla (signature)

2.7.11 – Typed letter, without stamp, dated June 18, 1948 APMH/5/1/668/8-3/4 and 4/4

Exmo. Sr. Prof. Dr. Julio Martínez Santa-Olalla
Director do Seminário de História Primitiva del Hombre.
Serrano, 41

Madrid

Meu prezado Amigo e Colega:

Por motivo das obras de restauro do edificio dos Jerónimos, onde funciona o Museu Etnológico, o arquivo dêste teve de ser encaixotado e as joias encerradas em cofres.

Por êsse motivo não posso enviar-lhe já as fotografias dos brincos da Ermegeira, mas fá-lo-hei logo que me seja possível.

Estou, realmente, trabalhando para lançar uma nova série de **O Arqueólogo Português**, e a par dêle monografias sôbre os ramos científicos de que se ocupa o Museu.

Da série 'Arqueologia' poderei mesmo indicar-lhe os primeiros números:

I – A anta das Cabeças

II – A **villa** romana de Tôrre de Palma

III – Ourivesaria Lusitana (publicação das joias do Museu)

IV – Dolmenes de Montemor-o-Novo

V – Estudos sôbre o Paleolítico Superior Português

VI – Os abrigos e grutas de Rio Maior

O primeiro é da autoria do Dr. Georg Leisner, e os outros da minha. Tudo, afinal, dependerá da minha saude.



SEMINARIO DE HISTORIA PRIMITIVA DEL HOMBRE

SERRANO. 41

MADRID 28 de mayo de 1948.

DIRECTOR:
PROF. DR. JULIO MARTINEZ SANTA - OLALLA

Excmo. Sr. Prof. Manuel Heleno.
Director del Museo Leite de Vasconcelos.
LISBOA (Belem).

Mi querido amigo y compañero:

Mucho le agradecería que tuviese la amabilidad de facilitarme las fotografías originales de los pendientes de oro del Hipogeo de Ermegeira que publica Vd. en su precioso trabajo de la revista Ethnos y que necesito para un trabajo mío.

Tengo entendido que va Vd. a resnudar la publicación de "Arqueólogo Portugués" no sabe cuanto lo celebro pues en Portugal desdichadamente, se echa de menos la existencia de una revista que de manera permanente y especial se ocupe de nuestra especialidad. Si ello es así ya sabe puede contar con la ayuda y colaboración incondicional nuestra para todo cuanto precise.

¿Y el tomo 3º de Ethnos se ha distribuido ya?, mucho le agradecería en caso afirmativo que me mandase un ejemplar del mismo. Ya que estoy en el capítulo de ruegos deseo hacerle saber que en el Seminario recibirían con mucho gusto los tomos antiguos de Ethnos que no tenemos, ya que tan solo disponemos de los ejemplares míos personales que Vd. me facilitó hace algunos años.

En el supuesto de que Arqueólogo Portugués salga, desearía yo preguntar si sería posible estudiar yo algunos conjuntos de excavaciones antiguas de su Museo, para dar de ello una primera publicación en la revista de Vds. y poder disponer así para más tarde de dicho material.

Supongo ira Vd. recibiendo normalmente todas nuestras publicaciones y mucho le agradecería, que en correspondencia a las que de la Comisaría se envían, nos mandase Vd. Ethnos y las tiradas a parte de sus trabajos.

En espera de sus noticias
quedo siempre suyo

Julio Martínez Santa-Olalla

Fig. 18 - Martínez Santa-Olalla. Typed letter, bearing the stamp 'SEMINARIO DE HISTORIA PRIMITIVA DEL HOMBRE / SERRANO, 41 / MADRID / DIRECTOR: / PROF. DR. JULIO MARTINEZ SANTA-OLALLA', dated May 28, 1948. APMH/5/1/668/8-2/4. Museu Nacional de Arqueologia.

Claro que a sua valiosa colaboração será sempre desejada e apreciada. Como vem brevemente a Portugal, falaremos então sôbre ela pormenorizadamente.

O tomo III da **Ethnos** está pronto. Logo que se inicie a distribuição, enviar-lho-hemos.

O vosso Seminário já deve ter recebido os volumes anteriores que há dias lhe foram enviados.

Disponha, caro Colega, do que o sauda:

(signature)

Lisboa, 18 de Junho de 1948

Comments

Manuel Heleno justifies the delay in sending the photographs of the earrings from the Ermegeira artificial cave (Torres Vedras) but says nothing about the other requested photographs of gold jewellery, so it is likely that he did supply them. Concerning the ambitious publishing plan of the museum he directed, involving the creation of a monographic series along with the reactivation of the journal *O Arqueólogo Português*, the solution eventually found was different from what had been announced. Hence, to combine both series, he decided to increase the size of the journal, in order to enable the publication of monographic papers of significant length and with better graphics. This is the case of issues I and II, the former published in the first volume of the New Series of the journal (1951), the latter only appearing in 1962, in its fourth volume. The remaining monographic studies, despite their scientific relevance, and the finds available for their elaboration, were never published, but this was not due to health reasons.

Regarding the other matters addressed in Martínez Santa Olalla's letter, the third volume of the journal *Ethnos*, a rather thick one, was published in 1948, as announced in Manuel Heleno's reply, dated June 18, 1948. The first volume of the New Series of *O Arqueólogo Português* was published in 1951. However, neither this nor any other issue included any contributions from Martínez Santa-Olalla, probably because Manuel Heleno did not grant him the support he wanted for studying the collections of the "Museu de Belém". Actually, Martínez Santa-Olalla's interest in collaborating with *O Arqueólogo Português* was certainly expressed to

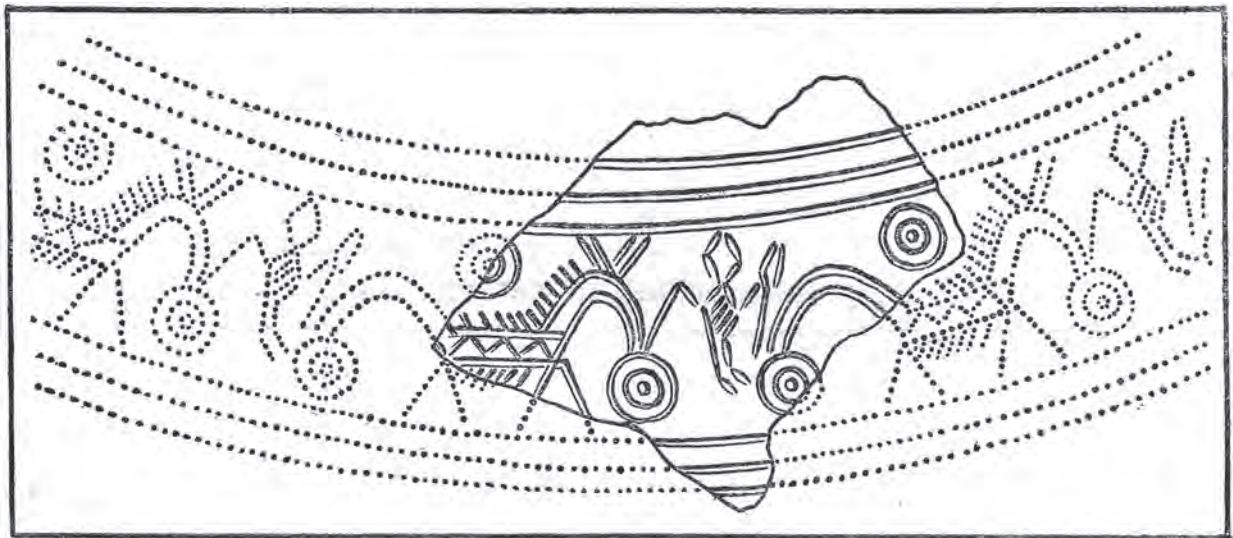


Fig. 19 – Fragment of a 2nd - Celtic - Iron Age vase found at Castelo de Faria, displaying a knight and his mount, published by the author of the letter (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1948). JLC's own exemplar and photo.

other Portuguese journals as well. This explains why he only published a single paper in Portugal, besides the one published in the volume in homage to Martins Sarmiento, as previously mentioned (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933). This is an interesting study on a decorated fragment of a closed Iron Age vessel, recovered from Castelo de Faria, in Barcelos (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1948) (Fig. 19), published in a journal directed by J. Sellés Paes de Villas-Bôas, collaborator of Martínez Santa-Olalla in Portugal, referred to in the comments regarding the letter sent to Carlos Teixeira, included hereafter.

2.7.12 – Typed letter, bearing the stamp ‘EL COMISARIO GENERAL / DE / EXCAVACIONES ARQUEOLOGICAS’, dated February 21, 1956 APMH/5/1/668/9

Prof. Manuel Heleno
Director do Museu Etnológico do
Dr. Leite de Vasconcellos
(edificio des Jerónimos)
LISBOA

Muy distinguido colega y querido amigo:

Agradezco, en lo que vale su delicada atención en remitirme el primer volumen de *O Arqueólogo Português*, cuya nueva serie llega hoy a mis manos.

Para nosotros los que conocemos y apreciamos la obra del insigne maestro Leite de Vasconcellos, es motivo del mayor placer y de la mayor satisfacción, ver perpetuada su memoria, en forma tan eficaz y viviente, como es reanudar la publicación de su famosa y memorable revista.

Le ruego que todo envío de publicaciones a mi nombre no lo remita al apartado 1039, sino a Serrano, 41, para evitar posibles confusiones de lo particular con lo oficial.

Aprovecho esta ocasión para preguntarle si no sería posible recibir el tercer volumen de *Ethnos* que, según ciertas citas bibliográficas, debe estar publicado hace años. Le quedaría muy agradecido para completar la serie de los dos volúmenes que, tan amablemente, me ofreció Vd., con ocasión de un viaje a Lisboa.

Por mi parte, tengo el placer de remitirle hoy, como homenaje mio personal, el volumen recientemente aparecido, del *Noticiero Arqueológico Hispánico*.

Tanto la revista *Ethnos* como la nueva serie de *O arqueólogos Português*, serían recibidos con el mayor agrado y provecho en la Comisaría General, Apartado 1039. – En el Seminario de Historia Primitiva, Serrano, 41. – y en la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria, Apartado 1014 y, mucho le agradeceré cuanto pueda hacer por favorecer a estas entidades con sus envíos.

Felicitándole por la nueva serie de publicaciones iniciadas, se reitera siempre suyo afmo., s. s.

Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

This thank-you letter, dated 1956, concerns the receipt of the first volume of the New Series of *O Arqueólogo Português*, published in 1951, which shows a clear delay, also noted in the mailing of the third volume of *Ethnos*, already requested in a 1948 letter. This situation can be explained by Manuel Heleno's lack of timely response to many of the requests he received. Hence, it is likely that Martínez Santa-Olalla's request for three copies of these publications was never granted.

2.8 – JALHAY, Padre Eugénio

2.8.1 – CTyped letter, without stamp, dated November 21, 1931 [inv. no. 1974/001/903.1 – JMSO/3 – 240]

J. Martínez Santa-Olalla
Valladolid, Plaza del Museo 4
21-XI-31

R. P. Eugenio Jalhay
Colegio del Pasaje
Mi querido P. Jalhay:

Como ve por la presente aún estoy entre el número de los mortales, aquí me tiene sin saber adonde dirigirla esta. No tengo aquí mi archivo y no sé si V. está en Braga, en Lisboa o donde. Por eso a La Guardia ya y supongo llegará a sus manos.

El motivo de mi 'resurrección' es el siguiente: Al fin creo saldrá el Anuario de Prehistoria Madrileña, vol. II. Llevamos la cosa ya muy adelantada. Pronto se compondrá ya parte. Saldrá más variado e internacional que el primero y desde luego muy interesante.

V. que es tan amable – sí señor! de lo contrario no me hubiese aguantado las latas que en Poza y después aun le dí, me perdonará que haya dispuesto de su propia persona en la siguiente forma: Yo le he atribuido a Vd. unas recensiones que necesitamos para el Anuario y que son, las del trabajo de Cabré sobre el tesoro de Chao das Lamas, y de Pérez de Barradas Un nuevo yacimiento paleolítico de la zona de las Delicias y del mismo Los dólmenes en España. Estos dos últimos se los envío por correo aparte con esta misma fecha.

Como no tengo a mano su trabajo sobre las joyas prehistóricas le agradeceré en calidad de préstamo si es preciso me envíe un ejemplar pues debo hacer la recensión. La recensión de todo lo que hay sobre Asturiense la hago yo así que espero todo lo aparecido desde 1929 inclusive.

Pongo en su conocimiento que he comenzado mi bibliografía de la Península Ibérica a partir de 1930 inclusive así que no deje de mandarme nunca todo. También le agradeceré que a sus compañeros lusos si tiene ocasión les haga saber esto y les de mi dirección pues en interés de todos va el que tenga yo todo lo que salga.

Una recensión que deseamos de V. es la de mi nota en IPEK Neue bronzezeitliche Felsbilder in Galizien que son sus grabados y que V. ya tiene.

Este verano excavé dos necrópolis visigóticas interesantísimas. Una de ellas sobre todo me ha proporcionado hallazgos magníficos.

En espera de sus prontas noticias y contando con su valiosa cooperación, que espero sea algo mas de lo pedido y haga V. alguna otra cosa de Portugal o Galicia de los años 29 y 30, sabe le quiere su buen amigo y discípulo de los tiempos heroicos de Poza.

(unsigned)

Comments

The addressee of this long letter was a Jesuit priest who, given the banning of the order from Portugal following the establishment of the Republic, settled in the college that the Jesuit Order maintained at La Guardia in Galicia, on the right bank of the Minho River. From there he tried to extend his influence over the neighbouring country, especially by training Portuguese priests. On the other hand, before the Spanish Civil War Father E. Jalhay, along with Father P. Silva, staying at the Jesuit monastery of Santa María de Oia (Pontevedra), discovered some 150 rock art sites around Oia, Mougás, Pedornes and Viladesuso (JALHAY,

1926, 1927-29, 1931 and 1932). This was the address to which Martínez Santa-Olalla sent this letter, as he was unaware of any other, more up-to-date address at the time. The tone of the letter reveals the great trust between the two archaeologists, cemented, as Martínez Santa-Olalla states, by those “heroic times of Poza”. Poza de la Sal (Burgos) was the birthplace of both his father and mother, so he would certainly have childhood and youth memories from a time that was decisive in the formation of his personality, in which Eugénio Jalhay had an unquestionable influence, as can be seen in the intimist expression used here. Perhaps Jalhay’s influence as a priest and teacher at the Colegio de La Guardia reached the Poza region and thus played a part in the formation of the young Martínez Santa-Olalla. In fact, Santa-Olalla himself later declared, in a letter addressed to Afonso do Paço, dated March 13, 1954 and transcribed below in relation to Paço’s obituary note dedicated to found room in your study to mention that boy who, in Oña and Poza de la Sal, more than thirty years ago, received from Father Jalhay the warmth of a friendship never belied and the treasure of his wisdom and teaching, so that that boy can have the satisfaction and honour of saying that he is one of Father Jalhay’s disciples, as you said’. Thus, it can certainly be concluded that both met around 1921, coinciding with Eugénio Jalhay’s stay in Galicia, for the reasons mentioned above. To confirm this conclusion, it is important to bear in mind an excerpt from a letter that Eugénio Jalhay sent to Joaquim Fontes, on April 1, 1925, where he states, regarding a critique by Martínez Santa-Olalla of an article published by the Portuguese archaeologist about the industries of Camposancos (La Guardia), the first ever found on the west coast of Galicia and attributed by him to the Palaeolithic (FONTES, 1925), the following: “I saw, of course, the criticism of Dom Julio Martinez on your paper on Camposancos, in Bosch Gimpera’s *Buttleiti*. It really annoyed me, and I didn’t expect such a tasteless thing from a young man, who, as it turns out, I initiated in prehistory, in Burgos. He’s about 20 now, and he’s really a great talent. He was a disciple of Obermaier and Bosch. But he’s rather hasty (...)” (CARDOSO, 2006, p. 213, 214).

The letter also deals with other interesting matters: besides the request for the addressee to prepare several recensions for the *Anuario de Prehistoria Madrileña*, of which Martínez Santa-Olalla was one of the main promoters, among which one concerning Juan Cabré’s study on the Chão de Lamas treasure, published in 1927 in the *Actas y Memorias* of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory. And also on two other articles by Pérez de Barradas, one on Palaeolithic industries, related to the pioneering studies of macrolithic industries with Asturian characteristics in Portugal, and another on dolmens. However, none of the requested recensions were published in the aforementioned volume.

Another request from Martínez Santa-Olalla concerned the recension he wanted Jalhay to write on a paper on Galician-Portuguese rock art, written by Martínez Santa-Olalla – which clearly shows the high regard he had for his former mentor – and published in the prestigious German journal IPEK. It was written in German and corresponds to the phase of scientific training of its author, then living in Bonn, Germany. This recension, like the previous ones, was not published, at least not in the aforementioned volume of the *Anuario*.

We would further mention the two Visigoth necropolises excavated by the signee in 1931, Herrera de Pisuerga (Palencia) and Daganzo de Arriba (Madrid), which were mentioned in the letter and later originated remarkable monographs (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1933 a and 1936) (see Fig. 6).

Finally, it is worth noting that Santa-Olalla intended to carry out a systematic survey of the peninsular archaeological bibliography, faithful to the idea he always advocated of an integrated analysis of the whole of the aforementioned territory. This could be achieved by requesting the forwarding of all the papers published by his correspondents, which would enable him to establish, in a short time, a substantial Iberian bibliographical collection.

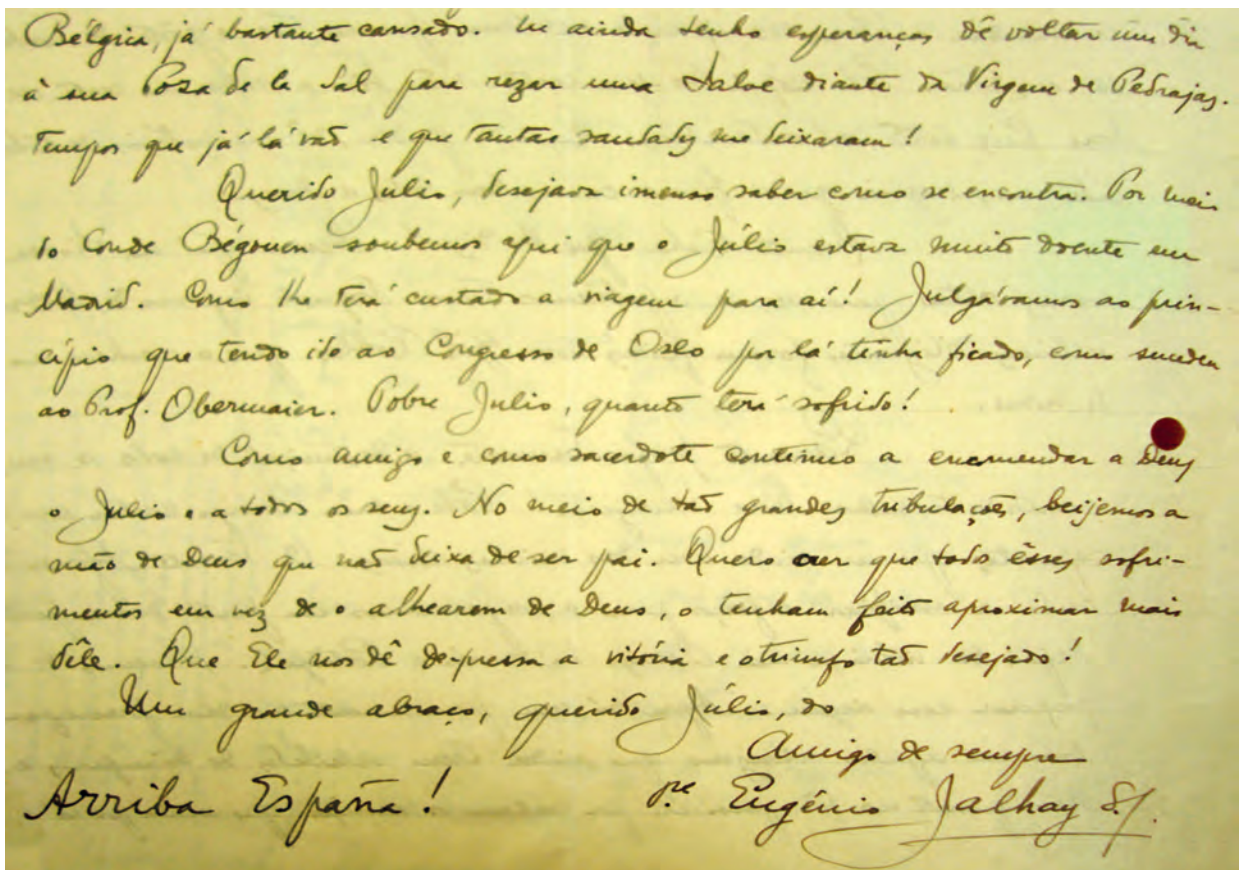
2.8.2 – Handwritten letter, without stamp, dated April 19, 1938 [inv. no. 1974/001/1249.1 – ASO/5 – 131]
(Fig. 20)

Rua Mestre António Taborda, 14
Lisboa, 19 de Abril de 1938
Meu querido Amigo

Acabo de receber do Prof. Mendes Corrêa a boa noticia de que o meu Amigo se encontra são e salvo em França. Fui logo agradecer a Deus Nosso Senhor este tão grande benefício, e ao mesmo tempo encomendar a alma do querido António que eu tive o gosto de conhecer ainda em Oña. Pela cópia da sua carta não fico a saber ao certo se os seus bons Pais estão salvos também. Quando puder, dê-me notícias, de todos e de cada um, e creia que os fico a encomendar todos a Deus.

Quanto tinha que lhe dizer! Demos aqui em Lisboa inúmeras voltas para ver se o podíamos tirar daquele inferno de Madrid. As últimas diligências foram feitas com Gil Robles que o conhece ao menos de nome.

Lamento profundamente a destruição de todos os seus elementos de trabalho. Que selvageria! Pode o meu Amigo contar com todas as separatas que eu ainda tiver das minhas coisas. O Tenente Afonso do Paço anda a envidar esforços para o compensarmos em parte dessa perda. Depois da vitória, o meu Amigo há-de vir a Portugal. Havemos de lhe preparar essa viagem. Agora só um pensamento nos deve preocupar: acabar com aqueles selvagens que ainda tem veleidades de triunfar, e trabalhar quanto nos fôr possível para salvar os amigos que ainda por lá estejam.



Belgia, já bastante cansado. Eu ainda tenho esperanças de voltar um dia à sua casa de la Sal para rezar uma Salve diante da Virgem de Pedrajas. Tempo que já lá vai e que tantas saudades me deixaram!

Querido Júlio, desejava imenso saber como se encontra. Por meio do Conde Biguon soube que o Júlio estava muito doente em Madrid. Como lhe terá custado a viagem para aí! Julgávamos ao princípio que tendo ido ao Congresso de Oslo já lá teria ficado, como sucedeu ao Prof. Obermaier. Pobre Júlio, quanto terá sofrido!

Como amigos e como sacerdote continúo a encomendar a Deus o Júlio e a todos os seus. No meio de tão grandes tribulações, beijemos a mão de Deus que não deixa de ser pai. Quero crer que todos esses sofrimentos em vez de o alhearem de Deus, o tenham feito aproximar mais dele. Que Ele nos dê de pressa a vitória e o triunfo tão desejado!

Um grande abraço, querido Júlio, do

Amigo de sempre
Eugénio Jalhay &f.

Arriba España!

Fig. 20 – Eugénio Jalhay. Last part of a handwritten letter, dated April 19, 1938 [inv. no. 1974/001/1249.1 – JMSO/5 – 131]
(Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

(...) Bélgica, já bastante cansado. Eu ainda tenho esperanças de voltar um dia à sua Poza de la Sal para rezar uma Salve diante da Virgem de Pedrajas. Tempos que já lá vão e que tantas saudades me deixaram!

Querido Julio, desejava imenso saber como se encontra. Por meio do Conde Bégouen soubemos aqui que o Júlio estava muito doente em Madrid. Como lhe terá custado a viagem para aí! Julgávamos ao princípio que tendo ido ao Congresso de Oslo por lá tinha ficado, como sucedeu ao Prof. Obermaier. Pobre Julio, quanto terá sofrido!

Como amigo e como sacerdote continuo a encomendar a Deus o Julio e a todos os seus. No meio de tão grandes tribulações, beijemos a mão de Deus que não deixa de ser pai. Quero crer que todos esses sofrimentos em vez de o alhearem de Deus, o tenham feito aproximar mais d'Ele. Que ele nos dê depressa a vitória e o triunfo tão desejado!

Um grande abraço, querido Júlio, do

Amigo de sempre

P.^e Eugénio Jalhay S.J. (signature)

Arriba España!

Comments

This letter shows the emotional and spiritual closeness of Eugénio Jalhay and Martínez Santa-Olalla, attesting to the relationship between them in the land where the latter lived his adolescence and early adulthood, at the beginning of the 1920s. It also highlights the position of the author of the letter concerning the outcome of the Spanish Civil War, as would be expected since he was a Catholic priest, ending with the Francoist slogan 'Arriba España!'

On the day this letter was written, Martínez Santa-Olalla had already been handed over to the Francoist government authorities, based in Burgos, at the Hendaye French-Spanish border on April 16, 1938, which did not prevent this letter from being subsequently handed over to him, certainly after having been sent back to Spain by the French authorities.

The Congress of the International Union of Prehistoric and Proto-Historic Sciences met in Oslo in 1936. The fact that, since that date, no news had been received in Portugal from Martínez Santa-Olalla is meaningful, to the point of admitting that he might have remained in Norway, given the dangers he would have faced in Spain, as indeed happened.

The mention of Belgium in the letter indicates that Jalhay would have travelled there, probably to visit some family members who still lived there, since he certainly lived in Portugal on a regular basis. The sender's address corresponds to the headquarters of the journal *Brotéria*, a periodical of a varied and informative scientific nature, published by the Jesuitic Order in Portugal.

2.8.3 – Handwritten letter, without stamp, dated July 19, 1938 [inv. no. 1974/001/1246 (1) – JMSO/5-128]

Lisboa, 19 de Julho de 1938

Meu querido Amigo

Escrevi-lhe há dias para aí, a comunicar-lhe a minha próxima passagem por Burgos. Com efeito no domingo 24 do corrente parto para Paris e Bruxelas, aonde vou estudar a época do Bronze nos museus de lá, antes de começar aqui em Portugal no mês de Agosto umas escavações num castro eneolítico (Vila Nova de S. Pedro) com o amigo Tenente Paço. À ida vou directamente sem parar em Espanha. À volta é que espero parar aí uns dois ou três dias, lá para 7 ou 8 de Agosto. Fico na residência dos PP. jesuitas, Sta. Águeda, (???) lá irei bater

à sua porta, Concepción 9, porque, além de ver e abraçar o meu amigo, queria ter o gosto de cumprimentar seus pais, e irmãos. Se me quiser escrever para Bruxelas, onde estarei já no dia 26 à tarde, a minha direcção é:

Collège Saint Michel
Boulevard Saint Michel, 24
Bruselas

Quero crer que esteja melhor de saúde e assim o peço a Deus. Cumprimentos a seus Pais e irmãos.

Abraça-o o amigo de sempre
Eugénio Jalhay S.J. (signature)

Comments

This letter seems to be a follow-up to the previous one, referring again to the illness that afflicted Martínez Santa-Olalla, perhaps as a consequence of his internment in French concentration camps, before being handed over to the Spanish authorities at the Hendaye border on April 16, 1938. Once again, the affective closeness existing between both becomes evident.

It is interesting to notice that the writing of this letter preceded by a few days the beginning of Jalhay and Paço's first excavation field season at Vila Nova de São Pedro. The involvement of the former with this remarkable archaeological site only ended with his death. His heart condition, which ultimately caused his demise, has been related to the physical and psychological exhaustion of the successive excavation field seasons carried out annually both at Vila Nova de São Pedro and at the Citânia de Sanfins, and, as indicated by his closest companion (PAÇO, 1951, p. 61), eventually culminated in his death, on November 25th, 1950.

2.8.4 – Handwritten letter, without stamp, dated September 2, 1938 [inv. no. 1974/001/1248(1) – JMSO/5-130] (Fig. 21)

Vila Nova de S. Pedro (Azambuja)
2 de Setembro de 1938
Caro amigo

Dêste castro eneolítico, **que não tem nada de ferro**, lhe mandamos um abraço afectuoso. O nosso amigo tem sido muito lembrado nestas escavações interessantes, que muita luz hão de dar para o estabelecimento da cronologia do eneolítico...

Estaremos aqui até ao dia 10.

Com muitas saudades para seu bom Pai e irmãos e desejando prontas melhoras para sua Mãe,

Amigos m.^{to} dedicados

Afonso do Paço (signature)

Eugénio Jalhay (signature)

Comments

It is important to say that the results of the first excavation field season at Vila Nova de São Pedro, conducted in 1937, were promptly published along with the results of this second season, held in September 1938, in the journal *Brotéria*, the scientific organ of the Jesuitic Order, to which Eugénio Jalhay belonged (JALHAY & PAÇO, 1939) (Fig. 22), highlighting the importance of this archaeological site right from the start, as rightly emphasised by the two subscribers of the missive.

Vila Nova de S. Pedro (Azambuja)
2 de Setembro de 1938

Caro Amigo

ASO/5-130
1974/001/1248(1)

Deste castro eneolítico, que
nasceu nada de ferro, lhe manda-
mos um abraço afectuoso. O nosso
amigo tem sido muito lembrado
nestas escavações interessantes que um-
ta luz há de dar para o estabeleci-
mento da cronologia do eneolítico...

Estaremos aqui até ao dia 10.
Com muitas saudações
para seu bom pai e irmãos e desejando
prontas melhoras para sua mãe,
Amigo muito dedicado

Afonso do Paço
Eugénio Jalhay

Fig. 21 – Eugénio Jalhay. Handwritten letter, dated September 2, 1938, also signed by Afonso do Paço and sent from Vila Nova de São Pedro [inv. no. 1974/001/1248(1) – JMSO/5-130] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

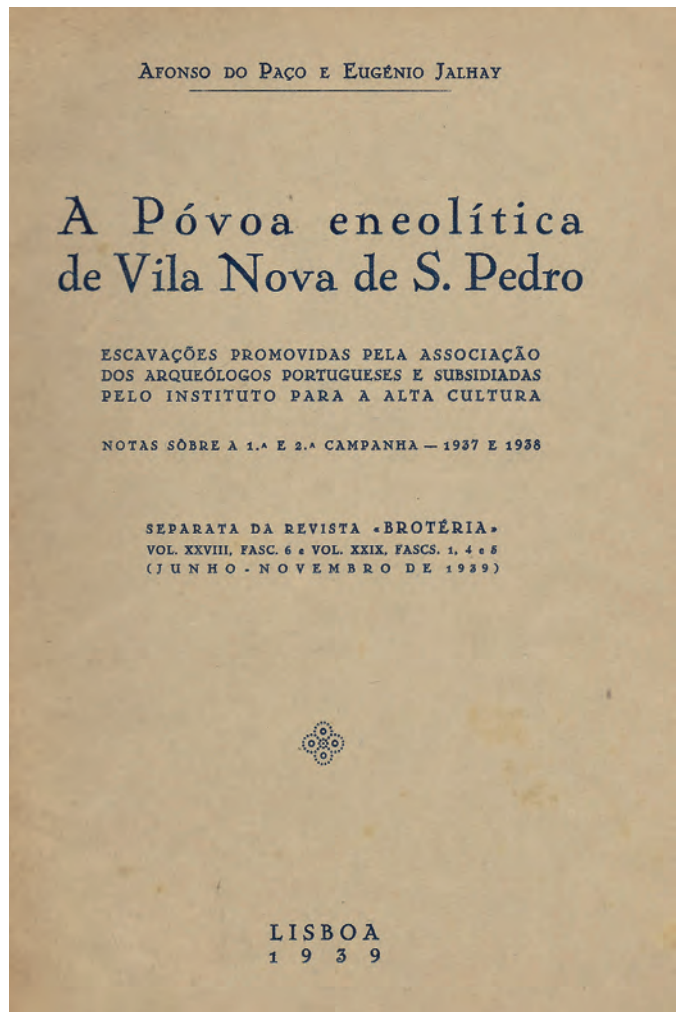


Fig. 22 – Cover of the paper concerning the publication of the results of the first and second excavation field seasons conducted at Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1939). JLC's own exemplar and photo.

2.9 – PAÇO, Manuel Afonso do

2.9.1 – Handwritten letter, without stamp, dated April 12, 1938 [inv. no. 1974/001/1345 (1 and 2) – JMSO/5-227] (Fig. 23)

Meu muito prezado Amigo
Estoril
12/4/38

Por intermédio do professor Mendes Corrêa recebi cópia da sua carta que muito agradeço e que nos veio dar alegria por ao menos o sabermos livre do inferno vermelho. De há muito que do meu amigo só sabíamos notícias imprecisas e creio que ninguém teve aqui conhecimento da carta que diz ter enviado por intermédio da embaixada do Brazil. Eu pelo menos, que tenho sido o elemento de ligação entre os amigos de Lisboa, Porto, Guimarães e Galiza (Cuevillas, Bouza-Brey etc.) de nada tive conhecimento.

A.50/5-227
1974/001/1345(1)

Meu muito querido Amigo

Estoril
12/4/38

Por intermédio do professor Mendes Correia recebi cópia da sua carta que muito agradeço e que vos veio dar alegria por os meus o sabermos livres do inferno vermelho. De há muito que do meu amigo só sabíamos notícias imprecisas e creio que ninguém teve aqui conhecimento da carta que ~~ela~~ ter enviado por intermédio da embaixada do Brasil. Eu pelo menos, que tenho sido o elemento de ligação entre os amigos de Lisboa, Porto, Guimarães e Galiza (Cuevillas, Bouza-Brey etc.) de nada tive conhecimento.

Há tempos o prof. Obermaier disse-me em carta da Suíça que o meu amigo estava felizmente vivo na embaixada de França, o que vos veio alegrar pois pouco antes correra que estava numa prisão vermelha de Madrid e muito doente, notícia esta que me deu Cuevillas e que me levou a procurar Gil Robles, que vive aqui próximo de Lisboa (Estoril) para se tentar a sua troca com outro prisioneiro, tentando assim libertá-lo do carcere.

Gil Robles atendeu-me bem, disse-me que conhecia o meu amigo, mas poucas esperanças manifestou quanto à troca por não serem os vermelhos pessoas de palavra.

Fig. 23 - Afonso do Paço. Handwritten letter, dated April 12, 1938 [inv. no. 1974/001/1345 (1 and 2) - JMSO/5-227] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Há tempos o prof. Obermaier disse-me em carta da Suíça que o meu amigo estava felizmente vivo na embaixada de França, o que nos veio alegrar pois pouco antes correra que estava numa prisão vermelha de Madrid e muito doente, notícia esta que me dera Cuevillas e que me levou a procurar Gil Robles, que vive aqui próximo de Lisboa (Estoril) para se tentar a sua troca com outro prisioneiro, tentando assim libertá-lo do cárcere.

Gil Robles atendeu-me bem, disse-me que conhecia o meu amigo, mas poucas esperanças manifestou quanto à sua troca por não serem os vermelhos pessoas de palavra.

Pouco depois da tomada das Astúrias soubemos notícias do Conde de la Vega e novamente suas, constando-nos então que estando na embaixada de França os amigos franceses estavam tentando salva-lo o que me foi comunicado por um jovem arqueólogo inglês que esteve em Portugal e no sul de França em estudos de arqueologia.

Creia que sinto de todo o coração a irreparável perda que sofreu, quer nos seus livros e verbetes, quer nas pessoas de sua família. Eu que estive prisioneiro de guerra na Alemanha sei o que custa a vida num campo de concentração, cheia de misérias, falta de conforto e higiene. Espero porém que em breve possa regressar à Espanha de Franco e recomeçar a sua vida à sombra da bandeira vermelha e ouro.

Hoje mesmo vou à Associação dos Arqueólogos para lhe enviarem o seu bilhete de identidade e passarem um novo diploma de sócio. Como porem este é volumoso só lho enviarei para Espanha, quando regressar, a não ser que o meu amigo me dê ordem em contrário.

(...).

Comments

This letter, written a few days before the liberation of Martínez Santa-Olalla at the Hendaye border, on April 16, 1938, is highly interesting because it reveals how little information was available in Portugal concerning the ongoing Civil War and all the events related to it. Actually, the evolution of the events as they are described by Afonso do Paço, in such an inaccurate and imprecise manner, had outlines that are well known today: following the outbreak of the Spanish Civil War, Martínez Santa-Olalla, who was a Falange militant, took refuge at the French Embassy in Madrid, before moving to the La Morisca concentration camp, in Port-Vendres (Rosellón, Eastern Pyrenees, France), after a short stay in Barcelona; subsequently, on March 21, 1938, he moved to the Chomérac concentration camp (Ardèche, France). The letter he addressed to Raymond Lantier was sent by the latter to Hugo Obermaier, causing him considerable and understandable distress. Obermaier was the director of Martínez Santa-Olalla's PhD thesis, defended at the Central University of Madrid in 1932. In view of the information thus received, this eminent archaeologist managed, with the help of Raymond Lantier and others, to obtain the release of Martínez Santa Olalla in Hendaye on April 16, 1938, from where he went to Vitoria (Álava), to present himself at the headquarters of the Francoist Ministry of National Education.

In Portugal, Santa Olalla's friends followed the situation, albeit imprecisely, with many gaps; Martínez Santa-Olalla was handed over to the Francoist authorities a mere four days after this letter was written. Anyway, this shows Afonso do Paço's strong commitment, to the point of having sought and managed to talk to José María Gil Robles, who was then a resident in Estoril, so that he would assist in the liberation of Martínez Santa-Ollala, although to no avail. Indeed, Gil Robles replied that the Republicans (referred to as 'reds' by Afonso do Paço) could not be trusted. Actually, the path of this Spanish politician is a rather winding one: having been the Minister of War in the Republican government, following the electoral victory of the Popular Front in February 1936, he became the leader of the parliamentary opposition. After the assassination of Calvo Sotelo

in July 1936, Gil Robles sought refuge in France, from where he was deported, and was finally admitted to Portugal, where he lived until his return to Spain in 1953. His political influence in the 1938 Francoist government was very limited.

Apart from referring to Martínez Santa-Olalla's relatives, like his brother Antonio, as previously mentioned, the letter also expresses regret for the loss of the scientific documentation that Martínez Santa-Olalla kept in Madrid, due to the terrible confrontations that took place in the city, until it was seized by the Francoist army at the end of the war.

Finally, it is interesting to note the comments regarding the internment of Martínez Santa-Olalla in French concentration camps. Afonso do Paço knew this situation quite well, and perhaps much worse, as he was taken prisoner by the German army on April 9, 1918, in the aftermath of the Battle of La Lys. The hardships he experienced both on the battlefield and later, in the prisoner camps in Germany to which he was taken, are detailed and genuinely described in the first person in a text undeservedly forgotten (PAÇO, 1929), which has recently been studied by one of the authors (CARDOSO, 2018).

2.9.2 – Handwritten letter, bearing the stamp 'Afonso do Paço / Rua da Escola de Medicina Veterinaria, 11, 3º – Lisboa / Telef. 4 7833', dated September 14, 1938 [inv. no. 1974/001/1347 (1) – JMSO/5-229]

Lisboa 14/9/38

Meu querido amigo

Agradeço muito reconhecido a sua carta, recebida há dias quando ainda em plenas escavações com o Sr. P.^e Jalhay.

Estas terminaram, e ao recolher a Lisboa apresso-me a responder à sua amavel carta e dizer-lhe que com muito gosto aceitamos a nomeação que deseja fazer para a Sociedade Hispanica de Arqueologia, a quem desejamos um futuro cheio das maiores prosperidades, próprio dos dias de glória da nova Espanha de Franco.

(...) (uncomplete letter)

Comments

We have not been able to ascertain anything about the existence of this society; in practical terms it was nothing more than an intention on Martínez Santa-Olalla's part. It is not unlikely that he refers to the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory. Martínez Santa-Olalla once again became its Secretary in 1939, a position he held before the outbreak of the Civil War, having actually published an important study on the excavations conducted at Vila Nova de São Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945) in this society's scientific organ (Fig. 24). We would also highlight Afonso do Paço's warm salute to the regime that had just won the Spanish Civil War.

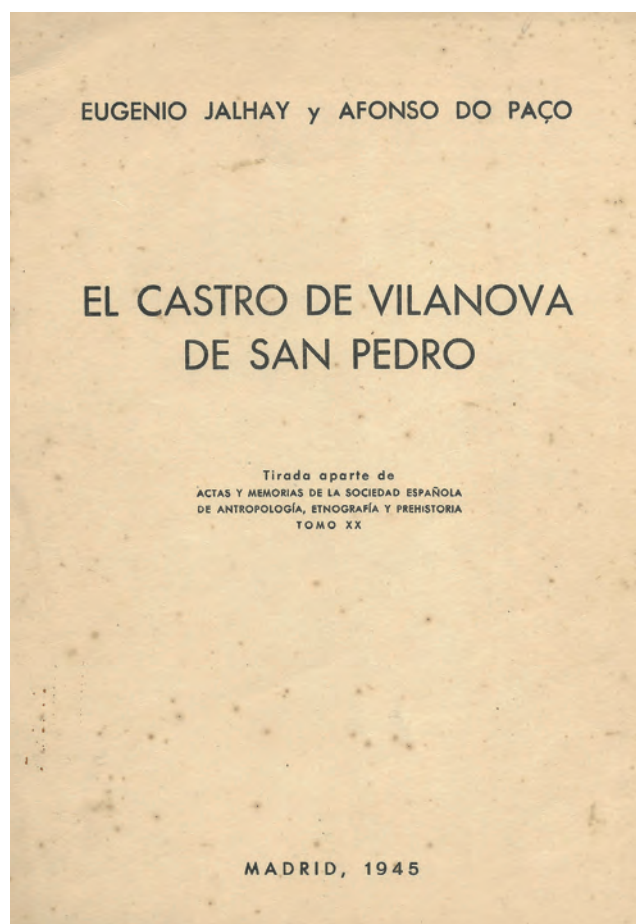


Fig. 24 – Cover of the paper published in 1945 in the *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* by Afonso do Paço and Eugénio Jalhay. JLC's own exemplar and photo.

2.9.3 – Handwritten letter, bearing the stamp ‘Afonso do Paço / Avenida da Republica, 15, 5° / Lisboa / Telef. 4 7833’, dated June 15, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15557] (Fig. 25)

Lisboa 15-6-53

Meu querido amigo:

Não imagina quanto me penhorou, ao regressar a Lisboa depois de uns dias de ausência no Norte do país, as suas tão amáveis cartas de 28 de Maio e 2 do corrente, bem como o programa do Curso de Granada.

Infelizmente para mim, a promoção ao posto de Tenente Coronel, complicou-me de tal maneira a vida, que dificilmente me permitirá ter tempo para fazer as escavações, de Vila Nova de S. Pedro e Sanfins, quanto mais tomar parte no seu curso, coisa que, creia-o sinceramente, muitíssimo me agradaria, pelos ensinamentos que nele se colherão, além do contacto com amigos muito dedicados.

Agradeço muito reconhecido a sua atenção em querer convidar-me por intermédio dos organismos oficiais, mas a minha situação, puramente militar, não se compadece com a arqueologia, coisa que para mim oficialmente não existe.

Creia que sempre gostava de saber o que faziam os nossos organismos oficiais, se lhes aparecesse o seu convite! Eram capazes de o guardar e mandar um outro, apesar de dirigido em meu nome. Estava mesmo tentado a pedir-lhe que experimentasse.

Um abraço amigo e m.^{to} agradecido de
Afonso do Paço (signature)

Comments

This letter breaks a fifteen-year epistolary silence between the two correspondents. It concerns the reply to a formal invitation that Martínez Santa-Olalla intended to send to Afonso do Paço to take part in a course on Field Archaeology that Martínez Santa-Olalla planned to hold in Granada. It is not known whether Paço was meant to collaborate as a lecturer or as a mere participant. Be that as it may, Afonso do Paço's reply is significant, stating that his military responsibilities as a lieutenant-colonel, the rank to which he had been promoted, prevented him from accepting the invitation, as he could not officially take on any occupation besides his military duties, even because archaeology did not officially exist as a career in Portugal. This straightforward answer strengthens what has already been mentioned (CARDOSO & RIBEIRO, 2013, p. 766) regarding the alleged privileged situation enjoyed by Afonso do Paço in relation to the political situation that be. In fact, his letter significantly ends with an ironic vent, revealing his estrangement from the military hierarchy.

2.9.4 – Handwritten letter, without stamp, dated March 13, 1954 [not inventoried]

13 de Marzo de 1.954

Excmo. Sr. Alfonso do Paço

Avda. da República, 15

Lisboa

Mi querido y buen amigo:

Acabo de recibir y he leído inmediatamente con la mayor avidez, la extensa bibliografía de mi inolvidable amigo y maestro Jalhay, que me ha producido la más vivísima satisfacción por un lado, porque veo que todavía en este mundo sovietizado (con perdón de los jercas), hay personas que hacen de la amistad un culto y que no dejan pasar la ocasión de patentizar el cariño tenido a un amigo y la admiración que a él se le debe como trabajador.

Lisboa 15-6-53 ^{FD-1974/1/15557}

AFONSO DO PAÇO

AVENIDA DA REPÚBLICA, 15, 5.º
LISBOA
TELEF. 4 7833

Meu querido Amigo:

Como imagina quanto me melhorou, ao regressar a Lisboa depois de uns dias de ausência no Norte do país, as suas tão amáveis cartas de 28 de Maio e 2 de corrente, bem como o programa do curso de Gravada.

Infelizmente para mim, a promoção ao posto de Tenente coronel, complicou-me de tal maneira a vida, que dificilmente me permitira ter tempo para fazer as escavações, de Vila Verde de S. Pedro e Saufins, quanto mais tomar parte no seu curso, coisa que, creia-o sinceramente, muitíssimo me agradaria, pelos ensinamentos que nele se colherão, além do contacto com amigos muito dedicados.

Agradeço muito reconhecido a sua atenção em querer convidar-me por intermédio dos organismos oficiais, mas a minha situação, puramente militar, não se compadece com a arqueologia, coisa que para mim oficialmente não existe.

Creia que sempre gostava de saber o que faziam os novos organismos oficiais, se lhes aparecesse o seu convite! Terei coragem de o guardar e mandar um outro, apesar de dirigido ao meu nome.

Intava mesmo tentado a pedir-lhe que experimentasse. Um abraço amigo e mto agradecido
de Afonso do Paço

Fig. 25 - Afonso do Paço. Handwritten letter, bearing the stamp 'Afonso do Paço / Avenida da República, 15, 5º / Lisbon / Telef. 4 7833', dated June 15, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15557] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Le felicito muy sinceramente por la obra que Vd. ha realizado llena de las mejores virtudes y de los mejores sentimientos.

Personalmente, he sentido una alegría inmensa al ver que ha tenido Vd. sitio en su trabajo para mencionar aquél chico que en Oña y Poza de la Sal, hace mas de treinta años, recibió del Padre Jalhay el calor de una amistad nunca desmentida y el tesoro de su sabiduría y de su enseñanza, haciendo que aquél chico pueda tener la satisfacción y el honor de decir que es único de los discípulos del Padre Jalhay, como Vd. afirma.

No deja de ser significativo el contrastar las cualidades y calidades en la misma publicación de su trabajo y, del otro que el Sr. Mendes Correa dedica todo dialéctica y, llamemos política, a la memoria del mismo amigo inolvidable.

Le repito muy efusivamente mi felicitación por esta obra que yo pondré a mis discípulos del Seminario como modelo de lealtad y amistad, de justicia y de hombría.

No quiero terminar sin hacer mias sus palabras al cerrar su trabajo sobre la situación de la arqueología en Portugal y el desinterés oficial por la misma.

En Portugal, mas que en sitio alguno, merece en bien de la patria y de la ciencia, el que como el Padre Jalhay y Vd. pusieran todo su esfuerzo al levantamiento espiritual en este campo de su país donde el panorama universitario y científico oficial es tan desolador.

Reciba un fuerte abrazo de su siempre buen amigo

Comments

This gratitude reflects the importance given by Martínez Santa-Olalla to a selflessly established friendship like the fellowship that united Paço and Jalhay, opportunely referring to the difference in style noted between the former's text (PAÇO, 1951) and the one written by Mendes Corrêa on the same occasion (CORRÊA, 1951). Actually, both the missive and the referred study show, once again, the penury of the archaeological activity in Portugal in the mid-1950s, only balanced by the genuine and indefinable enthusiasm that moved people like Jalhay and Paço, among other archaeologists of their time, such as Veiga Ferreira and Abel Viana. In order to produce quality work that was by no means inferior to that of their Spanish colleagues, all of them had to face difficulties that are hard to imagine nowadays, just for the purely intellectual and indefinable pleasure of discovering and producing knowledge, without any lucrative purposes.

We would also stress Martínez Santa-Olalla's genuine and touching confession of how much he owed to Eugénio Jalhay, since the times when he met him, still at a very young age, in his hometown. Indeed, Santa-Olalla received Jalhay's attention and support during his first steps in archaeology

2.9.5 – Handwritten letter, without stamp, dated December 13, 1954 [not inventoried]

13 de Diciembre de 1.954
Excmo. Sr. Alfonso do Paço
Tenente-Coronel
Av. da República, 15, 5º
Lisboa
Mi querido y buen amigo:

Le agradezco mucho su vivo interés en procurarnos los trabajos de los suevos. Es increíble la dificultad que hay para hacerse con los libros portugueses. Antes de molestarle a Vd. lo pedí a varias librerías aquí, sin

resultado. En cuanto a lograr las cosas por cambio, con Portugal, no es posible tampoco, incluso tenemos una triste experiencia (Universidad de Coimbra, por ejemplo).

Le agradezco, también mucho, las Separatas que acabo de recibir, testimonio fiel de su dedicación al trabajo científico y de su actividad y fino espíritu. Muchas gracias.

Mucho le agradecería que no echara en olvido ni al Seminario ni a la Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas que, con gusto reciben siempre todos sus trabajos para nosotros tan valiosos y tan apreciados. Próximamente recibirá Vd. toda una serie de publicaciones que la Comisaría General lanzará simultáneamente.

Por correo aparte, me permito enviarle una serie de tarjetas de suscripción a los Cuadernos de Historia Primitiva, por si fuera tan amable de, entre sus amistades y organismos científicos interesados en nuestros estudios, en particular, procurarnos algunos suscritores que para nosotros son tan preciosos pues, como Vd. y todos saben, nuestro Seminario de Historia Primitiva, como organismo autónomo y libre, carece de presupuesto ni ayuda oficial de ningún género; por lo que debe vivir de sus suscritores y amigos, el déficit enorme que solemos tener, debo enjugarlo yo, personalmente. Si nuestros suscritores aumentaran en la cuantía deseada, podría, también aumentar grandemente los volúmenes de publicaciones ya que son muchas e importantes los originales que quedan sin publicar o debemos canalizar hacia otras publicaciones. Perdona esta molestia que, espero no tome a mal sino todo lo contrario, como una muestra de confianza y estima.

La UNESCO me ha encargado la historia de España hasta la invasión árabe, trabajo que ha de servir de base al capítulo correspondiente a la Historia del mundo, Como Vd. sabe, es la primera vez que la UNESCO hace un encargo de este tipo a un peninsular, por lo que le ruego que si tiene alguna información o cualquier otra cosa que hacerme, la recibiré con sumo gusto pues, sería mi más vivo interés (...) (uncomplete letter).

Comments

Martínez Santa-Olalla's request for papers on the Suevi published in Portugal, some of which he certainly already knew, was related to the study of the Iberian Germanic populations since the beginning of the 1930s, when, as he rightly says, the subject was almost ignored by the research that was being conducted in Portugal at the time. This effort is embodied in many publications and in the overview published as early as 1934 (MARTÍNEZ SANTA OLALLA, 1934). The political connotations attached to this subject are indeed justified, particularly after the rise to power of the National Socialist regime in Germany, a time when publications on the Visigoth Iberian populations became more visible. It is no coincidence that as early as 1934 a remarkable paper was published by the Römisch-Germanische Kommission, *Die Grabfunde aus dem Spanischen Westgotenreich* by Hans Zeiss. This trend was in fact embodied in Gustav Kossina's 1929 publication *Origin and spread of the Germanic peoples in prehistoric and historical times*, of which Santa-Olalla wrote a praiseworthy review in 1931, still during his stay in Germany. During the post-war period, the latter kept an obvious interest in the subject, which justified the request made in this letter, proof that such motivation was not, in his case, motivated only by political reasons.

Martínez Santa-Olalla's commitment to his activity as an archaeologist and as a trainer of archaeologists went so far as using the funds of the Seminar of Primitive History of Man to pay for the publication of its *Cuadernos*, since, as an independent institution, after the formal separation with the University of Madrid (see chapter 1), it depended on the sales and subscriptions of the publications, which was why he sought support from Afonso do Paço.

Finally, Martínez Santa-Olalla's prestige was apparently reaffirmed in the mid-1950s by the UNESCO invitation he refers to: contributing to the publication of a History of Spain up to the Arab invasion; this is

why he asked and thanked Afonso do Paço for any information that might be of interest. But Martínez Santa Olalla's collaboration in this editorial project, however, never really happened. UNESCO ended up publishing a History of Humanity, which may be the publication referred to by him, but the division of the chapters is different, because these are not chapters from Prehistory up to the Arab conquest, but rather divided into three volumes. Nevertheless, it is possible that Martínez Santa-Olalla was contacted at an early stage, but UNESCO may have changed its mind later on. The person who had strong connections at UNESCO was Bosch Gimpera, who probably handed over the editorial task to Luis Pericot, who had a good capacity for synthesis. There was a preparatory meeting in 1950 in Paris, concerning the History of Humanity, which was attended by Bosch Gimpera, (GRACIA, 2011, Fig. 29); the committee was composed of C.K. Zurayk, J. Huxley, P.B. Carneiro, I. Torres Bordet, R.E. Turner, C.J. Burckhardt, J. Thomas, S. Zavala, C. Moraze, M. Paz and the Portuguese Armando Cortesão, who left UNESCO in 1952 to become a professor at the University of Coimbra.

2.9.6 – Handwritten letter, bearing the stamp ‘Afonso do Paco / Avenida da Republica, 15, 5° / Lisboa / Telef. 4 7833’, dated April 5, 1955 [not inventoried]

Lisboa 5-4-955

Meu querido amigo:

Não sei como apresentar-me com a carta de hoje. Espero, porém, que nesta ocasião de Semana Santa as minhas culpas sejam perdoadas e acredite sempre na minha bem sincera amizade.

Difícil, se não impossível, obter subscritores para os Cuadernos.

O único arqueólogo com posição oficial e ganhando dinheiro com a arqueologia em Portugal, é Heleno. Só se ele fizer assinatura para a Biblioteca do Museu de Belém, do que duvido.

Dos restantes, ninguém tem dinheiro para comprar coisas de arqueologia. Somos como os cristãos de Roma lançados às feras. Só tinham esperanças no seu Deus. Nós também só esperamos dos amigos de fóra de Portugal. Não da **religião** oficial do

(...) (uncomplete letter)

Comments

This letter does not require any additional comments to those already made concerning the state of material and human shortage that characterised Portuguese post-war archaeology, as opposed to what happened in Spain.

2.9.7 – Typed letter, without stamp, dated July 1, 1957 [unreadable inv. no.]

Serrano, 41

Madrid – 1 de julio de 1957

Excmo. Sr. D. Afonso do Paço

Avda. da República, 15

Lisboa

Mi querido y buen amigo:

He recibido su amable envío de separatas, que inmediatamente leí, sobre todo la que se refiere a Vila Nova de San Pedro. Debo agradecerle que en su artículo sobre el Congreso Internacional de Ciencias prehistóricas de Madrid, no haya prosperado en Vds., el ‘espíritu’ que puso sordina a mi propuesta sobre Vila Nova, que Childe firmó (curioso modo de entender el liberalismo y respecto a opiniones ajenas frente a un marxista

como Childe y un fascista como yo) en tal forma que Vd. ha tenido la hombría, ahora ya va resultando cosa heroica, de contar la verdad de cómo ha sucedido ciertas cosas, pues al leer ahora la recepción que ofrecí a los congresistas en nuestro Seminario de Historia Primitiva, veo, que fué verdad la recepción y las miles de pesetas que me costó obsequiarles, puesto que era un obsequio mío personal, en mi propio Seminario.... Le agradezco, repito, mucho esto, así como la referencia a nuestra fracasada propuesta sobre Vila Nova.

Abundando en estos principios de amistad, y de verdad, debo decirle que leo con la más honda sorpresa en la pag. 224, de su tirada aparte en alemán, sobre Vila Nova, un juicio, puramente teórico y a que no da base el cuidado, poco común entre nosotros peninsulares, puesto por el Sr. Esteve Guerrero, sobre los dos estratos que Vd. y su colaborador sospechan en el nivel del I Bronce Mediterráneo de Mesas de Asta. Es, repito, pura teorización por el momento sin base.

Honda sorpresa, por lo que tiene de inexacta, es la nota 9 de dicha pág., sobre la cerámica esgrafiada o con decoración pulida, que el Sr. Esteve puso de relieve en su interés documental y que yo tuve buen cuidado de destacar en forma extraordinaria dando la gran lámina 8 de la publicación que citan. Mi sorpresa sube de punto, cuando recuerdo, que hace muchos años, en aquellos tiempos cordiales de mis idas a Portugal en el Museo de Dirección de Estudios Geológicos, descubrí e identifiqué, cerámicas de esta especie que habían pasado desapercibidas, y le hice presente a Vd. el interés documental enorme para mis ideas sobre las relaciones orientales. Años más tarde, en 1946, al dar la segunda edición de mi Esquema Paletnológico, tuve buen cuidado de (ya que el texto de 1939 quedaba inalterado) dar en mi lámina 20, junto a cerámicas mordidas, pulidas y pintadas, las cerámicas esgrafiadas. Más tarde, en 1947, en el trabajo de Sáez Martín y mío, sobre los 'Orígenes Anatolioegeos y Orientales del Bronce Mediterráneo Hispánico' con todas claridad y precisión me refiero a la cerámica esgrafiada o de adorno pulido, cuya problemática y documentación queda claramente expuesta en la nota 37. En algunos otros trabajos breves e insignificantes, como todos los míos, guardaba bien patente lo que había visto, las cerámicas y saber cuales eran los problemas, y ahora parecen descubrirlo Vds.

Childe sobre mi documentación personal se ha referido a ella; los Leisner en toda la bibliografía oriental y africana que utilizaron para sus 'Antas de Reguengos' (que por cierto en ningún lugar dicen que sea mi bibliografía, puesta en dos semanas a su servicio en mi propia casa) pudieron ver también y conocer estas cerámicas y su problemática. Finalmente, por no citar más ejemplos, Pía Laviosa Zambotti, en su excepcional libro 'España e Italia antes de los romanos', publicado por el Seminario de Historia Primitiva, en la 1.^a y 2.^a edición y de la que hay traducción italiana, se refiere igualmente en especie cerámica y a todos los que Sáez Martín y yo, ennumeramos en nuestros orígenes anatolioegeos.

Supongo, querido amigo, no le molestará lo más mínimo lo que personalmente le llame la atención sobre la inexactitud a que vengo refiriéndome y que puede Vd. comprobar con las referencias que le doy.

Leyendo sus observaciones en el mismo trabajo, sobre técnica constructiva, la existencia de argamasa, etc., quiero recordar que hace muchos años a Vd. y al P. Jalhay les dí los paralelos sobre esta técnica, sobre su ficha y su naturaleza exacta, como problema resuelto para nuestro bronce I o eneolítico como Vd. se obstina en llamar, siguiendo a mi querido maestro Bosch Gimpera cuya consideración de mis puntos de vista aclaran su valor y alcance (pues es indudable la mella que le ha hecho y el terreno que (¿???) cedido). Perdona tan larga carta basada en nuestra amistad y lealtad, más como el problema de Vila Nova para mí es muy importante e incluso no me causa sorpresa, a tomar las excavaciones otro rumbo, con sus nuevos hallazgos, es posible que algún día me ocupe en un trabajo sobre los puntos de vista que tengo, algunos expuestos fragmentariamente.

¿Sería posible tener algunos ejemplares más de su IV Congreso Internacional y de Vila Nova?

Mil gracias y sabe suyo siempre buen amigo
(unsigned)

Comments

This long letter addresses scientific subjects of great interest, whose discussion spanned the following decades. Starting with Martínez Santa-Olalla's intervention at the 4th International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences held in Madrid in 1954, whose transcription is presented below, the author of the letter thanks Afonso do Paço for fully transcribing the paper he gave at the congress, emphasizing the exceptional archaeological importance of the Vila Nova de São Pedro settlement (PAÇO, 1956) (Fig. 26). Apparently, this initiative had no consequences, although it was supported by Childe, Breuil, Piggott, O'Riordain and Maluquer de Motes, among others (op. cit., p. 223), all or almost all of whom were familiar with the archaeological site. Martínez Santa-Olalla's ironic comment regarding the fact that a Marxist (Gordon Childe) and himself (a self-styled Fascist) have converged towards the same end, for purely scientific reasons, despite the fact that this extraordinary but desirable situation in science has done nothing to raise the awareness of the Portuguese authorities...

Martínez Santa-Olalla continues, commenting on the reception he offered to the congressmen, paid for with funds from the Seminar of Primitive History of Man, which, as mentioned above, at that time, was an organization he directed, and whose operation depended solely on the income obtained from the sale of the publications he edited.

Next, the letter refers to another publication, in a German journal, about the Vila Nova de São Pedro excavations (PACO & SANGMEISTER, 1956) (Fig. 27). The fact that Martínez Santa-Olalla refers to the first author of the article, E. Sangmeister, as "su colaborador" [lit. your collaborator], seems to indicate that they were not on good terms. The paper mentions the famous Chalcolithic ceramics decorated with burnished grooves, namely the characteristic *copos canelados* or fluted ware of the Early Chalcolithic of Extremadura (CARDOSO, 2007) identified for the first time in stratigraphy at Vila Nova de São Pedro, in the basal layer underlying the foundation of the so-called central fortification, which was duly announced and published in Spain (PAÇO, 1958) (Fig. 28). Yet, Afonso do Paço already refers to these productions in the aforementioned report of the 4th International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences, held in Madrid in 1954, dated May 1954 and only published in 1956 (PAÇO, 1956). These objects were then shown to dozens of congressmen, on the assumption that "They were not produced by the people who inhabited Vila Nova and therefore only attest to contacts with people of a much higher civilisation, before they settled there" (PAÇO, 1956, p. 236).

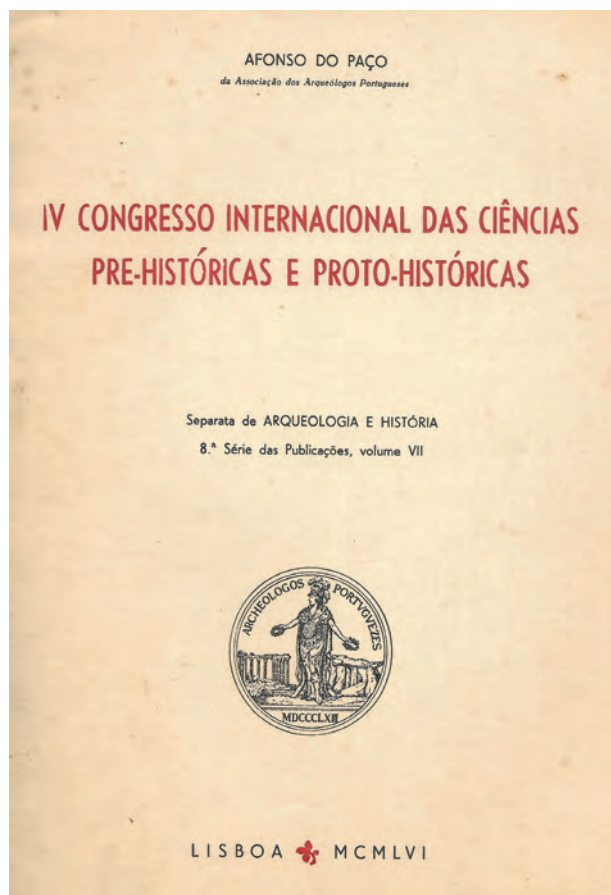


Fig. 26 – Cover of the Afonso do Paço's paper published in 1956 regarding the activities in which he took part in Madrid, two years earlier, during the 4th International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences. JLC's own exemplar and photo.

Sonderdruck
aus Germania 34, 1956, Heft 3/4

Von Lando

Vila Nova de S. Pedro eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal

Von Afonso do Paço, Lissabon, und Edward Sangmeister, Freiburg i. Br.

Vom 1. bis 15. September 1955 wurde im Castro von Vila Nova de S. Pedro in Portugal die 19. Ausgrabungskampagne unter Leitung von Oberstleutnant Afonso do Paço durchgeführt, an der ich auf seine freundliche Einladung hin



Abb. 1. Lageskizze des Castro Vila Nova de S. Pedro.

teilnehmen konnte. Da die Berichte über frühere Grabungen in Deutschland wenig bekannt zu sein scheinen, andererseits aber die Bedeutung des Platzes für die Kenntnis des Aeneolithikums eine ganz besondere ist und schließlich die Ergebnisse der diesjährigen Grabung außergewöhnlich sind, schien es uns geboten, eine auch weiteren Kreisen zugängliche Vorlage zu besorgen. Es soll daher gleichzeitig ein portugiesischer und ein deutscher Bericht erscheinen, in denen die gemeinsamen Erkenntnisse niedergelegt sind.

Fig. 27 – Cover of the paper published with Edward Sangmeister in the journal *Germania* in 1956, providing the first account of the importance of Vila Nova de São Pedro's internal fortifications. JLC's own exemplar and photo.

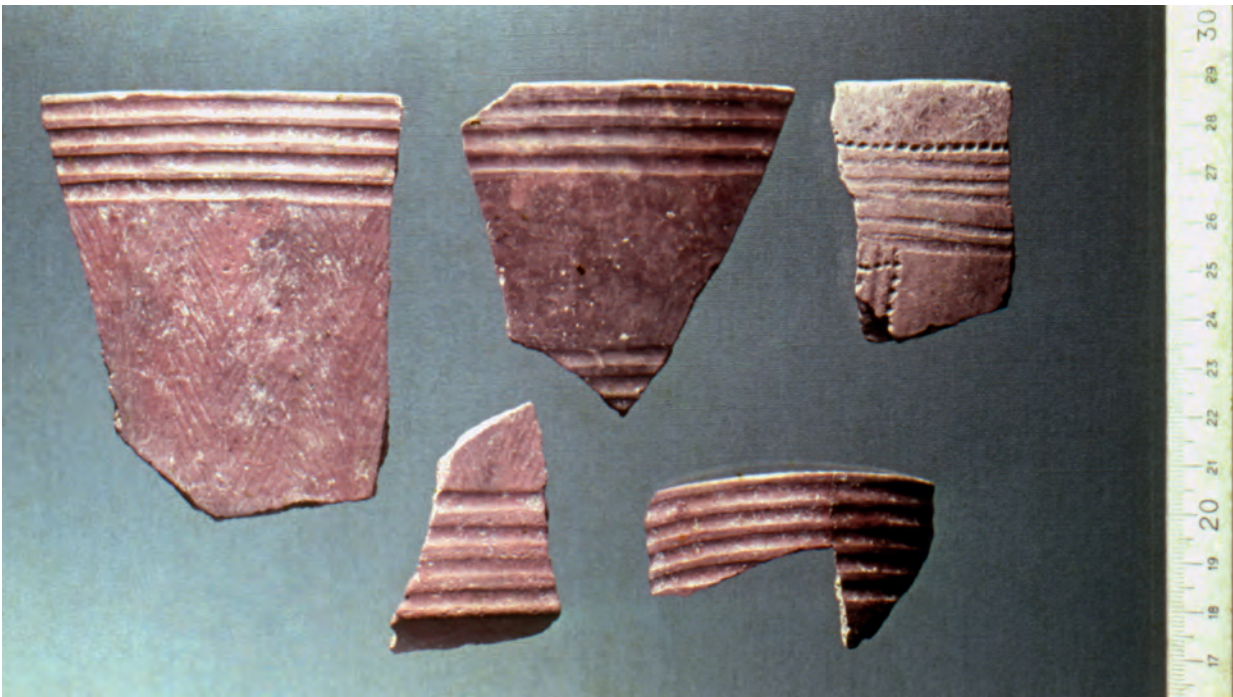


Fig. 28 – Some examples of typical Early Chalcolithic fluted wares (*copos* and *tacas*).
Items published by Afonso do Paço (PAÇO, 1958). O. da Veiga Ferreira/João Luís Cardoso's archive.

What Martínez Santa-Olalla reproached Afonso do Paço for was the fact that he had not taken the care to refer to the former's papers published before 1956, in which he already pointed out the importance of those ceramics, in order to underline their oriental and Mediterranean origin, with scientific priority over the statements made in Paço's paper.

As a matter of fact, Martínez Santa-Olalla goes as far as drawing Afonso do Paço's attention to the fact that he had previously stressed the importance of some of these fragments, which he identified for the first time, probably in April 1944, during his visit to Portugal (CARVALHO, 1989, p. 98), in the Archaeology gallery of LNEG's Museu Geológico. These were perhaps the finds exhumed in the Vimeiro cave, only later published (ZBYSZEWSKI & VIANA, 1949), along with items from the Monge *tholos*, in the Sintra mountain, recovered under Carlos Ribeiro's supervision and resulting from the reuse of this tomb. These objects, at the time mistakenly ascribed to the Chalcolithic (or belonging to Santa Olalla's Mediterranean Bronze I), were in fact considered by him as evidence of relations with the Eastern Mediterranean, as early as 1947, in the paper he quotes in his letter (MARTÍNEZ SANTA OLALLA & SÁEZ MARTÍN, 1947) (Fig. 29).

This was arguably also evidenced by the decorated ceramics recovered at Mesas de Asta, published by Manuel Esteve Guerrero (ESTEVE GUERRERO, 1945) (Fig. 30), which Martínez Santa-Olalla rightly highlights in this letter (Fig. 31); some of these objects had been illustrated in his *Esquema Paleolítico* (MARTÍNEZ SANTA OLALLA, 1946, Est. 20) (Fig. 32).

Martínez Santa-Olalla's indignation was based on the assumption that these ceramics belonged to his Mediterranean Bronze I (equivalent to the Chalcolithic), and were therefore coeval with the fluted ceramics from Vila Nova de São Pedro, whose relations with the Eastern Mediterranean were also highlighted. In fact, at the time this letter was written, they had not been separately identified, a situation that persisted until the 1960's. As recently as 1961, in an article originally written in German, titled "Eneolithic vases with interior decoration", both productions – Chalcolithic and Late Bronze Age – were mixed up (LEISNER, 1961, Abb. 7) (Fig. 33). The

Late Bronze Age finds that the author ascribed to the Chalcolithic include those recovered and published by M. Esteve Guerrero at the settlement of Mesas de Asta, whose ascription to Late Bronze Age leaves no doubt, as evidenced by the examples illustrated in Fig. 8 of the this publication (ESTEVE GUERRERO, 1945), which Santa Olalla points out in his missive: “and which I took good care to highlight outstandingly given the large plate 8 of the publication you quote from” (see Fig. 31).

In short, the invocation of oriental parallels for these ceramics was, as we know today, a false question, whether they dated from the Chalcolithic or the Late Bronze Age. It is worth mentioning that the excavation of Lapa do Fumo (Sesimbra) was decisive for distinguishing them, as the more recent ones were stratigraphically isolated and were initially designated as ‘ceramics with coloured decorations’ (SERRÃO, 1959), a clear influence of their counterparts from Mesas de Asta, of the same age, then designated as “painted ceramics” or “reticulated”, or even “sgraffito” or “with polished decoration”, in the terms of the above missive.

Martínez Santa-Olalla also considers Sangmeister and Paço’s admission of the existence of two distinct occupations at Mesas de Asta to be mere speculation, contrary to the admission made by the excavator and by himself, as sponsor of the respective publication, produced under the auspices of the Commissariat General of Archaeological Excavations, which he directed. In fact, if we look at the types of ceramics illustrated, none of

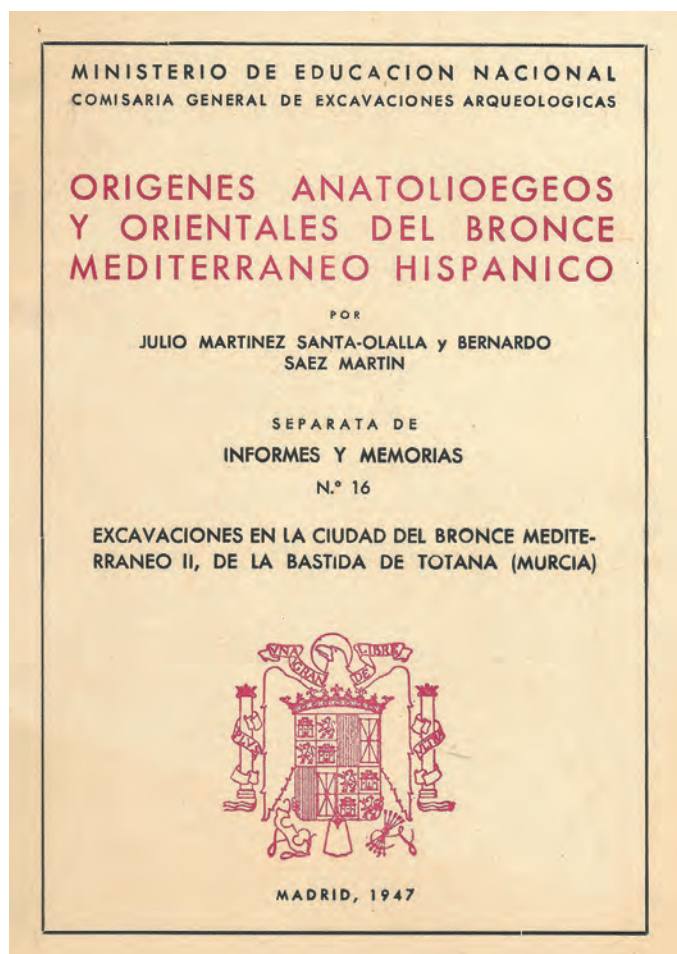


Fig. 29 – Cover of the paper in which Martínez Santa-Olalla and B. Sáez Martín advocated, in 1947, the existence of cultural relations between the Anatolian Peninsula and the Iberian Peninsula during the Chalcolithic. JLC’s own exemplar and photo.

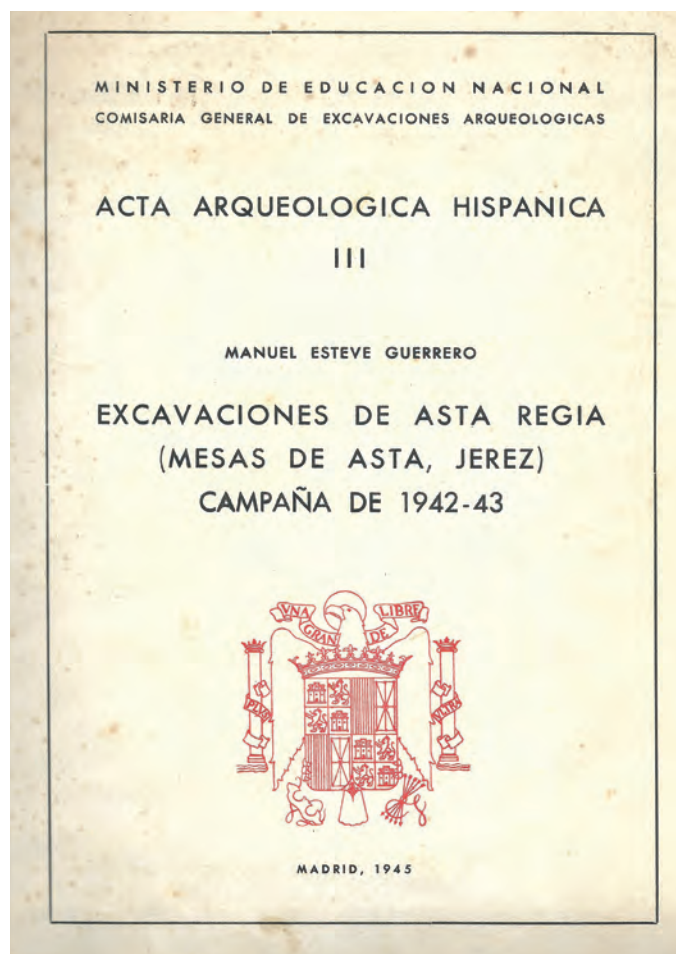


Fig. 30 – Cover of the book published by the Commissariat General of Archaeological Excavations in 1945, concerning the Mesas de Asta site. JLC’s own exemplar and photo.

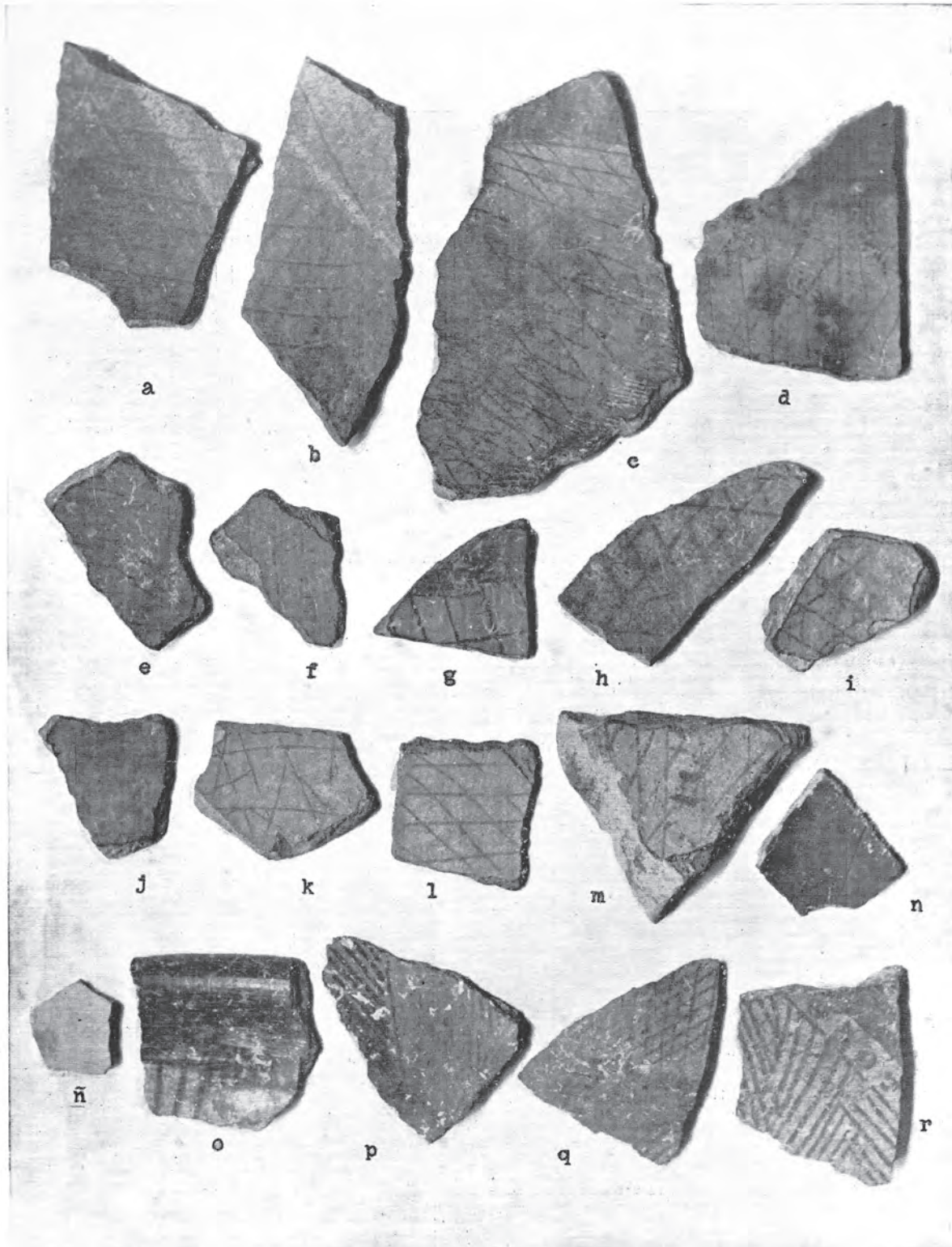
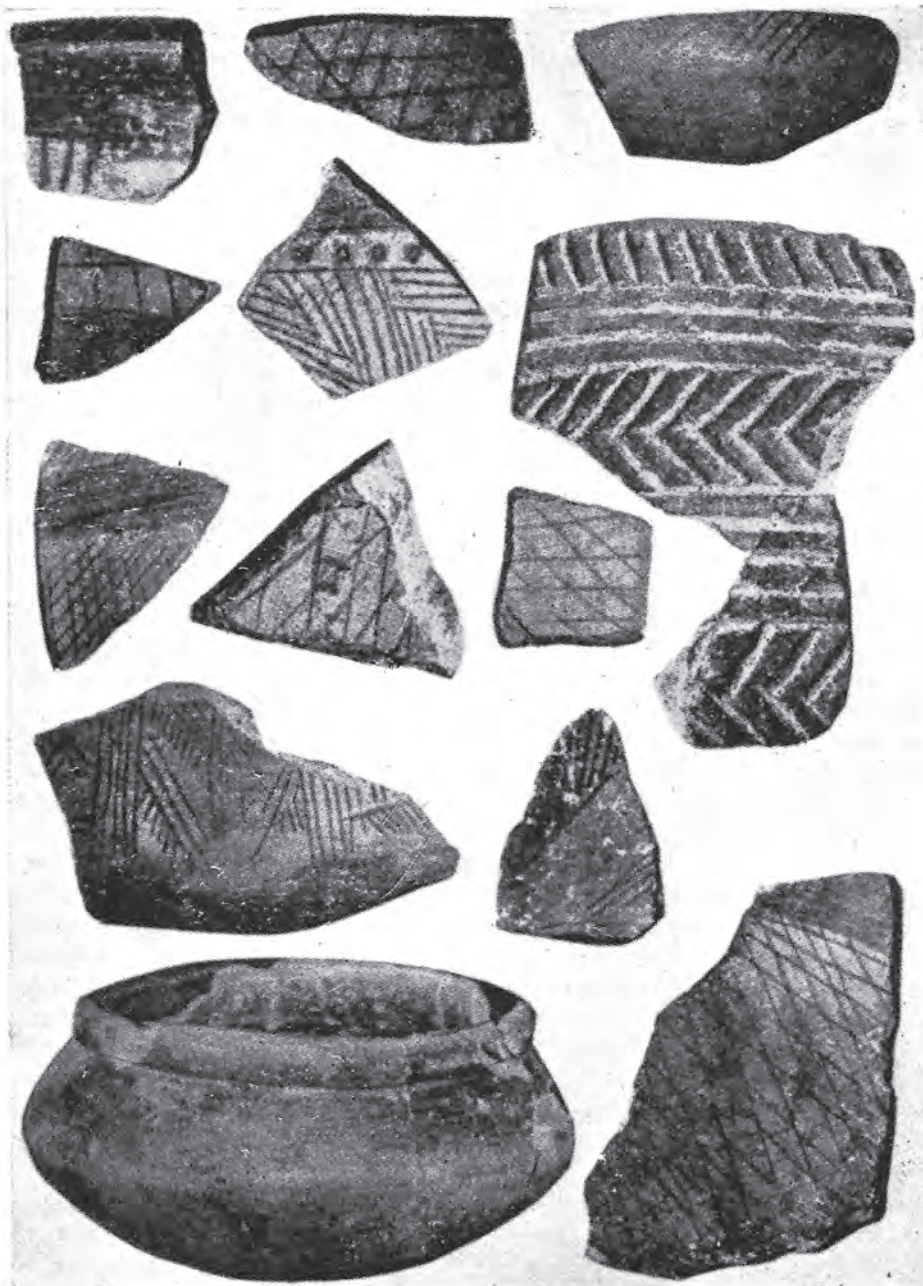


Fig. 31 - Typical Late Bronze Age "retícula bruñida" ceramic productions recovered in the Mesas de Asta excavations (ESTEVE GUERREO, 1945, Lám. VIII), at the time ascribed to Chalcolithic by Martínez Santa-Olalla. JLC's own exemplar and photo.



BRONCE MEDITERRÁNEO I
Cerámicas iberosaharianas.

Fig. 32 - Typical Late Bronze Age "retícula bruñida" and other ceramic productions, at the time ascribed to Chalcolithic (Mediterranean Bronze I) by Martínez Santa-Olalla and illustrated by him (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946, Est. 20). JLC's own exemplar and photo.

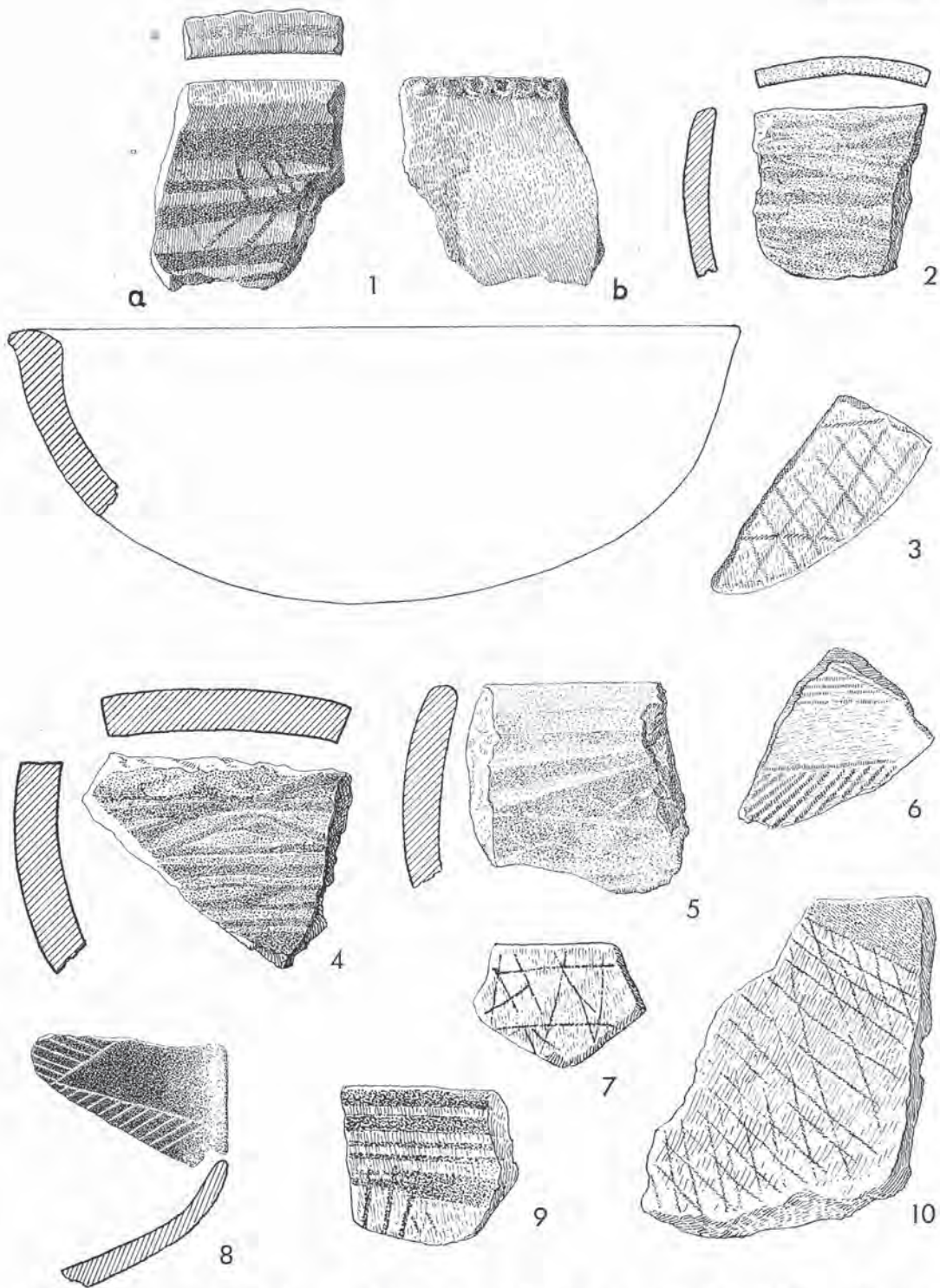


Abb. 7 1 Povoada das Salemas, a Innenwand, b Außenwand — 2, 4, 5 Montes Claros —
3, 6, 7, 8, 9, 10 Mesas de Asta. 2 : 3

Fig. 33 - Typical Late Bronze Age 'burnished decorations' productions, mistakenly ascribed to Chalcolithic and illustrated by Vera Leisner, along with true Chalcolithic productions (LEISNER, 1961, Abb. 7), as previously envisaged by Martínez Santa-Olalla. JLC's own exemplar and photo.

them are indicative a period other than Late Bronze Age, although some of the lithic artefacts, namely the flint blades, suggest an earlier period. This long letter and the scientific questions it strongly raises in relation to Vila Nova de São Pedro show the importance he attributed to this station, so well evidenced in the text he wrote at the time of the 1954 Madrid Congress. Antecedents can also be found in some of his other texts, resulting from interviews to the Portuguese press during his journey to Portugal. We would highlight the following sentence, from an interview to *Diário da Manhã*, on the April 22, 1944: “Nowadays one cannot write a simple archaeology manual in Europe without mentioning Vila Nova de São Pedro” (in CARVALHO, 1989, p. 126).

2.9.8 – Handwritten document, without stamp, undated (1954) [not inventoried]

This document corresponds to the draft of a statement, requested from Martínez Santa-Olalla by Afonso do Paço, concerning the scientific importance of the Chalcolithic fortified settlement of Vila Nova de São Pedro, the subject of his communication to the 4th International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences, held in Madrid in 1954. It was published by Afonso do Paço in his report on this meeting (PAÇO, 1956, pp. 223, 224) (Fig. 34).

El mundo científico internacional, a lo largo de quince años, ha venido teniendo noticias por las publicaciones del inolvidable Padre Eugénio Jalhay y el Sr. Afonso do Paço, de las excavaciones en Vila Nova de S. Pedro, que tienen el mas alto interés, histórico y documental, no solo para la historia portuguesa sino para la Historia universal, especialmente del mediterráneo y Proximo Oriente y Países Atlanticos europeos.

El IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas, ha tenido la viva satisfacción de oír una comunicación del Sr. do Paço, sobre los últimos resultados obtenidos.

Ante la importancia transcendental del yacimiento y, para conocimiento y orgullo de las Autoridades Portuguesas, se hace constar la felicitación de la Sección V del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas e Protohistoricas, al Sr. do Paço y a señorita Costa Arthur y se encarece a la nación portuguesa la importancia fundamental de Vila Nova de S. Pedro y la esperanza que tienen de que para dichas excavaciones, reciban sus directores todo el apoyo moral y material necesario para realizar la campaña con regularidad, para restaurar los hallazgos, para conservar cuantos estudios técnicos complementares sean necesarios, bien en Portugal o en el extranjero'

El Presidente de la Sección

Julio Martínez Santa-Olalla (signature)

Comments

This statement is understandable in the context of coeval Portuguese archaeological research: in the absence of international references regarding the worth of the studies presented and published, this type of written statements, made by prestigious archaeologists, had a real importance in the appraisal of the merit of requests for financial support, which, when granted, were always scarce and insufficient, as can be seen in the documents already published (RIBEIRO & CARDOSO, 2013; CARDOSO & RIBEIRO, 2013). This situation completely contradicts the perspective resulting from a superficial analysis, tainted with prejudice, of some archaeologists who have worked on the History of Portuguese Archaeology, and which made Afonso do Paço one of the Portuguese archaeologists who benefited from the Estado Novo, due to his political connections (LILLIOS, 1996). Such privileged relations never existed, and, in any case, they never had any material consequences capable of placing Afonso do Paço in the position of a beneficiary of the then ruling regime. On the

"El mundo científico internacional, a lo largo de quince años, ha venido teniendo noticias por las publicaciones del inolvidable Padre Eugenio Galhay y el Sr. Afonso do Paço, de las excavaciones en Vila Nova de S. Pedro, que tienen el mas alto interés histórico y documental, no solo para la historia portuguesa sino para la Historia universal, especialmente del Mediterráneo y Próximo Oriente y Países Atlánticos europeos.

El IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, ha tenido la viva satisfacción de oír una comunicación del Sr. do Paço, sobre los últimos resultados obtenidos.

Ante la importancia trascendental del yacimiento y, para conocimiento y orgullo de las Autoridades Portuguesas, se hace constar la felicitación de la Section V del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas e Protohistóricas, al Sr. do Paço y a senoreta Costa Arthur y, se manifiesta a la nación portuguesa la importancia fundamental de Vila Nova de S. Pedro y la esperanza que tenemos de que para dichas excavaciones, reciban sus directores todo el apoyo moral y material necesario para realizar la campaña con regularidad, para restaurar los hallazgos, para conservar los monumentos y, para analizar y hacer cuantos estudios técnicos complementares sean necesarios, bien en Portugal o en el extranjero"

El Presidente de la Sección

(A) Julio Martínez Santa-Olalla

Fig. 34 - Julio Martínez Santa-Olalla. Handwritten document, without stamp, undated (1954) [not inventoried]. This is Santa-Olalla's original document approved at the 4th International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences (Madrid, 1954) and subsequently published by Afonso do Paço (PAÇO, 1956).

contrary, one can conclude that sheer efforts were required every year to ensure the minimum material support that would make it possible to continue working, in this case in Vila Nova de São Pedro.

In fact, Afonso do Paço never tired of reporting, at international level, the results obtained in the annual excavations conducted at Vila Nova de São Pedro. In 1954 he gave, among others, a paper on the subject of metallurgy during the 4th session of the International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences, in Madrid (PAÇO & ARTHUR, 1956), thus drawing the attention of major archaeologists who by then visited this remarkable archaeological site (CARDOSO & RIBEIRO, 2013). Indeed, it was doubtless due to such efforts that the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory published an extensive study on Vila Nova de São Pedro, as early as 1945, in the aforementioned journal boosted by the enthusiasm of Martínez Santa-Olalla (JALHAY & PAÇO, 1945), actually following the invitation of the latter, who, as secretary of this Society, had an influence on the choice of the papers to be published in its periodical organ. Moreover, his importance in this society explains the volume in his homage that the same society offered him, edited in three volumes, corresponding to the years 1947 (21), 1947 (22) and 1948 (23) of its *Actas y Memorias* (Fig. 35).

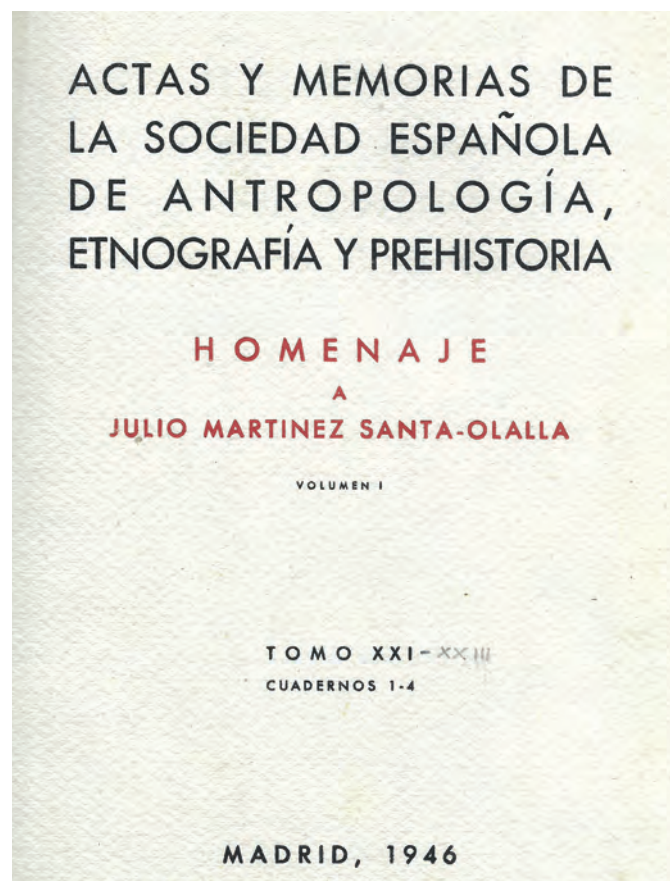


Fig. 35 – Cover of the first of the three volumes of the *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria* published between 1947 and 1949 in homage to Julio Martínez Santa-Olalla, revealing the high regard accorded to his presence and collaboration. JLC's own exemplar and photo.

2.10 – PINTO, Rui de Serpa

Typed letter, without stamp, dated February 21, 1931 [inv. no. 1974/001/904.1 – JMSO/3-241] (Fig. 36)

J. Martínez Santa-Olalla

Valladolid, Plaza del Museo 4

21-II-31

Exmo. Sr. Dr. Ruy Corrêa de Serpa Pinto

Porto

Mi distinguido colega:

En primer lugar perdón por todo lo que a renglón seguido le voy a pedir:

Tenemos en preparación el segundo vol. del Anuario de Prehistoria Madrileña que deseamos salga enseguida, y para él necesitamos una serie de cosas (Fig. 37). En primer lugar algunas recensiones que nos haga V. de cosas portuguesas aparecidas en 1929 o 1930. Elija V. lo que le parezca y tenga la amabilidad de comunicármelo para que sepa con que podemos contar. Si le interesa alguna cosa no portuguesa diga cual es para reservarsela.

1974/1/904.2

Mucho le agradeceré que de ahora en adelante me envíe todo lo que publique pues a partir de 1930 he de hacer ahora una bibliografía completa de lo aparecido en la Península. Así que le agradeceré que si tiene ocasión lo haga saber a los colegas lusitanos, ya que en interés de todos re unda. Las épocas que abarcó son desde el Paleolítico en su mas amplio sentido hasta la invasion arabe.

Ha publicado algo ultimamente el prof. Mendes Corrêa?

Perdone tanta molestia y sabe puede disponer como guste de su afmo.s.sy companero q.l.e.l.m.

P.S. Por correo aparte le envio una separata de Pérez de Barradas, La colección prehistórica de retondo de la cual desearía una recension para el Anuario.

Fig. 36 - From Martínez Santa-Olalla to Rui de Serpa Pinto. Handwritten letter, without stamp, dated November 21, 1931 [inv. no. 1974/001/904.1 - JMSO/3-241] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Para el 2 vol. del Anuario haré yo la Bibliografía del Asturiense, así que le agradeceré me envíe todo lo que haya publicado con posterioridad a *O Asturiense em Portugal*. Igualmente deseo si es posible me envíe todos sus trabajos, ya que excepto *O Asturiense em Portugal*, Bibl. Mendes C., Petroglifos de Sabroso (sic) no tengo nada.

Podría V. hacer saber al Sr. Viana (Abel) el deseo que tengo de sus trabajos? No conozco su dirección y no puedo hacerlo personalmente.

Mucho le agradeceré que de ahora en adelante me envíe todo lo que publique pues a partir de 1930 he de hacer ahora una bibliografía completa de lo aparecido en la Península. Así que le agradeceré que si tiene ocasión lo haga saber a los colegas lusitanos, ya que en interés de todos redundará. Las épocas que abarcaré son desde el Paleolítico en su más amplio sentido hasta la invasión árabe.

Ha publicado algo últimamente el Prof. Mendes Corrêa?

Perdone tanta molestia y sabe puede disponer como guste de su afmo. s. sy (sic) compañero q. l. e. l. m.

(unsigned)

P.S. Por correo aparte le envío una separata de Pérez de Barradas, La colección prehistórica de Rotondo de la cual desearía una recensión para el Anuario.

Comments

It was Martínez Santa-Olalla's concern, as can be seen in this and other letters sent to several Portuguese archaeologists, such as Eugénio Jalhay, both dated the same day, to undertake a survey of the archaeological literature published annually in the Iberian Peninsula, dealing with sites and subjects from the Palaeolithic to the Arab invasion. Thus, he asks the addressees to forward this request to all archaeologists he was acquainted with. The results of this initiative are not known, but at least one of them has been achieved: Martínez Santa-Olalla was given a considerable number of papers, which would otherwise have been difficult to assemble.

Another request from Martínez Santa-Olalla was obtaining scientific contributions from several Portuguese archaeologists, mainly recensions, for the *Anuario de Prehistoria Madrileña*, of which he was a collaborator (his name appears in the publication as such).

Likewise, he asks Serpa Pinto to send him the scientific literature on the "Asturian" in Portugal, in order to include a bibliographic recension in the same issue of this journal; this, however, never happened. On the other hand, the request addressed to Serpa Pinto to ensure a recension of the article published by the Director of the journal, José Pérez de Barradas, was accepted and this contribution was indeed published in the aforemen-

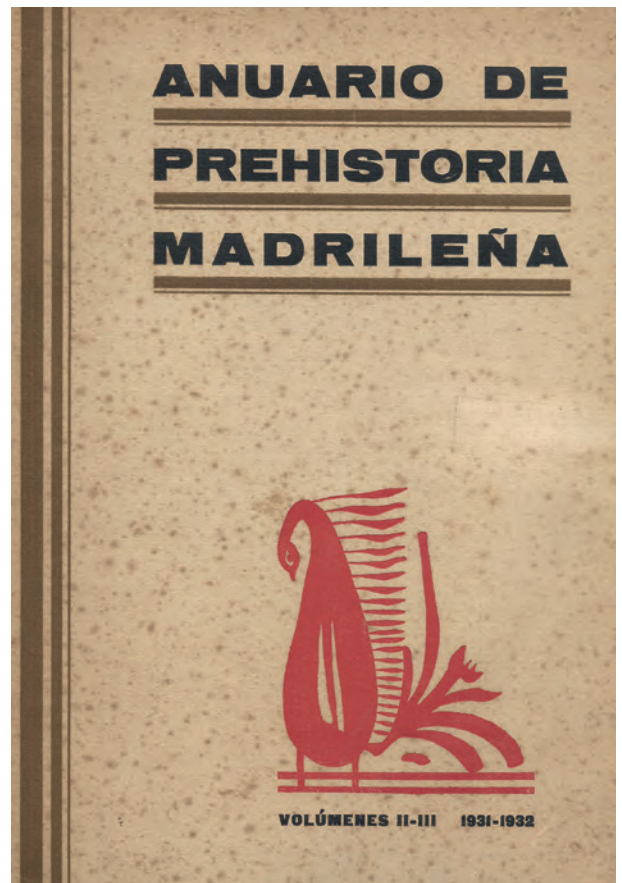


Fig. 37 – Cover of the second and third volumes of the *Anuario de Prehistoria Madrileña* (1931/1932). This publication was directed by José Pérez de Barradas, with Martínez Santa Olalla taking responsibilities as a collaborator. JLC's own exemplar and photo.

tioned issue. It can therefore be concluded that Serpa Pinto would have reacted positively to these requests, as was his style, while the same cannot not be said of the only commitment on the part of Martínez Santa-Olalla.

2.11 – RAU, Virgínia Roberts

2.11.1 – Typed letter, without stamp, dated May 9, 1944 [not inventoried]

Madrid 9 de Mayo de 1944

Serrano, 41

Excma. Sr.a Virginia Rau

Conservadora del Museo de Belem

Mi distinguida amiga y colega:

Desde Madrid es mi gratísimo deber el enviarle a Vd. un saludo y agradecerle las atenciones para con nosotros tanto en Muge en casa de la Marquesa de Cadaval, como después en Lisboa.

Según la la prometí (sic) en Muge tengo el gusto de remitirle algunas publicaciones que espero le sean de utilidad.

Con este motivo se reitera y queda completamente a su disposición suyo affmo. colega y amigo q. e. s. m.

Julio Martínez Santa-Olalla

Comments

Virgínia Rau was an eminent historian specializing in Portuguese Middle Ages. She was a Full Professor at the University of Lisbon, where she undertook a brilliant teaching career, enhanced by her personal research, while providing research opportunities to her students and disciples, duly framed by the centre of which she was the director for many years, and by a journal that achieved international prestige, due to the quality of the published papers. However, the early days of her professional path were dedicated to Prehistory, and one may conclude that, if she did not follow this path throughout her scientific life, it was in large part due to reasons beyond her control (MELO & CARDOSO, 2015). Indeed, at the time of completing her Degree in History, the position of Professor of Archaeology at the Faculty of Humanities was held by Prof. Manuel Heleno, who only much later, in the 1950s, fostered the hiring of an assistant, following the creation of a second curricular unit in this field, called Prehistory, which was added to the previously existing one, simply called Archaeology (CARDOSO, 2013). On the other hand, the work capacity, the commitment, the autonomy and the spirit of initiative of Virgínia Rau were qualities that did not recommend her to be placed in a position under a suspicious and centralist personality such as Manuel Heleno, who, however, always supported her in her scientific path, as long as it was developed in another direction, as indeed happened.

This letter concerns precisely the time when Archaeology attracted Virgínia Rau, and particularly the Palaeolithic industries, which justifies her contacts with Martínez Santa-Olalla, in the scope of her other similar initiatives. It is very likely that the purpose of Martínez Santa-Olalla's was to obtain the future collaboration of Virgínia Rau, also particularly interested in such industries, to which she dedicated interesting papers, all of them published around that time (RAU, 1944; ZBYSZEWSKI et al., 1945/1946; RAU, 1948; RAU & ZBYSZEWSKI, 1946, 1949). In this case, there was a visit to the Mesolithic shell middens of Muge, along with major Palaeolithic sites, of the quaternary terraces of the left bank of the Tagus River (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1945), also of great interest to Martínez Santa-Olalla. In fact, he visited Alpiarça and the quaternary fluvio-marine deposits of the left bank of the river tagus only one month before the writing of this



Fig. 38 – On the terraces with Palaeolithic industries of the left bank of the Tagus, in the region of Alpiarça (14 April 1944). From left to right: Afonso do Paço, Bernardo Sáez Martín, Baltasar de Castro, Julio Martínez Santa-Olalla and Maxime Vaultier. Georges Zbyszewski's archive (Lisboa).



Fig. 39 – In Muge, welcomed by the Marchioness of Cadaval. From left to right: José Cadete (a baker in Muge who recovered Palaeolithic materials in his spare time), Maxime Vaultier, Baltasar de Castro, an unidentified lady, the Marchioness of Cadaval, Virginia Rau, Afonso do Paço, an unidentified lady, Martínez Santa-Olalla and Father Eugénio Jalhay. (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

missive, documented by several field photos, but none of them accompanied by Virginia Rau (Fig. 38). Only one photo are known with Rau, Martínez Santa-Olalla and the Marquis of Cadaval obtained in a different occasion (Fig. 39), during the visit of the Spanish archaeologist to Portugal in April 1944.

2.11.2 – Typed letter, without stamp, dated May 14, 1947 [not inventoried]

14-V-1947

Excma. Sra. Dra. Virginia Rau

75 Av. da Republica

LISBOA

Mi querida amiga y colega:

No sabe Vd. cuanto le agradezco su amabilísima carta tan llena de simpatía como no puede ser mas, y justificándose de forma tan satisfactoria por el ‘desprecio’ que me he hecho por mi felicitación del Doctorado. Ya se que Vd. es incapaz, no conmigo, sino con nadie de tener la menor desatención.

Que es de su vida y sus trabajos? Pasaron ya las contrariedades del disgusto del Doctorado? (por cierto que en realidad no se en que ha consistido este disgusto). No se desanime Vd., puesto que aparte de su gran optimismo y simpatía, tiene Vd. el talento que todavía no ha tenido ningún universitario portugués de nuestra profesión, y Vd. puede hacer una obra valiosa, sobre todo cuando por su independencia personal y social no necesitara jamás doblegarse ante tantas cosas como la vida impone.

Qué cuando voy a Portugal? Supongo que en bastante tiempo no, puesto que a mí, por indeseable y mala persona, no me dejan salir de España ni siquiera de la península. Ahora los únicos que pueden salir y entrar son mis colegas en el poder. Ellos son los sabios oficiales, y no los idiotas como yo, que no podemos ir a ningún sitio. Ya que no puedo ir yo a Portugal, cosa que me agradaría mucho, no deje Vd. de venir a pasar una temporada cuando hagamos alguna excavación, si es que para entonces no me han puesto a la sombra (esto quiere decir en la cárcel) como han pedido algunos compañeros míos con ocasión de los líos de la CIAO, y para seguridad del Régimen.

Es consolador ver la simpatía amistosa que rebosa su carta y la que con frecuencia me testimonian colegas extranjeros y muchos españoles que trabajan con fé y entusiasmo y buena voluntad y que nada tienen que ver con ese juego de ventaja que algunos realizan, con los resortes políticos.

A los buenos amigos de ésa, que creo que tengo algunos y que alguna vez hablaran bien de mí, un afectuoso saludo y Vd. sabe que puede disponer siempre como guste de su buen amigo, colega y admirador.

Comments

Firstly, it is quite interesting to notice the difficulties in Martínez Santa-Olalla's relationships with his Spanish colleagues, in mid-1947, namely those who participated in the 2nd International Conference of Western Africanists (CIAO), held in Bissau, to the point of reporting that some of them wanted him to be imprisoned, which seems to be a plain exaggeration (see Chapter 1 of this paper). And even though he stated that he was prevented from leaving Spain, this was due to scientific limitations, defined by their colleagues, related to the official Spanish representation in the 2nd International Conference of Western Africanists (CIAO), as previously mentioned regarding his correspondence with Mendes Corrêa. However, we would stress that also in 1947 Martínez Santa-Olalla had the opportunity to travel to Lisbon accompanied by his students of the Seminar of Primitive History of Man, after having obtained the required authorization, on January 24, 1947. He gave a

lecture on *The Visigoths in the Iberian Peninsula*, in Beja. Incidentally, the importance of the Visigoth presence in this region had long been known to him and he had illustrated many years before two golden belt clasps set with semi-precious stones, originating from the same region (MARTÍNEZ SANTA OLALLA, 1934). Thus, it is probable that this outburst, made in mid-1947, was more of a protest against a loss of effective power, due to the opposition of the majority of his colleagues; however he maintained his important functions as Spanish Commissioner General of Archaeological Excavations.

This letter is also interesting as it proves his capacity to evaluate Virginia Rau's merits, by recognizing her scientific talent and her autonomy, lacked by others. This autonomy was in fact enabled by her financial and social situation, which Rau always knew how to use to her advantage (MELO & CARDOSO, 2015). The reference to undefined "grief" resulting from her PhD is also interesting. There is nothing to substantiate such allusion. Virginia Rau's PhD was obtained after three days of exams, between January 29 and February 3, 1947. The thesis she defended, titled *Sesmarias Medievais Portuguesas*, was unanimously approved by the panel (op. cit., p. 514). There is, therefore, no evidence of any incident, quite the contrary, except for the fact that as soon as she was offered a position as First Assistant the following day, she gave up teaching at the University of Lisbon, a situation she chose to maintain until 1951 in order to fully focus on research (op. cit., p. 514). Actually, it was a matter of putting her financial situation to good use, as already noted by Martínez Santa-Olalla.

In short, this letter reveals the existence of mutual trust, regard and friendship, both correspondents sharing the enthusiasm and enjoyment of research.

2.11.3 – Typed letter, without stamp, dated May 19, 1947 [not inventoried]

19-V-1947

Srta. Virginia Rau

75, Av. da Republica

LISBOA

Mi querida amiga:

Mi enhorabuena y mis gracias mas expresivas por el amable envio de sus SESMARIAS MEDIEVAES PORTUGUESAS que con gusto y cariño leeré, no sólo por lo mucho que puedo aprender en sus páginas, sino por el afecto y la satisfacción que me proporcione su lectura tratándose de una persona tan inteligente y tan buena amiga como Vd.

Aunque ignoro sus relaciones o falta de ellas con el Museo Etnologico Portugués, le agradecería mucho, si es que a él tiene acceso, me ayudase un poco en mi colación de elementos de trabajo para la HISTORIA PRIMITIVA DE LA AGRICULTURA en nuestra península. En el Museo Etnologico habrá seguramente de aquellas simientes carbonizadas que se encuentran en Lapa de Rotura, en Outeiro da Assenta y en tantos lugares y yacimientos primitivos. Me interesan no solo los frutos y simientes, sino también las maderas, aunque sean en forma de minúsculos carbones. Por cierto que en Muge, en el conchero que juntos visitamos en aquella inolvidable tarde, habían abundantes cenizas y carbones de los que tal vez no le fuese a Vd. difícil lograr muestras lo mas abundantes posible.

En espera de sus noticias y agradecido de antemano por todo cuanto haga por facilitarme esta información, sabe puede disponer siempre como gusto de su buen amigo, colega y admirador q. e. s. m.

(unsigned)

Comments

Virginia Rau's gift of a copy of her doctoral thesis shows her regard for Martínez Santa-Olalla. The latter takes advantage of this situation and asks her to send him samples of seeds and charcoal from the sites represented in the Museu Etnológico, directed by Manuel Heleno (certainly for anthracological analysis, which clearly reveals his updated knowledge). Actually, this subject had already been addressed by Martínez Santa-Olalla in the very first issue of the *Cuadernos de Historia Primitiva*, corresponding to the small monograph titled *Cereales y plantas de la Cultura Ibero-Sahariana en Almizaraque (Almería)* (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946). It is significant that Santa-Olalla did not address the latter, as he should have done, knowing beforehand the probable negative answer he would get. By choosing not to include the director of the Museu Etnológico in this circuit, he was putting Virginia Rau in a compromising situation, which he should be the first to avoid. Likewise, requesting her to go to Muge to collect similar samples to be studied and published by him, a study that was never completed, also shows his failure to comply with the deontological and scientific rules that he should have been the first to abide by, given his official position in Spanish Archaeology.

This request reveals Martínez Santa-Olalla's awareness of the difficulty for any Portuguese archaeologist among his oldest connections to answer affirmatively to these requests. Thus, he took advantage of the presumable availability and complicity of Virginia Rau, less involved in the archaeological procedures. It is not known what steps she may have taken, but it is not unlikely that she did not comply with these requests, as could be expected.

2.11.4 – Typed letter, without stamp, dated January 8, 1949 [not inventoried]

Serrano, 41

Madrid, 8 de Enero de 1949

Excma. Sra. Virginia Rau

Avda. Republica, 75

Lisboa

Mi querida y buena amiga:

Recibo sus letras que me apresuro a contestar y desde luego con sumo gusto prepararemos para el Congreso de Portugal algunas comunicaciones, a sabiendas desde luego de que no nos han de dejar salir de España, ni habremos de tener facilidad de ningún género. La otra dificultad está para enviar nuestras comunicaciones el que nos han denegado las divisas para poder pagar las cuotas de los congresistas que en principio habíamos de hacer las comunicaciones. Para este Congreso no sé si la dije que habíamos pensado llevar para hacer una pequeña exposición unas colecciones de cuaternario del Manzanares que permitieran ver como se plantean y cuál es el estado de los problemas del hombre fósil en el valle del Manzanares.

Me alegra que vuelva Vd. a tranquilizarme sobre la documentación que yo la entregué referente al triste asunto Nairobi-Bisau. A ver si ahora me explico bien. Yo deseo fervientemente que esa documentación que la entregué tenga la publicidad máxima y que la vean cuanta más gente mejor, sobre todo en Portugal, país que tan pésimamente ha quedado conmigo y no ciertamente por culpa de los portugueses; sino de uno o todo lo más dos. Mi mayor satisfacción sería ver estos documentos publicados y yo acaricio la idea de que en el momento que ello sea posible se publiquen, pues es un caso edificante de honestidad científica y de caballerosidad individual. El que apareciese en la cubierta de uno de los documentos el nombre Mendes Correa no quería decir que se los enviase Vd. En dicho documento aparecía el referido nombre porque pertenecía a una

carpeta que en su día iba destinada a dicho profesor, pero que luego, al conocer su actuación, estaba demás el mandársela. No obstante, le puede decir que todos, absolutamente todos los documentos que Vd. tiene y muchos más, los he mandado yo al Sr. Mendes Correa. Si Vd. le mandaba estos documentos ahora podrían ser mal interpretados en su significación y eso es todo. ¿Me he explicado bien? Délos Vd. toda la publicidad, que yo se lo agradezco muy de veras.

Con el afecto de siempre, suyo buen amigo y admirador,
(unsigned)

Comments

This letter deals with two very different situations, both related to scientific meetings. The first concerns the invitation sent to Martínez Santa-Olalla to participate in the International Congress of Geography held in Portugal in 1949, in which he played an important role. It is known that the invitee did not attend, on the previously mentioned grounds of lack of financial support for travel and registration fees. Indeed, it is well-known that in the previous year the difficulties in obtaining foreign currency were real, and the Spanish Institute of Foreign Currency denied the request concerning a travel to Portugal with students from the University of Madrid. The other meeting addressed in the missive had already been the object of previous observations, concerning the 2nd International Conference of Western Africanists, held in Bissau in February 1947. Martínez Santa-Olalla had already complained about the animosity towards him, as stated in comments to the letters sent to Mendes Corrêa and also to Virginia Rau. He now includes among his alleged detractors some Portuguese participants, actually only “one or two”, although he does not name them. He intended to mobilise Virginia Rau to publicise as much as possible the documentation that would apparently compromise some and exalt others; this documentation had already been disclosed to Mendes Corrêa, one of the organisers of the meeting. One cannot understand why he wanted to involve Virginia Rau in an issue that did not concern her, unless she was the only colleague who, in his opinion, was willing to take on such a task. Once again, we can see the lack of confidence in the availability and commitment of the Portuguese archaeologists with whom he was in closer personal contact, such as Eugénio Jalhay, Afonso do Paço or even Abel Viana, to ensure the intended dissemination, which as far as we know never occurred; the fate of the said documents is also unknown. Virginia Rau, as she usually did, did not fail to give him a direct and unequivocal answer, but that did not affect their good relationship.

2.11.5 – Typed letter, bearing the stamp ‘Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras’, dated July 11, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15589.1] (Fig. 40)

Lisboa, 11 de Julho de 1953
Exmo. Sr. Prof. D. Julio Martinez Santa-Olalla
Digmo. Comissário Geral de Escavações Arqueológicas
Apartado 1.039

Madrid

Espanha.

Meu muito prezado Colega e Amigo:

Por motivos alheios à minha vontade só hoje me é possível responder à sua amavel carta de 28 de Maio p. p., e ao convite que por ela me transmite para assistir ao Primeiro Curso Internacional de Arqueologia de

Campo, a realizar em Granada no proximo mês de Setembro. Pela sua cativante amabilidade e pela cordial camaradagem que me testemunha, venho apresentar-lhe os meus mais sinceros agradecimentos e protestos de afectuoso reconhecimento.

Infelizmente, razões de ordem privada e a necessidade de ultimar trabalhos de história que tenho em curso, e que só durante as férias me é dado fazer, impedem-me de aceitar o vosso grato convite.

Bem que em pessoa não possa acompanhar o vosso Primeiro Curso Internacional, em espírito estarei entre vós, nessa tentativa magnifica bem digna do grande Arqueologo que superiormente dirige a Comissaria de Escavações Arqueológicas de Espanha.

Raras vezes e em bem poucos países seria possivel empreender tão completas e interessantes excavações. Mais uma vez a Espanha se mostra no primeiro plano dos estudos e empreendimentos arqueológicos do Mundo. Desde já lhe apresento as minhas felicitações e auguro-lhe todos os triunfos científicos para essas jornadas de campo, que, estou certa, ficarão celebres nos anais dos estudos arqueológicos europeus.

Com os meus votos mais cordiais, e renovando os meus agradecimentos, creia-me sempre colega e amiga dedicada e admiradora grata

Virginia Rau (signature)

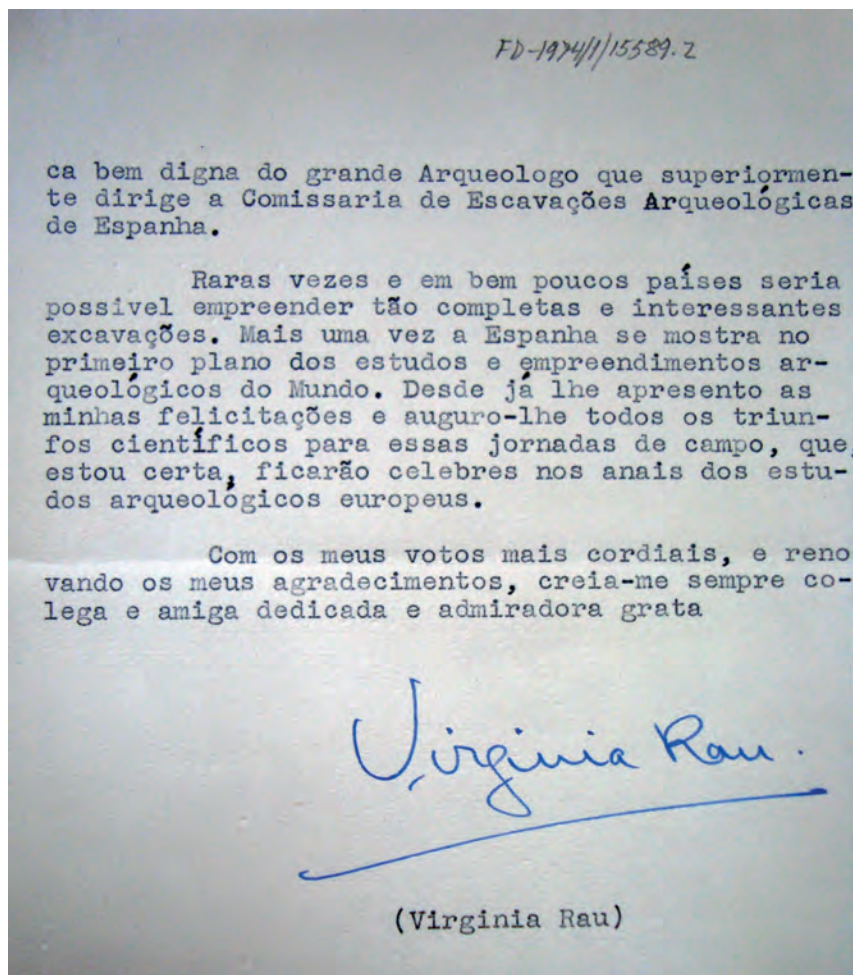


Fig. 40 – Virginia Rau. 2nd page of a typed letter, bearing the stamp 'Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras', signed, dated July 11, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15589.1] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Comments

Virgínia Rau thanks the invitation addressed to her to attend the course sponsored by Martínez Santa-Olalla in Granada, an invitation also addressed by the latter to at least another Portuguese, Afonso do Paço. Still, this thank-you letter is merely formal, and this is emphasised by the emphatically used, somewhat excessive and redundant adjectives. It was the last letter sent by Rau to Martínez Santa-Olalla, according to the material that could be accessed, ending a series of requests by Santa-Olalla that could hardly get the kind of answer he was expecting.

The 1st International Course on Field Archaeology, a very ambitious project, was held in Granada, the birthplace of the Director General of Fine Arts, Antonio Gallego Burín, who inaugurated the course, and involved the simultaneous excavation of four sites during September, 1953: the Chalcolithic settlement of Los Castillejos de Montefrío by Vicente Ruiz Argilés; a megalith of Montefrío by Albert Egges van Giffen, a Dutch; the Bronze Age settlement of Cerro de la Encina de Monachil by Carlos Posac Mon; the Ibero-Roman city of Cerro Cepedo de Baza by Francisco Presedo Velo and Josefina Enguaras, who also specifically received another 30,000 pesetas, and a tomb in the town of Sexi in Almuñécar by José de Calasanz Serra Ráfols. These sites were visited during the course, in the second half of September. The aim was to improve the excavation techniques of a limited number of participating archaeological commissioners, some of which were close to Martínez Santa-Olalla. Another objective was the contact between the commissioners and renowned foreign researchers such as the Welshman Glyn Edmund Daniel, Professor of Archaeology and Anthropology at the University of Cambridge and an expert in aerial photography; the Irishman Sean Patrick Ó Ríordáin, Professor of Celtic Archaeology at the University College Dublin since 1943; Pia Laviosa Zambotti, Professor of Palaethnology at the University of Milan; Carl-Alex Althin and Ernest Sprockhoff. The idea was to imitate a model that had been successful since the beginning of the Ampurias courses in 1947, to which Martínez Santa-Olalla was never invited (MEDEROS MARTÍN & ESCRIBANO, 2011, p. 332).

2.12 – SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos

Handwritten letter, bearing the stamp 'Universidade do Porto / Faculdade de Ciências / Instituto de Antropologia', dated April 9, 1938 [inv. no. 1974/001/1378 – JMSO/5-260] (Fig. 41)

Porto, 9 de Abril de 1938

Exmo Snr. Prof. Santa-Olalla e

Meu Prezado Confrade

O seu bilhete hontem chegado, para o meu director e Amigo o Prof. Doutor Mendes Corrêa, se por um lado nos deu a agradavel notícia de que ainda vive, pois, por falta de notícias receavamos que a horda miseravel dos miseraveis vermelhos o tivessem assassinado como fez a tantas centenas ou milhares de espanhois, por outro lado encheu-nos de horror pelo que nele nos conta.

Lamento do coração as perseguições ignominiosas que os bandidos sem Pátria, sem Deus e sem Lei exerceram sôbre as pessoas de sua família.

Igualmente lamento a perda inestimavel da sua biblioteca, dos seus trabalhos, arquivo da Sociedade de Antropologia, etc. Tudo porém se remedeia de qualquer forma, desde que Deus lhe deu vida. Oxalá tenha sempre saúde, para com as qualidades de inteligência e saber que Santa-Olalla possui, possa dar-nos amanhã excelentes trabalhos em continuação dos ótimos já publicados.



UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE CIÊNCIAS
INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

Porto, 9 de Abril de 1938

ASO/5-260
1974/001/1378

Ex^{mo} Sr. Prof. Santa-Blalla e
meu Vozado Confrade

O seu bilhete hontem chegado, para o meu Director e Amigo o Prof. Doutor Mendes Correia, se por um lado nos deu a agradável noticia de que ainda vive, pois, por falta de noticias receava ^{que} nos a horra miseravel dos miseraveis vermelhos o tivessem assassinado como fez a tantas centenas ou milhares de espanhols, por outro lado encheu-nos de horror pelo que nelle nos conta

Lamento do coração as perseguições ignominiosas que os bandidos sem Pátria, sem Deus e sem Cei exerceram sobre as pessoas de sua familia.

Igualmente lamento a perda inestimavel da sua biblioteca, dos seus trabalhos, arquivo da Sociedade de Antropologia, etc. Tudo porém se remedeia de qualquer forma, desde que Deus lhe deu vida. Oxalá tenha sempre saude, para com as qualidades de intelligência e saber que Santa-Blalla possui, possa dar-nos amanha excelentes trabalhos em continuação dos ótimos já publicados.

Dentro de pouco, esmagada a cavallada comunista uma Espanha grande ressurgirá. Nela e para ela, com a sua intelligência e o seu saber Santa-Blalla ha de trabalhar, contribuindo com o seu esforço e dedicação para o estudo da arqueologia peninsular.

Coração ao alto meu polto amigo, a quem a desgraça tão de perto tem rondado, coração ao alto meu nobre amigo, deve estar próximo o fim da tragedia sangrenta.

Fazendo os mais ardentes votos pela sua saude, lhe envio um grande abraço amigo com um entusiasmo "Viva Espanha" - "Viva Portugal" Santos J^o

Fig. 41 - J. R. dos Santos Júnior. Handwritten letter, bearing the stamp 'Universidade do Porto / Faculdade de Ciências / Instituto de Antropologia', dated April 9, 1938 [inv. no. 1974/001/1378 - JMSO/5-260] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Dentro de pouco, esmagada a canalha comunista uma Espanha Grande ressurgirá. Nela e para ela, com a sua inteligência e o seu saber Santa-Olalla ha-de trabalhar, contribuindo com o seu esforço e dedicação para o estudo da arqueologia peninsular.

Coração ao alto meu pobre amigo, a quem a desgraça tão de perto tem rondado, coração ao alto meu nobre amigo, deve estar próximo o fim da tragédia sangrenta.

Fazendo os mais ardentes votos pela sua saúde, lhe envio um grande abraço amigo com um entusiastico *Viva Espanha – Viva Portugal*

Santos J.^{or} (signature)

Comments

This letter was sent in reply to another one, addressed by Martínez Santa-Olalla to Mendes Corrêa, certainly dated March 1938, which leads us to conclude that it was written in France, before being handed over to the Spanish authorities, on April 16, 1938, at the Hendaye border. Santa-Olalla narrates the grief and losses he suffered, as he did with other Portuguese colleagues, such as Afonso do Paço (see the correspondence transcribed above and corresponding comments). Santos Júnior's anti-communist spirit is evident, and he hastened to reply to Santa-Olalla, regardless of the fact that the addressee of this letter, to whom he was then an assistant, might also do so, thus showing straight away part of his state of mind and solidarity, which was only natural as regards someone who had lost everything or nearly everything.

2.12.1 – Handwritten letter, bearing the stamp 'Instituto de Antropologia da Universidade do Porto', dated June 11, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15649.1 and 2] (Fig. 42)

Porto, 11 Junho 1953

Prof. Santa-Olalla e

Meu ilustre colega e amigo

Recebida a carta de 28 de Maio. Precisamente nesse dia fiz eu em Lisboa uma conferência na Escola Superior Colonial.

Agora com o fim do ano escolar e a preparação do serviço de exames tenho tido muito que fazer. Por isso só hoje respondo à sua carta amiga.

Acresce a circunstancia de ha uns meses me terem entregue a regência da cadeira de Antropologia. Não me falta que fazer. Eu teria muito prazer em tomar parte nas escavações de que fala na sua carta. Para mim seria uma grande lição.

Respondendo à alínea a) direi que só desejaria assistir ao curso de 15 a 30 de Set^o.

Tenho projectado ir ao Congresso de Oviedo que está marcado p^a os últimos dias de Setembro.

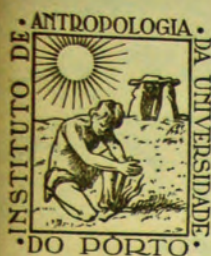
Quanto à alínea b) direi que se o convite for feito por intermédio do Instituto de Alta Cultura e talvez do Reitor da minha Universidade, é possível que eu consiga autorização e verba para a minha ida.

Com o serviço de exames suponho que em 18 de Julho não poderei ir a Granada e acompanhar o Congresso na sua digressão pela Galiza.

Uma pergunta: Diga-me se depois da Galiza vem ao Porto na excursão que no fim do Congresso aqui vem, com passagem por Guimarães e Braga. Estimava saber se vem cá nessa altura para preparar a minha vida e recebê-lo como merece.

Desejando-lhe excelente lhe envia cumprimentos o colega e amigo

Santos J.^{or} (signature)



FD-1974/1/15649.1

Porto, 11 Junho 1953

Prof. Santa-Clalla e
meu illustre colega e amigo

Recebida a carta de 28 de Maio. Precisamente nesse dia fiz eu em Lisboa uma conferência na Escola Superior Colonial.

Agora com o fim do ano escolar e a preparação do serviço de exames tenho tido muito que fazer. Por isso só hoje respondo à sua carta amiga.

Acresce a circunstância de há uns meses me terem entregue a regência da cadeira de Antropologia. Não me falta que fazer.

Eu teria muito prazer em tomar parte nas escavações de que fala na sua carta. Para mim seria uma grande lição.

Respondendo à alínea a) disse que só deixaria assistir ao curso de 15 a 30 de Set.
Tenho projectado ir ao Congresso de Oporto que está marcado p.^o os últimos dias de Setembro.

Quanto à alínea b) disse que se o convite for feito por intermédio do Instituto

Fig. 42 - J. R. dos Santos Júnior. Handwritten letter, bearing the stamp 'Instituto de Antropologia da Universidade do Porto', dated June 11, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15649.1 and 2] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

Comments

This is a reply to a letter from Martínez Santa-Olalla dealing with a question he also posed to two other Portuguese colleagues, i.e. the invitation addressed to Afonso do Paço and Virgínia Rau to participate in a course on Field Archaeology held in Granada in the summer of 1953 (see Comments to the letter of Virgínia Rau dated from 11/7/1953); both of them declined the invitation. As for Santos Júnior, he states that he would be able to attend the course between September 15 and 30, although he subsequently adds that he could not be in Granada on July 18 due to exams. The following letter will clarify this situation, with Santos Júnior stating that he would be available, provided he obtained authorisation and funding from the University of Oporto. Finally, regarding the 3rd National Archaeological Congress, held in Galicia in 1953, in which Martínez Santa-Olalla was involved, Santos Junior states that he will not be able to attend either. Notwithstanding, he was ready to receive the congressmen who would be travelling to Portugal on the post-congress excursion and was available to welcome Martínez Santa-Olalla personally, should he also accompany the congressmen. This question is addressed again in the following letter, which is more clarifying in this respect.

2.12.2 – Typed letter, bearing the stamp ‘Instituto de Antropologia da Universidade do Porto’, dated June 29, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15647]

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Porto 29 de Junho de 1953

Prof. Santa Olalla e meu Ilustre Colega e bom Amigo

Estive ontem em Guimarães com o Prof. Mendes Corrêa para tratar da organização da visita dos arqueólogos espanhóis a quando do Congresso da Galiza. Ali tivemos larga conversa com o Coronel Mário Cardoso:

A Sociedade Martins Sarmiento far-vos-á uma brilhante e amiga recepção, como bem merecem os nossos amigos e colegas espanhóis.

O Prof. Mendes Corrêa dentro de poucos dias comunicará, o que está combinado quanto ao programa em Portugal, à Secretaria do vosso Congresso.

Estimava saber se teremos o prazer da sua visita, pois queria ver se podia ter o prazer de o ver pelo menos a tomar uma refeição na minha casa com mais algum ou alguns amigos nossos que venham também.

Ontem, como lhe disse, estive em Guimarães.

O Coronel Mário Cardozo está na disposição de tomar parte do I.º Curso Internacional de Arqueologia de Campo em Granada. Eu, conforme lhe disse já, também tinha muito prazer de ir trabalhar convosco.

Tanto eu como o Coronel Mário Cardozo temos o apoio do prof. Mendes Corrêa de modo que é bem possível que oficialmente se possa conseguir a nossa ida.

Para isso seria conveniente que a Secretaria do I.º Curso Internacional de Arq. de Campo fizesse uma espécie de convite por intermédio do Ministério da Educação Nacional que poderia ser dirigido a

JUNTA DE ESCAVAÇÕES – Ministério da Educação Nacional

LISBOA

Outro officio, ou cópia do enviado à Junta das Escavações convinha que fosse dirigido ao

INSTITUTO DE ALTA CULTURA – Praça do Principe Real

LISBOA

Desta forma estou que se conseguirá disposição oficial para a nossa ida. Daí, isto é, de Granada, seguiremos para Oviedo.

O Coronel Mário Cardoso envia-lhe cumprimentos.

Não sei se já lhe disse que ha uns 3 meses o Conselho da minha Faculdade me entregou a Cadeira de Antropologia, que venho regendo desde Abril.

Precisamos de estudar a forma de nas férias permutarmos alunos.

Se o meu amigo vier ao Porto, a Braga e Guimarães, ou eu ainda puder ir à Galiza, o que é pouco provável por causa do serviço de exames, havemos de conversar sobre este assunto.

Um grande abraço do colega e amigo

Santos Júnior (signature)

Comments

The tone of this letter clarifies some of the aspects addressed by Santos Júnior in the previous one. Indeed, he confirms his interest in participating, along with Mário Cardozo, in the Granada course sponsored by Martínez Santa-Olalla, attending during the second half of September, to go on from there to the Oviedo Congress. This was the 22nd *Luso-Spanish Congress for the Progress of Sciences*, held in 1953 in the city of Oviedo (Asturias) between September 27 and October 4. In order to do so, it would be necessary to obtain funding for the travel, and administrative instructions were provided to that effect. Since the respective proceedings have not been published, it is not possible to assess the Portuguese participation, namely in the field of Archaeology.

Regarding the participation in the works to be carried out in Galicia within the scope of the 3rd National Archaeological Congress, held in July 1953, Santos Júnior confirms his difficulties in attending due to exam duties in July, although stressing his commitment to welcome the congressmen that would subsequently come to Portugal. This commitment was shared by Mário Cardozo, through the adequate welcome intended to distinguish the congressmen on their visit to Guimarães, which in fact happened, as stated in a previous comment on the correspondence exchanged with Mário Cardozo. To this end, he would liaise with Mendes Corrêa, who was in fact the coordinator of the programme of activities to be held in Portugal in the scope of the said congress.

2.12.3 – Typed letter, bearing the stamp ‘Instituto de Antropologia da Universidade do Porto’, dated August 18, 1953 [inv. no. FD-1974/1/15633]

18 de Agosto de 1953

Prof. Martinez Santa-Olalla e meu

Prezado Colega e Amigo

Tive pena de o não ter visto no Porto a quando da visita dos Congressistas do III Congresso Espanhol de Arqueologia. A minha Universidade recebeu galhardamente os nossos amigos espanhóis. Eu tive o prazer de ver em visita ao Instituto de Antropologia, e seu Museu, um esplêndido grupo de arqueólogos, e entre eles alguns bons amigos que muito prezo e admiro. Repito só foi pena não o ter visto também a si nesse dia conosco.

Desde fins de Julho que tenho passado nada bem com reumatismo. Nos últimos 10 dias muito mal. Levantei-me hoje a primeira vez depois de 5 dias de cama sem poder dar passada. Atrazou-se-me a vida uns 8 a 10 dias. Tenho de ir fazer umas escavações a Picote (Miranda do Douro) onde apareceu um ‘berrão’ de granito em ‘su sitio’. Apareceu no meio duma camara circular com um corredor de alguns metros de comprimento.

Não sei se poderei fazer as escavações, que não devo poder iniciar antes dos primeiros dias de Setembro, a tempo de poder ir a Granada. Se não puder ir, bem pena tenho. Tinha tudo destinado nesse sentido e em 26 seguiria para Oviedo.

De qualquer modo é tão grande o interesse que tenho por ir tomar parte no curso de arqueologia de campo que farei todo o possível para estar em Granada convosco nesses dias, que serão de esplêndido convívio intelectual e de muito proveito.

Por enquanto porém nada posso dizer, nem sim nem não. Desde Abril que me foi entregue a regência da cátedra de Antropologia. O Prof. Mendes Corrêa seguiu no dia 31 de Julho para Madagascar e dali seguiria para Timor, onde começa este ano a trabalhar a Missão Antropológica de Timor. Está em impressão um fascículo dos trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, de modo que não me falta que fazer.

Desejando-lhe excelente saúde lhe envia um abraço o colega e amigo
Santos Júnior (signature)

Comments

This letter gives an account of the success of the post-congress excursion to Portugal attended by the participants in the 3rd National Archaeological Congress held in Galicia in July 1953, which gathered a remarkable number of attendants, both in Guimarães and in Oporto, whose numbers and identities were published in the *Revista de Guimarães* (see comments on the correspondence with Mário Cardozo). On the other hand, as opposed to what he had decided in his previous letter, his participation in the course promoted by Martínez Santa-Olalla in Granada might not be possible, due to the identification of a *berrão* still in its original location, associated with structures whose archaeological exploration would be of the utmost interest. As a matter of fact, this excavation, conducted in 1952 at Cortinha do Puio (Miranda do Douro municipality) by J. R. dos Santos Júnior, resulted in the identification of a *berrão*, presently known as ‘Berrão de Picote’ (SANTOS JÚNIOR, 1975, p. 428), still in its original place of worship, inside a circular enclosure accessed by a corridor, both delimited by masonry walls.

We would also mention the obvious importance Santos Júnior attached to being awarded the course in Anthropology, at the Faculty of Sciences of Oporto, as this is the third time he mentions it in his correspondence. Finally, it is worth mentioning Mendes Corrêa’s expedition to Madagascar, and then to Timor, to begin the sequence of anthropological and archaeological studies that he and his team dedicated to this overseas territory.

2.13 – TEIXEIRA, Carlos

2.13.1 – Typed letter, without stamp, dated September 11, 1950 [not inventoried] (Fig. 43)

Serrano, 41
Madrid, 11-IX-50
Excmo. Sr. Prof. Dr. Carlos Teixeira
Pensao Astoria
Rua Braamcamp, 10, 3º
LISBOA

Mi querido amigo:

Ha recibido su trabajo en colaboración con Mendes Correa que le agradezco muy de veras y que me ha interesado vivamente, pues es el documento mas puro hasta la fecha, no es absolutamente del bronce

Serrano, 41
Madrid, 11-IX-50

Excmo. Sr. Prof. Dr. Carlos Teixeira
Pensao Astoria
Rua Braamcamp, 10, 3º
LISBOA

Mi querido amigo:

Ha recibido su trabajo en colaboración con Mendes Correa que le agradezco muy de veras y que me ha interesado vivamente, pues es el documento mas puro hasta la fecha, no es absolutamente el bronce I mediterráneo mas puro en una comarca en que no cabría pensar ya en tal pureza; ningunos de los elementos típicos faltan y salvo el empobrecimiento natural del medio, podría ser perfectamente el nivel III-IV de Tabernas, en Almería (que excava nuestro Seminario). Es una documentación precisa y del más subido valor histórico y cronológico. Por cierto: ¿por qué no renuncian Vds. de una vez para siempre del término "eneolítico" o fundamentan de una manera conveniente el empleo de tal expresión?. El pomposo acuerdo del Congreso de Almería es una desvergonzada aplicación de mi cronología y sistema, queriendo hacerla pasar como obra de los sabios allí reunidos.....

Muy interesante es la lámina que Vd. da de descubrimientos anteriores conservados en Coimbra, en que aparece ese tan rico y variado conjunto, también rigurosamente típico del neolítico hispano-mauritano, que viene a demostrar una vez más, la falsedad de las antiguas clasificaciones con sus dogmas ya caducados?. ¿Habría modo de lograr aunque solo fuese en préstamo la fotografía original que ha servido para hacer la lámina de la cerámica hispanomauritana?, ¿Sería posible obtener una parte del trabajo de nuestro malogrado amigo Virgilio Correia sobre tales hallazgos?. Mucho se lo agradecería.

¿Que es de un joven estudiante que había descubierto un yacimiento muy rico y típico del I bronce mediterráneo, que dijo ser amigo suyo?. Le escribí una larguísima carta clasificando y dándole mi opinión sobre el yacimiento y fué tan amable que dió la callada por respuesta a pesar de preguntármelo y si mal no recuerdo de pedirle una nota para publicarla nosotros aquí.

Le reitero todo mi agradecimiento por su precioso envío y sabe siempre muy buen amigo y colega.

q. e. s. m.

Fig. 43 - From Martínez Santa-Olalla to Carlos Teixeira. Typed letter, without stamp, dated September 11, 1950 [not inventoried] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

I mediterráneo mas puro en una comarca en que no cabría pensar ya en tal pureza; ningunos (sic) de los elementos típicos faltan y salvo el empobrecimiento natural del medio, podría ser perfectamente el nivel III-IV de Tabernas, en Almería (que excava nuestro Seminario). Es una documentación precisa y del más subido valor histórico y cronológico. Por cierto: ¿por qué no renuncian Vds. de una vez para siempre del término 'eneolítico' o fundamentan de una manera conveniente el empleo de tal expresión?. El pomposo acuerdo del Congreso de Almería es una desvergonzada aplicación de mi cronología y sistema, queriendo hacerla pasar como obra de los sabios allí reunidos.....

Muy interesante es la lámina que Vd. da de descubrimientos anteriores conservados en Coimbra, en que aparece ese tan rico y variado conjunto, también rigurosamente típico del neolítico hispano-mauritano, que viene a demostrar una vez más, la falsedad de las antiguas clasificaciones con sus dogmas ya caducados?.

¿Habría modo de lograr aunque solo fuese en préstamo la fotografía original que ha servido para hacer la lámina de la cerámica hispanomauritana?, ¿Sería posible obtener una parte del trabajo de nuestro malogrado amigo Virgilio Correia sobre tales hallazgos?. Mucho se lo agradecería.

¿Qué es de un joven estudiante que había descubierto un yacimiento muy rico y típico del I bronce mediterráneo, que dijo ser amigo suyo?. Le escribí una larguísima carta clasificando y dándole mi opinión sobre el yacimiento y fue tan amable que dio la callada por respuesta a pesar de preguntármelo y si mal no recuerdo de pedirle una nota para publicarla nosotros aquí.

Le reitero todo mi agradecimiento por su precioso envío y sabe siempre suyo buen amigo y colega

q. e. s. m.

(unsigned)

Comments

Martínez Santa Olalla is referring to the monograph on the caves of Eira Pedrinha (Condeixa), published in 1949 by Mendes Corrêa and Carlos Teixeira, the former focusing on the anthropological study of the exhumed assemblage and the latter on the respective archaeological research. Actually, the most outstanding archaeological remains were the remarkable set of Early Neolithic decorated ceramics, chiefly characterized by impressed and plastic decorations (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949, Fig. 9), which was requested by Martínez Santa-Olalla, since, in his view, it was the purest cultural expression of his “Neolítico Hispano-Mauritano”. Such materials were sold on several occasions to Virgilio Correia, already deceased at the time of writing, and originate from various sites, other than the one explored by Carlos Teixeira in 1945, i.e. a later necropolis, as indicated by the typology of the abundant Late Neolithic and Chalcolithic remains recovered, the latter including Bell Beaker vessels. For this reason, Martínez Santa-Olalla ascribed them to his Mediterranean Bronze I, reproaching Carlos Teixeira for not following his nomenclature, which was widely published in his 1946 *Esquema Paletnológico*. In this regard, he strongly criticises the proposal for the phasing of these periods approved at the 1st National Archaeological Congress, held in 1949 in Almería, which in fact coincides exactly with the one he had previously presented, although his name is not mentioned, which can be partly explained by the fact that he did not attend the congress. This is actually a deeper issue, as the disagreements that separated him from the majority of the most prominent Spanish archaeologists attending the Congress, where they approved the motion that displeased him so much, but which revealed an unexpected harmony with his own phasing and terminology, were long-standing. His displeasure resulted, therefore, from their not having had the manliness of mentioning the inspirer. The following passage concerning this subject is taken from the proceedings of the closing session (Actas, 1950, p. 24): *It is the understanding of the commission that in the present state of our knowledge it would be risky to define more than three major stages for our Bronze Age, beginning with the appearance of metal and ending when the Iberian peninsula was invaded by the people of the urn fields, a time when iron must already have been known, even if it was little used.*

These three stages would be called Bronze I, II and III. Bronze II is intended to cover the whole of the so-called Argaric culture. Bronze I is the equivalent of what has been called Eneolithic, and while recognising the advantages of the latter term, in order to bring the Spanish system in line with what has been generally accepted for Europe, it shall be replaced.

This long transcript shows, in fact, the total coincidence of the criteria approved in Almería with those previously advocated by Martínez Santa-Olalla. Indeed, due to evident contradictions and insufficiencies, such as the total absence of bronze alloys in Bronze I, this terminology was abandoned. Actually, bronze alloys are not even used during Bronze II, being them restricted to the El Argar culture only, according to their original definition; thus, this terminology had no practical application, and soon fell into oblivion, only Bronze III can be admitted as equivalent of the Late Bronze Age.

The young archaeologist whose name is not bymentioned in the letter was surely O. da Veiga Ferreira. The latter had sent a copy of his study on the Buço Preto or Esgravatadoiro necropolis to Martínez Santa-Olalla, in 1947, which he thanked in unusual terms, as transcribed and commented above. Later on, the latter must have written Martínez Santa-Olalla a letter, informing him, among other unknown matters, since this document has not been located so far, of the identification of an important Neolithic or Chalcolithic site, about which Martínez Santa-Olalla gave him abundant information, but he never received a reply from Veiga Ferreira, as he declares in this letter. The documentary research we carried out enabled identifying this site as the Chalcolithic settlement of Penha Verde, in Sintra, which, according to the recovered remains, fits in the Mediterranean Bronze Age I of Martínez Santa-Olalla's nomenclature. Indeed, one can read the following in the first publication on Penha Verde: *In 1949 we were informed by our friend Maxime Vaultier that Mr. Manuel da Silva Claro had collected numerous ceramics and prehistoric instruments on the slopes of the hill situated about 300 metres SSE of the Dom João de Castro chapel, where there is a number of granite quarries* (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, p. 37). Actually, the site proved to be of great importance, being extraordinarily rich in archaeological remains associated with several dwelling structures excavated in the 1950s (CARDOSO, 2010/2011). It is not surprising, therefore, that Martínez Santa-Olalla showed great interest in what he had seen, thus inviting the 'young student' to publish a piece of news in his *Cuadernos de Historia Primitiva del Hombre*, but Veiga Ferreira did not reply. It is unknown whether Carlos Teixeira ever clarified Martínez Santa-Olalla in this respect. Probably not, because about a month later, on November 13 of the same year, a handwritten letter, already published, was addressed to Veiga Ferreira by Joaquim Sellés Paes de Villas-Bôas (CARDOSO, 2008, p. 620, 621), encouraging Veiga Ferreira to answer Martínez Santa-Olalla, by sending him the referred piece of news for publication, obtaining in return remarkable benefits from that collaboration, in terms that leave no doubt as to the task he had received from Martínez Santa-Olalla, once more in intimidating terms: *if in fact you want to make science – and not just make a name for yourself – do not lose contact with Prof. Santa-Olalla. It is clear that for the Council [CSIC] he becomes a felon but his scientific level is unparalleled*. This statement made by Joaquim Sellés Paes de Villas-Bôas in the name of Martínez Santa-Olalla, reveals clearly the unease that existed at the end of the 1940s between the Commissariat General of Archaeological Excavations directed by him and the Spanish National Research Council, where other colleagues were pontificating, and therefore deserves a thorough comment.

José Ibáñez Martín, a former deputy of the Spanish Confederation of Autonomous Rights in 1933 and linked to the National Catholic Association of Propagandists, was appointed Minister of Education on October 10, 1939. The creation of the National Research Council at the end of 1939 was under control of Catholic sectors, particularly Opus Dei, which sought a scientific relaunch of the former Board for the Extension of Studies, within the appropriate ideological channels of the post-civil war period, freeing it from the influence of the Free Institution of Education, under the presidency of José Ibáñez Martín and the secretariat of José María Albareda, a member of Opus Dei since 1937.

The new minister appointed the Segovian Juan Contreras y López de Ayala, Marquis of Lozoya, as the new Director General of Fine Arts. Contreras also belonged to the Spanish Confederation of Autonomous Rights and had been Deputy Commissioner General for the Defence of National Artistic Heritage during the Civil War, and acting Director General, alongside the minister, until 1951. On the other hand, Ibáñez Martín and Albareda assigned the direction of the Diego de Velázquez Institute of Art and Archaeology to the Marquis of Lozoya, with Cayetano de Mergelina as deputy director, while Diego Angulo Iñiguez initially acted as secretary. The Marquis of Lozoya was also Full Professor of History of Latin American Art at the University of Madrid from 1946 onwards. Thus, he was a colleague of Martínez Santa-Olalla at the faculty.

It was the Marqués de Lozoya himself who initially appointed Martínez Santa-Olalla (OLMOS, 1993, p. 48-49) as head of the Section of Iron Age and Roman Hispania Archaeology. However, the Coordinator and Secretary of the CSIC, Father José María Albareda, soon ended up carrying out a restructuring of the Diego Velázquez Institute as the Centre of Historical Studies, which led to the departure of Martínez Santa-Olalla, who was not very akin to Albareda's views.

The conflict initially arose in the Anthropology section, where the journal was renamed *Atlantis. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria y Museo Etnológico Nacional*, so that it would be the mouthpiece of both the society and the Museo Etnológico Nacional, which ended up being integrated into the Bernardino de Sahagún Institute of Anthropology and Ethnology of the CSIC, created in 1941. Nevertheless, Father Albareda and the Marquis of Lozoya considered that articles on prehistory could not be published in *Atlantis* because the *Archivo Español de Arqueología* already existed, and the first issue, no. 15 of 1936-40 had four papers on archaeology out of a total of seven, and eight short pieces of news on prehistory or archaeology out of 14 contributions to the news section. When the society rejected the ultimatum of the president of the CSIC, the Marquis of Lozoya, he resigned as an executive member of the S.E.A.E.P., which he had joined in 1935, supported by members Martínez Santa-Olalla and Pérez de Barradas, and it was agreed to split the two societies (MEDEROS, 2003-04, p. 22).

The tension is well reflected in the harsh and ironic recension that Martínez Santa-Olalla (1941) wrote on the book *Carta Arqueológica de España: Soria* written by Blas Taracena, highlighting many of its shortcomings such as the lack of a map with the findings, the elimination of Bosch Gimpera's quotes, as he had gone into exile, or from Martínez Santa-Olalla himself, his lack of knowledge of languages such as German or English, which is revealed in multiple errors and secondary quotations, etc. This review marks the beginning of a strong personal and institutional confrontation between Blas Taracena, director of the Museo Arqueológico Nacional since March 4, 1940, and Martínez Santa-Olalla, Commissioner General of Archaeological Excavations.

In 1943 the Diego de Velázquez Institute of Art and Archaeology was restructured, Diego Angulo became the director, Blas Taracena was appointed secretary and Antonio García y Bellido was appointed director of the *Archivo Español de Arqueología*. The former Director, the Marquis of Lozoya, was busy enough with the Directorate of Fine Arts; the Deputy Director, Cayetano de Mergelina, with the rectorship of the University of Valladolid, and Diego Angulo needed to relieve himself of work to take on more responsibility for the *Archivo Español de Arte*, whose direction he ended up taking over in 1949.

In 1950, Blas Taracena was still the secretary of the Velázquez Institute of Art and Archaeology of the CSIC, before he died prematurely on February 1, 1951. His demise facilitated the creation of the Rodrigo Caro Institute of Prehistory and Archaeology on May 5, 1951, with García y Bellido as Director and Almagro Basch as Deputy Director.

2.14 – VIANA, Abel

2.14.1 – Handwritten letter, without stamp, dated June 10, 1938 [inv. no. 1974/001/1414 (1 and 2) – JMSO/5-296] (Fig. 44)

Remete: Abel Viana, director do districto Escolar em Faro

Estrada da Circunvalação.

Portugal

Faro, 10 de Junho de 1938

Ex.^{mo} Snr. Prof. Julio Martinez de Santa-Olalla:

O meu bom amigo, Tenente Afonso do Paço, dá-me, de Lisboa, a gratíssima notícia do reaparecimento de V.Ex.^{cia}, dessa verdadeira e feliz ressurreição, porque eu já o supunha para sempre sepultado no inferno da ‘Espanha Vermelha’. Falta-me, agora, saber o que é feito de D. Juan Cabré e do Snr. Conde de la Vega del Sella. Se outras narrativas não bastassem, possa dar uma ideia da trágica situação em que se encontravam, e tantos ainda hoje se encontram, sujeitos ao mais espantoso regime de maldade que ainda se viu em todos os tempos, bastariam os quadros esboçados por Fernandez Flores, nas páginas do ‘Diário de Notícias’. Ainda há poucas semanas, escrevendo eu um trabalho para o boletim do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, a propósito da cerâmica de um **castro** que estudei, reli as lições de V.^a Ex.^{cia}, publicadas no ‘Anuario de Prehistoria Madrileña’, e mais uma vez pensava no destino que V.^a Ex.^{cia} houvera sofrido.

Neste momento, alegro-me em saber que se encontra na histórica e heróica Burgos, legítima capital da salvação e do ressurgimento de Espanha, da verdadeira Espanha, e decerto entre braços amigos que procurarão ajudá-lo a reconfortar-se das felizmente passadas vicissitudes.

Aí está V.^a Ex.^{cia}, junto do glorioso General Franco, pronto a prosseguir em seus trabalhos beneméritos. Daqui sinceramente o felicito e respeitosa e o saúdo. O Tenente Afonso do Paço informa-me de que incendiaram a casa de V.^a Ex.^{cia}; em Madrid, e com ela a biblioteca de V.^a Ex.^{cia}; convida-me a remeter a V.^a Ex.^{cia} alguns exemplares dos humildes trabalhos que eu tenho publicado. Assim o farei, com o mais vivo contentamento, só empanado pelas razões que motivam a oferta. Desejo mandar a V.^a Ex.^{cia} os exemplares que puder, das **separatas** dos meus desvaliosos estudos. Por isso, envio esta carta, um pouco ao acaso, e rogo a V.^a Ex.^{cia} me escreva o mais depressa possível, a informar-me da morada de V.^a Ex.^{cia} (rua e número), em Burgos. Acha-se nessa cidade, como representante diplomático de Portugal, o Ex.^{mo} Snr. Dr. Teotónio Pereira, ilustre homem de estado e meu companheiro no voluntariado da Legião Portuguesa. A ida de S. Ex.^{cia} para Burgos foi, para mim, humilde soldado raso da *Legião Portuguesa*, um dos mais consoladores factos da guerra de Espanha. Viva Portugal! Viva Franco, Viva a Espanha! Vivam a liberdade, a civilização e a dignidade do homem! E viva Salazar, o homem que tem sabido **ver** e **falar**, não só com olhos leais e bôca de verdade, mas também com suprema inteligência do coração humaníssimo, de verdadeiro cristão!

Aguarda a resposta de V. Ex.^{cia} de que é, de V.^a Ex.^{cia}, Obd.^o V.^or e admirador,
Abel Viana (signature)

Comments

It is clear from the date of this letter that Abel Viana only tardily became aware of Martínez Santa-Olalla's situation, who had been handed over by the French government to the Nationalist forces on April 16, 1938, in Hendaye, after being liberated from the Chomérac (Ardèche) concentration camp. It was Afonso do Paço who informed him of this fact, when he asked him to send Martínez Santa-Olalla some separates of his papers,

15/15-296
1974/001/1414(1)

Fmo, 10 de Junho de 1938.

Exmo Sr. Prof. Julio Martínez de Santa-Olalla:

O meu bom amigo, Demétre Afonso do Paço, dá-me, de Lisboa, a gratíssima notícia do reaparecimento de V. E.ª, de uma verdadeira e feliz ressurreição, porque eu já o supunha para sempre sepultado no inferno da "Espumilha vermelha". Faltava-me, agora, saber o que é deido de D. Juan Cabré e do Sr. Emde de la Vega del Selva. Se outras narrativas não bastassem, poma deu uma ideia da trágica situação em que se encontravam, e tanto ainda hoje se encontram, sujeitos ao mais espantoso regime de maldade que ainda se viu em todos os tempos, bastariam os quadros esboçados por Fernandez Flores, nas páginas do "Diário de Notícias". Ainda há poucas semanas, escrevi-lhe eu um trabalho para o boletim do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, a propósito da conclusão de um castro por este deí, nos locais de V. E.ª, publicadas no "Anuário de História Medieval", e mais uma vez pensava no destino que V. E.ª honrou sofrendo neste momento, além de eu saber que se eu

Primeira: Abel Viana, Director do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia.

Fazio

Portugal

Fig. 44 - Abel Viana. Handwritten letter, without stamp, dated June 10, 1938 [inv. no. 1974/001/1414 (1 and 2) - JMSO/5-296] (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

given the destruction of the latter's library and personal archive at his Madrid home, and also at the University of Madrid, during the Civil War.

It is worth noting the strong commitment of Abel Viana regarding the victory of Francisco Franco, of whom he confessed in this letter to be an unquestionable follower, as well as of Salazar; in fact he was a member of the Portuguese Legion. Viana also mentions the Chargé d'Affaires of Portugal at the time, Pedro Theotónio Pereira, as his political fellow and a person of high intellectual standing. Actually, Portugal never appointed an ambassador during the Spanish Civil War, having recognised the Burgos government only after the United Kingdom did so. Shortly after this recognition, Pedro Theotónio Pereira was appointed Ambassador to Madrid on May 20, 1938, and presented his credentials to Francisco Franco on June 20, 1938. Thus, when this letter was written, on June 10, 1938, Abel Viana was not yet aware of this situation.

The letter also mentions two other remarkable Spanish archaeologists, about whom Abel Viana knew nothing at that time: Juan Cabré and the Count de la Vega del Sella.

Furthermore, there is also a reference to a paper written by Abel Viana about *castreja* [pre-Roman] ceramics, which was intended for publication but was never published in the journal *Ethnos*, directed by Manuel Heleno.

In broad terms, the tone of this letter reveals the personality of Abel Viana, strong and committed, able to embrace causes and make them his own, with as much enthusiasm as with the dauntless posture he always maintained throughout his life, of an unbreakable and unselfish dedication to Archaeology (CARDOSO, 2015).

2.14.2 – Handwritten letter, without stamp, dated June 29, 1938 [inv. no. 1974/001/1415 (1 to 4)]

Exc.^{mo} Senhor Professor

Dr. Julio Martinez Santa-Olalla:

A carta de V.^a Ex.^{cia}, hoje recebida, constitui absoluta confirmação da feliz notícia que me foi dada pelo meu amigo Tenente Afonso do Paço. Nada tem V.^a Ex.^{cia}, que agradecer, nem a oferta dos exemplares dos meus humildes trabalhos, nem os meus sinceros cumprimentos por vê-lo a são e salvo, nem os meus protestos de simpatia pela gloriosa Espanha de sempre, hoje baluarte decisivamente vitorioso na luta contra o bolchevismo anti-humano, anti-civilizador. Todos os meus regosijos e aplausos a êste respeito não são mais que manifestação de sentimentos que devo a mim próprio.

Pelo correio de hoje, remeto a V.^a Ex.^{cia} exemplares de algumas **separatas** minhas. Em breve, terei o prazer de enviar a V.^a Ex.^{cia} mais algumas coisas, aliás insignificantes, que actualmente se encontram no prelo.

Há um estudo, respeitante à cerâmica 'castreja', estudo que apresentei ao 'Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia' mas, em vista da morosidade em que decorre a publicação de escritos desta natureza, só daqui a um ano, pelo menos, o poderei ver trasladado a letra impressa. Nesse estudo cito a V.^a Ex.^{cia}, relativamente a um artigo por V.^a Ex.^{cia} publicado no 'Anuário de Prehistoria Madrileña'.

Fico pesaroso, pelo que V.^a Ex.^{cia} me diz de Cabré! Mas, será possível? Cabré era homem religioso; nada o inculcava como espírito tendente a aceitar e perfilhar as extraordinárias doutrinas de Moscovo!

Que haverá, na verdade? Essa feliz e providencial mas crudelíssima guerra deverá ter gerado espantosas tragédias.

Quantos e quantos, debaixo das hordas chacinadoras, organizadas pela crueldade soviética de Madrid-Valência-Barcelona, não se terão visto na necessidade de fingir, para salvarem a própria vida e a dos seus, e até para salvarem, também, institutos que se formavam paciente e longamente, à custa de infinitos trabalhos e constantes dedicações! A quantas atitudes simuladas não deverão sujeitar-se – e com que espantosa

coragem! – alguns que tentem conservar ilesas, das multidões ignavas e ferozes na imposição de seus errados conceitos e criminosos propósitos, bibliotecas, museus e outros preciosos repositórios da nossa cultura, da nossa incomparável civilização?

Deus permita que seja êste o caso de D. Juan Cabré e que a verdade se patenteie com proveito para todos nós! A guerra, ainda mesmo quando guerra-santa, é coisa horrível, sobretudo para os que não podem buscar salvação nas fileiras a que espiritualmente pertencem. Uma coisa é lutar heróicamente e arriscar a vida, ou mesmo sacrificá-la definitivamente, pelo verdadeiro ideal nutrido, outra é suportar terrores e pavores, e humilhantes fingimentos, nas fileiras dos próprios inimigos. Em suma, o futuro nos esclarecerá quanto à verdadeira situação de D. Juan Cabré.

Oxalá se esmague de vez o monstro moscovita, de modo que os homens possam regressar tranquilamente ao trabalho material e intelectual, naquela paz dos homens de boa-vontade que o Divino Cristo preconizou!

É V.^a Ex.^{cia} a primeira pessoa que me dá seguras notícias do salvamento do Ill.^{mo} Conde de la-Vega del Sella. Ainda bem que o ilustre cientista escapou da fúria assassina! Não suponha V.^a Ex.^{cia} que tenho relações pessoais, de intimidade, com o Ex.^{mo} Sr. Dr. Teotónio Pereira. Estive com êle, uma vez em Olhão, outra em Portimão, no Algarve, mas não foi contacto suficiente para Sua Ex.^{cia} fixar, segundo julgo, nem a minha pessoa nem sequer o meu nome.

Êle é meu camarada, porque é meu irmão português, e porque é legionário, soldado voluntário da Pátria, eu como soldado razo, êle talvez no pôsto de oficial, mas ambos igualados no mesmo espírito de patriotismo e de sacrifício. Eu é que lhe vou seguindo, atentamente, a gloriosa carreira de diplomata, e apreciando seus dotes e seus serviços pela Nação. É, indubitavelmente, um talentoso e um bondoso discípulo de Salazar. Feliz escolha foi essa, que o levou como nosso representante na verdadeira Espanha. E é de notar que, fazendo o Dr. Teotónio Pereira tanta falta entre nós, como criador e executor do sistema corporativo que caracteriza a nossa tradicional organização social, houve que dispensá-lo dessa importantíssima tarefa, para lhe dar o encargo da nossa representação oficial na Espanha Nacionalista.

V.^a Ex.^a ao falar com êle colherá a impressão do (????) homem de estado e grande português.

De V.^a Ex.^{cia}, com sincero afecto e respeitadamente, me subscrevo, (????), V. Ex.^{cia} e admirador,
Faro, 29 de Junho de 1938 – dia do Claviculário Celeste.

Abel Viana (signature)

Comments

This letter, dated June 29, 1938, was written only nine days after Pedro Theotónio Pereira had presented his credentials as ambassador, a fact that Abel Viana appreciates, while informing that he did not know the diplomat personally and his relationship with him was only spiritual, since, according to him, both were united by the same nationalist and patriotic feeling.

Regarding the comments about Juan Cabré, it is well-known that there were serious disputes between him and Henri Breuil (CARDOSO, 2006, p. 198; HUREL, 2011), due to the conflict between Breuil and the Marquis of Cerralbo (MAIER ALLENDE, 2006; JIMÉNEZ SANZ & GARCÍA SOTO-MATEOS, 2006; MEDEROS, 2011-2012, p. 242-244). Cabré naturally sided with his patron, which earned him the position of Director of the Museo Cerralbo, established when the Marquis died in 1922, a position he held until 1939, after the end of the Spanish Civil War. Being, like the Marquis of Cerralbo, a Carlist militant of conservative ideology, it is contradictory that he adopted anti-Franco ideals, as apparently revealed in this letter. Actually, he continued to hold important positions after the Civil War, such as head of the Prehistory section of the Diego de Velázquez

Institute, and in 1942 he was appointed Preparator of the *Museo Arqueológico Nacional*, following a competitive examination (DÍAZ-ANDREU, MORA RODRÍGUEZ & CORTADELLA MORRAL, 2009). With regard to the situation of the Count de la Vega del Sella, this distinguished archaeologist and his family were indeed hard hit by the Civil War, and he never published anything afterwards, confirming the decline in this field of studies that was clearly observed from the early 1930s onwards (ANDUJAR POLO, 1956).

We would also mention the peculiar way of explaining that this letter was written on Saint Peter's Day, which is a rather uncommon idiosyncrasy in Abel Viana, as his straightforward way to deal with all issues contrasts with the use of such an expression of "erudition".

3 – FINAL REMARKS

Julio Martínez Santa-Olalla showed a special interest in archaeology since he was a high school student, taking part in regular visits to archaeological sites, especially in Burgos, where he regularly met Father Jalhay, and in Menorca. Due to the constant reassignments of his father, the future General Martínez Herrera, he attended his first university academic year in 1923-24 at the Central University of Madrid, where he met Hugo Obermaier. The following year (1924-25), he attended his second year in Barcelona, where he was a student of Pedro Bosch Gimpera; these were the two best Spanish prehistorians at the time. Following his graduation, and recommended by both of them, he obtained a four-year lectureship in Spanish at the University of Bonn (Germany) between April 1927 and July 1931, a stay that provided him with an international education that was unusual back then. At the same time, he experienced the rise of Nazism and was strongly influenced by the Indo-European theories of Gustaf Kossinna. Although he was more interested in prehistory, but aware of the German interest in the expansion of the Germanic peoples, when he began his first excavations at the age of 26, in 1931-33, he did so at the Visigoth necropolis of Herrera del río Pisuerga (Palencia). Upon his return to Spain, he became Hugo Obermaier's assistant between 1931-32 at the Central University of Madrid, rising to Assistant Professor between 1932-36 and extending his network of relations as secretary of the Spanish Society of Anthropology, Ethnography and Prehistory since 1935 and coordinating the reviews section of the *Anuario de Prehistoria Madrileña*. This path culminated in March 1936, when he obtained the Chair of Archaeology of the University of Santiago de Compostela at the age of 30.

Without the outbreak of the Civil War, he would certainly have had a sound scientific career, probably returning to Madrid, which he was reluctant to leave in 1936, to take up his professorship. However, the end of the war accelerated his career when his two patrons went into exile, leaving the chairs in Madrid and Barcelona vacant. Hugo Obermaier went to Switzerland, as he had already resigned his Berlin professorship in 1932 to remain in Madrid in view of the Nazi penetration of German universities, and Bosch Gimpera initially went to the United Kingdom. Martínez Santa-Olalla's Falangist militancy, the shooting of his brother by the Republicans, being the son of a Nationalist army officer, having been imprisoned in Madrid in 1936 and later taking refuge in the French embassy in 1937, were all factors that confirmed him as a professor aligned with the Nationalist cause, which led to his appointment in the summer of 1938 as Subsecretary of the Ministry of National Education. This position in the Burgos government allowed him to propose and achieve in March 1939, still during the war, the creation of a version of the Archäologisches Institut des Deutschen Reiches, which he called the National and Imperial Archaeological Institute, an initial objective that was finally scaled down to the Commissariat General of Archaeological Excavations. This agency, which inherited the competences of the Higher Board of Excavations and Antiquities, controlled the archaeological excavations in Spain

between 1939 and 1955. At the same time, he held the Chair of Primitive History of Man at the University of Madrid between 1939-54.

The call for candidates and the loss of the chair in November 1954 and his dismissal as Commissioner General in December 1955, when the Commissariat General of Excavations was suppressed, marked the beginning of his institutional decline. This forced him to move away from Madrid, first to the Chair of Art History at the University of Zaragoza in September 1955 and then to the Chair of Ethnology and Prehistory in Valencia in February 1958, while focusing on the excavations of the Roman city of Carteia between 1952-61 (Cádiz). The Commissariat General was replaced by an Advisory Board of Archaeological Excavations, which already included the twelve professors of Prehistory and Archaeology, although Martínez Santa-Olalla managed to retain a position as Chief Inspector General and Vice-President of the Advisory Board, which still allowed him to control its extensive network of provincial and local commissaries.

From a scientific point of view, his decline had begun a decade earlier, absorbed by the bureaucracy of the Commissariat General of Archaeological Excavations, having published his last book on the first field seasons at the Argaric site of La Bastida de Totana (Murcia) in 1947. His last article exceeding 10 pages was published in 1947 and his last participation in a scientific congress happened in 1946, the final outcome of 10 years without any updating, since the outbreak of the war. Nevertheless, he conducted regular fieldwork between 1941-46, particularly in Morocco and the Western Sahara, until the victory of the Allied countries led the Ministry of Foreign Affairs to withdraw their support. He therefore focused his excavations on the Chalcolithic and Bronze Age of the Iberian southeast until 1953, particularly at La Bastida and Terrera Ventura (Almería), while maintaining his Africanist interests through fieldwork carried out in the Canary Islands until 1948.

Martínez Santa-Olalla's relationship with the leading Portuguese archaeologists of his time, between 1930 and 1950, his main period of activity, was marked by the complex political situation in Europe before the middle of the 20th century, namely the Spanish Civil War (1936-1939) and World War II (1939-1945), with severe post-war economic and political crises that made international contacts difficult. On the other hand, the preserved correspondence was affected by Martínez Santa-Olalla's own circumstances: he lived in Bonn for several years (1927-1931), moved to France in 1938 and was interned in several concentration camps. Sometimes his personal correspondence does not include the original letters, but copies or drafts of the sent correspondence, which means that what is available is a fragmentary but very relevant sample of his personal and professional relations with Portuguese archaeologists. Given this context, there are several aspects worth highlighting in these contacts:

- 1) His global vision of the prehistory of the Iberian Peninsula, on a peninsular scale, overcoming provincial and local frameworks, unlike many of his counterparts, so that Portugal was an important part of his approach and required reading the literature produced by Portuguese archaeologists. This point of view is also reflected when he advocated, in a 1951 letter to Mário Cardozo, the need to hold joint congresses on a peninsular level, with every third meeting being held in Portugal.

- 2) There was a very early relationship with Portuguese colleagues, beginning with the Jesuit Father Eugenio Jalhay when he was working in Spain, at least from 1921 onwards, and that was undoubtedly at the origin of his affirmation as an archaeologist, when he was still living in his native village of Poza de la Sal (Burgos), which helped him to pay attention to Portuguese research from an early stage. It cannot be said that these contacts with Portugal were linked to his position as Commissioner General of Excavations in Spain from 1939 onwards, as he joined the Association of Portuguese Archaeologists in March 1934 and the Portuguese Society of Anthropology and Ethnology in June 1938. Later on, in 1944, this institutional connec-

tion to Portuguese Archaeology was strengthened with his election as a correspondent member of the prestigious Martins Sarmiento Society, of Guimarães. He also wanted to put this collaboration into practice by inviting Afonso do Paço, Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior and Virgínia Rau, who were ultimately unable to attend, to take part in the excavations carried out during the 1st International Course on Field Archaeology, held in Granada in 1953.

3) He shows a clear interest in two periods of Portuguese prehistory, the Chalcolithic, which he refers to as Bronze I, following the contemporaneous Anatolian terminology, Early Bronze Age I-III, in line with his hypothesis concerning the *Anatolian-Aegean and Eastern Origins of the Spanish Mediterranean Bronze Age*, following the end of Uruk or Final Chalcolithic 4 -5, in 3100 BC; and in a period that he was the first to reassess, the Atlantic Late Bronze Age, whose analysis is impossible without an adequate assessment of the Portuguese record. His personal relationship since his period of formation as an archaeologist with Father Jalhay allowed him to follow-up the excavations of Vila Nova de São Pedro from the beginning and whose results he tried to confirm in the Iberian southeast through several field seasons conducted at Terrera Ventura (Tabernas, Almería) and in specific testing at Almizaraque (Cuevas del Almazora, Almería) or at the 'fortín 5' of Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería).

The importance he attributed to this remarkable fortification of the Western Iberian Peninsula led him to write a manifesto for its protection and enhancement, along with his friend Afonso do Paço, which was presented to the 4th International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences, held in Madrid in 1954, in which he played an important role. Although this manifesto did not have any effect on the Portuguese authorities, as would have been expected, it gathered support from many other important congressmen, including the eminent Marxist archaeologist V. Gordon Childe, as he ironically refers, given his political path that left no doubt in anyone's mind. In fact, scientific production can prove to be independent of the political choices of its authors.

Regarding the Atlantic Bronze Age, he supervised his student, the Irishman Eoin MacWhite, who made important contributions in his PhD thesis, although the latter eventually turned to the diplomatic sphere, to which his father belonged, becoming Irish Ambassador to Australia and Holland, and his work was not continued. Concerning the Late Bronze Age, one aspect in which Martínez Santa-Olalla showed special interest was goldsmithing, right from the beginning with regard to the Estremoz bracelet, and later on the Guimarães bracelet or the Chalcolithic gold pendants from the Ermegeira hypogeum. He was also very interested in the treasure room of the Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos, in Lisbon, which he was able to visit in April 1944. But access to the study of the objects depended on Manuel Heleno, who was very reserved when it came to the collections. On the other hand, Heleno himself was planning to write a monograph on Lusitanian goldsmithing, as he pointed out in a 1948 letter to Martínez Santa-Olalla, but he never actually wrote it.

Finally, he was also interested in the Visigoth and Suevian presence in Portugal as part of his research on the Germanic invasions, which was the subject of his research that most interested Nazi Germany, and even the SS-Reichsführer Heinrich Himmler wanted to visit his excavation of the Visigoth necropolis of Castiltierra (Segovia) in 1941.

4) Yet another element worth highlighting is the ideological proximity that, due to its Falangist positions and support of Nazi Germany, had its counterpart in Portuguese colleagues with a conservative and Christian ideology such as Abel Viana, Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, António Machado de Faria de Pina Cabral, Afonso do Paço or even Father Jalhay, S.J., with his 1938 *Arriba España!*

5) His good relationship with Portuguese women archaeologists, such as Maria de Lourdes Costa Arthur or Virgínia Rau, is also worth mentioning. As a matter of fact, Martínez Santa-Olalla also had good relations with other international researchers whose work he supported and published, such as Miriam Astruc, from a French Jewish family, Pia -Laviosa- Zambotti from Italy, or Ilse Schwidetsky from Germany.

6) A common feature of this post-war period was the lack of resources and professionals in both countries, perhaps more acute in Portugal, due to the smaller number of universities and museums and consequently to an officially weaker and more centralized archaeological research. In Spain, centralization took place through the Comissariat General of Archaeological Excavations, directed by Martínez Santa-Olalla, with remarkable power and autonomy throughout the 1940s, specially in the first half before the end of the Second World War. It was only from the beginning of the 1950 decade onwards, following the creation and reinforcement of the Higher Council of Scientific Research (CSIC) since 1939, both agencies being subordinated to the Ministry of National Education, that Martínez Santa-Olalla started to have difficulties in affirming himself, since a good part of the most important university professors of archaeology did not agree with his principles of action. Even so, and due to fieldwork and publication, archaeological research was relatively polarised in the universities, some of which regularly published prestigious archaeological journals. In Portugal the situation was much more vulnerable: officially, the National Board of Education was the agency that supervised archaeological activity in Portugal, as a consulting entity of the Ministry of National Education, which regulated the archaeological activity. But its financial resources were much more limited and archaeologists tried to overcome this shortage by resorting to other possible sources of funding, especially the Directorate General of National Buildings and Monuments, which occasionally supported a few archaeological excavations, e.g. at Vila Nova de São Pedro and Conimbriga. Right where the two Full Professors who combined university teaching and the direction of institutions associated to the respective Universities: Manuel Heleno, in Lisbon, directing the Museu Etnológico Português, attached to the Faculty of Humanities of Lisbon, and to which Virginia Rau was related, and António Mendes Corrêa and his assistant J. R. dos Santos Júnior, in Oporto, in the scope of the Institute of Anthropology, annexed to the Faculty of Sciences of Oporto and, afterwards, of the Centre of Peninsular Ethnological Studies, financed by the Institute for High Culture. All of them kept a correspondence with Martínez Santa-Olalla, although it has only been possible to access one letter from Mendes Corrêa within the set kept at the Museo de San Isidro.

Outside these two restricted university circles, only two public services undertook activities of a continuous nature and on the basis of initiatives resulting from their own competences in archaeology: the first is the University of Coimbra, where only Virgílio Correia regularly devoted himself to archaeology, through the excavation campaigns he conducted in the Roman city of Conímbriga, where he was preceded by Amorim Girão, whose most important work in the field of archaeology, titled 'As Antiguidades pré-históricas de Lafões', published in 1921, heralded a long and prestigious career as geographer and university professor. It is quite interesting to note that, during his stay in Coimbra (Fig. 45), Santa-Olalla gave a lecture at the University, which was attended by the two aforementioned professors, as we shall see further on.

From the beginning of the 1940s onwards another institution devoted to the study of prehistoric archaeology appeared in Portugal, the Geological Service of Portugal (SGP), with a long tradition in this research field. The contributions of Henri Breuil, during his stay in Portugal, between April 1941 and November 1942, were very relevant for the said archaeological activity. A visit to the archaeology gallery of the SGP museum was an absolute must, and Martínez Santa-Olalla knew it well, as can be seen in the letter sent to Afonso do Paço on July 1, 1957, which is important because it shows that, despite the setbacks in his career as an



Fig. 45 – Júlio Martínez de Santa-Olalla photographed in Coimbra, in rua da Couraça da Estrela, near the former building of the Civil Government of Coimbra overlooking the Mondego River, on April 19, 1944, when he gave his lecture at the Faculty of Humanities of Coimbra, chaired by Aristides de Amorim Girão (Fondo JMSO/Museo de San Isidro) and a present-day photograph of the same spot (photo by Raquel Vilaça).

archaeologist, he remained firm in his scientific convictions and committed to defending them, in this case along with one of his best Portuguese friends.

In any case, the archaeological research carried out in Portugal during the period covered by the correspondence published herein was essentially based on the work of isolated individuals, using only their own resources, or alternatively organised around private associations, the Association of Portuguese Archaeologists, in Lisbon, and the Martins Sarmiento Society, in Guimarães, being the most important ones, as clearly demonstrated by the letters to and from Afonso do Paço and Eugénio Jalhay, in the first case, and Mário Cardozo, in the second case. The representatives of both societies also had seats in the supervisory body of Portuguese archaeological activity. In this context, it is important to note that all of them maintained close contacts with Martínez Santa-Olalla, also interacting among themselves, as evidenced by the photographs taken during the visit to the city of Guimarães and the Citânia de Sanfins, in April 1944, where they socialised with members of the board of directors of both institutions (Fig. 46). Manuel Heleno was left out of this tour. As director of the Museu Nacional de Arqueologia, he had always maintained tense and difficult relations with both institutions. Martínez Santa-Olalla knew this and, in a letter to Mário Cardozo dated January 30, 1935, he does not hesitate in expressing his disagreement with the centralist policy practiced by the Museu Etnológico under Manuel

Heleno's direction: 'It is an irritating museum, with this barbaric and stupid statute that forces the novelties to be published by the establishment. I wonder what they mean by novelties. Where would science be if this were the case in all museums'.

This situation was the remnant of the legislation that had been in force until very recently, and that determined the priority of the aforementioned museum to intervene in archaeological explorations resulting from random finds. However, this legislation had been repudiated by all the most prominent Portuguese archaeologists, in a statement presented to the Minister of Education, on May 23, 1932, which produced the desired effects. Indeed, the competences previously assigned to the Museu Etnológico were transferred to a collegial body created by the Decreto-Lei no. 23 125, of October 12, 1933. This new body included representatives of all the most relevant institutions that conducted archaeological research, and also the director of the Museu Etnológico but only as a voting member (CARDOSO, 1999). Thus, the previous privileges were lost, but the director of the Museu Etnológico was still competent to intervene in the acquisition of archaeological remains and in the management of their study. Such remains could be left without studying for an undetermined period of time, as was the case of the golden jewels of Estremoz, the reason for Martínez Santa-Olalla's outburst in the letter to Mário Cardozo.



Fig. 46 – At the baths identified in the Citânia de Briteiros during the 1930 excavations; this photo was taken during a visit on April 21, 1944. From left to right, below: Alberto Vieira Braga (from the board of the Martins Sarmiento Society), Joaquim Sellès Paes de Villas Boas (from the Alcaldes de Faria Group, a friend and collaborator of Martínez Santa-Olalla), an unidentified individual, Father Eugénio Jalhay and Eduardo d'Almeida (President of the Martins Sarmiento Society). Above: Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Baltasar de Castro and Martínez Santa-Olalla (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

There were few archaeologists left outside the relatively closed circle of those institutionally framed by civil society organisations with competences in this field: this was the case of Carlos Teixeira, who, at the date of the letter sent by Martínez Santa-Olalla, had just been appointed Full Professor of Geology at the Faculty of Sciences of the University of Lisbon. Afterwards, Teixeira's conduction of archaeological research became residual, after having acquired an important role, which did not prevent the publication of the important monograph on the Neolithic and Chalcolithic necropolis identified in the cave of Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova), the subject of a long letter from the Spanish archaeologist. Another archaeologist who was then in the same circumstances was Abel Viana, who at the time of his correspondence with his Spanish counterpart, was living in Faro, working as a primary school teacher. By then, Viana was not connected to any archaeological structure that could officially support his activity, although he already had a considerable archaeological curriculum, which would be enhanced a short time later following his transfer to Beja.

7) It is in this context that one can perceive the importance of Martínez Santa-Olalla's journey to Portugal, in April 1944, when he had the opportunity to meet and in some cases get to know personally many of his former correspondents, who felt empowered by their interactions with Santa-Olalla. Indeed, the by then Full Professor of the University of Madrid held the important position of Commissioner General of Archaeological Excavations, and was also the founder and director of the Seminar of Early History of Man, at the time attached to the University of Madrid, which gave him remarkable power, both in terms of archaeological heritage management, and in the assignment of essential funds for field and desk work, as well as in attracting students who could later follow a career in the field of archaeology. This situation was to change at the end of the 1940s, as he was gradually challenged by some of his colleagues, with whom he had to compete directly. Proof of this unease is his reaction to the administrative and financial difficulties raised over his participation in the 2nd Congress of the *Conférence Internationale des Africanistes de l'Ouest (CIAO)*, held in Bissau in 1947, impressively reported in his correspondence with Mendes Corrêa and Virgínia Rau. These difficulties continued in 1949, when the 5th Archaeological Congress of the Southeast was held in Almeria, as expressed in letters addressed to Carlos Teixeira and O. da Veiga Ferreira. This situation persisted, even more evidently, throughout the 1950s, and is reflected in the correspondence published herein. This is what can be inferred from a letter sent to Afonso do Paço thanking him for the impartial manner in which he reported the reception, at the premises of the Seminar of Early History of Man, of the participants of the 4th International Congress of Prehistoric and Proto-Historic Sciences, held in Madrid in 1954; it is to be understood that his actions met with some reservations on the part of his opponents, as mentioned in this letter

Martínez Santa-Olalla's visit to Portugal in 1944 corresponded, therefore, to the final phase of his full capacity of intervention as a professor, and as a leader, still noticeable when he visited Portugal again in 1947. Both were important opportunities for Martínez Santa-Olalla to demonstrate in Spain the prestige he enjoyed in the eyes of the Portuguese authorities, who welcomed him with the greatest deference, thus enhancing his image and prestige in his own country. This is proven by the permanent assistance he received on his tour of central and northern Portugal, always accompanied by the Director-General of National Buildings and Monuments, architect Baltasar de Castro, as can be seen in the attached set of photographs, nearly all of which are being published herein for the first time.

Thanks to newspapers that daily or almost daily published the activities or interventions of Martínez Santa-Olalla during his journey in Portugal, between April 13 and 27, 1944, along with other informations, carefully compiled (CARVALHO, 1989), it has been possible to follow his presence in Portugal, accompanied by Bernardo Sáez Martín, an archaeologist and his collaborator in the Seminar of Primitive History of Man. Thus,

on the day of his arrival, and on the following day (April 13 and 14) he visited the artificial caves of Quinta do Anjo, Palmela (Fig. 47) and left for Muge, where he was welcomed by the Marchioness of Cadaval, who hosted him (Fig. 39). There, he visited the local shell middens, the Palaeolithic sites of Alpiarça (Fig. 38) and the settlement of Vila Nova de São Pedro, and was photographed in a nearby Ribatejo village, while resupplying provisions (Fig. 48). The following day he visited the museums of the Geological Services of Portugal and of the Association of Portuguese Archaeologists, in the old Convent of Carmo, both in Lisbon. On the 16th, he toured the surroundings of Lisbon; photographic records show him at the artificial caves of Alapraia, Cascais (Fig. 49) and at the Alto do Cidreira site, Cascais (Fig. 50). On the 17th, he stayed in Lisbon, visiting the Museu Etnológico, where he was oddly not received by Manuel Heleno, but by the curator Luiz Chaves and the Museu Nacional de Arte Antiga, where he was welcomed by its Director João Couto. On the 18th he left for Coimbra, where he gave a lecture the following day at the Faculty of Humanities, chaired by Aristides de Amorim Girão and attended by Virgílio Correia (Fig. 45). The subject of the lecture was one that he had been researching for a long time: 'A indo-europeização da Península Ibérica à volta de mil anos a.C.'. On April 20 he continued his journey northwards, giving another lecture at the Faculty of Sciences of the University of Oporto, titled "Os Visigodos na Península Ibérica segundo a Arqueologia", which was reported in the news published at the time (CORRÊA, 1945/1946, p. 250) as having been given on April 22. This subject was very dear to Martínez Santa-Olalla, who had been studying it since the beginning of the previous decade, as evidenced by his two 1934 syntheses (Fig. 51) (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934 a; 1934 b), inspired and motivated by more comprehensive works, particularly Hans Zeiss' study (ZEISS, 1934) (Fig. 52), following the political importance granted by the German government to the study of this subject. The arrival in Guimarães happened on the 21st, visiting the Citânia de Briteiros, where a group photograph was taken near the pre-Roman baths, identified in the 1930 excavations by Mário Cardozo, and which had been mistakenly classified as a funerary monument for many years (Fig. 46). He was received in Guimarães by the board of the Martins Sarmiento Society, with whom he was also photographed near the monument to Francisco Martins Sarmiento (Fig. 46), and was raised to a corresponding member of this society, as mentioned above.

He returned to Lisbon on April 22 and visited the city during the following day. After visiting Alenquer and its museum, on the 24th, he gave a lecture, on the 25th, at the Association of Portuguese Archaeologists on the applications of aerial photography in archaeology. On the 26th, he returned to the Museu Etnológico where he was received by Manuel Heleno, and, finally, on the 27th, he returned to Madrid.

To sum up, this visit of Martínez Santa-Olalla to Portugal was the most important of all. He had been in Portugal before, as shown by the fact that he was already a member of the Association of Portuguese Archaeologists, whose diploma was lost during the Spanish Civil War, and the then Secretary General of the Association, Dr. Machado de Faria, promised, on April 12, 1938, to send another copy.

There is a reference to another short journey to Portugal in January 1945, on his return from the 1st CIAO Conference, Conférence Internationale des Africanistes de l'Ouest, held in Dakar between January 19 and 25, 1945. This information, provided by Mendes Corrêa (CORRÊA, 1945/1946, p. 256) is corroborated by his signature on a sheet of paper bearing the stamp of the Hotel Palácio, in Estoril, glued into the visitors' book of the Museu Condes de Castro Guimarães and dated February 4, 1945.

After having lost the possibility of coming to Portugal in early 1946, as was his wish, expressed in his letters of October 3 and December 22, 1945 to Manuel Heleno, he only returned to Portugal in 1947, to give a lecture in Beja, on Visigoth jewellery, but his visit was certainly not limited to this initiative only. Information is scarce so it is not advisable to accept this possibility without any doubt.



Fig. 47 – Inside the chamber of artificial cave no. 1 of Casal do Pardo, Quinta do Anjo, Palmela, during a visit on April 14, 1944. From left to right, Maxime Vaultier, Afonso do Paço, Martínez Santa-Olalla and Bernardo Sáez Martín (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).



Fig. 48 – On the way to Vila Nova de São Pedro, during a visit on April 14, 1944. Resupplying provisions. From left to right: Martínez Santa-Olalla, Bernardo Sáez Martín and Afonso do Paço (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).



Fig. 49 – Above: Martínez Santa-Olalla with Bernardo Sáez Martín, in the vestibule of artificial cave no. 4 of Alapraia (Fondo JMSO/Museo de San Isidro). Below: Martínez Santa-Olalla in the passage connecting the chamber to the vestibule of the same artificial cave, visited on April 16, 1944 (in CARDOSO, 2019, Fig. 5, photo courtesy of José d'Encarnação).



Fig. 50 – At Alto do Cidreira, Cascais, on April 16, 1944. From left to right: Afonso do Paço, Bernardo Sáez Martín, an unidentified individual, Father Eugénio Jalhay, Baltasar de Castro, Martínez Santa-Olalla, an unidentified individual and Abreu Nunes (photo courtesy of José d'Encarnação).

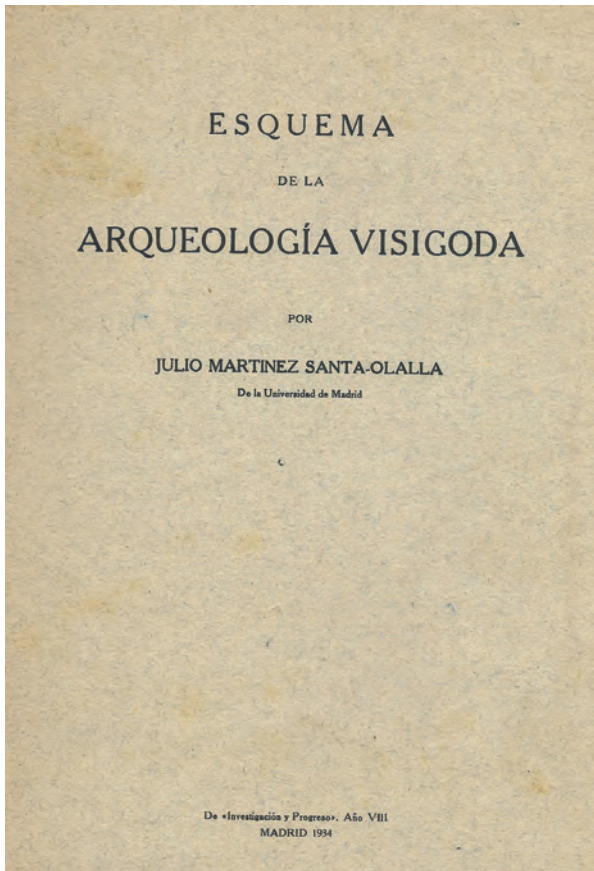


Fig. 51 – Cover of the paper of one of Santa-Olalla's overviews on the Visigoth presence in the Iberian Peninsula (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1934 b). JLC's own exemplar and photo.

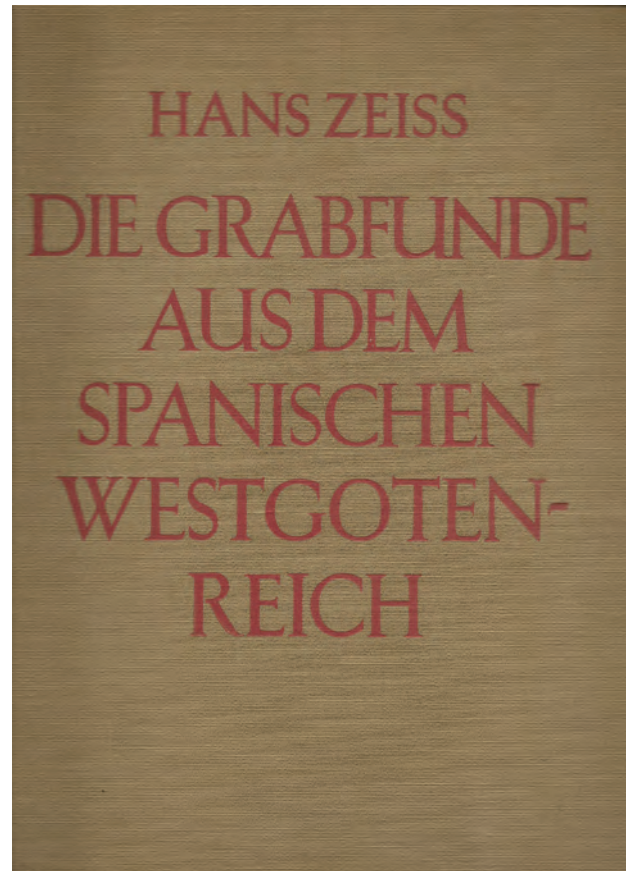


Fig. 52 – Cover of Hans Zeiss' book on the Germanic presence in the Iberian Peninsula (ZEISS, 1934). JLC's own exemplar and photo.

In any case, one can conclude that Portuguese archaeologists always welcomed him in an extraordinarily cordial way, sharing unconditional solidarity and the same ideology, so clearly expressed from the moment they became aware of his handover to the nationalist authorities at the Hendaye border, on April 16, 1938. This cordiality was maintained throughout the following years, and he even tried to increase the number of his Portuguese supporters, as was the case of O. da Veiga Ferreira, to whom Santa-Olalla sent autographed studies (Fig. 53), in exchange for others he had received, although without success, since the intended collaboration was never established.

There is no doubt that he felt among friends in Portugal, as he would hardly have felt in Spain, free of the conventions and limitations that were permanently imposed on him by his hierarchical position, as some of the images recorded at the time clearly show (Fig. 54).

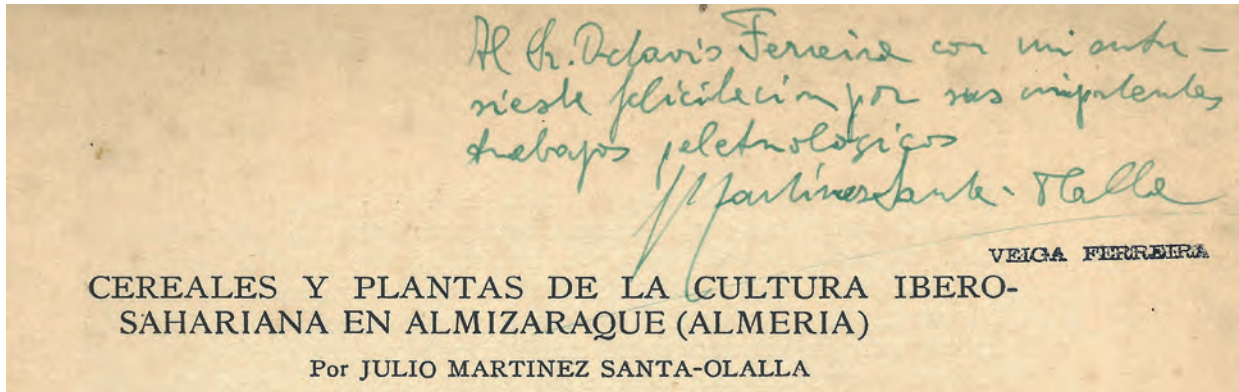


Fig. 53 – Dedication to O. da Veiga Ferreira on a study published in 1946 (MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, 1946 b). JLC's own exemplar and photo.



Fig. 54 – In Alenquer, on April 24th 1944, with Hipólito da Costa Cabaço (second from the left, standing and flanked by Baltasar de Castro and Eugénio Jalhay, while Martínez Santa-Olalla is sitting leisurely on the floor, flanked by Afonso do Paço, on his left (Fondo JMSO/Museo de San Isidro).

ACKNOWLEDGMENTS

The authors would like to thank, in Spain, Salvador Quero Castro, Eduardo Salas Vázquez, Virginia Salamanques Pérez and Alberto González Alonso for granting us access to the *Fondo Documental Julio Martínez Santa-Olalla* (JMSO) at the *Museo de San Isidro*. We would also like to thank Daniel Gozalbo from the *Archivo General de la Administración* (AGA), Aurora Ladero from the *Archivo del Museo Arqueológico Nacional* (AMAN) and Susana Donoso and Isabel Palomero from the *Archivo General de la Universidad Complutense de Madrid* (AGUCM). Rubí Sanz Gamo clarified details of Martínez Santa-Olalla's death. Juan Blánquez provided us with digitised photos of Martínez Santa-Olalla in Portugal, from the Fondo JMSO. The present work was conducted in the scope of UAM's *Grupo de Investigación on historiographic studies Hum F-003*, directed by J. Blánquez.

In Portugal, we would like to thank José Carlos Henrique for transcribing all the correspondence, which was subsequently revised by one of us, as well as Armando de Lucena who translated the whole article, excepting the letters, which keep their original spelling. We would further thank the Director of the *Museu Nacional de Arqueologia*, António Carvalho, for authorizing the study and publication of the original letters kept in MNA's *Arquivo Histórico Manuel Heleno* (AHMH), as well as Lúcia Cristina Coito for her support in achieving this goal. Raquel Vilaça provided a photo of the same place where Martínez Santa-Olalla was photographed in Coimbra in April 1944, João Paulo Zbyszewski provided a photo from the Georges Zbyszewski's archive and Ana Ávila de Melo helped in the identification of the places and individuals portrayed in the photos published herein. This paper was prepared in the scope of the *Grupo de Trabalho History of Archaeological Science*, directed by one of the authors (J.L.C.) at ICAREHB (Universidade do Algarve), and also benefitted from the technical and financial support of the Câmara Municipal de Oeiras, through the *Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras*.

REFERENCES

- ÅBERG, N. (1922) – *Die Franken und westgoten in der Völkerwanderungszeit*. Uppsala: A.-B. Aksdemiska Bokhandeln.
- ACTAS, 1950 – Memoria de Secretaría. In *Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología y del*. Cartagena: Papelería Española, p. 9-32.
- ALCALDE del RIO, E.; BREUIL, H. & SIERRA, L. (1912) – *Les cavernes de la région cantabrique (Espagne)*. Monaco: Imprimerie V. A. Chêne.
- ALMAGRO BASCH, M. (1940) – El hallazgo de la Ría de Huelva y el Final de la Edad del Bronce en el Occidente de Europa. *Ampurias*, 2, p. 85-143.
- ALMAGRO BASCH, M. (1941) – *Introducción a la arqueología. Las culturas prehistóricas europeas*. Barcelona: Apolo.
- ALMAGRO BASCH, M. (1946) – *Prehistoria del Norte de África y del Sahara Español*. Barcelona: Instituto de Estudios Africanos del Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ALMAGRO BASCH, M. (1947a) – El Paleolítico Español. In R. Menéndez Pidal (coord.) – *Historia de España*. Tomo I. *España Protohistórica*. Volumen I. Madrid: Espasa Calpe, p. 245-485.
- ALMAGRO BASCH, M. (1947b) – Arte Prehistórico. *Ars Hispaniae*. I. Madrid: Editorial Plus Ultra, p. 11-133.
- ALMAGRO BASCH, M. (1951) – *Las fuentes escritas referentes a Ampurias*. Barcelona: Monografías Ampuritanas, I. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ALMAGRO BASCH, M. (1952a) – La invasión céltica en España. In R. MENÉNDEZ PIDAL (coord.) *Historia de España*. Tomo I. *España Protohistórica*. Volumen II. *La España de las invasiones célticas y el mundo de las colonizaciones*. In M. ALMAGRO BASCH & A. GARCIA y BELLIDO (eds.) *La Protohistoria*. Madrid: Espasa Calpe, p. 1-278.

- ALMAGRO BASCH, M. (1952b) – *El covacho con pinturas rupestres de Cogul (Lérida)*. Lérida: Instituto de Estudios Ilerdenses.
- ALMAGRO BASCH, M. (1952c) – *Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas*. Madrid: Monografias Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1974) – O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973. *3.º Congresso Nacional de Arqueologia (Porto, 1973)*. Actas. Porto: Ministério da Educação Nacional, 1, p. 149-172.
- ANDUJAR POLO, M.ª D. (1956) – Nota bio-bibliográfica. *Libro Homenaje al Conde de la Vega del Sella*. Oviedo: Servicio de Investigaciones Arqueológicas, p. V-VII.
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de ourivesaria. 1.º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- BOSCH GIMPERA, P. (1950) – Una guerra entre cartagineses y griegos en España. La ignorada batalla de Artemision. Madrid. *Cuadernos de Historia Primitiva*, 5 (1), p. 45-55.
- BOSCH GIMPERA, P. (1980) – *Memòries*. Barcelona: Biografies i Memòries, 5. Edicions 62.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1945) – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la Géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. 26, 662 p.
- CARBALLO, J. & GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. (1952) – Algunos objetos inéditos de la cueva de 'El Pendo'. *Ampurias*, 14, p. 37-48.
- CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 8, p. 156.
- CARDOSO, J. L. (2006) Arqueólogos portugueses nas Astúrias nos inícios do século XX. Uma contribuição para a História da Arqueologia peninsular. *Colóquio "Astúrias e Portugal. Relações históricas e culturais"* (Lisboa, 2005). Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História: 191-233.
- CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Correspondência seleccionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de actividade arqueológica (1946-1995). Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 383-751
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-552.
- CARDOSO, J. L. (2013) – 2. O Professor de Arqueologia e de Pré-História (1923-1964). In Cardoso, J. L. (ed.), *Manuel Heleno pioneiro do ensino e da investigação arqueológica em Portugal (1923-1964)*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 17-28.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Abel Viana (1896-1964): uma vida de arqueólogo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 475-510.
- CARDOSO, J. L. (2018) – Manuel Afonso do Paço (1895-1968), um arqueólogo no campo da batalha de La Lys (9 de Abril de 1918). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 541-550.
- CARDOSO, J. L. (2019) – Para a História das investigações pré-históricas em Cascais: um breve ensaio, lembrando João Cabral. In *Dos Patrimónios de Cascais. Homenagem a João Cabral*. Cascais: Associação Cultural de Cascais, p. 49-83.
- CARDOSO, J. L. & RIBEIRO, M. (2013) – Afonso do Paço e as escavações de Vila Nova de São Pedro (1937-1967): os contributos científicos possíveis e sua projecção internacional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20 (2013), p. 755-770.

- CARDOZO, M. (1928/1929) – A Pedra Formosa. *Revista de Guimarães*. Guimarães. (38 (3/4), p. 139-152; 39 (1/2), p. 87-102.
- CARDOZO, M. (1931/1932) – A última descoberta arqueológica na citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 41 (1/2), p. 55-60; 41(3) , p. 201-209; 41 (4), p. 250-260; 42 (1/2), p. 7-25; 42 (3/4), p. 127-139,
- CARDOZO, M. (1965) – *Citânia de Briteiros e castro de Sabroso. Notícia descritiva para servir de guia ao visitante*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- CARRERA, E. de & MARTÍN FLORES, A. (2002) – José Pérez de Barradas. Una biografía intelectual. 1897, Cádiz-1981, Madrid: *Bifaces y elefantes. La investigación del Paleolítico Inferior en Madrid. Zona Arqueológica*, 1, p. 108-147.
- CARTAILHAC, E. (1892) – *Monuments primitifs des Iles Baléares*. Toulouse: Librairie Édouard Privat.
- CARVALHO, A. (1989) – Para a história da Arqueologia em Portugal. O livro de visitantes da Junta de Turismo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. 8, p. 75-150.
- CORRÊA, A. A. Mendes (1951) – Reverendo P. Eugénio Jalhay, S. J. *Arqueologia e História*. Lisboa. 8.^a série, 5, p. 67-82.
- CORRÊA, A. Mendes & TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- DÍAZ ANDREU, M. & RAMÍREZ, M. E. (2001) – La Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas (1939-1955). La administración del patrimonio arqueológico en España durante la primera etapa de la dictadura franquista. *Complutum*. Madrid. 12, p. 325-343.
- DÍAZ ANDREU, M.; MORA RODRÍGUEZ, G. & CORTADELLA MORRAL, J., coords. (2009) – *Diccionario Histórico de la Arqueología en España*. Madrid: Marcial Pons Historia.
- ESTEVE GUERRERO, M. (1945) – *Excavaciones de Asta Regia (Mesas de Asta, Jerez) campaña de 1942-43*. Acta Arqueologica Hispanica. 3. Madrid: Comisaria General de Excavaciones Arqueológicas.
- FONTES, J. (1925) – Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra-Espanha). *Brotéria*. Caminha. 2.^a série, 1 (1), p. 7-16.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. Da Veiga & VIANA, A. (1953/1954) – Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 14 (1/4), p. 66-225.
- GARCÍA SANTOS, J. C. (2008) – Una encrucijada en el mundo de la Prehistoria española. La oposición a la Cátedra de Historia Primitiva del Hombre de 1954. *Revista de Historiografía*. 9, p. 146-166.
- GÓMEZ TABANERA, J. M. (1985) – Sesenta años después: unas palabras de introducción a la reimpresión de ‘El Hombre Fósil’ de Hugo Obermaier. In H. Obermaier, *El Hombre Fossil*. Madrid-Gijón: Ediciones Istmo-Colegio Universitario, 3, p. 05-019.
- GONZÁLEZ ECHEGARAY, J. (1980) – *El yacimiento de la Cueva de ‘El Pendo’ (Excavaciones 1953-57)*. Madrid: Instituto Español de Prehistoria del C.S.I.C. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 17.
- GONZÁLEZ GARCÍA-PAZ, S. (1930/1993) – *O Colexio de San Clemente de Pasantes de Compostela*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago-Universidad de Santiago de Compostela.
- GONZÁLEZ GARCÍA-PAZ, S. (1933) – Noticia de las exploraciones arqueológicas en los castros de Borneiro y Baroña”. *Boletín de la Universidad de Santiago*, 17 (1), p. 323-351.
- GRACIA ALONSO, F. (2009) – *La arqueología durante el primer franquismo (1939-1956)*. Barcelona: Bellaterra Arqueologia.
- GRACIA ALONSO, F. (2012) – *Arqueologia i política. La gestió de Martín Almagro Basch al capdavant del Museu Arqueològic Provincial de Barcelona (1939-1962)*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- GRACIA ALONSO, F.; FULLOLA, J. M.^a & VILANOVA, F. (2003) – *58 anys i 7 dies. Correspondència de Pere Bosch Gimpera a Lluís Pericot (1919-1974)*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

- HELENO, M. (1935) – Jóias pré-romanas. *Ethnos*. Lisboa. 1, p. 229-257.
- HELENO, M. (1942) – Gruta artificial da Ermegeira. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 449-459.
- HUREL, A. (2011) – *l'abbé Breuil un préhistorien dans le siècle*. Paris: CNRS Éditions.
- JALHAY, E. (1926) – Los grabados rupestres del extremo Sudoeste de Galicia. Alrededores de Oia. Provincia de Pontevedra. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense*. Orense. 7 (167), p. 373-385.
- JALHAY, E. (1927-29) – Algunos ejemplares del arte rupestre en los alrededores de Oia. Pontevedra, *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense*. Orense. 8 (184), p. 305-312.
- JALHAY, E. (1931 a) – Nuevas manifestaciones de arte rupestre del Noroeste de la Península Ibérica, *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense*. Orense. 9 (199), p. 225-235.
- JALHAY, E. (1931 b) – O tesouro do Álamo (Moura, Alentejo). *Brotéria*. Lisboa. 12 (1), p. 35.
- JALHAY, E. (1932) – Novas descobertas prehistóricas no Sudoeste de Galicia e Norte de Portugal, XIII *Congreso de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias-VI Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências* (Lisboa 1932). Madrid: Establecimiento Tipográfico Huelves y Cia.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1939) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.^a e 2.^a campanha de escavações – 1937 e 1938. *Brotéria*. Lisboa. 26 (6), p. 686-694; 29 (1), p. 86-99; 29 (4), p. 325-338; 29 (5), p. 428-435.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20 (1-4), p. 55-141.
- JIMÉNEZ SANZ, C. & GARCÍA-SOTO MATEOS, E. (2006) – Juan Cabré, Enrique de Aguilera y el Museo Cerralbo: apuntes sobre una relación científica y humana intemporal. In BLÁNQUEZ PÉREZ, J. & RODRÍGUEZ NUERE, B., ed., *El arqueólogo Juan Cabré (1882-1947) La fotografía como técnica documental*. Murcia: Comunidad Autónoma de la Región de Murcia, p. 89-104.
- JORGE, S. O. (1996) – *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves-V.ª P.ª de Aguiar*. 2 volumes. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.
- KOSSINNA, G. (1921) – *Die Indogermanen: ein Abriss*. Leipzig: Mannus Bibliothek, 26. C. Kabitzsch.
- KOSSINNA, G. (1929) – *Ursprung und Verbreitung der Germanen in vor- und frühgeschichtlicher Zeit*. Leipzig: Mannus Bibliothek. C. Kabitzsch.
- LEISNER, V. (1961) – Vasos eneolíticos decorados no interior. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 407-428.
- MacWHITE, E. (1951) – *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispanica en la Edad del Bronce*. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre.
- MAIER ALLENDE, J. (2006) – Juan Cabré y su entorno científico e intelectual. In BLÁNQUEZ PÉREZ, J. & RODRÍGUEZ NUERE, B., ed., *El arqueólogo Juan Cabré (1882-1947) La fotografía como técnica documental*. Murcia: Comunidad Autónoma de la Región de Murcia, p. 71-88.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1921) – Investigaciones arqueológicas. Las minas de Flavia Augusta. *El Castellano*, Burgos, nº 6546.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1924a) – La cerámica pintada ibérica en Menorca. *Revista Menorca*, 23, p. 121-129.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1924b) – A propósito de un cráneo trepanado de mi colección. *Revista Menorca*, 23, p. 147-151.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1924c) – Nuevo descubrimiento romano en Menorca. *Revista Menorca*, 23, p. 184-190.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1924d) – La naveta occidental de Biniach y el estudio antropológico de algunos restos humanos por el Dr. Aranzadi. *Revista Menorca*, 23, p. 195-205.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1925a) – Prehistoria Burgalesa. Paleolítico. *Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnografia i Prehistoria*, 3, p. 147-172.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1925b) – La Bureba romana. *Boletín de la Comisión de Monumentos de Burgos*, 1, p. 248-255 y 276-284.

- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1926a) – Prehistoria Burgalesa. Neolítico y Eneolítico. *Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnografia i Prehistoria*, 4, p. 85-109.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1926b) – Orígenes de Valladolid. *Notas de Prehistoria Vallisoletana*, 11, p. 12.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1929a) – El principio del arte en la provincia de Burgos. El arte paleolítico. *Boletín de la Comisión de Monumentos de Burgos*, 2, p. 110-113.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1929b) – La prehistoria de las Baleares y el estado actual de su conocimiento. *Revista Menorca*, 24, p. 358-364.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1929c) – Neue bronzezeitliche Felsbilder in Galizien (Spanien). *Jpek-Jahrbuch für Prähistorische und Ethnografische Kunst*, 5, p. 35-45.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1929d) – Ein neuer Kommandostab aus der Cueva del Pendo (Santander, Spanien). *Jpek-Jahrbuch für Prähistorische und Ethnografische Kunst*, 5, p. 99-100.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1931) – Sobre algunos hallazgos de bronce visigóticos en España. *Jpek-Jahrbuch für Prähistorische und Ethnografische Kunst*, 7, p. 57-60.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1932) – Sobre como usaron la fibula los visigodos. *Investigación y Progreso*. Madrid. 6, p. 178-180.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1933b) – Monumentos funerarios célticos. As “pedras formosas” e as estelas em forma de casa. *Homenagem a Martins Sarmiento Miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense no centenário do seu nascimento (1833-1933)*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, p. 226-235.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1933-35) – El cementerio visigodo de Madrid (capital). *Anuario de Prehistoria Madrileña*. Madrid. 4-6, p. 165-174.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1933a) – *Excavaciones en la necrópolis visigoda de Herrera de Pisuerga (Palencia)*. Madrid: Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1933b) – Zur Tragweise der Bügelfibel bei den Westgoten. *Germania*, 17, p. 47-50.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1934a) – Notas para un ensayo de sistematización de la arqueología visigoda en España. Períodos godos y visigodos. *Archivo Español de Arte y Arqueología*. Madrid. 10 (29), p. 139-176.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1934b) – Esquema de la arqueología visigoda. *Investigación y Progreso*. Madrid. 8 (4), p. 103-109.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1935) – Elementos para un estudio de la cultura de los talayots en Menorca. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 14 (1), p. 5-66.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1936a) – El cementerio visigodo de Madrid capital. *Anuario de Prehistoria Madrileña*. Madrid. 4-6, p. 167-174.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1936b) – Westgotische Adlerfibeln aus Spanien. *Germania*, 20, p. 47-52.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1936c) – The Cyclopean Walls at Tarragona. *Antiquity*, 10, p. 72-77.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1937) – L'état actuel de l'archéologie dans l'Île de Minorque. *Commission Internationale pour la Préhistoire de la Méditerranée occidentale* (Barcelona, 1935). Barcelona: Musée d'Archéologie de Catalogne, p. 25-28.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1940a) – El collar de Chão de Lamas, provincia de Beira. *Revista de la Universidad de Madrid*, Letras, 1, p. 112-121.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1940b) – Nuevas fibulas aquiliformes hispanovisigodas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 14 (41), p. 33-54.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1941a) – Esquema paleontológico de la Península hispánica. In J. MARTÍNEZ SANTA-OLALLA (ed.), *Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria dedica a sus mártires*. I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 141-166.

- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1941b) – Recensión de B. Taracena Aguirre, *Carta Arqueológica de España*, Soria. Madrid, 1941”. *Atlantis. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 16 (3-4): 506-513.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1941c) – Joyas visigodas falsas en el Museo Arqueológico de Barcelona. *Atlantis. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 16 (1-2), p. 192-193.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1942) – Escondrijo de la Edad del Bronce Atlántico en Huerta de Arriba (Burgos). *Atlantis. Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 17, p. 127-164.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1946 a) – *Esquema paleontológico de la Península hispánica*. Madrid: Seminario de Historia Primitiva del Hombre.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1946 b) – Cereales y plantas de la Cultura Ibero-Sahariana en Almizaraque (Almería). *Cuadernos de Historia Primitiva*. Madrid. Año 1, n.º 1, 11 p.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1947) – Obras maestras hispánicas de la cerámica de estilo campaniforme. *Cuadernos de Historia Primitiva del Hombre*. Madrid. 2 (2), p. 65-94.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1948) – El fragmento cerámico céltico. *Boletim do Grupo Alcides de Faria*. Barcelos. 1, p. 21-28.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1950) – La indoeuropeización de España. *Homenaje a Don Luis de Hoyos Sáinz*. II. Madrid: Gráficas Valera, p. 378-387.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1951) – El Crannog de la laguna de Acequión en la provincia de Albacete. *Anales del Seminario de Historia y Arqueología de Albacete*, 1, p. 5-12.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1952) – Las murallas ciclópeas de Tarragona. *Real Sociedad Arqueológica de Tarragona*, 3, p. 1-5.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1971) – *Catálogo de la Exposición de Antigüedades Persas*. Madrid: Museo Arqueológico Municipal de Madrid.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1978) – *Historia del Arte y de la Cultura*. Salamanca-Madrid: Gráficas Europa.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. (1995) – Estudio de Prehistoria Burgalesa III. Edad del Bronce. In R. CASTELO, L.M. CARDITO, I. PANIZO & I. RODRÍGUEZ CASANOVA, *Julio Martínez Santa-Olalla. Crónicas de la cultura arqueológica española*. Madrid: Stock Cero, p. 93-98.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J. & SAEZ MARTÍN, B. (1947) – Orígenes anatolioegeos y orientales del Bronce Mediterráneo Hispanico. *Informes y Memorias*. Madrid. 16, p. 121-158.
- MARTÍNEZ SANTA-OLALLA, J.; SÁEZ, B.; POSAC, C. F.; SOPRANIS, J. A. & VAL, E. del (1947) – *Excavaciones en la ciudad del Bronce Mediterráneo II, de la Bastida de Totana (Murcia)*. Madrid: Informes y Memorias, 16.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2003-04) – Julio Martínez Santa-Olalla y la interpretación ariana de la Prehistoria de España (1939-1949). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 69-70, p. 13-55.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2010) – Cayetano de Mergelina, Catedrático de Arqueología y Director del Museo Arqueológico Nacional. *Boletín del Seminario de Estudios de Arqueología*, 76, p. 179-212.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2012) – El periplo académico de Julio Martínez Santa-Olalla en la década de los cincuenta. In L. ROLDÁN & J. BLÁNQUEZ (eds.) – *Julio Martínez Santa-Olalla y el descubrimiento arqueológico de Carteia (1953-1961)* (Cádiz-Huelva-Madrid, 2012). Madrid: Ediciones Universidad Autónoma de Madrid, p. 68-81.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2017) – Martín Almagro Basch, un balance de su trayectoria científica (1934-1984). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*. Madrid. 43, p. 251-289.
- MEDEROS MARTÍN, A. (2019) – Julio Martínez Santa-Olalla, Joan Flaquer i la prehistòria de Menorca (1922-1957). In C. DESEL (ed.) – *Joan Flaquer i l'enigma dels 400 vasos. 50 ans d'arqueologia menorquina (1910-1960)*. Maó: Museu de Menorca, p. 110-121, 252-259, 307-314.

- MEDEROS MARTÍN, A. & ESCRIBANO COBO, G. (2011) – *Julio Martínez Santa-Olalla, Luis Diego Cuscoy y la Comisaría Provincial de Excavaciones Arqueológicas de las Canarias Occidentales (1939-1955)*. Sevilla-Tenerife: Canarias Arqueológica Monografías, 5. Museo Arqueológico de Tenerife.
- MOURE ROMANILLO, A. (1996) – Hugo Obermaier, la institucionalización de las investigaciones y la integración de los estudios de prehistoria en la universidad española. In A. MOURE (ed.) – *‘El Hombre Fossil’. 80 años después. Volumen conmemorativo del 50 aniversario de la muerte de Hugo Obermaier*. Gijón-Santander: Universidad de Cantabria-Fundación Marcelino Botín, p. 17-50.
- OLMOS ROMERA, R. (1993): “Historiografía de las primeras cartas arqueológicas en España”. En A. JIMENO, J. M. del VAL y J. J. FERNÁNDEZ (eds.): *Inventarios y Cartas Arqueológicas. Homenaje a Blas Taracena* (Soria, 1991). Junta de Castilla y León. Valladolid: 45-56.
- ORTEGA, A. I. & QUERO, S. (2002) – Julio Martínez Santa-Olalla. 1905, Burgos-12 Febrero de 1972, Madrid. *Bifaces y elefantes. La investigación del Paleolítico Inferior en Madrid. Zona Arqueológica*. Madrid, 1, p. 194-213.
- PAÇO, A. do (1929) – *Cartas às Madrinhas de Guerra*. Porto: Edição de Maranus.
- PAÇO, A. do (1951) – Padre Eugénio Jalhay. *Arqueologia e História*. Lisboa. 8.ª Série, 5, p. 29-66.
- PAÇO, A. do (1956) – 4.º Congresso Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas. *Arqueologia e História*. Lisboa. 8.ª série, 7, p. 211-237.
- PAÇO, A. do (1959) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XI – Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I. *Ampurias*. Barcelona. 21, p. 252-260.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1956) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. Le problème de la metallurgie. 4.º *Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas (Madrid, 1954)*. Actas. Zaragoza: Librería General, p. 535-542.
- PAÇO, A. do & SANGMEISTER, E. (1956) – Eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal. *Germania*. Berlin. 34 (3/4), p. 212-230.
- PASAMAR, G. & PEIRÓ, I. (2002) – *Diccionario Akal de Historiadores españoles contemporáneos (1840-1980)*. Madrid: Akal.
- PERICOT GARCÍA, L. (1963) – La escuela arqueológica barcelonesa. II *Symposium de Prehistoria Peninsular (Barcelona, 1962)*. Barcelona: Instituto de Arqueología y Prehistoria. Universidad de Barcelona, p. xviii-xxviii.
- QUERO CASTRO, S. (1994) – Excavación del elefante de Orcasitas (Madrid). *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas*. Madrid, 9, p. 11-16.
- QUERO CASTRO, S. (1995-96) – Cuarenta años de historia del Instituto Arqueológico Municipal. *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas*. Madrid, 10, p. 193-200.
- RIBEIRO, M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro (1937-1967). *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (2013), p. 39-47.
- SÁNCHEZ GÓMEZ, L. A. (2001) – Etnología y Prehistoria en la Universidad Complutense de Madrid. Crónica de una desigual vinculación (1922-2000). *Complutum*. Madrid, 12, p. 249-272.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1975) – A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22 (4), p. 353-516.
- SERRÃO, E. C. (1959) – Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). *1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Actas e Memórias. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1, p. 337-359.
- SILVA, A. C. Ferreira da (2007) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2.ª edição. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- TRIMBORN, H. (1929) – *Die Methode der Ethnologischen Rechtsforschung*. Stuttgart: Ferdinand Enke.
- ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 39, p. 37-60.
- ZBYSZEWSKI, G. & VIANA, A. (1949) – Grutas de Maceira (Vimeiro). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12 (1/2), p. 114-125.

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM 2021

1 - INTRODUÇÃO

Este relatório diz respeito às actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos no ano de 2021.

As acções efectuadas podem agrupar-se em duas grandes áreas:

- Acções de Investigação e Valorização do Património Arqueológico;
- Acções de Divulgação do Património Arqueológico.

2 - ACÇÕES DE INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

2.1 - Datações de radiocarbono

Em 2021 foram realizadas pelo Laboratório de Radiocarbono Beta Analytic sediado em Miami, EUA, cinco datações de radiocarbono, no âmbito de estudos científicos para publicação nos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*.

2.2 - Desenho de materiais arqueológicos e preparação de materiais gráficos e de multimédia

Proseguiu ininterruptamente durante o ano de 2021, o desenho de materiais arqueológicos, destinados a ilustrar trabalhos de investigação e de divulgação, de que se destaca a série *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, realizados pelo Dr. Bernardo Ferreira e pelo Dr. Filipe Martins.

Foi desenvolvida pelo Dr. Bernardo Ferreira a preparação digital de ilustrações para diversas publicações, assumindo esta actividade importância crescente no quadro das exigências tecnológicas atuais.

Encontra-se em fase de tratamento digital, a imagem tridimensional do povoado pré-histórico de Leceia, obtida no ano transacto com a colaboração do Núcleo de Topografia/CMO, tendo em vista a disponibilização de visita virtual no portal do Município.

Foi disponibilizado na página do Património Arqueológico/Exposições de Arqueologia do Portal Municipal e na plataforma Oeiras Educa, vídeo de carácter pedagógico e de divulgação do conhecimento relativo à reconstituição das actividades quotidianas desenvolvidas no povoado pré-histórico de Leceia. Com a duração de 10 minutos, foi totalmente realizado pelo CEACO e concluído em 2020. Este importante veículo de

divulgação arqueológica, assumiu considerável importância no âmbito dos constrangimentos provocados pela pandemia Covid-19 especialmente junto da população escolar.

De igual forma, foi prosseguida a preparação de originais para publicação nos *EAO*, a par de trabalhos de transcrição e tratamento infográfico e digital de documentos antigos, e ainda a compilação sistemática de toda a documentação de natureza administrativa relativa às escavações arqueológicas do povoado pré-histórico de Leceia realizadas entre 1983 e 2002, visando igualmente a sua publicação no volume 31 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no decurso do ano corrente.

2.3 – Sondagens arqueológicas na Praça Verney, Centro de Oeiras

No âmbito da requalificação urbanística da Praça Verney, foi solicitado ao CEACO, pela Arq.^a Cristina Rebelo, Chefe da DPU através da Inf.º INT/2020/100/DMOTOA/DPGU/DPU, parecer considerando o Ofício da DGPC S-2019/507596 (C.S: 1393860) - Parecer da arqueologia, que preconiza a necessidade de realização de diagnóstico arqueológico (ponto 3. alínea a). De imediato, o signatário na qualidade de Arqueólogo Responsável, iniciou o processo de pedido de autorização de trabalhos arqueológicos à Direcção-Geral do Património Cultural, como estabelece a legislação em vigor. Os trabalhos arqueológicos previstos foram autorizados pela DGPC, através do Ofício n.º S-2021/543889 (C.S: 1487081), a que respeita o Proc. n.º 2020/1(665) (C.S: 213374), apresentado no âmbito da Categoria C do Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos, que preconizou a realização de sondagens mecânicas e manuais versando o sector meridional da área interessada pelo Projecto de requalificação urbanística da Praça Verney (Fig. 1 e Fig. 2).



Fig. 1 – Vista aérea, observando-se parcialmente as sondagens arqueológicas realizadas na futura Praça Verney (Centro Histórico de Oeiras).



Fig. 2 – Vista parcial das sondagens arqueológicas realizadas na futura Praça Verney (Centro Histórico de Oeiras).

Os trabalhos de escavação arqueológica foram realizados de 28 de Janeiro a 23 de Fevereiro, totalizando 20 dias de trabalhos de campo, contando com a colaboração da Dr.^a Maria da Conceição André, Dr. Filipe Martins, Dr. Bernardo Ferreira, do CEACO e com os apoios da DVM/CMO através da cedência de máquina com respectivo manobrador, e da UTCP/CMO com a implantação topográfica das sondagens no terreno, até à ligação da planta destas à rede geodésica nacional.

Não se tendo evidenciado vestígios de interesse arqueológico pelas sondagens realizadas, sendo representativas da globalidade da área interessada pela ocupação urbanística para ali prevista, foi concluído que o Sector 2 ou meridional da futura Praça Verney, poderia ser considerado como livre de condicionamentos de natureza arqueológica tendo presente as características do futuro empreendimento urbanístico. Através do relatório dos trabalhos efetuados foi no entanto, recomendada a obrigatoriedade de acompanhamento arqueológico permanente no terreno, aquando da abertura das escavações relacionadas com a planeada operação urbanística. Esta recomendação foi reforçada pelo Ofício da DGPC n.º S-2021/568553 (C.S: 1551333). O mesmo relatório foi submetido ao conhecimento do Senhor Presidente que nele proferiu Despacho aos 07/02/2022, para conhecimento da Sr.^a Vereadora Joana Baptista e do DMOTDU, tendo sido recebido igualmente apreciação favorável por parte da DGPC.

Ainda no âmbito das acções de investigação desenvolvidas pelo CEACO, é de assinalar a adjudicação da aquisição de serviços à arqueóloga Dr.^a Luísa Batalha, para o estudo de classificação especializada de espólios

arqueológicos recolhidos nas campanhas de escavações arqueológicas realizadas na *villa* romana de Oeiras em 2000 e nos anos de 2004 a 2007. Prevê-se a publicação deste estudo em 2022, na revista *EAO*, em co-autoria com o signatário, com o Doutor Guilherme Cardoso e com a Dra. Conceição André do CEACO.

3 – ACÇÕES DE DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

3.1 – Revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

Em 2021 foram publicados os volumes 28 e 29 da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras* assim como a separata do volume 28 intitulada “A Fábrica da Pólvora de Barcarena e as “Ferrarias del Rey”, um projecto de arqueologia industrial em construção”.

3.1.1 – *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, volume 28 (2021)

Neste volume, com 413 páginas, foram publicados 6 artigos dedicados ao estudo de diversas estações de relevante interesse para a compreensão das diferentes sociedades que se estabeleceram ao longo do tempo no território do actual concelho de Oeiras, bem como das instaladas em outros territórios mais ou menos próximos, que se afiguram relevantes para a compreensão daquelas. Assim, são publicados dois artigos referentes ao Neolítico Antigo, época situável nos finais do 6.º milénio a.C, coeva da instalação das primeiras comunidades produtoras de alimentos na região. Trata-se da estação da Encosta de Sant’Ana, no casco antigo de Lisboa e da estação do Carrascal, no Concelho de Oeiras.

Ao Bronze Final reportam-se outros dois artigos: uma síntese dos conhecimentos sobre os depósitos de peças de bronze conhecidos no território português e directamente relacionados com a água, constituindo contributo de grande relevância nacional e internacional, e outro artigo, dedicado a importante povoado alentejano, cujos espólios apresentam evidentes semelhanças com produções coevas da região oeirense.

Destaca-se ainda um importante artigo, do foro da Arqueologia Urbana, realizado com base nos espólios e estruturas arqueológicas identificados na Rua Marquês de Pombal (Oeiras), nas escavações ali realizadas em 2017 e 2018, no âmbito de requalificação de edifício integrado no programa Habitação Jovem da Câmara Municipal de Oeiras. Esta acção integrou-se, desta forma, no quadro da minimização de impactos decorrentes de obras de reconversão e recuperação urbanística, que o Centro de Estudos Arqueológicos tem vindo a assegurar nos últimos anos no Centro Histórico de Oeiras, entre outros Centros de formação histórica do concelho de Oeiras.

Neste estudo exaustivo foi possível, pela primeira vez, evidenciar a ocupação do local desde o final da República Romana até à actualidade, com presenças demonstradas ao longo do Alto e do Baixo Império, da Antiguidade Tardia, da Alta e da Baixa Idade Média, da época Islâmica, Moderna e Contemporânea.

Trata-se de um marco no conhecimento histórico da formação da vila de Oeiras, a qual, como agora ficou demonstrada, teve uma presença humana em continuidade desde a Alta Idade Média até à actualidade, colmatando-se assim importantes lacunas da sua história, como é o caso da sua ocupação na Idade Média e na Idade Moderna.

Finaliza este volume artigo de síntese versando os resultados dos estudos efectuados na Fábrica da Pólvora de Barcarena nos últimos 25 anos, tanto no que concerne à produção de pólvora como à actividade

desenvolvida nas “Ferrarias d’El Rey” investigação em que o Centro de Estudos Arqueológicos assumiu papel incontornável, constituindo relevante contributo para a Arqueologia Industrial em Portugal. Deste artigo, de assinalável extensão, se fez separata, com capa própria, e prefácio do Senhor Presidente Isaltino Morais, destinado a maior difusão e distribuição, especialmente junto dos visitantes daquele espaço cultural e de lazer do concelho de Oeiras.

3.1.2 – *Estudos Arqueológicos de Oeiras* volume 29 (2021) – Actas do XIII Congresso Ibérico de Arqueometria

Volume dedicado à publicação dos trabalhos apresentados na décima terceira edição do Congresso Ibérico de Arqueometria (XIII CIA). Trata-se da edição em parceria com as entidades organizadoras deste encontro científico, realizado em Faro em 2019, a saber, o Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB) da Universidade do Algarve, o Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN) do Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, o Departamento de Prehistoria y Arqueología da Universidade de Sevilla e a Sociedad de Arqueometría Aplicada al Patrimonio Cultural (SAPaC).

Nesta obra publicam-se algumas das comunicações então apresentadas respeitantes aos recentes desenvolvimentos técnicos, problemáticas emergentes assim como desafios futuros inerentes ao estudo de materiais contribuindo para a protecção e recuperação do património cultural. As comunicações englobaram diversos materiais e temáticas: cerâmica, pigmentos, metais, matérias-primas, geofísica, análises espaciais, estudos isotópicos, datação, imagem e modelação 3D assim como outras áreas relacionadas com as temáticas do congresso.

A Câmara Municipal de Oeiras associou-se, mais uma vez, à publicação como co-editora, das actas de um Encontro internacional sobre esta temática, dando sequência à publicação da 9.^a edição do Congresso Ibérico de Arqueometria, decorrido em Lisboa em 2011, cujas actas correspondem ao volume 19 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, publicado em 2012, confirmando-se, assim, o prestígio e impacto científico desta revista editada pela Câmara Municipal de Oeiras, granjeado a nível internacional. Saliente-se que o custo da publicação deste volume foi, como anteriormente, inteiramente assegurado pela organização da reunião, o que sublinha a importância da parceria científica agora reafirmada.

3.1.3 – “A Fábrica da Pólvora de Barcarena e as “Ferrarias del Rey”, um projecto de arqueologia industrial em construção”. Separata do volume 28 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

Trata-se de estudo de síntese da toda a investigação histórico-arqueológica desenvolvida na Fábrica da Pólvora de Barcarena, baseada no conhecimento científico sucessivamente acumulado, sobre os diversos aspectos que caracterizaram este complexo militar, tecnológico e industrial ao longo dos 500 anos da sua existência. Nesta obra, são apresentadas, sucessivamente, as etapas mais importantes até agora identificadas, do seu funcionamento, tanto da Fábrica da Pólvora, como das “Ferrarias d’El Rey” que a antecedeu. O signatário, autor desta publicação de 74 páginas, encontra-se ligado desde o início à investigação, recuperação e valorização deste notável acervo cultural de características únicas. A relevância e pertinência desta obra salienta-se, também, no contexto da actual recuperação e valorização desta unidade fabril, em que o autor tem estado directamente envolvido, com destaque na concepção do Museu da Pólvora Negra e nas escavações arqueológicas que dirigiu em 2009 na designada “Fábrica de Cima”, cujos resultados se têm revelado indispensáveis no âmbito do Projecto de reabilitação arquitectónica e ambiental de iniciativa municipal presentemente em curso.

3.1.4 – Carregamento dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na plataforma OJS – *Open Journal Systems*

Em 2015, foi submetido pelo signatário, à consideração superior do Senhor Presidente, através da Inf.º n.º 04/CEACO/2015, a qual mereceu despacho favorável de 06/05/2015, a disponibilização online dos volumes da série *Estudos Arqueológicos de Oeiras* em site temático do CEACO, visando a sua divulgação e creditação científica internacional.

Seguidamente, com o apoio decisivo do Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho e da Senhora Directora Municipal Dr.ª Paula Saraiva, esta iniciativa teve em 2019 um impulso decisivo visando o carregamento dos volumes dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na plataforma OJS (*Open Journal Systems*), indispensável à agregação ao RCAAP (Repositórios Científico de Acesso Aberto de Portugal gerido pela Universidade do Minho. Desta forma foi possível potenciar o acesso direto e instantâneo a nível mundial de qualquer dos conteúdos publicados nos *EAO*.

Assim, na sequência da criação daquela plataforma em Maio de 2019, pelo Departamento de Tecnologias de Informação e Comunicação (DITIC), foi efetuado pelo Dr. Bernardo Ferreira o carregamento e disponibilização online dos 25 volumes e de dois números especiais dos *EAO* até aquele ano publicados. Em 2021, foram igualmente colocados os volumes 28 e 29, completando a coleção *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. <https://eao.cm-oeiras.pt/index.php/DOC>.

Ainda no quadro do reforço da divulgação das actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, mantêm-se actualizado na respectiva página criada em 2018, no Portal do Município, o carregamento de todos os volumes dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* até ao presente publicados.

3.1.5 – Aspectos editoriais

A publicação de uma revista de arqueologia de carácter científico impõe grande esforço e adequada planificação e organização. Para que esta revista se tenha afirmado de forma inequívoca no panorama nacional e internacional, foram consideradas duas condições essenciais, definidas logo desde o primeiro número, saído em 1991. A primeira, é a regularidade da sua publicação, indispensável para assegurar as permutas, desde cedo estabelecidas; a segunda, é a qualidade e interesse dos conteúdos científicos apresentados. Tendo em vista assegurar formalmente este requisito, foi criado, a partir da publicação do volume 17, inclusive, um Conselho Assessor do Editor Científico, constituído por cinco personalidades de renome internacional, as quais foram para o efeito expressamente convidadas pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

As personalidades que integraram o **Conselho Assessor do Editor Científico dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*** no respeitante ao volume 28 foram:

Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa);
Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve);
Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Autónoma Universidade de Madrid);
Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid);
Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra);
Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora).

Em Dezembro de 2021, a revista *EAO* permutava-se com 112 publicações periódicas nacionais e internacionais, de carácter arqueológico, correspondendo estas últimas aos mais importantes títulos editados na Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Mónaco e Polónia no domínio da Arqueologia.

Assina-se a crescente importância do acervo documental de carácter especializado assim reunido, viabilizando à constituição de uma biblioteca especializada no conhecimento de realidades arqueológicas de outros Países e regiões, indispensável à própria actividade de investigação científica no domínio da Arqueologia do Concelho de Oeiras, desenvolvida neste Centro de Estudos Arqueológicos.

Conforme despacho presidencial, estas publicações, pelo seu carácter específico, conservam-se no CEACO, podendo, todavia, qualquer artigo delas constante, ser fornecido ou consultado directamente, mediante simples solicitação dos interessados, através da consulta dos conteúdos dos títulos de todos os artigos até agora publicados em todos os números das revistas permutadas, em permanente actualização informática.

3.2 – Artigos científicos

3.2.1 – Revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

No volume 28 (2021) dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* foram publicados 6 artigos científicos, envolvendo a participação de 16 autores ou co-autores.

No volume 29 (2021) dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* foram publicados 10 artigos científicos, contando com 41 autores ou co-autores, versando sobre as temáticas atrás referidas.

O signatário foi autor ou co-autor dos seguintes artigos:

1 – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras): resultados das escavações realizadas. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras (2021). 28, p. 9-96.

https://www.researchgate.net/publication/353287211_A_estacao_do_neolitico_antigo_do_Carrascal_Oeiras_resultados_das_escavacoes_realizadas

https://www.academia.edu/50074620/A_estacao_do_neolitico_antigo_do_Carrascal_Oeiras_resultados_das_escavacoes_realizadas

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10904>

2 – A estação do Neolítico Antigo da Encosta de Sant’Ana (Lisboa). Resultados das campanhas de escavação de 2004 a 2006. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras (2021). 28, p. 97-198.

https://www.researchgate.net/publication/353287207_A_estacao_do_neolitico_antigo_da_Encosta_de_Sant'Ana_Lisboa_Resultados_das_campanhas_de_escavacao_de_2004_a_2006

https://www.academia.edu/50074471/A_estacao_do_neolitico_antigo_da_Encosta_de_Sant'Ana_Lisboa_Resultados_das_campanhas_de_escavacao_de_2004_a_2006

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10892>

3 – A presença romana, visigótica, islâmica e portuguesa no Centro Histórico de Oeiras: resultados da intervenção arqueológica realizada em 2017 e em 2018. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras (2021). 28, p. 277-336. De col. com G. Cardoso & L. Batalha.

https://www.researchgate.net/publication/353287181_A_presenca_romana_visigotica_islamica_e_portuguesa_no_Centro_Historico_de_Oeiras_resultados_da_intervencao_arqueologica_realizada_em_2017_e_em_2018

https://www.academia.edu/50074031/A_presenca_romana_visigotica_islamica_e_portuguesa_no_Centro_Historico_de_Oeiras_resultados_da_intervencao_arqueologica_realizada_em_2017_e_em_2018

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10890>

- 4 – A Fábrica da Pólvora de Barcarena e as “Ferrarias del Rey”: um projecto de Arqueologia industrial em construção. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. Oeiras (2021). 28, p. 337-400

https://www.researchgate.net/publication/353287199_A_Fabrica_da_Polvora_de_Barcarena_e_as_Ferrarias_del_Rey_um_projecto_de_arqueologia_industrial_em_construcao

https://www.academia.edu/50074344/A_Fabrica_da_Polvora_de_Barcarena_e_como_Ferrarias_del_Rey_um_projecto_de_arqueologia_industrial_em_construcao

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10891>

3.2.2 – Outros artigos científicos

Em 2021, foram publicados pelo signatário, na qualidade de Coordenador do CEACO, neles sempre indicada, os seguintes artigos científicos, os quais, directa ou indirectamente se referem a aspectos da arqueologia oeirense:

Revistas internacionais indexadas

- 5 – Shine on you crazy diamond: Symbolism and social use of fluorite ornaments in Iberia’s late prehistory. **Journal of Lithic Studies** (2021) vol. 8, nr. 1, p. 1-17. De col. com José Ángel Garrido-Cordero, Carlos P. Odriozola, Ana C. Sousa, Victor S. Gonçalves.

DOI: <https://doi.org/10.2218/jls.3025>

https://www.researchgate.net/publication/351521613_Shine_on_you_crazy_diamond_Symbolism_and_social_use_of_fluorite_ornaments_in_Iberia's_late_prehistory

https://www.academia.edu/48992947/Shine_on_you_crazy_diamond_Symbolism_and_social_use_of_fluorite_ornaments_in_Iberia_s_late_prehistory

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10769>

- 6 – Economy and subsistence in the Early Neolithic site of Carrascal (Oeiras, Portugal). **Archaeofauna**. 30 (2021), p. 107-123. De col. com M. J. Valente.

<https://doi.org/10.15366/archaeofauna2021.30.006>

https://www.researchgate.net/publication/355194423_Economy_and_subsistence_in_the_Early_Neolithic_site_of_Carrascal_Oeiras_Portugal

https://www.academia.edu/57535262/Economy_and_subsistence_in_the_Early_Neolithic_site_of_Carrascal_Oeiras_Portugal

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11254>

- 7 – The first appearance of *Hystrix* (Rodentia, Mammalia) in Portugal, last interglacial, Gruta da Figuera Brava (Setúbal). **Quaternaire** (2021). 32 (3), p. 195-214. De col. com C. Detry & J. Zilhão.

https://www.researchgate.net/publication/355194153_The_first_appearance_of_Hystrix_Rodentia_Mammalia_in_Portugal_last_Interglacial_Gruta_da_Figueira_Brava_Setubal

https://www.academia.edu/57533057/The_first_appearance_of_Hystrix_Rodentia_Mammalia_in_Portugal_last_Interglacial_Gruta_da_Figueira_Brava_Setubal

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11253>

- 8 – A multidisciplinary study of Iberian Chalcolithic dogs. **Journal of Archaeological Science. Reports**. 42 (2022) 103338. Ludmilla Blaschikoff, Arantxa Daza-Perea, João Requicha, Cleia Detry, Rita Rasteiro, Sílvia Guimarães, Irene Ureña, Octávio Serra, Ryan Schmidt, António Valera, Nelson J. Almeida, Eduardo Porfírio, Ana Beatriz Santos, Cátia Delicado, Fernanda Simões, José António Matos, Isabel Rosário Amorim, Francisco Petrucci-Fonseca, Simon J.M. Davis, Antonio Muñoz-Mérida, Anders Gotherstrom, Carlos Fernandez-Rodríguez, João Luís Cardoso, Catarina Ginja, Ana Elisabete Pires.

<https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2022.103338>

https://www.researchgate.net/publication/358695315_A_multidisciplinary_study_of_Iberian_Chalcolithic_dogs

https://www.academia.edu/73962537/A_multidisciplinary_study_of_Iberian_Chalcolithic_dogs

- 9 – Individual Vessels, Individual Burials? New Evidence on Early Neolithic Funerary Practices on the Iberian Peninsula's Western Façade. **European Journal of Archaeology** Cambridge University Press (2022)., 19 p. De col. Com A.F. Carvalho, P. Rebelo, N. Neto & C. D. Simões. doi:10.1017/eea.2021.64

doi: <https://doi.org/10.1017/eea.2021.64>

https://www.researchgate.net/publication/358089897_Individual_Vessels_Individual_Burials_New_Evidence_on_Early_Neolithic_Funerary_Practices_on_the_Iberian_Peninsula's_Western_Facade

https://www.academia.edu/70327880/Individual_Vessels_Individual_Burials_New_evidence_on_Early_Neolithic_funerary_practices_on_the_Iberian_Peninsula_s_Western_Facade

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11713>

- 10 – The fortified chalcolithic settlement of Outeiro Redondo (Sesimbra, Portugal). Na account of the excavations conducted between 2005 and 2016. **Madriider Mitteilungen** (2021). Verlag Schnell & Steiner GmbH. 62, p. 35-99.

doi: <https://doi.org/10.34780/5t5b-rg2e>

https://www.researchgate.net/publication/358963875_The_fortified_chalcolithic_settlement_of_Outeiro_Redondo_Sesimbra_Portugal_An_account_of_the_excavations_conducted_between_2005_and_2016

https://www.academia.edu/72795055/The_fortified_chalcolithic_settlement_of_Outeiro_Redondo_Sesimbra_Portugal_An_account_of_the_excavations_conducted_between_2005_and_2016

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11795>

Revistas nacionais com revisão por pares

- 11 – A economia alimentar em Chibanes – Horizonte Campaniforme. **Ophiussa**. Lisboa. 5, (2021), p. 103-129. De col. com C. Tavres da Silva, J. Soares & F. Martins.

<https://doi.org/10.51679/ophiussa.2021.84>

- 12 – Arqueologia, investigação e formação de arqueólogos em Portugal na década de 1950. Um diagnóstico de João Manuel Bairrão Oleiro. **Al-Madan**. Almada Série 2, 24, p. 123-131.

https://www.researchgate.net/publication/358307207_Arqueologia_Investigacao_e_Formacao_de_Arqueologos_em_Portugal_na_Decada_de_1950_um_diagnostico_de_Joao_Manuel_Bairrao_Oleiro

https://www.academia.edu/70328996/Arqueologia_Investigacao_e_Formacao_de_Arqueologos_em_Portugal_na_Decada_de_1950_um_diagnostico_de_Joao_Manuel_Bairrao_Oleiro

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11712>

Revistas nacionais sem revisão por pares

- 13 – A ocupação do Neolítico Médio da Lapa do Fumo (sesimbra9 e a sua cronologia absoluta. **Akra Barbarion**. Sesimbra. 5 (2021), p. 15-34.

https://www.researchgate.net/publication/356997686_A_ocupacao_do_Neolitico_Medio_da_Lapa_do_Fumo_Sesimbra_e_sua_cronologia_absoluta

https://www.academia.edu/63968213/A_ocupacao_do_Neolitico_Medio_da_Lapa_do_Fumo_Sesimbra_e_sua_cronologia_absoluta

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11526>

- 14 – Coleccionadores de fósseis: os dentes de tubarão miocénicos das estações pré-históricas portuguesas. **Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva**. Lisboa (2021): Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), p. 249-268.

doi: <https://doi.org/10.51427/10451/50508>

https://www.researchgate.net/publication/358306763_Coleccionadores_de_fosseis_os_dentes_de_tubarao_miocenicolas_das_estacoes_pre-historicas_portuguesas

https://www.academia.edu/70328675/Coleccionadores_de_fosseis_os_dentes_de_tubarao_miocenicolas_das_estacoes_pre-historicas_portuguesas

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11711>

- 15 – Manuel Heleno, arqueólogo: nos 50 anos da sua última lição. **Anais da Academia Portuguesa da História**. Lisboa. Série III, 6 (2) (2021), p. 77-100.

https://www.researchgate.net/publication/355194329_Manuel_Heleno_arqueologo_nos_50_anos_da_sua_ultima_licao

https://www.academia.edu/57531420/Manuel_Heleno_arqueologo_nos_50_anos_da_sua_ultima_licao

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/11252>

Capítulos de livro internacionais

- 16 – Os “báculos” das sociedades agropastoris do sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a.C.). In P. Bueno Ramírez & Jorge A. Soler Díaz, coord. cient., **Ídolos Olhares milenares O estado da arte em Portugal**. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional (2021), p. 171-199.

- 17 – Among hyenas: Nery Delgado, Albert Gaudry, Edouard Harlé and the hyenas of Furninha cave (Portugal). In **Themes in Old World – Zooarchaeology from the Mediterranean to the Atlantic**, U. Albarella, C. Detry, S. Gabriel, A. E. Pires & J. P. Tereso (ed.). Oxford (2021): Oxbow books, p. 61-70.

https://www.academia.edu/48993023/Among_hyenas_Nery_Delgado_Albert_Gaudry_Edouard_Harle_and_the_hyenas_of_Furninha_cave_Portugal

https://www.researchgate.net/publication/351713283_Among_hyenas_Nery_Delgado_Albert_Gaudry_Edouard_Harle_and_the_hyenas_of_Furninha_cave_Portugal

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10770>

- 18 – Uma colaboração de afectos. Vera Leisner (1885-1972) e O. da Veiga Ferreira (1917-1997). **Estudos & Memórias**, 14 (2021). UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), p. 561-581.

https://www.researchgate.net/publication/351713241_Uma_colaboracao_de_afectos_Vera_Leisner_1885-1972_e_O_da_Veiga_Ferreira_1917-1997

https://www.academia.edu/48993064/Uma_colaboracao_de_afectos_Vera_Leisner_1885-1972_e_O_da_Veiga_Ferreira_1917-1997

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10771>

Capítulos de livros nacionais

- 19 – O povoamento romano do concelho de Oeiras. Antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C.-V d.C.). In **Lisboa romana o Ager Olisiponensis e as estruturas de povoamento**, G. Cardoso & C. Nozes (coord. cient.). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Caleidoscópio, p. 117-127. De col. com C. André.

https://www.researchgate.net/publication/353332654_O_povoamento_romano_do_concelho_de_Oeiras_Antecedentes_economia_e_sociedade_seculos_I_aC_-_V_dC

https://www.academia.edu/50073549/O_povoamento_romano_do_concelho_de_Oeiras_Antecedentes_economia_e_sociedade_seculos_I_aC_-_V_dC

- 20 – Acervos científicos de origem ultramarina do Museu Geológico do LNEG. In C. Casanova & M. M. Romeiras (ed.), **Lisboa Guardiã de Saber Tropical**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa (2021), p. 58-66. De col. com Jorge Sequeira.

3.3 – Conferências, comunicações e outras intervenções públicas

No decurso de 2021, o signatário proferiu as seguintes conferências e comunicações e moderações:

- 1 – “Os estudos arqueológicos na Academia Real da História”. **Colóquio de encerramento das comemorações dos 300 anos da fundação da Academia Real da História Portuguesa e do Alvará de Lei de 1721**. Lisboa, Academia Portuguesa da História.
- 2 – “Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo: semelhanças e diferenças de três sítios muralhados da Estremadura portuguesa. Colóquio **Vila Nova de São Pedro 1971/2021: cinquenta anos de investigação sobre o Calcolítico, no Ocidente peninsular**. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 3 – “Os “báculos” das sociedades agropastoris do sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a.C.”. Conferência no âmbito do Colóquio **Idolos Olhares milenares**. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- 4 – “O povoado pré-histórico de Leceia, exemplo de exploração integrada dos recursos naturais no terceiro milénio antes de Cristo”. Conferência integrada na realização da Exposição **Fortificações de Oeiras Património do Tejo e do Mundo**. Oeiras, Centro Cultural Palácio do Egipto.
- 5 – “Lisboa no Neolítico Antigo: resultados das escavações no Palácio Ludvice”. Conferência integrada no Ciclo **Lisboa Subterrânea: trajectos na Arqueologia lisboeta contemporânea**. Lisboa: Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 6 – “Olhares pioneiros: a obra arqueológica de Aristides de Amorim Girão”. Conferência inaugural do Colóquio **Nos 100 anos das “Antiguidades pré-históricas de Lafões” – Homenagem a Aristides de Amorim Girão**. Vouzela: Câmara Municipal de Vouzela.
- 7 – “La cerveza prehistórica en la Península Ibérica. Estado de la cuestión”. Comunicação às Jornadas Internacionais **Amanhar a Terra arqueologia da agricultura (do Neolítico ao Período Medieval)**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. De colaboração com Manuel Edo Benaiges, Miriam Cubas Morera e Adriá Breu Barcons.
- 8 – “As enxós votivas de calcário, um objecto ideotécnico característico do Calcolítico da Estremadura: um ensaio a propósito da identificação de mais um exemplar da Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira”. Comunicação às Jornadas Internacionais **Amanhar a Terra arqueologia da agricultura (do Neolítico ao Período Medieval)**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela. De colaboração com João Carlos Caninas e Francisco Henriques.

- 9 – “Apresentação da obra “O sítio arqueológico da Gaspeia e a neolitização do território de Alvalade – Sado”. Encerramento das Jornadas Internacionais **Amanhar a Terra arqueologia da agricultura (do Neolítico ao Período Medieval)**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela.
Seminário Internacional de Estudos Globais. Moderação da Sessão XVIII – Painele Temático “**Os portos na formação de mundos globalizados: os casos de Mértola e Lisboa**”. Lisboa: Universidade Aberta.
- 10 – “Mercati, a *Metallotheca Vaticana* e as representações de artefactos pré-históricos na Europa do Renascimento”. Comunicação apresentada em **sessão ordinária da Academia Portuguesa a História**. Em colaboração com Maria Isabel Rebelo Gonçalves.

3.4 – Visitas guiadas

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e à respetiva Exposição monográfica permanente, bem como à Exposição permanente Arqueologia do Concelho de Oeiras, situadas na Fábrica da Pólvora de Barcarena, continuaram a constituir, em 2021, uma das principais vertentes do CEACO, no domínio da divulgação arqueológica, consolidada e reconhecida a nível externo ao longo de muitos anos.

Destaca-se neste âmbito a componente didática junto das escolas básicas e secundárias do Concelho de Oeiras, a par de visitas de grupos de estudantes universitários e de associações culturais e do público em geral que em número crescente ocorre aqueles espaços, e ainda às visitas efetuadas em colaboração com outros serviços da CMO.

Estas visitas têm sido integradas, desde há anos, como complemento de estudo no quadro da programação escolar, constituindo objecto de avaliação junto dos alunos, desde os níveis de ensino básico (3.º e 4.ºs anos) até ao secundário (12.º ano) e universitário. Desde 2019 esta relevante actividade foi reforçada com a adesão ao Programa “Oeiras Educa” do Departamento de Educação/CMO, destinado a escolas do Concelho. Contudo, desde Março de 2020 e durante todo o ano de 2021, devido aos constrangimentos provocados pela pandemia Covid-19, também esta actividade foi afectada. Com a introdução do vídeo didáctico alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia na plataforma Oeiras Educa pretendeu-se substituir de forma informativa a lacuna imposta pela referida situação passando a constituir desde essa altura importante instrumento de apoio no âmbito didáctico e divulgativo junto da população escolar do Concelho.

Com efeito, em virtude da Pandemia Covid-19, o número de visitas escolares ao povoado pré-histórico de Leceia viu-se reduzido, comparativamente com o verificado em anos anteriores. Ainda assim, registaram-se em 2021 10 visitas guiadas com o número total aproximado de 210 visitantes, assim distribuídos:

Associação Evoluir Oeiras;
Escola EB 2/3 Aquilino Ribeiro;
Escola EB1 do Arneiro;
Escola ES/3 Quinta do Marquês;
Diversos grupos de interessados.

3.5 – Outras colaborações

Refere-se esta rubrica a informações de índole diversa, oficialmente solicitadas ao CEACO, desde as solicitações de estudantes do ensino universitário no âmbito da preparação de trabalhos académicos, até aos muni-

cipes interessados na obtenção de informações de âmbito histórico-arqueológico de carácter concelhio até às elaboradas por solicitação de outros serviços camarários e em colaboração com estes em ações de salvaguarda e divulgação do património arqueológico concelhio.

Destacam-se os pareceres e consultas prestados ao DPGU no respeitante ao licenciamento de obras, quer as promovidas pela CMO, quer as de particulares.

No âmbito do Plano de prevenção de Riscos de Gestão do CEACO foi estabelecido em 2015 Protocolo de procedimentos com o DPGU elaborado na sequência da Inf.º n.º 11/CEACO/2012, com Despacho favorável do Senhor Presidente de 27/03/2012, visando a recolha de parecer prévio do CEACO sobre determinados pedidos de licenciamento que, pela sua importância ou localização, envolvam trabalhos no subsolo, que deveriam ser previamente apreciados pelo CEACO. Tais procedimentos encontram-se plenamente em vigor, cumprindo ao CEACO o acompanhamento arqueológico das respectivas obras no terreno, sempre que as mesmas sejam de iniciativa camarária ou de instituições particulares de solidariedade social sem fins lucrativos.

2021

Janeiro

- 1 – Foi solicitado pelo Dr. Vasco Marques, do Instituto de História Contemporânea da FCSH/UNL, autorização para depósito em PDF, no repositório institucional da Universidade Nova de Lisboa do artigo “António Mesquita de Figueiredo (1880-1954): colecionismo arqueológico e redes de circulação de conhecimento, 1894-1910” da autoria de Elisabete Pereira, publicado no vol. 26 dos EAO.
- 2 – Por solicitação da Arq.^a Patrícia Fernandes, Chefe da Divisão de Projectos Especiais foi prestada colaboração no reconhecimento das fundações da Casa dos Bichos da Seda na Quinta de Cima do Marquês de Pombal, de forma a permitir o desenvolvimento do projecto para a futura recuperação. Foi assim efetuado acompanhamento à abertura de vala técnica naquele edifício nos dias 17 e 18 de Fevereiro naquele espaço patrimonial.
- 3 – No âmbito da requalificação da Fábrica de Cima (Fábrica da Pólvora de Barcarena) foi prestada pelo signatário, colaboração ao Eng.º Nuno Vasconcelos do GAP, Arq.^a Graça Dantas da DOM e Arquitectos da empresa responsável pelo referido projecto. Neste âmbito o signatário participou em reunião onde prestou o seu parecer e recomendações, no âmbito da elaboração da elaboração do respectivo projecto de arquitectura.

Fevereiro

- 4 – Foi endereçado ao CEACO, pelo Sr. Director da DGU, Eng.º José Pereira Fernandes, o Ofício da DGPC ref.^a: S-2020/541121, Proc.º 31/2015 relativo a intervenção arqueológica realizada pela empresa de arqueologia “Neoépica” no âmbito de obra particular, na zona de protecção da Igreja de S. Romão em Carnaxide. Na sequência, foi efectuada a entrega ao CEACO dos espólios arqueológicos exumados no decorrer daquela intervenção, que teve lugar no mês de Fevereiro.
- 5 – Foi solicitado pela Arq.^a Vera Freire, Chefe da DOT da DOTPU/DMOTDU apoio no âmbito da reunião de documentação relativa ao Plano de Pormenor Norte de Caxias, tendo em vista a reunião de concertação com a DGPC.

Março

- 6 – Foi solicitado pela Dr.^a Olinda Lopez da DPERU/DRU/CMO apoio no âmbito da realização de trabalho sobre a pedreira italiana, relativamente a imagens da chaminé vulcânica ali existente e que se encontram publicadas no volume 9 dos EAO.
- 7 – Foi endereçado ao CEACO, pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), Departamento de Recolha de Informação, Serviço de Recolha de Dados, “Processo IMUS - Inquérito aos Museus – 2020 – 20.35134053”, relativo à Sala de Arqueologia, ulteriormente remetido àquela entidade.
- 8 – Foi prestado apoio aos arqueólogos Vítor de Sousa e Rui Oliveira no levantamento de grafitos antigos existentes nos muros da Fábrica da Pólvora de Barcarena.
- 9 – A pedido do Sr. Director do DMEDSC, Doutor Jorge Barreto Xavier, foi enviado pelo signatário texto sobre o povoado pré-histórico de Leceia no âmbito da planificação de futuro Centro Interpretativo daquele sítio arqueológico.

Abril

- 10 – Por iniciativa do Doutor João Mendes Rosa Chefe da DCA/DACTPH, O CEACO foi convidado a integrar o Projecto “SAL” - Simpósio de Artes, Ambiente e Letras 2021, com duração prevista de 16 de Julho a 16 de Outubro de 2021, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, com a realização de acções essencialmente destinadas ao público escolar. Este projecto foi interrompido devido aos constrangimentos da pandemia Covid-19.
- 11 – Foi solicitado por Sara Brito, mestranda em Museologia pela FCSH-UNL, apoio no âmbito da sua dissertação “A Mulher nos discursos do Passado. A representação feminina nas exposições de Pré-história nos Museus de Arqueologia”, através da autorização para utilização e divulgação da informação patente nas exposições de arqueologia sitas na Fábrica da Pólvora de Barcarena.
- 12 – Foram solicitadas por Ana Santos informações sobre as visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e exposições de arqueologia visando a sua divulgação no blogue sobre turismo de sua autoria, “Um Olhar Novo”.
- 13 – Foi entregue ao CEACO, pela empresa “ERA Arqueologia”, o espólio arqueológico proveniente da intervenção arqueológica da sua responsabilidade efetuada em Abril de 2021, na Rua das Alcássimas nº16-18, Oeiras.

Mai

- 14 – Foi prestada pelo arqueólogo Vítor de Sousa informação sobre a possibilidade de demolição de edificação do século XVIII, no casal do Morgado em Tercena, a qual foi reencaminhada à consideração do Dr. Rui Godinho da UDPH/DACTPH, dado tratar-se de matéria do âmbito do património construído.

Junho

- 15 – Através do Dr. Miguel de Faria, chefe do Gabinete do Senhor Presidente da CMO, foi enviado ao CEACO, inquérito da ANMP, endereçado ao Senhor Presidente da CMO, sobre Arqueologia Municipal, no âmbito do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalho “Estratégia Nacional para a

Arqueologia” criado por Despacho dos Gabinetes da Ministra da Cultura e do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

- 16 – Na sequência da satisfação da solicitação anterior, foi enviado à ANMP a resposta ao inquérito em causa.
- 17 – Por designação do Dr. Director do DMEDSC, Doutor Jorge Jorge Barreto Xavier, foi o signatário designado para representar o Município em reunião dos representantes dos municípios da AML e os responsáveis da DGPC, no âmbito das actividades do Grupo de Trabalho Metropolitano da Cultura.
- 18 – Por solicitação da Dr^a Vânia Bruno da DMAG foram remetidos os dados relativos ao CEACO, no âmbito da elaboração do catálogo de competências do Município.
- 19 – A pedido do GC/CMO, foi acompanhada a realização da filmagem no povoado pré-histórico de Leceia de entrevista à colaboradora da DCS Alexandra Reis para a produção do GC “Por detrás da Câmara”.

Julho

- 20 – Foi solicitado pelo Prof. Doutor José Manuel Lopes Cordeiro do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho informação acerca da aquisição da publicação “A Fábrica da Pólvora de Barcarena e as “Ferrarias del rey”, um projecto de arqueologia industrial em construção”, separata do vol. 28 dos EAO o qual lhe foi posteriormente oferecido pelo signatário.
- 21 – Foi solicitado por Herculano Trovão do Centro Português de Actividades Subaquáticas, apoio no âmbito de pedido de autorização à Capitania do Porto de Lisboa para a realização de um mergulho exploratório no litoral de Caxias/Paço de Arcos, observando-se os procedimentos de registo tendo em vista a salvaguarda do património arqueológico subaquático.

Agosto

- 22 – Foi prestado ao DOTPU, a pedido do seu Director, Arq.^o Luís Baptista Fernandes, parecer no âmbito do projecto de construção da unidade de execução Carnaxide-Barronhos no sentido de acautelar ocorrências arqueológicas nas proximidades especialmente os sítios arqueológicos “Mama Sul” e “Encosta Sul de Outurela”.

Setembro

- 23 – Foi solicitado por D. Guilhermina Mendes do DACTPH, nota com notícias de destaque relativas ao CEACO, para publicação no Boletim Municipal Oeiras Atual relativas aos meses de Julho, Agosto e Setembro de 2021, tendo o CEACO respondido afirmativamente.

Outubro

- 24 – Através da Inf.^o n.^oINT-CMO/2021/23275 da DPERU/DRU foi dado conhecimento ao CEACO do programa base para reabilitação do edifício n.^o 29 a 38 da rua das Alcássimas em Oeiras, local da “*villa romana de Oeiras*”, de onde provém o conhecido mosaico romano de Oeiras. O signatário

formalizou a sua análise através da Inf. n.º 22/CEACO/2021, a qual teve Despacho do Senhor Presidente aos 24/11/21.

Novembro

- 25 – Foi solicitado por Carlos Filipe Silva, mestrando em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apoio no âmbito da realização de trabalho académico, mediante a consulta da carta arqueológica do concelho e de relatórios de escavações arqueológicas efectuadas no território concelhio em meios urbanos e fora destes, tendo tal documentação sido-lhe facultada para consulta.
- 26 – Por solicitação da “Associação Evoluir Oeiras” foi realizada a 21 de Novembro de 2021, no Bairro da Pedreira Italiana, visita guiada orientada pelo signatário tendo em vista a compreensão dos processos geológicos que presidiram à instalação de duas chaminés vulcânicas ali outrora existentes.
- 27 – Foi solicitado por Pedro Costa, apoio na realização de trabalho escolar sobre o povoado pré-histórico de Leceia, a sua filha Mafalda Costa, aluna do 8º C da Escola Aquilino Ribeiro de Porto Salvo,
- 29 – Foi solicitado por Liliana Reis, aluna do 1º ano de arqueologia da Faculdade de Letras da UL, apoio no âmbito de trabalho sobre o povoado pré-histórico de Leceia.
- 30 – Foram solicitadas pelo Sr. Director do DOTPU informações acerca do preenchimento da Declaração para autorização de realização dos trabalhos arqueológicos pelos promotores do empreendimento AQUATERRA em Carnaxide, no âmbito daquele projecto urbanístico.
- 30 – Na sequência da aprovação em reunião de Câmara de 04/11/2021, do documento “Estratégias para a Cultura 2021-2032”, o signatário elaborou a Inf.º n.º 21/CEACO/2021, relativa ao castro de Leceia, a qual obteve o Despacho do Senhor Presidente aos 24/11/2021.

3.6 – Colaborações institucionais – Projecto Lisboa Romana/*Felicitas Iulia Olisipo*

Envolvendo diversos Municípios da área Metropolitana de Lisboa, detentores de vestígios romanos, este Projecto coordenado pelo Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa encontra-se presentemente em curso, tendo em 14 de Janeiro de 2021, sido lançado publicamente o seu website.

No âmbito deste projecto foi prevista a publicação da colecção “*Felicitas Iulia Olisipo*” constituída por vários volumes monográficos dedicados à caracterização de diversos aspectos inerentes à presença romana no *Ager Olisiponensis* tendo o CEACO contribuído com a entrega de original de um artigo sobre a presença romana em Oeiras, intitulado “O Povoamento romano do Concelho de Oeiras: antecedentes, economia e sociedade (séculos I a.C a V d. C.)” destinado a integrar o V volume da referida colecção, cujo lançamento teve lugar no dia 25 de Março no Município da Amadora, um dos parceiros deste projecto. Em 2021 foi, de igual forma, entregue para publicação no VI volume daquela colecção, artigo da autoria do Doutor Guilherme Cardoso e do signatário intitulado “As necrópoles da Antiguidade Tardia na região de Cascais e Oeiras”.

Ainda no âmbito deste projecto prevê-se a representação da CMO, numa exposição com inauguração prevista para o último trimestre de 2022, através da cedência temporária de algumas das peças consideradas mais importantes para o efeito.

3.7 – Prémio de Arqueologia Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira

Pela Deliberação n.º 769/2021, com origem em proposta produzida pelo CEACO, foi aprovada em reunião de Câmara, a 08/09/2021, a criação do Prémio de arqueologia “Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira”, instituído pelo Município de Oeiras na Academia Portuguesa da História e destinado a distinguir estudos de investigação em arqueologia da Península Ibérica. Tratando-se de um prémio anual, o mesmo foi atribuído pela primeira vez em 2021 aos editores da obra: “Georg e Vera Leisner e o estudo do Megalitismo no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história da investigação arqueológica luso-alemã através do Arquivo Leisner (1909-1972)”, publicação conjunta do Instituto Arqueológico Alemão, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Direção-Geral do Património Cultural, pertencendo os premiados às referidas instituições.

O Prémio foi entregue a 8 de Dezembro de 2021, na Academia Portuguesa da História, na sessão anual solene da entrega dos Prémios, que coincidiu em 2021 com o encerramento das comemorações da fundação dos 300 anos da Academia joanina da História pelo Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho aos premiados, tendo sido noticiada no Portal do Município no dia 14 de Dezembro de 2021 e em outros meios institucionais de comunicação (Fig. 3).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos desenvolvidos em 2021 deram continuidade aos objectivos estratégicos e programáticos definidos no quadro das competências atribuídas ao CEACO.



Fig. 3 – Sessão solene de entrega do Prémio de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira na Academia Portuguesa da História, a 8 de Dezembro de 2021. Da esquerda para a direita: Dr.ª Filipa Bragança (DGPC), Dr.ª Fernanda Torquato (DGPC); Vereador Doutor Pedro Patacho; e Doutora Ana Catarina Sousa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e às exposições de Arqueologia situadas na Fábrica da Pólvora de Barcarena, designadamente à “Exposição Monográfica do povoado pré-histórico de Leceia” e à “Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras”, como os demais núcleos arqueológicos e museológicos nacionais, foram afectadas pelos impactos da Pandemia Covid-19. Contudo, manteve-se vivo, dentro daquelas limitações, o interesse e procura por parte de alguns grupos escolares e de outros grupos de interessados.

Em 2021, com a introdução na plataforma Oeiras Educa, de vídeo didático alusivo às actividades quotidianas dos habitantes daquele importante povoado pré-histórico integralmente produzido no CEACO, procurou-se colmatar os aludidos constrangimentos pandémicos, constituindo desde aí um importante complemento didático às visitas guiadas efetuadas através daquela plataforma. É de assinalar ainda que, considerando o crescente número actual de solicitações por parte de escolas e de grupos de interessados e de associações culturais, se pode afirmar que a realização das referidas visitas guiadas se encontra em curso de normalidade e mesmo de crescimento.

Constituindo importante vertente do trabalho desenvolvido neste Centro de Estudo Arqueológicos, salientam-se as acções de salvaguarda e valorização do Património arqueológico concelhio, assumindo um papel incontornável no âmbito dos processos de licenciamento referentes a operações urbanísticas em centros históricos do Concelho, através do Protocolo de procedimentos estabelecido com a DPGU desde 2015. Neste âmbito destaca-se a intervenção do CEACO, em Janeiro de 2021, no local do futuro empreendimento urbanístico da Praça Verney, na vila de Oeiras, com a realização de cerca de uma vintena de sondagens arqueológicas preconizadas pela DGPC, devido à relativa proximidade à *villa* romana de Oeiras, onde foi descoberto em 1903 o conhecido “mosaico romano de Oeiras”. Apesar de não terem sido identificados significativos vestígios arqueológicos, o CEACO prestará o acompanhamento no decurso das obras daquela urbanização, aquando da sua realização. Ainda no quadro da salvaguarda e valorização do património arqueológico do Concelho, assinalam-se também os diversos pareceres solicitados ao CEACO por parte de diversos serviços camarários, no âmbito do referido protocolo de procedimentos.

Os apoios prestados à realização de trabalhos universitários e escolares solicitados diretamente ao CEACO assim como os pareceres prestados a interessados no conhecimento e divulgação do passado oeirense são outra vertente de colaborações importante conforme se verificou em 2021.

No âmbito da investigação e divulgação do Património Arqueológico concelhio destaca-se a publicação regular da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, constituindo poderoso órgão de carácter científico e arqueológico, sobejamente reconhecido a nível nacional e internacional, especialmente através das permutas estabelecidas desde há longos anos com revistas da especialidade e outras entidades institucionais.

Em 2021 publicaram-se e distribuíram-se dois volumes: o 28.º (2021) e o 29.º (2021), este último correspondente às actas do *XIII Congresso Ibérico de Arqueometria (Faro, 2021)* assumindo-se a Câmara Municipal de Oeiras como editora deste Encontro Internacional, integralmente custeado pela organização do mesmo, o que confirma o prestígio internacional granjeado pela revista.

Merece também destaque a publicação da separata de artigo inserido no 28.º volume dos *EAO*, intitulada “A Fábrica da Pólvora de Barcarena e as “Ferrarias del Rey”, um projecto de arqueologia industrial em construção”; trata-se de síntese da investigação histórico-arqueológica baseada em conhecimento científico acumulado, sobre a Fábrica da Pólvora de Barcarena ao longo dos 500 anos da sua história, prevendo-se que a mesma seja especialmente útil aos visitantes e, designadamente, aos mais interessados em conhecer a história daquele importante complexo militar e fabril.

Outra importante iniciativa deve ser registada no domínio da investigação e da divulgação do património arqueológico: a criação pelo Município de Oeiras, do Prémio anual de Arqueologia Professor Doutor Octávio

da Veiga Ferreira, instituído na Academia Portuguesa da História com o objectivo de distinguir os alguns dos melhores os estudos de Arqueologia da Península Ibérica. A escolha do nome para o Prémio instituído corporiza uma Homenagem ao Professor Doutor Octávio da Veiga Ferreira, figura ilustre da Arqueologia Portuguesa, com notável percurso científico e responsável pela formação de muitos arqueólogos que posteriormente assumiram importância relevante no âmbito da Arqueologia portuguesa. Desenvolveu importantes investigações arqueológicas em Oeiras onde viveu, como foi o caso dos trabalhos e publicações de duas estações arqueológicas concelhias: a gruta da Ponte da Lage e a *villa* romana de Oeiras.

Este Prémio foi entregue em 2021 pela primeira vez pelo Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, em cerimónia realizada na Academia Portuguesa da História no dia 8 de Dezembro de 2021.

Ainda no âmbito da divulgação das actividades empreendidas pelo CEACO, assinala-se a publicação no nº 24 (Novembro de 2021, págs. 171-174) da revista *Al-Madan*, de artigo sobre as “Actividades desenvolvidas em 2020 no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras”.

Em suma, os factos aludidos neste Relatório confirmam o reconhecimento público, ao nível do interesse e importância do trabalho desenvolvido no CEACO, na consolidação e afirmação das suas competências e atribuições no quadro da investigação, salvaguarda e divulgação do património arqueológico concelhio.

Barcarena, 18 de Fevereiro de 2022

O Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Prof. Doutor João Luís Cardoso

JOÃO MENDES ROSA. *In Memoriam.*

João Manuel Neves Mendes Rosa nasceu na Guarda, freguesia da Sé, a 14 de Fevereiro de 1968. Faleceu em Oeiras a 7 de Dezembro de 2021.

Foi ensaísta, ficcionista, poeta, historiador, museólogo, arqueólogo, dramaturgo e artista plástico.

Possuía duas licenciaturas, uma em Ensino de Educação Visual e Tecnológica e outra em História. Em 2006, obteve o grau de Mestre em Arqueologia pela Universidade de Salamanca, em 2008, apresenta na mesma Universidade a tese de “Grado de Salamanca” intitulada “Epigrafia Romana de Fundão (Castelo Branco, Portugal) y su contexto arqueológico”, aprovada pelo júri com nota máxima por unanimidade e louvor (*sobressaliente cum laude*).

Em Novembro daquele ano obtém o grau de Investigador da Universidade de Salamanca (Suficiência Investigadora) do Departamento de Pré-história, História Antiga e Arqueologia na área de Arqueologia da Paisagem e Epigrafia. Em 2010 era doutorando em Arqueologia pela Universidade de Salamanca, com a tese “A Sociedade Romana na Beira Interior através da Epigrafia Latina” que defenderá em Maio de 2016.

Como arqueólogo desenvolveu as seguintes acções: a realização de prospecções arqueológicas do período Romano no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos do Instituto Português de Arqueologia (2007); o Plano de Prospecções Arqueológicas no sítio romano da Quinta do Ouro, Fundão, IPA, (2006); o Plano de prospecções arqueológicas na *villa* romana de Santa Menina (Donas/Fundão), IPA; a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho do Fundão, em colaboração com a arqueóloga Joana Bizarro, aprovada pelo IGESPAR (2007). Foi ainda, codirector das escavações arqueológicas da *villa* romana de Ervedal (Castelo Novo, Fundão) aprovadas pelo IGESPAR, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, entre os anos de 2007 e 2010.

Na área da Museologia e Gestão do Património, foi Professor e formador do curso EFA “Técnico de Museografia e Gestão do Património” (2009-2010), (Pinus Verde, Barroca, Fundão), nos módulos: Património, Património Arqueológico, Património Arquitectónico, Património Etnográfico, Património e Turismo, A Exposição, Património e Comunidade e Projecto de Divulgação do Património.

Foi Coordenador do Gabinete do Património Histórico e Arqueológico da Câmara Municipal do Fundão e Chefe da Divisão Municipal do Património Histórico da Câmara Municipal do Fundão desde 2006.



Fig. 1 – João Mendes Rosa (n. Guarda, 1968; f. Oeiras, 2021). Foto cedida pelo Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, do Fundão.

Foi Coordenador editorial e científico da revista *Eburobriga*, cujo Conselho editorial é constituído por académicos e investigadores de Espanha e Portugal.

De 2007 a 2015, assumiu as funções de Director do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, no Fundão, cargo que abandonou para, a 12 de Dezembro daquele ano, assumir a direcção do Museu da Guarda, cujas funções desempenhou até 31 de Maio de 2020. Em Junho de 2020 assume as funções de Chefe da Divisão de Cultura e Artes na Câmara Municipal de Oeiras.

Enquanto Museólogo, foi autor dos seguintes projectos de museus e espaços museológicos: o Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão, a Casa-Museu D. João de Oliveira Matos em Valverde, o Centro Museológico António Guterres em Donas; o Centro de Interpretação da *villa* romana do Ervedal, o Centro de Interpretação da Rota dos Castros, o Centro de Interpretação da Arte Rupestre (em parceria com o Museu do Côa), o Museu da Imprensa e Tipografia e diversas mostras museográficas patentes em vários pontos do país.

Foi colaborador da Diocese da Guarda para a área da Arte Sacra, tendo sido nomeado comissário diocesano do Centenário da República (2010).

Como Director do Museu da Guarda, implementou diversas iniciativas no âmbito da renovação e expansão do Museu e do seu acervo, sendo criados diversos espaços museológicos, com a renovação das salas de exposições permanentes e do respetivo programa expositivo, e ainda com a renovação e a criação de novas salas de exposições temporárias do Museu, bem como a constituição do Estúdio de Gravura e a Capela do Solar dos Póvoas.

Sob a sua Direcção, foram criadas diversas exposições de artistas contemporâneos de renome nacional e internacional, das quais foi curador, como Paula Rego, José Luís Coomonte, Júlio Pomar, Graça Morais, Rui Chafes, João Cutileiro, Cabrita Reis e muitos outros, e ainda a de obras de arte da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito de um protocolo de colaboração com o Município da Guarda. Desta panóplia de exposições destaca-se, a exposição dedicada a Santa-Rita Pintor (1889-1918), grande pintor do Primeiro Modernismo Português, cuja obra pioneira foi destruída pelos herdeiros a seu pedido. João Mendes Rosa localizou e trouxe para o Museu da Guarda uma pintura inédita da raríssima obra sobrevivente de Santa-Rita Pintor, “Orfeu nos Infernos”, de uma coleção privada, estando exposta no Museu entre 2018 e 2021, obtendo particular atenção por parte dos visitantes e dos historiadores de arte.

Em 2016 foi mentor e fundador, do 1.º SIAC – Simpósio Internacional de Arte Contemporânea da Cidade da Guarda. Com periodicidade anual, a iniciativa envolveu residências artísticas, exposições, cursos, workshops e palestras, resultando num interessante acervo de arte contemporânea para o Museu e para a cidade da Guarda. Destaca-se ainda o Campus Internacional de Escultura Contemporânea e a Via Pictórica, um conjunto de instalações bi-dimensionais dispersas por ruas e monumentos da cidade bem como vários murais de arte urbana de conceituados artistas.

Como museólogo recebeu os seguintes prémios da APOM, Associação Portuguesa de Museologia:

- Prémio de Melhor Museu Nacional (Menção Honrosa) – Museu do Fundão, 2008;
- Prémio de Melhor Revista científica Portuguesa – *Eburobriga* (1º Prémio), 2010;
- Prémio Nacional de Melhores Serviços Educativos – (1º Prémio), 2011;
- Prémio Incorporação (1º Prémio), 2013.

Com profundas convicções inter-culturalistas ibéricas, foi, desde 2005, o Coordenador português da participação de poetas lusos e subdirector do «Encuentro y Festival de Poesía y Arte en el Medio Rural – PAN» que se realiza anualmente em Morille, Salamanca.

Destacam-se ainda as seguintes iniciativas como Coordenador de colóquios e ciclos de conferências:

Coordenador científico do Ciclo de conferências intitulado «Jornadas d' Alpreada» (2002);

Coordenador das jornadas do «Centenário do Nascimento do Escritor Francisco Rolão Preto» (1993);

Coordenador científico das «Jornadas Comemorativas do Centenário de D. Fernando de Almeida» (2003);

Coordenador científico das «Jornadas Comemorativas dos 450 da morte de Leonardo Nunes», Castelo Branco (2004);

Coordenador das Comemorações dos 50 anos da Poesia de António Salvado, Castelo Branco, exposição alusiva e apresentação de livro comemorativo, 2006;

Coordenador das «I Jornadas de Arte Pré-histórica do Sudoeste Europeu», Barroca (2010);

Coordenador dos Colóquios de Arqueologia “Segredos do Subsolo” (2011);

Coordenador dos Colóquios MOUSEION - Plataforma transfronteiriça de Museus (2014).

Como artista plástico realizou inúmeras exposições individuais de pintura e escultura, estando representado em diversas colecções particulares e institucionais de Portugal e Espanha, das quais se destacam: Regimento de Infantaria do Porto, regimento de Infantaria de Chaves, Governo Civil de Castelo Branco, Câmara Municipal do Fundão, Câmara Municipal de Manteigas, Junta de Freguesia do Fundão e Junta de Freguesia de Valverde.

Publicou mais de uma trintena de livros de temáticas diversas, desde a poesia ao romance, aos estudos arqueológicos, museográficos e artísticos, passando pela investigação histórica, o conto e teatro.

Foi colaborador regular da RTP no âmbito de documentários sobre temática patrimonial e colaborador das Revistas “Munda” (Coimbra, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro) e “Cielo Salamanca” (Salamanca).

Colaborou habitualmente com artigos de opinião, em assuntos relacionados com o Património cultural, História e História da Arte em diversos jornais, como “Correio da Manhã”, “Jornal do Fundão”, “Gazeta do Interior”, “Notícias da Covilhã” e “Serras de Ansião”.

Síntese curricular elaborada por Maria da Conceição André (CEACO/CMO) com base na informação sobre João Mendes disponibilizada pela Dr.^a Joana Bizarro (Museu Municipal José Monteiro, do Fundão), pelo Museu da Guarda, a par de dados recolhidos de notícias a seguir referidas e em parte sucintamente mencionadas nas anteriores informações: “Jornal o Interior – Diário das Beiras e Serra da Estrela”, de 15/12/21; “Guarda Notícias” de 7/12/2021; Rádio da Covilhã de 8/12/21; “Jornal do Fundão” de 18/5/20 – aquando da sua entrada na CMO.

DOIS DEPOIMENTOS

João Mendes Rosa – um homem monumental

De uma forma ou de outra, todos somos pessoas em construção.

Não é só uma construção célula a célula, desde o ventre materno, até atingirmos o pico de altura lá para a idade de jovens adultos. Não é só o olhar que se educa pelas formas como quem nos educa nos educa, pelas formas como escapamos aos olhares educadores e fazemos o observatório sobre nós, sobre os outros, sobre o mundo. Não é só as roupas que nos deram a vestir quando pequeninos ou aquelas que escolhemos ou podemos escolher, quando somos “grandes”. Não é, ainda, e só, os diplomas que recebemos nas etapas formativas ou os trabalhos que fazemos. Todas estas coisas acrescentam ao corpo e ao espírito, criam sedimentos,

alturas, larguras, marcas, geometrias. Tornamo-nos, desde o princípio, seres fisicamente tridimensionais e espiritualmente seremos ou não, conforme as construções dentro, mais ou menos como as mulas a quem se põem viseiras para que não percam a orientação para um certo caminho, o caminho que é suposto a mula percorrer, da eira ao estábulo, do estábulo à eira.

Cada pessoa constrói-se e é construída. Somos, todos, edifícios em movimento, esculturas vivas, monumentos, hinos. E como edifícios, esculturas, monumentos ou hinos, ganhamos e padecemos da condição estética – há maior ou menos equilíbrio nos gestos, elegância, agilidade, sofisticação, cuidado, espessura.

O João Mendes Rosa construiu-se monumentalmente. Escritor, poeta, ensaísta, artista, arqueólogo, museólogo, professor, administrador da coisa pública. Se olharmos de perto o produto do seu esforço em cada um destes campos podemos verificar a singularidade do homem. O João construiu com equilíbrio, elegância, agilidade, sofisticação, espessura, não só o seu corpo e espírito, não só a sua forma de apresentação aos outros, mas também os seus trabalhos, as suas obras. Um esteta no sentido interno e externo. Não sendo, como será de esperar de qualquer ser humano, uma pessoa perfeita, demonstrou e deu sinal marcante da capacidade singular de uma heteronímia científica, artística e técnica extraordinárias.

A sua saúde ressentiu-se. O seu esforço pagou preços nele e nos que lhe eram próximos. É sempre assim, quando se procura construir acima da linha de água. Respirar não é, necessariamente, um ato natural e muscular. Respirar exige, também, exigência e partilha, por vezes num oxigénio comum que torna raro o sopro do encontro.

A construção da monumentalidade gera sempre solidão. Se é verdade que todos somos, estruturalmente sós – pois ninguém pode viver as nossas próprias dores e alegrias com a mesma efetividade – alguns entre nós, pela natureza dos seus gestos e construções, precisam de maior largura de espaço em torno, para poder erguer os tijolos sucessivos de dada casa. O João Mendes Rosa construiu várias casas – livros, festivais, exposições, foras, programas. Construiu uma família e muitas amizades. Agora que nos deixa, a sua monumentalidade pode alimentar como exemplo de dedicação e resultado. Dois substantivos raros e essenciais.

Jorge Barreto Xavier

João Mendes Rosa, ou a expressão da excepcionalidade

Conheci o João como aluno da Universidade Aberta, onde obtive a Licenciatura em História, numa fase de pleno amadurecimento do seu trajecto profissional, pois era já o Coordenador do Gabinete do Património Histórico e Arqueológico da Câmara Municipal do Fundão, desde 1996, autarquia onde, em 2006, assumiria chefia da divisão do Património Histórico e, a partir de 2007 a direcção do Museu Arqueológico Municipal. Em 2003 estreitámos os laços, aquando da evocação que fiz no centenário do nascimento do ilustre arqueólogo e académico Prof. Fernando de Almeida, natural de Alcaide (Fundão), na Academia Portuguesa da História, a qual foi publicada pouco depois na revista *Eburobriga*, por si coordenada. A partir dessa altura, os contactos estreitaram-se, pois havia entre nós uma partilha de convicções acerca do lugar e do papel da Arqueologia e do Património Cultural na sociedade: ambos estávamos plenamente conscientes que importava concretizar iniciativas, depois de fixados os princípios, nas autarquias onde ambos desempenhávamos funções. Foi assim que naturalmente surgiram as revistas de Arqueologia que ambos animávamos, em Oeiras, primeiro, os *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no Fundão, depois, a revista *Eburobriga*, de objectivos comuns. Foi também essa

partilha de ideais e de saberes que conduziu à organização de espaços museológicos de natureza arqueológica, tanto em Oeiras, como no Fundão. Foi, enfim, essa mesma partilha de objectivos, que explica a organização de reuniões científicas nacionais e internacionais de natureza arqueológica nas terras em que ambos vínhamos trabalhando. Essa partilha explica o reforço dos nossos laços pessoais e institucionais. Assim, por duas vezes fui seu convidado no Museu do Fundão, a primeira vez em Abril de 2009, quando tive a honra de apresentar o livro “Através das Beiras” da nossa amiga comum, e hoje Catedrática da Universidade de Coimbra, a Doutora Raquel Vilaça, cujo texto foi acolhido, uma vez mais, na revista Eburóbriga.



Fig. 2 – Apresentação do livro “Através das Beiras”, de Raquel Vilaça, com João Mendes Rosa, à esquerda da autora e João Luís Cardoso, à sua direita. Foto cedida pelo Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, do Fundão.

Em Maio de 2010 tive de novo o prazer de, durante uns dias, ter a companhia do João, nas Primeiras Jornadas de Arte pré-Histórica do Sudoeste Europeu por ele organizadas: era a faceta do esteta e do historiador de arte que assim também se afirmava, procurando a síntese com a arqueologia, na pesquisa de novos caminhos de pesquisa, que foi uma constante da sua vida. Foi inesquecível a tarde em que descemos a pé, ao longo das margens, o rio Zêzere em busca das gravuras rupestres da Barroca, cuja descoberta acabava de ser feita, guiados pelo entusiasmo do João! A sua ligação à arte pré-histórica ficará também para sempre marcada pelo estudo e publicação da notável estela da Idade do Bronze de Telhado, aldeia do Fundão, identificada a 31 de Maio de 2012.



Fig. 3 – João Mendes Rosa em pleno registo gráfico da estela do Bronze Final de Telhado, Fundão. Foto cedida pelo Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, do Fundão.

Trata-se de notável exemplar das designadas “estela de guerreiro” da Idade do Bronze, com a representação dos atributos do guerreiro e do seu prestígio, típicos em tal tipo de exemplares, por ele cuidadosamente registados graficamente. A fotografia que fixou esses momentos de solidão e de encontro, dizem tudo quanto a forma como o João fazia e sentia a arqueologia, que se repercutia em muitas outras actividades onde o seu poder criativo poderia ter ainda maior liberdade para se exprimir, como a poesia, as artes plásticas, e a literatura, entre outras. Foram essas capacidades, tão raras, que faziam dele um ser complexo e excepcional, como um humanista do Renascimento, em permanente procura do conhecimento. Assim se explica, depois de ter sido director do Museu da Guarda, entre 2015 e 2020, o ingresso, em Junho desse ano, na Câmara Municipal de Oeiras, para assumir a chefia da divisão de Cultura e Artes, onde o seu espírito, sempre tão inovador quanto insatisfeito, iria conhecer a plenitude da afirmação, fazendo a diferença. Infelizmente a severidade imposta pelo período de plena pandemia em que se

vivia, não favoreceu tais desígnios. O João, com o empenho que sempre dispensou a tudo o que acreditava, não vacilou, recorrendo às reservas da sua enorme generosidade, mas as forças nem sempre acompanham os mais audazes e preparados...

Deixou-nos um imenso legado, consubstanciado em obra feita, sólida e duradoura, concebida desde sempre em prol dos outros, jamais dele próprio, vincando o seu exemplo de humildade e de disponibilidade, que explica o fascínio que despertava em todos os que com ele partilharam cumplicidades e afectos, na construção de ideais comuns.

João Luís Cardoso